HISTÓRIA DO BRASIL

VOLUME II

Robert Southey

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 133 - B

Edições do Senado Federal

Ensaios e Estudos, de Capistrano de Abreu, reúne artigos escritos entre 1903 e 1927, publicados em revistas, jornais ou prefácios de livros. Os ensaios, publicados pela primeira vez em 1932, reúnem diversos temas: o Duque de Caxias ("primoroso estudo sobre Caxias, cuja bibliografia era então muito limitada", observa José Honório Rodrigues); Frei Vicente de Salvador; Claude Abbeville; Antônio José, o Judeu, e, entre outros temas, os atos do Santo Ofício no Brasil. Com estilo leve, mas documentado e com rigor de exegese, Capistrano de Abreu analisa de maneira brilhante nosso passado e revisita temas fundamentais da nossa formação e nacionalidade.

A Ilusão Americana, de Eduardo Prado, posto à venda nas livrarias de São Paulo no dia 4 de dezembro de 1893, os exemplares deste livro logo foram vendidos. No mesmo dia o chefe de polícia dirigiu-se às livrarias proibindo a divulgação da obra. Segundo o próprio autor, ele escreveu um livro sustentando a doutrina política de que o Brasil deve ser livre e autônomo perante o estrangeiro, o que não deve ter agradado às autoridades. Sobre esse livro, Rui Barbosa afirmou em suas *Cartas de Inglaterra*: "Há, entre nós, nativistas, que projetam estátuas a Monroe, julgam praticar ato de republicanos, suscitando para amparo do Brasil o protetorado dos Estados Unidos. Desmistificar a fraternidade americana, esse o delito do autor".

Edições do Senado Federal

Joaquim Nabuco, no livro *Balmaceda,* escreve sobre o presidente chileno Balmaceda (1840-1891). Eleito como liberal, seu governo termina num impasse: fechamento do Congresso e guerra civil. O volume é uma compilação de artigos de Nabuco publicados, de janeiro a março de 1895, no *Jornal do Comércio*. No mesmo ano, são recolhidos sob a forma de livro. Em *Balmaceda*, Nabuco discute com o brilhantismo de sempre sobre presidencialismo, parlamentarismo, relações internacionais e outros assuntos de vital importância para a compreensão do processo histórico e político da América Latina. "O livro *Balmaceda* é, com certeza, um dos primeiros exercícios de política comparativa entre nós," registra o embaixador e cientista político Carlos Henrique Cardim.

Intervenção Estrangeira Durante a Revolta de 1893. Joaquim Nabuco estuda neste livro a participação estrangeira na Revolta da Armada em 1893. Monarquistas, os rebeldes liderados por Custódio de Melo e, mais tarde com a adesão de Saldanha da Gama, poderiam bombardear a cidade do Rio de Janeiro. Floriano Peixoto solicita a ajuda de forças internacionais. Os revoltosos têm o auxílio humanitário do comandante do navio português *Mindelo*, Augusto de Castilhos. A opinião pública, aos poucos, modifica o ponto de vista, a partir dos artigos de Joaquim Nabuco, publicados na imprensa, em 1895, e reunidos neste livro. É um estudo de história diplomática e uma análise que reverte o enfoque que, até então, vinham fazendo os críticos deste fato histórico.

Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (* 12/11/1746 – ✞ 21/4/1792), óleo de Washington Rodrigues, acervo do Museu de História Natural Rio de Janeiro

História do Brasil

. . . .

Edições do Senado Federal – Vol. 133-B

História do Brasil

SEGUNDO VOLUME

Robert Southey

Traduzida do inglês pelo
Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro

Anotada por
J. C. Fernandes Pinheiro
Brasil Bandecchi e
Leonardo Arroyo

Brasília – 2010

. . . .

Sumário

. . . .

Capítulo XIX

TRÉGUAS DE DEZ ANOS ENTRE PORTUGAL E AS PROVÍNCIAS-UNIDAS – APROVEITAM-SE DELAS OS HOLANDESES PARA TOMAREM SERGIPE, LUANDA EM ANGOLA, A ILHA DE S. TOMÉ E O MARANHÃO – ANTÔNIO TELES DA SILVA GOVERNADOR DO BRASIL – JORNADA DOS HOLANDESES CONTRA O CHILE – RECUPERAM OS PORTUGUESES DO MARANHÃO A ILHA, OBRIGANDO OS HOLANDESES A EVACUAR SÃO LUÍS – NASSAU RENDIDO NO GOVERNO – SUA ÚLTIMA RECOMENDAÇÃO AO GRÃO-CONSELHO

1641

Anuncia-se a Nassau a revolução de Portugal. Abril de 1641. *Valeroso Lucideno*, **L. 2, c. 2, p. 108**

UM dos primeiros atos do vice-rei depois de recebida a notícia da aclamação, fora mandar com a nova um navio ao Recife. Em lugar de içar bandeira de tréguas e de aguardar fora da barra, como de costume, permissão de entrar, vestiu-se de gala a embarcação e velejou logo para dentro, dando repetidas salvas de mosquetaria, e indo encontrar defronte da residência de Nassau, o qual com uma jóia de grande preço gratificou o mensageiro. Com igual alegria foi a notícia desta revolução recebida por pernambucanos e holandeses,[1] esperando os primeiros receber de um rei português esse eficaz socorro que bem sabia ser inútil aguardar da Espanha, e os segundos alargar facilmente suas conquistas durante a confusão que se segui-

ria. Destinaram-se três dias para regozijos públicos. No primeiro houve folgares à moda portuguesa, corridas de cavalos, jogos de argolinha, canas e alcanzias que eram balas de barro ocas, cheias de flores ou de cinza, espécie de granadas de mão carnavalesca, que pelo nome mostram ser de origem mourisca. No segundo foi flamengo o divertimento, dando o conde Nassau à classe média de ambas as nações e sexos um magnífico jantar em que a ordem do dia foi que quem errasse um brinde beberia segunda vez. No terceiro renovaram-se as cavalhadas, vindo uma ceia pública pôr à festa o remate. Ainda esta não estava acabada quando da Holanda chegou um navio com despachos, anunciando que entre os Estados e a corte de Portugal se haviam ajustado tréguas de dez anos, e a última malga vazou-se em honra da alegre nova.

Cast. Lus. **5, § 18**

Tréguas de dez anos com a Holanda

Mas pouco motivo tinham de alegrar-se os brasileiros com o arranjo entre Portugal e a Holanda. Imediatamente depois da sua aclamação mandou D. João IV embaixadores a Paris, Londres e a Haia, a solicitar a aliança das três cortes. A Tristão de Mendonça foi confiada a última e mais importante destas missões. Nomeara-se-lhe um colega com iguais poderes, mas ocorrendo o que quer que fosse que impediu esta pessoa de aceitar o cargo, julgou-se preencher a falta nomeando Antônio de Sousa Tavares secretário da embaixada, e anexando-lhe como conselheiros dois negociantes, um dos quais holandês naturalizado e casado em Lisboa. Nas circunstâncias em que el-rei se via, tão essencial era que homens de posição e fidelidade se encarregassem de sua causa perante as cortes estrangeiras, que onde quer que encontrava estas qualificações, dispensava ele voluntário os talentos de que em outros tempos se não teria prescindido. Mas o expediente de dar conselheiros ao embaixador tinha inconvenientes que se poderiam ter previsto: feria-lhe o orgulho, e minorava-lhe a responsabilidade.

Ericeira, 1, 153-5

Recebeu Tristão de Mendonça instruções para negociar sobre a restituição de todas as conquistas e colônias portuguesas que haviam sido tomadas; porquanto alegava-se que tendo-se Portugal visto envolvido em guerra com a Holanda como dependente da Espanha, em conseqüência de uma usurpação que sacudira agora, não era justo que os estados com quem pensava a fazer causa co-

mum contra Castela retivessem possessões arrancadas em tais circunstâncias à coroa portuguesa. Por mais rigoroso que em eqüidade se figurasse este raciocínio aos portugueses mal podiam esperar vê-lo admitido. Voluntárias ou involuntárias tinham sido as forças e tesouros de Portugal empregados contra as Províncias-Unidas na árdua luta destas contra todo o poder da Espanha, e as conquistas alcançadas pelos holandeses nas suas possessões ultramarinas haviam sido feitas honrosamente em guerra aberta.

12 de junho de 1641

Afinal resolveu-se pôr de parte entretanto esta discussão assentando tréguas de dez anos, e estipulou-se que dentro de oito meses mandaria Portugal plenipotenciários que tratassem uma paz definitiva, mas fosse qual fosse o resultado desta ultima negociação, haviam de fazer-se boas as tréguas por todo o tempo declarado. Concedeu-se um ano para notificá-las aos comandantes holandeses na Índia com a cláusula de que chegando primeiro a notícia principiariam imediatamente as tréguas. Deste artigo se queixaram os portugueses, censurando o seu diplomata por havê-lo aceitado; mas à letra do tratado nenhuma objeção se podia fazer, a não ter tido intenções sinistras a potência que o ditara. Nestes termos anuiu o governo da Holanda a fornecer a Portugal armas e munições que tudo lhe havia tirado a Espanha, e mandar a Lisboa tropas e navios para servirem contra o comum inimigo.

Traição dos holandeses

Entretanto nos seus despachos para Nassau (que, vendo que a companhia com ciúmes do poder dele dava ouvido a queixas, que facções invejosas ou indivíduos descontentes enviavam para a pátria, requerera a sua exoneração) pedia-lhe aquele governo que conservasse o comando, ordenando-lhe ao mesmo tempo que aproveitasse o presente ensejo para alargar o mais que pudesse suas conquistas.[2] Especialmente, observava ele, importava apoderar-se da Bahia, e se não fosse possível nem por força nem por fraude, devia o conde sitiá-la e bloqueá-la, que em tal caso poderiam achar-se meios de obter a cidade ao fazerem-se as pazes. É um historiador holandês que isto narra, e di-lo abertamente, sem mostras de perceber a iniqüidade da transação nem disfarçá-la com o verniz com que talvez procurassem os membros do governo holandês colorir a vileza às suas próprias consciências. Provavelmente julgava-se impossível que pudesse Portugal manter a

Barléu, p. 202

sua independência contra a Espanha, e olhava-se a revolução como um mero acontecimento passageiro de que enquanto durasse cumpria tirar todo o partido possível.

Embaixada de Vilhena ao Recife

Para esta traição não estavam preparados os brasileiros. Os três governadores, que depois da deposição do vice-rei haviam sido investidos do poder da Bahia, mandaram ao Recife Pedro Correia da Gama e o jesuíta Vilhena, a combinar o modo de estabelecer relações pacíficas entre as duas partes, até que pelos respectivos governos se arranjassem as coisas definitivamente na Europa. Tinha Vilhena negócios particulares que tratar em Pernambuco. Os seus irmãos da Companhia o haviam encarregado de pôr a bom recado a baixela, que enterraram antes da fuga, e Matias e Duarte de Albuquerque da mesma sorte lhe tinham dado comissão de recuperar seus escondidos tesouros e os bens depositados em mãos seguras. Quanto ao jesuíta, em pessoa acusam-no de ter feito um tráfico desonroso posto que lucrativo. Trouxera de Portugal muitas cartas do rei com a direção em branco, para distribuir segundo a sua discrição pelos homens de mais influência e caráter no Brasil. Anunciavam as cartas a restauração da dinastia legítima e estas pessoas como a varões cujo valor era provado, e em cuja lealdade confiava o governo. Tornou-se pois a posse de uma carta destas sinal de distinção e devia ser penhor de futuro favor da corte, sobre ser valiosa recomendação para quem solicitasse despacho. Vilhena as tornou matéria de contratos particulares, e gabando-se do muito que podia em Lisboa, se enriqueceu com a venda. Foi-lhe porém o desfecho singularmente desgraçado. Partiu do Brasil numa caravela e alcançou a Madeira, mas aí, tremendo pelos tesouros que consigo levava em vaso tão pouco capaz de defesa, passou-se para um galeão grande do Levante, que seguia para Lisboa. A caravela chegou a salvamento, e o galeão foi tomado por um pirata argelino, acabando Vilhena os seus dias na mais miserável de todas as escravidões.[3]

Paulo da Cunha e Henrique Dias recebem ordem de se retirarem de Pernambuco. Barléu, p. 201

Em despeito de toda a força dos holandeses andavam ainda Paulo da Cunha e Henrique Dias assolando o país. Ordenaram-lhe estes enviados que com as suas tropas se retirasse para as capitanias portuguesas, e dada agora em boa fé, foi a ordem obedecida. Pusera Nassau

um preço de quinhentos florins sobre a cabeça de Paulo da Cunha, medida que não surtira outro efeito senão fazer com que este oferecesse dois mil cruzados pela daquele. Tal foi porém a aparente mudança dos negócios com a exaltação da casa de Bragança, que com os comissários foi Paulo da Cunha agora convidado para a mesa do conde. Caiu a conversação sobre o que se passara quando eram inimigos, e o governador holandês com a liberdade do trato entre convivas queixou-se ao seu hóspede do alto preço que lhe pusera à vida. Mas Paulo retorquiu que a ele com mais fundamento assistia razão de queixa; a cabeça de um príncipe não podia valer menos de dois mil cruzados para um pobre soldado, mas quando um príncipe queria comprar a de um bravo, quinhentos florins não era oferta que fizesse.

Ericeira, 3, p. 495

Os holandeses surpreendem Sergipe

Durante a sua estada no Recife viram os comissários quanto bastava para os fazer desconfiar dos protestos de Nassau e de volta avisaram os governadores de que os holandeses os andavam enganando. Como os governadores bem quereriam acreditar infundada a suspeita, procederam também como se o fora, mas bem depressa devia ela verificar-se. Cumprindo as suas instruções, preparou-se o conde Maurício para alargar em todos os sentidos as suas conquistas, e em conseqüência da retirada das partidas que lhe talavam as próprias províncias, aventurou-se a aumentar a sua força disponível, recolhendo a maior parte das suas guarnições, confiado na indolência dos três governadores e na credulidade com que lhe acreditavam na boa fé.

Barléu, 201.
Cast. Lus. **5, § 20**

Foi na direção do norte o seu primeiro ataque contra S. Cristóvão, capital do Sergipe. Os moradores, que para ali tinham voltado depois do cerco de S. Salvador, foram surpreendidos por uma esquadrilha de quatro velas, que entrou no porto com bandeira de tréguas, ato de escusada traição, pois que o lugar não houvera podido manter-se se fora lealmente investido. Desembarcaram sem oposição os assaltantes, e fortificando-se principiaram a buscar minas na esperança de encontrar prata. Nisto, porém, não foram muito bem sucedidos, nem na verdade lhes sobrou tempo, que, despertados por este ato de agressão os governadores, mandaram Camarão com suas tropas indígenas acampar à vista da vila, evitando que os holandeses se aventurassem fora das obras. Da pri-

meira e segunda vezes que alguns dos de dentro saíssem em busca de provisões devia ele tirar-lhes quanto levassem, e adverti-los de que à terceira, com a vida pagariam o arrojo. Estas instruções cumpriu-as ele tanto à risca, que encerrados dentro da vila tão covardemente ganha, viram-se os conquistadores reduzidos ao sustento que por mar lhes vinha.

Despedem-se da Bahia as tropas espanholas e napolitanas

Com a revolução perdera a Bahia grande parte da sua força. Setecentos homens de tropas espanholas e napolitanas ali estavam de guarnição, mas eram os portugueses por demais honrados para que houvessem de fazer prisioneiros àqueles mesmos que por tanto tempo tinham sido seus camaradas. Deram-lhes pois um bom galeão, capaz de levá-los todos, e vitualhas para uma viagem até à América espanhola, mas não mais longe, sabendo bem que se esta gente chegasse à Espanha seria imediatamente empregada contra Portugal. Passado o Cabo de S. Agostinho perdeu o navio com um furacão o mastro grande, pelo que teve de arribar à Paraíba, onde a tropa procurou abastecer-se suficientemente para demandar à Europa. Aqui porém se viram em piores mãos do que nas dos portugueses. Os holandeses os agarraram, coisa fácil de fazer-se a quem não tinha armas, e forçaram-nos a trabalhar nas fortificações, enquanto se deliberava sobre o destino que se lhes daria, sendo alguns de opinião que o expediente mais seguro e breve era enforcá-los a todos. Afinal resolveu-se mandar os soldados para alguma colônia espanhola, onde por falta de oficiais que os mantivessem unidos, provavelmente se dispersariam. Os oficiais ficaram retidos em Pernambuco até que após alguns meses de solicitações, obtiveram licença de voltar à pátria por via da Holanda.

Descartando-se assim destes inimigos internos, sofreram os portugueses pesado desfalque numa força que jamais estivera a par do perigo a que devia fazer face. Neste estado de fraqueza acordou o governo dos seus sonhos de segurança, despertado por notícias de invasões por todos os lados, e conheceu então, quando era já tarde, os importantes serviços que Paulo da Cunha e Henrique Dias haviam prestado, ocupando a atenção do invasor. Com dois mil homens de tropas regulares e duzentos índios tinham sido despachados Jol e Hinderson contra S. Paulo de Luanda, capital de Angola, a mais importante das possessões

Valeroso Lucideno, **p. 115**

Expedição dos holandeses contra Angola

portuguesas na África. Pelos seus espias indígenas soubera o governador Pedro César de Meneses, que o rei do Congo mandara a Pernambuco agentes que convidassem os holandeses a esta tentativa. Mas fosse qual fosse o crédito que quisesse dar a esta notícia, nenhum meio tinha ele nem de precaver-se contra o perigo, nem de resistir-lhe: algumas de suas tropas andavam pelo sertão guerreando com os régulos negros, e as outras haviam ultimamente desertado num galeão, desgostosas da sua estada num país pestilento, onde a morte diariamente lhes levava os companheiros. Ao saber da aproximação dos invasores apenas pôde Meneses reunir duzentos homens de tropas regulares e cento e cinqüenta moradores armados. O bispo, velho de exemplares virtudes e grande resolução, armou o clero e toda a sua casa pegando ele próprio num arcabuz apesar de seus muitos anos. Ao aparecer a armada à vista, entendeu o governador que ela velejaria direita sobre a cidade, e ordenou aos oficiais da coroa que metessem a pique dois navios para fechar o canal. Objetaram eles que as finanças públicas não podiam pagar e prejuízo aos donos destas embarcações, ouvido o que exclamou um dos moradores, por nome Antônio Ribeiro Pinto, que se a proposta medida cumpria à defesa da cidade, havia de executar-se, e que se o tesouro não pudesse indenizar os donos, o faria ele. Abriu este honrado português todos os seus armazéns e quanto tinha ofereceu para o serviço público.

Não tentaram porém os holandeses o canal, e bloqueando-o para evitar que qualquer parte da sua presa lhes escapasse por mar, arrearam os escaleres, e desembarcaram protegidos por dois navios, habilmente postados entre os dois fortes de Cassoudama e Penedo, cujas peças não eram do alcance preciso para dominar a passagem. Não pôde Pedro César alcançar esta parte da praia a tempo de impedir o desembarque, e com a pouca força que tinha, desesperado fora investir depois dele efetuado o inimigo. Retirou-se pois para o forte de Santa Cruz, declarando que visto querer a sua má estrela que perdesse ele a cidade por falta de tropas com que defendê-la, morreria pelo menos no seu posto, em prova de que se lhe haviam falecido soldados, lhe sobrava o valor. Mas então intervieram o bispo e o povo, pedindo-lhe que mantivesse o país para serviço de Deus e d'el-rei, e tanto puderam suas instâncias que abandonou ele a intenção de a um falso pundonor sacrificar a vida. Correram pois todos à cidade, e carregando-se a si

mesmos e aos seus escravos de munições, como do que a homens em tais circunstâncias era mais necessário, enterraram a prata das igrejas, e puseram em segurança as preciosidades que a estreiteza do tempo permitiu; e tão azafamados andavam nestes arranjos, que quando afinal se resolveram a deixar a cidade, já não restava mais de que uma avenida ainda não ocupada do inimigo. Com isto se passaram duas horas depois da meia-noite, e estava a colônia ainda muito pouco adiantada para que houvesse de ter boas estradas, nem mesmo nas imediações da principal cidade. Transviaram-se pois os fugitivos, e procurando meter-se outra vez a caminho teriam caído nas mãos do invasor, a não ter sido uma preta que estava fazendo carvão no bosque, e que os encarreirou para o rio Bengo, onde tinham os jesuítas uma propriedade rural e havia muitas plantações de milho.

24 de ag. 1641

Assumiu agora a guerra angolista o mesmo caráter que a brasileira: um inimigo com forças superiores possuía a capital, e os portugueses praticavam pelos campos suas fugitivas hostilidades. Mas a inferi oridade destes foi maior aqui, e sucessivamente rechaçados de um posto para outro, acolheram-se finalmente ao seu forte de Maçangano, abandonando trinta léguas de território, enquanto os naturais trocavam alegres o antigo jugo por outro, a que ainda não haviam tomado o peso.

Caiu a tomada de Luanda em dia de S. Bartolomeu santo famoso na mitologia católica[4] por suas proezas contra o Demônio, e como ele os não tivesse ajudado acreditaram os portugueses de Angola que seus pecados lhes haviam acarretado o castigo, e que o Diabo fora solto contra eles. Igualmente admirados e desacoroçoados ficaram os brasileiros com este inesperado golpe: todos os seus negros lhes vinham de Angola, e agora não só perdiam o lucro direto deste execrável tráfico, mas previam já a ruína de seus engenhos de açúcar exclusivamente trabalhados por escravos. De fato tão dependentes estavam dos braços desta raça infeliz e oprimida, que a sua perda total se lhes mostrava inevitável, agora que o suprimento estava nas mãos dos holandeses. Nassau era de opinião que o governo de Angola fosse apensado ao do Brasil, sendo justo, alegava ele, que governasse o território que ganhara, aquele que concebera e dirigira esta importante conquista, além de que assim convinha pela importância do tráfico de escravos

História de Angola, Ms.

Efeitos da perda de Luanda sobre o Brasil

para estas possessões americanas e pela facilidade com que do Brasil se acudia a Angola. A Companhia pensou de outro modo e com melhor fundamento: Portugal, dizia ela, sempre fizera de Angola um governo distinto. O Brasil carecia ainda de socorros da Holanda, como poderia pois prover a estes novos domínios? Bem bastavam os negócios próprios para lhe ocuparem os governantes. O método mais simples era que os navios partissem diretamente da Holanda para Luanda, levando provisões e artigos de comércio para aquele país, e descarregando lá, e tomando escravos para o Brasil, voltassem afinal à Europa.

Sim. de Vasc. *Vida de Almeida*, **6, 1, § 1**

Entretanto, seguia Jol com treze velas contra a ilha de S. Tomé. No ano de 1600 tinham os holandeses acometido este lugar, tomado a vila e as fortalezas, e tentado estabelecer-se ali; mas tal mortandade fez entre eles o clima, que em duas semanas vitimou o almirante, o vice-almirante, todos os capitães menos um, e mais de mil soldados, fugindo da sua empestada conquista os poucos que ainda viviam, com receio de também perecerem. A outro qualquer povo que não ao holandês, entre o qual a sede do ganho produz a mesma indiferença para com a peste, que a predestinação ocasiona entre os turcos,[5] bastaria semelhante experiência de mortíferos ares. Tinham os espanhóis quase segurado S. Tomé, quando recuperou Portugal a sua independência. Por um navio inglês receberam os insulanos a primeira notícia deste sucesso, mas vinha sob a forma de um boato tão confuso, que eles, duvidando da verdade, ansiosos aguardavam informações mais amplas.

Barléu, 207

Expedição contra a ilha de S. Tomé

Barléu, 213. Dapper. *Eilanden van Africa*, **p. 76. Des Marchais, T. 3, p. 20**

Chegou dali a pouco um navio espanhol com duzentos soldados, comandados por um oficial que devia assumir o governo apenas lograsse introduzir no forte a sua gente; aconteceu porém chegar ao mesmo tempo uma embarcação francesa à adjacente ilha das Cabras, e ordenando o espanhol aos habitantes que a tratassem como inimiga, foi dele mesmo investido e capturado por ela, sendo a gente posta em terra. Servia então de governador o alcaide-mor Miguel Pereira de Melo, por morte do seu predecessor. Suspeitou ele o desígnio dos espanhóis e confessando um piloto português, que eles imprudentemente

tinham trazido consigo, soube que eram bem fundadas as notícias dadas pelo inglês. Em vista disto prendeu o oficial que devia substituí-lo, e para obrigá-lo a declarar o que sucedera, deu-lhe tratos. O resoluto espanhol sofreu em silêncio os tormentos, e com este ato abominável nenhuma certeza mais obteve Pereira; mas tendo já provas suficientes, proclamou a casa de Bragança, e abasteceu de víveres o francês como novo aliado. Dois dias depois trouxe um navio inglês despachos da corte de Lisboa, e ainda bem não eram findos os regozijos que houve por esta ocasião, quando de Angola chegou um barco com notícias de que Luanda era perdida, e os holandeses vitoriosos se dispunham a acometer a ilha.

Ericeira 1, p. 299

Abastecido o forte, mandou Pereira levar para o sertão todos os bens móveis. Os holandeses, desembarcando sem oposição quatorze companhias, entrincheiraram-se numa capela de Sta. Ana, a duas milhas da cidade. Aventurando-se a trazer os navios contra o forte, tentaram escalá-lo protegidos pela sua artilharia do mar; mas mediam as muralhas quase trinta pés de altura, e eles, não tendo escadas, sofreram perda considerável, além de lhes ir pelo ar um navio, em que pereceu quase toda a tripulação. Não souberam porém os portugueses melhorar a vitória, e descobrindo os holandeses que jaziam abandonados a vila e os fortes mais pequenos, assestaram contra o castelo toda a artilharia que assim lhes caiu nas mãos, e por quinze dias se puseram a batê-lo. Em todo este tempo só três homens foram mortos da guarnição, mas Pereira tomou medo às bombas, e entregou uma praça tão forte e bem provida, que facilmente se teria sustentado até que o clima, aliado seguro, lhe fosse destruindo os assaltantes. A única condição que o governador pôs foi que a ele e às tropas d'el-rei se daria passagem para Portugal, onde contudo mal chegou foi logo metido no castelo de Lisboa, em que jazeu todo o resto da vida.

Capitula o governador

Trataram agora os mais ricos dos insulanos de resgatar seus bens, pagando 5.500 cruzados para salvarem da destruição seus engenhos de açúcar, e viverem não molestados debaixo das suas próprias leis como súditos dos holandeses. Alguns de espíritos mais altivos resistiam no interior da ilha, mas submeteram-se bastante, para evitar aos conquistadores a ruína total que os teria alcançado se toda a população esti-

Mortandade entre os holandeses

vesse em armas. Porquanto, doença rebentou, como de costume entre os estrangeiros, fazendo estragos tais, que um décimo da gente apenas estava em estado de acudir ao serviço ordinário. Pereceu o próprio Jol, marinheiro da antiga escola holandesa, rude como o elemento sobre que vivia, desprezando todas as artes, adornos e quase que até as decências da vida, e vivendo como os seus marujos, porém amado deles, que tinham inteira confiança em que quanto o seu almirante empreendesse, seria bem concebido e resolutamente executado. Antes de morrer, na sua aversão a uma ilha que a tantos bravos causara a morte, pediu que o não sepultassem em terra tão maldita, mas que o atirassem ao mar a dez ou doze léguas de distância. Os holandeses contudo depositaram-lhe os restos na catedral, edifício notável por dizer-se que fica exatamente debaixo da Linha.

Valeroso Lucideno, **p. 118**

Nassau, que tinha a posse desta ilha por importante para a Companhia, e bem sabia quão terrível dispêndio de vidas exigia o guardá-la, aconselhou que se seguisse o sistema dos portugueses guarnecendo-a unicamente com sentenciados, de modo que não morresse ali senão quem houvesse merecido a morte, sendo todos quantos escapassem lucro líquido para a Companhia, e para dar o exemplo mandou ele mesmo para lá quantos criminosos tinha em Pernambuco. Também pediu à Companhia que remetesse medicamentos, pois que afetava ela acreditar que onde dava Deus a enfermidade punha também o remédio mais próprio para combatê-la, e procedendo de acordo com esta cômoda teoria, deixava morrer os seus soldados sem nenhum desses auxílios com que pudera socorrê-los a arte.

Maciel nomeado governador do Maranhão

Mandara a Companhia a Nassau instruções especiais para apoderar-se da ilha e província do Maranhão, pois que assim faria seus os limites setentrionais da América portuguesa, e dali poderia ela convenientemente assolar o continente e ilhas espanholas. Era então Maciel governador deste Estado. Durante a usurpação de Raimundo tinha ele estado na Espanha a solicitar o galardão dos seus serviços, que por tais queria fazer passar suas atrocidades, onde não havia quem contra ele sustentasse a causa dos índios. Os prêmios que colheu foram porém tanto além desses serviços, por muito que os haja

14 de jun. 1637

Capitania do Cabo do Norte

exagerado, que é mister supor que a seu favor se empregasse tanto a corrupção como a falsidade. Deu-se-lhe a ordem de Cristo; fizeram-no fidalgo, governador do Estado do Maranhão, e donatário de uma nova capitania, chamada do Cabo do Norte, e que deste promontório se estendia até ao Oiapoque, ou Pinzón, rio que se considerava limítrofe entre os domínios de Portugal e de Castela. Abrangia a demarcação as ilhas que ficavam a dez léguas da costa e cortava pela terra adentro de oitenta a cem léguas até ao rio dos tapuiauçus. Criou-se para ele esta capitania inserindo-se na carta de doação a cláusula honorífica, que todos os seus sucessores conservariam o nome e armas de Maciel Parente e que se algum deixasse de fazer passaria o direito de herança ao mais próximo herdeiro.

Berredo, § 672-4

Raimundo remetido para Lisboa e lá absolvido

Tinha este homem pugnado em Madri tanto a favor do sistema de escravidão como dos seus próprios interesses que em verdade nela se fundavam. Sem embargo dos muitos decretos promulgados de tempos a tempos a favor dos indígenas, obteve ele autorização para estabelecer o que se chamava a administração dos índios livres; arranjo por meio do qual se declaravam nominalmente livres estes desgraçados, enquanto na realidade eram reduzidos à escravidão. Apensavam-se à terra, e com ela ficavam pertencendo ao proprietário, mas não podiam ser vendidos separadamente como o outro gado. Este decreto trouxe-o Maciel consigo para grande alegria dos senhores de engenho e caçadores de escravos, que o olharam como assinalado triunfo sobre os jesuítas. Também trouxe instruções para inquirir do procedimento de Raimundo, assumindo violentamente o governo. O resultado do inquérito foi ser este oficial pronunciado como intruso, e remetido preso para Portugal, declarando-se nulos todos os seus atos. Lá foi reformada a sentença; Raimundo alegou que nas cartas de sucessão estava ele designado, e apesar de não terem elas sido abertas ao assumir ele o governo, nem puderam por conseguinte justificar o ato da usurpação, admitiu-se a escusa. Para isto concorreram provavelmente mais o patronato e a corrupção, do que o bom proceder e meritórias medidas do réu. O perdão seria merecido, a absolvição não o foi.

1638

Berredo, 676-7

Mau proceder de Maciel

A nova capitania confiou-a Maciel a seu sobrinho João Velho do Vale, nomeando ao mesmo tempo capitão-mor de Corupá[6]. Quando se pretende alargar os domínios sem aumentar a força que deve protegê-los, e se entregam a uma só pessoa dois cargos, cada um dos quais fora bastante para ocupar a atividade do homem mais hábil, facilmente se deixam prever as conseqüências em tempos de guerra e de perigo. Pareciam contudo prosperar as coisas do lado do Maranhão, enquanto o resto do Brasil lutava contra os seus invasores. Teixeira voltara da sua aventurosa viagem, e sendo o capitão do Pará suspenso por Maciel em conseqüência das muitas queixas que contra ele vinham de Belém, foi-lhe o posto confiado durante a suspensão a geral aprazimento dos moradores. Mas pouco conhecia o caráter de Maciel, quem das suas mãos esperasse justiça. Mal se lhe apresentou Manuel Madeira, o capitão acusado, logo ele de todas as argüições o absolveu tão precipitadamente que bem se deixava ver que ou tinha havido suspensão sem causa ou reintegração sem exame. Embarcou-se Madeira para Belém numa caravela que levava a bordo sessenta soldados e doze famílias de colonos para a nova capitania. Ou ele se ressentia do primeiro tratamento recebido e queria vingar-se de Maciel, ou, o que é mais provável, receava a recepção que lhe fariam em Belém, o caso é que, subornado o piloto, fugiu com o navio para as Índias espanholas. Maciel despachou imediatamente pela mesma via um navio para a Europa, expondo a diminuição que assim tivera inesperadamente a sua força e quão pouco estava habilitado para resistir a qualquer agressão da parte dos holandeses. Iminente contudo como devia parecer este perigo, continuou o governador a proceder como se se achasse na mais perfeita segurança, levando-o o mesmo cego egoísmo que tantas vezes o fizera desprezar os sentimentos da religião e da humanidade, agora a infringir a mais comezinha prudência mundana. Tão enfraquecida como ficara S. Luís com a última saída de soldados, ainda ele tirou da guarnição segundo destacamento, que mandou para Belém com ordem a Teixeira que fizesse seguir aquela gente para a nova capitania, adicionando-lhe toda a tropa que no Pará houvesse, além do número existente no tempo de Francisco Coelho. De má vontade obedeceu Teixeira a ordens contra que se não atreveu a representar, conhecendo a violência do gênio de Maciel, e resolveu ir agora a Portugal solicitar

Morte de Teixeira

a recompensa de serviços que pareciam em risco de ficar sem ela. Mas enquanto se preparava para a viagem, morreu, geralmente chorado pelo povo do Pará, e deixando um nome memorável na história da América do Sul.

Berredo, § 676-755

Chegaram agora a São Luís notícias da aclamação e ao mesmo tempo ordens ao governador, que nenhum povo olhasse como inimigo, exceto mouros e espanhóis, nomes que só assim podiam ser emparelhados para mostrar que os portugueses tinham ambos em igual horror. Maciel sabia que depois de escritas estas instruções tinham os holandeses tomado Sergipe, o que bem pudera inquietá-lo pela sorte do Maranhão. Um inglês vindo de S. Miguel trouxe-lhe informações positivas de que ia ser atacado, mas ele só se riu da notícia. Poucos dias depois asseveraram-lhe alguns índios que uma armada singrava para Periá, e logo após chegaram novas de ter ela dado fundo na baía de Aressagi a quatro léguas apenas da cidade. Então na verdade mandou ele a ver que gente era, e ao dizer-se-lhe que eram quatorze navios, todos holandeses, foi tal a sua estúpida confiança, que ao vê-los aparecer à entrada da baía, em lugar de aperceber-se para a defesa, mandou salvar, como se fossem amigos. Não lhe corresponderam os holandeses e ele então fez-lhes fogo, mas o seu subseqüente proceder assaz provou ter sido isto mais um ato de repentina cólera do que de valor determinado. Responderam os navios ao fogo, e subindo o rio ou canal do Bacanga, que da terra firme a leste separa a ilha, foram lançar ferro diante da capela de Nossa Senhora do Desterro.

Jornada dos holandeses contra o Maranhão

Koin e Lichthart comandavam esta expedição e desembarcaram sem resistência metade de sua gente. Induzidos a fatal confiança pela imprudência do governador, achavam-se os moradores absolutamente desprevenidos e não vendo esperança de salvar a praça, só procurou cada um salvar-se a si e à sua família, fugindo para as selvas. Cerca de cento e cinqüenta homens meteram-se no forte com Maciel, que mandou agora dizer ao comandante holandês que el-rei de Portugal estava em paz com a Holanda, pelo que era contrária a todas as leis a invasão de uma colônia portuguesa. Koin respondeu que fora obrigado a entrar acossado pelo temporal, e que se desembacara as suas

Permite Maciel aos holandeses que desembarquem e ocupem parte da cidade

tropas desta maneira hostil, era por lhe terem feito fogo; contudo se quisesse o governador sair a tratar com ele em pessoa, talvez alguma coisa se arranjasse em bem para ambas as nações. Maciel obtivera a reputação de bravo, quando só merecia a de cruel. Saiu da sua fortaleza e Koin disse-lhe como não podia deixar o Maranhão antes de receber ordens dos estados, cuja conduta seria pintada pela da corte de Lisboa, e propôs a Maciel que continuasse no governo até que chegassem instruções, assinando parte da cidade para quartel aos holandeses, aos quais se fornecia tudo o necessário pelo preço do mercado. Contentou-se Maciel perfeitamente com uma proposta que lhe dava tempo para assegurar os seus interesses particulares, e expedindo ordens nessa conformidade, tornou a recolher-se ao forte, para exercer o seu cargo a aprazimento dos invasores.

Berredo, § 766-9

Apoderam-se os holandeses da cidadela

Marchando para a cidade, bem provaram os holandeses com a insolência da sua linguagem, se ainda de mais prova se carecia, que olhavam a ilha como conquista sua, e fizeram pedaços das imagens da Virgem e de Santo Antônio na capela, junto à qual desembarcaram. Nenhum insulto podia ferir mais no vivo os portugueses, que nem todos se tinham deixado tolher de terror como o seu comandante. Paulo Soares de Avelar tentou fazer resistência postando-se a uma das portas, mas era inadequada a sua força. Francisco Coelho de Carvalho conjurou Maciel que se preparasse para defender o castelo, pois que andava o inimigo saqueando a cidade, tendo parlamentado unicamente para obter entrada. Nada porém podia aguilhoar este homem. Um artilheiro, por nome Matias João, formou contra a praça de armas uma bateria mascarada de mais de trinta peças, que faria jogar contra o inimigo mal ele se apoderasse daquela; mas ao dar parte do que fizera, hesitou e vacilou Maciel até que se fez tarde demais para salvar a praça. Não tardou porém que também fosse tarde demais para ele se salvar a si. Koin avançou para a fortaleza; foram-lhe abertas as portas, cujas chaves Maciel lhe entregou, pelo que recebeu bem depressa condigno galardão. Arreou-se a bandeira portuguesa, hasteou-se a das Províncias-Unidas, e o governador foi tratado como prisioneiro. Então entregaram-se os holandeses ao saque. Vieram dizer ao prior de Monte do Carmo, que o capelão da igreja matriz com a precipitação da fuga, deixara após si

algumas hóstias consagradas, e o prior, desprezando o perigo pessoal, correu ao templo e engoliu-as, não fossem os hereges profanar o que o povo acreditava ser o verdadeiro corpo do seu Salvador e do seu Deus.

Conquistada a ilha, é Maciel remetido prisioneiro

Era do interesse dos comandantes holandeses reprimir na sua gente o espírito de destruição, e com seus esforços puderam salvar do saque os estabelecimentos da fronteira terra firme. Cinco engenhos de açúcar havia em Itapicuru, que produziam cinco mil arrobas. Na ilha trabalhavam outros seis. Também 55 peças de artilharia de grosso calibre acharam os holandeses, munições em abundância e grande depósito de vinho, mas poucos navios, tendo ultimamente saído 45 para Cabo Verde. Era como se a baixeza de Maciel houvesse infeccionado a sua família. Achava-se seu sobrinho Pedro, que ele depois da aclamação havia nomeado capitão do Pará, a caminho de Belém com trinta soldados, trezentos índios e um comboio de mercadorias. Estava em Tapuitapera, no continente, quando o alcançou a notícia da conquista holandesa, e posto que longe então de todo o perigo, e sem coisa que o estorvasse de chegar a Belém, onde a sua presença e o reforço que levava tão necessários eram, regressou ao Maranhão, indo voluntariamente entregar-se com quanto lhe fora confiado. Caiu por conseguinte o estabelecimento de Tapuitapera. Privados de toda a esperança estavam agora os portugueses, e os que haviam fugido da cidade voltaram e prestaram o juramento de obediência às Províncias-Unidas. Os holandeses embarcaram cento e cinqüenta pessoas que lhes eram suspeitas, dando-lhes um navio que fazia água por todas as costuras, e liberdade de irem para onde quisessem. Velejou esta gente para a Madeira. Mas deu-se por feliz com alcançar a Ilha de São Cristóvão[7] então conjuntamente colonizada por ingleses e franceses, que a receberam hospitaleiramente. Koin e Lichthart repararam um forte que dominava a foz do Itapicuru, puseram uma guarda de soldados em cada engenho para vigiar os proprietários, deixando quatro navios e uma guarnição de seiscentas praças para defesa da conquista, no último dia do ano se fizeram de vela para o Recife, levando Maciel consigo. Nassau, que para com os valentes sempre se mostrara generoso, tratou este homem com o desprezo que o seu proceder merecia, mandando-o preso para a fortaleza do Rio Grande, onde em poucos dias morreu com

setenta e cinco anos de idade, tendo acumulado sobre a sua cabeça tão pesados crimes, como qualquer que jamais, para perdição própria, perseguiu seus irmãos como animais ferozes, escravizando-os como bestas de carga.

Antônio Teles governador do Brasil

De nada servia à corte de Lisboa protestar contra os atos de Nassau, queixando-se de que enquanto os holandeses na Europa lhe forneciam materiais de guerra, e com ela se ligavam contra a Espanha, na África e na América invadiam as possessões portuguesas. Respondia o governo da Holanda que tudo isto se fizera antes que o seu delegado no Brasil soubesse que estavam ratificadas as tréguas. Quanto, porém, ao já ganho estava resolvido a guardá-lo, e os portugueses justamente indignados de semelhante tratamento, estavam igualmente resolvidos a recobrar não obstante o tratado, conquistas que em despeito dele lhe haviam sido roubadas. Desta mal agourada forma principiaram as tréguas, tendo uma parte cometido flagrante injustiça, e meditando vingança a outra. Antônio Teles da Silva foi nomeado governador do Brasil com ordem de proceder contra os três governadores, pelo seu comportamento para com o marquês de Montalvão. Barbalho e Brito foram por conseguinte remetidos presos para o reino: o primeiro foi perdoado, imputando-se-lhe à falta de juízo os erros, o segundo jazeu muitos anos na enxovia comum de Lisboa, e o bispo escapou com pena mais leve, tendo apenas de repor os emolumentos percebidos durante a sua administração. Seguindo a traiçoeira política de que os próprios holandeses lhe haviam posto o exemplo, continuou o novo governador com eles nas mesmas amigáveis relações, estabelecidas desde a revolução, e protestando sempre achar-se em paz, espreitava diligente toda a oportunidade de fomentar-lhes insurreições.

Ericeira, 370

Inundações e peste em Pernambuco

Descansando nestes protestos, esperava Nassau gozar do fruto das suas conquistas e reparar os estragos da guerra. Mas outras calamidades vieram visitar Pernambuco e as províncias do Sul: extraordinariamente chuvosa a estação, transbordaram os rios, e homens e gado foram levados pelas cheias, especialmente nas cercanias de Capivaribi. Destruídas pela inundação as canas novas, foram as que por já crescidas escaparam a esta sorte, roídas por uma espécie de verme aquático, que penetrando por elas

lhes comia o âmago. A esta calamidade seguiu-se a peste, raivando as bexigas de forma tal, que só na capitania da Paraíba morreram delas 1.100 negros. Acarretando um mal sempre outro, não puderam os portugueses nestas províncias conquistadas pagar os impostos, pelo que requereram aos Estados remissão deles, alegando que em tais ocasiões costumara o seu próprio governo exigir apenas dos arrematantes dos dízimos um décimo destes. Teve Nassau outras dificuldades com que lutar: tendo ganho o que pôde durante as negociações, tratou a Companhia agora de diminuir a despesa, confiando nas tréguas, e ordenou-lhe que despedisse muitos dos seus oficiais e reduzisse o soldo aos soldados. Contra este ato impolítica parcimônia representou Nassau energicamente. Muitos oficiais, asseverou ele aos diretores, indignados só com o boato de semelhante medida, tinham já deixado o serviço, embarcando-se para Portugal a militar debaixo do novo rei. Mas não eram tempos estes para reduzir o trem de guerra; aguardavam impacientes os portugueses um ensejo de recuperar as perdas e vingarem-se a si; provocara-os a tomada de Luanda, S. Tomé e Maranhão, e nas públicas representações se lhes traía a irritação. Era necessário precaver-se contra eles e ao mesmo tempo conciliar por todos os modos os que se haviam submetido ao governo holandês, importando especialmente conceder-lhes essa plena liberdade religiosa que se lhes prometera, porquanto nada os exasperara tanto como a expulsão dos jesuítas e outros religiosos, sendo apenas a vergonha e o vasculho da igreja o que ficaram. Tinha ele recebido ordem de restringir a tolerância dentro dos mais estreitos limites, e o clero reformado a persegui-lo por que executasse tão imprudente ordenação; mas lembrava ele à Companhia que não era a liberdade de religião dentro de suas próprias casas, que os portugueses se haviam estipulado, mas o gozo pleno e público de seus ritos e cerimônias tão livremente como debaixo do seu antigoverno. Eram eles um povo, prosseguia o conde, obstinado na sua superstição e que jamais faria lugar permanente da sua residência um país em que não pudesse ouvir a voz do sacerdote. Estabelecendo escolas nas suas conquistas educando cuidadosamente a mocidade, e procurando melhorar os selvagens, se promoveria a fé mais pura. Todos os outros meios eram tão peri-

Conselho de Nassau à Companhia

gosos como ineficazes. Parece extraordinário que os judeus, que de todo o gênero humano eram quem mais razão tinha para odiar o governo português, fossem suspeitos a Nassau, que os dizia sempre prontos para a maldade. De novo instava com a Companhia que animasse a colonização nem com o terror que eles se haviam de defender sempre, mas com o afeto do povo. Muito se promoveria isto, concedendo aos novos colonos por ocasião do seu casamento sete anos de isenção de dízimos, e no fim deste termo mais um ano de imunidade para cada filho que tivessem. Mas pareceria ato de ingrata injustiça fazer isto sem conceder também uma graça adequada aos senhores e feitores de engenhos de açúcar, cuja fidelidade estava provada e que tinham suportado o mais duro da guerra, casando-se muitos com holandeses, e fazendo com o seu trabalho florescer o comércio. Devia pois a Companhia tomar tudo em consideração.

Barléu, 234-9

Expedição dos holandeses contra o Chile

Enquanto assim dava à Companhia conselhos mais sábios do que ela tinha juízo para seguir, meditava Nassau grandes e vastos planos de conquista. Tudo tinha pronto já para uma expedição contra Buenos Aires, quando insurreições no Maranhão e em S. Tomé vieram distrair-lhe a atenção. Em toda a extensão das colônias espanholas não havia lugar tão fácil de tomar-se e manter-se como Buenos Aires, mas a força destinada para esta jornada era agora precisa para chefes de conquistas tão dignamente feitas, e assim escapou aquela crescente e importante cidade. Também se receitava iguais tentativas em Angola e Sergipe, e a fim de estar preparado para estas esperadas emergências, teve Nassau de renunciar a uma expedição contra os negros dos Palmares que continuamente lhe talavam Pernambuco. Uma esquadra destinada contra o Chile tinha-se feito de vela antes de chegar esta notícia. O malogro da expedição holandesa contra o Peru em 1624, proviera unicamente de mau comportamento, e esperava-se que um golpe dado em parte mais vulnerável, apagaria a vergonha, e compensaria o sofrido prejuízo. Henrique Brouwer, que tendo sido governador-geral de Batávia, era agora um dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, ofereceu para esta empresa os seus serviços. Era homem de assinalado valor, reto proceder e grande integridade, mas odioso aos seus subordinados, porque era restrito a ponto de ser severa a sua disciplina, o que provinha talvez mais

do gênio do que de falta de discernimento, pois, como a maior parte dos seus conterrâneos naquele século, não conhecia Brouwer a piedade nem a clemência. As suas instruções rezavam que de caminho procurasse descobrir a Terra Austral, e oferecesse auxílio aos indígenas do Chile, especialmente aos araucanos, aos quais devia contar como os holandeses, outrora igualmente oprimidos pelo inimigo comum, os espanhóis tinham numa guerra não menos longa nem obstinada recobrado e assegurada a sua liberdade. Havia de inteiramente tirar daqueles índios o segredo de suas minas, sendo este o verdadeiro motivo que induziu Nassau a conceber a expedição e a Companhia a empreendê-la. Havia de explorar a ilha de S. Maria, com vistas de apoderar-se dela na esperança de torná-la outra Dunkirk, devendo também, se para isso se achasse com forças, auxiliado pelos naturais tomar e manter Valdívia. Havia de trazer de retorno para cobrir as despesas da expedição, salitre, as diferentes tintas que estavam ali em uso, uma das quais se dizia exceder a cochonilha, e vigonhas, para introduzir no Brasil.

Na história marítima é digna de memória esta viagem, por ter Brouwer, que tencionava passar pelo estreito de Le Maire, descoberto, impelido pela tormenta, que Staten Land é um ilha. Tendo sido ele o primeiro que entrara no Pacífico por esta estrada aberta, quiseram os seus patrícios pôr-lhe o nome de mar de Brouwer, honra que não puderam obter-lhe, e a que ele em verdade pouco direito tinha. Chegou a Chiloe, salteou alguns fortes espanhóis, e com a crueldade que caracterizava o seu povo naqueles tempos, foi passando tudo à espada. Mas já em Lima se lhe sabia da vinda e do desígnio[8]; estavam os espanhóis apercebidos para a defesa, e os naturais apesar da arte com que procuravam os recém-chegados colorir o seu verdadeiro fim, não escondiam a desconfiança e horror que lhes inspirava o ouvi-los perguntar por minas. Brouwer morreu em Castro, sucedendo-lhe no comando Elias Herckmann, dos holandeses um dos melhores, excelente marinheiro e sedento de conhecimentos de toda a natureza, tendo viajado muito à descoberta pelo sertão do Brasil, e empregado as suas horas vagas em composições poéticas e históricas. Chegou este a Valdívia, onde principiou a erguer um forte, mas os naturais a despeito de suas promessas não supriam de víveres as tropas, mas de fato também poucos ou nenhum podiam eles forrar das suas próprias necessidades. Principiaram

pois os soldados a murmurar, depois a amotinar-se a desertar, e já os espanhóis reuniam forças com que esmagar os invasores. Tudo isto obrigou Herckmann a abandonar o país e voltar a Pernambuco. Nem todos os membros do governo lhe aprovaram o comportamento, mas antes que se pudesse proceder a inquérito, morreu ele mais lamentado do que o seu predecessor, e legando melhor nome à posteridade.

Barléu, 258-283

Tirania dos holandeses no Maranhão

Malconcebida jornada havia sido esta: embriagados pela fortuna parecem os holandeses, tão bons calculistas como eram, não ter jamais considerado quão desproporcionados semelhantes planos de conquista eram com a sua população e com os seus meios de manter o que porventura adquirissem. Como S. Salvador e Olinda, fora a cidade de S. Luís facilmente tomada: mas no Maranhão, como na Bahia e Pernambuco, principiou bem depressa o povo, traído pela incapacidade dos seus governantes, a trabalhar pela sua própria libertação. Aqui ainda mais do que em outra parte, provocaram os holandeses a insurreição com suas crueldades. Muitos portugueses se tinham ligado por casamento com os conquistadores, julgando-se abandonados da mãe-pátria, e por muito tempo se contentou o povo com queixar-se ao governador das injustiças e insultos que sofria, mas afinal desenganou-se que era em vão esperar desafronta da parte de quem entre os seus próprios conterrâneos se assinalava por intemperança, ferocidade e tirania. Continuar a sofrer era sobretudo vergonhoso, desesperado, e melhor era fazer justiça pelas próprias mãos. Também era já tempo de tomar esta resolução. Vinte e quatro portugueses do Maranhão tinham sido presos por uma criatura do governador, por motivos de mera perversidade pessoal, que nenhuma causa se pretextou sequer contra eles, e expostos sem defesa aos selvagens, haviam sido instantaneamente trucidados e devorados.

Barléu, 241.
Berredo, 805

Resolvem os moradores levantar-se

De cinqüenta não passou o número dos portugueses que juraram libertar o Maranhão, ou perecer na empresa, afora alguns negros, raça para com a qual os holandeses em geral se mostravam mais cruéis ainda do que nenhum outro povo. Para cabeça escolheram Antônio Moniz Barreiros, que na sua primeira mocidade, havia agora vinte anos, fora governador da colô-

nia. O plano que ele traçou foi atacar os cinco engenhos de açúcar de Itapicuru na terra firme; estavam ali e no forte sobre o rio do mesmo nome uns trezentos holandeses, mas os proprietários eram dos patriotas confederados e achar-se-iam prontos cada qual no seu posto a acolher os seus conterrâneos e cooperar com eles. A primeira intenção fora acometer todos os cinco engenhos à mesma hora na última noite de setembro. Pontualmente se apresentaram os conjurados no ajustado lugar de reunião, onde deviam receber as últimas ordens, mas ao vê-los juntos, julgou-os Antônio Moniz poucos demais para se dividirem, e mudando imediatamente de plano, resolveu que investissem todos num só corpo o engenho de Bento Maciel, que lhe administrava o irmão Vítor Maciel, ambos bastardos do infame governador, de cujo nome usavam. Feito isto deviam passar ao engenho do próprio Barreiros, aonde ele voltaria previamente, para com uma luz lhes indicar o lugar mais seguro de desembarque.

Primeiros triunfos dos insurgentes

Menos de meia hora bastou para tomar o primeiro ponto de ataque; dos holandeses não escapou um, e providos já de melhores armas dos despojos do inimigo, avançaram os vencedores para o segundo engenho. Alerta estava aí Antônio Moniz com o seu farol. Pressentindo os portugueses, quiseram os holandeses defender-se nas casas de residência, a cujo telhado, que como de costume era de folhas de palmeira, puseram fogo os agressores, e rompendo então pelo muro de barro, buscavam na fuga a salvação, mas os que escapavam ao corte das espadas, alcançavam-nos as balas dos mosquetes.

O resto, diz o cronista e governador do Maranhão, morreu como herege, consumido pelas chamas, castigo justo de seus bárbaros erros. Destes rendeiros à força fora Barreiros pessoalmente maltratado, mas tal vingança tomou que a um só não deixou a vida. Do outro lado do rio ficava o terceiro engenho, assaz perto para que entre a guarnição logo se desse rebate; mas se esta estava prevenida já, não estava a praça apercebida para a defesa, e aterrados e inferiores em número foram aqui mortos os holandeses como o haviam sido nas demais partes os companheiros. Com igual fortuna fora investido o quarto engenho, e só no quinto se deu algum quartel. Pertencia este ao sargento-mor Antônio Teixeira de Melo, imediato no comando entre os patriotas, o qual com humanos esforços logrou salvar a vida a alguns holandeses. O cabeça do

destacamento, a que foram confiados estes prisioneiros, julgando intempestiva a clemência, ordenou à sua gente que os matasse, mas ela com generoso impulso recusou obedecer-lhes.[9]

Restava ainda tomar o forte Calvário, guarnecido por setenta homens com oito peças de artilharia. Marchando sem demora chegou Barreiros diante dele antes do romper d'alva. Felizmente apoderaram-se os seus esculcas dum soldado que passara a noite fora das muralhas, e, para salvar a própria vida tornou-se este homem guia e conselheiro dos assaltantes, postando-os a cinqüenta passos apenas do forte atrás duma pedra grande, que desde então se ficou chamando Penedo da Paciência, porque à sua sombra ficaram os portugueses algumas horas, aguardando o ensejo de acometer o inimigo. Afinal soou a trombeta da alvorada, abriram-se as portas, e saiu uma partida pequena a ver se estava tudo seguro. De tantas vezes que se fizera isto degenerara já em mera formalidade; a ronda aproximou-se do penedo sem olhar por detrás dele, e voltou com tão pouca circunspeção ao forte, que os portugueses a seguiram sem serem vistos, e de assaz perto para entrarem conjuntamente as portas. As mesmas sentinelas os não descobriram senão quando já dentro da fortaleza começaram eles a dar para baixo nos estupefatos holandeses.

Tomam os portugueses o forte Calvário

O comandante ainda quis tentar a resistência, mas o repentino ataque lhe gelara de terror os soldados. Alguns ali mesmo foram mortos, outros fugindo para a porta das surtidas, acharam-na também em poder dos assaltantes. A maior parte foi passada à espada, e os que escaparam só deveram as vidas à intervenção dum padre que tendo marchado à frente dos seus camaradas com um crucifixo alçado, que lhes servisse de pendão da vitória, o estendia para proteger dos inimigos agora que essa vitória era ganha. Mas esta clemência apenas aproveitou aos franceses que faziam parte da guarnição; o sentimento religioso exasperava os vencedores contra os holandeses, tornando-os implacáveis para com um inimigo mais odiado ainda por suas crenças heréticas do que pela sua crueldade e perfídia.

Berredo, 806-20
Ericeira, p. 371

Deixados de guarnição ao forte Calvário alguns homens de Itapicuru que durante a noite se haviam reunido aos seus patrícios, atravessou Antônio Moniz Barreiros para a ilha do Maranhão na esperança de surpreender

Avançam contra a cidade

o forte Filipe. Mas um negro, que fugindo dos engenhos de açúcar, para lá se passara a nado, já em S. Luís tinha dado rebate da insurreição, e quarenta holandeses haviam saído da cidade a reconhecer. Foram esbarrar com um destacamento avançado dos patriotas; as notícias do negro tinham-se rapidamente espalhado entre amigos e inimigos, e posto que esta partida se não compusesse ao princípio de mais de trinta homens, engrossou tão depressa com portugueses e índios, que corriam a reunir-se, que os holandeses esmagados pelo número foram feitos em postas. Ocupou então Barreiros uma posição forte a três léguas da cidade, postando a uma légua desta uma guarda avançada sobre o rio Coti. Mandou-se uma canoa pelo rio abaixo na esperança de colher algum prisioneiro, de quem se tirasse alguma coisa sobre os desígnios do inimigo. Vieram alguns pescadores indígenas ao encontro da canoa, e perguntando onde estavam os portugueses, pediram aos que o tripulavam que fossem dizer-lhes terem os holandeses resolvido investir na manhã seguinte com grande parte das suas tropas, o posto avançado. Ouvido isto, adiantou-se Antônio Moniz, indo-se pôr de emboscada à espera do inimigo. De sessenta soldados e oitenta índios se compunha a sua força, e de cento e vinte homens a que contra ele marchavam. Fora bem armado o laço; surpreendidos os holandeses por uma descarga de mosquetaria e não menos mortíferas setas, de todo o destacamento apenas escaparam cinco. Mais colonos se reuniram agora aos insurgentes, armando-se com os despojos do campo. Instaram com os chefes por marchar sem demora sobre a cidade, onde os holandeses, diziam eles, ou estariam descuidados, contando com a vitória dos seus, ou inteiramente desanimados se já soubessem do desbarato. Quisera Barreiros seguir o conselho, mas Antônio Teixeira de Melo, a quem a experiência e a autoridade davam grande peso entre os patriotas, fez ver que ainda muito os excediam em número os holandeses, e soldados veteranos como eram, não deixariam de tirar vantagem do terreno, que era todo a seu favor entre a atual posição e S. Luís. Era pois melhor aguardar do Pará alguns socorros, e entretanto chamaria o obtido triunfo mais insulanos às armas. Vinte e quatro horas prevaleceu este parecer; passadas elas porém, com esse espírito instável que a falta de disciplina produz não menos que a falta de resolução, mudaram os portugueses de opinião, e ao raiar a aurora marchou Barreiros sobre a cidade. No caminho nenhuma oposição encontrou, e entrando nos

subúrbios tomou posse do convento do Carmo, que em cima duma ligeira eminência mal ficava fora do alcance de tiro de escopeta das muralhas. Ali se deixou estar até que anoitecesse, e então a favor da escuridão apoderou-se dum posto mais perto da fortaleza, onde levantou obras em forma de meia-lua. Ao amanhecer já estas obras eram assaz fortes para repelir as surtidas do inimigo, e vendo-se assim reduzidos à defensiva, mandaram os holandeses navios ao Recife a pedir imediato socorro.

Berredo 821-36

Negócios do Pará

Também Barreiros recorreu aos seus conterrâneos no Pará em demanda de auxílio. Em singular estado de desordem se achava então aquela capitania. Tendo sabido da perda de S. Luís num dia e no outro da cobarde entrega de Pedro Maciel, principiara o capitão-mor Francisco Cordovil a aperceber-se para a defesa, chamando em seu auxílio João Velho do Vale e Cipriano Maciel Aranha, que comandavam nas novas capitanias do Cabo do Norte e Camutá[10]. Era de má raça o primeiro, irmão de Pedro Maciel e sobrinho do velho Bento. Nesta família parece o egoísmo ter preponderado sobre todos os princípios tanto de honra e dever como de humanidade. Saiu ele com oitenta soldados e quinhentos índios. Achavam-se debaixo do seu comando cento e cinqüenta homens pagos pelo Pará, que carecia agora dos seus serviços, e os exigia, e também a força auxiliar que lhe haviam dado, era na mesma proporção maior do que devera ser, mas ele julgou conveniente deixar quase metade para defesa das suas próprias plantações de tabaco, e com tão pouca pressa se pôs em marcha para Belém, que dois meses gastou numa jornada que pudera fazer em quinze dias. Chegado afinal, foi aquartelar-se no convento de Sto. Antônio (então separado da cidade, mas hoje unido a ela, no lugar chamado Campina), e mandando da sua vinda parte a Cordovil e ao senado da Câmara, declarou-lhes que se não fornecessem à sua gente quanto era necessário, e o reconhecessem a ele por comandante-general, cargo que reclamava em virtude duma provisão de Bento Maciel, regressaria imediatamente para a sua própria capitania. Respondeu a Câmara que quando visse a provisão lhe prestaria a deferência que merecesse; que quanto a mantimento havia dele então grande escassez, pelo que seria melhor aboletar a tropa entre os moradores, medida que embora inconveniente a outros respeitos tinha a vantagem de tornar mais leve a despesa. João Velho não quis prestar ouvidos a esta proposta, que lhe frustraria os

planos de conseguir à força o seu intento, e para que lhes não desse a sua gente, passou-se com ela de noite para Una e alguma distância da cidade inutilmente algumas peças para obstar a ele.

No dia seguinte repetiu a exigência com nova arrogância. A respeito de mantença a mesma resposta, e quanto à provisão disse-se-lhe que não estando ela registrada na Câmara, não podia ser válida, conforme uma postura de Francisco Coelho, primeiro governador do Estado, confirmada pelo mesmo Bento Maciel. Alguns dias depois, durando ainda a disputa, chegaram notícias de estarem já os holandeses no Gurupi, onde aguardavam uma expedição do Recife expressamente destinada à conquista do Pará. Sobressaltados com isto de novo instaram os magistrados com João Velho por que se unisse a eles para defesa da cidade, lembrando-lhe que de outra forma seria responsável pela perda da mesma, e, concedendo alguma coisa à sua exigência, ofereceram-lhe quartéis para a sua gente a uma légua dos muros, e fornecimento de víveres. Mas quanto mais iminente se mostrava o perigo do Estado, mais insolente nas suas exigências e linguagem se tornava este miserável, que afinal, entregando o Pará à sua sorte, voltou ao Cabo do Norte, onde queria achar-se em pessoa para vender o seu tabaco aos holandeses.

Abstendo-se de tomar parte nesta disputa entre a Câmara e João Velho, ocupava-se Cordovil entretanto em preparar-se para a defesa, no que bem o secundava todo o povo. Sete meses eram já decorridos desde que se soubera da queda de S. Luís, quando à barra apareceu um navio holandês, cujo capitão mandou dizer para dentro que vinha da ilha de S. Cristóvão unicamente a servir o rei de Portugal. Respondeu-se-lhe portanto, que, apresentando os seus passaportes, poderia entrar no rio, mas a pedido de Pedro Maciel, que vinha a bordo, foi a embarcação dar fundo em Mosqueiro, a seis léguas de distância. Depois do seu cobarde rendimento tinha este homem sido tratado pelos holandeses como merecia, sendo um dos que eles embarcaram no navio que fazia água, abandonando-os à mercê do mar. O capitão holandês, com quem ele apareceu agora, parece ter sido um bonachão que, sendo-lhe livre viver em paz ou guerra com os portugueses, preferira o comércio à pirataria, e dera vela de S. Cristóvão, trazendo Pedro Maciel, e outros quarenta da mesma forma expulsos do Maranhão, julgando com este ato de humanida-

Chega Pedro Maciel

de recomendar-se aos magistrados do Pará e ao governo de Lisboa, que assim lhe facilitariam as operações comerciais.

Berredo, 709-5

Exige que lhe entreguem o governo

No dia seguinte mandou Pedro Maciel ao senado da Câmara a patente pela qual seu tio Bento o nomeara capitão-mor do Pará, com uma carta em que ordenava que se lhe prestasse obediência. A resposta foi que, apresentando-se ele pessoalmente, como era uso e costume, se tomaria a resolução que o caso exigisse. Desembarcou ele pois com uma partida pequena de homens armados, recolheu-se a uma casa particular e dali notificou à Câmara a sua presença. Mas já ela então resolvera como responder-lhe, e era assim: que depois da invasão do Maranhão tinham os vereadores tomado medidas por si mesmos e delas dado conta à corte de Portugal, pelo que não podiam aceitar novo governador enquanto não chegassem ordens de Lisboa, que eram esperadas pelos primeiros navios. Com esta resposta ficou Pedro Maciel furioso, e reembarcando-se no navio holandês, desceu sete ou oito léguas abaixo da cidade à baía do Sul, e saltou na ilha de onde tira a baía o seu nome. Ali estabeleceu os seus quartéis, que dedicou a S. Pedro d'Alcântara, e escreveu ao irmão João Velho que viesse a toda pressa, para que ambos tomassem vingança do povo de Belém. E este irmão, que quando marchando à defesa da cidade gastara dois meses no caminho, fez a mesma viagem em menos de um terço do tempo, agora que esperava estabelecer ali a sua tirania.

Disputa entre a Câmara e os dois irmãos

Nestas difíceis circunstâncias procedeu com muita prudência o senado da Câmara, sem ceder diante destes homens arrogantes, nem irritá-los. Outra vez mandou pedir a Pedro Maciel que viesse defender Belém, cujo perigo crescera muito com estas questões, estando já prontas a desertar as tropas tapuias, que haviam percebido como andavam entre si divididos os portugueses. Considerações desta ordem eram porém perdidas num homem que só ao seu imediato interesse sabia atender. A resposta que deu foram pois novas ameaças e insultos, e como o navio que o trouxera estava prestes a velejar para Lisboa, proibiu à Câmara que escrevesse por ele, dizendo que só de falsidades se haviam de compor os ofícios, mas o capitão holandês, desgostoso de tais enredos, se encarregou particularmente dos despachos. Nem só contra os magistrados se dirigiam suas ameaças: tam-

bém ao povo as fazia, declarando que se não lhe abastecessem o campo tomaria de sua própria autoridade os víveres, onde quer que os achasse.

Durante estas disputas Cordovil se conservava neutro, contente com manter o seu comando, sem querer figurar como inimigo ativo contra os dois irmãos, por mais que lhes desaprovasse o comportamento, sendo parente próximo deles. Para o ocupar bastavam-lhes os cuidados da defesa da capitania com seus oitenta homens mal armados e um corpo de aliados, cuja deserção, e talvez hostilidade se receava a cada hora. Os embaraços da situação lhe minaram a saúde, mas antes de morrer investiu o senado da Câmara no governo da capitania. Exasperou isto os dois irmãos, que o parentesco com Cordovil até então refreara um pouco, e soltando agora os diques à natural insolência do seu gênio, todos os dias se temeu ver em Belém rebentar a guerra civil. A tanto se não atreveram os dois, cuja esperança era só intimidar a Câmara, para que se submetesse; medidas mais ousadas porém não convinham a caracteres que tanto tinham de baixos como de insolentes.

P. Maciel e J. Velho vão reunir-se aos insurgentes

Neste estado se achavam as coisas quando a Belém chegaram os mensageiros de Antônio Moniz Barreiros a pedir auxílio para a restauração do Maranhão. Imediatamente comunicou a Câmara esta notícia aos dois irmãos, lembrando-lhes quanto urgia que se mandassem socorros, quão glorioso seria para eles assinalarem-se em tal ocasião, e por outro lado que eterno vitupério, se, persistindo no atual comportamento, se abstivessem da empresa mantendo na nação a única força disponível do Estado. Não desgostaram eles de tão boa ocasião para desistir de suas infrutíferas pretensões, e partiram por conseguinte a reunir-se aos patriotas.

Reconhecem-se no Pará as tréguas

Poucos dias depois chegaram a Belém dois moradores de S. Luís com despachos do governador holandês, que remetia uma cópia da Trégua de Dez Anos, pedindo ao povo do Pará que a reconhecesse. Óbvios eram os motivos reais do holandês; havia muito que ele possuía o tratado, e se ainda alguma esperança restasse de efetuar a conquista do Pará, continuaria aquele papel a jazer-lhe entre os outros, mas desde que a si próprio se sentiu em perigo no Maranhão, trouxe-o à luz para evitar que os patriotas recebessem auxílio do Pará. Bem o percebeu a Câmara, mas os reforços já tinham partido, e feito isto, tão aceita lhe era a paz no estado de fraqueza em que estava a capitania,

como ao flamengo. Reconheceu pois o tratado, alegando todavia que não podia publicá-lo com as cerimônias do estilo, enquanto diretamente o não recebesse da sua própria corte.

Berredo, 800-43

Os patriotas no Maranhão

Entretanto marchavam Pedro Maciel e o irmão para o Maranhão com a costumada pouca pressa quando se não tratava de negócio seu particular. Era uma viagem costeira feita em canoas através de trinta baías ligadas por abrigados canais chamados rias. Semelhante navegação mal pode sofrer transtorno do tempo, nem costuma ser obra de mais de vinte e tantos dias, mas estes homens gastaram de dois a três meses pelo caminho, o reforço que levavam era de cento e treze portugueses e setecentos bons aliados capitaneados por chefes seus. Estava então Barreiros perigosamente enfermo e Antônio Teixeira de Melo com o comando como sargento-mor. Tinha ele trazido duas peças de artilharia do forte Calvário, que causavam grande dano ao inimigo, pelo que tentara este fazê-las calar, expondo uma imagem de S. João Batista no lugar para onde se dirigia o fogo. Assim reforçado resolveu o comandante português saltear o forte S. Filipe, não obstante a força da guarnição. Alguns obstáculos lhe opôs a contradição tão freqüentemente ocasionada pela falta total de disciplina, e antes que ele pudesse tentar a empresa, receberam também os holandeses um reforço considerável remetido do Recife às ordens de Anderson. No dia seguinte à sua chegada tentou o comandante holandês surpreender os portugueses à hora da sesta, quando era mais descuidada a vigia, mas eles, correndo às armas ao primeiro rebate, repeliram-no com grande perda. Igualmente infeliz foi o holandês num ataque contra as obras do Carmo, onde perdeu quase cem homens e a maior parte dos índios seus aliados. Ao cair da tarde do dia desta vitória morreu Antônio Moniz Barreiros, sucedendo-lhe Antônio Teixeira de Melo no comando-em-chefe. Cinco quintais de pólvora tinham sido o mais que ele pudera juntar, e estava gasta quase toda. Assim sem munições impossível lhe era manter a sua posição tão perto de um inimigo sempre certo de ser abastecido por mar, pelo que resolveu Teixeira retirar-se para a terra firme, e ir postar-se em Tapuitapera, lugar separado de S. Luís por uma baía de quatro léguas de largura, e fortificado por natureza. Principiou de noite a retirada, mas

Morte de Barreiros. Sucedeu-lhe Teixeira

12 de jan. 1643

ainda mesmo retirando excogitou o seu espírito empreendedor novos meios de vexar os inimigos. Era provável que eles o perseguissem apenas dessem pelo movimento, e lhe procurassem picar a marchar mal pois atravessou o Coti pôs uma emboscada no mesmo lugar, que já tão fatal fora aos holandeses, e ainda uma vez vingou o estratagema. O comandante holandês do Ceará, que fora chamado para defesa do Maranhão, caiu na cilada, sendo morto com cerca de trinta europeus e mais de cem índios. Forneceram os seus despojos algumas munições e o capitão português, feita esta bem-vinda presa, deferiu a execução do seu plano e em lugar de passar-se para terra firme, postou-se em Moruapi, posição forte na parte da ilha que faz frente a Itapicuru. Mantinham ainda os insurgentes os postos que ali haviam ganho, tendo assim sempre segura a retirada por mar e por terra. Enraivecido com a última perda sofrida, deu o governador holandês expansão ao mais feroz espírito de vingança. Vinte e cinco portugueses de S. Luís entregou este desalmado aos selvagens do Ceará que os devorassem, e cinqüenta mandou para a Barbada, onde como escravos se vendessem aos ingleses. O governador daquela ilha quis vê-los na praia, como para ajustá-los, e logo os pôs em liberdade, argüindo asperamente o agente que viera insultá-los, oferecendo-lhe à venda homens brancos e cristãos. Os demais colonos foram saqueados, deixando-se-lhes nuas as mulheres, e neste estado postos fora da cidade. Tal foi o tratamento que experimentaram essas famílias, que por viverem em paz, preferiram a submissão ao dever de se reunirem a seus irmãos em armas.

Berredo, 838-59

Ericeira, p. 444

Retira-se Teixeira para terra firme

2 de maio 1643

P. Maciel e J. Velho o abandonam

Mais de três meses se deixou Antônio Teixeira ficar em Moruapi à espera de socorros, até que cansado de perpétuos desenganos, e sem meios de manter-se ali por mais tempo, destruído quanto não pôde levar, se passou para a terra firme, e abandonando o forte Calvário chegou a Tapuitapera, segundo a sua primeira intenção. Muitos dias não eram passados quando Pedro Maciel e o irmão, metendo-se nas suas canoas com a maior parte da sua gente, e alguns colonos do Maranhão, que puderam induzir a segui-los, abandonaram os patriotas, partindo para o Pará. Esta deserção sobressaltou tanto os que não tinham sido

convidados a acompanhá-la, ou para os quais não tinha havido canoas em que se embarcassem, que outra partida com suas famílias se pôs a caminho por terra para o Pará. Vendo-se assim abandonado e sem munições, não sabia o comandante que melhor fizesse do que retirar-se também para Belém: mais cedo ou mais tarde necessariamente haviam de vir forças de Portugal, e era ali que mais convenientemente se podia aguardar a sua chegada. Mas como alcançar Belém? Por água faltavam canoas, e embora houvesse muito quem aconselhasse a ida por terra, uma jornada de quase oitocentas léguas pelas matas virgens da América do Sul não era empresa que impensada se cometesse.

Chegam materiais de guerra

Enquanto nesta dúvida estavam todos, chegaram de Belém cinco quintais de pólvora, com mechas e balas em proporção. Uma única passagem podiam seguir as canoas neste trajeto, e Teixeira fez ver aos seus que o terem os holandeses, senhores como eram do mar, deixado chegar estes cumprimentos, era coisa que, junta à viagem feita a salvo por estes mesmos naturais da Bahia para Belém num barquinho sem defesa, devia considerar-se, quando não como absolutamente milagrosa, pelo menos como sinal seguro da proteção do Céu. Tinha ele então consigo sessenta portugueses e duzentos índios. Com encontrarem estes socorros não se deixaram os dois irmãos e os seus fugitivos persuadir a voltar atrás e reunirem-se aos camaradas; mas este punhado de valentes, vendo-se outra vez com munições, resolveu sustentar o terreno e prosseguir na guerra, sem embargo de estar novamente ocupado pelo inimigo o importante posto do forte do Calvário.

28 de maio

Chegam reforços aos holandeses

Pouco depois apareceu à vista da costa uma esquadra holandesa, cujo comandante, esperando que Teixeira se deixasse cegar pela sua avidez ou covardia tão facilmente como fizera Bento Maciel, propôs-lhe em nome de Nassau ir residir para S. Luís como governador dos portugueses, com autoridade independente do comandante holandês. Teixeira respondeu por escrito que em verdade tencionava dentro em pouco ir estabelecer os seus quartéis em S. Luís, mas que antes disso havia de enxotar de lá os holandeses. Com esta resposta tanto raivou Jan Cornelis, o governador holandês, que proibiu dar quartel aos portugueses. Para crueldade desta natureza só pena de talião, e Teixeira proclamou da mesma forma guerra de extermínio aos holandeses, isentando contudo os franceses ao serviço deles, na esperança de os tornar

suspeitos, ou porventura até de atraí-los à sua causa, especialmente por que eram católicos.

13 de junho

O reforço que acabava de receber o inimigo tornava-o superior em número a qualquer força que se lhe pudesse opor em campo; mas bem sabia de que todo o país lhe era hostil, e para prosseguir eficazmente nas operações ofensivas, faltava-lhe ânimo e confiança. Bem informado da inação dos holandeses pelos seus numerosos espias, lançou Teixeira na ilha partidas pequenas da sua melhor gente, e aproximando-se mais, postou-se ao lado do canal que a isola. Pouco depois de instalado neste posto, ouviu-se fogo ativo à barra de S. Luís, e ele despachou duas canoas com oito soldados e cinqüenta índios a ver o que era. No caminho encontraram uma lancha holandesa com vinte e sete homens e duas peças de artilharia. Tão tentadora presa os fez esquecer o fim da viagem e abordada e tomada a embarcação com ela voltaram em triunfo. Teixeira repreendeu o comandante do destacamento João da Paz por ter-lhe desobedecido às ordens, mas compartindo a alegria por este novo jeito, compartiu a negligência que censurava, nem tratou mais de saber a causa do fogo que se ouvira, e vendo que os holandeses tanto lhe temiam as emboscadas, que raras vezes se aventuravam foi da cidade, confiou a Manuel de Carvalho quarenta portugueses e cem índios para com eles se postar na ilha e proceder como aconselhassem as circunstâncias.

Tornam os patriotas a entrar no Maranhão

Talado o país sentiu-se Carvalho tão completamente senhor dele, que se pôs a plantar e preparar mandioca nas terras alguns meses antes abandonadas pelos portugueses. Era isto obra para algum tempo e muitos processos, e tanto se foi a gente acostumando à segurança, que vivia como em tempo de paz. Afinal tornou-se pouco mais do que nominal a guarda que se fazia. Disto souberam os holandeses, bem como de ter Carvalho dividido a sua pequena força para apressar a colheita, e, sabendo-o, fizeram sair sessenta soldados europeus e cem índios a surpreender os portugueses. Ouvindo-lhes a considerável distância o rumor da marcha, adiantaram-se duas sentinelas índias a ver o que era. Ao chegarem a um riacho avistaram os holandeses, que cansados do caminho, jaziam por terra a beber e refrescar-se, com tão pouca precaução se aproximaram, que o inimigo, julgando-as, pela

segurança que mostravam, parte de alguma considerável força avançada, traiu uma confusão que lhes dava tempo mais que suficiente para se porem a salvo e dar rebate. Mas em uma estranha veleidade de valentia, dispararam estes homens suas flechas contra os holandeses, que percebendo-os então sem apoio, correram sobre eles, e morto um, seguraram o outro. Deu-lhes o prisioneiro quantas informações se podiam desejar, e eles apressando a marcha, chegaram ao meio dos portugueses e soltaram um grito de guerra uníssono com os seus selvagens aliados. Dispersos, ocupados em diferentes misteres e inteiramente desprevenidos, perderam os portugueses toda a presença de espírito e puseram-se em fuga, deixando uns as armas no chão e tomando outros as suas, mais para não perdê-las do que com intenção de fazer delas uso imediato. Doze homens porém que de tão perto que estava o inimigo já não podiam fugir, fizeram da necessidade virtude, tornando-os resolutos a mesma extremidade do perigo. Combateram em um só corpo, apoiando-se mutuamente, e cedendo o terreno passo a passo diante do número superior, até que alcançando uma volta da vereda, e tirando partido das árvores, fizeram alto e desafiaram todos os esforços do inimigo. Buscaram os holandeses acometê-los de ambos os lados, mas com esta manobra se puseram a descoberto, e tão vigorosamente se viram investidos assim divididos, que foram rotos e desbaratados, vindo os outros portugueses e índios, que não haviam tomado parte na peleja, completar a vitória. Assim inesperadamente vitoriosos, assentaram-se os patriotas por terra, a repartir os despojos, quando sentindo por entre as árvores aproximar-se outro corpo de gente armada, prepararam-se para segunda ação. Era Carvalho, que de uma vitória semelhante por ele mesmo ganha, vinha em socorro deles sangrando por seis feridas, que nem o impediram de combater, nem de perseguir o inimigo até mesmo às portas de S. Luís. De quanta gente havia saído só lograram tornar a entrar na cidade dez franceses, que o governador logo mandou enforcar como traidores que se não queriam bater contra os portugueses, acusação que ele em todas as ocasiões fazia aos mercenários.

Não tendo ainda feito a colheita, voltou Carvalho ao seu quartel-general, e Teixeira, continuando com um sistema de guerra tão próprio para inspirar confiança à sua gente, e desacoroçoar o inimigo,

mandou para a ilha outros destacamentos que não deixassem o holandês desfrutar os recursos de que tão amplamente agora se havia provido. Um reduto plantado entre a cidade e o rio para impedir-lhes os movimentos, foi escalado uma noite pelos portugueses, que animados com este triunfo investiram um engenho de açúcar que fora reocupado pelo inimigo, e queimaram-no sem deixar pedra sobre pedra. Achando o forte Calvário abandonado, guarneceu-o Teixeira, e então atravessou outra vez o canal, a fazer a guerra de novo no Maranhão.

Quase unicamente entregue aos seus próprios recursos tinha visto este valente comandante: as tropas do Pará o haviam abandonado arrastadas por seus infames capitães, e esta deserção lhe levara até parte da sua mesma gente. Uma remessa de materiais de guerra vindos da Bahia era tudo quanto ele recebera, sendo em verdade também tudo quanto o governador do Brasil Antônio Teles da Silva lhe podia mandar, e de Portugal, para onde dera parte do que estava fazendo, pouco se podia esperar, sobrecarregado como andava o rei com os cuidados e perigos de defender o seu trono recentemente restaurado. Alguns esforços contudo se haviam feito. Pedro de Albuquerque, que tão heroicamente se assinalara na defesa do rio Formoso, foi nomeado governador-geral do Maranhão, e despachado com pouco mais de cem homens[11] e material em abundância. Após seis semanas de próspera viagem chegou ele à vista da ilha, mas sem piloto a bordo que conhecesse o porto, nem querendo entrar na baía de São Luís, antes de saber alguma coisa sobre o estado dos negócios, disparou as suas peças fora da barra. Fora este o fogo que Teixeira ouvira, cuja causa João da Paz, desobedecendo às ordens que levava, deixara de averiguar. Calamitosas no último ponto foram as conseqüências desta falta. Em lugar de desembarcar a sua gente e material como fizera se conhecera a situação de Teixeira, seguiu Albuquerque para o Pará. Não era bem conhecida a barra de Belém, e o navio bateu num banco de areia. Andava muito cavado o mar e já a destruição de quanto havia a bordo se dava por certa, quando Pedro da Costa Favila, que por acaso pescava perto dali com duas canoas, veio em socorro dos náufragos. Arriaram-se os escaleres e neles e nas canoas chegaram a terra trinta e três pessoas. Mas a maré vazava o que aumentava a violência do

Vem Pedro d' Albuquerque para governar o Maranhão

Tomo II, Cap. XIV

13 de jun. 1643

Naufrágio

mar. Uma canoa foi repelida para a praia apesar dos esforços com que buscava alcançar de novo o navio, contra cujo costado se despedaçou a outra. Os escaleres porém lograram atracar outra vez trazendo para terra segundo carregamento, inclusive o governador e a sua família. O piloto asseverou aos que ficavam que o navio se não desfaria antes de vinte e quatro horas, tempo suficiente para salvá-los a todos. Mal ganhara Albuquerque a mais próxima praia, quando viu despedaçar-se o galeão, e concluindo logo que todos deviam ter perecido, indesculpavelmente deixou de fazer o mínimo esforço para ver se alguém escapara. Os que se achavam no casco, vendo quão impossível era agüentar ele mais tempo, formaram uma espécie de jangada com as pipas da aguada, e a ela se entregaram setenta pessoas. Feita à pressa e mal ligada era aquela fábrica, e assim todos se perderam. O jesuíta Luís Figueira, que voltava ao Maranhão com quatorze dos seus irmãos espirituais, aqui pereceu. Tentara nadar com uma criança de quatro anos às costas, mas faleceram-lhe as forças. Com ele se perderam oito jesuítas. Onze pessoas restavam ainda sobre os destroços do navio. Fizeram estas outras uma melhor jangada, e nela se confiaram à mercê das ondas que as impeliam ao acaso. Dois destes desgraçados, ambos jesuítas, foram levados pelo mar no segundo dia. Na terceira manhã aferraram os outros terra na ilha de Joanes, onde os arnaus, uma tribo dos seus selvagens moradores, mataram seis, chegando um colono, que sucedeu estar pescando perto do lugar, a tempo ainda de salvar os três restantes.

Morte de Albuquerque

Com os poucos que escaparam, seguiu Pedro de Albuquerque para a ilha do Sol, onde Pedro Maciel e o irmão João Velho tinham reassumido a antiga estação e os antigos projetos. Ali se deixou ficar até que a sua gente se restabelecesse dos passados sofrimentos, partindo depois para Belém, onde tomou conta do governo. A Câmara nele resignou voluntária a sua autoridade, mas tão pouco lucrou Maciel com a mudança, que o governador em conseqüência do comportamento dele e das queixas de toda a capitania, recusou admiti-lo como capitão-mor do Pará, embora lhe fosse agora conferido o cargo por patente real. Viu-se então quanto eram estes irmãos merecidamente abominados, e o procurador foi encarregado de requerer ao governador em nome do povo que os declarasse inábeis, para jamais exercerem cargo público na capitania, e pedisse

1644

a el-rei que, confirmando a sentença, a ampliasse a toda a raça dos Maciéis. Para tomar medidas com que auxiliar Teixeira na restauração do Maranhão, faleceu a tempo Albuquerque, que, trazendo já arruinada a saúde ao chegar a Belém, morreu logo em princípios do ano seguinte, deixando o seu parente Feliciano Correia governador conjunto com o sargento-mor do estado Francisco Coelho de Carvalho.

Berredo, 909-15

Evacuam os holandeses o Maranhão

Tão adiantado estava porém Teixeira já no seu empenho, que nem a perda dos esperados socorros de Portugal, nem a morte do governador, lhe parecem ter impedido os progressos. Era ele agora inquestionavelmente o senhor do país, não se atrevendo os holandeses a ultrapassar as portas da cidade. Felizmente teve de arribar à baía de Araçagi, perto de S. Luís, acossado pela borrasca um navio do Faial carregado de vinhos para a Bahia. Este navio tomaram-no eles, que só tinham no porto outros três, todos tão mal providos, que ninguém neles se aventuraria ao mar sem levar na conserva alguma embarcação melhor. Veio-lhes pois esta presa muito a propósito, e embarcando todos, evacuaram os holandeses o Maranhão, sendo ainda quinhentos em número, afora uns oitenta índios. E como baldado fora tentar alcançar o Recife, demandaram a ilha de S. Cristóvão.

Eram ruínas a cidade quando o inimigo a abandonou. Não tardou que Teixeira tivesse de comunicar a sua corte novas de mais reconquistas. Quando primeiro invadiram o Maranhão, tinham os holandeses trazido consigo do Ceará um corpo grande de tapuias. Destes perecera o maior número, e a única recompensa que pelos seus serviços alcançaram os oitenta sobreviventes, foi serem agora relegados no seu próprio território para as desertas margens do Camoci. Indignados com semelhante tratamento, inflamaram eles o descontentamento dos seus conterrâneos, que gemiam sob o intolerável jugo[12] dos seus novos aliados, e caindo sobre um reduto que nas ribeiras daquele rio haviam levantado os holandeses, surpreenderam e mataram toda a guarnição. Passando depois a investir outro reduto dez léguas mais longe, ganharam-no com igual fortuna. Esta segunda vitória os animou a atreverem-se com o próprio forte do Ceará, que ficava a cem léguas de distância, e marchando com o incansável ardor do selvagem que respira vingança, aproxima-

Destruição dos holandeses pelos índios no Ceará

ram-se dele de noite e puseram-se de emboscada. De manhã saíram os soldados como de costume a seus diferentes misteres, sem aventarem o perigo. Deixaram-nos passar os tapuias, e precipitando-se depois sobre a porta, mataram quantos havia dentro do forte. Os que tinham ficado fora dos muros, esses mais tarde os foram caçando muito de seu vagar. Uma partida empregada nas salinas do rio Ipanema teve a mesma sorte, e um destacamento vindo com um oficial holandês a inspecionar o estado da guarnição, cujo extermínio ignorava, foi cercado e trucidado. Da sua conquista deram os tapuias imediatamente aviso a Teixeira, que não perdeu tempo em segurar a posse da recobrada fortaleza.

Berredo, 919-23. Ericeira, p. 447. Barléu, 290

Choviam sobre Nassau as más notícias, conseqüências dessa desonrosa política em que se envolvera. O Maranhão e o Ceará estavam perdidos para a Companhia, em armas o povo de S. Tomé que já se tornara senhor do país, reduzindo os holandeses ao recinto da cidadela. Vendo o conde assim as coisas, começou a recear insurreições por toda à parte, mandando a todas as províncias conquistadas inspetores que desarmassem as pessoas suspeitas. Havia ele já solicitado a sua exoneração, e obtendo-a agora, nomeou Henrik Hans para o comando militar, confiando o civil ao grão-conselho, a quem deixou as suas últimas recomendações sobre o modo por que devia administrar os negócios. Em primeiro lugar advertiu-o que olhasse pelas necessidades dos soldados, jamais deixando de escutar-lhes as queixas, erro que seria especialmente perigoso no Brasil, onde a deserção era tão fácil. O soldo dos oficiais cumpria pagá-lo pontualmente pois nada, dizia ele, quebrava tão facilmente os laços da fidelidade, e impunha a necessidade de obrar o mal como a pobreza. Quanto aos delitos da tropa, antes aconselhou medidas severas, do que brandas num país onde de contínuo se viam maus exemplos e os meios enérgicos eram necessários para coibir a maldade. Para com os generais nenhuma consideração seria demasiada, contanto que o Grão-Conselho não prescindisse do respeito devido à sua autoridade; deviam eles ter sempre franco acesso perante o governo, mas fariam bem os governadores não convivendo muito com eles, para que da familiaridade não nascesse o desprezo. Sobretudo, porém, cumpria vigiar por que não se tornassem pesados aos colonos os soldados, mal em demasia vulgar

Obtém Nassau a sua exoneração

Suas últimas recomendações ao Grão-Conselho

naquelas províncias onde a perpétua escassez dos víveres fazia o povo descontente e insolente a soldadesca. De fato receavam por isto mais a paz do que a guerra os lavradores e os senhores de engenho.

Também aconselhou que por todos os meios honestos se procurasse atrair os portugueses, que mais aferrados parecessem ao seu país, com especialidade os padres, que, comprados estes, jamais se esconderiam os segredos do povo. A boatos contra eles não devia dar-se fácil crédito, pois que se originavam quase sempre entre aqueles que nada tendo que perder, invejavam os ricos e os ditosos. Também dos desertores se havia de desconfiar sempre, nem era para recomendar-se a prática dos tormentos, que tão facilmente extorquia a falsidade como a verdade. Era como se Nassau previsse os perigosos tempos que se avizinhavam. Os fortes, disse ele, deviam ver freqüentemente inspecionados para que estivessem sempre em estado de defesa, e como não podia haver fossos em terreno seco e arenoso, era particularmente necessário ver que as paliçadas se conservassem sempre perfeitas, não fosse, arruinando constantemente o tempo estes baluartes, uma brecha ou uma parte fraca atrair o inimigo. Era de grande importância preservar Friburgo e suas florestas, que em caso de guerra facilitariam os meios de abastecer d'água o Recife. A ponte da Boavista urgia fortificá-la com um reduto para sua defesa, que eram ambas as pontes de essencial utilidade, se o Recife chegasse a ser sitiado, não podendo estar ainda esquecido como antes de formada esta comunicação através do rio, sofrera a cidade fome, quase a ponto de perder-se. Aconselhou que de modo nenhum se provocasse sem necessidade o governador da Bahia. Estavam as províncias holandesas expostas à vingança dele, que podia mandar tropas atacá-las, ou com uma palavra soltar contra elas os selvagens. Nem os próprios portugueses atualmente sob o domínio da Holanda podiam ver menoscabado o representante do rei de Portugal; e eram eles um povo dócil, quando bem tratado, mas altivo e indomável quando se sentiam injuriados, podendo mais sobre seus ânimos o orgulho da própria dignidade do que a cobiça das riquezas. Havia pessoas que os insultavam no exercício de suas cerimônias religiosas, mas deviam ser castigadas como gente cuja loucura punha em perigo a república. Os portugueses que fossem claramente convictos de maquinações traiçoeiras, convinha severamente puni-los, mas o mesmo instinto da própria conservação exigia

que os não irritassem com injúrias e insultos, pois quem o fizesse comprometia até a existência do governo holandês no Brasil. Já o Maranhão e o Ceará eram provas da instabilidade dum domínio unicamente fundado na força.

Parte Nassau para a Europa

Tinha Nassau concedido licenças para uso de armas não só a colonos holandeses, franceses e ingleses, que tinham dívidas que cobrar no sertão, mas também aos portugueses que residiam em sítios isolados, onde delas careciam para se defenderem de animais ferozes e de salteadores; agora advertiu ao conselho que não fosse conceder indiscriminadamente estas licenças. E recomendou que se castigassem asperamente o assassinato e o duelo, e que se cobrassem rigorosamente os impostos devidos à Companhia, a cujo pagamento se furtavam os negociantes toda a vez que podiam. Tendo deixado assim os seus últimos conselhos ao novo governo, fez-se o conde Maurício de Nassau de vela para a Europa, após oito anos de residência no Brasil. Consigo levou alguns selvagens de diferentes tribos e cinco luso-brasileiros o acompanharam também por ordem do governo, para que, tendo visto os holandeses na sua terra, deles pudessem com o próprio testemunho convencer os seus patrícios, de que não eram uma mera raça de piratas e pescadores, como acreditava a massa geral do povo. Não menos de mil e quinhentas pessoas de todas as hierarquias e profissões, civis, militares e eclesiásticas, se embarcaram na mesma frota. Com tão cega confiança descansavam as Províncias-Unidas numas tréguas, que elas haviam sido as primeiras a quebrar escandalosamente[13].

Barléu, p. 292

NOTAS DO CAPÍTULO XIX

1 Houve gente na Holanda que acreditou ser a revolução portuguesa um ato de refinada política da parte da Espanha. O rei da Espanha, dizia-se impotente para defender o Brasil e a Índia; concertara que o duque de Bragança faria o papel de rei de Portugal, para nesse caráter assentar pazes com os holandeses; mantendo assim por estratagema os países que não podia sustentar pela guerra. Um homem, que Aitzema chama sério e instruído, apesar do portentoso absurdo de semelhante suposição, escreveu

um folheto para provar isto. E tanto crédito obteve este escrito entre os tolos e ignorantes, que formam sempre a maioria, que o embaixador português julgou do seu dever queixar-se dele como dum libelo contra seu amo. *Aitzema*, t. 3, pág. 103.

2 Por esse tempo o domínio holandês no Brasil atingira o seu apogeu, abarcando as Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, e Sergipe; O êxito de Maurício de Nassau chegara a despertar ciúmes na própria Companhia das Índias Ocidentais, onde à boca pequena se falava de suas intenções de criar no Brasil, para sua família, um domínio autônomo dos Estados-Gerais da Holanda. Por esse pormenor acha-se citado na *História do Brasil* de Rocha Pombo e na *História do Brasil*, de Henrique Handelmann.

3 A esse jesuíta Vilhena atribui-se, como João Ribeiro, as intrigas que levaram o rei a depor o marquês de Montalvão, que era então governador do Brasil. Deposto "por hesitante e desleal". Deposto e preso, foi o marquês de Montalvão reabilitado depois pelo rei, melhor informado acerca dele. Vide João Ribeiro, in *História do Brasil* (L.A.)

4 A palavra – mitologia – aplicada às crenças católicas é mais uma prova da intolerância religiosa de Southey. (F.P.)

5 A respeito de sede d'oiro e avidez de ganho não parecem os ingleses os mais azados para atirarem a primeira pedra sobre os holandeses: haja vista a sua conduta na Índia Oriental, donde originou-se a última e sanguinolenta revolta dos cipaios. (F.P.)

6 Aliás, Gurupá. (F.P.)

7 Uma do grupo das Pequenas Antilhas. (F.P.)

8 Barlaeus dá a entender que este aviso fora vendido aos espanhóis por algum dos mesmos holandeses: *Foedo profecto nostratium more, quibus deferre ad exteros domestica nimium proclive*. Pág. 275.

9 Embora em todos os atos oficiais Portugal reconhecesse o domínio holandês no Brasil, na verdade, por vias indiretas, auxiliava e prestigiava secretamente o desejo de libertação. Aos poucos foram surgindo por todo o Brasil holandês focos de insurreição, que agiam sistematicamente com as técnicas de guerrilhas, especialidades de um Camarão ou de um Henrique Dias. (L.A.)

10 Aliás, Cametá. (F.P.)

11 Diz Baena *(Compêndio das Eras da Província do Pará)* que o governador Pedro de Albuquerque trouxera de Lisboa cento e cinqüenta soldados e copioso abastecimento de munições e apetrechos de guerra. (F.P.)

12 O próprio Barlaeus o admite: *Nec tamen hujus nefariae seditionis auctores babebantur Maranhoenses, licet proximi et contermini, verum culpa nostratium in subditos ferciae te duriori imperio imputabatur*. Pág. 290.

13 Maurício de Nassau repetidas vezes havia pedido demissão do seu cargo, desgostoso com as intrigas que lhe moviam junto à diretoria da Companhia das Índias Ocidentais. Aquela apenas foi concedida a 9 de maio de 1644, mas somente a 30 de setembro teve ciência a sua exoneração. Maurício de Nassau abandonou Recife a 11 de maio, depois de ter deixado em mãos do Conselho que o substituíra um relatório completo de sua administração. Embarcou de regresso à Holanda aos 22 de maio de 1644. (L.A.)

. . . .

Capítulo XX

EMBARAÇOS DA COMPANHIA – ESTADO DE PERNAMBUCO – O PRESSÃO DOS PORTUGUESES – PROJETA JOÃO FERNANDES VIEIRA A LIBERTAÇÃO DO SEU PAÍS – COMUNICA O SEU PLANO AO GOVERNADOR-GERAL, TORNA-SE SUSPEITO AOS HOLANDESES, ESCONDE-SE E APARECE EM ARMAS – BATALHA DO MONTE DAS TABOCAS

1644

Propõe a união entre as companhias das Indias Orientais e Ocidentais

PROJETOU-SE por este tempo na Holanda uma união entre as Companhias das Índias Orientais e Ocidentais. Favorecia Nassau este plano, que, dizia ele, se se levasse avante, faria cair nas mãos dos holandeses as Filipinas, o Peru, o Potosi e o Prata, sem que os espanhóis pudessem nem sequer defender a Havana, Cartagena ao México. Abortou, porém, o projeto felizmente para os portugueses e para o Brasil que a vingar ele teria sido o teatro de mais longa e assoladora guerra, ainda mesmo quando afinal lograssem recobrá-lo os seus antigos e mais dignos possuidores. Em verdade mal se podia esperar que se unissem duas companhias, cujas circunstâncias eram tão diametralmente opostas. No Oriente tudo prosperava, à carreira de conquistas ali encetadas não se viam limites, e os lucros resultantes dessas conquistas eram calculáveis e certos. Mas no Brasil, por mais brilhantes que houvessem sido os

Estado da Companhia no Brasil

feitos, apresentavam os livros da Companhia, pelos quais deviam somar-se as vantagens da vitória, um saldo terrível. Nunca os holandeses haviam sido tão completamente senhores de Pernambuco que com provisões do país pudessem abastecer o Recife, e quando as tréguas lhes poderiam ter permitido firmar ali com a segurança da paz o seu domínio, arruinaram-se com a nefária política que os levou a tirar vantagem da fraqueza do seu novo aliado. Representando este papel indigno, parece a Holanda não ter jamais pensado na possibilidade das represálias, supondo poder irrogar impunemente todo o insulto e toda a injúria ao atassalhado Portugal.

Embaraços da Companhia

Acarretou-lhe esta política o merecido castigo. As expedições ao Maranhão, Sergipe, Angola e Chile exauriram tanto os tesouros como os armazéns do Recife, e a Companhia, calculando sempre como forrar-se as despesas imediatas, deixou de fazer remessas, crendo não ter que recear inimigo.

O Conselho, sobre quem recaíra a administração depois da partida de Nassau, vendo-se assim sem recursos, teve de exigir dos seus devedores pronto pagamento para poder fazer face às despesas civis e militares. Ao mesmo tempo instavam os negociantes da Holanda com os seus agentes e correspondentes que lhes fizessem remessas. Até então tinha sido o crédito o intermediário de todos os negócios, e os pagamentos agora necessários ocasionaram uma escassez tal de numerário que não se achava dinheiro a menos de três ou quatro por cento ao mês, de modo que os que de semelhante recurso se valiam depressa ficavam totalmente arruinados. Menos que os súditos, se não via embaraçado o governo. Vendera a crédito as terras confiscadas e da mesma forma dispusera de grande número de negros (importados depois da conquista de Angola) pelo preço de trezentas patacas por cabeça. A varíola causou grande mortandade entre estes infelizes, perda que junta aos estragos causados pelas inundações e depois pelos vermes, arruinou muitos fazendeiros.

O Conselho dos Dezenove, a quem na mãe pátria incumbia a administração dos negócios da Companhia, ignorando o verdadeiro estado das províncias conquistadas, ordenou peremptoriamente que os seus negros se não vendessem senão com dinheiro à vista, ou por açú-

car, o que se considerava equivalente. Mas impossível era alterar repentinamente o sistema de comércio; não havia então quem pudesse comprar com semelhantes condições, e embora repetidas vezes se abaixassem o preço porque se vendiam os escravos, nem por isso saíam das mãos da Companhia, que teve de suportar a despesa de mantê-los e o prejuízo resultante dos muitos óbitos, até que o Conselho central revogou instruções tão absurdas como ruinosas.

Nieuhoff, p. 30-1

Aperto geral em Pernmbuco

Já era assaz desesperado o caso quando a Companhia não podendo remediar o mal, teve assim de transigir com ele. Mas a escassez de dinheiro começou agora a sentir-se tão geralmente, que seriamente assustadoras se tornaram as conseqüências para o Estado. Quando a mesma pessoa era devedora ao governo e a credores particulares, levantavam-se disputas sobre a preferência do pagamento, e para obterem o que era legalmente seu muitos não escrupulizavam em empregar meios manifestamente injustos. Assim procurava um credor preferir a outro, tentando o devedor a traspassar-lhe a propriedade mediante considerável abatimento; outros, servindo-se de meios restritamente legais, mas não menos reprováveis, metiam sem piedade na cadeia os desvalidos devedores. O próprio governo se via obrigado a ser rigoroso. Não podendo fazer-se pago por meios mais brandos, caía sobre os devedores por ocasião da colheita do açúcar, e apreendia-lhes o produto, ao que se seguiam todos os vexames, males e misérias dos processos judiciais. Muitas vezes iam os próprios membros do conselho em pessoa pelo interior do país assistir a estas execuções, pensando que com mostrarem-se assim zelosos pelos interesses da Companhia, produziam bom efeito sobre o público, mas foi muito diversa a conseqüência. Os negociantes, comissários e outros credores dos fazendeiros queixaram-se de que o governo, apreendendo o açúcar nos engenhos, os privava dos meios de haverem o seu pagamento. Alto e ameaçador se tornou o seu descontentamento, e enquanto faziam para a mãe pátria queixas e acusações contra o Conselho, principiaram para segurar-se quanto possível a seguir igual sistema de rigor, apreendendo negros, gado, caldeiras e todos os bens dos fazendeiros. Igual expediente foi adotado pelos mutuantes de dinheiro. Alguns lavradores, indignados ao pensarem nos juros usurários com que haviam tomado dinheiro, para espassar o dia do aperto exaspe-

ravam-se ao ver que este dia se não deixava mais alongar, e defendiam à força a sua propriedade, de modo que pareciam as coisas tender para uma insurreição geral. Mesmo onde nenhuma resistência se oferecia, mal se viam menos embaraçados os credores, pois que levadas as terras executivamente à praça, tinham eles de ser os próprios compradores, e depois, se porventura não sabiam administrá-las, ou não podiam residir nelas (o que era impossível aos negociantes e comissários), tornava-se-lhes a aquisição um peso mortal nas mãos.

Neste estado de geral insolvência propôs-se que contratasse a Companhia com os senhores de engenhos de açúcar receber ela todo o produto por um certo número de anos, com obrigação de satisfazer todas as dívidas deles, coisa fácil por serem estes credores a seu turno devedores ao governo. O Conselho na metrópole aprovou a idéia, que foi feliz a ponto de se fazerem nesta conformidade contratos pelo valor de mais de dois milhões de florins, adotando logo os negociantes o mesmo sistema. Contudo só em parte pôde com este remédio curar-se o mal. A tão perigosas contingências tinha andado sujeito o comércio nestas províncias, que mais era jogo do que negócio. Muitos holandeses e outros estrangeiros eram aventureiros desesperados tão baldos de patriotismo como de probidade. Os portugueses, que se deixaram ficar em Pernambuco, estavam também quase todos em circunstâncias desgraçadas. Disto a primeira causa fora a guerra que repetidas vezes lhes assolou as terras. A miséria assim ocasionada, e o ódio que a seus novos senhores votavam como causadores dessa miséria, como opressores e como hereges, produzira um efeito não menos pernicioso aos princípios morais deles mesmos do que os interesses dos holandeses. Confiando nos esforços da Espanha a bem do Brasil, e na firme esperança de que o grande armamento do conde da Torre, tão lamentavelmente dirigido, efetuaria a restauração, tinham eles comprado sistematicamente a crédito engenhos de açúcar, terras, negros e bens de toda a espécie. Grave erro político cometera a Companhia, vendendo promiscuamente a todo o comprador as terras confiscadas, em lugar de atrair novos colonos d'além-mar, como Nassau tão freqüente e instantemente recomendava. Além disto vendia-as tão caras, que a parte mais prudente dos seus próprios conterrâneos não podia comprar, enquanto que sem meios nem inten-

Dívidas fraudulentamente contraídas pelos portugueses

Tomo II, cap. XV

ção de pagá-las compravam-nas os portugueses por todo o preço.[1] A expedição em que as esperanças destes se fundavam, malogrou-se; o dia do pagamento chegou; pedir mutuado era o único recurso; juros compostos de três e quatro por cento ao mês depressa dobraram e triplicaram a dívida, inventaram-se então novas manhas, empregaram-se todos os artifícios da chicana para ganhar tempo até que a reconquista viesse saldar as contas. Quando apesar de todas as tricas legais chegava afinal o dia de ajustá-las, uns tinham assaz valia para obterem do governo proteção com que zombavam dos credores, outros escondiam-se, o que em semelhante país não era difícil. Alguns, cuja velhacaria era de mais baixo cunho, deixavam-se rindo meter na cadeia, contando com a pouca vontade dum credor holandês para sustentá-los ali por muito tempo, e de fato tão pesadas eram as despesas desta mantença, que o próprio credor muitas vezes solicitava a soltura do seu preso para não agravar com custas acrescidas o primitivo prejuízo.

Barléu, p. 319. Nieuhoff, p. 30-4 e 137

Achando-se nestas circunstâncias tantos portugueses em Pernambuco, tinham nelas um motivo vil para insurreições, além desses sentimentos naturais e dignos, pervertendo os quais a seus próprios olhos desculpavam e justificavam o fraudulento sistema que seguiam. Não lhes faltava pesada razão de queixa na insolência dos conquistadores, rudeza e brutalidade de suas maneiras, e sua quase infrene licenciosidade. Mostre um exemplo a que vexames e perigos andavam eles sujeitos. Promulgou-se um decreto prometendo a liberdade em prêmio aos escravos que denunciassem seus senhores por terem armas escondidas. A todo o escravo que odiasse o seu senhor, se oferecia assim meio fácil de tomar vingança, e sobre tal testemunho foram alguns portugueses postos a tormentos e supliciados, enquanto outros escapavam à mesma sorte, perdendo tudo o que possuíam. Nada mais vulgar do que ameaçar o escravo seu senhor com denunciá-lo. Sobre este estado de coisas fundaram alguns holandeses uma prática nefanda, mancomunando-se com os escravos para darem a denúncia, e escondendo armas, que depois achadas servissem de prova. Um escravo revelou afinal a algum bom senhor, que tal cilada se lhe armara, e o pobre homem foi pedir socorro a Fr. Manuel do Salvador, tremendo, diz o padre, como varas verdes. Era o frade mui estimado de Nassau, e assim sucedeu que fossem dois

Vexame e opressão dos portugueses pelos conquistadores

malvados apanhados no próprio laço, pois sendo as armas, sobre testemunho do negro, encontradas onde eles as haviam escondido, ficou provada a culpa, e postos os réus a tormentos até confessarem, foram depois com a morte merecidamente punidos.

Valeroso Lucideno, **p. 71**

Que era a Holanda então país mais ditoso do que Portugal, não é coisa de que se duvide; mais industrioso e mais ilustrado vivia o povo debaixo dum governo livre e duma religião tolerante, gozando da regular administração de leis boas. Mas raro sucede poder uma nação ampliar as próprias vantagens às suas conquistas estrangeiras. Nassau podia transplantar florestas e árvores frutíferas em todo o seu desenvolvimento, mas não as benéficas instituições da sua própria pátria, que são coisas que têm suas raízes na história e nos hábitos e sentimentos daqueles a par de quem foram crescendo, e a cujo crescimento se acomodaram. Se os holandeses tivessem projetado a conquista do Brasil para lhe melhorarem a condição dos moradores, e neste intuito modelado à administração das províncias conquistadas, ainda assim não o haveriam conseguido; a língua, a religião, os costumes, o caráter e o orgulho nacional dos portugueses eram outros tantos obstáculos, fortes em si mesmos, e na sua união insuperáveis. Mas fora a conquista uma mera especulação comercial, em que era o lucro da Companhia o único fito, a estréia polar de toda a política. Tinha ela tornado seus súditos os pernambucanos sem deixar de considerá-los como estrangeiros e rivais no comércio: para que pois não competissem com ela nos mercados europeus, lançava-lhes pesados impostos sobre a exportação dos produtos, à qual interpunha mais toda a espécie de óbices, obrigando-os assim a vender dentro do país e pelos preços que os conquistadores se dignavam dar-lhes. A tal ponto se estendia este monopólio, que nem se lhe permitia cortar o seu próprio gado para venda, ainda que fosse para consumo de casa: havia de vender o animal ao carniceiro holandês, e comprava carne pelo preço fixado pelo Conselho.

Valeroso Lucideno, **p. 154**

Ainda que melhor espírito houvesse dirigido o governo, o proceder dos seus subalternos o teriam inutilizado. Desgraçadamente é por demais sabido em séculos mais humanos e entre mais humanos povos, quão abomináveis exemplos de rapacidade, crueldade e opressão ocorrem na administração de colônias remotas e mormente nas con-

quistas. Para seu próprio governo moral é preciso que os homens como indivíduos tenham constantemente consciência duma justiça que tudo vê e tudo retribui; como membros duma república também carecem de ter sempre diante dos olhos a lei, supremo padrão por que devem aferir todas as suas ações. Raro é porém que quer a lei quer a religião acompanhem um exército; de ambas se suspendem as fórmulas, e depressa se lhes desvanece a influência. Os conquistadores estabeleceram no Recife dois tribunais de justiça; havia no inferior oito juízes anuais, quatro holandeses, quatro portugueses, sendo os oficiais subalternos igualmente escolhidos entre as duas nações; mas no superior, que era o de apelação, havia cinco juízes holandeses contra quatro portugueses, sendo daquela nação todos os demais oficiais. Queixavam-se os portugueses de que a aparente eqüidade de nomear em número igual juízes das duas nacionalidades para o tribunal inferior, era uma mera decepção, porque vivendo no campo raras vezes se reuniam os portugueses, enquanto que os holandeses, residindo na própria localidade, estavam sempre presentes, decidindo assim tudo a seu talante; e se se apelava para o Conselho político, mal se dignavam os juízes holandeses notificar os membros portugueses do tribunal, conferindo na sua própria língua, e confirmando quanto os seus conterrâneos tinham decretado. De fato com tão pronunciado desprezo se viam tratados os membros portugueses, que raramente compareciam no tribunal, decidindo de todas as causas a corrupção e o patronato. Igualmente se queixavam de que a parte escrita dos processos o havia de ser em holandês, disposição que, por mais política que pudesse ser nas suas conseqüências remotas, ocasionava muitos inconvenientes imediatos, tornando-se dobradamente mordente por ser ao mesmo tempo um penhor de sujeição e um imposto pesado.

Carecia o governo de farinha para as suas tropas em S. Jorge, Angola e S. Tomé, e fixando um máximo em Pernambuco, ali a comprou. Seguiu-se como era natural a escassez, e por conseguinte ordenou-se que cada morador plantasse uma certa porção de mandioca nas estações regulares, setembro e janeiro, na proporção do número dos seus escravos. Representaram os pernambucanos que não era este o seu sistema nem todas as terras serviam para mandioca, havendo lavradores que não cultivavam outra coisa, com que supriam os plantadores de cana e os senhores de engenho, a quem não faltava o que fazer na sua própria labutação. Debalde porém representaram e tiveram de obedecer ao edito, ou

sofrer as multas que os inspetores lhes impusessem. Também se lhes ordenou que conservassem em bom estado as estradas nas testadas de suas casas e terras, para que não pusessem os maus caminhos tropeços aos inspetores, e em cada casa devia haver uma medida de meio alqueire. Não havia apelação destes inspetores, que praticavam por conseguinte as exações mais insolentes. O meio mais barato era oferecer desde o princípio algum bom presente, aliás nunca faltavam pretextos para as mais arbitrárias multas. Uns eram multados por plantarem de mandioca maior área do que determinava a lei, outros, que viviam do seu trabalho diário, nem compravam ou vendiam jamais farinha, recebendo-a em troca dos seus serviços – por não terem medida em casa. Mesmo no governo de Nassau se faziam estas exações, não sendo possível que ele tudo visse por seus próprios olhos, nem faltando quem, interessado na continuação destes abusos, obstasse a que lhe chegasse aos ouvidos as queixas, ou impedisse as reparações que ele ordenava.

Valeroso Lucideno, **149-53**

A popularidade de Nassau prejudica os seus sucessores

Enquanto governador procurava Nassau por todos os meios ao seu alcance reprimir os excessos dos holandeses, e conciliar o povo conquistado. Em verdade tanto os portugueses o olhavam como seu protetor, que Fr. Manuel o chama o S. Antônio deles. Também nele respeitavam o elevado nascimento, as qualidades pessoais, e a magnificência de príncipe que tanto contrastava com esse espírito sabidamente avaro de dinheiro que, na opinião deles, caracterizava a nação holandesa.[2] Por muito que odiassem a casa de Orange pelos seus triunfos, defendendo a causa da rebelião e da heresia, não deixava a sua reconhecida nobreza de exercer considerável influência; e ao resignar um príncipe desta casa a sua autoridade nas mãos dum Bullestraet, dum Vander Burgh e dos outros membros do Conselho, tornaram-se estes homens objeto tanto de disfarçado desprezo como de ódio. Os seus próprios nomes pareciam aos portugueses trair a baixeza da origem,[3] e as mesmas exações que no governo de Nassau se reputavam efeitos da rapacidade do conquistador, eram mais odiosas sob a administração destes homens, agora que se consideravam filhas da avareza duma raça de traficantes. Nem o proceder dos novos governadores era próprio para desvanecer tais prejuízos. Se por um lado não gozavam entre os soldados dessa autoridade pessoal, por meio da qual e do seu poder os

continha em respeito o conde Maurício, por outro nem possuíam a sua generosidade, nem os seus talentos.

Cast. Lus., **5, § 28**

Uma das primeiras medidas do novo governo foi mandar deputados à Bahia sobre pretexto de cumprimentarem Antônio Teles pela sua chegada; deviam representar-lhe que muitos portugueses que se haviam submetido ao governo holandês, e contraído grandes dívidas nas províncias conquistadas, fugiram para a Bahia, evitando assim o pagamento, práticas que se lhe pedia pusesse cobro, quer metendo na cadeia estes fugitivos, quer dando sobre eles ao Grão-Conselho informações que habilitassem os credores a tomar medidas para reaverem o que era seu. Também deviam pedir-lhe que em lugar de acolher os desertores holandeses, embarcando-os para Portugal, de futuro os apreendesse, recambiando-os para o Recife. Tais eram os fins ostensivos da embaixada, cujo objeto real era averiguar a força dos portugueses na Bahia e nas capitanias do Sul, que navios esperavam de Portugal, o estado de seu comércio de escravos e de suas relações com Buenos Aires, e especialmente descobrir quais as pessoas que de S. Salvador instigavam os pernambucanos à revolta, pois que as havia se acreditava firmemente.

Deputação holandesa à Bahia

Quanto à parte pública da sua missão pouco conseguiram os deputados. O governador francamente lhes declarou que em seu poder não estava anuir ao que pretendiam, prometeu-lhes porém que comunicaria ao governo holandês os nomes dos fugitivos que se acolhessem à Bahia, e aos protestos de paz e amizade correspondeu com outros igualmente lisonjeiros e pouco sinceros. Nas suas pesquisas secretas foram mais felizes os emissários, exceto quanto ao tópico que mais lhes importava. Souberam que o número das tropas estacionadas em S. Salvador e fortes adjacentes orçava por 2.500; que cerca de 150 praças mais estavam aquarteladas nas capitanias dos Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo; e que as duas companhias de índios e negros, de obra de 150 homens cada uma, comandadas por Camarão e Henrique Dias, estavam divididas pelas guarnições do norte ao longo da fronteira holandesa, por ser gente desesperada, que não era prudente ter perto da capital. A força naval nada era, reduzindo-se a um par de xavecos impróprios para a peleja. Adotara-se um sistema novo de mandar de Portugal navios de guerra que, reunidos na Bahia todos os mercantes, os

comboiassem para o reino, e ordenara-se aos brasileiros que, em lugar de empregar caravelas e embarcações ligeiras, construíssem para o futuro navios fortes capazes de melhor se defenderem contra qualquer inimigo. Daqui concluíram os deputados, que a perda de tempo à espera de comboio, e as outras despesas adicionais, aumentariam o preço dos produtos importados pelos portugueses na Europa a ponto de poder a Holanda facilmente vendê-los mais baratos. O tráfico de negros pareceu-lhes que não poderia ser considerável, porque nunca dele ouviram falar, mas também não podia haver falta de escravos na Bahia, pois que um bom custava trezentos florins pouco mais ou menos. Com Buenos Aires nenhumas relações existiam; tê-las-iam os portugueses da Bahia de bom grado continuado a cultivar depois da revolução, mas tendo sido tratados como inimigos as que lá foram, haviam elas cessado inteiramente. Era opinião geral que seria isto a ruína de Buenos Aires, cuja prosperidade dependia do seu comércio com o Brasil, nem era de esperar que a prata do Peru continuasse a ser embarcada num porto, donde corria o risco de passar ao correr duma costa inimiga. A respeito de correspondências com os portugueses desafetos residentes nos domínios da Companhia, nada puderam tirar a limpo os holandeses, mas ao tempo mesmo da partida descobriram uma circunstância que bem os poderia fazer desconfiar dos desígnios do governador. Ao entrarem na baía tinham visto sair dois navios armados, que se diziam com destino a Portugal; não puderam porém saber para que porto, e isto junto a outros sinais suspeitos, fê-los desconfiar que o fim seria outro. Afinal soube-se por informações secretas que estes navios não iam para Portugal, mas sim para Angola, com reforços para o povo de Maçangano, que os pedira contra os negros, devendo as tropas entrar naquele lugar às ocultas, sem cometerem hostilidades contra os holandeses; mas exatamente quando regressavam descobriram os deputados, que imediatamente depois da sua chegada todos os holandeses e alemães residentes em S. Salvador tinham sido metidos a bordo de navios portugueses e ali retidos para que não tivessem comunicação com os seus agentes.

Nieuhoff, 37-40

Oferece Hoogstraten os seus serviços aos portugueses

Não deixa de ser provável que, se fora lealmente servido, poderia o Conselho ter obtido informações mais exatas, mas um dos emissários o

atraiçoava. Este homem, cujo nome era Dirk[4] von Hoogstraten, e que comandava o forte de Nazaré, ofereceu ao governador os seus serviços. Era católico, dizia, e aborrecia os hereges, a quem a necessidade até então o ligara; mas que se o rei de Portugal quisesse tentar a restauração de Pernambuco, podia e queria ele facilitar a empresa. Era Antônio Teles mui fino estadista para que houvesse de dar crédito de repente a protestos que bem podiam ser fingidos para tirar informações, na falta de outros meios. Agradeceu pois a Hoogstraten os seus oferecimentos, asseverando-lhe que el-rei seu amo nenhum outro desejo tinha por então além do de guardar fielmente as tréguas e continuar a viver em boa amizade com os estados, mas acrescentou que se alguma coisa ocorresse, que viesse perturbar esta boa inteligência, não deixaria de fazer-lho saber para aproveitar-se dos seus bons serviços.

Castrioto Lusit. **5, § 53**

Medidas contra os padres e religiosas

O que estes deputados referiram só serviu para tornar os pernambucanos mais suspeitos ao governo holandês. Sempre este desconfiara deles, o que o levou a tomar medidas de rigor, que nos oprimidos provocaram novo descontentamento e mais ativo ódio. Sabia-se que eles haviam escrito a D. João IV, manifestando-lhe o seu pesar de não poderem como as outras províncias provar-lhe a sua lealdade, e queixando-se de nenhuma cláusula se ter inserido no tratado de tréguas, que lhes assegurasse a sua liberdade religiosa. O mesmo Nassau declarara que semelhante apelo para proteção estranha merecia castigo, mas a eles parecia-lhes lícito solicitar a mediação do seu governo natural para remoção de restrições que lhes afetavam não só os sentimentos, mas até os princípios da sua crença religiosa. Todos os fundos até então destinados para fins religiosos declarou o novo governo que lhe ficavam pertencendo para serem aplicados à manutenção de escolas, igrejas e hospitais. Os padres seriam presos, se entrassem nas províncias conquistadas sem salvo-conduto, e os que nelas quisessem residir haviam de prestar o juramento de fidelidade, nem receber as ordens sacras do bispo da Bahia. Aos portugueses proibiu-se reconhecer a autoridade de qualquer padre ou prelado que entre eles não residisse, receber-lhe o sufragâneo, ou mandar-lhe dinheiro para seu uso.

Irritou-os também uma medida de severidade, que bem havia sido provocada. Pouco antes de chegarem as notícias da aclamação, descobrira-se que alguns dos religiosos que serviam de confessores aos holandeses católicos e aos franceses que militavam debaixo da bandeira da Holanda, haviam recusado a estes a absolvição enquanto fizessem injusta guerra aos cristãos, como chamavam os portugueses para distingui-los dos hereges reformados. Coisa era esta impossível de tolerar-se. Receberam pois os membros de todas as ordens monásticas ordem de evacuar dentro dum mês os domínios holandeses no continente, reunindo-se na Ilha de Itamaracá, donde seriam transportados para as colônias espanholas. A medida, que era de necessidade, foi executada com brutal crueldade, como o soem ser deportações semelhantes. Os holandeses tiraram os hábitos aos frades e em camisa e ceroulas os lançaram na praia tão longe do povoado que a maior parte pereceu.

Levantamento de João Fernandes Vieira

Entre os portugueses que se haviam submetido aos holandeses, contava-se esse João Fernandes Vieira, que depois de perdida Olinda tão valentemente se assinalara na defesa do forte de S. Jorge. Nascera no Funchal,[5] na Ilha de Madeira, e era filho de boa família, fugindo aos pais ainda mui jovem para no Brasil buscar fortuna. Chegado a Pernambuco deu-se por feliz com achar um mercador que pela comida o tomou ao seu serviço. Envergonhou-se porém tal abatimento numa cidade, onde andava sempre exposto a ser reconhecido pelos seus conterrâneos, e deixando por isto o Recife, passou ao serviço de outro mercador, que, experimentando-lhe primeiro a sua habilidade e princípios, confiou-lhe depois negócios da maior importância, habilitando-o afinal a comerciar por própria conta. Na tomada do acampamento do Bom Jesus foi ele feito prisioneiro, sendo uma das pessoas a quem os conquistadores por um ato infame de crueldade e injustiça obrigaram a pagar resgate pela vida. Vendo depois que eram sem esperança as coisas nestas capitanias, segundo o modo por que se fazia a guerra, deixou-se ir com os tempos, aguardando melhor ensejo, e sempre pronto a tirar partido de toda a boa ocasião que se oferecesse. No decurso da dez anos tornou-se um dos homens mais ricos do país, sendo suas riquezas olhadas como um penhor da sua fidelidade, e valendo-lhe a uniforme prudência do seu proceder, a lisura de suas ações, a sua

Tomo II, cap. XIII

generosidade de príncipe, e suas maneiras insinuantes, a confiança dos holandeses a par do respeito e amor dos portugueses. Uns dos membros do Grão-Conselho, com quem ele vivia em intimidade, deixou-o, ao voltar para a Holanda, por seu único agente, dando-lhe um documento, pelo qual, como por disposição de última vontade, ordenava aos seus herdeiros em caso de falecimento que aceitassem como prova suficiente a palavra deste seu agente, proibindo-lhes intentar jamais processos judiciais contra um homem em quem tão inteiramente confiava. Comprou o mesmo João Fernandes as propriedades do seu constituinte, e tão bem lhe saía quanto empreendia, que chegou a possuir a um só tempo cinco engenhos de açúcar em plena atividade. Casou com D. Maria César, jovem e formosa filha de Francisco Berenguer de Andrada, natural de Madeira, cuja estirpe ia entroncar nos condes de Barcelona. Durante toda esta carreira de próspera fortuna chegara ele a conhecer a fundo a força e a fraqueza dos holandeses, e tendo o coração e a mente fixos em libertar o Brasil das mãos destes hereges, nem a doméstica felicidade nem a prosperidade mundana lhe puderam tirar de diante dos olhos este grande objeto. A par de muitas qualidades boas, e algumas verdadeiramente grandes, era João Fernandes Vieira cegamente votado às superstições romanas, e o seu horror à heresia e o receio dos progressos que ela pudesse fazer entre o povo católico, ainda vieram fortificar-lhe mais a resolução patriótica.

Val. Luc., **p. 159**
Cast. Lus. **5, § 7**

Sua generosidade

Uma anedota característica da sua calculada generosidade mostra também de que modo desígnios de tal magnitude lhe afetavam as maneiras e o humor. Um português, cujo navio havia sido tomado em Angola, foi desembarcado no Recife tendo apenas roupa com que cobrir-se. Depois de solicitada em vão a caridade de Gaspar Dias Ferreira, o judeu mais rico da província, foi ele com o seu triste conto a Fr. Manuel do Salvador, o qual o aconselhou de João Fernandes se valesse. Achou-o o suplicante no ato de montar a cavalo, e recebeu esta resposta: "Estou com o pé no estribo para voltar a minha casa, que é daqui duas léguas, pelo que não tenho tempo de servir-vos; mas se quiserdes dar-vos ao trabalho de ir comigo, nada vos faltará enquanto eu tiver alguma coisa. Se algum dia chegarmos a não ter o que comer, cortarei uma perna, e dela nos manteremos ambos. Mas não podeis ir a pé, vou mandar-vos um cavalo." Foi isto dito com

tal gravidade e com rosto tão severo, que o pobre desvalido, comparando o estranho discurso com a dureza das maneiras, a Fr. Manuel se queixou da sua má sina; a que devia mais uma repulsa. Disse-lhe o frade que raras vezes se deixava João Fernandes ver-se com semblante alegre, mas que na bondade do seu coração podia a gente fiar-se, e efetivamente chegou no correr da tarde um mulato à porta do padre, com um cavalo para o suplicante.[6]

Valeroso Lucideno

Cerca de dezesseis meses antes que Nassau deixasse o Brasil, apresentou-se João Fernandes voluntariamente diante do governador e do Grão-Conselho, dizendo saber de alguns judeus que ele e seu sogro Berenguer eram suspeitados na Holanda de terem por mão de Antônio de Andrada, filho do mesmo Berenguer, mandado a el-rei de Portugal cartas em detrimento do estado. Confessou que pela indicada via se havia efetivamente remetido uma carta, mas declarou que continha ela apenas uma recomendação a favor de seu cunhado, para que obtivesse algum cargo no serviço português; e isto ofereceu-se a prová-lo, mostrando cópia da carta. Examinada esta, viu-se que continha o que ele dizia; João Fernandes então, para mais confirmar o conselho na boa opinião que da sua lealdade formava, aconselhou-o, como medida necessária à segurança do Estado, que desarmasse os portugueses e todos quantos ao serviço deles se achassem. Assim se fez: o conselho tornou-o superior a toda a suspeita e a medida em si nenhum estorvo lhe opôs aos desígnios, sendo fácil prover-se de novas armas, antes que amadurecessem os projetos. Passados seis meses chegou efetivamente num despacho do Conselho dos Dezenove na Holanda a acusação que ele prevera e aparara. Um holandês, outrora ao serviço de João Fernandes e que acompanhara Francisco de Andrada à Europa, testificara que se escrevera uma carta assinada por João Fernandes Berenguer, Bernardino Carvalho, João Bezerra e Luís Brás Bezerra, em que asseguravam a el-rei de Portugal estarem providos de gente, armas e dinheiro, com que restaurar as províncias perdidas, carta, dizia o holandês, que Andrada o portador lhe comunicara em confiança. A acusação parece trazer em si veementes indícios de falsidade; teria sido imperdoável imprudência da parte destes homens darem ao agente um papel, que interceptado devia condená-los, e entregue a salvamento, nada continha que esse mesmo agente com igual autoridade

João Fernandes acusado perante o Conselho

Dez. de 1642

não pudesse verbalmente comunicar, sobre ser absurdo dizerem ao rei que estavam bem providos de gente e de armas, quando da falta duma e doutra coisa era que provinham as dificuldades. Não dava a Companhia grande crédito à acusação e só recomendava ao Conselho que vigiasse de perto os acusados.

Nieuhoff, P. 35

Antes da partida de Nassau nenhum passo que pudesse comprometê-lo dera João Fernandes, mas depois dela vieram oferecer-lhe a oportunidade, que ele aguardava a fraqueza da guarnição, a imprudente segurança do governo, e os crescentes vexames que uma má administração impunha aos portugueses. Até agora encerrados no seu próprio seio lhe haviam jazido os desígnios, sendo a primeira comunicação uma crise terrível; feita essa, já ele não era mais senhor do seu segredo, e jogadas num só dado a vida e a fortuna, ficavam ambos à mercê da lealdade ou discrição alheia. Este risco não podia ele deixar de claramente o ver, e um dia que a consciência do perigo o oprimia com mais do que o costumado peso, recolhido ao seu oratório, derramou o coração em orações ante um crucifixo que estava diante dum painel da Trindade. O fervor com que então se votou à causa da sua pátria, e a fé católica com que implorava o Deus Trino e Encarnado, cujas imagens tinha diante dos olhos, inspiraram-lhe a confiança que implorava. Saiu do oratório num estado de tranqüila resolução, e pôs-se desde essa hora a sondar os numerosos hóspedes que se lhe sentavam à mesa hospitaleira. Desde muito entre si os portugueses se queixavam das intoleráveis opressões que sofriam, e pelo azedume com que se ressentiam da sua atual condição bem viu João Fernandes com que ardor empreenderiam a libertação do seu país.[7]

Principia a dispor os ânimos dos seus conterrâneos

Abre-se com Vidal. Set. de 1644

Por estes tempos veio ao Recife André Vidal de Negreiros com o beneditino Fr. Inácio. Era Vidal entre os portugueses um dos mais valentes, judiciosos e melhores. Nomeado para a capitania do Maranhão vinha visitar seus pais na Paraíba, a fim de, ou levá-los consigo para o seu governo, ou receber antes de ir o que provavelmente seria a última bênção deles. Também o frade tinha em Pernambuco relações que lhe serviram de causa ou pretexto à viagem. A estes dois comunicou João Fernandes o seu intento. Estava Vidal no Recife, preparando-se para se embarcar de volta, quando chegaram dois guerrilheiros portu-

gueses que tinham sido presos perto de Porto Calvo, e dizendo-se que iam ser supliciados, dirigiram-se Vidal e Fr. Manuel do Salvador ao Conselho a interceder por eles. Eram estes homens, alegavam os dois, desertores da Bahia, e o melhor sistema de proceder seria entregá-los a Vidal, que os levaria para S. Salvador, onde seriam punidos como mereciam, e de modo tal que tirasse toda a suspeita de terem eles ou outros que tais como eles obrado com ordem ou conivência do governador. Se isto não conviesse ao Conselho, mandasse os presos para a Holanda, que com uma ou outra coisa se dariam por satisfeitos os portugueses, povo fácil de levar-se às boas, mas que se não deixava governar com rigor. Demais, tinham os delinqüentes em Pernambuco irmãos e parentes, que tratariam de vingar-lhes a morte, se esta se lhes impusesse. Acrescentou Vidal, que, concedendo-lhe o Conselho para isso um salvo-conduto, tocaria ele em Porto Calvo na sua volta, e oferecendo ali aos guerrilheiros perdão dos delitos por que haviam desertado, todos os levaria consigo. Com prazer aceitaram os holandeses a proposta, concedendo passaportes a quantos acompanhassem Vidal por mar, ou, se para isso chegassem tarde, voltassem por terra com o seu alferes, que partiu imediatamente para Porto Calvo a fazer ali constar o convênio. Quanto aos prisioneiros apenas respondeu o Conselho que faria justiça com clemência, mal porém haviam Vidal e frade deixado a sala, expediram-se ordens para enforcar três deles, decepando-se a um as mãos antes da execução, e o quarto escapou, comprando o fiscal por intermédio dum judeu seu parente. Pouca dúvida pode haver de terem estes sujeitos merecido a sua sorte, mas o Conselho agravou um inoportuno ato de severidade, recusando-lhes a assistência dum padre da sua própria crença. Fr. Manuel protestou altamente contra esta quebra das condições com que se haviam os portugueses sujeitado ao governo holandês. Era a pior das tiranias, dizia ele, privá-los das consolações da religião e dos benefícios da confissão; a mais atroz das crueldades matar assim a alma com o corpo. A seu pedido consentiu o Conselho que visitasse ele os presos na cadeia, mas não que os acompanhasse ao lugar do suplício, onde queriam os holandeses que um pregador calvinista desse uma prova de sua habilidade. Este estúpido ato de fanatismo feriu os pernambucanos nos seus mais delicados sentimentos. Também Vidal se teve por pessoalmente ofendido, e esta ofensa veio ainda torná-la mais viva um ato posterior de injustiça

não menos que de crueldade. Aceitaram os guerrilheiros o convite e vieram a Porto Calvo para embarcarem. Adoeceu um, e o alferes ficou para ir com ele por terra, caso se restabelecesse. Mas ao saber que Vidal dera à vela, mandou o Conselho prender esse pobre homem, a despeito das reclamações do oficial, e conduzi-lo ao Recife, onde foi enforcado e esquartejado.

Indignado em extremo jurou Vidal vingança por esta perfídia. Era ele um desses homens superiores a todas as considerações de egoísmo, e títulos, honras e riquezas nada eram a seus olhos quando se tratava de servir a pátria. Tendo visto a miséria dos pernambucanos e o estado dos fortes, nem mais pensou no Maranhão, mas abraçando o plano, que João Fernandes com toda a franqueza lhe revelara, votou-se dalma e coração à execução da empresa.[8] Por intermédio dele dirigira João Fernandes um memorial ao governador-geral. O inimigo, dizia de, estava descuidado, mal reparadas as suas fortificações, podres as suas paliçadas e as suas guarnições fracas; com Nassau eram idos os melhores oficiais, e dos soldados muitos os haviam seguido ao expirarem os termos do seu serviço, pois que estava ceifada a seara da pilhagem. A maior parte dos holandeses que restavam eram mercadores de todas as classes, que tendo usurpado os engenhos e terras dos portugueses, nelas viviam tão à vontade como se estivessem no coração da Holanda. A cidade achava-se principalmente habitada por judeus, originariamente fugidos de Portugal, que ali tinham sinagogas abertas com escândalo da cristandade; pela honra da fé deviam pois os portugueses arriscar vidas e fazenda, e dar umas e outra por bem perdidas no serviço de Cristo, seu Salvador, derrubando semelhante abominação. Não dissimulava ele nem atenuava as dificuldades da empresa, mas lançado estava o dado, todo o conselho viria tarde, e agora o que de pedia era auxílio. Ao governador, a quem estava cometida a preservação do estado, não podiam falecer meios com que valer-lhe: e protestou à face de Deus, que, se donde o esperava lhe não viesse socorro, teria de pedi-lo a estrangeiros. E de fato declaravam alguns portugueses que, se o seu próprio governo natural lhes recusasse auxílio, recorreriam à Espanha, ou se entregariam aos turcos, antes do que sofrer o intolerável jugo da Holanda.[9] Pelo mesmo canal escreveu João Fernandes também a Camarão, que estava então na fronteira de Sergipe, exigindo dele e das suas tropas indígenas essa coope-

ração que os pernambucanos sempre o haviam achado pronto a conceder, e que tanta razão tinham de esperar dele, como de quem nascera na mesma província,[10] e ali tantas vezes se mostrara um dos mais bravos e leais súditos. Da mesma forma escreveu a Henrique Dias, cujos serviços haviam sido galardoados com o título de governador dos negros minas.[11] Conjuntamente enviou um memorial para ser remetido para Portugal, no qual expunha pelo miúdo a el-rei os vexames e ultrajes, que a ele e aos seus co-provincianos obrigavam a tomar armas para sua própria libertação, protestando que nenhuma lei, trégua ou tratado os podia esbulhar de seus naturais e inalienáveis direitos.

1645

Val. Luc., Cast. Lus., **5, § 34**

O que Antônio Teles[12] tinha de fazer ao chegar-lhe este apelo dos patriotas de Pernambuco, acompanhado das animadoras informações que Vidal e o seu companheiro colheram sobre as forças holandesas, e estado das fortalezas, era assaz claro para quem conhecia as disposições da corte portuguesa. Vingasse a insurreição, que não havia receio de ser reprovada; o que lhe cumpria pois era fomentá-la, mas com igual cuidado recusar todo o auxílio manifesto, e olhar por não cometer abertamente quebra alguma das tréguas. Assim o mais secretamente que pôde mandou sessenta homens escolhidos ao comando de Antônio Dias Cardoso para fazerem o que João Fernandes ordenasse; e lembrado de que este não queria inúteis conselhos, só lhe recomendou que pesasse a empresa que cometia antes de encetá-la, e que se fosse tarde para voltar atrás, fosse resolutamente por diante. Compunha-se pela maior parte o destacamento de oficiais experientes, que viajaram cada um por seu lado, ou em partidas pequenas, não vistos ou não suspeitados, e sem armas para não excitarem desconfiança, e, chegados ao lugar aprazado, foram escondidos por João Fernandes, sendo um cria do fiel, por nome Miguel Fernandes, o único que do segredo soube. Principiara o autor da revolta a fazer nas suas diferentes fazendas e nas florestas depósitos de munições, víveres, dinheiro e armas, mas não sendo possível obter destas número suficiente, tiveram quatro daqueles auxiliares de voltar à Bahia a solicitar suprimento. Ia a carta que levavam tão enigmaticamente escrita, que, inteligível

Vai Cardoso a Pernambuco

Dez. de 1644

Declara João Fernandes as suas intenções

para a pessoa a quem se dirigia, não poderia causar reparo aos inimigos, se nas mãos deles caísse.

Como homens que odiavam os holandeses e só na guerra se achavam no seu elemento próprio, receberam Camarão e Henrique Dias o convite para tomar armas. O primeiro agradeceu a João Fernandes a querer dar-lhe parte na gloriosa empresa que meditava, o segundo disse que folgava com esta ocasião de pagar de alguma sorte os bons ofícios que de suas mãos recebera, e fez voto de não tornar a trazer a cruz da ordem de Cristo, que lhe fora conferida, antes de restaurado Pernambuco; ambos prometeram pôr-se imediatamente em marcha. Tanto haviam com isto tudo aumentado as probabilidades de ser descoberto, que João Fernandes resolveu de acordo com Cardoso, comunicar os seus desígnios aos amigos e parentes e convidando-os todos para um banquete, declarou-lhes ao terminar a festa o fim para que os reunira.[13] Estava ele resolvido, disse, a libertar Pernambuco, ou perecer na empresa. Havia muitos anos que ele para isto se preparava. O governador da Bahia, conhecendo e aprovando o intento, mandara-lhe sessenta homens, quase todos oficiais experimentados, debaixo de um valente e distinto chefe. Camarão e Henrique Dias já vinham em marcha a reunir-se a ele. Aí estava o exemplo do Maranhão para inspirar o ânimo a todos, e para aguilhoá-los à empresa bastavam os múltiplos males que sofriam. Para desviá-los que havia? O medo de perder os bens? Ai! amarga experiência provara que para segurá-los outros meios não tinham além dos seus braços. Seria o amor de esposas e filhas? Antes vê-las mortas, enquanto a pureza da sua fé estava imaculada, do que vivendo na contagiosa sociedade dos hereges. Seria o temor da morte? Antes morrer, vindicando a liberdade da pátria, do que continuar a existir nessa mesma pátria, povo conquistado, oprimido, menoscabado, insultado.

Cast. Lus. **5, § 30, 40**

Encontro com Cardoso

Vários efeitos produziu esta arenga sobre os vários ouvintes: aqueles cuja fortuna estava mais do que comprometida acolheram-na com alegria, os jovens e empreendedores com ardor generoso, os anciões patriotas com tranqüila e religiosa aprovação. Alguns porém houve que a escutaram com dissimulado terror, resolvendo prover à própria segurança com imediata delação ao governo holandês. Todos porém pediram que os deixassem ver Cardoso. Ajus-

tou-se para o dia seguinte segunda reunião em outra fazenda pertencente a João Fernandes, e para ali se dirigiram todos separadamente e por diferentes caminhos. Confirmou-lhes Cardoso o que já tinham ouvido a respeito da aprovação e apoio do governador da Bahia, e marcha de Camarão e Henrique Dias com suas tropas. Então toda a assembléia a uma só voz aclamou João Fernandes seu general e governador durante a insurreição. Aqueles a quem para a empresa faltava o necessário valor, tiveram de ceder momentaneamente, fazendo coro com os demais. Mas tão bem tomaram suas medidas, e tão sagazmente souberam difundir os seus próprios receios, que ainda não eram passados três dias, veio todo o rancho ter com João Fernandes uns com verdadeiro, outros com simulado interesse dizer-lhe que já o Grão-Conselho tivera notícia da reunião, e possuía uma lista de todos os nomes. Impossível lhes era saber quais fossem os delatores, mas que eles se achavam presentes era manifesto. Dissimulando-o porém, fingiu reputar infundado o receio dos conjurados, dizendo que quaisquer que fossem as suspeitas que pudesse haver concebido o Conselho, quer simplesmente se desconfiasse do desígnio, quer tivesse havido algum traidor, ele se encarregava de removê-las. Era bem sabido em quanta estima o tinha o governo holandês, e para com os magistrados mais pesava a sua mentira, que a verdade de muitos. Com inteira tranqüilidade e intrepidez a conspiração bem sabiam que não era vã bravata; vendo-se pois em risco de serem tratados como impostores pelos holandeses, e pelos portugueses como traidores, propuseram como meio de se desenredarem tratar com o Conselho de modo tal que com prazer concederia o governo a Cardoso e sua gente passaportes para voltar à Bahia. Respondeu Fernandes que ocioso era falar num plano a que como soldado e homem honrado jamais anuiria Cardoso. E deixando-os nisto, correu a dar com Cardoso, referindo-lhe o ocorrido, e quais os que suspeitava traidores, para que deles se guardasse.

Cast. Lus., **5, § 41-6.**

Veio a tempo a advertência. Sobre ela meditava Cardoso no seu esconderijo, quando chegou um dos traidores a dizer-lhe que sabendo já os holandeses da sua presença, iam sair tropas do Recife com ordem de bater as selvas até que o encontrassem. Era impossível escapar, dizia o homem, e assim o melhor seria para segurança tanto deles como dos patriotas confederados obter-lhe um passaporte, que o livraria a ele

do perigo, e ao Conselho do receio. Cardoso respondeu que condições semelhantes bem podiam ser aceitas por um bando de traidores, mas ele tinha uma espada com que impor as que lhes conviessem, e se o prendessem seria isso a morte dos que o atraiçoavam, pois ficassem certos que sem ser preciso dar-lhe tratos, havia de declarar logo os seus nomes, e que a convite deles viera a Pernambuco, não sabendo João Fernandes sequer da sua vinda. Provocado pelo tom e modo desta resposta, aventurou-se o pernambucano a ameaçar a seu turno, mas largou a fugir ao ver Cardoso arrancar da espada. Conferenciou este agora com João Fernandes, e concordaram ambos em que o primeiro dirigiria ao segundo uma carta, que em caso de necessidade pudesse ser apresentada ao Conselho, para desculpá-lo a ele e criminar os reveladores da conspiração. Dizia a carta que fora Cardoso atraído a Pernambuco a repetidas instâncias dos moradores portugueses, confiando nos seus juramentos e protestos assinados de seus próprios punhos de acharem-se coligados para sacudir o jugo dos holandeses. Iludido por estas promessas, chegara ele ao lugar aprazado, depois de ter padecido na marcha o que Deus e a sua gente sabiam, mas apenas chegara, logo se vira traído. Isto, porém, já ele até certo ponto o receava, vendo a ansiedade com que buscavam os conspiradores ocultar de João Fernandes os seus atos. Haviam-no estes estorvado de apresentar os seus respeitos a uma pessoa tão distinta entre os seus conterrâneos, como aliás teria feito por cortesia e simpatia; nem agora o faria, com receio de levantar qualquer dúvida sobre a sua lealdade ao governo holandês, que tanto o pregava por sua exemplar fidelidade. Acrescentou Cardoso que escrevia esta carta como única prova de respeito que podia dar a João Fernandes, informando-o de que voltava à Bahia antes que aqueles mesmos que o tinham tentado a vir a Pernambuco, o entregassem ao Conselho. Para defendê-lo deste perigo, tinha ele uma espada, mas se essa lhe falhasse proclamaria alto os nomes dos traidores e recorreria na sua desgraça ao favor de João Fernandes.

Aprontado este bem imaginado papel, retirou-se Cardoso para outra parte dos bosques, guiado por um servo fiel do seu confederado político. Entretanto mandou João Fernandes chamar as pessoas a quem comunicara os seus desígnios, e dando-lhes a ler a carta, perguntou que razão teria Cardoso para retirar-se tão precipitadamente, sem outra despedida além daquela que viam? Aconselhou aos que fossem culpados que se

acautelassem das conseqüências, pois que bem sabiam que, tendo ele mais habilidade e espírito que gastar numa hora do que os outros em toda a sua vida, também uma palavra dele valeria mais para com os holandeses do que todos os juramentos dos seus delatores. Quanto à carta ia guardá-la preciosamente, como documento para apresentar ao Conselho.

Embaraço do Conselho

Era Fernandes um conspirador por demais sutil para os holandeses, e tão bem tinha sabido esconder Cardoso e a sua gente nos matagais, que baldadas foram todas as pesquisas. Não se achava agora pouco embaraçado o Grão-Conselho. Tinha-se-lhe dito que desde a partida de Nassau meditavam os portugueses uma revolta em conseqüência das agravadas extorsões e vexames de que se viam vítimas; que a visita de Vidal a Pernambuco tivera por fim averiguar o verdadeiro estado das coisas, que os portugueses contavam até com os próprios negros da Companhia, por serem católicos, e que João Fernandes e seu sogro Berenguer eram os cabeças da conspiração. Diferentes outros haviam sido nomeados, mas nos seus despachos à Companhia queixava, de ele não poder obter novas suficientes para metê-los na cadeia, nem atrever-se a dar buscas e desarmar os portugueses, com receio de provocar uma insurreição imediata, contra a qual não sobravam meios de defesa, pois que, achando-se pouco seguros os armazéns e depósitos, e sendo impossível tirar das guarnições força bastante com que proteger os distritos rurais, cairiam às mãos dos insurgentes todos os que morassem a alguma distância dos fortes. Nestas circunstâncias pedia o Conselho instantemente imediatos reforços, até cuja chegada o mais que poderia fazer seria precaver-se quanto possível contar o perigo, e continuar a vigiar com o maior cuidado.

Promete o governador ajudar J. Fernandes

Entretanto tinham chegado a S. Salvador os mensageiros de Cardoso, e o governador, empregando como de costume a mais cautelosa linguagem, prometeu contudo aos pernambucanos todo o auxílio que pudesse dar-lhes, se continuassem os holandeses a oprimi-los, e em secreto facilitou a ida de mais voluntários. Uns quarenta aventureiros se ofereceram para esta arriscada empresa, e chegando todos a salvamento, foram postos às ordens de Cardoso e aquartelados nas florestas. Por este tempo se espalhou que os tapuias iam ser açulados contra o povo da Paraíba, e que o Grão-Conselho resolvera mandar matar nas suas conquistas todos os

portugueses varões de quinze a trinta e cinco anos de idade. O primeiro boato não era incrível, pois que entre aqueles selvagens estava estacionado como agente dos holandeses um alemão por nome Jacob Rabbi, que se casara com a filha de um dos seus caciques, e acomodando-se com pouca dificuldade ao gênero de vida e com nenhuma à ferocidade destes selvagens, era de recear que se tornasse cruel inimigo ao principiar a guerra. O segundo projeto era sem dúvida uma imputação caluniosa. Capazes eram os holandeses de tal crime, que já o haviam eles assim praticado na Batávia; mas desta vez sabemos pelos despachos do Grão-Conselho que não se atrevia ele a desarmar os portugueses, embora conhecesse o próprio perigo, muito menos arriscaria uma matança geral.[14] Era impossível que João Fernandes desse crédito a semelhante boato, antes era provavelmente uma falsidade da sua própria lavra, pois que a fazia circular como fato averiguado, de que obtivera notícia certa, dando pressa aos seus associados que se aprontassem, para aparar o golpe que se lhes destinava. Era que se tinha ele agora adiantado tanto que já não podia escapar de ser descoberto, pelo que lhe importava não perder tempo. Camarão e Henrique Dias eram esperados a toda hora, e obrando com a autoridade de general[15], que lhe fora conferida na primeira assembléia, nomeou capitães para todos os distritos, passou-lhes as patentes pela forma costumada, e deu-lhes instruções.

Cast. Lus., **5, § 54-5**

Preparativos de J. Fernandes

Desde muito acumulava João Fernandes materiais para esta empresa. Presidente de muitas irmandades religiosas, ousara ele comprar publicamente considerável quantidade de pólvora sobre pretexto de ser para fogos de artifício nos dias das festas dos diferentes santos, e pelo sertão recebera da Bahia outra porção. Tudo isto estava cuidadosamente escondido nos bosques, onde ele de igual maneira fizera depósito de frutas, grão, peixe e carne tão salgada como defumada, vinho, azeite, vinagre, sal e espíritos destilados nos seus próprios engenhos. Eram estas coisas levadas para as matas nas carretas em que se ia buscar pau-brasil. Também mandara a maior parte de seus numerosos rebanhos para currais no sertão, alegando que na várzea perto do Recife lhe roubavam os negros o gado, sobre morrer muito por pastar uma certa erva chamada fava. Com tais pretextos e por semelhantes modos havia ele reunido munições de boca e de fogo para a premeditada guerra.

Val. Luc., **p. 160**

Projeta J. Fernandes uma matança dos principais holandeses

Uma das principais pessoas a quem se comunicara o plano, fora um homem de considerável influência, Antônio Cavalcanti por nome. Abraçou este calorosamente o projeto, mas ao aproximar-se o tempo de obrar, engradecendo-lhe o próprio medo, as dificuldades e perigos, principiou a vacilar e a encolher-se. Tinha ele um filho e uma filha ambos casadoiros, e para segurá-lo propôs-lhe João Fernandes casá-los com um irmão e irmã de sua mulher, prometendo estabelecê-los ambos em dois dos seus engenhos, dando-lhe por quatro anos todo o produto, e exigindo apenas um terço como renda por deixar-lhes depois ainda por outro igual período. Foi com prazer aceita a proposta, mas mal pensavam os noivos cujo enlace assim se contratava, quais os preparativos que lhes faziam para as bodas. Estava visto que haviam de ser convidados os amigos de ambas as famílias, e como era João Fernandes que fazia a festa, esperava-se que por consideração para com ele aceitassem o convite todos os principais oficiais da Companhia tanto civis como militares. Era sua intenção porém atestar bem de vinho estes hóspedes, e depois com um bando de conspiradores cair sobre eles e matá-los, enquanto outra partida, entrando no Recife, se apossaria da cidade, antes que pudessem os holandeses, privados de seus chefes, tornar a si da consternação em que tão inesperado acometimento os lançaria. Resolvido este ato de atroz aleivosia, comunicou João Fernandes o seu intento aos homens da várzea, ordenando-lhes que desenterrassem as armas que tinham ocultas, e obtidas as mais que pudessem, se aprontassem para a obra. Ao ouvirem-no não puderam eles reprimir o alvoroço, com que gritavam a uma voz "Viva el-rei D. João IV, nosso senhor! Viva a fé católica romana que professamos! Viva! Viva João Fernandes Vieira!" Quanto ao projeto em si nunca com demasiada severidade poderemos condená-lo, mas julgado o que o concebeu e os que assim o aprovavam, devemos recordar que pouco mais de meio século era passado desde que a suprema sede da sua igreja cunhara uma medalha em honra da carniçaria da noite de S. Bartolomeu.

Denúncia dada ao Conselho

No ardor das suas esperanças principiaram os homens da várzea a procurar armas com uma ansiedade que não podia passar desapercebida. Soube disto o Conselho, mas ainda as suas informações eram incompletas apesar de tudo quanto aqueles

portugueses mais timoratos do que traidores haviam dito para intimidar João Fernandes e Cardoso, e nem sabendo de quem apoderar-se, nem atrevendo-se a tomar uma medida geral de prisões preventivas, afetou tomar por boato vago o que ouvia. Mas os judeus tornaram-se clamorosos nas suas manifestações de inquietação, que tinham eles mais que perder do que os holandeses, certos como estavam de serem trucidados sem clemência durante a insurreição, ou assados sem misericórdia se ela vingasse; e assim não deixavam o Conselho com advertência e denúncias. A mais explícita informação veio-lhes porém de algum português na forma de uma carta assinada a V*erdade*, e na qual se aconselhava a prisão de João Fernandes Vieira, como cabeça e primeiro motor na conspiração, de alguns dos seus criados, do sogro Berenguer e de Antônio Cavalcanti, que feito isto tudo sairia à luz. Aconselhava mais o autor da carta que se chamassem ao Recife todos os fazendeiros do território circunvizinho sob garantia de que não seriam molestados pelas suas dívidas, e que uma vez lá, os retivessem com o pretexto de não os deixar exporem-se à violência dos rebeldes nos campos, tomando-se igual medida na Paraíba e em Porto Calvo, onde não aproveitaria menos ao governo e a muitos particulares. Conjuramo-vos, dizia a carta, que veleis por esta pobre nação para que não se veja forçada a fazer contra vós causa comum com os rebeldes. A insurreição, acrescentava ela, devia rebentar em Whitsuntide. Declarava também que três eram as pessoas que davam esta informação; que em tempo oportuno não hesitariam elas em revelar os seus nomes, e que haviam de continuar a ir comunicando o que soubessem, promessa que parecia repetir-se nas palavras *Plus ultra* postas debaixo da assinatura.

Nieuhoff, p. 43

Procura o Conselho apanhar J. Fernandes

Informações tão positivas ministradas por homens que mal procuravam esconder-se, pois que fora portador da carta um mensageiro, por meio do qual fácil era seguir-lhe a pista, convenceram o Conselho tanto da certeza como da iminência do perigo; pelo que se pôs a deliberar por que modo colheria à mão João Fernandes. Lichthart e Hans propuseram convidá-lo para uma pescaria e depois apoderar-se dele mas ou se não tentou a coisa, ou o astuto conspirador se não deixou engodar. Excogitou então o Conselho outro plano. Tinha João Fernandes muitos negócios com a Companhia, e havia algum tempo que diligenciava fazer com

ela novo contrato; resolveu-se pois mandar chamá-lo à cidade com os seus dois fiadores Berenguer e Bernardino Carvalho, sobre pretexto de fechar o trato e assinar os papéis. Mas João Fernandes tinha na cidade três pessoas que lhe estavam vendidas, e que de quanto se passava no Conselho o inteiravam; e havia muito já que ele andava de sobreaviso. De dia, quando ele estava em casa, como de costume, velavam sentinelas de todos os lados, e afetando-se tão acessível como sempre e unicamente entretido com suas ocupações ordinárias, evitava ver quem lhe não convinha. Igualmente preparados para a resistência ou para a fuga trazia os criados, e à volta da casa tinha perto de cem negros armados de dardos, arcos e setas. Também mandara fazer uma porta falsa, por onde escapar em caso de emergência, tinha sempre selado o cavalo, e todas as noites ia dormir à floresta, acompanhado do seu secretário Diogo da Silva, mancebo da Madeira, e de Luís da Costa de Sepúlveda, que em todos os seus trabalhos tomava parte. Quando chegou o mensageiro do Conselho, recebeu-o ele, e mostrou o maior empenho em concluir o contrato, acrescentando que negócios urgentes o impediam de ir pessoalmente no dia seguinte, que era o marcado, mas que mandaria o seu agente com poderes bastantes. Insistiu o holandês em que era indispensável a presença da própria parte, instando com uma impaciência que teria feito suspeitar o desígnio, se aquele, a quem se dirigia, não estivesse já assaz precavido, e ainda mais se atraiçoou o homem oferecendo proteção em nome do Conselho. A resposta de João Fernandes foi que bem sabia os inimigos que tinha no Recife, e que planos contra ele se forjavam, o que quanto a proteção em nenhuma confiava tanto como na da sua casa. Não eram chegados ainda Camarão e Henrique Dias. Achava-se este último, ao receber o convite de vir a Pernambuco, empenhado em uma expedição contra um mocambo, ou aldeia de negros fugidos, no sertão, o que lhe retardara a marcha, que o tempo ainda viera depois impedir-lhe, sobrevindo a estação chuvosa com uma inclemência de que não havia memória entre as pessoas mais velhas no Brasil. O Conselho sabia que eram esperadas estas tropas, mas tendo encarregado o seu comandante em Sergipe de dar-lhe conta dos movimentos que por ali se fizessem, recebeu em resposta que Camarão fora passar a Páscoa na Bahia, e que a sua gente se empregava em cultivar a terra.

Val. Luc., **p. 172.**
Cast. Lus., **5, § 50-6**

Movimentos de Camarão e Dias

Concorreu esta informação para confirmá-lo por algum tempo nessa seguridade, a que de tão boa mente se entregava. Mas o proceder do cacique carijó, quer fosse acidental quer calculado, iludira os holandeses, que por mais vezes que se lhes dissesse que nas matas havia tropas da Bahia, jamais lograram com todas as suas pesquisas descobrir-lhes o esconderijo, tão bem as ocultara João Fernandes. Afinal chegaram, porém, notícias, que despertaram no Conselho toda a consciência do perigo; de S. Francisco o informaram que Camarão e Henrique Dias tinham atravessado o rio, e das Alagoas que alguns homens destas partidas se haviam aventurado a entrar nas casas em busca de víveres; que tinham sido vistos e falados, e que o comandante holandês, indo em pessoa saber-lhes do intento lhes descobrira a pista da marcha muito pelo sertão adentro, sinal infalível de intenções hostis.

Recolhe-se J. Fernandes às matas

Enquanto estas tropas viam pela chuva retardada a sua marcha, não podia João Fernandes mais aguardar-lhes com segurança a chegada. Já não havia que duvidar de que intentavam os holandeses apoderar-se da sua pessoa, e agora que falhara o artifício, se empregaria a força. Mandou por conseguinte a mulher, que se achava em estado de gravidez muito adiantada, para casa de um parente dela, e retirou-se para as matas, jamais se aventurando a aparecer em qualquer das suas terras, nem a dormir duas vezes seguidas no mesmo sítio. Acompanhava-o sempre Berenguer com um punhado dos mais resolutos patriotas e uma porção dos seus próprios escravos, cujo dedicado afeto mostra ele ter sido bom senhor.

Não tardou muito que ele recebesse notícia certa de terem Camarão e Dias atravessado o S. Francisco, e logo mandou a carta, que trazia, ao vigário da Várzea Francisco da Costa Falcão, cabeça do clero ali, e um dos principais autores da conspiração, recomendando-lhe que a comunicasse aos portugueses da sua freguesia convidando-os a pronunciarem-se de uma vez, unânime foi a resposta: todos eram verdadeiros e leais portugueses, prontos a servir o seu rei e a sua pátria com vidas e fazenda.

7 de jun. 1645

Nenhum ato declarado de insurreição tivera lugar ainda. Ignorando que João Fernandes saíra de casa, esperavam os holandeses surpreendê-lo nela na noite de Santo Antônio, santo que os portugueses têm por seu patrono, e pelo mais

Milagres da Capela de S. Antônio

ilustre de todos os seus conterrâneos canonizados, celebrando-lhe a festa com particular devoção. Expediram-se ordens para prender os chefes da conspiração à mesma hora pelas capitanias holandesas. Na véspera de Santo Antônio pois, exatamente ao fechar da noite, saiu do Recife uma porção considerável de tropa, em troços de vinte e trinta, tomando estradas diversas, mas todos com ordem de cercar a casa e engenho de João Fernandes. Ali se reuniram, romperam para dentro, e acharam o lugar deserto; todas as habitações estavam da mesma sorte abandonadas, que contando já com isto os portugueses, estavam escondidos pelos canaviais e florestas. Milagres se tinham feito para animá-los a abandonar assim as suas casas. Tinha João Fernandes uma capela dedicada a Santo Antônio, e cerca de um mês antes do dia do santo, achou a pessoa que a tinha a seu cuidado, abertas de manhã as portas, que fechara bem à noite, levando consigo as chaves. Nada havia sido furtado, nem se encontravam sinais de ter ali alguém entrado. Repetiu-se na segunda e terceira noite o mesmo prodígio, e o sacristão agora plenamente convencido de andar aqui intervenção sobrenatural, foi referir o caso a vários padres, que afetaram ver nisto uma peça pregada pelos vizinhos. Passou o bom homem toda a noite à vela para averiguar a causa: ninguém apareceu, e de manhã estavam as portas abertas. Deu-se agora a João Fernandes conhecimento do milagre noturno que se operava na sua capela, e admitindo-se ainda a possibilidade de haver quem possuísse uma chave falsa, fecharam-se as portas na presença de muitas pessoas, e ele selou a fechadura com o seu próprio sinete. De manhã acharam-se como de costume as portas abertas e o selo intacto. Fácil como tudo isto era de fazer-se, passou por milagroso. Daqui inferiram alguns que o santo os convidara a sair a campo, patentear os seus desígnios e começar e sem mais demora a boa obra; outros, descobrindo no portento alegoria mais determinada, queriam que com este sinal estivesse o patrono manifestando a sua intenção de proteger os portugueses leais, e como que mostrando que sempre o encontrariam com as portas abertas às suas orações. Houve ainda terceiro partido, que divergia dos outros dois; era um sinal, diziam, de que deviam segurar suas pessoas e famílias e abandonar as casas. Para que não restasse dúvida de que era esta a interpretação genuína, veio novo prodígio confirmá-la. No mesmo dia, estando-se a dizer missa na capela, caiu aos pés do santo o docel, que sobre o altar se

via diante da sua imagem. Todas concordaram à uma que era isto uma advertência, para que, desarmada a capela, e removidos os haveres de cada um, se retirassem.

Cast. Lus., **5, § 64-8**

Mais felizes não foram os holandeses em outros pontos, posto que por pouco não surpreenderam Berenguer e Bernardino de Carvalho, com mais dois homens de importância, que estavam dormindo na casa de refinação de um engenho, quando foram despertados pelo rumor dos soldados nas habitações próximas, mas, rompendo caminho, atravessaram o Capivaribi com água pelo pescoço, e meteram-se às matas. Úmida e tempestuosa era a noite, e por toda a parte esbarravam os holandeses com atoleiros e enxurradas. Mal se haviam eles retirado de sua infrutífera busca, quando saíram os portugueses de seus esconderijos, e reunindo-se como tinham pactuado na igreja matriz da Várzea, celebraram a festa com mais ardente devoção que nunca. Fr. Manuel do Salvador pregou por esta ocasião; desde muito que recitava as suas homilias com o medo das galés diante dos olhos, tendo-o os holandeses rodeado de espiões, que lhe pesassem todas as palavras. Aqui conhecia ele o seu auditório, falou desassombrado, e tomando por texto: *Cingi os rins*, pregou um sermão de ferir fogo. Com verdadeiro sentimento português, recordou a antiga glória de Portugal, e os heróicos feitos dos avoengos, dissertado com suspeita ingenuidade largamente sobre os recentes milagres obrados por Santo Antônio à vista de todos. Dirigia-se ele a bem dispostos e ávidos ouvintes, cuja piedade, patriotismo e superstição estavam excitados até ao último ponto: e podemos dar-lhe crédito quando nos conta que os fiéis saíram da igreja, derramando lágrimas de generosa alegria, e voltando-se de novo à causa da sua pátria e da sua religião.

Malogradas buscas dos holandeses

Val. Luc., **p. 179**

Duas pessoas apenas dentre quantas o Conselho mandara prender na Várzea, foram apanhadas: uma ignorava completamente a tramóia e a outra era Sebastião Carvalho, um dos que haviam escrito a carta. Confessou-o ele agora e para confirmar a verdade das informações que dera, declarou que tinha sido iniciado na conspiração, assinando um papel em que se obrigava a tomar parte ativa na execução; assinara-o porém, dizia, com medo da morte, tendo João Fernandes ameaçado exterminar quantos recusassem unir-se a ele, e efetivamente mandado assassinar alguns por semelhante motivo.

Medidas do Conselho

Carvalho ficou agora retido preso, a seu próprio pedido, para livrar-se das suspeitas dos seus conterrâneos. Mandou o Conselho imediatamente alargar os fossos e reparar as fortificações de Maurício, e apreender para a guarnição toda a farinha que aparecesse, pagando-a contudo por certo preço. Ofereceu perdão a Antônio Cavalcanti e João Pais Cabral, homens de grande importância entre os descontentes, e cuja deserção, entendia o Conselho, devia enfraquecer e desanimar muito os patriotas. Esperava ele poder reduzi-los facilmente à submissão, por terem ambos as famílias em poder dos holandeses. A próxima chegada de Camarão também o fez tremer pela fidelidade dos seus próprios índios, e assim resolveu passar, sendo possível, as mulheres e crianças desta gente para a ilha de Itamaracá, sob pretexto de pô-las a coberto dos insurgentes, mas de fato para que lhes servissem de reféns.

Nieuhoff, p. 45-7

Convida J. Fernandes o povo a pegar em armas

Entretanto apenas soubera que se tinha dado busca para prendê-lo, vendo que impossível era a procrastinação, reunidos os seus associados, fora João Fernandes postar-se numa eminência da floresta assaz elevada para servir-lhe de torre de atalaia. Parece o sítio ter sido aprazado como lugar de reunião, pois que ali foram dar todas as pessoas que ele empregava nas suas diversas fazendas, munidas de armas desde muito guardadas para este efeito. Lá se lhe foram também reunir os seus escravos, levados do amor que tinham a um senhor indulgente e bom, da promessa de liberdade e recompensa, se vingasse a empresa, e do gosto aventureiro que é inato no homem. Ao cabo de três dias achava-se ele à testa de cento e trinta homens resolutos e de confiança, muitos porém mal armados e todos indisciplinados. Dali se passou para Camaragibe, lugar muito próprio para defesa, rodeado como era de pântanos, e cerca de duas milhas da Várzea, sendo fácil portanto receber e transmitir notícias. Deste ponto enviava suas mensagens a todas as direções, convidando os portugueses a armarem-se e reunirem-se a ele; e atraindo os escravos com o oferecimento do soldo e privilégios de soldados, e promessa de comprar do seu cabedal a liberdade de todo aquele que pertencesse a um patriota. Acudiram muitos ao chamado, e caindo de noite sobre as casas dos holandeses e judeus, que por infelicidade lhes ficavam ao alcance, matavam os moradores, saqueavam os bens e iam reunir-se aos campos dos insurgentes. Alguns, que não teriam com que prover ao

sustento de suas famílias, se se ausentassem, malgrado seu se conservaram quietos, nem foram poucos os que, prezando sobretudo a própria tranqüilidade, desejavam ver prontamente sufocada a insurreição.

Cast. Lus., **5, § 69-71**

Medidas de precaução convertidas pelo Conselho em meios de extorsão

Por essa cobiça, que era a característica e a maldição do governo da Companhia, se assinalaram as primeiras medida do Conselho. Rendia esta gente a torto e a direito pelas suas províncias: os que realmente estavam envolvidos na conspiração tinham-se já reunido a João Fernandes, e parecia que só se prendiam agora os outros para obrigá-los a pagar resgate. A conseqüência fácil era de prever-se, e muitos, que se teriam conservado sujeitos, se os deixassem viver não molestados, fugiram para os insurgentes, indignados de haverem sido presos sem causa, ou por não quererem ver a mercê do primeiro denunciante venal ou malévolo. Publicou-se também um bando, exigindo que todos os portugueses que tivessem deixado suas casas, se apresentassem dentro de cinco dias no Recife, sob promessa de perdão e proteção para todos exceto para os cabeças. Haviam de prestar novo juramento de fidelidade e tornar então a entrar no gozo de seus bens como antes. As harpias oficiais converteram essa medida em novo meio de extorsão. Fizeram ver que todos os portugueses deviam para sua segurança prestar este novo juramento e munir-se de uma papeleta de proteção, pela qual já se sabe exigiam-se emolumentos. Todos os que não andavam em armas foram obrigados a comprar estas proteções. Tanto era o lucro, no seu mais rasteiro sentido mercantil, o fito do governo holandês em todos os seus atos, que parece tê-lo ele considerado como a norma do proceder de todo o mundo. De bom grado teriam os holandeses pilhado à mão João Fernandes, para o supliciarem, mas agora que ele os havia bigodeado, pareceu-lhes negócio de economia comprar a submissão deste homem, embora por preço elevado, evitando a guerra assoladora, que aliás se iria fazer contra as suas plantações e armazéns. Neste intuito acharam meio de mandar oferecer-lhe por dois patrícios 200.000 cruzados, pagos em qualquer lugar e com as garantias e seguranças que desejasse, contanto que abandonando o seu projeto, deixasse em paz a capitania. Afetou João Fernandes dar ouvidos à promessa, para ganhar tempo, enquanto não chegavam os es-

Oferece o Conselho dinheiro a J. Fernandes

perados socorros, e quando não foi mais possível protrair uma resposta definitiva, mandou dizer aos do Conselho que por tão pouco não venderia a honra de castigar tiranos. Raivando com isto, ofereceram eles um prêmio de 4.000 florins a quem o apresentasse morto ou vivo, ao que replicou ele com uma contraproclamação, prometendo o dobro da soma pela cabeça de qualquer deles, e afixou os seus manifestos em todos os lugares, dentro até do mesmo Recife, convidando todos os portugueses a tomarem armas com ele contra os seus opressores, sob pena de serem tratados como inimigos da pátria, e prometendo a todos os estrangeiros e judeus que se deixassem ficar quietos em casa, proteção como vassalos da coroa de Portugal. Para ainda mais intimidar o Conselho, escreveu-lhe, dizendo que não buscassem por meios tão vis enredá-lo, que depressa o haviam de ver fazer-lhes uma visita pública na sua cidade, para o que se estava apercebendo com 14.000 soldados europeus e 24.000 brasileiros e índios. A extravagância da primeira ameaça era palpável, mas os holandeses muito bem sabiam das suas próprias listas de população, que a segunda não era crível, contanto que os portugueses em geral se envolvessem na conspiração.

Cast. Lus., **5 § 72-9**
Val. Luc., **183**

O primeiro lugar em que romperam as hostilidades foi Ipojuca, povoação perto do cabo de S. Agostinho. Nomeara João Fernandes para comandar neste distrito Amador de Araújo, que conferiu o posto de capitão a Domingos Fagundes, mulato livre, filho de pai nobre e rico. Algumas anedotas contadas a respeito deste homem pelos dois historiadores desta guerra, um dos quais era abade beneditino[16] e o outro frade, são por demais características do estado da legislação e da moral, para serem aqui omitidas. Depois de ter tomado parte nessas excursões de depredação, que tanto haviam incomodado os holandeses na guerra anterior, submetera-se Fagundes, estabelecendo-se em Porto Calvo. Um holandês, casado com a viúva de Sebastião do Souto, disse ele que era homem para matar sem escrúpulo qualquer outro num bosque, mas nunca de frente em campo aberto. Foram contar isto a Fagundes, que daí a pouco encontrou este mestre Jan, como o chamavam, a passear com um dos seus conterrâneos. Apesar de ser tempo de paz iam armados os dois holandeses, cada qual com suas pistolas e bacamarte, e o português tinha um mosquete nas mãos. O

Caráter de Fagundes

mulato o fez parar, dizendo: Sois mestre Jan, e eu sou Domingos Fagundes, matai-me, se sois mais homem do que eu! E antes que Jan pudesse erguer o bacamarte, atravessou-lhe com uma bala o coração. Passara-se isto no governo de Nassau, mas embora houvesse uma testemunha de vista, era tão pouca a justiça em Pernambuco, ou tão atroz se considerava ter sido a provocação, ou então tão onipotente foi o dinheiro, que Fagundes obteve um bilhete de proteção e morava em segurança no Recife. Aqui um soldado embarrou por ele casualmente com o cano da espingarda ao dar volta na rua; mostrou-se o mulato ressentido, como se a coisa houvesse sido de propósito, e o soldado então assentou-lhe um murro. Fitou-o bem o português, para que não lhe escapasse mais, e encontrando-o depois fora da cidade, matou-o à falsa fé e fugiu para Ipojuca, onde se escondeu em casa de um amigo. De caminho visitou Fr. Manuel do Salvador, não para receber absolvição do que fizera (que tanto ele como o seu confessor contavam esta entre as obras meritórias)[17], mas para comunicar ao frade os seus projetos futuros. Havia, dizia ele, quarenta homens valentes, prontos a acolherem-se com ele às matas, reconhecendo-o por seu capitão. Armas não tinham entre todos mais que dois mosquetes e alguns sabres, mas pôr-se-iam de emboscada aos holandeses, e matando quantos lhes passassem ao alcance, enterrados os corpos na espessura, se proveriam de armamento. Louvou o frade muito tão santas disposições, mas dissuadiu-o do projeto, dizendo-lhe que com isto poderia causar grandes males aos seus conterrâneos, nem vinha lá longe o tempo em que poderia dar largas ao seu zelo pelo serviço do rei.

Val. Luc., **p. 125**

E vindo era agora esse tempo em que semelhante homem podia seguir meritoriamente sua vocação, associou-se a Araújo para levantar uma companhia, e dentro em pouco tinha sessenta homens arrolados para a insurreição. Pronto tudo em Ipojuca esperavam-se só notícias dos movimentos do chefe, quando ocorreu uma pendência entre um dos habitantes e um negociante judeu, e chegando auxílio de ambos os lados, foram mortos três israelitas. Tirando partido da confusão, caiu Fagundes com os seus sobre os holandeses, saqueando-lhes as casas, e levando tudo a ferro e fogo, e posta em fuga a guarnição, com os seus despojos se armaram os insurgentes. Exaltado com esta vitória, acometeu Fagundes em Porto Salgado três

Principiam as hostilidades

navios carregados de açúcar e farinha, e ganhando-os, passou à espada os holandeses. Então todos os portugueses do distrito e lugares circunvizinhos se reuniram imediatamente à insurreição, inflamados com a notícia, muito oportunamente chegada, de estar o seu governador em armas. Pôs-se Araújo à sua frente, e assim ficou cortada toda a comunicação por terra entre os holandeses do cabo de S. Agostinho e todo o país ao sul, só a muito custo podendo o forte do Cabo abastecer-se de água do rio.

Marcha o comandante-em-chefe contra os insurgentes

Grande inquietação veio causar no Recife esta notícia, acompanhada como chegou de outra de achar-se sitiada na igreja a guarnição de S. Antônio, vila a N. O. de Ipojuca, e andarem Camarão e Henrique Dias cometendo abertamente hostilidades nas Alagoas. Havia nesta capitania duas companhias holandesas, força absolutamente insuficiente para defesa de tão vasto distrito; despachou-se pois imediatamente um navio, para trazer dali a gente que pudesse, deixando atrás as bagagens e os que não pudessem ser recebidos a bordo que se recolhessem por terra ao forte do rio de S. Francisco. Ao mesmo tempo, para manter aberta uma comunicação com o sul, saiu Hans em pessoa com 220 holandeses e 400 índios a recorrer à guarnição de S. Antônio e reduzir os rebeldes de Ipojuca. Impossível que os meio armados e indisciplinados patriotas resistissem a semelhante força em campo aberto, nem eles foram tão loucos que o tentassem. Postou-se Fagundes nas selvas com vinte homens e depois de ter morto alguma gente ao inimigo que passava, fugiu a reunir a Araújo. Seguiu o comandante holandês para Ipojuca, enforcou um insurgente que lhe caíra nas mãos e ofereceu perdão e proteção a todos que dentro de três dias se lhe apresentassem. Aceitaram o convite cerca de duzentas pessoas, sem armas nem meios de subsistência, com que fossem reunir-se ao governador, com essa duplicidade inseparável de guerras desta natureza submetendo-se agora, para em melhor ocasião poderem levantar-se. Hans deu-se então pressa em alcançar Araújo antes que pudesse este efetuar a sua junção com João Fernandes; guiado por um traidor encontrou ele efetivamente os patriotas, que facilmente foram derrotados; fugiram porém para as matas, perdidos apenas cinco homens, e tornando a reunir-se prosseguiram na marcha para o acampamento do general.

19 de jun. 1645

Nieuhoff, 49, 50-2
Cast. Lus.

Movimentos de J. Fernandes

Entretanto tivera João Fernandes notícia de que se preparavam os holandeses para atacá-lo em Camaragibe, e retirou-se para um mocambo, ou esconderijo de negros nas matas, onde Cardoso foi reunir-se a ele. De duzentos e oitenta homens apenas se compunha o pequeno exército de que Cardoso foi nomeado sargento-mor, com todos os privilégios de tenente-general. Souberam os holandeses do movimento dos patriotas, e quiseram surpreendê-los. Para este fim devia Blaar, que dentre todos os seus conterrâneos tinha fama de mais cruel, sair com duzentos pitaguares e trezentos soldados europeus, armados de bacamartes e mosquetes, em lugar de arcabuzes, para que não os atraiçoasse o cheiro da mecha. Descobriu Fr. Manuel do Salvador o desígnio. Este homem extraordinário, conjuntamente soldado, pregador, poeta e historiador, possuía entre outros dotes um talento especial para converter judeus, e tinha ultimamente persuadido dois dos seus conversos a irem a Portugal com particular recomendação ao inquisidor-geral. Por estes tempos tinha ele entre mãos um catecúmeno que deu irrefragável prova da sua sinceridade, informando da pretendida marcha de Blaar o seu pai espiritual. Assim avisado a tempo, retirou-se João Fernandes com as suas tropas para um lugar chamado Maciape, marchando pelas selvas, e procurando não deixar vestígios do caminho que levava. Aqui vieram reunir-se-lhe com noventa homens quatro dos seus capitães. Destacou-se uma partida, que convidasse os moradores ao longo Capivaribe a pegarem em armas com todos os seus escravos para restauração da pátria. Comandava-a Fr. Simão de Figueiredo, que havia sido capitão antes de tomar ordens, e a quem se dera uma companhia, como espécie de curato militar nesta guerra contra os hereges. De bom grado acudiram todos ao chamamento, e dentro de cinco dias tinham chegado ao lugar de reunião para cima de oitocentos voluntários. Traziam eles apenas trinta armas de fogo entre todos, pelo que se desenterraram as que João Fernandes havia escondido, e, limpas da ferrugem contraída, distribuíram-se por eles. Mas apesar de todos os seus longos preparativos não tinha o general podido prover-se de número suficiente, e grande parte da sua gente andava armada de venábulos, ou de paus, que sendo das madeiras mais rijas do Brasil, e aguçados ao fogo, não deixavam de fazer muito sofrivelmente às vezes de piques. Com esta força marchou ele para S. Lourenço, tendo a fortuna de

encontrar no caminho um comboio de farinha para o Recife, escoltado por cinqüenta homens, metade dos quais ficaram estirados no campo. Em S. Lourenço repicaram os sinos, e os moradores lhe saíram ao encontro, jurando-lhe camaradagem e obediência a prol da causa comum.

Atravessa o Tapicurá à vista do inimigo

O mau tempo, que impedia a marcha a Camarão e Henrique Dias, estorvava igualmente as operações ao inimigo: tinham transbordado os rios e João Fernandes obteve assim tempo para abastecer-se de mantimentos. Apesar da vigilância dos seus agentes achava o Conselho maior dificuldade em obter notícia dos movimentos dos patriotas, dificuldade que sempre experimenta quem se envolve numa guerra contra o povo. Vindo de Ipojuca, devia Hans fazer junção com Blaar. Seguia este o caminho do mocambo, quando, sabendo que os insurgentes tinham abandonado aquela posição, de bom grado fez alto até poder tirar informações sobre o rumo que haviam levado. Entretanto, dando largas a essa ferocidade que já o havia tornado infame, lançou por todas as estradas na direção de Garaçu[18] partidas, que queimaram as casas, assassinaram o povo sem distinção de idade ou sexo; e tais crueldades e profanações cometeram, que desafiaram as censuras de Hans, quando chegando tomou posse do comando. Da premeditada junção teve notícia João Fernandes. Nem era S. Lourenço posto defensável, nem ele queria principiar a pelejar antes que chegassem Camarão e Dias. Levantou pois o acampamento, atravessou em jangadas o Capivaribe, e deixando cinqüenta homens como posto avançado seguiu para Tapicurá.[19] Já o rio não era vadeável. Lançou-se pois de margem a margem um cabo formado dessas trepadeiras sem folhas em que abundam as selvas no Brasil, e com este auxílio se passaram as tropas numa jangada pequena, que só levava oito pessoas de cada vez. Achava-se Blaar assaz perto para ver isto, mas não para impedi-lo. Um mulato o guiou ao posto avançado, mas apesar de completamente surpreendidos, romperam os portugueses por entre o inimigo, e, confiando no conhecimento que tinham do país, dispersaram-se pelas florestas, nem tardaram a reunir-se ao exército.

Val. Luc., **187-190.**
Cast. Lus., **3, § 6**

Foi agora o Governador da Liberdade, como ele se intitulava, tomar posição num lugar chamado Covas. Aqui teve ele de lutar com perigo mais tremendo do que a força militar do inimigo. No seu próprio exército, se tal

Descontentamento do exército português

nome merece a malarmada, indisciplinada e variegada aglomeração do seu comando, alguns havia que de má vontade se tinham ligado a ele, forçados do medo, e ainda outros que afetavam de patriotas, para melhor servirem os holandeses e puderem vender cara a traição habilmente executada. Uns e outros queriam excitar descontentamento, e principiaram a murmurar contra os atos do general. Que planos tinha ele? diziam. Se queria combater os holandeses, por que não havia arranjado materiais, armas, cirurgiões e medicamentos necessários para uma força armada? Por que não ia ocupar uma posição defensável, fortificando-se nela, em lugar de andar vagando de lugar em lugar, escondendo-se com a sua gente como um bando de ciganos? Liberdade era a senha com que ele os havia tirado de suas casas, mas o desfecho seria o desterro. Ainda bom seria se afinal restasse aberta a fuga para a Bahia, alvo a que João Fernandes talvez tivesse visado desde princípio: seria esta a melhor sorte que os esperava, pois que em Pernambuco não havia que esperar quartel. Muitos, que andavam de boa fé na causa, deram ouvidos demasiado fáceis a estas insidiosas sugestões. Onde tanto se sacrificava e tanto se arriscava, era natural que a ansiedade produzisse um estado de apreensão febril, nem em guerras desta natureza é mais daninha traição pela sua freqüente aparição, do que pela perpétua desconfiança que essa mesma freqüência engendra. Já o crescente descontentamento ameaçava rebentar em motim, mas os padres foram de grande utilidade para serenar os ânimos, e a maioria dos capitães também tinha inteira confiança no seu general. Bem informado do que se passava, mandou João Fernandes dar um rebate falso, e Cardoso, como previamente se concertara, dividiu logo as tropas em destacamentos pequenos, tomando cuidado em separar os desafetos. Feito isto, e trazendo os esculcas certeza de que nada havia que recear, desfilaram estes troços sucessivamente perante o general, que, arengando-as, a louvando o ardor que nesta como em todas as ocasiões anteriores tinham mostrado, acrescentou que se havia ali quem por falta de zelo ou de ânimo quisesse deixar o serviço, partisse livremente e não molestado. Não se atreveram os traidores a falar e os que tinham sido iludidos, e cujos queixumes eram só filhos da impaciência, prorromperam num protesto unânime da obediência ao seu chefe, e ardor pela causa. Passou então João Fernandes a fazer ver como havia jo-

gado a sua vida e fazenda sobre o resultado desta grande empresa; e daquele dia em diante se alguém fosse descoberto a aliciar contra os seus deveres qualquer pessoa do exército, fosse qual fosse o posto que ocupasse, seria sem dúvida nenhuma enforcado como traidor. Aterrados assim os turbulentos, e abafada a facção na sua origem, cumpria-lhe guardar-se do perigo maior de um assassinato que ele e seus amigos receavam. Para isto escolheu uma guarda de corpo que o rodeasse noite e dia, e para que com o veneno lhe não atentassem contra a vida, estacionou dois soldados que não deixassem aproximar ninguém do lugar, onde um servo de provada fidelidade lhe preparava a comida.

Falta de socorros médicos

Curava João Fernandes os descontentes com a mão-de-ferro da autoridade, mas a parte razoável das queixas não fora perdida nele. A falta de socorros médicos era coisa que todos podiam ter motivos de lamentar, quão depressa porém não o previa ele. Para satisfazer pois esta necessidade, mandou um destacamento pequeno apoderar-se de um francês que exercia a medicina no distrito de Santo Amaro, e trazê-lo de bom ou mau grado. Ao ver-se nas mãos de tal gente clamou o pobre cirurgião que era cristão católico romano, e sempre curara os portugueses com o maior cuidado e carinho; se aqueles fidalgos queriam levá-lo para as matas e lá assassiná-lo, suplicava-lhes a bondade de o matarem antes ali mesmo perto da igreja, onde algum bom cristão o enterraria pelo amor de Deus. Mas se queriam que ele tratasse dos portugueses feridos, lhe dessem um cavalo, que tinha ele uma perna doente, com que não podia andar. Apeou-se pois um cavalo com a mesma sem-cerimônia com que se procedera a respeito do doutor, e mantinha nos alforges toda a pacotilha cirúrgica, fez Mestrola, assim o chamam, a sua entrada em Covas como voluntário, com a filosofia de quem dos portugueses havia aprendido a levar com paciência o que não tem remédio, ajuntando-lhe ainda o bom humor de um francês. Aqui veio Araújo reunir-se aos outros patriotas, trazendo consigo os insurgentes de Muribeca, que como ele vinham fugindo de Hans, e os de S. Antônio do Cabo, ao todo quatrocentos homens. Não se tinha dissipado ainda a alegria de receber tal reforço, quando se ouviu uma trombeta e apareceram sete índios armados de mosquetes biscainhos, indicando logo com a superior qualidade das armas o lugar de onde vinham. Pertenciam ao regimento de Camarão, e traziam aviso

de que o seu comandante e Henrique Dias chegariam dentro de uma semana. À sentinela que teve a fortuna de anunciar a chegada destes bem-vindos mensageiros, deu João Fernandes dois escravos de alvíssaras.

Entretanto saía-se o Conselho com uma proclamação, ordenando que todas as mulheres e crianças cujos maridos e pais andavam entre os insurgentes, deixassem suas casas dentro de seis dias, sob pena de serem elas mesmas punidas como rebeldes, e declarando que quem as açoitasse cessaria de ser considerado debaixo da proteção dos Estados. O historiador holandês diz que foi esta medida primeiramente sugerida por alguns desses, que ele chama os portugueses fiéis. Em todas as lutas como esta é sempre entre os seus indignos conterrâneos que encontram os que pegam em armas contra a opressão os mais cruéis inimigos, mas donde quer que partisse a lembrança, são a culpa e infâmia desta medida imputáveis ao governo que a adotou. As razões que a ela se assinaram, foram que assim sobrecarregados com as suas famílias, devia aumentar muito o consumo de comestíveis entre os rebeldes, os quais por conseguinte teriam de mudar mais freqüentemente de quartéis, não podendo marchar e acampar com a mesma facilidade, nem esconder-se no mato de emboscada, como tinham feito; que ficariam mais expostos a ser atacados, e crescendo o receio com diminuírem os meios de defesa, perderiam o ânimo; e que como as mulheres, com auxílio dos seus negros, lhes serviam de espias, contava-se assim este canal de novidades. Alguns portugueses dos mais respeitáveis dos que não andavam ainda em armas, apresentaram ao Conselho uma petição a favor desta pobre gente, pedindo que por se acharem impassáveis os caminhos em conseqüência das inundações, se prorrogasse pelo menos o prazo dos seis dias até que as águas baixassem. Mas até isto se recusou.

Expelem os holandeses as mulheres e as crianças

Nieuhoff, 53-4-62

Foi Fr. Manuel do Salvador um dos que por esta ocasião recorreram pessoalmente ao governo holandês. Tinha o frade vivido vida ativa e extraordinária no Recife, logrando tornar-se popular entre todas as classes num tempo em que nenhum outro da mesma profissão podia mostrar-se nas ruas sem ser insultado. Devia ele isto ao seu gênio alegre, e esperteza natural com que intrigava, não só em negócios de Estado, mas também entre todas as famílias a cujo trato conseguia ser admitido.

Intercede por elas Fr. M. do Salvador

Onde quer que a mulher ou o marido professasse a religião católica, sabia ele catequizar os filhos segundo as fórmulas romanas, sem que o soubesse a parte protestante da família. Nos dias-santos dizia uma missa secreta para os papistas ao serviço dos holandeses. Para converter judeus possuía uma habilidade singular, e uma vez, nos conta, expelindo pelos seus exorcismos o Diabo do corpo de um rapaz, livrou ao mesmo tempo do espírito da heresia quantos estavam presentes. Nesta ocasião falou ele com um calor que a sua anterior privança com Nassau, e a estima em que era tido, justificavam, insistiu na proteção que a Companhia se comprometera a prestar, recordou aos governadores que ia esta medida punir quem nenhum delito cometera, que as florestas andavam inçadas de soldados e selvagens armados, e que os portugueses, posto que sofredores de todas as injustiças, jamais perdoavam um ultraje feito a suas mulheres e filhas. Se fizessem executar o edito, disse ele, contassem os holandeses, que tanto como a memória desta sem-razão duraria a guerra com os portugueses. De nada as suas representações valeram. Mostraram-lhe os membros do Conselho a carta que de João Fernandes haviam recebido, e que tanto os havia exasperado que eles agora no seu azedume se traíram dizendo que havia quem o entregasse morto ou vivo nas mãos deles, e mostrando, em prova de que não era vã bravata a asserção, uma carta que continha neste sentido uma promessa em termos metafóricos. Afetou o frade nada entender do que nada lhe importava, mas enviou imediatamente um mensageiro a João Fernandes, e principiou a prover à própria segurança, pensando que ainda mesmo quando contra ele nenhum fundamento justo de suspeita houvesse, podia lembrar-se o Conselho de que levara demasiado longe a confiança nele. Despachou pois os seus dois negros com todos os seus manuscritos numa canoa, e sem tentar salvar mais coisa alguma, fechou a porta da casa, saiu, de bengala na mão como que a passeio. Mal se viu porém fora das fortificações, meteu-se às selvas, não tardando a ter satisfação de ouvir que o tinham os holandeses pelo maior traidor de Pernambuco.

Val. Luc. **192-94**

Mandou-se pois cumprir o edito contra as mulheres e crianças, sem que lhes restasse outra alternativa, senão exporem-se às chuvas e às cheias, e aos répteis e bichos do mato, ou deixarem-se ficar à mercê da soldadesca desenfreada e

Situação das famílias expulsadas

dos selvagens que lhes soltariam. "Considere-se", diz Fr. Manuel, "o que poderiam fazer estas pobres miseráveis sem que saber onde buscar os pais, os irmãos, os filhos, abandonadas, desvalidas no meio de um terrível inverno, sem sustento com que manter a vida nos bosques, e com a espada do inimigo, para assim dizer, aos peitos. Algumas caíam de joelhos, e com os olhos arrasados e de mãos erguidas clamavam a Deus que lhes perdoasse os pecados, e tivesse compaixão delas; outras, com rosários da Virgem na mão, passavam e repassavam as contas; umas abraçadas com os inocentes filhinhos, choravam sobre eles; outras, jaziam por terra como estupefatas de aflição; ainda outras, que jamais haviam saído de casa exceto para a igreja pela quaresma e festas principais, e mesmo então encostadas a seus pagens, para que não caíssem, corriam agora sob as asas do terror para as matas, onde, atirando consigo para debaixo das árvores, imploravam a misericórdia de Deus e o auxílio da Virgem Maria e dos santos por quem tinham mais devoção, que de mais nenhuma parte podiam esperar remédio ou socorro." Se há sistema de guerra que mereça por excelência o nome de mau, foi este. Era atacar os portugueses, não como inimigos, nem mesmo como insurgentes e rebeldes, sujeitos às penas da lei, por muito que as mais altas considerações de justiça lhes justificassem a empresa, mas como entes civilizados e sociais e na sua natureza moral e humana. Excessiva foi a angústia que esta nova derramou no acampamento, mas João Fernandes, sabendo que os que menos acessíveis são a sentimentos nobres, mais depressa se deixam abalar pelo medo, publicou um contra-edito que foi com pasmo dos holandeses afixado nos lugares mais públicos do Recife. Os holandeses, dizia este papel, tinham contra o direito das gentes e da justiça ordinária feito guerra ao sexo que a cortesia das nações e a sua própria fraqueza isentavam de todos os atos de hostilidade. O decreto publicado era pois nulo pela sua própria barbaridade. Ninguém estava obrigado a obedecer-lhe, e ele, o governador dos portugueses, ordenava a todas as suas patrícias que sob a sua proteção se deixassem ficar tranqüilas em casa, pois protestava tomar sangrenta vingança da menor injúria que a qualquer delas se fizesse. Ou fosse que o Conselho se envergonhou agora da sua medida, ou, o que é mais provável, que a ameaça o intimidasse, o caso é que ele nem tornou a mandar deitar o bando, nem lhe fez dar

execução, e quem não tinha fugido ainda, não mais foi molestado por tal princípio.

Matança de portugueses em Cunhaú

A simples ameaça tinha bastado para exasperar os portugueses, nem fora mister que viesse ainda mais violentamente excitar-lhes a indignação uma carnificina feita pelos pitaguares e tapuias do Potengi no distrito de Cunhaú. Entraram os selvagens num sábado à tarde, e os seus caciques mandaram um convite circular aos portugueses, que no dia seguinte se achassem presentes na igreja, para uma conferência, depois da missa, sobre negócios de importância para eles e serviço do Estado. Apanhados assim juntos foram passados à espada. Desta forma pereceram trucidados sessenta e nove pessoas, escapando apenas três homens, sendo porém salvas muitas mulheres pela humanidade dos judeus e colonos estrangeiros, que as esconderam. Os homens eram dos que tinham entregado as armas, rendendo-se nos termos da proclamação. É mais provável que os selvagens assim procedessem, cedendo aos seus próprios instintos sanguinários, do que instigados pelo governo holandês. O feito porém foi o mesmo. Os insurgentes apresentaram o caso como ato e feito do Conselho, e como amostra da matança geral que teria havido se a insurreição a não tivesse atalhado. Nada custou a acreditar a acusação, e os portugueses das capitanias do Norte, não vendo na submissão segurança, aguardavam ansiosos um ensejo de se unirem aos seus patrícios em armas.[20]

Cast. Lus., **6, § 14. Dº 4, § 19. Nieuhoff, p. 65**

Ainda o horror que esta carniçaria excitara trazia acessos em raiva os patriotas, quando chegou notícia de que Hans, tendo feito junção com Blaar, e descoberto o lugar do acampamento, se preparava para investi-lo. Era Covas ótimo lugar para esconderijo, não para defesa, pelo que se passou o exército português para o monte das Tabocas, cerca de nove léguas ao oeste do Recife, lugar escolhido por Cardoso, que conhecia bem o país, e que nesta escolha revelou quão são era o seu juízo. Tirava o outeiro seu nome de uma espécie de cana grossa e espinhosa assim chamada. Perto corria para a banda do ocidente o rio Tapicurá, pobre córrego, exceto quando, como agora, a estação chuvosa lhe fazia inchar as águas; abrindo para o sul e

Tomam os insurgentes posição no monte das Tabocas

31 de jul. 1645

com cerca de meia légua de comprimento ficava um terreno plano entre o rio e o tabocal, que cercava todo o monte com uma impenetrável estacada de cinqüenta pés de espessura. Entre estas canas e a fralda da eminência ficava outro terreno limpo porém mais pequeno, e depois outra mata de tabocas; o viso do cabeço cobriam-no do lado do sul árvores, que já em si mesmas fortificado ainda por uma linha exterior destas formidáveis canas. Pelo lado oriental corria um antigo caminho de carro aberto quando a estes desertos se vinha cortar pau-brasil, mas agora esquecido e tapado pela vegetação. A légua e meia para o norte erguia-se uma capela dedicada a S. Antônio, o Grande, de quem os colonos daquele distrito esperavam proteção contra as bestas-feras que a infestavam; e também havia ali algumas casinholas de taipa, a que o proprietário dera o nome de cidade de Braga, chamando-as assim do seu próprio apelido e em grata recordação da sua terra natal na mãe pátria.

Reconversão dum padre renegado

Deixando um posto avançado nuns engenhos de açúcar a algumas milhas de distância, veio João Fernandes acampar neste monte. Escolhendo o cume para seu próprio quartel, mandou pelas encostas armar barracas e erguer choças em que a sua gente se abrigasse da chuva. Votado assim à tropa o primeiro cuidado, o segundo foi característico do indivíduo e do povo que ele comandava. Um padre, por nome Manuel de Morais,[21] que tendo abjurado o catolicismo sob a proteção do governo holandês, pregava agora como teólogo calvinista, estava por acaso residindo a curta distância, e João Fernandes fez sair um destacamento expressamente para apoderar-se dele. Correu tudo bem, e Morais foi trazido ao campo dos insurgentes. Não sentindo em si a menor vocação para o martírio, atirou-se ele aos pés do general, protestando que a sua apostasia não nascera de erro do entendimento, porém de corrupção do coração, e que só cedera aos apetites da carne, sem que a razão se lhe pervertesse. Segundo a moral da Igreja Católica atenuava isto o delito; foi o padre recebido como pecador arrependido, e desde o chefe até ao último soldado todos no exército olharam esta reconversão como um penhor seguro da vitória que em breve alcançariam sobre seus heréticos inimigos.

Cast. Lus., **6, § 17**

Murmúrios no acampamento

Continuavam os traidores do seu exército a maquinar a perda de João Fernandes, e tirando partido da demora

de Camarão e Henrique Dias para agravar a impaciência das tropas e amotiná-las, se fosse possíveL "Onde estão", clamavam, "estes tão esperados socorros, ou antes haverá socorros que esperar? Não terão eles sido desde o princípio uma fábula inventada por João Fernandes para tirar-nos de nossas pacíficas casas, e fazer-nos instrumentos e vítimas de sua desesperada ambição?" Chegaram até entre os que mais descontentes ou mais desvalidos andavam a dizer que o melhor seria cair sobre ele, e dar-lhe logo a morte, que então poderiam voltar ao Recife com certeza de perdão e recompensa. De tudo foi o general informado, mas não era esta a ocasião de punir, pelo que, afetando nada saber dos desígnios de seus inimigos, contentou-se com afastá-los de si, dobrar a sua guarda e aquartelar Cardoso perto da sua tenda. Enquanto assim se precavia contra os traidores, procurava aquietar a impaciência do exército, enviando um destacamento de quarenta homens ao encontro de Camarão e Dias, para guiá-los ao acampamento inculcando assim saber que estavam perto.

Avançam os holandeses

Efetuada a junção com Blaar, recebera Hans entretanto todos os reforços que se podiam dispensar no Recife, considerando acertadamente o Conselho que a salvação das suas conquistas bem poderia depender dos seus primeiros triunfos, e que em tempo nenhum seria tão fácil como agora assentar um golpe mortal nos insurgentes. Tinha o general holandês consigo mil e quinhentos homens de tropas européias, bem armados, perfeitamente disciplinados, e acostumados a terem-se por superiores a um inimigo que tantas vezes haviam desbaratado; tinha também uma considerável força indiana, e muitos dos escravos do serviço do arraial iam armados para o caso de necessidade. Tão em segredo havia João Fernandes descampado das Covas que Hans ainda esperava surpreendê-lo ali. Irritado pelo desengano, lançou fogo a um engenho, cujos edifícios se diz terem sido suntuosos. Uma sentinela portuguesa, postada sobre uma eminência, correu, avistando o fumo, a avisar o seu general. Enquanto este fazia sair uma partida a reconhecer o que havia, chegou um soldado com a notícia de que a guarda avançada andava travada com a retaguarda do exército holandês, combatendo-a eficazmente, apesar da diferença do número graças ao conhecimento do terreno e à posição que ocupava nas matas. João Fernandes mandou então ordem ao comandante que

retirasse sobre o monte das Tabocas, onde estava resolvido a fazer frente ao inimigo.

Batalha do monte das Tabocas

Debaixo de armas e prontos para a ação estavam os portugueses, quando se ouviu um vivo tiroteio; recolheram-se os esculcas, dizendo que o inimigo avançava dispondo-se a atravessar o rio. Tinha Cardoso aberto três picadas no tabocal exterior, pondo em cada uma sua emboscada. Com a sua guarda ficou o general de reserva no cimo do cabeço, donde podia avistar todo o campo, e enviar socorro aonde fosse de mister. Fagundes teve ordem de disputar com a sua companhia a passagem do Tapicurá, e assim que mais não pudesse defendê-la, atrair os holandeses após si na direção das emboscadas. Como as margens do rio se achassem cobertas de selvas, lançou Hans um chuveiro de balas para entre as árvores com o duplo fim de dispersar quaisquer tropas que ali porventura estivessem postadas, e cruzar o rio acobertado pelo fumo. Fagundes disputou a passagem, resistiu aos holandeses passo a passo depois dela efetuada, e assim combatendo e retirando os foi atraindo. Chegados eram eles agora à orla do canavial, por entre o qual buscavam caminho, quando Cardoso, que mal começara a ação se postara na primeira emboscada, rompeu contra eles o seu fogo, de que se não perdia um tiro. Raivando com a perda, avançaram os holandeses para frente, e receberam o fogo da segunda emboscada que lhes mitigou o ardor. Chegou então o segundo batalhão e engrossadas assim as fileiras, foi-lhes o fogo da terceira emboscada mais fatal ainda do que o de nenhuma das outras.[22] À vista disto retrocederam e João Fernandes o viu do alto do monte. O seu entusiasmo o arrebatou: "A eles, portugueses, a eles! Espada em punho, que Deus é conosco!" exclamou, e ter-se-ia arremessado com a reserva ao meio da peleja, se os seus amigos mais refletidos não tivessem entreposto, retendo-lhe por intervenção de Cardoso, a quem a experiência dava toda a autoridade do comando, o ímpeto imprudente.

3 de ago. 1645

Cast. Lus., **6, § 21-2**

Tinham os holandeses sido rudemente tratados, mas nem estavam rotos, nem desanimados. Recuaram, para entrar em nova forma, e os portugueses arremetendo carregaram-nos por ambos os flancos. Mas a força superior, de que dispunham aqueles, permitiu-lhes dividirem-se em três corpos com dois dos quais repeliam os patriotas, enquanto o

terceiro avançava para a passagem pelas tabocas. Outra vez rompeu o fogo das emboscadas, mas agora iam já os holandeses preparados para isto, e dirigindo as balas para o sítio donde partiam os tiros, fizeram morder a terra a muitos dos portugueses. Aqui foi ferido João Pais Cabral, fidalgo do nome e provavelmente da linhagem do descobridor do Brasil. Queriam os seus levá-lo do campo, mas ele clamou:

"Não é nada! A eles outra vez! Viva a fé de Cristo!" e avançando para a ação, recebeu segundo tiro, que imediatamente o prostrou sem vida. Aqui morreu também o alferes João de Matos, cujo pai já perdera três filhos nas guerras de Pernambuco; e mal caiu, apoderaram-se os índios do cadáver, fazendo-o em postas. Outra vez queria João Fernandes arremessar-se ao teatro da ação, já não na embriaguez da vitória, porém para evitar a derrota; retiveram-no o padre Figueiredo e a importante advertência de que a bala de um traidor partiria com mira mais certeira do que a de um inimigo. Tanto se receava isto, que a sua guarda escolhida jamais o deixou, e quando Cardoso ia ao campo, já Figueiredo dele tinha voltado para vigiar o general, e retê-lo à força, se quisesse meter-se na batalha.

Ganhava agora o inimigo visivelmente terreno. Um padre se ergueu no momento do perigo: "Senhores e portugueses", clamou ele voz em grita, "aqui estamos com a morte diante dos olhos. Se há entre nós quem esteja em inimizade com outro, reconcilie-se agora com o seu próximo; e se alguém tiver a consciência turbada pelo pecado, confesse-se sem demora, e faça pazes com Deus, para que o Todo-Poderoso na sua misericórdia nos valha nesta nossa aflição." Espada numa mão e crucifixo na outra, atiraram-se agora os padres aonde andava mais ferida a batalha. Absolvendo os moribundos, ouviam a apressada confissão dos vivos, e pelejavam com todo o ardor de generoso patriotismo, e toda ferocidade de zelo inveterado. Morais, a quem o general havia tão pouco ainda arrancara ao calvinismo com o auxílio do medo das galés, particularmente se assinalou com o valor desesperado que mostrou contra os seus amigos da véspera, convencendo os portugueses da sinceridade da sua conversão. Firmes sustentavam agora os insurgentes o terreno mas tão poucas como eram as suas armas de fogo, nem assim havia para elas munições bastantes. Cardoso bem via que isto se divulgasse produziria geral desanimação, e atrevidamente foi dizendo que quem

carecesse de cartuchos à tenda do general fosse buscá-los, evitando assim que a maior parte do exército, que estava combatendo com chuços e espadas, sentisse receio de se ver sem apoio. Ocorreu a este tempo um desses incidentes que tão freqüentemente influem na sorte das batalhas. Deixando-se possuir do terror, tinham dois oficiais com uns trinta homens armados somente de piques e paus aguçados, fugido para o arvoredo, que bordava o terreno aberto. Um dos seus conterrâneos lhes bradou em vão, lançando-lhes em rosto o seu feio proceder; o medo os possuía com demasiada força, quando na precipitação e cegueira da carreira que levavam, foram cair em cheio sobre uma das alas holandesas; o inimigo, supondo que era nova emboscada, tomou medo a seu turno, e fugiu a toda a disparada, perseguido por homens que no mesmo ato da fuga se viam vencedores.

Val. Luc., **p. 200.**
Cast. Lus., **p. 6**

Segunda vez foram repelidos os holandeses, mas ainda o todo da sua força não entrara em ação, e após curto tomar fôlego, marcharam com tropas frescas ao ataque. Menos destruidoras do que antes foram agora as emboscadas por míngua de pólvora, e já os portugueses estavam cansados do contínuo batalhar de algumas horas. Exaustos de fadiga afrouxaram, e a força fresca do inimigo, acossando-os de perto, rechaçou-os das emboscadas, e penetrou no terreno interior. Foi agora que um padre postado ao lado de João Fernandes elevou um crucifixo, e com alto brado clamou por Cristo, conjurando-o pela sua cruz e paixão, e pelas dores que curtiu sua Virgem Mãe aos pés daquela cruz, que não sofresse que os inimigos da sua fé, que tantas vezes lhes haviam profanado os templos, e vilipendiado as imagens dos seus santos, triunfassem sobre os que pela honra dele combatiam; porém que, visto ser sua própria a causa, desse os portugueses a vitória sobre seus tirânicos inimigos, para que se desenganasse o mundo de que jamais faltava o auxílio do Céu aos que pugnavam pela glória de Deus. E pôs-se a exortar os seus conterrâneos que se batessem como homens e fizessem votos pela vitória. A esta exortação principiaram a fazer-se em abundância promessas de jejuns, romarias, esmolas, ofertas, disciplinas, ofícios. João Fernandes, lembrando-lhe o seu próprio estado erradio a fuga para o Egito, votou erguer à Virgem uma igreja com a invocação de Nossa Senhora do Desterro. Agora enviou ao combate a sua guarda, composta pela maior parte de escravos

seus, aos quais prometeu a liberdade se se portassem bem naquele dia. Principiaram-se eles pela encosta abaixo tocando suas cornetas, e soltando os berros de que seus selvagens conterrâneos usavam na guerra; e como à sua vista os insurgentes carregassem os holandeses com ânimo novo, levaram-nos outra vez adiante de si através das canas, reconquistando o perdido terreno. Porém Hans tinha arriscado tanto nesta ação, que não podia abandoná-la enquanto lhe restasse um vislumbre de vitória. Fez nova investida; já então eram bem conhecidos os desfiladeiros através do tabocal, os sítios das emboscadas tinham sido postos patentes, o estratagema já de nada servia, e a sorte do dia havia de decidir-se pelejando braço a braço. Outra vez pareciam os portugueses ceder ante a superioridade do número, e tomou a força muscular dos seus amigos, que mais perto se achavam, a ser necessária para ter mão em João Fernandes, que queria atirar-se à batalha, enquanto eles com suas vozes o conjuravam em nome de Deus a não expor uma vida de que tudo dependia. O novo converso Morais bradou que se cantasse a *Salve Rainha* em honra da Mãe de Deus. Caindo de joelhos entoou João Fernandes o hino; as tropas fizeram coro, e terminou o cântico com clamores de vitória, que o inimigo recuando cedia ante esta última e decisiva repulsa.

Val. Luc., **p. 200**
Cast. Lus., **6 § 23-7**

Escura e tormentosa fechava a noite, e acobertados pela escuridão tornaram os holandeses a atravessar o rio. Mal conheciam os vencedores toda a extensão da sua vitória, pelo que foi o seu primeiro cuidado render graças ao Onipotente, e o segundo aperceberam-se para outro ataque, com que contavam na manhã seguinte. Distribuiu-se às sentinelas toda a pólvora que restava, levantaram-se trincheiras entre os dois tabocais, e no terceiro, que orlava o arvoredo na encosta do monte, abriu-se lugar para uma emboscada. Feito tudo isto retirou-se o grosso dos patriotas para o viso do outeiro, onde era impossível surpreendê-los. Uma partida de negros fora enviada a observar os movimentos do inimigo e inquietá-lo durante a noite; alcançou ela a retaguarda dos holandeses, enquanto atravessavam o rio, passou-o atrás deles, dispersou-os e perseguiu-os pelas matas adentro. Ao saber-se disto fez-se sair um destacamento de tropas veteranas a explorar o terreno até duas léguas de distância; encontrou ele uma partida de cinqüenta holandeses, escoltan-

Val. Luc., **p. 201**
Cast. Lus., **6 § 28**

do (como depois se averiguou) cerca de quatrocentos feridos.[23] Os portugueses só viram o número do inimigo, e como a escolta se preparasse para a defesa, voltaram e correram a dar ao general aviso de estarem os holandeses outra vez metendo em forma, e dispondo-se para nova investida. Em conseqüência deste rebate passaram os patriotas a noite debaixo de armas.

Veio a luz do dia mostrar-lhes todo o alcance do seu triunfo; armas e munições juncavam em abundância o campo, e com os despojos se armaram os soldados e vestiram os negros e índios. Pela volta das nove horas chegou um compatriota com a notícia de que os holandeses fugiam na direção do Recife, e uma mensagem de Hans, pedindo que os portugueses dessem quartel aos feridos, que em carretas seguiam a retirada; as leis da guerra, dizia ele, autorizavam este pedido, e se lho recusassem havia a vingança de exceder a ofensa. Seguro agora da sua salvação e grande vitória, caiu todo o exército de joelhos, rendendo graças e louvores ao Dispensador dela, e retumbou aquele monte com os gritos de: "Viva a fé católica romana! Viva a liberdade! Viva el-rei D. João!" enquanto João Fernandes, de chapéu na mão, andava por entre os soldados, congratulando, louvando e abraçando-os um por um. Imediatamente, cumprindo a sua promessa, ali mesmo emancipou cinqüenta dos seus escravos, promovendo-os à classe de soldados livres, e dividindo-os em duas companhias de vinte e quatro praças cada uma debaixo dos capitães, que elas mesmas escolhessem. No campo da batalha encontraram-se trezentos e setenta holandeses[24], alguns levara-os o rio engrossado com as chuvas, e aos que morreram na retirada e nos hospitais do Recife nunca se soube a conta, asseveram porém os portugueses que ali se perderam três partes da força inimiga. O exército insurgente compunha-se de mil e duzentos portugueses e cerca de cem índios e negros; não havia mais de duzentas armas de fogo, quase todas caçadeiras, andando a maior parte da gente armada de espadas enferrujadas, croques, venábulos e dardos aguçados ao fogo. Trinta e sete homens morreram no campo, inclusive alguns dos principais da insurreição. O número de negros e índios perdidos não se refere, mas não podiam ser muitos onde o total era tão pequeno.

Uma derrota teria sido fatal, e embora a vitória não fosse igualmente decisiva, deve aferir-se-lhe o valor pelo mal que evitou. Cara

como custou aos patriotas, não é estranho que no estado de exaltação em que se achavam, e com os princípios da sua crença, fantasiassem eles devê-la a intervenção milagrosa. Homens contundidos por balas perdidas, afirmavam que a Virgem ou qualquer santo da sua devoção amortecera a força do pelouro; e outros, que haviam sido feridos, por milagre o tinham igualmente haverem escapado à morte. Tão fácil era ao general acreditar nestas coisas, como a eles imaginá-las: a política e a superstição davam pronto curso a quanto conto se inventava, e a impudência dos padres tudo autenticava. O milagre dos pães e dos peixes foi parodiado para a batalha do monte das Tabocas. Durante o último ataque que tinham os patriotas, disse-se, senão dois arratéis de pólvora, nem outras balas além das que na mesma ocasião se fundiam de pratos e estanho; contudo dispararam mais de mil tiros e ainda sobrou pólvora e bala. Apelaram até para muitos dos mesmos holandeses que dissessem se no ardor do conflito não haviam visto uma mulher de brilhante formosura, vestida de branco e azul-celeste, trazendo nos braços um menino encantador, e tendo ao lado um venerável velho com hábito de ermitão; atrevidamente afirmaram, declarando impudentemente que os holandeses atestariam o mesmo, que estas celestes personagens distribuíam pólvora e bala aos portugueses, e cegavam ao mesmo tempo de tal forma os olhos aos hereges, que eles arrojavam as armas, e, não podendo encarar a visão, largavam a fugir. A mulher era essa Mãe de Misericórdia por quem haviam clamado, cantando a *Salve Rainha*, no momento do perigo, e o ermitão esse S. Antônio, o Grande, famoso outrora pelos seus combates com o Tentador, e cuja capela tinha ficado descuidada e sem festejos durante a usurpação, quebrando-lhes os calvinistas a imagem.

Val. Luc., **p. 204-5.**
Cast. Lus., **6, § 29-36**

NOTAS DO CAPÍTULO XX

1. Aitzema diz que as dívidas dos portugueses à Companhia somavam quinze milhões de florins... mais de metade do capital dela. O que de tão errada política se podia esperar, senão as conseqüências que sobrevieram?

2. É curioso ver com que desprezo os portugueses olhavam os seus heréticos inimigos, ainda mesmo numa época em que à sua própria custa experimentavam o valor e os recursos destas nações. O jesuíta Bartolomeu Pereira na sua *Paciecis* (poema épico em doze livros, não sobre as proezas de Duarte Pacheco no Malabar, mas sobre o martírio de Fr. Francisco Pacheco no Japão) dirige a um holandês um insulto caracteristicamente português:

   I, turpis Olande!
   I vecors, sociis fida haec responsa referto,
   His, dextris ferrum premitur, non caseus! Ito,
   Perfide... molle pecus mulge, compone butyrum,
   Dum ferrum Lysii tractant, pelagoque triumphant.
   (Lib. VIII, pág. 140.)

   "E bem se vê", diz o autor da *Arte de Furtar*, referindo-se à Holanda e Inglaterra "que quanto mais buscamos estas nações com embaixadas e concertos, tanto mais insolentes e desarrazoadas se mostram, pagando com descortesias e ladroíces nossos primores; porque lhes cheiram estes a covardia, e consideram-se temidos e blasonam. Se eles não nos mandam a nós embaixadas, sendo piratas e canalhas do Inferno, por que lhas havemos nós de mandar a eles, que somos reino de Deus e senhores do mundo? Esta razão não tem resposta; e a que dão alguns políticos do tempo, é de cobardes bisonhos, que ainda não sabem que cães só às pancadas se amansam. Mas dirão que não temos paus para espancar tantos cães. A isso se responde, que antigamente um só galeão nosso bastava para investir uma armada grossa, e botando fogo e despedindo raios; a rendia e desbaratava toda. Sete grumetes nossos em uma bateria bastavam para investir duas galés; e rendiam uma e puseram outra em fugida. Poucos portugueses mal armados, comendo couros de arcas, e solas de sapatos sustentavam cercos a muitos mil inimigos, que venciam: E sempre foi nosso timbre com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos e assim fica respondido, que temos paus com que espancar a todos." Cap. 25.
3. Com homens ainda de mais baixa origem alcançou a Holanda assinalados triunfos; e tornaram-se célebres pela sua boa administração: a outras coisas deve-se a decadência do Brasil holandês. (F.P.)
4. Teodósio Estrater o chamam os portugueses, mas Dirk é a abreviação holandesa de Teodorico, creio eu, e não de Teodósio.
5. A história do princípio da vida de João Fernandes conta-a Fr. Manuel do Salvador, com característica singeleza nas suas oitavas:

   A Pernambuco chega humilde e pobre
   (Porque quem foge aos pais tem mil desgraças.
   Porém como seu sangue é sangue nobre
   Para passar a vida busca traças;

Considera que o ouro, a prata, o cobre,
O que mais se estima pelas praças,
E assim para buscar a honesta vida,
Serve a um mercador por a comida.
Sai-se do Arrecife em continente
Por não vir nele a dar em ser magano
E não ser visto ali da muita gente
Que ia e vinha da ilha cada um ano;
O coração cercado de ânsias sente,
Um engano o persegue e outro engano,
Em resolução parte do Arrecife,
Que não diz bem ser nobre e ser patife.
(*Val. Lus.*, pág. 158)

6. Não sabemos como o grave historiador Southey deu crédito a semelhante anedota visivelmente da lavra do Fr. Manuel do Salvador. (F.P.)
7. Será bom prevenir o leitor que o que acaba de ler é extratado do panegírico de J. F. Vieira, escrito por F. M. do Salvador, sob o título do *Valeroso Lucideno.* (F.P.)
8. Em um estudo histórico intitulado *O Brasil Holandês*, inserto no tomo XXIII da *Rev. Trim. do Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro,* expendemos com algum desenvolvimento as razões que nos fazem crer que a iniciativa da insurreição pernambucana partira de André Vidal Negreiros e não de João Fernandes Vieira. (F.P.)
9. Pensamos ser esta uma hipérbole dos panegiristas de Vieira, e que jamais o passara pela cabeça dos heróis da restauração de Pernambuco. (F.P.)
10. A pátria do valente caudilho Filipe Camarão não era Pernambuco e sim o Ceará. (F.P.)
11. Por carta patente de 4 de setembro de 1639, nomeou D. Fernando de Mascarenhas conde do Peru a Henrique Dias, crioulo de Pernambuco, governador dos pretos e pardos da referida província. (F.P.)
12. Antônio Teles da Silva, governador-geral do Brasil de 1642 a 1646. Durante o período do domínio holandês foram governadores: Diogo de Mendonça Furtado (1625); Pedro da Silva, de 1625 a 1638; D. Jorge de Mascarenhas, marquês de Montalvão (1641); Antônio Teles da Silva, de 1642 a 1646; Antônio de Sousa Meneses conde de Vila Pouca (1650); J. Rodrigues Vasconcelos, conde de Castelo Melhor (1654) e Jerônimo de Ataíde, conde de Atouguia (1654). (LA).
13. A propósito, escreve Adolfo Varnhagen: "Os primeiros planos para se levar isso a cabo em Pernambuco, pelos esforços dos seus próprios habitantes, haviam tido lugar antes de ser ocupado o Maranhão e até já antes das entrevistas de tréguas entre Nassau e Montalvão. Se não foi André Vidal o autor da idéia, desde que no tempo

do conde da Torre chegou, com um punhado de homens, quase a dominar em toda a Capitania da Paraíba e ameaçar e aterrorizar as vizinhas, ele veio, depois, a patrocinar de tal forma a mesma idéia que podemos dizer que a perfilhou, que a fez familiar na Bahia, e veio a ser, por assim dizer, a alma do plano que foi posto em execução, depois de abraçado pelo governador Antônio Teles, que tudo sacrificou por esse fim, e a quem talvez algum dia Pernambuco honrará com uma estátua." Vide Adolfo Varnhagen, in *História Geral do Brasil. (L.A.)*

14. Absurda era semelhante imputação e só própria para irritar o povo ignorante contra o domínio holandês. (F.P.)
15. O título deferido a Vieira nessa primeira reunião dos conjurados não era o de general, porém o de governador, da liberdade. (F.P.)
16. Não nos consta que Fr. Rafael de Jesus fosse abade da ordem beneditina. (F.P.)
17. Há aqui uma injustiça manifesta: nunca o assassinato foi contado por um eclesiástico entre as obras meritórias. (F.P.)
18. Igaraçu. (F.P.)
19. Tapacorá. (F.P.)
20. Torna-se oportuna a observação de João Ribeiro sobre a atitude dos índios durante a dominação holandesa, os quais, frisa, "tanto estavam divididamente do lado dos portugueses como dos holandeses". Ao contrário, escreve Capistrano de Abreu: "Venceu o espírito nacional: reinóis como Francisco Barreto, ilhéus como Vieira, mazombos como André Vidal, índios como Camarão, negros como Henrique Dias, mamelucos, mulatos, curibocas, mestiços de todos os matizes combateram unânimes pela liberdade divina". Vide João Ribeiro in *História do Brasil* e Capistrano de Abreu in *Capítulos de História Colonial*. (L.A.)

21 Pinto de Sousa, na *Bibl. Hist. de Portugal*, nº 67, diz que este padre, achando-se na Holanda, escrevera uma *História da América,* donde Jan de Laet tirou muitos e bons materiais para o seu *Novis Orbis*.
A obra de Manuel de Morais porém é citada por Jan de Laet (nas suas *Notae ad Dissertationem Hugons Groii de Origine Gentium Americanarum*, pág. 216) como uma história do Brasil e não da América, e nenhuma referência a ela se faz no *Novis Orbis*, como aliás sucederia, se Laet os seus materiais se houvera aproveitado. Mas o *Novus Orbis* foi publicado três anos apenas depois da tomada de Olinda, quando o manuscrito segundo todas as probabilidades não teria ainda chegado às mãos do autor. A obra era de alguma extensão, pois que a citação é o livro X, e talvez ainda exista. Em tal caso pode ser de considerável valor, visto como tendo sido Morais um paulista, tinha razões para andar bem informado. Pinto de Sousa diz que ele foi jesuíta, e abjurou o calvinismo em 1647... dois anos depois da sua conversão por João Fernandes. Pois que esta cerimônia teve lugar em Portugal, é provável que ele tivesse sido remetido para lá, onde por intermédio da Inquisição se reconciliasse com a Igreja.

22. O que foi a ação das emboscadas e guerrilhas da parte de brasileiros e portugueses contra os flamengos vem descrito por Capistrano de Abreu. Vide do autor *Capítulos de História Colonial*. (L.A.)

23. Segundo o valioso testemunho de Netscher compunha-se a força expedicionária holandesa de quinhentos homens: vê-se portanto que exageradíssimo é o número dos feridos. (F.P.)

24. O número dos holandeses mortos, segundo a asseveração do referido Netscher, não passou de trinta e sete. (F.P.)

. . . .

Capítulo XXI

DA BAHIA SE ENVIAM TROPAS ÀS ORDENS DE VIDAL E MARTIM SOARES – MAIS TRIUNFOS DOS INSURGENTES – RESTAURAM TODO O PAÍS AO SUL E VÃO ACAMPAR DIANTE DO RECIFE – MORTICÍNIO NO RIO GRANDE – TRAIÇÃO DOS DESERTORES – MARCHA CAMARÃO PARA O RIO GRANDE, ONDE DESBARATA OS HOLANDESES – FOME NO RECIFE – ESCASSEZ TAMBÉM NO CAMPO – RECEBEM AS TROPAS PORTUGUESAS ORDENS DE LISBOA PARA SE RETIRAREM – OBEDECE MARTIM SOARES, MAS RESOLVE VIDAL PROSSEGUIR NA GUERRA

1645

Retirada dos holandeses

COM os destroços do seu exército continuou Hans toda a noite a sua retirada, sem fazer alto enquanto não chegou a S. Lourenço de Ipojuca, lugar distante sete léguas do teatro da sua derrota. Aqui aguardou os seus feridos e extraviados, mandando pedir imediatamente socorros ao Recife, donde lhes enviaram tão prontos, que ainda no mesmo dia vieram, não em verdade suficientes para retomar a ofensiva, nem havia na cidade tropas de que dispor, porém bastante para segurança do resto da retirada. Desde o princípio da insurreição, percebeu o Conselho distintamente o seu perigo, sentindo a fraqueza a que pela sua improvidente

economia o reduzira a Companhia. Também tinha ele boas razões para desconfiar dos protestos do governador da Bahia, e contar com que não tardaria a vir reunir-se aos insurgentes uma força por ele enviada, sendo certo que se as tropas não tivessem já partido, o fariam sem demora ao receber-se a notícia desta vitória. Mandou pois a Hans que se recolhesse ao Recife, onde se considerava que seria necessária a sua gente para defesa da cidade.

Nieuhoff, p. 65
Cast. Lus.,
6, § 37

Embaixada da Bahia

Cerca de três semanas antes da batalha tinham outra vez sido enviados à Bahia Hoogstraeten e outro deputado, que ali significassem a íntima persuasão, em que estava o governo holandês, de que a incursão feita por Camarão e Henrique Dias de modo nenhum fora autorizada pelo governador português; e requeressem que fossem chamados os invasores por uma proclamação, ou qualquer outro meio mais eficaz e expedito, sendo depois punidos como mereciam, e que no caso de não obedecerem fossem declarados inimigos do rei de Portugal. Continuou Antônio Teles com o sistema já da outra vez observado. Aos protestos de amizade, e ardente desejo de manter com a maior boa-fé as ajustadas tréguas, respondeu com outros igualmente amigáveis, e agora ainda menos sinceros. Lançou em rosto aos holandeses os seus atos de agressão em Angola, S. Tomé e Maranhão, dizendo que, como soldado, não teria sofrido pacientemente tantas injúrias, nem deixado perder tantas e tão belas ocasiões de se fazer justiça a si mesmo, mas que havia sufocado os seus sentimentos em obediência às reiteradas ordens do seu rei para que por todos os meios ao seu alcance mantivesse e fortificasse a boa inteligência que reinava entre Portugal e as Províncias-Unidas. As tropas que tinham atravessado o rio S. Francisco compunham-se de descontentes; e quando assim se via instado por que os fizesse recolher para dentro dos seus próprios limites, não podia deixar de sentir imenso pesar, refletindo de um lado quantas calamidades não estavam eles causando, e do outro quão destituído estava de poder para satisfazer a requisição do Conselho, pois não eram Camarão e Henrique Dias homens que por persuasões se deixassem levar. Quanto aos portugueses, de quem o mesmo Conselho se queixava por se terem insurgido, verdade era terem-se eles pedido auxílio, alegando serem súditos do mesmo rei, e haverem-se visto obrigados, em conseqüência de falsas acusações, que

contra eles haviam feito maliciosos e pérfidos judeus, a abandonar suas casas e terras e deixar mulheres e filhos, preferindo todas as misérias da fuga aos horrores do cárcere. Além disto tinham-se mandado chamar os tapuias do Potengi para serem empregados contra eles, pelo que ou haviam de fugir ou ficar expostos à fúria destes selvagens. Pela sua parte, disse o governador-geral, maravilhava-o que o Conselho tivesse dado ouvidos aos enredos de raça tão universalmente desprezada como a dos judeus; e posto que estivesse certo que no atual estado de coisas de bom grado se podiam pôr os portugueses de Pernambuco debaixo da sua proteção, parecendo-lhes melhor, se fosse essa a única alternativa, serem oprimidos por seu rei natural do que por estrangeiros, contudo, para convencer o Conselho da sinceridade da nação portuguesa, que era tal que jamais houvera oportunidade de promover os próprios interesses, por mais tentadora que fosse, que lhe tivesse feito esquecer o que reputava devido a seus aliados, tomaria sobre si o encargo de mediador, buscando apaziguar estes conflitos. Neste intuito ia despachar imediatamente pessoas de reconhecida habilidade com instruções e poderes para exortarem os revoltosos a voltar à obediência: se com exortações nada se conseguisse, empregar-se-iam outros meios, fazendo à força o que a persuasão não pudera.

Nieuhoff, p. 56-66
Cast. Lus., **6, § 88-9**

Medidas do governador-geral

Enquanto se demoravam em S. Salvador os deputados, renovou Hoogstraeten ao governador os seus oferecimentos comprometendo-se positivamente a entregar-lhe Nazaré, plano que, dizia ele, já havia comunicado a João Fernandes. Convenceu-se Teles agora de que era Hoogstraeten um verdadeiro traidor, e sem hesitar prometeu que, se cumprisse este compromisso, seria recompensado pelo governo português, como tão assinalado serviço merecia. Receou o holandês que as suas conferências privadas com o português excitassem as suspeitas de seu colega, e com uma duplicidade poucas vezes igualada disse-lhe que o governador queria comprar-lhe a entrega do seu forte, que ele lhe dava ouvidos para melhor penetrar-lhe os secretos desígnios. De volta ao Recife repetiu ao Conselho o mesmo conto, acrescentando que Antônio Teles só aguardava alguns navios do Rio de Janeiro para dar princípio à projetada empresa contra as capitanias holandesas. Fora este proceder provavelmente concertado com o governador-geral; o papel que ele se propunha representar não podia continu-

ar duvidoso por muito tempo ainda, pelo que, achando-se já prevenido o inimigo, pouco se lhe podia dar de confirmar as suspeitas concebidas, enquanto que era da maior importância não duvidar ninguém da lealdade de Hoogstraeten. Ao comando de Vidal e Martim Soares embarcaram na Bahia dois regimentos em oito navios, de que era almirante Jerônimo Serrão de Paiva. A armada de trinta e sete navios reunidos no mesmo porto para darem à vela para o reino debaixo das ordens de Salvador Correia de Sá Benevides, devia acompanhá-los até Tamandaré, onde desembarcariam as tropas, seguindo Paiva para o Recife com cartas, em que o governador-geral informava o Conselho de que, cumprindo a sua promessa, enviara dois oficiais de confiança a exortar os insurgentes, e, se o não conseguissem por bem, obrigá-los pela força a voltar à obediência.

As tropas da Bahia tomam Serinhaém

Exatamente por este tempo teve o comandante holandês de Serinhaém ordens para desarmar no seu distrito os portugueses. Estavam já estes obedecendo à intimação para entregar passivamente as suas armas, quando um por nome João de Albuquerque, exclamou que iam oferecer o pescoço ao cutelo, sendo intenção do inimigo torná-los primeiro indefesos, e depois trucidá-los. Reuniram-se em torno dele os mancebos, apreenderam e meteram a pique três navios, que ali estavam carregados com destino ao Recife, e, ouvindo que tinham desembarcado na vizinhança estas tropas da Bahia, correram a pôr-se debaixo da proteção delas. Apenas o chefe viu os dois mestres-de-campo, conjurou-os em nome de Deus e do rei, que libertassem os pernambucanos do jugo contra que lutavam marchando sem detença contra o forte de Serinhaém. A dissimulação era já inútil e Paulo da Cunha partiu com um destacamento a intimar a guarnição. Na sua intimação disse ele que o governador-geral mandara esta força a reduzir os portugueses de Pernambuco, se sem motivo se houvessem levantado, mas protegê-los se se conhecesse que repetidas injustiças os tinham levado à insurreição. Tendo desembarcado entre eles, e ouvido suas queixas, haviam os mestres-de-campo achado que os holandeses os tinham tratado, não como súditos, mas como escravos, pelo que era do seu dever ajudar a expulsar do Brasil um povo que se mostrara incapaz de governar naquele país. Vendo-se cercada por forças superiores, e com a água cortada, rendeu-se a guarnição apressada e co-

varde, deixando sessenta índios à desapiedada vingança dos portugueses. O auditor-geral Francisco Bravo, que acompanhava o exército, condenou-os como traidores a el-rei de Portugal e trinta foram imediatamente estrangulados, dividindo-se o resto entre os oficiais para lhes conduzirem às costas a bagagem e distribuindo-se as mulheres e filhos pelos habitantes do distrito, não em verdade sob o nome de escravos, mas pelo sistema pouco menos nefário de administração, como o chamavam. A maior parte da guarnição, composta de oitenta homens, passou ao serviço dos portugueses, e dos holandeses estabelecidos no distrito dois tão-somente a abandonaram depois de reconquistado. Os outros pediram proteção aos portugueses, e deixaram-se ficar para com vagar se arrependerem de seus pecados. Paulo da Cunha completou o seu triunfo, obrigando dois judeus a professar o cristianismo.

Morte de Antônio Cavalcanti

Veio ainda a nova da vitória do monte das Tabocas aumentar aos mestres-de-campo a alegria deste triunfo. Sete dias se demorara João Fernandes no teatro da ação a enterrar os mortos e curar os feridos. No sétimo soube que tinham desembarcado tropas da Bahia e mandou-lhes ao encontro. Ameaçados pelos holandeses de Itamaracá mandaram os moradores de Garaçu e Goiana pedir-lhe socorro, e Antônio Cavalcanti requereu para si esta diligência. Era Cavalcanti o homem[1] que João Fernandes, apesar da projetada aliança entre as duas famílias, suspeitava de ser o instigador de todos os murmúrios contra ele, e de conspirar contra a sua vida. De semelhantes desígnios nenhuma prova se encontra, mas se ele tivesse cooperado de coração para o triunfo da causa, não se houvera originado a suspeita. Morria ele por deixar o arraial e João Fernandes por descartar-se dele às boas, pelo que logo o nomeou para a diligência, dando-lhe cento e cinqüenta homens. Em Garaçu deixou-se Cavalcanti ficar inativo, de modo que uns lhe puseram em dúvida o valor, outros a lealdade; dentro em pouco ali morreu de um pleuris, não deixando os seus conterrâneos, com essa presunção, que tantas vezes acompanha o zelo religioso, de atribuir a sua morte a um juízo de Deus.

Cast. Lus., Val. Luc.

Chegada de Camarão e Dias

No dia seguinte àquele em que os patriotas tinham deixado o monte das Tabocas, chegariam ali com parte das suas tropas Camarão e Henrique Dias[2] e seguindo-lhes as pegadas, alcançaram-nos na segunda noite. Pela mesma

ocasião recebeu João Fernandes aviso de que cento e oitenta holandeses se achavam postados em S. Antônio do Cabo, e abalando imediatamente para surpreendê-los, alcançou aquele lugar ao romper do dia; mas apesar da rapidez do seu movimento foram os holandeses prevenidos a tempo, e tinham fugido para Nazaré. Em S. Antônio fez alto. As tropas baianas estavam em Ipojuca a três léguas dali, e João Fernandes escreveu aos mestres-de-campo, dizendo que bem sabia terem eles sido enviados a pacificar o país, mas que apesar dos boatos que corriam, só podiam eles e ele propor-se ao mesmo fim, o de ajudar os oprimidos e derribar os opressores. Recebida esta carta, foi Martim Soares postar-se em Algodão, a uma légua do Pontal de Nazaré, e Vidal marchou com a sua divisão a encontrar João Fernandes.

Cast. Lus., **6, § 45**

Entrevista de J. Fernandes com Vidal

Inúmera multidão de homens, mulheres e crianças, que se tinha reunido à volta do exército, buscando proteção, assistiu ao encontro. Dirigindo-se a João Fernandes em altas vozes, disse Vidal que a prendê-lo vinha por ordem do governador-geral, em conseqüência de queixas dadas contra ele pelo Conselho de Recife, e também a punir os chefes da insurreição. Respondeu o *governador da liberdade* que pois o governador-geral ouvira as queixas dos governantes, escutasse também os clamores do povo. "Bem sei", continuou, "que trazeis instruções condicionais, que deveis cumprir segundo a justiça, que assistir às duas partes, dando a cada uma o castigo ou apoio que merecer; e chegastes a um tempo que com os próprios olhos podeis ver a miserável escravidão a que estão reduzidas estas capitanias. Os moradores, aqui no seu próprio país, dão-se por felizes quando acham abrigo nos matagais, tendo as mesmas feras por menos terríveis que os seus opressores. Procuram-me a mim, buscando proteção e salvação, e eu empreendi libertá-los e vingá-los, por força dessa lei natural que a todos autoriza a valerem-se de todos os meios em defesa da vida e da honra." A esta fala sucedeu um clamor geral de confusas vozes, umas queixando-se de seus males, outras dando expansão à sua indignação. Um dos soldados de Vidal saiu então à frente, e assim arengou os seus camaradas: "A injustiça dos holandeses repeliu de suas casas este povo todo; uns andam fugidos da opressão, outros em busca da vingança, e não temos nós todos que lamentar pais, parentes, amigos, patrícios moradores a crueldade destes

flamengos, perdas que jamais poderemos esquecer, e que de contínuo nos estão bradando retribuição! Agora temos nas mãos a oportunidade, ante os olhos o exemplo, e do nosso lado a fortuna. Que faremos pois como patriotas e como portugueses, senão oferecer as vidas ao serviço de Deus e da pátria? Se há entre nós quem do outro parecer seja, que volte à Bahia." Vidal previra isto, ou porventura o concertara! A fala foi, como ele esperava, acolhida com aclamações, e a disposição das tropas, disse ele, não lhe permitia obedecer às ordens que recebera. Agora era ele um soldado como outros, e sabendo, como muito bem sabia, até que ponto fora levada a paciência do povo e a insolência dos estrangeiros, de todo o coração combateria por semelhante causa debaixo das bandeiras de tão valente general e de amigo tão caro como João Fernandes. Misturaram-se as tropas baianas como as fileiras dos insurgentes, e Vidal, tendo abraçado Fernandes, com ele foi para a sua tenda, continuando a ser seu camarada desde aquele momento até ao fim da guerra.

Enviam-se tropas contra Nazaré

A primeira medida foi enviar contra Nazaré um destacamento ao comando de Araújo. Ouvindo o que com Vidal se passara, e tendo provavelmente concertado com ele o seu proceder, afetou Martim Soares da mesma forma ceder à vontade da sua gente, mandando dizer a João Fernandes que ele com a força que trazia, estava à sua disposição, e marchou também contra Nazaré. O corpo principal dos patriotas, engrossado com este novo socorro, e trazendo após si grande número de colonos com suas famílias, índios e escravos, abalou para Muribeca. João Fernandes queria sem demora seguir para o rio Tigipó. mas Vidal fez-lhe ver quanto os fugitivos que os acompanhavam tinham sofrido com as inundações e atoleiros das estradas, e que fora desumano não lhes conceder algum tempo de repouso. Fizeram pois alto por algumas horas, chegando ao rio às seis da tarde. Ia o mestre-de-campo na vanguarda comandando João Fernandes a retaguarda, e antes de se acampar punham-se sentinelas em todos os caminhos e estradas em roda, para evitar que se levasse qualquer notícia ao inimigo.

16 de agosto

Cast. Lus., **6, § 47-8**

Prisão das mulheres da Várzea para servirem de reféns

Naquele dia tinha saído Blaar a prender na Várzea todas as mulheres portuguesas para servirem de reféns e saquear as casas dos insurgentes. Com especialidade se

procurou a mulher de João Fernandes, mas ele, prevendo o perigo, havia-a escondido nas matas, com um mulato para servi-la, em lugar só sabido dum dos seus escravos que tinha a seu cargo levar-lhe alimento e vigiar pela sua segurança. Tendo sido menos previdentes os outros chefes, foram presas muitas das suas mulheres e filhos, entre outras as de Berenguer, Bezerra e Amaro Lopes, pessoas cujas casas gozavam de imunidade contra todos e quaisquer oficiais de justiça. As presas foram levadas para umas casas, conhecidas pelo nome da proprietária, D. Ana Pais, e onde Hans tinha o seu quartel-general, e dali deviam ser conduzidas para o Recife a uma légua de distância. Um capelão de João Fernandes, que oficiava na Várzea, e lhe sabia de todos os movimentos, para poder a qualquer hora mandar-lhe avisos, correu com a notícia ao acampamento. Foi ela comunicada ao exército, que avançou imediatamente a libertar as mulheres. Guiava Fagundes a guarda avançada, e apanhando dois esculcas do inimigo, tirou deles quanto podiam revelar-lhe, depois do que matou-os e seguiu avante, até que chegando à vista duns engenhos de açúcar, fez alto por ouvir rumor dentro. Andava uma partida de holandeses entretida na obra da pilhagem e Fagundes, considerando que se os atacasse bastava escapar um só para se frustrar o desígnio tão importante de surpreender o inimigo, conservou prudentemente a sua gente escondida até que os outros se foram com a sua presa. À meia-noite chegou todo o exército a estes engenhos. Chovia a cântaros e ia escura a noite; recolheram-se debaixo de coberta quantos puderam, e aqui se tomou o mantimento trazido de Muribeca, fazendo-se alto por três horas. Então, saltando repentinamente fora da rede em que jazia, declarou João Fernandes que Santo Antônio lhe aparecera em sonhos, argüindo-o por dormir em semelhante ocasião. Depressa se pôs o exército em movimento, e ao romper da alva alcançou-se o Capivaribe: ia mui crescido o rio, o vau impassável, e nem batel, nem canoa nem jangada se descobria. Já os quartéis do inimigo estavam quase à vista. Um mulato da casa de João Fernandes, excelente nadador, meteu-se primeiro ao rio, e o amo o seguiu; a água chegou-lhe ao arção da sela, mas ele passou, e os soldados, animados com o exemplo, amarraram as armas de fogo à cabeça, e segurando-se uns aos outros

J. Fernandes as liberta

pela mão para melhor resistirem ao ímpeto da corrente, ganharam a outra margem.

Efetuada a passagem, que a menor resistência teria tornado impraticável, seguiu o exército à floresta, até que apareceram à vista as casas de D. Ana Pais, e fazendo então alto, adiantou-se uma partida a surpreender algumas sentinelas holandesas. Depressa se apanharam duas, que declararam estarem formando no terreiro das casas dois esquadrões, um com destino para Olinda, outro para a Várzea, ambos com ordem de pôr tudo a ferro e fogo. Achavam-se os oficiais à mesa, e apenas acabassem, marchariam com os presos. Sabido isto, avançaram os portugueses, avistando à entrada do engenho outras duas sentinelas, sobre as quais atiraram; uma caiu, a outra fugiu, mas logo foi morta. Os oficiais à mesa ouviram os tiros, mas vendo que nenhuma sentinela vinha dar rebate, continuaram a almoçar tranqüilamente. Não tardou porém que Camarão fizesse ouvir o seu assobio, sinal para as suas terríveis tropas: tocaram os holandeses às armas, e ao som dos tambores e cornetas abafado pelas descargas da mosquetaria e gritos de batalha ergueram-se da mesa os oficiais, já tarde demais para se aproveitarem das vantagens que lhes poderia oferecer o terreno. Os soldados foram repelidos para dentro do edifício; Blaar que nem esperava quartel, nem o merecia, era de opinião que se rompesse caminho para o Recife, mas queria o impossível, que já Vidal lhe havia cortado a retirada. O mais que podiam fazer os holandeses era defender-se dentro da casa enquanto fosse possível. Havia ali para consumo das fornalhas uma enorme pilha de lenha, que serviu agora de parapeito aos portugueses, os quais, furando com suas balas de mosquete as tênues paredes da casa principal, faziam grande mortandade entre os apinhados sitiados. Trouxeram então os holandeses as mulheres portuguesas, expondo-as às janelas a serem mortas à vista de seus maridos, parentes ou filhos. Vendo isto, mandaram os assaltantes uma bandeira branca, propondo capitulação ao inimigo; parece porém que então julgaram os holandeses ter descoberto no que haviam feito um meio seguro de salvação, pois que atirando sobre a bandeira, mataram o alferes, e ao mesmo tempo, fazendo pontaria a Vidal, que se aproximara confiado na bandeira, e a quem conheceram pela ordem de Cristo, que trazia ao peito, com um tiro lhe esmigalharam um dos coldres, e com outro lhe mataram o cavalo. Imagine-se como isto não exasperaria os portugueses. Na sua fúria esqueceram as mulheres. À guisa de celeiro estava edificada sobre pilares a casa que eles investiam: puseram lenha debaixo do soalho

e lançaram-lhe fogo. Estava esta porém molhada, e o resultado foi só fumo, mas aparecendo gravetos, depressa se ateou uma labareda, que aterrou o inimigo. Hans, abrindo então uma janela, mostrou fora um sinal branco, apresentando ao mesmo tempo aos portugueses o cabo da sua pistola, como quem se rendia.

Cast. Lus., **6 § 53-6.**
Val. Luc., **p. 222**

Hans e Blaar feitos prisioneiros

João Fernandes e os portugueses eram por não dar quartel. Tinham presentes na mente todos os males sofridos, a recente matança de Cunhaú, o edito contra as mulheres, e ainda mais lhe inflamava o zelo e a fúria o aspecto duma imagem da Virgem, que um velho morador da Várzea lhes mostrara no calor da ação, e à qual haviam os holandeses no seu desprezo pela idolatria católica cortado os braços.[3] Caíam dela gotas de água, e o povo a clamar: "Milagre! Milagre! A imagem de Nossa Senhora sua!" Vendo isto, e como o fogo ardia, e os holandeses prestes a ser presa do elemento, encontraram os pernambucanos no espírito cruel da sua Igreja[4] uma singular propriedade em destruir o inimigo com este gênero de morte, e clamaram que os queimassem vivos, como hereges obstinados e incorrigíveis que eram. Opôs-se-lhes porém Vidal, cuja natural humanidade nem o caráter da época, nem as circunstâncias do Brasil, nem a mortal superstição do seu país, tinham podido sufocar, e por sua ordem foi extinta a chama.[5] Acabava de passar o dia de S. Lourenço, e o mestre-de-campo soube apaziguar o povo, observando que tendo sido este santo martirizado pelo fogo, não queria que os holandeses morressem da mesma maneira. Permitiu-se pois a Hans e Blaar que saíssem a apresentar as suas condições. O mais que pediram foi as vidas salvas, querendo também estipular igual graça para os índios ao seu serviço. Contra isto começaram a resmungar os portugueses, que olhavam esta gente como rebelde, e estavam exasperados pelos recentes excessos por eles cometidos. Os míseros selvagens puseram termo à discussão, e sabendo quão pouca misericórdia deviam esperar, arremeteram contra os seus inexoráveis tiranos. Depressa foram subjugados e passados todos à espada. Camarão era aparentado com o cacique deles, mas o cristianismo, que lhe haviam ensinado, pouco lhe abrandara a ferocidade do seu caráter selvagem. Na sua opinião merecera o parente dobradamente a morte, como rebelde ao seu rei e ao seu Deus, mas para que morresse com a

maior honra possível, ele próprio lhe deu a morte, fazendo-o depois enterrar com decência, enquanto os cadáveres dos outros ficavam expostos às feras e aves de rapina. O número dos assim trucidados foi de cerca de duzentos. Um dos índios, tendo recebido uma ferida mortal, caiu e ficou como um cadáver entre os mortos. Mas ao primeiro português que viu aproximar-se ergueu-se com moribundo esforço, apunhalou-o três vezes, tornou a cair e expirou. As mulheres destes desgraçados índios, vendo a matança, tomavam os filhos e de encontro às pedras lhes esmigalhavam os crânios.

Cast. Lus.,
Val. Luc.,
Nieuhoff

Perda dos holandeses

Mais de duzentos holandeses aqui foram feitos prisioneiros, caindo nas mãos dos insurgentes mais de seiscentas armas, além de muitos e bons cavalos e provisões em abundância. A perda dos portugueses em mortos e feridos seria duns sessenta. Henrique Dias foi ferido numa perna, mas não deixou a ação.[6] Fagundes levou uma bala através da barriga, mas restabeleceu-se. Assinalaram-se os padres como na vitória anterior, e aqui também a embelezaram com milagres. Nem o suor da mutilada imagem da Virgem foi o único prodígio inventado para a ocasião. Contou-se e atestou-se que alguns portugueses, que tendo-se estropiado pelo caminho, ficaram nuns engenhos de açúcar, foram ao ouvirem a mosquetaria da ação com o capelão para a capela do estabelecimento, e ajoelhados ante o altar de S. Sebastião, imploravam o seu auxílio a bem dos conterrâneos. Imediatamente principiou a imagem a suar, como quem violentamente se afadigou, continuando as gotas a cair enquanto durou o combate, de modo que todos os que se achavam presentes molharam os lenços na milagrosa efusão.

Cast. Lus., **6, §62**

Blaar assassinado a caminho para a Bahia

Via-se agora João Fernandes indisputadamente senhor do campo num país em que tão pouco antes errava de lugar em lugar com um punhado de insurgentes foragidos, buscando abrigo nas selvas. Perto lhe ficava um dos seus próprios engenhos, chamado de S. João Batista, e para lá se dirigiu ele agora em triunfo. Ia adiante a música, seguiam-se os prisioneiros, depois vinham os portugueses escoltando em marcha festival às mulheres que tinham libertado, e atrás de todos o povo, a exultar e dar vivas, rendendo graças a Deus, abençoando e engrandecendo o autor da sua liberdade. Dos prisioneiros uns alistaram-se no serviço dos portugueses, os outros

foram remetidos para a Bahia. Não se podia dispensar um destacamento para guardá-los, pelo que se ordenou que os moradores dum distrito os escoltassem até ao outro, visto achar-se já toda a capitania em armas, e que assim fossem levados até à residência do governador-geral. No caminho encontrou Blaar a sorte com que já contava, e que suas antigas crueldades haviam provocado e merecido, sendo morto num lugar por onde passava. Foi a única vítima nesta marcha, nem os outros prisioneiros tiveram motivos de queixa; mas os que por estropiados ficaram a meio caminho, tendo depois de transpor o resto, quando já se não achavam debaixo da salvaguarda da ordem geral para escoltá-los, foram mortos pelo povo.

Tomada de Olinda pelos insurgentes

No mesmo dia desta segunda vitória, foi Olinda ocupada por uma partida de trinta pernambucanos, comandados por Manuel Barbosa, mancebo de muito distinta família. Sua irmã mais velha, como viúva, tinha casa própria a uma légua de Maurícia, e com ela residiam as irmãs, enquanto Manuel, com cinco companheiros jovens e decididos como ele, se ocultava nas vizinhas florestas, aguardando ocasião de reunir-se a João Fernandes. Por aqui passou casualmente uma partida de desesseis holandeses, escoltando uma tropa de negros carregados de pilhagem. Era noite, e eles pararam à porta de D. Luísa, pedindo agasalho. Recearam os moradores, como bem podiam fazê-lo, abrir a tais hóspedes; mas estes meteram a porta adentro, ouvindo-se logo os clamores das mulheres. Estava Barbosa perto com os seus camaradas, que possuíam entre todos dois mosquetes, duas espadas, um croque e um pau ferrado. Com estas armas investiram os seis portugueses o inimigo, ou não lhe sabendo o número, ou, o que é mais provável, desprezando todo o perigo em semelhante ocasião: fez o atrevimento com que os holandeses os tomassem por mais numerosos, e também lhes foi favorável a escuridão. Mataram a maior parte do destacamento, puseram em fuga o resto, e entre os despojos acharam armas bastante para quatorze dos seus conterrâneos, que, sabendo deste feito, vieram reunir-se-lhes na manhã seguinte. Crescendo-lhes agora com o número a audácia, mesmo às portas do Recife picavam e desafiavam os holandeses, chegando agora a tomar posse de Olinda não obstante haver sobre a cidade um reduto fortificado. João Fernandes premiou-lhes o chefe com uma patente de capitão.

Cast. Lus., **6, § 69**

Hoogstraeten entrega Nazaré

Entretanto acampava Martim Soares diante do forte de Nazaré, que mandou intimar por Paulo da Cunha. Recebeu Hoogstraeten este oficial em público, declarando-lhe a resolução em que estava de defender o seu posto; mas em particular asseverou-lhe que desempenharia a palavra dada ao governador-geral, apenas o mestre-de-campo fizesse junção com o exército sitiante para tornar airosa a entrega. Veio pois Vidal que estava no engenho de S. João Batista, e à chegada dele com a sua divisão fez-se segunda intimação. Não era o mensageiro conhecido de Hoogstraeten, pelo que declarou este cauteloso traidor que nenhuma resposta daria, se não lhe enviassem um oficial de graduação suficiente. Foi pois Paulo da Cunha novamente ao forte, e outra vez lhe deu Hoogstraeten pública audiência, declarando ainda que como homem era amigo dos portugueses, mas como comandante daquela fortaleza, devia ir-lhe sobretudo à sua pátria, e assim morreria na defesa do posto que lhe fora confiado. Depois desta bravata, esperou Paulo da Cunha à porta, e pelo caminho lhe foi dizendo que assaltassem os portugueses sem demora o forte pelo lado da barra que ele teria cuidado de fazê-lo cair-lhes na mão, e ocupassem também o lugar onde se fazia aguada. Tomados estes pontos, não foi difícil fazer ver à guarnição que eram perdidas todas as esperanças de socorro, e que pois a falta de água devia depressa obrigá-la a capitular com quaisquer condições, melhor seria fazê-lo já e obtê-las boas. Foi mais uma barganha do que capitulação. As tropas seriam pagas dos seus soldos atrasados devidos pela Companhia; quem quisesse pôr-se ao serviço dos portugueses, poderia fazê-lo, quem preferisse servir na Europa teria passagem para Lisboa; e aos que escolhessem voltar à sua própria pátria se forneceriam meios de transporte. Transmitiram-se estas condições a João Fernandes Vieira. Tinha ele levantado entre os insurgentes uma contribuição que não chegou a 2.000 cruzados; 9.000 eram precisos para este importante ajuste, e ele pôs da sua algibeira o resto. Toda a guarnição entrou para o serviço português.

Cast. Lus., **6, § 70-7**

Sai Lichthart contra a esquadra portuguesa

12 de ag. 1645

Enquanto as tropas baianas assim cooperavam ativamente com os insurgentes, seguia Salvador Correia para o Recife, segundo as instruções que trazia com a frota do reino. A sua formidável vista inspirou o maior terror, e enfraquecidos e desanima-

dos como estavam os holandeses com o desbarato do monte das Tabocas, se a cidade fosse investida neste momento, ter-se-ia provavelmente rendido sem combate. Mas o almirante português nada sabia do que se passava em terra, e a ordem que trazia era para oferecer ao Conselho os serviços daquela armada bem como os das tropas comandadas por Vidal e Martim Soares, embuste que parece exceder tanto os limites ordinários da dissimulação política, que quase se poderia considerar insulto. Por tal o tomaram os holandeses, que deliberaram se prenderiam as duas pessoas que tinham vindo a terra com as cartas do governador: mas os seus navios eram inferiores em número aos de Correia, nem estavam apercebidos para entrar em fogo, pelo que recearam provocar hostilidades. Mandaram pois, disfarçada em termos amigáveis, uma resposta em que se queixavam do proceder dos mestres-de-campo, pedindo ao mesmo tempo que o almirante fizesse a sua armada sair das balizas, onde estava com a sua presença animando os insurgentes. Isto com razão o diziam, o aparecimento da esquadra excitara a maior agitação, coroando-se de alegres espectadores as eminências, e já buscavam armas os que ainda as não haviam tomado para poderem tomar parte no esperado ataque ao Recife. Mas Correia, que desempenhara a sua missão, e tinha pressa de pôr-se a caminho com o seu comboio, não esperou sobre os ferros a resposta do Conselho, recebendo-a já velejando. Recobrando ânimo então, deu o Conselho ordem a Lichthart que, aprontando a toda a pressa os seus navios, investisse, queimasse os portugueses onde quer que os achasse.[7]

Ficara entretanto Jerônimo de Paiva com os seus oito navios na baía de Tamandaré. Apenas concluído o arranjo com Hoogstraeten,

2 de set. 1645

escreveram-lhe os mestres-de-campo, dando-lhe parte do seu feito, e aconselhando-o que viesse para o porto de Nazaré, onde estaria seguro; e para melhor o resolverem, acrescentavam, que queriam receber o sacramento no forte que haviam rebatizado em honra daquele mistério, e onde tinham achado um livro de missa, como diziam, de não pequeno préstimo para eles. Este conselho repetiram-no com mais instância em segundo despacho, tendo sabido por uma carta interceptada que a esquadra holandesa andava no mar em

6 de setembro

busca de Paiva. Ambos os despachos caíram nas mãos do inimigo[8], e os portugueses, não sabendo que Nazaré

era já por eles, içou a bandeira vermelha, e atirou-se a eles. Era muito superior à sua força, e tinha por si a vantagem da perícia e a confiança do número. Um dos navios portugueses, tendo tempo ainda de fazer-se ao mar, rompeu por entre os holandeses e chegou à Bahia; dois foram abandonados e queimados; outros dois encalharam, defendendo-se tão bem, que o inimigo não pôde destruí-los; e os três restantes foram tomados. O navio de Paiva foi abordado por três lados ao mesmo tempo, tendo-o Lichthart marcado. Defendeu-o o comandante português com a maior galhardia, e ainda depois de ser senhor da coberta o inimigo, à porta da sua câmara de espada em punho derribou muitos, sem que o pudessem fazer prisioneiro senão quando caiu, exausto de fadiga e da perda do sangue que de numerosas feridas lhe corria. Nesta ação perderam os portugueses, dizem, setecentos homens. Acusaram eles de traição os holandeses por terem dois dias antes de vindo vigiá-los com bandeira branca duas das embarcações menores de Lichthart, esquecem, porém, com quão pouca razão podia qualquer das duas partes fazer semelhante acusação à outra. Com mais justiça se queixaram da crueldade usada para com os prisioneiros, sendo lançados ao mar muitos, dos quais uns se salvaram a nado, e outros foram tirados ao fundo, com balas e pedras amarradas ao pescoço e pernas.[9] Ao chegar à Bahia a notícia, mandou o governador deitar um bando, proibindo que alguém pusesse luto pelos que tinham perecido no traiçoeiro conflito de Tamandaré, e votando a Deus e aos homens que empregaria todo o poder do estado para tirar vingança do que chamava traição tão abominável.

8 de setembro

Nieuhoff, 73-80 *Cast. Lus.,* **6, § 68**

Enquanto estas coisas se passavam em Pernambuco, não estavam ociosos os portugueses nas outras capitanias holandesas. Pelos meados de junho tinha o Conselho mandado Paulo de Linge à Paraíba a tomar medidas de segurança para aquela província. Estabeleceu ele com bem pouco tino o seu quartel-general no convento de S. Francisco, obrigando os moradores a renovar o seu juramento de vassalagem como se juramentos extorquidos à força fossem penhores de obediência e como se não fora tão fácil desligar de um juramento como tomá-lo. Linge prendeu quatro dentre os suspeitos, escolhendo-os tão bem, que os dois que João Fernandes nomeara capitães para aquele distrito, se acharam incluídos. Um dos

Insurreição em Goiana

presos foi supliciado; o cadáver de outro, que morreu na prisão, foi arrastado pelas ruas; os outros dois foram retidos na cadeia. Não fez isto porém com que não se levantassem os moradores de Goiana. Mandarem-se-lhes dois oficiais do exército pernambucano para capitaneá-los, e eram os insurgentes em número suficiente para resistir a qualquer força que os holandeses pudessem destacar contra eles. Foi exatamente por este tempo que os tapuias perpetraram a carniçaria de Cunhaú. Nada podia ser tão inoportuno, nem tão fatal para holandeses; todos imputaram ao governo este atentado, que fez acreditar facilmente a monstruosa acusação por João Fernandes posta em circulação de meditar-se uma matança geral dos portugueses. As viúvas e filhos dos assassinados corriam de lugar em lugar, trajando pesado luto, a conjurar Deus e os homens que os vingassem. Longe de infundir terror por toda a capitania, só excitou mais profunda indignação este execrável ato, exasperando um povo já ansioso por vingar-se de seus longos sofrimentos. Serviu também de pretexto para se requererem armas a Linge. Seguiam estes mesmos tapuias caminho de Goiana, haviam de passar perto da Paraíba, e, se estamos sem armas para nossa defesa, diziam os paraibanos, cometer-se-ão aqui os mesmos horrores que em Cunhaú. Acompanhava um presente a petição, a que veio dar algum peso o medo do mesmo Linge, já informado da derrota dos seus conterrâneos no monte das Tabocas. Concedeu pois aos moradores licença pare proverem-se de quaisquer armas que não fossem de fogo, e retirou-se com parte das suas tropas para o forte do Cabedelo. Obtida assim permissão para proverem à própria defesa, principiaram os paraibanos a fortificar os lugares mais defensáveis, e em breve se viu que não fora sem fundamento o seu receio. Porquanto os tapuias, com um corpo de holandeses ao comando de Willem Lambartz, que tinha sido enviado a solicitar o auxílio destes selvagens, aí vinham assassinando quanto português achavam pelo caminho. O cacique deles, Jan Duny, exigira segundo a declaração dos mesmos holandeses, como condição do seu auxílio o extermínio de todos os portugueses na Paraíba. Debalde tentava Lambartz refrear-lhes as crueldades, e uma parte dos tapuias, saciada de despejos, afetando ofender-se com a ingerência do holandês, voltou atrás. O resto continuou a avançar até chegar à vista de Goiana, onde queria entrar de noite. Corria entre a cidade e os selvagens um rio; na escuridão imaginaram eles que

se reunia uma força superior para vedar-lhes o vau, e tomados de terror largaram a fugir. Dispersaram os tapuias, regressando às suas florestas, e os holandeses voltaram ao forte do Cabedelo, onde Lambartz se embarcou para o Recife a dar conta da sua malograda expedição.

Nieuhoff, *Cast. Lus.*

Insurreição na Paraíba

Depois da captura de Hans e Blaar mandaram os dois governadores, como João Fernandes e Vidal se chamavam agora, oficiais para a Paraíba, a comandar os insurgentes. Um era sobrinho de Vidal e como ele natural daquela capitania. Mandaram-se também um capitão do regimento de Camarão, e outro do de Henrique Dias, para que pudessem os índios e negros alistar-se debaixo de homens da sua própria cor e nação. Fizeram estes emissários alto a três léguas da cidade, e mandaram a três moradores, nomeados governadores da província, recado da sua vinda, pedindo-lhes que tomassem medidas para proclamar-se a liberdade na Paraíba. Tão bem foram combinadas estas medidas, que no mesmo dia seguiram os portugueses por toda a extensão da capitania o exemplo de Goiana, tendo lugar a aclamação da liberdade, como se disse. Escolheu-se o engenho de S. Antônio, pertencente a Jorge Homem Pinto, como a melhor posição para a defesa, e fortificado deu-se-lhe o nome de acampamento. Linge mandou uma força de trezentos holandeses e seiscentos selvagens a surpreendê-lo, simulando ao mesmo tempo um ataque por mar contra a cidade. Vendo as lanchas subirem o rio, deixaram-se os insurgentes enganar, e prepararam-se para defender a Paraíba, mas tinham deixado no acampamento uma força suficiente, que, fazendo uma surtida, arremeteu contra o inimigo. Vinham porventura cansados da marcha os holandeses; um pesado aguaceiro diminuiu-lhes a vantagem que aliás tirariam de suas armas de fogo, e a conseqüência foi que carregados impetuosamente pelos patriotas, foram rotos e desbaratados, deixando no campo uns oitenta mortos. Havia sobre o campo da batalha uma igreja com a invocação de S. Cosme e S. Damião; apareceram as portas abertas, sem que jamais mão de homem as abrisse, e assim teve o povo da Paraíba também o seu milagre e a sua vitória. Tanta confiança lhe inspirou este triunfo, que os insurgentes chamaram para junto de si as mulheres e crianças que tinham escondidas nas florestas. Depois entabularam negociações secretas com Linge para compra do forte do Ca-

11 de set. 1645

bedelo, e já estava quase concluído o negócio, quando, dando raro exemplo de infidelidade, um padre português o revelou ao ministro calvinista, tendo o comandante holandês, para livrar-se de suspeitas, de enforcar o agente dos patriotas. Assim continuou o forte em poder dos holandeses, enquanto eram os portugueses os senhores do resto da capitania.

Cast. Lus., **6, § 87, 92. Nieuhoff, p. 92**

Evacuação de Porto Calvo pelos holandeses

Ao sul do Recife ainda corriam pior os negócios dos holandeses. Sem esperança de dar socorro às suas guarnições no Sergipe, rio de S. Francisco e Porto Calvo, mandaram ordem de evacuar estes fortes, enterrando-se e destruindo as peças; mas nem para isto houve tempo. No último destes lugares rebentou a insurreição por ocasião da prisão de um dos principais moradores, levantando-se os outros com Cristóvão Lins à testa, nomeado capitão do distrito por João Fernandes. Fez o comandante holandês sair um destacamento e esmagá-los antes que ganhassem forças, mas Lins armou tão boa cilada ao inimigo, que nem um só escapou. Três dias depois surpreendeu ele um navio que vinha subindo o rio Mangoaba com provisões para o forte, e tendo assim adquirido armas e confiança, foi bloquear os holandeses. Era o comandante destes Klaas Florins, mero mercenário, e sabia que a sua gente não animavam melhores princípios. Fez-lhes pois ver que não estavam obrigados a defender a praça com iminente perigo de vida pois que sendo o soldo um meio de vida não era razão que houvesse de morrer por ele. Era irrefreável em tais circunstâncias semelhante lógica, e com plena aprovação da sua tropa manda Florins propor uma capitulação, ou antes oferecer a fortaleza à venda; mas com uma delicadeza e melindre pela sua honra, que mal se devera esperar de um tal raciocinador, exigiu que se nomeasse um oficial do exército com quem tratasse, não se fosse dizer que ele barganhara com pessoas com quem havia vivido em intimidade. Enviaram pois os governadores um oficial, e por £700.000 distribuídas entre ela, saiu a guarnição, seriam uns cento e cinqüenta homens, com as honras militares, depondo depois as armas. Foi a fortaleza imediatamente arrasada a pedido dos moradores, sendo as suas oito peças de bronze remetidas ao exército dos patriotas na Várzea.

17 de set. 1645

Abandonam os holandeses o rio S. Francisco

Foram quase semelhantes as primeiras ocorrências no forte Maurício sobre o rio S. Fran-

cisco. Foi preso e arrancado à escolta um dos portugueses. Setenta soldados saídos a castigar os insurgentes, caíram numa emboscada, e pereceram todos.

Puseram então os patriotas, comandados por Valentim da Rocha Pita, cerco à fortaleza, mandando pedir socorro à Bahia.

O governador-geral, cansado de dissimular, enviou-lhes uma força pequena, às ordens de Nicolau Aranha, que partindo de Rio Real, chegou a S. Francisco em quatorze dias, jornada que, atenta a distância e a estação, a todos maravilhou. Em despeito da fortaleza eram os portugueses senhores do rio, surpreenderam muitas embarcações pequenas e obrigaram a retroceder as que traziam as ordens do Conselho para a retirada da guarnição. Tentaram os holandeses uma surtida mas os quatro primeiros foram mortos logo ao transporem as portas, tão perto se haviam postado os portugueses, e tão certeira a sua mira. Ficaram os camaradas tão intimidados que não quiseram expor-se a igual sorte. Aranha ofereceu-lhes condições, e eles pediram três dias para refletir. Neste súbito tempo aqui chegaram a caminho da Bahia Hans e os outros prisioneiros, e provado assim o deplorável estado dos negócios da Companhia no Brasil, rendeu-se a guarnição imediatamente. Duzentos e sessenta e seis homens depuseram as armas, tendo obra de oitenta sido mortos pelos atiradores portugueses durante o cerco. E tão destros eram estes, que se algum dos sitiados aventurando-se a olhar do alto das trincheiras para o inimigo, dobrava de ambos os lados as abas largas do chapéu para ajudar a vista, logo lhe vinha uma bala furar mãos e chapéu. Mais de um prisioneiro mostrou assim furadas as mãos. De grande importância foram estas conquistas[10]: olhava-se aquele forte como a chave de Pernambuco, nem havia agora nada que estorvasse a livre passagem dos portugueses da Bahia, podendo de mais a mais os insurgentes suprir-se de mantimento nas extensas campinas deste rio imenso. Também esta fortaleza foi arrasada a pedido dos moradores, e Aranha seguiu com as suas tropas a unir-se na Várzea a João Fernandes e Vidal.

Nieuhoff, *Cast. Lus.,* **6, § 98, 105.** *Val. Luc.*, **p. 261**

Organizam-se num regimento os desertores

Tomada Nazaré tinham Vidal e Soares feito junção com João Fernandes, e consultando todos sobre o modo por que recompensariam a Hoogstraeten a sua traição, enquanto do rei não recebia o prêmio que

merecia tão importante serviço, propôs-se que se organizassem todos os desertores holandeses num regimento, e que este se desse a ele com o posto de mestre-de-campo, passando para o mesmo corpo todos que de futuro desertassem ao inimigo. Contra isto objetou João Fernandes; nestas tropas do norte, disse, não havia que fiar; criadas na heresia e prontas a adotar cada dia nova crença, como se poderia esperar que quem não guardava a Deus a sua fé a guardasse aos homens? Era seu parecer que se dividisse esta gente pelos regimentos portugueses, mas tanto Vidal como Soares divergiram dele. Observaram que todas as vezes que juntos ao campo se achavam regimentos de diferentes nações, obrigava-os a emulação a excederam-se em esforços, e apresentaram o argumento mais forte de que misturar no mesmo regimento homens que falavam diferentes línguas, era causar confusão. Receou João Fernandes mais funestas conseqüências de deixar juntos os holandeses, mas cedeu à maioria.

Acampa J. Fernandes diante do Recife

A uma légua do Recife sobre o costão de areia que do mar separa o rio, erguia-se o forte de Santa Cruz, a dominar a comunicação daquela praça com Olinda e com o campo pela mesma banda. Sendo Barbosa já senhor de Olinda, importava muito a posse deste forte, pelo que resolveram os insurgentes salteá-lo. Mas Hoogstraeten, que conhecia o comandante, persuadiu-o a que vendesse a fortaleza, passando-se com toda a sua gente para o regimento dos desertores. Completamente senhores do país agora, deliberaram os patriotas que restabeleceriam o acampamento do Bom Jesus, bloqueando o Recife. Pensou João Fernandes que seria isto dar à guerra um caráter por demais defensivo, quando convinham operações mais ativas. Propôs que se erigisse um forte para segurança das provisões de guerra e de boca, e que para protegê-lo acampassem as tropas tão perto que jamais o perdessem de vista. Adotado o plano, plantou-se um forte sobre uma eminência a quatro milhas da cidade. Escolheu João Fernandes o lugar; ninguém conhecia melhor o país, e pois que as trincheiras que se abriram lhe destruíam as plantações de três dos seus próprios engenhos, era evidente que nenhum outro motivo que não fosse o bem público podia determiná-lo na escolha. Em três meses ficou completa a obra segundo todos os preceitos da arte, dando-se ao novo forte o nome de Bom Jesus[11], que fora do primeiro acampamento. À sua som-

bra depressa cresceu uma cidadezinha, que se chamou Novo Arraial, e aqui estabeleceu João Fernandes a bem dos doentes e feridos uma dessas instituições caridosas conhecidas pelo nome de Casas de Misericórdia, dotando-as com fundos tirados de uma contribuição cobrada dos pernambucanos conforme os meios de cada um. Proveu-se a todos os socorros médicos e espirituais, e nas outras províncias sublevadas depressa se criaram instituições semelhantes.

Preparativos para defesa de Pernambuco

Consternados viam os holandeses os progressos do inimigo. Requereu o povo do Recife que arrasasse o palácio de Nassau, não fossem dele apoderar-se os insurgentes, ao que não anuiu o Conselho, dizendo que esperava aproveitá-lo para defesa da cidade; mandou porém demolir as casas exteriores e destruir os jardins feitos com tanta magnificência, cortando-se também a ponte da Boavista. Tentou-se fortificar Maurícia, mas ou por que parecesse desfavorável a posição ou por demais diminuta a guarnição, julgou o Conselho mais acertado mandar arrasar totalmente a nova vila; publicou-se a toque de caixa um bando, mandando aos moradores deitar abaixo suas casas no prazo de dez dias, findo o qual poderia qualquer apropriar-se para seu uso todos os materiais que achassem em pé. Tão grande continuou a ser a ansiedade do povo apesar de todas estas medidas que por necessário o teve o Conselho publicar o conteúdo dos seus últimos despachos para Amsterdã, a fim de mostrar que o perigo iminente havia sido exposto à Companhia em termos tão enérgicos como requeria a urgência do caso.

29 de ago. 1645

Nieuhoff, 88, 91-4

Tentativas contra Itamaracá

Havia sobre a enseada um forte que da sua configuração se chamava dos Cinco Ângulos.[12] Propôs João Fernandes investi-lo de noite. Hoogstraeten, porém o tinha ultimamente inspecionado, e conhecendo-lhe por isso a força, dissuadiu da empresa o general, aconselhando antes uma expedição contra Itamaracá, celeiro de todas as possessões que restavam ainda ao inimigo. Ficou Dias comandando no acampamento enquanto o grosso do exército marchava para Garaçu, ordenando-se a todos os batéis dos arredores que se reunissem na foz do rio Cataúma. Um galeão, que os holandeses tinham postado para defesa da passagem do canal entre a ilha e a terra firme, foi surpreendido e capturado, efetuando as tropas despercebidas

o seu desembarque. Uma holandesa, que provavelmente por algum crime vinha fugindo da cidade de Schoppe, como haviam os conquistadores nomeado o seu principal estabelecimento na ilha, caiu-lhes nas mãos, e no seu ressentimento contra aqueles de quem se escondia, ofereceu-se a guiar os portugueses até dentro das trincheiras inimigas, sem que ninguém os visse. Foi ela porém péssima guia, e Cardoso, que confiara no conhecimento que ele mesmo tinha do terreno, chegou primeiro com o seu destacamento ao teatro da ação. As índias, que ao romper do dia saíam da cidade, umas por água, outras por ostras, descobriram-no e deram rebate, servindo o tiroteio que se seguiu para dirigir João Fernandes e Vidal com o resto do exército. Após três investidas romperam os assaltantes caminho para a cidade, repelindo para dentro das trincheiras com que se tinha fortificado a igreja os holandeses que ali já se preparavam para capitular, quando a rapacidade e a crueldade dos portugueses lhes vieram arrancar das mãos a vitória, já segura. Atiraram-se as tropas baianas ao saque, exemplo que foi avidamente seguido pelo regimento de Hoogstraeten. Logo no princípio do assalto dera Cardoso ordem de passar os índios à espada, e esta gente, sabendo não ter que esperar quartel, arremeteu desesperada com o inimigo, que julgava já concluída e conquistada. Vendo os assaltantes em confusão, recobraram ânimo os holandeses, fazendo contra eles uma surtida, e os portugueses felizes com efetuar a retirada, levando consigo aqueles dos seus conterrâneos que quiseram tomar parte na insurreição. A perda recaiu pela maior parte sobre o regimento de Hoogstraeten; Camarão foi ferido; Vidal e João Fernandes escaparam ilesos, embora uma bala levasse algum cabelo ao último, e o primeiro recebesse um tiro sobre a pistola. Sete soldados do regimento trouxeram as sacolas cheias de despojos, tendo perdido as armas; Hoogstraeten condenou-os todos à morte, mas foi mitigada a sentença, tirando-se à sorte um, que pagou por todos.

Peste no acampamento

Fortificada Garaçu e segurados todos os caminhos por onde de Itamaracá podia molestá-los o inimigo, voltaram os portugueses ao arraial, onde uma moléstia contagiosa os obrigou a permanecerem ociosos todo o resto do ano. Principiava ela por uma opressão no peito, a que se seguiam dores agudas e pleuris; uns morriam de repente, outros em algumas horas. Ninguém porém morria depois do terceiro dia. Não tendo jamais visto seme-

lhante enfermidade, não sabiam os médicos como curá-la, mas afinal descobriram que freqüentes e copiosas sangrias aproveitavam. Vendo tanto o hospital como a casa de misericórdia cheios de soldados, que diariamente lhe morriam deste contágio, mandou João Fernandes colocar entre os doentes uma imagem de S. Gonçalo, advogado da peste; todos os dias se celebrava missa diante deste ídolo, e para assegurar outro patrono levou-se também para ali em procissão uma imagem de S. Sebastião. Outras procissões se fizeram, em que todos iam descalços e alguns açoitando-se.[13] A estas medidas se atribuiu a cessação do mal depois de grande mortandade.

Matança no Potengi

Não houve raça nem cor privilegiada contra a epidemia. Enquanto ela raivava na Paraíba, onde principiara, entraram Jacó Rabbi e os tapuias na capitania do Rio Grande, e assassinaram quanto português puderam haver à mão, vingando assim a execução dos seus patrícios em Serinhaém. Foi este morticínio acompanhado de abomináveis circunstâncias de traição e atrocidade,[14] e o odioso recaiu sobre os holandeses, não imerecidamente, pois que, apesar de não terem os padecentes tomado parte na insurreição, foram-lhes tomado o gado e vendidos os bens em proveito da Companhia.

Nieuhoff, p. 96

Guerra volante

Tinham os mestres-de-campo enviado um destacamento a proteger os seus conterrâneos nesta província, e apenar ali gado para consumo; chegou tarde, mas a matança, como a de Cunhaú, tornou mais implacáveis os portugueses, convencendo-os que não tinham tomado armas, ainda de que era só nelas que estava a sua segurança. Entretanto acampava diante do Recife a força principal, falecendo-lhes meios para cercar a praça; não era provável que enquanto o inimigo fosse senhor do mar se deixasse a cidade reduzir pela fome, contudo, o bloqueio sempre a punha em apertos, e algum feliz acaso bem podia carregá-la nas mãos dos portugueses. Começou agora fazer-se essa espécie de guerra que pouco pasto oferece ao narrador, mas em que talvez mais do que em nenhuma outra se desenvolvem os talentos militares e o valor pessoal. Todos os dias e quase todas as noites se fazia alguma surtida, dispunha-se alguma emboscada, e escaramuças e estratagemas desafiavam toda a arte e atividade de ambas as partes. Cada uma delas conhecia já tão bem o humor e caráter da outra,

e andavam ambas tão inteiradas do que se passava, que não se perdia ocasião. O grande dia-santo dos negros no Brasil era a festa do Rosário, que em Olinda se celebrava com extraordinária pompa no primeiro domingo de outubro. Sabendo que os holandeses não ignoravam esta particularidade, conta Henrique Dias com algum ataque neste dia, e avisou os capitães dos postos mais próximos; efetivamente teve lugar o ataque, e os holandeses, posto que vencedores ao princípio, foram afinal repelidos com perda considerável. Se o inimigo iludia os esculcas e sentinelas portugueses, subindo acima do alcance da maré em busca de água doce, depressa se lhe descobria a pingada nas matas, e dispunham-se partidas a cortar-lhe a retirada ou disputar-lhe a aguada. Mesmo quando lograva encher suas vasilhas, ainda às vezes se via privado de um artigo de primeira necessidade a tanto custo obtido. Cerca de cinqüenta pipas d'água jaziam debaixo da artilharia dos Afogados; uma partida de sitiantes a furto se aproximou dos muros uma noite, furou-as todas, e levou alguns cavalos, que com igual imprevidência tinham ficado expostos ao alcance do inimigo. Grande parte da presa, que os portugueses fizeram durante estas hostilidades sem tréguas nem descanso, consistiu em escravos que, vendo o jeito que as coisas iam levando, e o espírito diverso que animava as duas parcialidades, e seguros de que mais tarde ou mais cedo cairiam nas mãos dos insurgentes, ou vinham entregar-se-lhes, enquanto algum mérito podia ter este proceder, ou expunham-se a ser aprisionados. Para animar as tropas costumavam os generais distribuí-los pelos apresadores. Se tinham pertencido a algum português, eram restituídos ao dono, pagando ele certa soma a título de salvado, e os que vinham entregar-se tendo sido propriedade holandesa, eram vendidos para as despesas da guerra.

Cast., Lus., **7 § 5-6**

Traição dos desertores

Por este tempo tratavam os holandeses de dar um golpe decisivo por intermédio do regimento de Hoogstraeten. A traição deste homem fora em verdade daquelas que não deixam esperança de perdão; muitos porém dos soldados, segundo se presumia, teriam abraçado o serviço português para evitarem maus-tratos, e esperando achar ocasião de fuga, e em todo o caso sobre isso não havia dúvida, nenhum deles podia ter motivo que o obrigasse a ser fiel ao novo juramento logo que houvesse alguma coisa a ganhar com segunda quebra de fé. Facilmente se abriu com eles uma corres-

pondência, e depressa se concluiu a mercancia. Concertou-se que eles pela sua parte não atirariam com bala, e que as tropas do Recife jamais fariam pontaria sobre eles, isto até que eles achassem ensejo de passarem-se para os seus conterrâneos durante a ação, investindo os portugueses. Entretanto distinguir-se-iam, para própria segurança, por um papel dobrado trazido no chapéu. Esta última parte do plano malogrou-se por uma ocorrência inesperada e ridícula: os portugueses admiraram aquele tope de papel e parecendo-lhes que dava um aspecto marcial, quiseram também trazê-lo. *Cast. Lus.,* **7 § 8**

Tinha João Fernandes sempre olhos suspeitosos sobre o regimento dos desertores, e embora se diga que não compartiam iguais receios os outros chefes, também nunca nele confiaram cegamente. De tempos a tempos tinham-se mandado destacamentos deles para diferentes estações, de modo que no grosso do exército já não havia mais de duzentos e cinqüenta destes homens. Aguardavam eles, dirigidos pelo capitão Nicolzon, a primeira oportunidade de fuga. Para dar-lhes esse ensejo, fez-se uma surtida em grande força comandada por Garsmann, que depois do aprisionamento de Hans, Blaar lhes sucedera no posto. Reuniram-se os desertores, e só um movimento casual de Cardoso os impediu de executar o seu propósito. Durante toda a guerra da restauração de Pernambuco jamais como neste dia se viram em tanto perigo os portugueses; porquanto se no meio de uma disputada ação tivessem sido repentinamente acometidos por parte do seu próprio exército, certa era a derrota, que quase teria sido irremediável. Abortando o plano, foram os holandeses rechaçados após uma ação em que de parte a parte alguma perda se sofreu. Saíram feridos Paulo da Cunha e Pedro Cavalcanti, a Vidal roçou-lhe uma bala pelo chapéu, deixando-lhe por algum tempo ofuscada a vista.

9 de nov. 1645

A frouxidão e o comportamento suspeito dos desertores neste dia não podiam deixar de excitar reparo, e Nicolzon, percebendo-o bem, foi com um dos seus confederados ter com os mestres-de-campo, a pedir em nome dos seus conterrâneos que se lhes desse ocasião de lavarem-se da imputação que sobre eles pesava. Sabiam eles, disse o capitão, que o inimigo devia sair em busca de água; iam pois pôr-se de emboscada, e ou exterminar toda a partida ou perecer na empresa. Anuíram os mestres-de-campo; por lhes aconselhar Hoogstraeten o que lhe

parecia meio seguro de evitar toda a traição: e era observar ele que gente Nicolzon e o seu camarada escolhiam para esta diligência, e depois sem deixá-la ir, dar-lhe outra da sua própria escolha, e em que pudesse confiar. O caso era que posto lhe parecesse assaz provável haver no seu regimento muitos que de bom gosto passariam outra vez para o serviço do seu próprio país, persuadia-se este renegado que a maior parte andava votada de coração à nova causa. Designou pois cerca de sessenta homens das diferentes companhias: marcharam eles, indo esconder-se como de emboscado entre as árvores de Beberibe, mas apenas, vazando a maré, se tornou vadeável o rio atravessaram-no, e rufando tambores e dando salvas, entraram no Recife. Não podia Hoogstraeten ser suspeito de ter tomado parte nesta traição, pelo que, mal se averiguou o fato, o mandaram João Fernandes e os mestres-de-campo chamar, para se deliberar sobre o que conviria fazer do resto do regimento, visto como se assim haviam procedido aqueles em que ele confiava, que se deveria esperar dos outros, que lhe eram suspeitos? Estava ele desesperado pelo que se dera; todos, dizia, sem a mínima dúvida eram igualmente culpados, e pelas leis da guerra réus de morte, merecendo também ele o mesmo castigo, por haver sido o comandante de tais miseráveis. Cercados imediatamente foram todos desarmados; deu-se-lhes busca ao quartel e apareceram sobejas provas de comunicações com o Recife, porquanto como verdadeiros holandeses tinham-se eles provido de queijo flamengo, manteiga e arenques da Holanda, tudo coisas impossíveis de se haverem senão por comunicações diretas com a praça sitiada. Expediram-se ordens para desarmar todos os que tinham sido destacados para diferentes estações, e mandá-los com suas famílias para o acampamento; daqui foram remetidos para a Bahia, bem escoltados, e em diferentes partidas, a entregar ao governador-geral[15]. Os que eram católicos foram reputados inocentes, e obtiveram licença para ficar, bastando a qualquer mulher católica que quisesse descartar-se do herético marido, alegar a sua religião, para conseguir o divórcio. Não se deixaram ir os cirurgiões, cujos serviços eram por demais úteis, e também ficaram retidos dois engenheiros, que se empregaram nas obras do campo. Hoogstraeten e La Tour, seu sargento-mor, pediram licença para ir servir na Bahia, humilhados como se sentiam na sua atual situação, e chegados que foram a S. Salvador, deram-lhes postos iguais num regimento português.

Cast. Lus.

Os holandeses desconfiam dos desertores

Seguindo agora a contenda com todas as minas e contraminas de insidiosa política, fabricaram os mestres-de-campo uma carta ao governo holandês, incalculadamente escrita por um dos seus amigos, e dizendo que Nicolzon e o seu destacamento obravam de conluio com Hoogstraeten e João Fernandes, e que a não ter sido assim, não poderiam eles ter efetuado a deserção em tão grande corpo, pelo que se não se precavessem os de dentro, não tardariam a sentir os efeitos de tão refinado estratagema. Teria esta carta produzido tudo quanto dela se esperava, se tivesse podido adiar o desarmamento dos desertores ao serviço português. Imediatamente mandou o Conselho vigiar por espias a companhia de Nicolzon, e quis o acaso que um destes agentes encontrasse dois dos soldados recém-chegados numa taverna, a gabarem-se com o copo na mão da paga regular e boa vida que desfrutavam no arraial, mostrando como prova o seu dinheiro e a farinha de mandioca e carne fresca, que tinham trazido nas sacolas. A um governo tantas vezes enganado, em circunstâncias tão perigosas e de nenhum modo escrupuloso na administração da justiça, pareceu isto prova suficiente de desígnios traiçoeiros: os dois soldados foram sentenciados à forca, e presos todos os seus camaradas, que teriam provavelmente compartido a mesma sorte, se não chegasse notícia do procedimento dos portugueses contra os desertores, que tinham ficado no campo, descobrindo-se assim o artifício da carta. Removidas assim dos seus conterrâneos, recaíram as suspeitas dos holandeses sobre os estrangeiros ao seu serviço. Havia trinta franceses na guarnição do forte dos Afogados, que todos foram presos, dando-se tratos a quatro, que foram executados apesar de nenhum ter confessado coisa alguma. Um negro mina, que na mesma noite desertou do forte, informou Henrique Dias do que se passara, e este hábil chefe armou uma emboscada ao destacamento que devia substituir os franceses suspeitos e render os demais soldados, cuja fidelidade se tornara suspeita pelo contato em que tinham estado com os franceses. Como era esta uma escolta forte, aproveitaram os moradores do Recife a ocasião para mandar a sua roupa a lavar em água doce; caiu o destacamento na cilada e os guerreiros pretos de Dias forniram-se do mais fino linho. As provisões para este forte eram com imprudente regularidade remetidas todos os sábados em quantidade suficiente para a semana seguinte, como que

desafiando assim novas empresas, em uma das quais teve parte Paulo da Cunha. Estava ele aquartelado em uma casa, que pertencia a Sebastião de Carvalho, ao homem que primeiro denunciara aos holandeses a premeditada insurreição. Poucas horas só estivera Paulo da Cunha ausente quando, voltando, achou o edifício todo consumido pelo fogo. Qualquer que fosse a causa deste acidente, converteram-na os portugueses em milagre, afirmando que não obstante terem sido aquelas casas umas das melhores da Várzea, todas de pedra e cal, com portais, pilares e escadas de pedra de cantaria, tudo se reduzira a cinzas, ardendo tão bem as pedras como a madeira, como para mostrar a cólera do Céu contra um traidor.

Cast. Luc.

Transações no Potengi

Logo no princípio da insurreição se enviara um destacamento às ordens de Barbosa Pinto a proteger em Cunhaú os portugueses. Chegando tarde para evitar a matança, foi a tropa aquartelar-se no mesmo engenho de açúcar em que tivera lugar a principal carniçaria, fortificando-se ali e principiando a tomar represálias do inimigo. Mas a guarnição do forte Keulen era superior, e pedia a prudência que se abandonasse uma posição impossível de sustentar; ora, como motivo para evacuá-la, alegou-se uma circunstância, que ou foi acidentalmente engrandecida e interpretada como milagre, ou não passou de um artifício inventado para persuadir a mudar de quartéis homens, que, cegos diante do perigo, queriam antes deixar-se ficar debaixo de um bom telhado, do que retirar-se para os pantanais. De noite ouviu a sentinela um ruído como o de passos de muitos que avançavam cautelosos; deu-se rebate, tocou-se a reunir, e os portugueses ficaram em armas à espera de um ataque até ao dia, quando nem rasto nem notícia de inimigo pôde descobrir-se. Duas ou três noites sucessivas se repetiu a mesma coisa, até que concordaram todos em que era advertência milagrosa, que lhes faziam talvez as almas dos seus conterrâneos assassinados naquele mesmo sítio. Retiraram-se pois para as lezírias, onde fortificaram um lugar só aceitável por um lado. Mal tinham completado o seu entrincheiramento quando na baía da Traição desembarcaram cerca de quatrocentos holandeses, que marcharam no segredo da noite a surpreendê-los no engenho: achando o ninho vazio, seguiram a trilha dos portugueses até ao seu novo posto, e ali os investiram, com tanta desvantagem porém, que repelidos com perda considerável

Cast. Lus., **Nieuhoff, p. 98**

deram-se por felizes com poderem acolher-se ao forte Keulen. Aqui contudo era o inimigo superior aos patriotas, sobre ser poderosamente auxiliado por um cacique selvagem, conhecido pelo nome Pieter Poti, que apesar de próximo parente de Camarão, e por este instantemente solicitado para esposar a mesma causa, era acérrimo partidista dos holandeses. A sua tribo perpetrou outro morticínio na Paraíba. Surpreendeu uma porção de portugueses reunidos numa festa na noite de S. Martinho, matando todos, exceto uma rapariga, cuja peregrina formosura, no momento mesmo em que via assassinarem-lhe o pai e os parentes, e quando estavam os selvagens ébrios de sangue, de tal modo os impressionou, que não molestada a conduziram ao forte da Paraíba, sendo este talvez o exemplo mais singular, que jamais se recordou, do poder da beleza. Auxiliados por estes tapuias eram os holandeses senhores do país sobre o Potengi, sendo para recear-se que toda a Paraíba ficasse à mercê deles. Para evitá-lo e tirar vingança pelas crueldades cometidas foi Camarão destacado do acampamento. Levou consigo o seu próprio regimento e duzentos tapuias do rio de S. Francisco. As instruções que levava eram de apenar o gado para consumo do arraial; vingar-se dos holandeses e seus aliados, e dar à morte quantos encontrasse, ordens que Camarão cumpriu com desapiedado escrúpulo. Tendo chegado à Paraíba e conferenciado com os chefes dos insurgentes naquela capitania, tomou dali cinqüenta homens bem peritos do terreno, e seguiu para o Rio Grande, destruindo tudo quanto não podia levar consigo, queimando as aldeias dos pitaguares e tapuias, não poupando sexo nem idade. Excitou este movimento grande ansiedade no Recife. Era das férteis planícies do Potengi que os holandeses se abasteciam de gado e mandioca desde que os portugueses se tinham tornado senhores de Pernambuco; e se este recurso lhes chegasse a falhar, achando-se apertadamente bloqueados pelos insurgentes Itamaracá e a Paraíba, mal lhes seria possível agüentarem-se até que chegassem da Holanda os esperados recursos. Que fazer? Um movimento audaz, empreendido como diversão, podia obrigar Camarão a voltar do Rio Grande; mas eram os portugueses tão fortes no acampamento, na Paraíba e diante de Itamaracá, que se não podia aventurar um ataque sem expor a risco iminente o que ainda restava das conquistas. Resolveu-se pois fazer um vigoroso esforço contra o mesmo Camarão. Já

Nieuhoff, p. 98

Bas, um dos membros do Conselho, fora enviado com dois navios ao forte Keulen, e para maior reforço tiraram-se de Itamaracá sessenta soldados e cem índios, e outros tantos do forte Cabedelo em Margareta, como o chamavam os holandeses. Reunidos todos estes contingentes, elevou-se a força a mil homens, afora um corpo adicional de tapuias, comandado por Jacó Rabbi e os filhos de Duwy. Concentradas assim tão numerosas tropas, pareceu-lhes aos holandeses que o único perigo era evadir-se o inimigo, e no Recife se discutiu que, rechaçado Camarão da Paraíba, conviria persegui-lo ali dentro mesmo, e tentar a reconquista daquela capitania. Considerando porém quanto arriscavam, e como estavam todos os dias à espera de reforços, que lhes permitiriam retomar sem imprudência a ofensiva, resolveram os do Conselho não jogar tudo sobre uma empresa, cujas vantagens possíveis ficavam a perder de vista dos males que podia acarretar.

Antes que esta resolução pudesse ser levada ao forte Keulen já os holandeses tinham acometido Camarão. Ocupava ele uma posição forte sobre um riacho entre Cunhaú e o forte. Sendo demasiado fundo para se passar a vau naquele sitio protegia-lhe o rio à frente, e pela retaguarda lhe ficava uma mata de tabocas, circunstância que, recordando aos portugueses uma vitória, seria por eles olhada como feliz agouro da outra. Ao norte e sul era a posição aberta, pelo que levantaram trincheiras por aquele lado, e dando a Bezerra o posto da banda setentrional, tomou Camarão para si o do sul. Não passava de seiscentos homens a sua força, sendo apenas cem portugueses e cento e cinqüenta flecheiros do rio S. Francisco, mas o seu próprio regimento era uma tropa excelente; infalíveis atiradores e perfeitamente disciplinados eram estes índios em tudo, exceto na arte da guerra, na cobiça do saque e na usança religiosa, tão selvagens como sempre. Sabia Camarão que ia ser atacado e fez os seus preparativos tanto militares como religiosos, com talento e devoção igualmente característicos. Trazia ele sempre consigo um relicário, com um crucifixo esmaltado de um lado e a imagem da Virgem do outro. Tomando-o na mão pôs-se a orar por muito tempo diante dele, com tão manifesta e ardente devoção, que depois se atribuiu a vitória tanto à sua piedade como ao seu gênio militar, sendo provavelmente pelo mesmo motivo esperada com confiança mesmo no correr da ação. Depois formou os seus mosqueteiros em três linhas, ordenando-lhes que apontas-

sem de modo que se não perdesse uma bala, devendo a primeira fila passar à retaguarda e carregar, enquanto a segunda lhe ia tomar o lugar, sucedendo-lhe da mesma forma a terceira. Havia no maior calor da ação de levantar o grito de vitória, a ver se intimidavam os holandeses, e se se lhes acabasse pólvora, balas ou mechas, em lugar de pedir o que lhes faltava, clamariam S. Antônio ou S. João, e seriam imediatamente supridos, tendo isto a dupla vantagem de ocultar aos hereges qualquer falta momentânea de munições, e provocar estes escravos do espírito infernal a blasfemarem, pois que mal ouvissem invocar os santos, não deixariam de exclamar *Te Duivel!* e *Sacrement!*

Rhineberg que comandava os holandeses, avançou pelo lado, onde se postara Camarão, e investiu as trincheiras. Sofreu porém muito no ataque, visto como a gente de Camarão, certa de que nenhuma bala se perderia, despedia bastante, metendo duas e três em cada carga. Por uma conseqüência tão imprevista como irrisória contribuiu isto tanto para a própria segurança dos atiradores como para a perda do inimigo; porquanto atirando com esta carga pesada, e tão depressa como podiam tornar a carregar, davam-lhes a suas escopetas biscainhas depois de esquentadas tão rijo coice no peito, que os deitavam por terra, toda a fila ao mesmo tempo, passando-lhes por cima a descarga do inimigo. Quando pela primeira os viu cair, teve-os Camarão por mortos, mas a surpresa igualou a alegria, ao reerguerem-se eles sãos e salvos.

Desesperando em breve de forçar este posto, dividiu Rhineberg em três corpos as suas tropas, e continuando com um ataque, já agora simulado apenas, destacou os outros, uns a tentar a passagem do rio, o outro a romper pelo tabocal. Aqui repetiu-se a cena anterior das tabocas, e os holandeses, depois de terem caído em duas emboscadas e recebido o fogo de ambas, puseram-se em fuga. Debalde também tentou o outro corpo atravessar o rio; prontos estavam os flecheiros à margem, e quem se metia à água era sitiado. Ergueram agora os sitiados o grito da vitória com todo o feliz êxito que Camarão previra; crendo que eles iam lançar-se sobre suas tropas divididas e desanimadas, retirou-se Rhineberg precipitadamente, deixando no campo cento e cinqüenta mortos e toda a bagagem. Da parte dos vencedores afirma-se que não houvera um só morto e apenas três feridos, acrescentando-se que muitos saíram com contusões no corpo, evidente prova de haverem podido

penetrar as balas dos hereges. Não deixava de ter sua explicação este milagre: o mosquete, que com o coice derribava o soldado, devia deixar algum sinal do golpe. Tendo esgotadas as munições, não pôde Camarão perseguir o inimigo, e passada uma semana no campo da batalha, voltou à Paraíba a esperar materiais com que investir o forte Keulen. Uma perda se sofrera durante a ação: grande cópia de gado reunida para consumo do exército acampado diante do Recife, espantando-se com o estampido dos tiros, rompeu o cercado, e fugiu, ficando apenas umas duzentas cabeças. Foram estas remetidas aos mestres-de-campo, sofrendo-se que andassem igual passo as novas da vitória.

Cast. Lus., **7 § 26, 33.** *Val. Luc.*, **p. 306-16** **Nieuhoff, p. 101**

Chegam ordens da Bahia para queimar os canaviais

Enquanto estas coisas se passavam no norte, chegaram do Governador-Geral mal avisadas ordens aos mestres-de-campo na Várzea para que queimassem todos os canaviais de açúcar em Pernambuco.[16] O motivo ainda era o antigo, o de cortar os recursos aos holandeses, a ver se, frustradas as esperanças de proveito, abandonavam suas conquistas. Antônio Teles porém não considerara assaz a mudança que tivera lugar; eram agora os portugueses, não os holandeses, os senhores do país, nem ele advertia, que se era isto por um lado fazer com que 3.750 homens, que se empregavam em 150 engenhos, pudessem pegar em armas, tornando todo o seu gado convertível para consumo do exército, por outro era estancar a esse mesmo exército as fontes de subsistência. Tão claramente viu João Fernandes o que nesta ordem havia impolítico e irracional, que não quis referendá-la, para dar porém canaviais, ardendo-lhe neles o valor de 200.000 cruzados. Não tardou a vir da Bahia a revogação desta ordem, mas já tarde; o mal estava feito, e posto que não em toda a sua extensão, sentiram-se-lhe severamente as conseqüências.

Fome no Recife

Em grande aperto de provisões se viam por este tempo os holandeses.[17] A guarnição, bando mercenário de todas as nações, principiou a murmurar, e os judeus, mais interessados ainda do que os próprios holandeses na preservação destas conquistas, levantaram um avultado donativo para serviço do Estado. Não era porém com dinheiro que se havia de minorar a fome. Muitos soldados e negros se passaram para os portugueses, chegando por estes desertores as primeiras novas da vitória de Camarão. Referiram eles que só

o boato, que o governo da praça com diligência fazia circular, de que todo o holandês e mesmo qualquer pessoa ao serviço da Holanda, caindo nas mãos dos portugueses, morria entre cruéis tormentos, podia impedir uma deserção mais freqüente e quase universal. Duas índias, aprisionadas ao apanharem ostras entre os fortes do inimigo, foram levadas a Martim Soares, que as interrogasse por falar ele perfeitamente a língua tupi, como quem tinha passado entre os tapuias a primeira quadra da vida, portando-se sempre para com eles com tanto tino como bondade. Reconheceram-no logo estas mulheres, que derramaram lágrimas de alegria dando as maiores demonstrações de gratidão e afeto ao seu benfeitor antigo. Afirmaram elas que de bom grado se passariam todos os índios da mesma tribo para os portugueses, a não ser o receio de se verem tratados como traidores; e se fossem do Ceará, onde Martim Soares havia sido governador, é provável que a isto se resolvessem, sabendo que estava ele no acampamento. A força dos holandeses, diz Fr. Manuel do Salvador, estava agora nos índios, como a de Sansão no cabelo; e as mulheres, posto que antes teriam querido ficar onde estavam do que volver a sofrer as privações de uma cidade cercada, foram vestidas e mandadas voltar, para que contassem a seus patrícios o bom tratamento que tinham encontrado, e as disposições dos portugueses a favor de quantos se quisessem passar para eles. No mesmo sentido escreveram os mestres-de-campo proclamações, que o desertor francês, com a característica ingenuidade da sua nação, tratou de fazer circular em detrimento daqueles que pouco antes servia.

Sai Vidal a reunir-se com Camarão

Juntamente como a vitória de Camarão souberam os mestres-de-campo que haviam os holandeses mandado socorros para o Potengi, distrito de que dependia agora inteiramente a sua subsistência, por ser o único lugar donde podiam tirar suprimentos. Tão importante pareceu pois obter o senhorio daquelas partes, que foi o próprio Vidal reunir-se a Camarão, levando quatro companhias de portugueses, uma de negros mina, e uma de crioulos. Apesar do próspero caminho que levava a insurreição, havia no arraial ainda quem estivesse em correspondência com o inimigo; uns porque estavam comprados, outros por ódio a João Fernandes, e outros talvez porque desesperavam do resultado final de uma luta, em que viam de um lado os recursos e o vigor das Províncias-Unidas, e do outro a

prestação de Portugal, e a ominosa indecisão e fraqueza dos seus governantes. Assim souberam os holandeses imediatamente da partida de Vidal, e sem ignorar que os segredos do seu exército eram traídos, nenhum meio tinha João Fernandes de convencer de culpa as pessoas que suspeitava. De aviso tiraram partido os sitiados, mandando para Itamaracá uma companhia de fuzileiros e a maior parte dos seus tapuias, com o que diminuíram no Recife o número de bocas.

24 de fev. 1646
Cast. Lus., **7 § 44**
Nieuhoff, p. 102

Estratagemas e jubileu

Com dobrado vigor prosseguiu agora João Fernandes na guerra de postos avançados, não o fossem supor enfraquecido com a partida deste destacamento. Nestas empresas se assinalou Domingos Ferreira. Vinte e cinco cabeças de gado e alguns cavalos pastavam de dia debaixo da artilharia do forte dos Afogados, recolhendo-se de noite a um curral, cuja porta ficava mesmo chegada à fortaleza. Tendo bem reconhecido o lugar entrou Ferreira uma noite escura com uns poucos de companheiros escolhidos neste aprisco; amarraram os bois, cortaram as arreatas aos cavalos e iam já a sair com a sua presa, quando, ouvido o rumor do gado, se deu rebate, principiando-se do forte a fazer fogo ao acaso. Deitaram-se os portugueses por terra entre o gado, deixaram-se ali ficar até que serenassem os ânimos, e depois, montando os cavalos, levaram todo o gado. Salvara o comandante do forte o seu cavalo, por tê-lo então na estrebaria, mas vendo-se depois obrigado a mandá-lo para fora, pôs-lhe por guarda um criado holandês, que noite e dia devia vigiá-lo. Dormia este homem num valado, passada à volta do corpo a corda com que estava preso o animal, pois os portugueses cortaram-na, ganhando com isso mais do que esperavam, porquanto, acordando e não vendo o cavalo, julgou o holandês melhor desertar do que expor-se à cólera do amo. Com ainda mais singular estratagema provocou Ferreira o inimigo. Numa noite escura foi amarrar em árvores uma porção de mechas acesas num sítio, que ficava entre os fortes dos Afogados, Seca e Salinas, chamando com uma descarga a atenção das guarnições, retirou-se imediatamente. Continuaram os holandeses dos três fortes e do terrapleno diante da porta do Recife toda a santa noite a fazer fogo contra estas mechas, enquanto os portugueses em perfeita segurança se divertiam a disparar um ou outro tiro para mais sobressaltá-los. Veio a luz do dia mostrar-lhes como haviam

sido escarnecidos, e então preparou o inimigo pilhas de lenha misturada com outros combustíveis, acendendo grandes fogueiras todas as vezes que de noite se dava rebate.

Tentaram-se mais aventurosas empresas. Um negro por nome Paulo Dias e por alcunha S. Félix, que era sargento-mor de Henrique Dias, levou de assalto numa noite um reduto após desesperada luta; teve oito mortos e mais de vinte feridos, muitos pelo fogo dos seus próprios camaradas na confusão que reinava, mas dos cinqüenta holandeses que guarneciam o posto, só ficaram quatro. Não era sustentável o reduto depois de tomado, mas serviam tais proezas tanto para aterrar o inimigo como para acoroçoar os portugueses. Os intervalos de repouso eram consagrados a práticas, que não concorriam menos para criar esse entusiasmo e confiança com que só se podia restaurar a pátria. Proclamara Inocêncio X um jubileu para quem recitasse certas orações a favor da prosperidade da Igreja, extirpação da heresia, e paz entre os príncipes cristãos, título com que se designavam exclusivamente os católicos. E as cerimônias para este efeito celebradas excitaram no acampamento tanto interesse e zelo como as operações do cerco. Entretanto reunira-se Vidal com Camarão na Paraíba. Aqui soube que os reforços que vinham do Recife para o Potengi, tinham feito alto no forte do Cabedelo, e tentado surpreender a cidade, mas vendo-se descobertos haviam tornado a descer o rio sem que se aventurassem a saltar em terra. Formou-se agora um plano para armar uma cilada ao inimigo, receava-se porém que os judeus atraiçoassem o segredo, pois que os portugueses, tendo pelo mais atroz sistema de perseguição que jamais aviltou a natureza humana, forçado os israelitas que entre eles residiam a professar o cristianismo, viviam conseqüentemente em contínua desconfiança de inimigos internos. Para evitar a possibilidade desta traição, marcharam Vidal e Camarão algumas léguas terra dentro, sem descobrirem a ninguém o seu intento, e depois voltaram em direção ao mar, calculando tão bem o seu tempo, que chegaram de noite à igreja de Nossa Senhora da Guia, perto dos fortes de S. Antônio e Cabedelo. Aqui postaram três emboscadas não distantes uma da outra, e mandaram quarenta homens escolhidos a atrair o inimigo para fora de S. Antônio. Passou esta partida por perto do forte, como voltando de uma correria; e como com isto se não deixassem mover os de dentro, começaram os de fora a atirar com fanfarrice contra o forte, e mostrando-se de tempos a tempos por trás de um cô-

Volta Vidal da Paraíba

moro de areia, insultavam e desafiavam os holandeses. Perdendo afinal a paciência, mandou o comandante buscar socorro ao Cabedelo, e fez saltar em terra sessenta europeus e uns cento e sessenta índios, que castigassem estes insolentes provocadores. À frente dos índios vinha uma pajé.[18] Chamavam-na *Anhagüira* ou "Amante do Diabo". Marchava ela brandindo um facão de mato, e clamando: "Deixa-me chegar a estes cães portugueses. Eu sou o tigre que os persegue, que lhes dilacera as carnes, que lhes bebe o sangue e lhes arranca os corações." A pé firme os esperou o troço avançado dos portugueses, deu-lhes duas descargas, retirou-se em desordem, e facilmente atraiu após si os perseguidores ao meio da emboscada. De repente sentiram estes chover balar de todos os lados, caindo logo mais de cinqüenta, entre os quais a própria *Amante do Diabo*; o resto fugiu para o mar. Vidal gritou aos seus que apanhassem um holandês vivo, e logo dois soldados e Camarão se atiraram à água, e apoderando-se cada um dos seus fugitivos, pelos cabelos os arrastaram à praia. Quando viram que havia dois seguros, mataram um e levaram o outro ao seu chefe, que soube dele a força que naquelas partes tinha o inimigo. Vendo por estas informações que não era necessária a sua presença no Potengi, mandou Vidal para ali Camarão com o resto dos reforços, e voltou com uma companhia a Pernambuco.

Escassez no campo

Eram agora princípios de abril e tornaram-se escassas no acampamento as provisões, parte em razão da estação chuvosa, parte em resultado da impensada destruição das plantações, e em parte também porque muitos braços, que aliás se empregariam na agricultura, andavam na guerra, sendo tais as conseqüências que ameaçavam de ruína a causa em que João Fernandes empenhara os seus compatriotas. Pouco sofria o freio da disciplina um exército como o dos insurgentes; principiaram os soldados a murmurar, degenerando quase em motim as suas queixas; muitas das tropas vindas da Bahia para lá se foram outra vez, abandonando o campo, e dos negros também não poucos fugiram para o Recôncavo. Pediram os mestres-de-campo ao governador-geral que provesse de remédio este mal, e Antônio Teles, exasperado pelo comportamento dos soldados, punia de morte alguns, degredou outros para Angola, e fez voltar para Pernambuco os que apenas haviam sido seduzidos pelos mais criminosos.[19] Foram também presos todos os negros que chegavam de Pernambuco, e detidos até poderem ser entregues a seus senhores. Algum tempo decorreu, como não podia deixar de

ser, antes que estas medidas produzissem seu efeito, e no entanto os holandeses, menos na esperança de influírem sobre o ânimo dos pernambucanos do que para excitarem a desconfiança entre eles e as tropas baianas, mandaram espalhar no arraial cópias de uma carta em que o rei de Portugal, dirigindo-se ao seu ministro na Holanda, declinava de si toda a participação nos planos dos insurgentes. Eram estes papéis atirados no caminho das patrulhas e postos avançados, de onde eram levados aos mestres-de-campo. A volta que isto tinha era obviamente negar a autenticidade da carta, e Henrique Dias escreveu um manifesto, asseverando que era ela forjada pelo inimigo, e provocando-o pelo seu mesmo contexto de uma maneira assaz convincente para os que estavam resolvidos a ser da mesma opinião, e provavelmente também para ele próprio.[20]

Nieuhoff, 103. *Cast. Lus.,* **7, § 58, 60**

Seguram os portugueses os portos de Nazaré e Tamandaré

Cada vez mais sérios se tornavam os efeitos da escassez no acampamento, sendo agora que os chefes sentiram a falta da sanção da autoridade para lhes dar força às suas medidas; imperiosa como era a necessidade, não se atreviam eles a lançar um imposto sobre os moradores, sabendo muito bem que estes se oporiam, o que traria consigo a total ruína da causa. Correu João Fernandes toda a província, suplicando como donativo o que não podia exigir como tributo.

Aproveitou-se também para outros fins a ocasião desta jornada. Principiavam os mestres-de-campo a ver que provavelmente chegariam reforços primeiro aos holandeses do que a eles, e receavam que antes de muito pudesse o inimigo retomar a ofensiva. Cumpria-lhes pois segurar os postos que possuíam, para que pudessem vir os navios a mercadejar. Para tornar portanto seguro o porto de Nazaré, mandou João Fernandes fechar aquela passagem pelo recife, por onde Calabar outrora dera saída à esquadra holandesa. Também plantou um forte em Tamandaré à entrada da barra, e para que melhor marchasse a obra, sonhou um pobre homem que achava uma imagem de S. João Batista na praia entre umas pedras. Contou o seu sonho ao padre, o padre contou-o ao povo, e o povo correu à praia, e no mesmo lugar que o sonhador vira na sua visão, achou-se entre as pedras uma linda imagem. Milagre mais autêntico jamais se registrou. "Deus é comigo", exclamou João Fernandes, "e o glorioso S. João Batista, santo do meu nome, procura proteger-me! Prometo erguer-lhe uma igreja neste lu-

gar, onde apareceu a sua imagem, assim leve Deus a bom fim a empresa da nossa liberdade." Por toda a província se derramou a fé deste e o povo, encantado com tal prova de favor divino, e lisonjeado por ver João Fernandes entre si, deu generosamente cada um conforme as suas posses, de modo que foi possível remeter para o campo consideráveis suprimentos de farinha, feijão, gado e açúcar.

Tentam os holandeses interceptar o comboio de Potengi

Sendo na cidade muito maior a fome do que no arraial, desertava dali muita gente, sabendo-se por ela que estava Camarão completamente senhor dos campos do Potengi, tendo posto tudo a ferro e fogo até debaixo dos muros do forte Keulen. Depressa foi isto confirmado por mensageiros, que traziam mais a grata notícia de ter chegado já à Paraíba uma boiada, que ali se reunira com destino para o acampamento; mas veio o receio pela segurança do comboio aguar esta notícia. Tinham os holandeses de Itamaracá quase exauridas as suas provisões, e havendo sido mandados para ali os índios do Recife, impossível se tornara sustentar tantas bocas sem fazer correrias pela terra firme em busca de mantimento. No Recife maior se tornara ainda o aperto por nada já lhe ir de Itamaracá. Preparou-se pois uma expedição conjunta, da ilha e da cidade, e do porto desta saíram doze lanchas; viram-nas as sentinelas portuguesas velejar no rumo de Itamaracá, e logo os mestres-de-campo ficaram temendo pelo seu comboio, que por aquele tempo devia achar-se em Tejucupapo ou Goiana, segundo os seus cálculos. Imediatamente se mandou a ambos os lugares aviso do perigo, destacando logo atrás duas companhias para reforçar a escolta. Antes porém que elas chegassem, já a boiada tinha passado, bem guardada e com guias seguros, ficando Paulo da Cunha com a antiga escolta em Garaçu a descansar de uma afadigosa marcha debaixo do mais desabrido tempo.

E são derrotados em S. Lourenço

Às embarcações do Recife vieram reunir-se quinze da ilha, compondo-se a força toda de seiscentos homens, dos quais eram holandeses dois terços. Demandaram um posto chamado Maria Farinha, onde ancoraram, como dispondo-se a saltar em terra. Tocou-se o rebate, e ouvindo-o Paulo da Cunha em Garaçu, saiu imediatamente com as suas tropas. Mas os holandeses só tinham querido simular um desembarque, e apenas escureceu, desferindo os remos e desfraldando as velas, forçaram a voga para Tejucupapo, onde aportaram ao amanhecer, pensando surpreender S. Lourenço. Duas sentinelas os viram desembarcar, e en-

quanto uma ficava para vigiar-lhes os movimentos, correu a outra à povoação. Houve cerca de cem homens entre os moradores, que com suas famílias e quanto puderam levar, se acolheram a uma espécie de reduto erguido para estas ocasiões e defendido por uma estacada forte. Nestas infelizes capitanias todo o mundo era soldado, e sucedeu que Agostinho Nunes, comandante do lugar, fosse homem de grande tino e experiência. Despachou um cavaleiro que corresse a pedir socorro ao acampamento, mas a doze léguas ficava o arraial, e antes que dela pudesse vir auxílio, estaria decidida a sorte da praça. Mandou também a Mateus Fernandes, mancebo de assinalado valor, que tomando trinta cavaleiros escolhidos, fosse picar o inimigo na floresta. Com os setenta que lhe ficaram preparou-se a defesa, mandando apregoar que toda a mulher que durante o ataque soltasse o menor lamento seria imediatamente morta. Desnecessária era a medida, participando as mulheres do espírito que a ditara. Uma delas, mal principiou o assalto, pôs-se a correr à volta do reduto com um crucifixo na mão, arengando os soldados, e clamando vingança contra os hereges, com paixão igual à da *Anhagüira* no Cabedelo, porém com mais feliz resultado. Passavam as companheiras dela munições e água aos soldados, e duas vezes tentando romper a paliçada, outras tantas foram repelidas com perda dos holandeses. Terceira vez voltaram eles à carga e desta lograram praticar uma abertura, mas as mulheres arremessaram-se a defendê-la; bem sabiam elas o que as esperava se fossem vencedores os holandeses, e exaltadas com a vista do crucifixo e com as exortações da entusiástica heroína, que o agitava como um pendão, confiavam também no auxílio de S. Cosme e S. Damião, cujas igrejas ficavam perto. A estes santos se atribuiu a salvação do lugar, mas a quem ela inquestionavelmente foi devida em parte foi às mulheres, pois que mesmo no ardor do assalto, desalmados como eram os holandeses, recuavam-se e confundiam-se, quando não viam por onde avançar, senão rompendo por uma tropa de mulheres. Foi porém o pequeno destacamento comandado por Mateus Fernandes, que veio decidir a contenda: tinha ele vexado seriamente o inimigo na marcha por entre as selvas, e agora vendo jogada sobre um dado a sorte da povoação, saiu do arvoredo, caindo sobre o flanco dos assaltantes com tão bem dirigido fogo e fúria tal, que os holandeses, desanimados já pela resistência que haviam encontrado na brecha, e crendo que só a confiança no próprio número

podia ter dado esta ousadia aos portugueses, fugiram em debandada para os seus navios, deixando no campo setenta mortos.

Entretanto chegara ao acampamento o cavaleiro que ia a pedir socorro, e ao mesmo tempo chegou Paulo da Cunha, que só então viu como o haviam bigodeado. Imediatamente se destacaram trezentos homens, seguindo-os Vidal com três companhias o mais depressa possível; encontrando porém pelo caminho a nova da vitória, fez alto em Garaçu. Daqui não tardou a avistar-se o inimigo, demandando o porto no intento de surpreender a vila. Saiu Vidal com a sua gente, que postou em duas emboscadas. Infelizmente ficou atrás um cirurgião alemão da sua companhia, e picando o cavalo para alcançar as tropas, foi esbarrar mesmo no meio do inimigo, que sabendo dele o que se passava, reembarcou sem demora. Vidal regressou ao acampamento.

Cast. Lus., **7, § 60-6 Nieuhoff**

Recebem os mestres-de-campo ordem de retirar de Pernambuco

Voltara agora João Fernandes da sua excursão. Pouco depois chegaram dois jesuítas, mandados por Antônio Teles com ordens positivas d'el-Rei para que Vidal e Martim Soares soltassem à Bahia com todas as suas tropas, e deixassem os holandeses na posse pacífica de Pernambuco. Tão peremptórias eram estas instruções, que confundidos não souberam desde logo que responder os mestres-de-campo. Era intolerável o pensamento de abrir mão de todas as vantagens ganhas, entregando o país a um inimigo tão profunda e merecidamente odiado; e João Fernandes, voltando a si do inesperado golpe, declarou que a tais ordens se não devia obedecer, não sendo possível, dizia ele, que el-rei as tivesse dado, se soubesse qual era então a posição dos seus leais súditos em Pernambuco. O direito da natureza resumia todas as leis, e o seu primeiro preceito era a conservação própria; obedecer porém a tais ordens, seria entregarem-se todos à ruína. Representemos pois, continuou ele, a S. M. o estado próspero das nossas armas, e a perdição total que se seguiria ao cumprimento das suas ordens, e prossigamos com vigor na guerra até que cheguem novas instruções. E se se vir que ele confirma ainda estas ordens, eu pela minha parte, disse o resoluto patriota, nunca jamais desistirei de uma empresa tão em serviço de Deus e de príncipe tão católico, como a de livrar milhares e milhares de almas da escravidão temporal e da morte eterna, ambas certas continuando elas sujeitas aos hereges. Com esta resolução concordou Vidal, Soares hesitou: a sua hesitação e a resposta de todos foram

comunicadas ao governador-geral, mas este, não se atrevendo a tomar sobre si mais responsabilidade, tornou a mandar ao acampamento, insistindo em que se cumprissem as ordens d'el-rei. Soares aconselhou então a obediência, Vidal e João Fernandes continuaram firmes, pelo que resignou aquele o seu comando, embarcando pouco depois para Lisboa. Tinha ele negócios na corte, e na calorosa discussão que suscitaram os seus conselhos, diz-se que Vidal argüira de preferir à causa comum os seus interesses privados. Natural era a argüição, mas Martim Soares poderia refutá-la com toda a carreira da sua vida; nem, embora seja certo que ele teria ocupado lugar mais elevado na história continuando a permanecer junto dos seus colegas, o devemos censurar por tê-los deixado. Sendo positivas e explícitas as ordens, só à virtude heróica cabe a força de caráter necessária para discernir quando cessa a obediência de ser o dever do soldado, e este, o maior louvor a que pode aspirar o militar, merece-o Vidal plenamente. João Fernandes não pudera obedecer sem tornar-se um aventureiro arrimado à mercê de um governo que não queria reconhecê-lo. Não podia pois o seu comportamento nesta ocasião ter o mérito do de Vidal, nem de tal carece a sua fama. Estudando-lhe o caráter, diminui a nossa estima, mas resta ainda bastante que admirar: o seu fanatismo, a sua crueldade, a sua dissimulação pertencem ao século, mas a sua intrepidez, a sua perseverança, a sua prudência, o seu dedicado amor da pátria e consciência do seu dever, são dele e só dele.

Cast. Lus., **7, § 67, 71**

Estado das negociações com a Holanda

Sem grande repugnância da parte d'el-rei e longo vacilar do seu conselho, não haviam vindo de Lisboa tais ordens. Se a luta fosse unicamente entre Portugal e a Holanda, enfraquecido como estava o primeiro destes países, não se teria curvado o orgulho dos portugueses, e o seu patriotismo e inabalável paciência os teriam sustentado na contenda, que onde se dão as mãos estas virtudes, tornam-se invencíveis os povos. Mas o duque de Bragança sentia vacilar o trono de seus maiores, indicando a mesma facilidade com que a ele subira, quanto mais facilmente dele podia ser derribado. Na sua própria corte tinha ele inimigos; uns, que o ciúme, a inveja ou o descontentamento tornara tais; outros, cuja hostilidade secreta era tanto mais perigosa, quanto mais profundo era o princípio de vingança em que se baseava; outros talvez, que conscienciosamente criam que a sua vassalagem era devida ao rei da Espanha, debaixo de cujo cetro tinham nascido. Era

fora de dúvida que, se os espanhóis obtivessem alguma vantagem importante sobre ele, achariam cooperação ativa nestas pessoas, e nessa ralé indigna sempre pronta a abraçar a causa vencedora. Envolvida como andava em outras guerras, era ainda a Espanha um inimigo, contra cujas forças superiores toda a vigilância e todos os esforços de Portugal eram precisos. Que se devera pois recear, provocada a Holanda a fazer guerra aberta e declarada?

Não simplesmente a perda do Brasil e da Índia, mas também a de Portugal. Todas estas razões ponderavam alguns dos conselheiros do rei, e bem cabidas como eram, teriam elas provavelmente desde princípio prevalecido, apesar do justo horror que a D. João inspirava o pensamento de ceder qualquer porção do patrimônio ganho por seus avós, se o embaixador português na Haia não tivesse sido um consumado político, e tão apaixonado pela sua pátria, que todos os meios de promover-lhe os interesses lhe eram bons. Ocupava então este importante cargo Francisco de Sousa Coutinho, nem houve jamais homem que com maior talento desempenhasse tão árdua tarefa. Ao chegarem aos Estados as primeiras notícias da insurreição em Pernambuco, recebeu-as o governo holandês, como sói acontecer em casos tais, com indiferença, fazendo mais como negócio de tarifa, do que movido por qualquer inquietação ou ressentimento sério, ao embaixador as suas queixas de estar o governador-geral fomentando a revolta. Mas Francisco de Sousa viu as coisas à sua luz verdadeira: não lhe escapava que os fundos da Companhia das Índias Ocidentais não comportavam uma guerra prolongada e dispendiosa, e assim aconselhou ao rei que com o maior segredo, mas também com o maior vigor possíveis socorresse os insurgentes, e ao mesmo tempo protestou aos Estados que os pernambucanos procediam inteiramente de moto próprio, sem que jamais fossem excitados nem auxiliados direta ou indiretamente pela corte. Aproveitou por algum tempo o artifício; mas ao chegarem notícias ulteriores de terem os insurgentes ganho a batalha das Tabocas, e, recuperado todo o sul de Pernambuco, serem atualmente senhores da Várzea, clamou por socorro a Companhia, vendo assim vitalmente afetados os seus interesses, e procurou inspirar aos Estados os seus próprios desejos de vingança. Obteve efetivamente um empréstimo de 70.000 florins, e uma leva de 3.000 homens à custa dos Estados. Requereu também autorização para apreender todas as embarcações portuguesas, o que se lhe não concedeu em vista da amplitude do pedido; foi porém autorizada a revistar os navios mercantes, capturando to-

dos os que viessem de Pernambuco, e com este pretexto foram tomados quantos se encontraram. Chegou agora ao embaixador a vez de queixar-se, respondendo-se-lhe pela mesma forma que os Estados de modo nenhum acoroçoavam semelhantes atos, tendo apenas autorizado a captura dos navios procedentes de Pernambuco, e esses só podiam pertencer aos insurgentes. Pediu Francisco de Sousa uma audiência para propor termos de acomodação, e respondeu-se-lhe que não era mister composição onde não havia diferenças que ajustar, e nenhuma podia existir entre Portugal e os Estados, tendo ele, embaixador, asseverado que o seu rei não dava valor aos rebeldes de Pernambuco, mas todas as dúvidas a tal respeito cessariam logo que o armamento holandês chegasse ao Recife. Prosseguiam então as negociações em Munster, e era já contando com o seu tratado de paz com a Espanha, que a Holanda, assim falava. Entretanto tinham as artes de Fr. Coutinho produzido o seu efeito; havia por tanto tempo entretido os Estados, que quando estes chegaram a tomar a sua resolução, meteu-se o inverno, ganhando assim os pernambucanos campo para tirar partido das vantagens obtidas. Mas se as negociações de Munster por um lado tornavam mais afoitos os holandeses, por outro inquietavam a corte de Portugal, e foi com o receio de uma aliança ofensiva e defensiva entre a Espanha e a Holanda que D. João IV expediu as ordens a que tão corajosamente desobedeceram Vidal e João Fernandes Vieira. **Ericeira, p. 588**

NOTAS DO CAPÍTULO XXI

1. Fr. Manuel diz que os holandeses lhe tinham mostrado uma carta escrita por Antônio Cavalcanti, que dizia não tivessem cuidado com a cabeça da rebelião, que uma mulher chamada a mãe dos doze patriarcas, filhos de Jacó, derrubaria esta imagem de Nebuchadnezzar, e que falhando ela, outros meios mais fáceis e secretos se haviam de achar; e que caída a cabeça, em breve se tornaria o corpo pó e cinza. Por este enigma entendeu Fr. Manuel que João Fernandes devia ser morto a bala ou assassinado pelo veneno. *Bem conheceu o padre que esta mulher de que a carta falava, foi Bala, a qual na Santa Escritura foi chamada sede comum dos doze patriarcas, e que debaixo deste rebuço se prometia aos holandeses que uma bala de espingarda ou arcabuz tiraria a vida de João Fernandes Vieira, ou o matariam com peçonha, e que logo toda a conjuração da liberdade se acabaria. Val. Luc.*, pág. 197.

2. A atuação de Henrique Dias nas lutas contra os holandeses merece um destaque especial, particularmente no que diz respeito às suas técnicas de guerrilhas e emboscadas. Foi ele ferido oito vezes. Ficaram famosos seus batalhões de oficiais e soldados ne-

gros com o nome de "Henriques". Henrique Dias morreu em Pernambuco a 8 de junho de 1662. (L.A.)

3. Com que indiferença fala Southey deste ato de vandalismo (F.P.)
4. Não é por certo o protestantismo o mais habilitado para atirar a primeira pedra. (F.P.)
5. Honra ao digno paraibano a quem história imparcial confere hoje o título de primeiro herói da restauração de Pernambuco do domínio holandês. (F.P.)
6. Foi ele nesta ocasião o seu próprio cirurgião, e frigindo lã em azeite de peixe, a escaldar a pôs em cima da ferida. É provável que os melhoramentos introduzidos por Ambrósio Paré no tratamento das feridas de tiro não tivessem ainda então chegado ao Brasil, pelo que seguiu o negro o sistema antigo, que era matar o veneno da pólvora.
7. Rafael de Jesus chama isto a mais infame traição que jamais pôde conceber peito humano, 6, § 66. O modo por que ele nos pinta todas estas transações, seria ridículo à força de ser injusto, se não fora coisa tão melancólica ver em todo o correr da história humana quão lamentavelmente os homens a si mesmos se enganam, pervertendo todas as leis do justo e injusto, conforme os determinam suas paixões ou prejuízos.
8. Assim se deve inferir do fato de transcrevê-los Nieuhoff, que de outra forma os não pudera haver obtido.
9. Assevera-o Vidal, homem a quem se pode dar crédito. A carta em que ele o diz, é em resposta a outra de Paiva, mas quer parecer-me que a que Nieuhoff dá como sendo de Paiva, não é genuína. O carmelita Giovane Giuseppe diz erroneamente que Paiva foi morto na ação. Part. 2, pág. 72.
10. Fr. Manuel do Salvador as embeleza na forma do costume com um milagre; pouco depois de ter Aranha sabido da derrota dos seus conterrâneos na baía de Tamandaré, e enquanto o inimigo deliberava se se renderia ou não, soou no campo um sino, e logo ouviram os soldados uma música como o canto da ladainha, e viu-se uma luz brilhante. "Senhores e camaradas", disse Pedro Aranha, irmão do capitão, "sem dúvida nenhuma devem estas ser as almas dos finados, que vêm em nosso auxílio. Tenho com elas especial devoção e todos os dias as encomendo a Deus, acabando agora mesmo as orações que por elas ofereço ao Altíssimo. Prometamos-lhes uma missa cantada amanhã ao romper dalva, que é o dia em que a Santa Igreja Católica costuma dizer missas e oferecer sufrágios por elas." Cantou-se efetivamente a missa, e no momento de levantar a Deus, ao darem as tropas uma salva, também da fortaleza se disparou uma peça em sinal de que a guarnição se rendia. – Nada há extraordinário no milagre, que não é mal concebido, e podia muito facilmente ter lugar, mas é digno de reparo que Rafael de Jesus repreenda Fr. Manuel pelo referir, afetando não lhe dar crédito, por não ter sido preciso para a ocasião. *Não duvidamos do muito que alcança de Deus a devoção das almas, e do quanto as obriga quem as inculca, porém sabemos que nem faz Deus milagres sem por quê. Quando quer dar os fins, dispõe os meios, e o que pelos humanos se pôde conseguir, escusa os milagrosos, com mais evidência neste caso, em o qual o motivo relatado pelo sobredito autor, faziam oculto ao herege, que nem o havia de convencer do erro, nem informar do castigo; e a doutrina Católica nos ensina, que para convencer incrédulos obra de Deus a seus olhos as maravilhas; e socorre aos fiéis com milagres nas ocasiões e apertos, aonde não chegam as forças humanas.*

Cast. Lus. 6, 104. Ora este beneditino engolia araras sem hesitar, e a cara torta que faz um moscardo, talvez se explique por tal ou qual ciúme contra um autor, que o precedera em todas as partes mais brilhantes da sua história.

11. Para diferenciá-lo do primeiro denominou-se este *Arraial Novo do Bom Jesus* (F.P.)
12. Aliás das *Cinco Pontas*, por cujo nome é ainda conhecido. (F.P.)
13. Fr. Manuel do Salvador acrescenta, referindo-se a si mesmo: *Pregou também o P. Fr. Manuel do Salvador com a doutrina, erudição e espírito, que sempre costumava fazer*. Pág. 295.
14. O modo por que Fr. Rafael de Jesus refere esta carniçaria, embelezando-a com as mais aprovadas circunstâncias de martírios e milagres, é uma amostra completa da história eclesiástica papista. *Cast. Lus.* 6, § 127-141. A maneira por que Nieuhoff a conta não é menos característica; depois de ter dito que os holandeses sobre o Potengi não tinham força suficiente para punir estas crueldades, acrescenta: isto tiveram bom, que por algum tempo expurgaram inteiramente daquela raça rebelde a província. Pág. 96.
15. Nieuhoff diz que os portugueses inculcaram mandá-los para a Bahia, que na realidade os assassinaram com mulheres e filhos pelo caminho. Pág. 28. Se os mestres-de-campo tivessem resolvido dar-lhes a morte, não eram homens que duvidassem fazê-lo abertamente. O fato é que muitos pereceram às mãos do povo nos lugares por onde passavam. Sabendo-o, ficou João Fernandes extremamente indignado, ameaçando com exemplar castigo as povoações onde tais excessos se haviam cometido; mas os pernambucanos do seu exército declaravam que os holandeses deveriam ter sido todos supliciados pela traição que fizeram, e ameaçaram a seu turno deixar o acampamento, se algum dos seus conterrâneos fosse punido por haver tirado vingança de semelhantes perversos. *Val. Luc.,* pág. 291.
16. O alto grau de destruição durante a guerra de libertação se sintetiza bem nesta frase de João Ribeiro: "Os amigos e os inimigos faziam grande mal à terra, talando e despovoando as fazendas, recorrendo à destruição de todas as utilidades." Vide João Ribeiro, in *História do Brasil.* Para medida das carnificinas que então e depois ocorreram no Brasil colonial, vide também José Honório Rodrigues in *Conciliação e Reforma no Brasil.* (L.A.)
17. Um alqueire de farinha de mandioca vendia-se por dezesseis tostões ou cinco patacas, um barril de água por um tostão e uma laranja por um vintém. A maior parte dos moradores só bebia água tirada de cacimbas, salobre e doentia.
18. Não sei de outro nenhum exemplo de sacerdotisa entre as tribos tupi ou tapuia.
19. É sem dúvida curiosa a figura de Antônio Teles da Silva: "Tão abrasado católico", escreve Capistrano de Abreu, "que quis fundar e dotar à sua custa um Santo Ofício para o Brasil a exemplo de Goa onde estivera." (L.A.)
20. Fr. Rafael de Jesus inculca a carta como forjada, quando devia saber que era ela autêntica. Fr. Manuel do Salvador, escrevendo no mesmo lugar e tempo em que estas coisas se passavam, também lhe nega crédito, mas de boa fé. "A carta", diz ele, "devia vir assinada Eu el-rei, e não Sua Majestade. Muito sabem os holandeses de mercancias, mas muito pouco do modo com que os reis escrevem!" Entra depois numa calorosa discussão das causas da insurreição, e termina-a *ex abrupto* de uma maneira que assaz caracteriza as suas divertidas memórias: "Esta matéria pode amplificar quem tiver mais pru-

dência e mais vagar que eu; porque estão tocando as caixas a rebate, e eu vou acudir à minha obrigação." Pág. 333. Henrique Dias parece ter sido induzido a argüir de falsa a carta, por se ver censurado nela a si e a Camarão em razão de haverem tomado parte na rebelião. Foi-nos conservado o seu reforço pessoal, que é curioso por si mesmo, e por ser composição de um homem tão singular. *"São tão manifestos" dizia ele, "e claros os embustes e enredos de vossas mercês, que até as pedras e os paus conhecem seus enganos, aleivosias e traições, não falo de mim que com a perda de minha saúde e derramamento de meu sangue me fiz doutor no conhecimento desta verdade. Quando vossas mercês mandaram à Bahia, a pedir ao Governador Antônio Teles da Silva socorro e infantaria para quietar estes moradores de Pernambuco, que se haviam rebelado, não estava eu nem o governador dos índios Dom Antônio Filipe Camarão na Bahia, que éramos idos havia muitos dias a certas empresas de importância no sertão e lá tivemos aviso dos moradores, em como por se livrarem das crueldades, traições, roubos, e tiranias, que nossas mercês com eles usando, se haviam rebelado, e estarão com as armas nas mãos, deliberados, ou a ficar livres de tão tirano jogo, e deitar a vossas mercês a terra ou a perderem as vidas na demanda. Ouvida sua razão e conhecendo quanta razão tinham de se levantarem, nos pusemos a caminho, e os viemos ajudar; e entrando nesta capitania soubemos de certo, que havendo vossas mercês mandado vir a infantaria da Bahia, para aquietarem a terra, tanto que viram desembarcados em terra os nossos soldados lhes mandaram queimar os navios, em que haviam vindo, e determinaram matá-los a todos enganosamente, não tendo embarcação para se tornarem, e por esta razão se deliberaram os dois mestres-de-campo de se defenderem de vossas mercês; e eu, e o Governador Camarão de os defender em tudo o que pudéssemos, e demos nossa viagem por bem empregada. Meus senhores holandeses, meu camarada o Camarão não está aqui, porém eu respondo por ambos. Vossas mercês sabiam que Pernambuco é sua pátria e minha, e que já não podemos sofrer tanta ausência dela: aqui havemos de perder as vidas, ou havemos desdeitar a vossas mercês dela, e ainda que o Governador-Geral e S. Majestade vos mandem retirar para a Bahia, primeiro que o façamos lhes havemos de responder, e dar as razões que temos para não desistir desta guerra. O caso é que se vossas mercês se querem render e entregar o Arrecife, lhe faremos todos os honrados partidos que forem possíveis: e se enfadares de estar encurralados nesse Arrecife quiserem sair e espairecer, e dar uma saída cá por fora, livremente o podem fazer e aqui os receberemos com muita alegria, e lhe daremos a cheirar flores, que produzem brotam os nossos mosquetes. Deliberou-se com tempo e despejem a terra, ou deixem-se aí estar metidos, comendo e bebendo o que tiverem em seus armazéns, ou mandem buscar muito provimento a Holanda, porque o que a terra produzir havemo-lo mister para nós, e se vossas mercês mandarem vir armada de Holanda, também nós temos reis e pai, que suposto que até agora se não têm metido nesta fação da liberdade, todavia se vir que os da Companhia mandam armada de novo, também Sua Majestade nos mandará a sua, porque assim o pede a razão e a justiça que acuda a seus vassalos nas tribulações. Deixem vossas mercês de fazer tanto gasto sem proveito, porque bem podem perder as esperanças de o tirarem jamais de Pernambuco. E quando nossos pecados (o que Deus não permita) nos obrigarem a nos retirarmos, saibam de certo que havemos de deixar a terra tão rasa como a palma da mão e tão abrasada que em dois anos não dê fruto, e se vossas mercês a tornarem a plantar (o que não sabem nem podem) nós viremos em seus tempos a lhes queimar em uma noite, o que houverem plantado em um ano. Isto não são fábulas, nem palavras deitadas ao vento porque assim há de ser. Guarde Deus a vossas mercês, e os converta de suas falsas seitas e heresias. O governador Henrique Dias."*

. . . .

Capítulo XXII

ATENTADO CONTRA A VIDA DE JOÃO FERNANDES – SEGUNDA EMPRESA CONTRA ITAMARACÁ – O RECIFE SOCORRIDO POR UMA ARMADA DA HOLANDA QUANDO NO MAIOR APURO DA FOME – VOLTA SCHOPPE A TOMAR O COMANDO, E EMPREENDE UMA EXPEDIÇÃO CONTRA A BAHIA – VEM BARRETO COMANDAR OS PORTUGUESES – BATALHA DE GUARARAPES – RESTAURAÇÃO DE ANGOLA – NEGOCIAÇÕES COM A HOLANDA – FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DO BRASIL – SEGUNDA BATALHA DE GUARARAPES – CERCO E TOMADA DO RECIFE – NEGOCIAÇÕES E AJUSTE FINAL COM A HOLANDA

1646

Atentado contra a vida de João Fernandes

A RÁPIDA sucessão dos acontecimentos depois da batalha das Tabocas, fizera calar todos os murmúrios, e aqueles que no princípio da insurreição de bom grado teriam volvido à sujeição, sacrificando João Fernandes como inimigo da pública tranqüilidade, não se atreveram a ir por diante nas suas tramóias quando o viram abertamente apoiado pelo governador-geral. Mas depois que o governo português declinou de si toda a parte na luta, e os soldados que tinham ficado já procediam em manifesta convenção de ordens positivas, tornaram os descontentes a olhar João Fernandes como único instigador de uma guerra ruinosa para os seus negócios par-

ticulares, começando de novo a buscar traças como poriam termo a ela, dando a morte a ele. Repetidas vezes recebeu o general cartas de aviso, em que se lhe dizia que queriam matá-lo a tiro referindo-se os nomes de dezenove pessoas envolvidas na conspiração; afinal, vendo que estes reiterados avisos nenhum efeito produziam, dirigiu-se o autor deles diretamente a João Fernandes, repetindo o que escrevera, e entrando em minuciosa exposição de circunstâncias e provas, mas o seu zelo foi reputado malícia contra aqueles que acusava, e o homem a quem só movia o desejo ardente de salvar o campeão da sua pátria, teve a mortificação de ver-se olhado como caluniador por esse mesmo cuja vida tanto cuidado lhe dava. Foi ter com Vidal, junto a quem foi mais feliz, e Vidal argüiu João Fernandes de dar tão pouco peso a revelação tão importante. Este porém replicou que eram seus parentes os acusados, e ligados a ele por muitos laços, e se tais homens lhe maquinavam a morte, de quem se valeria? Ouvido isto mandou Vidal chamar um homem de quem podia fiar-se e que era aparentado com um dos conspiradores, e dizendo-lhe o que chegara ao seu conhecimento, expôs-lhe a perdição certa que alcançaria os culpados, se persistissem nas suas tramas, e conjurou-o que por amor de si mesmo, vendo a infâmia de semelhantes coisas, e a ruína infalível que se estenderia a todos quantos estivessem ligados com os criminosos, falasse com o seu parente e procurasse induzi-lo a confessar toda a traição, sobre promessa de segredo, recompensa e perdão pleno. Fez-se a tentativa, mas o conspirador afetou espanto ao ouvir a acusação, e indignação contra a suspeita, e João Fernandes acreditou ou fingiu acreditar que era a imputação infundada. Daí a pouco porém, vindo ele dum dos seus engenhos de açúcar e tendo como de costume deixado atrás a sua guarda, ao passar por um espesso canavial, três mamelucos que ali o estavam esperando, lhe apontaram os mosquetes; erraram fogo dois, mas o terceiro meteu-lhe uma bala no ombro. Com a sua habitual intrepidez voltou ele imediatamente de rédea, arrancando a espada e encarando o inimigo, não pôde porém saltar a cerca; chegou então a sua guarda, alcançou um dos assassinos, que fez em postas no mesmo lugar, e pôs fogo ao canavial esperando queimar assim os cúmplices. Algumas pessoas porém que não sabendo o que se passara, não procuraram agar-

rá-los, os viram fugir. Conhecia João Fernandes o mosquete do morto, tendo sido ele mesmo que o dera a um dos conspiradores; não tirou contudo outra vingança além de fazer saber a este e aos seus confederados que de tudo estava informado, exortando-os todos a que de então por diante se portassem de modo que merecessem a clemência que haviam encontrado. Depressa sarou a ferida.

Cast. Lus. **7 § 85-90**

Segunda tentativa dos portuguesas contra Itamaracá

Foi contra Itamaracá a primeira empresa que os mestres-de-campo tentaram depois da partida de Martim Soares. Três lugares havia em que o canal, que da terra firme separa esta ilha, é vadeável na baixa-mar das marés da primavera, e ali tinham os holandeses fundeados outros tantos navios de vigia, tanto para defesa da passagem, como para serviço deles mesmos. Para melhor iludir o inimigo, celebrou João Fernandes a festa de S. Antônio na sua própria capela com a maior pompa, e salvas de mosquetaria e de toda a artilharia do acampamento. Feito isto voltou ao arraial, e no meio duma noite escura e chuvosa saiu com Vidal levando quinhentos homens escolhidos. Escolhera-se esta ocasião, porque os holandeses, sabendo a devoção que tinham os portugueses com S. Antônio, os suporiam inteiramente ocupados com os ritos do seu culto, ou folganças que dele faziam parte. De muito serviu a escuridão e até a inclemência do tempo foi favorável, tornando mais difíceis de descobrirem-se os movimentos. Tinham-se mandado adiante duas peças de dezoito, que se assestaram em Porto dos Marcos sobre uma plataforma encoberta pelos mangues, e defronte duma das barcas de vigia. Também se tinham aprontado duas lanchas, e feito à pressa algumas jangadas com as varas das cadeirinhas das senhoras de Garaçu. Em cada bote embarcaram doze homens e atrás iam as jangadas; aproximaram-se do navio de vigia à voga surda, mas foram pressentidos, perguntando-se-lhes quem eram. Responderam que amigos, e a sentinela mandou-os passar de largo, mas os portugueses remaram a atracar, mostrando assim ser inimigos, visto o que fizeram fogo os holandeses, metendo ao primeiro tiro o bote da frente no fundo. A gente foi recolhida pelas jangadas. O segundo bote logrou ganhar o outro lado do navio, que logo foi abordado por Francisco Martins Cachadas com seus quatro companheiros. Levou a corrente o bote antes que os camaradas os pudessem seguir, e estes cinco homens, portando-se como a

13 de jul. 1646

sua desesperada situação exigia, tomaram a embarcação. Apenas raiou o dia, prepararam-se os portugueses com a sua pressa para investir o segundo navio de vigia no vau chamado Tapeçuma, mas, vendo-os vir, puseram-lhe os holandeses fogo, sendo o terceiro guarda-costa no vau de Entre-dois-Rios igualmente abandonado. Mandou agora João Fernandes erigir um forte na Praia dos Marcos, onde plantara a sua bateria, e deixando Cardoso que executasse as projetadas operações, voltou ao acampamento, que era para fazer-se à viva força o que restava ainda. Tinham sido comprados alguns artilheiros do forte de Orange para dizerem por onde com mais vantagem poderia ser investida a praça e deixar desse lado desmontadas as peças. Foi descoberta a correspondência, mas os holandeses, abandonando todos os demais postos, acolheram-se ao forte. Talou pois Cardoso toda a ilha e retirou-se, trazendo dezoito peças de artilharia. Também aqui veio reunir-se-lhe uma partida de tapuias, deixando o serviço da Holanda, induzidos talvez pelas índias, que Martim Soares, tornara a mandar para o Recife.

Cast. Lus., **7, § 75-9**
Nieuhoff, 109

Removem os holandeses os seus índios

Geral teria sido agora a deserção dos índios, a não haver sido a lembrança da injustiça atroz que dos portugueses haviam recebido; além deste sentimento contra o inimigo comum, nada existia que os ligasse aos holandeses, que eram os mais desumanos dos senhores, e cuja causa decaía visivelmente. Tão reduzidos em número se viam os invasores, que não podiam tentar socorrer Itamaracá, sendo impossível dispor de mais de duzentos homens sem deixar a cidade exposta a risco iminente, e essa força seria insuficiente. Também não havia no porto mais de duas barcas, de modo que nem se podia transportar a gente nem cortar as comunicações dos portugueses com a terra firme. Mas poucas como eram as tropas, não chegava para elas o mantimento. Pouco antes destes sucessos tinha sido Bullestreat mandado à ilha a ver se podia por algum meio diminuir ali o consumo, e arranjar suprimentos para a sede do governo. Para efetuar a desejada redução, propôs ele dar aos indígenas dinheiro em lugar de farinha, e fornecer-lhes redes de pescaria, esquecendo que nada os estorvava de recorrer ao mar, e que selvagens não sabem dar ao dinheiro outro valor além do préstimo que lhe encontram, para por ele obterem o de que carecem, para satisfazer as suas necessidades imedia-

tas. Teve pois o comissário de experimentar meios mais eficazes. Mil e duzentos naturais, a maior parte mulheres e crianças, cujos maridos e pais tinham perecido na guerra, haviam sido embarcados para o Potengi pouco antes do ataque contra a ilha. Por cabeça um arrátel de peixe salgado sem pão de qualidade alguma, foi o mais que se lhes deu para a viagem, de modo que iam quase reduzidos a esqueletos quando chegaram, servindo este expediente mais para remover de que para minorar a fome. Malgrado seu havia embarcado esta pobre gente, receando não fossem os holandeses expô-la ou abandoná-la. Um ato de traição na província para onde a mandavam, tinha excitado profunda indignação entre os índios. Jacó Rabbi, o selvagem alemão, que se tornara conspícuo pelo zelo que desenvolvera em prol dos holandeses, e morticínios que cometera, fora assassinado a instigações dum coronel holandês, por nome Garstmann, voltando duma casa onde ambos haviam passado a noite. Com este assassínio ficou Duwy, o cacique tapuia, exasperado até ao último ponto, e o seu ressentimento custou ao Conselho do Recife um presente de reconciliação, que foi de duzentos florins em dinheiro, mil varas de pano de linho de Osnaburgh, cem galões de vinho espanhol, duas pipas de aguardente, quarenta galões de azeite e uma barrica de carne salgada. A importância da amizade deste régulo pode medir-se pelo preço que por ela se pagou numa época de escassez, e o Conselho, não admitindo as razões com que Garstmann pretendeu justificar-se, mandou-o recolher preso.

Morte de Jacó Rabbi

Com a remoção destes indígenas ficara Itamaracá mais aliviada, mas estava agora assolada aquela ilha: nenhum recurso tinha a guarnição além dos mal providos celeiros do forte de Orange, e as obras erguidas pelos portugueses na fronteira praia, não permitiam excursões pela terra firme. No Recife maior era ainda o aperto; deu-se busca à cidade, e quantas provisões se puderam achar foram postas num acervo comum, donde por semana se repartia uma única libra de pão com igualdade entre soldados e moradores. Não tardou porém que se suprimisse aos habitantes esta miserável ração, para se poder dar dobrada à guarnição, que já acossada pela fome principiava a dar ouvidos às propostas do inimigo. Cães e gatos, que se dizem terem sido numerosíssimos ao começar o cerco, estavam agora consumidos; aos ratos tinha-se dado tão porfiada caça que se lhes

Nieuhoff, 103-7

Fome no Recife

extinguiu a raça no Recife; os cavalos também tinham sido comidos todos, e os negros procuravam os ossos podres dos que haviam sido enterrados, roendo-os com miserável avidez. Os escravos está visto que sofriam mais ainda que seus senhores; as faces e os corpos eram como de esqueletos vivos, as pernas inchadas e muitos morriam de inanição. Não havia valor, nem arte, nem empresa, que valesse aventurar-se além do abrigo dos muros em busca de mantimento, era quase morte certa. Ocupavam Henrique Dias e os seus negros o posto mais próximo, fazendo a guerra com o espírito vingativo e incansável dos selvagens. Vadeando por água e lodo até à cintura, escondiam-se entre os mangues tão perto das muralhas, que não podiam mexer-se sem serem percebidos; não davam quartel, e levou tempo primeiro que os mestres-de-campo e o seu próprio comandante pudessem abolir o costume feroz que eles haviam estabelecido de andar com as cabeças dos holandeses de casa em casa, extorquindo dinheiro em paga do espetáculo, como os frades mendicantes trazem um santo numa caixinha de vidro.

A cidade socorrida por uma frota da Holanda

Mês após mês se passara desde que o perigo da cidade e as urgentes necessidades do Conselho haviam sido conhecidas da diretoria central, e ainda nenhum reforço chegava. Diz-se que se teria proposto uma capitulação, se os judeus não houvessem posto em prática toda a sua influência e rogos para que os governadores continuassem a agüentar-se. Desesperada era na verdade a sua condição, e com razão tinham eles resolvido morrer antes com as armas na mão do que entregarem-se à discrição de um povo cuja superstição o tornava desapiedado para com eles. Neste estado de coisas sem esperança propôs-se em conselho fazer uma surtida e romper por entre o bloqueio, ou perecer na empresa; deviam ir os soldados na vanguarda, as mulheres, crianças e inválidos no centro, e na retaguarda os membros do governo com os moradores armados. Que a proposta foi seriamente feita, não pode entrar em dúvida, pois que o afirma Nieuhoff, que então se achava na cidade, andando bem inteirado de todas as medidas e planos do governo: prova ela que estava aquela gente reduzida a desesperação, quase a loucura, pois para onde havia de ir, ou que poderia esperar rompendo pelo cerco para o meio de um país senhoreado por inimigo superior em forças e inexorável? Já na cidade não havia mantimento senão para as rações de dois dias mais, quando se viram de-

mandar o porto com todo o pano largo dois navios com bandeira holandesa; deram fundo, e salvando com três tiros deram o grato sinal de que vinham da Holanda. "Nos rostos de nós todos", diz Nieuhoff, "se podia ler a súbita alegria por este socorro na nossa última extremidade." Uma multidão, que mal podia ter-se de pé, agarrava-se às pedras da praia, contemplando os navios, que traziam vida e salvação, e em vez de soltar clamores, chorava de alegria. A cada um dos capitães se deu uma medalha de ouro com esta inscrição: *O Falcão e o Isabel salvaram o Recife*. Traziam notícias de que se podia esperar a toda a hora um comboio com poderosos socorros. Salvaram todos os fortes, e repetidas descargas de mosquetaria atroaram os ares, repetindo-se à noite as mesmas demonstrações de alegria. No acampamento houve igual regozijo, mas por diferente motivo. Era a festa de S. João Batista que João Fernandes estava solenizando com extraordinária pompa, por ser João o nome d'el-rei, por ser ele mesmo também João, por ter escolhido S. João Batista para padroeiro da sua empresa de libertar Pernambuco, e finalmente pela milagrosa aparição da imagem deste mesmo santo na praia de Tamandaré. Por estes múltiplos motivos confessou-se ele e comungou naquele dia, banqueteando todos os seus oficiais, enquanto os fortes do arraial salvaram em honra do padroeiro. Mas o regozijo da cidade veio amortecer a alegria da festa, pois João Fernandes adivinhou a coisa, vendo logo que as suas próprias esperanças, a ponto mesmo de se realizarem, iam ser adiadas indefinidamente.

23 de jun. 1646

Nieuhoff, p. 109
Val. Luc., **p. 351**

Negociações entre Portugal e os Estados

Todos os recursos da mais sútil e desabusada diplomacia tinha Francisco de Sousa esgotado para retardar este armamento. Fora ele educado na doutrina de que o fim justifica os meios e nessa conformidade ia por diante resolutamente. O seu século julgou-o digno dos maiores elogios, e no nosso poderá esta reflexão mitigar a condenação, que o seu proceder merece. A respeito do Brasil formara ele acertado juízo tanto sobre a possibilidade como sobre a importância de restaurarem-se as províncias perdidas. Mas a corte de Lisboa vacilava, e tão perigoso era o estado de Portugal a lutar então com Castela sem mais apoio do que a enganosa amizade da França, que alguns dos seus mais hábeis estadistas tinham por melhor abandonar os pernambucanos, e sujeitar-se à perda de metade do Brasil, do que arriscar tudo, sem excetuar o trono do duque de Bragança, pro-

vocando hostilidades abertas da parte da Holanda, a quem se dizia que o rei católico oferecera a terra de Sta. Cruz com a condição de que os holandeses o ajudariam contra os portugueses. Em termos enérgicos pintavam alguns conselheiros este perigo a el-rei, que de má vontade lhes dava ouvidos, hesitando entre o medo e sentimentos melhores. Por um lado, como português e como católico, simpatizava ele com os pernambucanos no seu patriotismo e na sua dedicação à fé romana, enquanto que como rei não podia deixar de sentir que a generosa e inabalável lealdade deste povo lhe estava bradando por esforços correspondentes da parte dele; mas por outro lado sentava-se D. João no mal seguro trono de um país enfraquecido e exausto, sem nada que o sustentasse, além do afeto e espírito do povo. Podia isto bastar para defesa de Portugal, mas para guerras remotas nem era suficiente nem estava disponível. Casos são estes em que a melhor política é a de ganhar tempo, e na atual conjuntura fez a irresolução o mais que se poderia ter proposto a sã prudência; porquanto nem se atrevendo a provocar abertamente a Holanda, nem resolvendo decididamente abandonar aqueles que por ele tudo andavam arriscando, deixou que o governador-geral na Bahia e o seu ministro na Haia procedessem como lhes aconselhassem as circunstâncias, confiando no tempo e no acaso onde o conselho só servia de torná-lo mais perplexo.

Artes e manhas do embaixador português

E em poucos homens se poderia tão bem confiar neste estado de coisas como em Francisco de Sousa. Mas tinha de haver-se com estadistas experimentados, que, se nas suas medidas não desmentiam a característica morosidade da sua nação, bem viam que o ministro português temporizava com eles; e agora convidaram-no a declarar explícita e terminantemente quais eram as intenções da sua corte, e isso tão brevemente, que a ser preciso no Brasil o armamento holandês, se não demorasse para outra estação a partida. Em resposta apresentou o embaixador uma nota, dizendo que tinha ordens do seu governo para tratar a respeito dos negócios de Pernambuco, e afetando-se da sua parte tão apressado como os outros realmente estavam. Pediu que o admitissem a uma conferência enquanto era tempo de poupar-se a despesa dum armamento que ele, atentas as suas instruções, asseverava ser escusada. Recusaram os holandeses escutar, dizendo que ele só buscava tornar a retardar-lhes os pre-

parativos. Ofereceu-se então Francisco de Sousa a mostrar as suas instruções, e tendo alguns papéis em branco com a assinatura real, encheu um para servir-lhe na ocasião. Posto que eles mesmos capazes de duplicidade, não suspeitaram os Estados a possibilidade de tão atrevido artifício, e caindo na cilada, suspenderam os preparativos. O embaixador informou a sua corte do que fizera, pedindo que el-rei em recompensa dos seus serviços o mandasse prender e até cortar-lhe a cabeça em caso de necessidade para apaziguar os Estados com razão irritados como haviam de ficar quando chegassem a saber de que modo tinham sido burlados. Felizmente para ele propendia D. João agora para os conselhos tímidos; declarou aos Estados que os insurgentes de Pernambuco menoscabavam a sua autoridade como a deles, pois que tendo-lhes peremptoriamente ordenado que voltassem à obediência, vira desrespeitadas estas ordens. Sendo assim, acrescentava ele, razão tinham os Estados de debelar os rebeldes, mas não de o hostilizarem a ele, que até onde coubera no seu poder tinha lealmente desempenhado os deveres de aliado. Esta linguagem desenredou o embaixador da dificuldade em que tão audazmente se pusera, pois sem o criminar a ele lançara toda a culpa sobre os pernambucanos. Desconfiaram os Estados do caso, mas não se queixaram. D. João aprovou em segredo o que fizera o embaixador, e estimou-o em muito por isso, mas nem pareceu justo nem decente manifestar publicamente esta aprovação, ou conferir alguma recompensa, pois por grandes que fossem as vantagens auferidas, nem mesmo os casuítas do Conselho português puderam deixar de reconhecer que tinham elas sido obtidas por uma falsidade direta e deliberada.

Ericeira, 1, 638

Assim fora retardado até novembro o armamento, se devera dar à vela no verão de 1645; o gelo, que veio mais cedo do que de costume, reteve-o preso em Flushing Roads até fevereiro, e depois ainda graças a uma série de contratempos não foi de menos de seis meses a viagem. Levava a armada cinco membros do Grão-Conselho para renderem os antigos e seis mil homens de tropas de desembarque afora marinheiros e voluntários. Nesta frota voltou Schoppe a Pernambuco como comandante-em-chefe.[1] Vinha ele com a confiança que os triunfos de outrora lhe inspiravam, esperando achar entre os pernambucanos a mesma falta de concerto e de habilidade que antes encontrava, e manifestou esta opinião de uma

Volta Schoppe ao Brasil como comandante-em-chefe

maneira que parecia refletir alguma ofensa sobre o comportamento da guarnição. A maior parte dos oficiais o ouviram calados, contentando-se com o pensamento de que o primeiro conflito corrigiria o juízo do general, e talvez meio dispostos, no ressentimento da honra ofendida, a desejar que assim acontecesse. Um deles porém observou que Schoppe não metia em linha de conta a diferença operada pelo tempo; os mesmos homens que antes fugiam só ao ouvirem-lhe o nome, o atacariam agora espada em punho. Pediu o general por acaso uma copa de água, e deram-lhe tal qual a havia no Recife. Mal provada deitou ele fora a nojenta bebida, e disse que ia dar a todos melhor água, fazendo com que pudesse ir buscá-la aonde lhes parecesse.

Evacuam os portugueses a Paraíba

Foi pois o seu primeiro cuidado reconquistar a posse de Olinda que lhe daria água, e abriria o país, cujo acesso por todos os lados se achava obstruído pelas diferentes obras dos sitiantes. Seguiu-se uma dessas refregas em que sobre pequena escala se joga com arte consumada o jogo da guerra; para cada movimento uma contra-revolução adivinhando cada parcialidade as intenções da outra, chegando a ambas os reforços exatamente no momento oportuno, e perdendo-se de parte a parte poucas vidas. Mas Schoppe viu malogrado o seu intento, e retirou-se para a cidade com uma perna ferida. Fê-lo a experiência deste dia reconhecer que estava mui outro o gênio do inimigo desde que ele ultimamente o combatera, e com um misto de respeito militar pelo adversário e de orgulho nacional, observou que jamais pensara que o queijo e a manteiga da Holanda, com que criara os rapazes de Pernambuco, os tornariam assaz robustos e valentes para arrostarem seus antigos senhores. Também achou que os homens que o guerreavam agora eram tão sagazes quão valorosos. Acertadamente calcularam os portugueses que Schoppe, aproveitando-se de todas as vantagens que lhe oferecia o mar, empregaria as suas forças contra os pontos mais remotos e fracos. Para minorarem pois um mal que não podiam evitar, mandaram chamar Camarão à Paraíba, ordenando que todos os moradores que não se tinham retirado ainda daquela capitania, ou de Goiana e suas dependências, o fizessem agora protegidos pelas tropas. Os bens móveis, que não puderam ser transportados, esconderam-se nas matas, e ainda grande parte dos que se havia tentado trazer, foi enterrada pelo caminho, visto como muitos escravos aprovei-

tavam o ensejo para recobrarem a liberdade, de que os haviam esbulhado, e abandonavam seus senhores no deserto. Foram os emigrantes escoltados até Garaçu, que devia ficar sendo por aquele lado a fronteira dos portugueses; parte ali se agasalhou sob a proteção da guarnição, contribuindo também para defesa no lugar; outros acharam quartel na Várzea; e o resto passou-se para as imediações de Nazaré. Terra havia-a de sobejo para todos, e como traziam consigo hábitos de indústria e a necessidade os aguilhoava, tão depressa e facilmente se arrebanharam que o historiador beneditino da guerra se inclina a ver nisto um milagre.

Cast. Lus., **8, § 4-8**

Propõem os holandeses não dar quartel

João Fernandes dirigiu agora aos holandeses uma carta em que bem mostrava a resolução com que ele e os seus patrícios haviam principiado a insurreição, e o espírito que os havia de ajudar a levá-lo ao cabo, embora neste escrito se exagerassem muito as próprias forças, rebaixando as do inimigo.[2] Também fez espalhar papéis, em que oferecia perdão geral e uma composição das dívidas, evacuando os holandeses o Brasil, mas para isto ainda o inimigo estava por demais poderoso e soberbo, e exaltado com os reforços recebidos, saiu-se ele pela sua parte com proclamações de perdão aos rebeldes. Vendo-se que nenhum resultado daqui se colhia, propôs Van Goch, um dos do novo Conselho, que no futuro mais se não desse quartel: contra isto se objetou que de fato já ele agora poucas vezes se dava, mas se abertamente se declarasse esta a lei da guerra, era de recear não tomassem armas e se reunissem aos seus conterrâneos os habitantes que ainda se conservavam quietos. Em verdade nenhuma necessidade havia de exasperar a apaixonada inimizade de que ambas as parcialidades se achavam já possuídas, em razão não só da causa, mas também da natureza e caráter da guerra, porquanto onde eram tão poucos os combatentes, e os chefes pessoalmente conhecidos uns dos outros, cada um se reputava individualmente interessado, vindo a emulação e o ódio pessoais estimular-lhes os esforços.

Nieuhoff, p. 114

Hinderson enviado ao rio de S. Francisco

Como haviam previsto os capitães portugueses, deu Schoppe um desembarque nas capitanias do norte. Não achou nem inimigo nem saque, mas apesar de terem os patriotas emigrando posto fogo às plantações de mandioca e cana-de-açúcar, não haviam elas sido consumidas, em conseqüência das chuvas, e os holandeses, tomando

posse do país, principiaram a colher ali para o Recife. Vendo malogrado o seu fim imediato, e tendo diminuído consideravelmente e desanimado não pouco as suas forças em muitos ataques contra as posições portuguesas, concebeu o general mais vastos planos, que prometiam melhor resultado. Hinderson foi enviado com uma força avultada ao rio de S. Francisco no duplo intuito de interceptar os suprimentos que daqui tiravam os pernambucanos, e de preparar as coisas para muito mais importante empresa. Fácil foi o primeiro triunfo; andavam os portugueses pachorrentamente demolindo o forte Maurício, e achando-se desapercebidos para a defesa, fugiram, atravessando o rio, para onde estava postado o mestre-de-campo Francisco Rebelo a cobrir a capitania da Bahia. Abundando o país em provisões frescas, foi Nieuhoff mandado do Recife para daqui como comissário abastecer o exército, faltando pouco para que perdesse no rio a vida o sincero viajante, que tantas notícias nos deixou sobre este período da história brasileira. Uma tarde, que ele voltava para bordo, foi o bote arrebatado pela corrente, virando-se logo, e bom nadador como era o nosso historiador, teria assim mesmo infalivelmente perecido, se providencialmente não houvesse lançado mão dum cabo que lhe atiraram. Lichthart, que havia tornado o seu nome formidável aos portugueses, aqui morreu de repente, por beber água fria estando muito agitado. Também não tardou que sofressem os holandeses grande perda de gente; tendo sido enviadas a Orambou cinco companhias, atraiu-as Rebelo a uma emboscada, e matou-lhes cento e cinqüenta homens, mas os pernambucanos queixaram-se de que dispondo dos despojos retomados aos holandeses, atendera ele mais ao orgulho do que à compaixão, mandando o gado para a Bahia, onde desse testemunho da sua vitória, e esquecendo-se de que no acampamento diante do Recife se carecia de mantimento.

Cast. Lus., **8, § 16**
Nieuhoff, P. 114

Parte Schoppe por mar para o Recôncavo

Nesta expedição se empregara a maior parte da força naval do inimigo, e aprestando entretanto o resto em tanto segredo, que não excitou a desconfiança dos portugueses, deu Schoppe com ela à vela no princípio do seguinte ano de 1647, levando consigo a flor do seu exército. Navegou para o S. Francisco. Saindo, veio Hinderson reunir-se a ele, e

as forças combinadas seguiram para a Bahia, e desembarcando na Ilha de Itaparica, defronte da cidade, ocuparam imediatamente uma posição forte e sobranceira, onde se entrincheiraram atrás de quatro redutos, protegendo os navios o lado do mar. Tão audaz diversão confundiu o governador-geral, e o seu primeiro pensamento foi segurar a cidade, levantando obras de defesa; mas enquanto tão mal se empregavam os portugueses, saqueavam e talavam os invasores o Recôncavo. Quanto à primeira medida fora tímida, foi a segunda precipitada: depois de ter enquanto erguia inúteis obras dando ao inimigo tempo de completar as suas, resolveu acometê-lo na posição forte que já ocupava. Procurou Francisco Rebelo dissuadi-lo, e pela sua muita experiência e conhecido ardimento pareceu o parecer deste oficial de muito peso aos outros chamados a conselho. O governador porém, tão obstinado neste ponto que se encolerizou contra os que dele divergiam, cravando a vista em Rebelo, disse que, se naquele conselho havia quem desejasse achar razões com que evitar os riscos do assalto, em boa hora ficasse em casa na mais perfeita segurança. Se falhava a empresa, só o governador seria o responsável, se vingasse, seria de todos o benefício, e prometeu um prêmio pela cabeça de Schoppe. Era Rebelo homem de baixa estatura, pelo que costumavam chamá-lo Rebelinho, mas de indômitos espíritos; respondeu pois que não era a ele, que tantas vezes batera os holandeses, que tocava tremer agora diante deles, mas que Sua Excelência faria bem em pesar o que mais aproveitaria ao Estado, se adquirir vantagens sem perda, se sacrificar vidas sem vantagens. Quanto a ele, pois que lhe tachavam de cobardia o zelo e a experiência, havia de mostrar que se sabia emitir livre o seu juízo, sabia não menos morrer valente. Mil e duzentos homens cometeram pois a empresa com desesperado arrojo e horrenda perda, até que, atravessados por uma bala os peitos, caiu Rebelo. Só os brios ofendidos deste bravo haviam podido obrigar os soldados a persistir tanto tempo num empenho manifestamente sem esperança, tal a fortaleza das obras e da posição, e morto ele, retiraram-se imediatamente as tropas. Mais de seiscentos homens pereceram neste mal avisado cometimento, e em empresas tais são sempre os mais intrépidos os

Investem-no os portugueses com fatal imprudência

Cast. Lus., **8, § 23-9**
Rocha Pita, 5, § 70-9

Operações no acampamento

que caem: assim foi esta a mais dura perda que sofreram os portugueses durante toda a sua prolongada contenda.

Envolvera-se porém Schoppe numa tentativa superior às suas forças. Se investisse repentinamente a cidade, é provável, como já de outras vezes o havia sido, que ela facilmente se perdesse, mas os holandeses tinham aprendido com a experiência que no Brasil mais depressa se tomavam praças do que se sustentavam ganhas, e como diversão a favor do Recife pouco mais se podia conseguir do que com a ocupação do rio de S. Francisco já se fizera. Esta medida tinha posto em grande penúria de provisões o acampamento. João Fernandes mandou levar ao corte todo o gado das suas fazendas, distribuindo-o em rações, cujo peso, diz o seu historiador, mais se regulava pela necessidade da quadra do que pelo uso ordinário. Seguiram-lhe o exemplo os demais moradores, e a prontidão com que se fez o sacrifício atalhou as queixas posto que só passageiramente cortasse o mal. Também ao mar se pediram recursos; mandavam-se sair pescadores regularmente a pescar nos lugares onde a artilharia dos fortes portugueses podia protegê-los, e o peixe assim apanhado servia para manter as tropas, enquanto Vidal ia buscar provisões na Paraíba e talar as plantações que ali haviam feito os holandeses. Voltou com trezentas cabeças de gado e duzentos prisioneiros, quase todos escravos fugidos. Mais rendosa foi outra expedição ao Potengi e ao Ceará-Mirim, distrito muito ao norte daquele rio, vindo dali para o arraial setecentas reses. Tentaram os holandeses tirar partido da ausência do mestre-de-campo, atacando repetidas vezes os sitiantes. Faleciam-lhes forças com que dar um golpe decisivo, mas traziam noite e dia os portugueses em sobressalto. Descreviam os postos do cerco um círculo de não menos de seis léguas, e onde além da livre vontade não havia outra lei que conservasse unidos os soldados, muitos, como era natural, pediam licença para se ausentarem de tão prolongado e penoso serviço, ou mesmo sem licença se retiravam.

Canhoneiam os portugueses o Recife

Além da confiança que tinham os portugueses na justiça da sua causa, e da fé cega na sua superstição, alentava-os a esperança de que de Portugal lhes viriam socorros eficazes. Quando chegaram novas forças ao inimigo, mandaram os mestres-de-campo Fr. Manuel do Salvador a Lisboa a representar por quão pouco não haviam alcançado o seu

grande empenho. Acreditavam eles firmemente que no Tejo se estava aparelhando um armamento para cooperar com eles, e os holandeses igualmente o criam; estes porque o temiam e conheciam a própria vulnerabilidade, e os pernambucanos, porque, fazendo eles o seu dever para com o seu governo natural, parecia-lhes impossível que este se recusasse cumprir o seu para com eles. Tão possuídos estavam João Fernandes e Vidal desta idéia, que concertaram de que modo se efetuariam melhor as operações combinadas, mal chegasse a armada, para investir por mar, e resolveram aprontar d'antemão uma bateria de terra. Havia perto de Maurícia uma espécie de ilhota, ou banco de areia, chamada a Seca; entre este lugar e a margem do norte media o Capivaribe obra dum tiro de mosquete, dando a água apenas pelos joelhos na vazante. Tinham pois os holandeses plantado um forte aqui, donde os sitiantes, se tomassem posse do sítio, podiam com a sua artilharia alcançar tanto Maurícia como Recife. Descobriram os mestres-de-campo uma posição que dominava a cidade e este baluarte, e nele determinaram erguer uma bateria. Reunidos todos os materiais, deixaram João Soares de Albuquerque a comandar o acampamento, e passaram-se para o posto de Henrique Dias, donde melhor dirigiriam as obras. Estava o lugar escolhido coberto de mato rasteiro, que ocultava os trabalhos. Deram os chefes o exemplo de meter mãos à enxada e ao alvião abrindo os fundamentos, e isto tanto excitou oficiais e soldados, que, oferecendo os moradores escravos para o trabalho, recusou-se a oferta, o que foi porventura tanto matéria de prudência como de brio, sendo essencial o segredo à realização da empresa. Tudo se fez no mais profundo silêncio, e logo que o edifício começou a erguer-se sobre a espessura, não se trabalhou senão de noite, cobrindo os muros ao amanhecer com ramos verdes. Aventuram os holandeses alguma coisa do que se passava, mas não eram informações em que pudessem fiar-se, nem tinham eles no Recife forças suficientes com que averiguar o fato numa surtida, que poderia destruir ou impedir as obras. Bem protegidos pela artilharia se achavam os aproches. Completou-se afinal a bateria com um profundo fosso, para o qual supriu o rio a água, ficando defendida por todos os meios da arte, ao alcance dos sitiantes, até onde lhes chegava a ciência. Cortou-se então o arvoredo na frente e rompeu um fogo, que o historiador holandês ainda mais que o português descreve como destruidor e terrível. A maior par-

te dos moradores escondeu-se em subterrâneos, sendo inexprimível, diz Nieuhoff, a consternação que causou esta canhoneada, e as cenas de horror que ele presenciou, e de que escapou a custo, justificam o terror daqueles que o dever não chamava a expor as vidas. Uma vez que ele rondava foram mortos por uma bala dois homens com quem ele conversava, e outra levou ambas as mãos a terceiro no ato de acender este o cachimbo. Estava uma sobrinha de Lichthart pagando uma visita de casamento a uma de suas amigas perto da casa de Nieuhoff, quando este, ouvindo um grito terrível, correu a dar socorro; morta jazia a noiva, e na sua agonia a hóspede, cujas pernas ambas haviam sido levadas, com tais ânsias se lhe agarrou aos joelhos, que ele, empregando toda a força, mal pôde desvencilhar-se. Vivia este sincero escritor num século em que poucos professavam sentimentos de humanidade e nenhum fazia alarde deles; além disto eram-lhe familiares não só os sucessos ordinários da guerra, mas também as crueldades que endurecem o coração; contudo tão vivamente o impressionaram estes horrores assim acumulados uns sobre os outros, que o moveram a recordá-los, nem estas coisas, incidentais e nada decisivas como são, devem sempre ser omitidas na história. Jamais se puderam com cores assaz vivas pintar à humanidade os males da guerra; maldição também sobre os que por sua culpa os provocam, e maldição sobre os que a eles se furtam quando o dever exige um sacrifício.

Manda-se chamar Schoppe à Bahia

Como as ruas ficava também o porto exposto a este fogo, pelo que tiveram os holandeses de retirar os seus navios. De dia prosseguiam os portugueses com a canhoneada, e de noite eram assaltos repetidos, num dos quais entraram e saquearam o palácio de Nassau. Não viram os sitiados outro recurso senão chamar Schoppe em seu auxílio. Pela sua parte achava este general cada dia menos prometedora a sua posição em Itaparica. Bem claramente provada estava já a invencível paciência dos portugueses, que sujeitando-se a todos os sacrifícios, a todos os sofrimentos, com seus esforços mais que contrabalançavam a inércia do governo. Quando da Bahia mandaram pedir socorros ao Rio de Janeiro, escreveu o provincial dos jesuítas ao colégio daquela cidade, e esta incansável ordem logo enviou um navio com suprimentos. Também de Portugal se esperava agora auxílio certo, supondo

Vasconcelos, *Vida de Almeida,* **8, 5, § 5-6**

mui naturalmente ambas as parcialidades que depois deste ataque contra o Recôncavo, seria inútil temporizar mais. Schoppe tornou a chamar Hinderson, que volvera ao S. Francisco, mas mesmo depois de assim reforçado, nada decisivo pôde empreender, e a ordem de recolher-se ao Recife veio muito a propósito para poupar-lhe o desastre duma retirada, ou talvez a total ruína. Uma semana depois da partida do holandês chegou como governador-geral o conde de Vila Pouca, Antônio Teles de Meneses, trazendo reforços em doze navios, cinco dos quais deviam operar contra Angola. Desembarcado Schoppe no Recife, voltou a esquadra holandesa a infestar o Recôncavo. Teve a armada portuguesa ordem de sair e dar-lhe batalha, e logo três navios, suspendendo ferro, arremeteram contra o inimigo, mas o comandante, achando na disciplina uma escusa à imbecilidade ou covardia[3], não se moveu a apoiá-los. Ardeu um e D. Afonso de Noronha, filho segundo do conde de Linhares, nele pereceu, mancebo de grandes esperanças, que do seu patriotismo fizera prova vindo de Madri a tomar parte na restauração da pátria. O segundo navio foi tomado, e o terceiro tornou a recolher-se sem haver entrado na ação, mas o valor heróico que mostraram aqueles que fizeram o seu dever, não pôde cobrir o desdoiro com que os seus mais numerosos camaradas neste dia afearam a marinha portuguesa.

Ericeira, 1, 645

Levanta o jesuíta Vieira dinheiro para o Brasil

Previsto havia sido o perigo que ameaçava a Bahia, sendo dele advertido o rei de Portugal pelo jesuíta Antônio Vieira, homem extraordinário não só na eloqüência mas em todas as coisas. Cantara-se na capela real de Lisboa um *te deum* pela tomada de Dunquerque pelos franceses, e tinham os ministros e as principais personagens da corte concorrido por esses motivos ao beija-mão em grande gala. Terminada a cerimônia, disse Vieira a el-rei que a dar-lhe por esta ocasião os pêsames ali viera. Perguntou D. João como assim: "Porque", respondeu ele, "até agora tem-se visto os holandeses obrigados a manter nas águas de Dunquerque uma esquadra, que lhes segurasse a passagem do canal aos seus próprios navios; aliados com os franceses já disto não carecem, e a força, tornada assim disponível, será empregada contra nós, podendo agora Schoppe realizar a ameaça feita no tempo de Diogo Luís de Oliveira, a saber assenhorear-se de tudo sem perder uma só gota de sangue e só com cortar-nos

por meio da sua armada todos os suprimentos." Mas, apontando o perigo, não se via Vieira embaraçado em inculcar o remédio. Um holandês de Amsterdã, disse ele, oferecera-se para contratar quinze navios de trinta peças, e entregá-los em Lisboa prontos em março seguinte, por vinte mil cruzados cada um. Do Brasil acabava de chegar uma armada extraordinariamente rica, trazendo não menos de quarenta mil caixas de açúcar, que tendo sido comprado barato, se estava vendendo caro; ora um imposto dum tostão ou de seis vinténs sobre cada arroba deste açúcar produziria a soma precisa. Ordenou-lhe o Rei que pusesse por escrito a sua proposta, e passados alguns dias disse-lhe que havia ela sido presente aos seus ministros, que acharam mui cru o negócio. Alguns meses depois estando Vieira em Carcavelos convalescendo duma enfermidade mandou-o el-rei chamar a Alcântara. "Sois profeta", lhe disse; "ontem à noite chegaram da Bahia novas de ter-se Schoppe fortificado em Itaparica. Que faremos?" Vieira respondeu: "Facílimo é o remédio: disseram os nossos ministros que o meu projeto era cru; pois já que o acharam cru, que o cozinhem agora." Reuniu-se um conselho, e Vieira por ordem d'el-Rei foi no dia seguinte ao paço a saber do resultado. Todos tinham concordado na necessidade de socorrer a Bahia, mas eram necessários trezentos mil cruzados, e ninguém sabia aonde ir buscar esta soma. Ao ouvir isto, exclamou indignado o jesuíta: "A um rei de Portugal dizem os seus ministros que não há aonde ir por trezentos mil cruzados para socorrer o Brasil, que é tudo quanto nos deixaram! Pois eu aqui neste hábito remendado confio em Deus que ainda hoje mesmo hei de trazer a Vossa Majestade toda a soma." Imediatamente correu a Lisboa, e escreveu a um mercador, seu conhecido antigo da Bahia, que el-Rei carecia de um empréstimo naquela importância, para ser reembolsado por uma taxa sobre o açúcar. Em duas horas prometeram este Duarte da Silva e outro mercador aprontar o dinheiro. Conduziu-os pois Vieira a el-rei, e arranjou-se o negócio de modo que todo o mérito dele coubesse aos ministros.

Cartas de Vieira, 2, 6, 118

Apesar de usar pela sua parte de tão pouca sinceridade nas suas transações com os Estados, estava o ministro português na Holanda inteiramente convencido que eles o tratavam lisamente, e que a paz não tardaria a concluir-se. Pendiam também importantes negociações com a França, divergindo tão essencialmente nos seus despachos os em-

baixadores em Paris e na Haia, que o rei teve razão de desconfiar de que cada qual pintava os negócios mais conforme os desejos da sua corte do que segundo o verdadeiro estado das coisas, perigosa adulação em tempos tão árduos. Resolveu pois D. João IV sem que a nenhum dos seus ministros comunicasse o intento, enviar a ambas as cortes um homem, em cujo discernimento e inteira sinceridade pudesse implicitamente confiar. Este homem era Vieira.[4] O pretexto da viagem foi acompanhar D. Luís de Portugal (neto do prior do Crato) às conferências de Munster: dispuseram-se porém as coisas de modo que chegasse ele tarde demais, devendo então o jesuíta empregar-se exclusivamente neste negócio secreto, e voltar o mais depressa possível para de tudo dar conta verbal a el-Rei. Depressa descobriu Vieira como fundavam os holandeses as maiores esperanças na expedição de Schoppe à Bahia, e como por mais seriamente que eles afetassem negociar, nenhum tratado se concluiria antes de sabido o resultado daquela jornada. Também viu que a contenda se ia tornando impopular na Holanda. O comboio para o Recife duas vezes havia arribado por força do tempo, tendo perdido vários navios e trazendo a gente a morrer rapidamente de moléstias, de modo que começou a vogar a idéia de que não favorecia a Providência estes desígnios contra o Brasil. O conselho do jesuíta foi pois que se apressasse o equipamento da armada, a fim de cortar ao inimigo todos os socorros.

Vieira enviado à Holanda

Vieira, *Cartas*, T. 2, c. 118, T. 1, c. 3

Mas tanto se demorou este esforço da parte de Portugal, que Schoppe teve tempo de sobejo para fazer todo o mal que pôde. A sua volta permitiu aos holandeses retomarem a ofensiva no Recife, e agora principiaram eles de uma bateria de morteiros a incomodar a seu turno os sitiantes. Mas o engenheiro foi morto, e a outro, que se foi buscar à Paraíba para suceder-lhe, faltava a necessária arte. Pela sua parte também os pernambucanos não podiam por falta de pólvora continuar a canhonada assoladora. Interrompendo pois por este lado os seus esforços, dirigiram-nos outra vez para remotas partes, e de novo foram as ribeiras do Potengi assoladas por Henrique Dias, com a sua habitual boa fortuna, e costumada crueldade, *consumindo a fogo*, diz o historiador beneditino, *tudo que tinha valor, a espada tudo que tinha vida.* Os mesmos assoladores ficaram horroriza-

Envia-se Barreto a tomar o comando em Pernambuco

dos, quando, salteado de noite um posto fortificado, viram de manhã que na sua indiscriminada ferocidade tinham imolado não só homens, mas também mulheres e crianças da sua própria cor. Serviam estes fossados de ocupar a parte desalmada dos insurgentes, para quem era a guerra profissão e passatempo, e concorriam também para conservar levantados os espíritos do exército. A chegada de uma armada à Bahia, sem trazer socorro algum para Pernambuco, poderia ter desgostado homens cuja lealdade assentasse em princípios menos arraigados, e desacoroçoado ânimos menos resolutos. Jamais sobre o oceano se haviam alongado olhos mais desejosos do que os dos portugueses, a esperarem ver a todo o momento aparecer as velas que deviam trazer-lhes a vitória, e o galardão de seus compridos trabalhos. Desiludidos afinal, tiraram do amargo desengano consolação soberba e generosa: nossa será pois, diziam, toda a obra, e nossos também exclusivamente o mérito e a fama. Nem tão esquecidos porém haviam sido como supunham, que já Francisco Barreto de Meneses fora mandado com o posto de mestre-de-campo-general a tomar o comando em Pernambuco, levando consigo trezentos homens, armas e munições em dois navios pequenos. Tão diminuta força se não devera ter arriscado sem uma esquadra que a escoltasse, e ato de maior imprudência ainda era tirar a homens como Vidal e João Fernandes um comando, para que estavam infinitamente mais qualificados do que o melhor soldado europeu. Souberam disto os holandeses, e interceptaram os navios ao mar da Paraíba, onde após inútil resistência foram tomados, sendo Barreto levado prisioneiro para o Recife. Depois de ter aqui jazido nove meses logrou fugir com ajuda de Francisco de Bra, filho do oficial a cuja guarda fora ele entregue. O jovem celerado abandonou os pais, traiu a pátria, e renegou a sua crença. Que os portugueses recompensassem exigia-o a política, mas terem conferido a um indivíduo desta laia a ordem de Cristo, é curioso indício de quão aviltado andava o pundonor, ou de como o havia a superstição pervertido. [5]

Cast. lus. **8, § 45**
Ericeira, p. 667
Rocha Pita, 5, § 86

Pedem debalde os insurgentes socorros à Bahia

Para homens menos desinteressados, ou de menos dedicado patriotismo do que João Fernandes e Vidal, não teria sido Barreto nestas circunstâncias muito bem aceita visita. Mas a não fingida alegria, a franqueza e o respeito com que o receberam produziram o melhor efeito sobre

um ânimo generoso, e a mais perfeita confiança se estabeleceu entre todos, de modo que uma nomeação, que facilmente tão fatal se podia haver tornado à causa dos portugueses em Pernambuco, veio dar maior realce às virtudes que pôs em fogo. Apenas o conde de Vila Pouca soube do escape de Barreto, expediu ordens a João Fernandes e a Vidal que lhe entregassem o comando. Contra isto clamaram alto os pernambucanos, mas a unanimidade dos três comandantes, pois tais na realidade se tornaram, assegurou-os de que tudo ia bem. Assumiu Barreto o comando na aparência, mas conformou-se em tudo com os conselhos dos mestres-de-campo. Desde o princípio da insurreição tinham eles percorrido cento e oitenta léguas de terra, do Ceará-Mirim ao rio de S. Francisco, tomado nos diferentes fortes perto de oitenta peças de artilharia, e morto e aprisionado, segundo o seu próprio cálculo, para mais de mil e oitocentas pessoas; e ao entregarem o comando tinham provisões por dois meses para o exército, vinte e quatro contos em dinheiro e o valor de dezoito mil cruzados mais em materiais e dívidas seguras. Sabia-se já que na Holanda se aprestavam novas forças, referindo a fama que os Estados forneciam navios, a Companhia gente e os judeus dinheiro. De Lisboa vieram notícias certas de que a expedição se destinava ao Brasil, julgando muitos que seria atacada a Bahia, mas os chefes jamais puseram em dúvida não poder o fim principal ser outro senão descercar o Recife, que, a não ser a falta de munições da parte dos sitiantes, cairia antes disto. Mandaram eles pois Paulo da Cunha à Bahia a representar em que ponto crítico se achava a contenda: era favorável o ensejo, mas faleciam meios de toda a espécie. Recebeu-o o conde de Vila Pouca honrosamente, escutou-o atento, e despediu-o com promessas fofas. Recorreu o emissário ao senado da Câmara, pedindo aos magistrados que interviessem junto do conde, e apelassem também para o povo em prol dos seus irmãos de Pernambuco. Abundavam na Bahia provisões de guerra e de boca, enquanto o exército patriótico passava severas privações por falta de umas, nem podia por míngua das outras efetuar uma conquista de tão indizível importância para o Brasil e para Portugal. Mas com silenciosa indiferença foram ouvidas suas súplicas, e merecidamente estigmatizadas pelo historiador de João Fernandes, foi a brutal insensibilidade de homens tão mortos para o bem-estar da sua pátria, como para os sofrimentos dos seus conterrâneos. Enquanto Paulo da Cunha

assim trabalhava, debalde chegou a esperada frota, entrando no porto do Recife toda embandeirada e ao estrondo das salvas de mar e terra. Trazia seis mil homens, vendo-se assim outra vez os holandeses com decidida superioridade numérica.

Chegam mais reforços aos holandeses

De novo tentou o inimigo o efeito das proclamações e das promessas. Espalharam-se papéis, oferecendo anistia a todos, excetuado o único Hoogstraeten, que se apresentassem dentro de dez dias; findo este prazo porém nem sexo nem idade se pouparia, pois que então se soltariam os tapuias e pitaguares, protestando os holandeses perante Deus e o mundo que os horrores que se seguissem não lhes deviam ser imputados. João Fernandes, que parece ter sido tão pronto a disputar com a pena como com a espada, respondeu, dizendo aos holandeses que era passado o tempo em que a simplicidade católica se fiava de promessas de hereges, olhando como homem aqueles que a Igreja com razão designava como monstros. Eram os portugueses, acrescentava, suficientes em número, e com fé robusta no triunfo, nem mister haviam de pólvora e bala, posto que uma e outra tivessem em superabundância, sendo bem sabido fazerem eles mais uso da espada do que do mosquete, do ferro do que do chumbo. Camarão e Henrique Dias publicaram também sua resposta, tinham eles os olhos muito abertos, diziam para que houvessem de escutar *protestações de protestantes*, e o único uso que fariam das proclamações holandesas havia de se convertê-las em cartuchos, e recambiá-las com a conveniente resposta inclusa. Reconheceram porém os chefes a necessidade de contraírem os seus limites, e recolhendo as tropas que tinham em Garaçu, Pau Amarelo, Jaguaribe, Paratibi, e Olinda, destruíram a maior parte destes postos, encerraram-se entre Serinhaém e Muribeca. A todos os moradores da Várzea capazes de pegarem em armas ordenaram que se apresentassem no arraial, e oferecendo perdão geral a todos os delinqüentes, ameaçaram com severo castigo todo aquele que nesta conjuntura não acudisse ao chamamento. Muitos espíritos porém haviam abatido debaixo do contínuo malogro de suas esperanças, e passando revista, conheceu-se que a força toda não excedia três mil e duzentos homens, mas homens em quem os comandantes podiam confiar, qualquer que fosse o aperto; e com esta força pequena como era em número, determinaram eles oferecer batalha ao inimigo, quando e onde quer que o en-

Contraem os mestres-de-campo as suas operações

contrassem. Os holandeses, que haviam contado com ver à chegada dos seus últimos reforços necessariamente levantado o assédio, não pouco se maravilharam vendo a pertinácia dos sitiantes, e não podendo crer que fosse ela filha do caráter do povo e dos seus chefes, imaginaram que Barrento teria trazido notícias seguras de auxílio, e debaixo desta apreensão suspenderam os seus próprios movimentos.

Sai Schoppe a campo

Mas assim que a prolongada inatividade dos portugueses claramente mostrou que não eram eles assaz fortes para operações ofensivas, resolveu o inimigo sair a campo, preparando-se para a jornada com jejum e preces públicas, que por provirem de hereges, foram olhadas pelos pernambucanos como inúteis, supersticiosas e diabólicas. Era intenção de Schoppe apoderar-se de Muribeca e dali cooperar com a esquadra, que devia seguir para Nazaré. Feliz foi o seu primeiro movimento. Investiu a estância da Barreta, onde estava Bartolomeu Soares Cunha com oitenta homens. Ignorando que forças o acometiam, fez este oficial contra elas uma surtida, em que perdeu metade de sua gente, sendo ele mesmo ferido e feito prisioneiro, e tomado o forte. Entretanto reuniam os portugueses um conselho de guerra; eram de opinião alguns que desesperado seria querer resistir em campo a forças tão superiores, pelo que se deviam retirar para o Cabo de S. Agostinho e dali com o favor das florestas cansar o inimigo, protraindo a guerra; mas os mestres-de-campo protestaram que perdida era a causa, abandonando-se assim todas as vantagens ganhas, e resolveram tomar posição nas fraldas dos Guararapes, linha de outeiros por onde tinha de passar o inimigo.[6]

Batalha dos Guararapes

Até agora lugar o mais memorável na história militar do Brasil, ficam os Guararapes entre três e quatro léguas ao sul do Recife, cerca de três ao oeste do acampamento, e duas ao noroeste do forte que os holandeses acabavam de tomar. Estendem-se as abas desta serra até três milhas de distância do mar, sendo plano e pantanoso o espaço intermediário; daqui vão os montes erguendo-se gradualmente a grande altura, derivando o nome do bramir das suas torrentes. Onde a serrania mais se aproxima do mar, passa o único caminho por uma tira de terra firme, de uns cem passos de largura, entre o sopé dos outeiros e um tremedal extenso, situação notavelmente semelhante ao passo das Termópilas; e a entrada para este desfi-

ladeiro é entre um lago, que forma o pantanal, e um bosque, que vem descendo das montanhas. Uma légua além fica Muribeca, para onde marchavam os holandeses, lugar pequeno, mas de considerável importância pela sua populosa vizinhança. Ocuparam os portugueses este passo, cujo terreno era de natureza tal, que o inimigo ao aproximar-se não pôde vê-los. Ao alvorecer do dia seguinte chegou um escravo, que tendo sido feito prisioneiro na Barreta, achara meios de escapulir-se de noite do campo holandês; ouvindo-lhe os passos deram rebate as sentinelas e na confusão que se seguiu, também Bartolomeu Soares deu traça como fugir obtendo assim os mestres-de-campo notícia certa dos movimentos e força do inimigo. Destacou-se uma partida para, armando um tiroteio, atraí-los melhor, e os holandeses ao entrarem no desfiladeiro, acharam o exército pernambucano pronto a recebê-los num terreno onde a superioridade numérica de nada lhes valia. Nenhuma artilharia e poucas munições tinham os portugueses, e a ordem que haviam recebido era de não fazer fogo senão quando nenhum tiro se pudesse perder, e após a primeira descarga, travar logo a peleja, espada em punho. Bem ferida foi a batalha; a Vidal mataram-lhe dois cavalos debaixo do corpo, e o que João Fernandes montava ficou com uma marca singular deste dia memorável, furando-lhe uma bala de mosquete uma das orelhas. Tomando este cavalo pelas rédeas, formava já um holandês um golpe contra o cavaleiro, pensando talvez pôr assim termo à guerra, quando João Fernandes de um revés cortou o braço que o ameaçava. Estava batido o inimigo, mas não desbaratado, e os destroços do exército cobriram a retirada, executada por uma noite tempestuosa de chuva, vento e trovões, que ocultavam os movimentos. Levaram os holandeses consigo os feridos, que da Barreta expediram por mar para o Recife, mas deixaram no campo mil e duzentos mortos,[7] sendo oficiais cento e oitenta, entre os quais se contou Hans, que voltara a militar no Brasil. Schoppe recebeu no calcanhar uma bala, que o deixou coxo para os dias da vida. Tomaram os portugueses duas peças de artilharia, e toda a bagagem, entre a qual se encontravam cadeiras, dizem, para os moradores da Várzea, que os holandeses se propunham levar presos. Enterraram os vencedores os seus mortos onde jaziam, com as honras e cerimônias que o tempo e o lugar permitiram: oitenta e quatro portugueses tinham caído, e saíram feridos mais de quatrocentos.

18 de abril 1648

A perda dos negros e índios não se relata. Ainda por alguns anos mais se prolongou a guerra, mas foi esta vitória que decidiu da sorte do Brasil.[8] Tampouco havia contado com ela o timorato governo da Bahia, que o conde de Vila Pouca, tendo por impossível resistirem os pernambucanos às forças superiores da Holanda, tinha mandado para o rio de S. Francisco um destacamento de cinco companhias a proteger os fugitivos. Ao chegarem as notícias e verem-se os estandartes holandeses, que os mestres-de-campo remetiam como troféus, foram uma e outra coisa recebidas com o maior regozijo, embora devessem estas alegrias despertar vergonha na Câmara e no governador-geral ao lembrarem-se de quão pouco haviam contribuído para a causa. Em Pernambuco e em todas as províncias a que se estendia a guerra, foi exposto o Sacramento no domingo seguinte à batalha.

Depois de batidos tomam os holandeses a bateria de Asseca

Jamais se mostrara Schoppe como agora tão empreendedor e ativo. Mal chegado ao Recife depois da maior derrota que haviam até então sofrido no Brasil os holandeses, logo se preparou para tirar vantagem da distância do inimigo. De manhã entrou na cidade, e ao cair da tarde mandou um destacamento a ocupar Olinda, para onde tencionava enviar os doentes e os feridos, por serem ali melhores os ares e melhor a água. Muito maior vantagem porém lhe proporcionou o mau comportamento do oficial que comandava na Asseca, essa bateria, que por tanto tempo havia incomodado o Recife, tendo mesmo chegado a pô-lo em risco. Deixara-se ali guarnição suficiente não só para resistir a um assalto repentino, mas até para sustentar um cerco regular, e contudo foi o baluarte entregue sem defesa. Quando os mestres-de-campo, de volta ao Bom Jesus, fizeram a ronda, visitando os postos e rendendo as guarnições, ficaram como feridos do raio, vendo este, de todos absolverem-no os juízes, mas não a opinião pública. No correr de toda a guerra não se viu um único português castigado por haver-se portado mal, apesar de se terem dado disso tantos e tão flagrantes exemplos.

***Cast. Lus.*, 9, § 5-42 Vieira *Sermões*, T. 8, p. 395**

Morte de Camarão

Olinda foi imediatamente reocupada mas a Asseca estava demasiado fortificada para ser tomada com os fracos meios de que dispunham então os portugueses, e a alegria que sentiram os holandeses ao verem-se assim livres do maior dos

horrores de um assédio, distraiu-lhes até certo ponto os pensamentos da derrota que acabavam de sofrer. Outra causa de contentamento foi-lhes também a morte de Camarão, que teve lugar pouco depois da batalha. Era homem de singular engenho e distintos talentos militares. O seu nome indiano era Poti, que os portugueses traduziram na forma do costume. Filipe IV lhe dera a ordem de Cristo, o título de dom, e o posto de governador e capitão-general de todos os índios. Era afável para com os seus subordinados, cortês com os estranhos e cheio de dignidade para com os seus superiores, moderando de tal arte as suas maneiras, que a todos cativava a amizade e o respeito. Apesar de falar bem o português, nunca conversava com estranhos ou com pessoas de elevada hierarquia senão por meio de um intérprete, não fosse alguma palavra mal pronunciada ou algum erro de linguagem derrogar a dignidade que de tanto orgulho tinha em manter ilesa. Lia e escrevia bem tendo até suas tinturas de latim. Bem empregadas penas, diz Fr. Manuel do Salvador, as que os padres da Companhia e outros religiosos empregaram neste índio! Todos os dias ouvia missa e rezava a ladainha de Nossa Senhora, trazendo sempre ao peito duas imagens, uma o crucifixo e outra a da Virgem. É notável que tendo entrado tantas vezes em combate quase nunca saísse ferido. Foi enterrado na igreja do arraial com as maiores honras fúnebres. Sucedeu-lhe no posto seu primo[9] D. Diogo Pinheiro Camarão, homem valente, e cujos serviços já lhe haviam valido a ordem de Santiago.

Cast. Lus., **9, § 52-3**

Tala Schoppe o Recôncavo

Ainda os holandeses eram senhores do mar, e apenas a frota da Bahia deu à vela para o reino, empreendeu Schoppe para ali segunda expedição, assolou o Recôncavo até onde se atreveu a afastar-se da praia, e destruindo totalmente vinte e dois engenhos de açúcar voltou carregado de despojos. Durante a sua ausência permitiu Barreto às tropas indígenas irem a suas casas, onde recobrassem forças e a si mesmas se sustentassem, coisa de não pequena monta agora que da cidade passara a escassez para o acampamento. Amplamente abasteciam os cruzadores inimigos o Recife com as presas que faziam. Porquanto embora os dois países estivessem ainda nominalmente em paz, cruzavam esquadras holandesas continuamente na costa de Portugal e na altura dos Açores, capturando quanto navio português apanhavam. Fazen-

Estragos sofridos pelo comércio português

do-se queixa disto ao governo holandês, respondia ele que os cruzadores eram piratas, que as Províncias-Unidas não reconheciam, nem podiam suprimir; a mesma resposta que Portugal dera sempre a respeito de Pernambuco e com igual sinceridade. Mas ao sul da Linha era escusada a dissimulação; tudo ali era boa presa, e o Recife oferecia um mercado aberto e meios seguros de remeter para a Europa produtos e dinheiro. Grande como em si já era o prejuízo para Portugal, ainda vinha aumentá-lo a rebeldia de muitos capitães mercantes, que, tomando mercadorias a crédito, e vendendo-as depois em segredo, faziam-se encontradiços com os cruzadores holandeses, para que a perda de vaso e carga lhes servisse de liquidação de contas. Com este sistema de cruzeiro puderam os holandeses manter a guerra que as presas ganhas nesta espécie de loteria tornavam popular.

Cast. Lus., **9, § 54-6**

Expedição para restauração de Angola

Entretanto sofreu a Holanda perda e desdoiro onde menos razão tinha para recear uma ou outra coisa. Salvador Correia de Sá, fidalgo dessa família, que expulsara do Rio de Janeiro os franceses e fundara a cidade, projetou uma expedição para restauração de Angola, obtendo o secreto assentimento da corte. Voltou pois de Lisboa ao Rio de Janeiro com a nomeação de governador para ali, onde cinco navios já o esperavam na conformidade das instruções que trouxera o conde de Vila Pouca. Apenas desembarcado convocou os magistrados e pessoas principais da cidade, dizendo-lhes que el-rei o autorizara a levantar um forte na baía de Quicombo, na costa de Angola, para assegurar suprimento de negros ao Brasil. Em atenção às tréguas fora-lhe proibido fazer guerra aos holandeses, mas era certo que el-rei o não condenaria, se ele pudesse, não obstante essas tréguas recuperar pela força as praças que os holandeses durante as mesmas tréguas pela força haviam tomado, e isto esperava consegui-lo se o povo do Rio de Janeiro, que era o mais interessado, lhe fornecesse os meios. Foi bem recebida a proposta, levantou-se logo um donativo de 500.000 cruzados,[10] e alistaram-se novecentos homens. Fretou Salvador Correia mais seis navios, comprou outros quatro à sua própria custa, e partiu com quinze velas abastecidas para seis meses. Chegada à baía de Quicombo, ancorou ali a esquadra. No dia seguinte foi tão grande a ressaca sem a menor causa aparente, que passou por sobrenatural; porquanto algumas catraias, que andavam pescando fora da baía,

nem sentiram vento nem agitação mais que ordinária, e de noite, fazendo luar claro, e sem que soprasse o vento, fez a capitânia sinal de achar-se em perigo, e afundou-se num momento, escapando apenas dois da tripulação e perdendo-se assim tão estranhamente trezentos e sessenta homens. Apesar do muito que este princípio de sinistro agouro lhe veio diminuir as forças, não desanimou Salvador Correia. Convocou um Conselho e disse aos seus oficiais que quando el-Rei lhe ordenara mantivesse a paz com os holandeses, haviam sido dadas estas instruções na persuasão de que contentes com o que tinham ganho, não buscariam eles alargar-se mais; mas desde a sua chegada soubera que andavam eles guerreando os portugueses no sertão, pelo que era do seu dever pôr-se ao lado dos seus conterrâneos contra um povo que por nenhum tratado se deixava ligar. A resposta foi uma aclamação unânime de que ou ganhariam Angola ou o reino do Céu, exterminando a heresia que havia sete anos estavam os holandeses semeando naquela terra da verdadeira cristandade.

Desembarque e vitória de Salvador Correia

Imediatamente se fez de vela para Luanda, sem bandeira de almirante, para que o inimigo, não a vendo, supusesse que tinham atrás outras forças, notícia que ele teve o cuidado de espalhar. O primeiro prisioneiro tomado declarou que um destacamento de trezentos holandeses tinha saído com três mil indígenas contra os portugueses de Maçangano, conservando-os em tão apertado cerco que Salvador Correia não pôde comunicar com eles. Este estado de coisas, como quer que se interpretassem as tréguas, justificava o procedimento do capitão português, mas persistindo no sistema de protestar paz e fazer a guerra, sistema a que a consciência da própria fraqueza e das injustiças sofridas induzira Portugal, mandou ele uma bandeira ao governador, dizendo que aquela expedição viera a erigir um forte num lugar do país separado do que ocupavam os holandeses, a fim de abrir e manter comunicações com os portugueses do sertão; vendo porém de que modo eram oprimidos e perseguidos pelos holandeses, não podia deixar de defendê-los, embora, desobedecendo assim às suas instruções, arriscasse a cabeça. Não podia ser mais favorável o ensejo; sabia Salvador Correia a guarnição tão enfraquecida que mal poderia defender-se, e assim convidava-a a evitar inútil derramamento de sangue, rendendo-se com condições honrosas. Aterrados com esta ousada linguagem, pediram os holandeses oito dias para pensar

no que deveriam fazer: concedeu-lhes ele dois e ordenou na volta aos seus mensageiros que, expirado o prazo, deixassem continuar a flutuar a bandeira branca, se o inimigo consentisse em render-se, aliás içassem outra vermelha, para que se não perdesse um momento.

Entretanto aprontou a sua força, composta de 650 praças de terra e 250 de mar, e a todas deu vestidos novos, como estímulo para o serviço. Reuniram também os holandeses toda a força que puderam apurar no forte do morro de S. Miguel, que dominava a cidade, e no de N. S. da Guia sobre a praia, e cobrando ânimo durante a dilação, resolveram resistir. Mal se avistou a bandeira vermelha, disparou-se a peça de sinal, e Salvador Correia, que estava já no seu escaler, largou na frente, seguido de todos os outros. A bordo dos navios ficaram apenas cento e oitenta homens, colocando-se em lugares conspícuos muitas figuras com chapéus, para que os holandeses reputassem bem tripuladas as embarcações.

Desembarcaram os portugueses a duas milhas da cidade sem encontrar resistência, sendo seu primeiro cuidado ouvir uma missa, feito o que, montou Salvador Correia a cavalo, e avançou a tomar posse de um convento de franciscanos, que dominava o surgidouro e o lugar da aguada. Fizeram os holandeses uma demonstração de defesa, mas fugiram à primeira investida, e animados com esta vantagem, perseguiram-nos os portugueses debaixo do sol ardente do meio-dia, e, entrada a cidade, ocuparam o colégio dos jesuítas e a casa do governador. Sabendo-se então que o forte de S. Antônio havia sido evacuado, foi também este posto imediatamente ocupado, encontrando-se ali oito peças de artilharia, entre as quais apenas duas encravadas. Com as seis, e outras quatro que desembarcara, erigiu Salvador Correia das baterias sobre a igreja, que ficava defronte do morro de S. Miguel em terreno igualmente elevado, separadas por uma quebrada as duas eminências. Pouco dano fizeram as peças ao forte, contribuíram porém para desanimar os holandeses, que pela rapidez das operações do inimigo avaliara a sua força numérica. Jogava contudo Salvador Correia um jogo desesperado; sabia já que os portugueses de Maçango tinham sido batidos, e, não contando com socorro, estavam resolvidos a entregar a praça, bem como conhecia também a própria fraqueza, mas igualmente se lhe não escondia que só a temeridade podia salvá-lo, e que com ardimento nada há que não possa ganhar-se. Em último caso melhor lhe era morrer com honra, do que,

depois de ter ultrapassado as suas ordens, retirar-se derrotado e levar a notícia de estar Angola irremediavelmente perdida. Ao romper da aurora conduziu pois os seus 700 homens contra o morro, guarnecido por 1.200 europeus e outros tantos negros, temerariamente assaltando a praça; foi rechaçado com perda de 163 mortos e 160 feridos, mais de um terço de toda a sua força. Mandou então tocar a retirar para dispor novo assalto, mas os holandeses, imaginando ser sinal para nova investida, e feridos de terror pânico pelo valor desesperado que haviam já experimentado, hastearam bandeira branca. Salvador Correia, receando que viesse a descobrir-se o estado real do seu exercito, só lhes quis conceder quatro horas para concluir-se a capitulação: depressa se ajustara as condições, que compreendiam não só a guarnição, mas todos os holandeses residentes em Angola, e mais de dois mil homens depuseram as armas diante de menos de seiscentos. Era tarde para remediar a loucura, quando os holandeses a perceberam, e Salvador Correia, com verdadeiro espírito de soldado, e orgulho de português, os fez embarcar em Caçandama, onde tinham saltado em terra para que fossem expulsos do país no mesmo lugar por onde haviam entrado. Assim foi restaurada Angola, e como os holandeses, passando por S. Tomé, tornassem os conterrâneos sabedores da sua má fortuna, foi também a cidade ali evacuada tão precipitadamente, que toda a artilharia e a maior parte das munições de guerra e de boca caíram em poder dos portugueses.

Ericeira, 1. 675-83

Negociações na Holanda

Em boa ocasião chegaram as notícias desta vitória e da batalha de Guararapes a Portugal, quando o governo, apertado para tomar uma resolução imediata, se via mais do que nunca perplexo. Esgotadas tinha o embaixador na Holanda todas as artes da chicana diplomática, e a corte, temendo uma guerra declarada, mas aferrada com toda a força dos sentimentos da honra e da religião à esperança de recobrar Pernambuco, ordenou-lhe, como que transigindo entre o orgulho e a fraqueza, que, convertendo a negociação em barganha, oferecesse comprar à Companhia os seus direitos sobre o Brasil e as possessões que ainda ali conservava. Conheciam os holandeses o valor deste tão contestado solo, presumiam muito da força das suas armas até agora só no Brasil humilhadas, e contando também com a debilidade de Portugal sem apoio nenhum, julgaram-se assaz fortes para ditar quaisquer con-

Exigências dos holandeses

dições. Em lugar pois de dar motivos à proposta, insistiram por que lhes cedesse Portugal todas as províncias que eles ocupavam ao ajustarem-se as tréguas, e mais um terço de Sergipe ainda; que lhes entregasse por vinte anos como senhor até final comprimento de todas as condições a ilha e forte do Morro de São Paulo (que poria à mercê deles a Bahia); que como indenização das despesas da guerra lhes ficasse o rei de Portugal pagando anualmente 100.000 florins por vinte anos; e que por outros dez se entregassem também anualmente no Brasil à Companhia mil bois de jugo, mil vacas, quatrocentos cavalos, mil ovelhas e mil caixas de açúcar de vinte arrobas cada uma. Também deviam ser restituídos, por um orçamento eqüitativo, todos os escravos que os insurgentes tinham levado consigo, e tudo quanto estes tinham destruído havia de ser igualmente reposto, podendo os holandeses durante um ano depois da publicação do tratado, reclamar e apreender o que fora seu onde quer que o achassem. Conservariam também as suas conquistas na África, e se os portugueses quebrassem estes ajustes em qualquer parte além da Linha, ficaria ele írrito e nulo em todas elas. No correr das conferências com Francisco de Sousa foram estas extravagantes exigências reduzidas a ponto de prescindindo da entrega do Morro de São Paulo, se contentarem os holandeses com 600.000 cruzados como indenização, ou 10.000 caixas de açúcar, metade branco e metade mascavado, em pagamentos anuais distribuídos por dez anos.

Pinheiro, Coleção de Ms., Tomo 6, n. 3

Por mais duros que houvessem sido os sofrimentos dos portugueses debaixo de um governo estrangeiro e de uma superstição nacional, nem tinha a nação perdido a sua coragem, nem o seu orgulho, e a opinião pública era por que se defendessem a todo o risco os irmãos de Pernambuco. O governo porém tinha consciência da sua pobreza, fraqueza e perigo, e as dificuldades do caso traziam perplexo o gabinete de D. João IV, cuja coroa era de espinhos. Tornou pois a debater-se a questão já tantas vezes discutida entre os ministros. Apresentou o rei ao seu Conselho o *ultimatum* dos Estados, e bem assim as primeiras exigências dos mesmos, advertindo-o de que estava a França a ponto de fazer a paz com a Espanha, pelo que se devia conservar todo este negócio no maior segredo, sem que das deliberações se lavrasse ata. Mas embora o Conselho tives-

Deliberação no Conselho português

se ordem de não deixar memória do que se tratava, foram dados por escrito os diferentes pareceres, que assim passaram à posteridade, sendo tão curiosos como característicos.

Parecer do conde de Odemira

Como prefácio às suas observações sobre as condições propostas estabeleceu o conde de Odemira como certo, que se a paz se fizesse, aproveitariam os holandeses o primeiro pretexto para quebrá-la, sendo seu único fito colher à mão quanto pudessem. E da parte deles nem reféns, nem palavra de príncipe, nada senão um juramento, e juramento de hereges! A respeito do artigo que estipulava o recíproco pagamento das dívidas, observou ele, não sem alguma razão, que, tendo os holandeses por outra cláusula de comprar os bens de qualquer pessoa que quisesse retirar-se das províncias cedidas, a conseqüência seria reclamarem eles uma compensação de cada vez, e nada receber o imigrante. Portanto, dizia ele, dando-se de ambas as partes dívidas reconhecidas, o sistema mais simples seria encontrar umas nas outras. Fora este na verdade o modo mais sumário para os interessados, ainda mesmo que as somas devidas pelos portugueses não estivessem na razão de cinqüenta por um, circunstância que o conde parece ter passado por alto. Quanto à cláusula de soltarem-se sem reserva todos os prisioneiros, de qualquer nação ou religião que fossem, inclusive os judeus, concedendo-se plena e geral anistia, observou ele, que aos teólogos incumbia decidir do que tangia à religião, podendo o rei anuir a este artigo em tudo quanto não fosse pecado. Era porém opinião dele em suma que a paz devia fazer-se, e recomendava como indispensável uma estipulação para excluir dos portos holandeses no Brasil os navios espanhóis.

Pinheiro, Coleção de Ms., Tomo 6, n. 6

Mais extenso e extraordinário foi o memorial apresentado pelo Dr. Pedro Fernandes Monteiro, procurador da fazenda real. Considerando, dizia ele, o muito talento dos ministros empregados nesta negociação, era certo que melhores condições se não poderiam obter; havia porém graves objeções a fazer pelo lado da religião, da honra e do patriotismo. O instinto da conservação própria persuadiria os holandeses a buscarem todos os meios de enfraquecer a Bahia; ora senhores de Sergipe negar-lhe-iam sustento, possuidores d'Angola recusariam escravos, e a conseqüência seria acharem eles

Opinião do procurador da fazenda

por toda a parte saída ao seu açúcar com exclusão dos portugueses. O pagamento das dívidas era impossível: haviam estas sido talvez a causa da revolta, e se então não tinham podido os pernambucanos pagá-las, muito menos o poderiam agora, e segundo este tratado não lhes seria permitido viver em Pernambuco nem fora dali, se por toda a parte pudessem ser judicialmente perseguidos. E para onde haviam de ir? Nada possuindo, para qualquer parte que fossem careceriam de auxílio, que nem a Bahia, nem o Rio de Janeiro, nem província alguma do Brasil poderia conceder-lhe; de modo que só serviriam de ônus às demais populações. A primeira coisa que devia fazer-se, era proceder como se estas negociações não tivessem de terminar em paz e remeter imediatamente socorros. Cumpria ter também presente quanto a última vitória tinha vindo mudar o estado das coisas. Era claro que os pernambucanos, julgando-se abandonados por Portugal, só das próprias forças esperavam a salvação: tanto pior para os holandeses. Recorreriam talvez a Castela, e com prazer faria Castela sua a causa deles. Tinha aquele reino repetidas vezes enviado emissários a corromper os portugueses em Angola, porque esta possessão lhe daria escravos para as suas minas, e podendo eventualmente torná-lo senhor do Brasil, que para subsistir carecia de negros. Eram os espanhóis agora por tratado admitidos nos portos de Angola e do Brasil: fáceis eram pois os meios, e bastaria o zelo da religião para induzir a tal medida os pernambucanos, que, em caso de recusa, recorreriam à Inglaterra, ou a qualquer outra potência. Convinha representar isto aos Estados, bem como a impropriedade de prometer o rei o que quiçá não poderia cumprir, pois que baldado era prometer a obediência dos pernambucanos. Não eram eles súditos que dependessem da proteção d'el-Rei, e se estes à força quisesse reduzi-los, ver-se-ia abandonado do povo português, que, antes do que sofrer tal, se daria outra vez a Castela. Se porém fosse o caso de aceitarem-se tais quais eram as condições, ou rejeitarem-se totalmente, seria em verdade a guerra a mais perigosa alternativa, sendo como era a Holanda com as suas duas Companhias a potência mais forte da Europa: enquanto que a força de Portugal estava nos seus domínios ultramarinos, sem os quais se veria reduzido ao maior apuro, e uma guerra com as Províncias-Unidas lhe exporia à ruína o comércio, seu principal apoio. Podiam os holandeses simultaneamente atacar a Bahia e o Rio de Janeiro e bloquear o Tejo.

A armada, que a tanto custo se aparelhara para a Bahia, já estava a pedir socorros com que arrostar o inimigo. Exceto a Bahia e o Rio de Janeiro estavam sem defesa contra um ataque todos os demais lugares do Brasil, e o mesmo sucedia no Maranhão, o mesmo na Índia. Reforços, impossível era enviá-los numa época em que a Espanha, já em paz com os Estados e com a França, se aprontava para invadir, não as fronteiras só, mas também a barra, bem sabendo que quem não era senhor de Lisboa, o não podia ser de Portugal. A armada do ano anterior para o Brasil não se aprestara sem tirar tropas da raia, pedir contribuições aos mercadores, e conceder grandes quantias aos soldados: impossível era repetir estes sacrifícios, e por isso, rebentando a guerra, humanamente falando tudo devia perder-se. Todos os inconvenientes secundários deviam desaparecer ante esta consideração, e a religião, a honra, o amor do povo, tudo estava a clamar a el-rei que aceitasse os termos da paz. Os povos das províncias cedidas poderiam limitar as suas lavouras por alguns anos, a ver se os holandeses, não colhendo os lucros com que contavam, restituíam as terras; e quando não teria Portugal entretanto assentado pazes com Castela, e achar-se-ia em terreno firme quando revivesse a questão.

Eis, continuava o procurador, o lado sombrio do argumento, mas era do outro que preponderava todo o devido peso da razão. Vede o estado da Companhia! Os que nela se haviam aventurado, davam-se por felizes com vender por 28.000 cruzados ações que haviam custado 100.000. Não pudera ela aprestar o último armamento sem auxílio da outra Companhia das Índias Orientais e dos Estados, e esse armamento estava agora subsistindo de presas, recurso que havia de faltar-lhe, logo que Portugal deixasse de empregar nesta navegação as suas míseras caravelas, tomando medidas mais sábias. Impossibilitado como estava de abastecer-se por terra, ver-se-ia então o inimigo forçado a vir buscar à Europa o seu sustento, recaindo sobre uma empresa empobrecida a despesa agravada do primitivo custo, frete, demora e risco. Não podia a Companhia fazer sair nova expedição, pois que depois da batalha de Guararapes por força havia o próximo armamento de ser maior que o último, tendo a fortuna dado confiança e vigor aos pernambucanos. Na Holanda não havia levantar gente para um serviço, que se tornara impopular, por saber-se que era mal-aventurado. Já para a última jornada se tinha havido de mister apenas 2.500 homens, opondo-se alguns dos Estados violentamente à

medida. Quando esta oposição em casa, e procedimento tal da parte de Portugal que não lhe permitisse abastecer-se de presas navais, a tivessem reduzida à última extremidade, de boa mente aceitaria condições a Companhia, vendo-se ir a pique. Chamariam porém os Estados a causa a si? Aqui cumpria recordar como eram os holandeses dedicados sobre todas as coisas a operações mercantis: era a ganância o seu primeiro fito, a fama a última coisa que metiam em conta. Faziam-nos a guerra na Índia, em Angola, no Brasil, porque lhes ia nisso o seu interesse: ao mesmo tempo traficavam conosco no reino, porque queriam o nosso sal e outros artigos, que se eles os não levassem, levá-los-iam os ingleses, e outras nações. Suponhamos pois que no seu desespero transfere a Companhia aos Estados as suas pretensões; então oferecerá Portugal dinheiro por elas, e poderá alguém duvidar de que semelhante governo não preferisse logo uma boa soma redonda, que seria outro tanto lucro certo, ao risco de disputar domínios longínquos, possuídos contra a vontade dos moradores, e dos quais não havia tirar nem proveito, nem popularidade? Dado porém que eles tomam sobre si a contenda, piores do que as agora oferecidas nunca puderam ser as condições da paz. Não quererá nem poderá guardá-las a Holanda, que para segurança própria carece de alargar suas conquistas. Um só escravo, que da Bahia se mande, pode, lançando fogo aos canaviais, deitar a perder a colheita de um ano; quererão pois os holandeses tão perto o inimigo? E se previssem, que, graças à guerra que nos fazem, efetuaria Castela a conquista de Portugal, eventualidade dentre todas a mais perigosa para a Holanda, não podiam, para se fortificarem contra semelhante contingência, deixar também de alargar suas conquistas, e assim se veria o resto do Brasil dobradamente em perigo. Pobre estava agora a Companhia e às bordas da ruína. Nas propostas condições tinha tudo quanto podia esperar, sem risco, despesa nem trabalho. O açúcar que devia receber, e as dívidas que tinha de cobrar, a fariam de repente rica e florescente: os seus engenhos se veriam em plena atividade, os seus numerosos navios levariam a todos os mercados os seus produtos, que ela venderia tanto tão mais baratos que os nossos, que ninguém viria comprar-nos o nosso açúcar. Contudo é o açúcar agora o nervo principal do reino, a primeira fonte desse comércio, de que depende a sorte de Portugal, e que o faz viver, faltando ele, falta a receita; não haverá mais com que pagar o exército, e irá tudo pela água abaixo. Além disto, descontentes haviam de ficar os solda-

dos, vendo restituído por um rasgo de pena quanto tinham ganho à custa do seu sangue, quebrados ficariam seus espíritos e brios, e a pobreza, a ruína, o abatimento aplanariam aos holandeses o caminho para fáceis conquistas nas províncias restantes do Brasil e no Maranhão.

Mas que poderá, prosseguia ele, fazer contra nós a Holanda? Enviar uma armada ao Brasil e outra às nossas próprias costas. Se investe a Bahia ou o Rio de Janeiro, não tomará estas praças, providas a tempo, como o podem ser, ou, se as tomar, não poderá mantê-las. Não poderá piratear contra o nosso comércio, se nossos navios navegarem de conserva, e basta que este recurso lhe falte um ano, para que não possa ela suportar no seguinte o peso de um armamento. Nas costas do reino não poderia ela assenhorear-se de nenhuma praça forte, donde infestar os mares; as nossas frotas viriam em força tal, que nada teriam que recear, e se no seu desespero se pusesse a capturar navios ingleses, franceses e outros, só agravaria com isso o próprio dano. Está o Maranhão, em verdade, sem defesa, mas a restauração de Angola não deixou aos holandeses negros com que cultivá-lo, e a hostilidade dos moradores não lhes permitiria tirar proveito da conquista. Na Índia podemos, é certo, sofrer dano, evitá-lo-íamos porém com a paz? Não guardam os holandeses leis, que não sejam as do próprio interesse: como observaram ali as tréguas. Ora a paz só lhes servirá para com mais facilidade prosseguirem no mesmo sistema.

Passou então o procurador a examinar os meios com que poderia Portugal fazer a guerra. A criação de uma Companhia do Brasil era o primeiro e mais óbvio; eram ricos os mercadores que traficavam para ali e podiam entrar em empresa, em que S. M. também tomaria parte, não como rei, mas como acionista pelo valor de 200.000 cruzados. Para proteger o comboio, podiam tomar-se navios ingleses, dos quais não faltaria oferta: haveria nisto especial vantagem, porque, se fossem acometidos pelos holandeses, haviam os ingleses de bater-se por amor de si mesmos com a costumada bravura, bem podendo isto acarretar à Holanda desavenças com a Inglaterra. Piratas dispersos nada podiam contra uma frota comboiada, e para empreenderem qualquer coisa haviam os holandeses de aparelhar uma esquadra: se esta não encontrava a frota, era despesa perdida se havia encontro, aí estava o risco da peleja. Também seria ruinosa a despesa da demora, e malograda uma vez, não

mais se repetiria tentativa. Esta única medida bastaria, que uma força naval, e um comércio florescente tudo faria seguro: cedido porém Pernambuco, decairia a navegação e o tráfico, e tudo ficaria em risco.

Tendo assim Vossa Majestade, continuou ele, meios que, segundo todas as probabilidades humanas, senão suficientes para defesa de suas conquistas, com segurança para a sua coroa, dilatação da fé, e contentamento de seus vassalos, parece que ofenderia a Divina Providência não se servindo deles. Pois se os reais avós de Vossa Majestade, defendendo a fé contra os infiéis, experimentaram sempre o favor do Céu, e desbarataram poderosos exércitos com forças tão desiguais, que à providência humana parecia impossível a vitória; agora que Deus se não há mostrado menos propício a Vossa Majestade e a seus vassalos, dando-lhe tanto em Pernambuco como nas fronteiras admiráveis vitórias, ajudando-o na maior necessidade, e pelos meios mais inesperados, tirando de princípios os mais miseráveis resultados os mais felizes, grave ofensa seria contra essa divina Providência, se Vossa Majestade não tivesse viva e segura esperança dela mais assinalados favores nesta guerra, cujo objeto é defender o patrimônio de Cristo.

A esta veia religiosa seguiu-se um argumento mundano de muito peso. Podem os ministros de Vossa Majestade rejeitar este parecer, e resolver a paz, mas já o povo emitiu a sua opinião. O reino todo banhado em gosto celebrou com festas e regozijos as vitórias de Pernambuco, e se se vir que os pernambucanos depois de terem, obedecendo às ordens do governo de Vossa Majestade, arriscado vidas e fazenda, e adiantado tanto a causa da sua liberdade, não só são abandonados, mas ainda contra vontade deles entregues a seus inimigos, poderá parecer isto um exemplo desgraçado a quem tem diante dos olhos el-rei de Castela, com todo o seu poder e seus exércitos.

Pinheiro, Coleção de Ms., Tomo 6, n. 7

Adotando o parecer do procurador prefere o Conselho a guerra à restituição

Apresentou o Conselho este memorial ao rei, dizendo que, embora nada importasse tanto como uma paz estável com as Províncias-Unidas, cumpria salvar a religião e a honra, e com o favor de Deus, com tempo e jeito, poderiam melhorar as coisas. Quanto a oferecer dinheiro ou gêneros, era isto prejuízo seguro; ao passo que de modo nenhum era certo poderem os holandeses reconquistar Pernambuco; e na verdade deviam

os portugueses confiar em Deus, que não permitiria semelhante reconquista sobre quem, defendendo a sua, defendia a causa do Céu. Havia homens que diziam não comportar a fama e dignidade das Províncias-Unidas, perderem elas o que uma vez tinham possuído: mas nenhum direito lhes assistia sobre estes domínios, e com quanta mais força se não aplicava o argumento ao rei de Portugal! Concordava pois o Conselho na opinião do procurador de que antes guerra do que restituição. Tinha o rei obrigação de sustentar causa tão justa e o mesmo Deus a tinha de defendê-la com a sua onipotência.

Dito n.º 5

No mesmo sentido foi o parecer da Mesa da Consciência. Como fundamento do seu raciocínio presumiu ela que, não tendo os holandeses nem fé, nem lei que os ligasse, não poderia obrigá-los a palavra, pelo que conviria que a Portugal se entregassem de penhor algumas cidades. Devia considerar-se bem o número que havia de cristãos nas províncias em questão, e o perigo de salvação a que ficariam expostos, e o pecado que era ceder tantas igrejas à profanação dos hereges. Sérios pontos de consideração eram estes, não se fosse ofender a justiça divina, ou revelar a menor falta de confiança na misericórdia da Providência. Sobre tudo isto aconselhava a Mesa que se consultasse a Inquisição. Em geral pareciam pouco seguras, instáveis e injuriosas as condições propostas; e o melhor era oferecer mais dinheiro e mais gêneros como preço das pretensões do inimigo, pois que assim mais facilmente o rei se tornaria senhor do mundo. Em todo o caso convinha porém dissimular, e mandar à Holanda um ministro experimentado: ali a maior procrastinação possível, e em enviar secretamente para o Brasil os socorros que se pudesse, quanto menor a demora, melhor seria.

Concorda a Mesa da Consciência

Dito nº 10

A esperança extravagante que a Mesa da Consciência manifestara de ver o rei tornar-se senhor do mundo, vinha de homens, que, tendo sido sebastianistas, estavam agora persuadidos de que as profecias daquela seita se referiam ao soberano reinante, debaixo do qual devia fundar-se a quinta monarquia.[11]

Opõe-se Vieira

O orgulho, o desprezo do inimigo, a ignorância política, a carolice, e a cega presunção, que caracterizavam estes conselhos, mal seriam concebíveis, se não existissem ainda os documentos autênticos. Não estava contudo Portugal então órfão de estadistas consumados, e a Vieira,

de todos o mais hábil, mandou el-rei estes papéis. Tão convincente pareceu a resposta do jesuíta, que se lhe deu o nome do papel forte. Demasiado vasto era o espírito de Vieira para olhar exclusivamente ao Brasil, e conhecendo a fundo os negócios todos de Portugal, abrangia-lhe com largos olhos todos os domínios e relações políticas, vendo claramente o perigo a que tudo estava exposto.

As objeções religiosas contra as condições propostas, pô-las ele logo de parte com a conclusiva resposta de que podia retirar-se de Pernambuco quem quisesse, assegurando-se aos que ficassem plena tolerância: era do lado oposto que estava o caso de consciência, e bem devia o rei pesar com escrúpulo se podia retardar a cessão, achando-se comprometida a mesma existência de Portugal. Igual facilidade achou ele em decidir do que devia o governo ao povo insurgido de Pernambuco. Uma parte da população apenas tomara armas contra a vontade da maioria, nem o fizera por amor da fé católica, mas por não poder ou não querer pagar suas dívidas. Quanto ao argumento de que para os pernambucanos seria ímpia e cruel a cessão, afirmou ele que o desarrazoado fora fazer a guerra por amor deles.

Não era Pernambuco mais do que um membro de Portugal, e a impiedade e a crueldade estaria em pôr o rei todo o corpo em risco por não cortar uma parte pequena, e essa parte tão corrupta, tão difícil de conservar-se. Para com justiça se poder julgar das condições, cumpria compará-las com as que a Espanha aceitara da Holanda, e da Suécia, o Império, e então ver-se-ia quão infinitamente mais vantajosas elas eram, posto que acertadas entre Portugal, quase cercado por um inimigo como Castela, e a república mais florescente, poderosa e altiva do mundo. Também à situação do Brasil devia atender-se: fácil era dizer que os holandeses estavam encurralados no Recife, e que as condições propostas lhe iam dar o Brasil. As capitanias que eles reclamavam, seriam em extensão obra de uma décima parte daquele país, mas em valor e cultura poderiam antes da guerra computar-se por um terço: metade estava agora assolada. Possuíam os holandeses muitos postos fortes, sendo o do Potengi o melhor que tinham no Brasil os portugueses, e se eles tomassem e fortificassem qualquer ponto entre o cabo de S. Agostinho e o rio de S. Francisco, veriam os insurgentes cortadas as comunicações com a Bahia, e a si mesmos entre dois fogos, perigo de que entre todos mais se

receavam. Na realidade não podia nem devia prosseguir a contenda. Remover os moradores, seria remover Pernambuco, que era de homens, não de território que Portugal carecia. Toda a renda destas capitanias não chegaria a um décimo do que havia de custar a sua defesa, e quem diria que em tal ocasião valessem elas tal preço? Não faltavam garantias da boa fé dos holandeses; agora, que era restaurada Angola, dependiam eles de Portugal para se suprirem de negros; os seus canaviais facilmente podiam ser incendiados por alguns escravos da Bahia, e andavam os Estados negociando um tratado de sal, que eficazmente os prenderia. Ofereciam-se para pagar antecipadamente os direitos em apetrechos bélicos pelos preços do governo; empregariam quatrocentos a quinhentos navios neste tráfico, e todas as pessoas nele envolvidas seriam outros tantos reféns, e suas famílias outros tantos penhores.

O conselho de comprar Pernambuco era bom, se quisessem vendê-lo os holandeses, mas querem eles antes, dizia Vieira, dar crédito ao nosso exemplo do que às nossas vozes. Têm eles para desejarem conservar as suas conquistas a mesma razão que nós temos para querer reavê-las; a sua fama também está em jogo, tanto ou mais que a nossa; e quando falamos em oferecer um preço pagável por prestações em seis anos, convém lembrar que talvez eles contem ver Portugal no fim do primeiro prazo em estado tal, que nenhum pagamento mais haja que esperar de nós. Somos nós que vendemos Pernambuco; vendemo-lo por interesses de maior magnitude, e havemos de reclamá-lo quando nos favorecer a fortuna; tudo quanto agora se diz contra o procedimento dos holandeses, será bom em seu devido tempo, e em bronze cumpre escrever as ofensas que deles temos, até que chegue esse momento. Mas agora acha-se o Brasil à mercê deles. Poderíamos talvez aprestar um armamento: a Holanda pode perder muitos. A Companhia das Índias Ocidentais talvez esteja pobre: a das Índias Orientais é rica, e tirar-nos-á quanto temos no Oriente. Na Aclamação todo o mundo duvidou do nosso triunfo, mas na insurreição de Pernambuco ninguém deixou de ter por certa a nossa ruína, e por isso não haverá potência na Europa que conosco queira aliar-se. Castela prefere fazer com a Holanda uma paz desonrosa a ver-se ao mesmo tempo em guerra com ela e com a França. A França quer antes sofrer insultos da Holanda do que guerreá-la simultaneamente a ela e à Espanha; e nós, que jamais medimos as

próprias forças, queremos fazer-lhes a guerra a ambas! A França, o mais rico, o mais poderoso, o mais compacto, o menos exposto país da Europa... Portugal, o mais pobre, o mais fraco, o mais dividido, o mais exposto! Sem dúvida nenhuma a Espanha e a Holanda, houvessem-se elas mantido unidas, teriam subjugado o mundo, e nós pensamos em resistir-lhes a ambas! Onde estão os nossos soldados? Uma só vez se não dá rebate no Alentejo, que não seja preciso tirar estudantes da universidade, mercadores do seu balcão, lavradores do seu arado! Onde o nosso dinheiro?

As despesas e perdas já incorridas sobem a cinco milhões! Sessenta navios nos tomaram este ano. O último armamento podia ter-nos desenganado; para levantar marinheiros, tivemos de esperar pela frota do Rio de Janeiro; para levantar tropas, tiramo-las das fronteiras; para haver artilharia, desguarnecemos as fortalezas; para equipar treze galeões, deixamos Portugal sem um único! Oito anos são decorridos desde a nossa emancipação, e ainda as fronteiras não estão fortificadas, nem Lisboa foi posta ainda nesse estado de defesa que todos vemos ser necessário. E por quê? Porque faltam os meios. Comparai com os do inimigo os nossos recursos! Na Holanda têm eles mil e quatrocentos navios; em Portugal não temos cento e cinqüenta. Na índia têm eles mais de cem barcos de guerra de vinte e quatro a cinqüenta peças: nós não temos um só. No Brasil têm eles mais de sessenta navios, alguns de grande força; nós temos sete, se é que ainda os temos. Eles estão livres do poder da Espanha, nós temo-los todo sobre nós. Eles não têm inimigo na Europa: nós não temos amigo. Eles têm mais de duzentos mil marinheiros; nós temos quatro mil. Eles têm apetrechos de guerra em abundância; nós temos os que lhes compramos ou os que lhes hão de passar pelas portas. Eles têm excelentes engenheiros, excelentes oficiais, excelentes soldados; nós temos, é verdade, alguns bons soldados no Brasil, mas nenhum comandante. Finalmente têm os holandeses a sua indústria, a sua diligência, a sua cobiça de ganho, a sua unanimidade, o seu amor da república; nós temos a nossa desunião, a nossa inveja, a nossa presunção, o nosso desmazelo, o nosso perpétuo respeito pelos interesses individuais. Quanto mais milagrosas foram as últimas vitórias, mais nos devem fazer sentir a desigualdade das nossas forças. Pessoas houve contudo, que tendo sido há dias do partido da paz, mudaram de opinião à vista destas novas! Devemos confiar em tais coisas? Melhor é

merecer milagres que esperá-los, mas fiar-nos neles, mesmo merecendo-os, é tentar a Deus.

Foi porém no estado da Índia que Vieira firmou o seu argumento mais forte, e na perda certa de todas as possessões ali, persistindo-se na contenda com a Holanda. Como prova da impossibilidade de socorrer aquelas remotas conquistas, recordou ele ao rei, que não se estando em guerra aberta com os holandeses, havia dois meses já que se sabia da restauração de Angola, sem que se tivesse ainda mandado tropas a segurar praça tão importante. "Pelo amor de Deus", disse ele, "e pelo amor de Vossa Majestade, e pelo amor da pátria, peço a todos que lerem este papel, hajam de considerar quão impossível é guardarmos todos os nossos domínios com só uma armada; peço-lhes que pesem as dificuldades, as conseqüências, as impossibilidades! Dois golpes bastam para nos privarem da Índia e do Brasil; um que tome Goa, outro que tome a Bahia, ambos tão praticáveis, tão fáceis, tão certos! O baluarte da paz nos seguraria contra ambos. Os predecessores de Vossa Majestade o sabiam, e guardando a paz com todo o mundo, eram senhores de três partes dele. Guardemos todos os nossos recursos para a luta com Castela, para a qual assaz necessidade temos do favor de Deus, e até dos milagres que da sua misericórdia aguardamos." Resumindo afinal, recomendou Vieira que se não se pudessem modificar as condições propostas, se aceitassem tais quais eram. A cláusula que tangia aos judeus podia ir em artigo secreto, e facilmente se arranjaria o negócio; porquanto se nenhum súdito da Holanda existisse nos cárceres da Inquisição, estava concluída a questão e se os houvesse, poderiam ser julgados incontinênti, antes de qualquer discussão. Aconselhou que se mandasse dinheiro bastante ao embaixador na Haia, que era o dinheiro o meio mais fácil e barato de vencer todas as dificuldades, e na Holanda tudo era venal; e para se indenizarem da perda de Pernambuco, podiam os holandeses, e com grande vantagem, tomar o Prata. Desta forma se poderia deixar a guerra com a Holanda para ocasião mais oportuna, em que se retomaria quanto agora se lhe cedia e quanto ela houvesse tomado em todas as suas conquistas, mas era para outra guerra e não para esta que Deus reservara a el-Rei o império do mundo.

O Papel Forte, Ms.

Estabelece-se uma Companhia do Brasil por sugetsão de Vieira

Quanto mais se discutia o assunto, maior era a perplexidade do rei: não podia nem resolver a sacrificar os seus sentimentos, sujeitando-se à exigida cessão, nem por outro lado ousava provocar um perigo a que via claramente todo o alcance. Incapaz de tomar uma outra resolução, continuava a deliberar e a procrastinar; entregou-se todo ao correr do destino, e o tempo e o acaso vieram afinal justificar quase tanto a presidência dos seus cautelosos conselheiros com a confiança dos presunçosos. A Índia, como previra Vieira, perdeu-se, mas, por circunstâncias impossíveis de preverem-se, salvou-se o Brasil, e graças a isso viu-se Portugal com forças para levar a bom fim a renhida luta da sua independência. Mas enquanto Vieira com mais veemência do que ninguém pugnava pela cessão, ninguém mais eficazmente do que ele contribuía para se prosseguir na guerra. Desde muito que andava representando ao rei como o único meio para conservar a Índia e o Brasil, e recobrar o que em ambos se havia perdido, era seguir o exemplo dos holandeses, e fundar duas Companhias, uma para o Oriente, outra para o Ocidente[12]: capital, dizia ele, apareceria depressa; este espírito de esforço e de empresa que o interesse individual, quando bem entendido, nunca deixa de produzir, havia de aparecer também, e tanto estrangeiros como naturais tomariam parte em aventura de tanto prometer, sendo só necessária uma coisa, que a propriedade assim embarcada fosse isenta de confisco. Era aqui que havia o ponto. Jamais país algum havia nos seus mais vitais interesses tanto sofrido do seu espírito de intolerância, como Portugal nesta época. Vieira, que com raro talento e sublime eloqüência tinha exposto as práticas atrozes da Inquisição, compreendia bem todo o mal político, e toda a iniqüidade moral deste tribunal nefando. A isenção que ele requeria, e sem a qual impossível era que se organizassem estas Companhias, era por causa dos cristãos-novos, denominação em que provavelmente a maior parte dos mercadores portugueses estavam sujeitos a ver-se encabeçados, pois de fato não havia quem fosse seguro. Sobressaltou-se o Santo Ofício; a mistura, não de pessoas suspeitas, mas, como ele dizia, de dinheiros suspeitos, foi estigmatizada como uma abominação; nem foi senão depois de terem as perdas de oito anos sucessivos quase que arruinado o comércio de Portugal e posto o governo à mercê dos seus inimigos, que pôde vencer-se este

Vieira, *Cartas*, T.1 2, *Sermões* de S. Roque, § 54

obstáculo. Mesmo então só se adotou metade do projeto, essa porém referia-se ao que mais importava, e mais perto estava: criou-se uma Companhia do Brasil. Desde tanto tempo e com tanta obstinação se disputava este país, que só a contenda fez com que os portugueses lhe sentissem o valor, e da sua posse se ensoberbecessem: e o rei, compartindo iguais sentimentos, deu a seu filho mais velho, Teodósio, o título de príncipe do Brasil.

Rocha Pita, 5, § 97-9. § 84

1649

Segunda batalha dos Guararapes

Enquanto se estava formando a nova Companhia, tentaram os holandeses de novo recuperar a sua superioridade no campo contra a opinião de Schoppe, que foi vencida por maioria no conselho de guerra, talvez desvairado pelo dizer de dois desertores italianos, que exageravam a falta de gente e munições no acampamento, representando o exército como amotinado por falta de soldo. Brink, que estava com o comando no impedimento de Schoppe, ainda inválido em conseqüência da ferida recebida, aumentou a sua força com tirar gente dos navios, armando de partazanas e alabardas alguns dos seus soldados mais robustos, que adestrara no manejo destas armas para contrabalançar a vantagem que aos portugueses dava o bem que se serviam de espada. Destes preparativos se teve notícia no acampamento, pelo que chamaram os chefes suas tropas a quartéis, não omitindo eles mesmos essas práticas religiosas que aos holandeses exprobavam como supersticiosas e diabólicas. Expôs-se o sacramento nas igrejas, e exortaram-se os soldados à confissão e comunhão antes da esperada batalha. Saindo com a maior força que pôde juntar, avaliada pelos portugueses em cinco mil homens[13], foi Brink tomar posição nos Guararapes, campo ainda coberto dos ossos dos seus patrícios. Aqui investiram os portugueses, e posto que se invertesse nesse terreno a ordem da batalha, o resultado foi o mesmo.[14] Em breve se travou tão de perto a peleja, que não puderam os holandeses servir-se das partazanas e alabardas em que tanto confiavam pois que descarregado o primeiro golpe, não lhes davam os portugueses tempo nem espaço para segundo.

Nieuhoff, p. 119 18 de fev. 1649

Após uma luta, que das duas horas da tarde durou até às oito da noite, fugiram os holandeses, deixando no campo 1.100 mortos,[15] dezenove bandeiras e toda a artilharia e munições. Brink e o comandante das forças de mar, ambos caíram, e Poti, general dos índios, foi feito prisi-

oneiro: retido quase três anos em ferros, foi depois embarcado para Portugal, mas morreu na viagem. Duas vezes teve João Fernandes nesta ação a morte diante dos olhos; uma bala perdida lhe deixou o seu sinal impresso no corpo, e o cavalo se lhe atolou num pântano, de onde não pôde mais arrancá-lo. Os vencedores apenas contaram 74 mortos, entre eles Paulo da Cunha, Manuel de Araújo e Cosme do Rego, homens cujos nomes ocorrem freqüentes nos *anais* desta guerra. Feridos saíram Henrique Dias com mais de duzentos. A disparidade da perda pode ter-se exagerado, mas foi sem dúvida muito grande, pois que os portugueses aproveitavam a vitória com insaciável sede de vingança, sendo mais felizes os holandeses que se fingiam mortos, do que os que pediam misericórdia. Ainda por muitos dias depois batiam os índios e os negros as matas, passando à espada os extraviados que encontravam. Como a sua importância merecia, foi celebrada a vitória:[16] o vigário-geral, que andava no exército, mandou no domingo em todas as igrejas da sua jurisdição fazer preces públicas com o sacramento exposto, e as ordens religiosas porfiaram em sermões e procissões umas com as outras. Pediram os holandeses licença para enterrar os seus mortos, e acharam os cadáveres mutilados e despidos, mas desta vida se não carecia para exasperar o ódio inveterado com que de parte a parte se fazia a guerra.

Ericeira, 712
***Cast. Lus.*, 9, § 58, 84**

Envia a Companhia a sua primeira frota

Poucos dias antes desta batalha fez a Companhia do Brasil sair a sua primeira frota, com todo o êxito feliz que de tal medida se esperava. Nada puderam tentar contra ela os holandeses, cujos cruzadores não largaram dos portos enquanto ela andou no mar. Neste comboio foi o conde de Castelo Melhor por governador, e Pedro Jaques de Magalhães por almirante. Oitenta navios mercantes velejaram para Portugal protegidos pela armada que voltava. Nesta frota regressaram os dois precedentes governadores, tendo Antônio Teles da Silva esperado tanto, em parte talvez para evitar essa ostentação de desagrado, que o rei não podia deixar de fazer, enquanto pendiam as negociações com a Holanda,[17] e em parte quiçá porque ele mesmo desejasse ir num navio chamado *Nossa Senhora da Conceição* que lhe parecia o melhor da frota. Foi infeliz a viagem; um galeão perdeu-se com quanto levava a bordo; outros dois naufragaram na ilha de S. Miguel, e o navio, escolhido por Antônio Teles, só chegou a Portugal para naufragar na costa de Buarcos, perecendo toda a tripulação.

Tomada assim a grande medida de criar uma Companhia, recaiu o governo português na sua característica apatia; abandonados a si mesmos os pernambucanos, prosseguiram na guerra com essa infatigável perseverança, que nada podia subjugar, e que portanto também por força havia de afinal vencer todos os obstáculos. Demasiado fraco para tentar grandes coisas, foi o esforço mais audaz de Schoppe uma expedição empreendida em dias do seguinte ano de 1650 ao rio de S. Francisco; dali tiravam as tropas portuguesas a maior parte da sua subsistência, e apenas souberam que vinha sobre ele Cardoso com quinhentos homens, retiram-se os holandeses sem terem conseguido o seu fim. Dois anos mais se gastaram ainda no mesmo guerrear vagaroso, porém incessante. Tornaram os portugueses a talar as plantações no Potengi, queimando grande porção de pau-brasil, que ali se estava juntando. Vendo-se agora tão aleijado por mar como por terra, saiu Schoppe a reconhecer os postos entrincheirados do acampamento, sofreu porém perda bastante para não meter-se em outra. Mais feliz do que a primeira não foi segunda expedição ao S. Francisco: os suprimentos que os seus cruzadores costumavam trazer-lhe, faltavam agora aos holandeses, e a sua única esperança era que da Holanda se fizesse algum esforço para restabelecer essa superioridade naval, sem a qual impossível era manter o Recife[18]

Ericeira, P. 125

Fraqueza de ambas as parcialidades no Brasil

1650

1652

Estado da negociações

Frustraram-se estas esperanças pela habilidade dos diplomatas portugueses, e pelo correr dos acontecimentos políticos na Europa. Francisco de Sousa Coutinho continuou a servir de embaixador em Haia, apesar de mostrar-lhe ali o governo, vendo-lhe bem a duplicidade, o mais pronunciado desagrado, e de ser tão grande o ressentimento popular contra ele, que os holandeses publicamente declaravam que haviam de atirá-lo ao mar, se o pudessem pilhar na viagem para o reino. Afinal, após toda essa discussão do gabinete português, que terminou por deixar-se ficar o negócio como estava, pediram os Estados ao ministro de Portugal que se retirasse, dizendo que por todos os meios tinham procurado fazer guardar o tratado de 1641, mas tão repetidas vezes iludidos, haviam resolvido fazer-se justiça à força de armas. De um homem daquela têmpera não era tão fácil descartar-se: partiria,

respondeu esse, apenas recebesse instruções da sua corte, mas quanto à quebra de tratado, ninguém tanto como os mesmos Estados o haviam infringido, nem as presentes queixas tinham outro fim, senão servir de pretexto para novas injustiças. Em seguida fez cavalo de batalha das diferentes infrações cometidas por parte dos Estados, e concluiu dizendo que todos os pretendidos agravos deles se reduziam a não lhes ter o rei submetido os insurgentes de Pernambuco, coisa que não era tão fácil de fazer-se, pois que com todos os seus esforços o não haviam eles mesmos conseguido. Daí a pouco porém, como declarasse ele aos Estados estar outro ministro já nomeado para substituí-lo, pediram-lhe estes que obtivesse novas credenciais, dizendo que circunstâncias se haviam dado, que exigiam conferências sobre matérias de grande importância. Ao saber disto ordenou o governo português ao seu novo ministro que apressasse a saída, esperando que quem não era pessoalmente malquisto dos Estados, poderia com mais vantagem negociar com eles. Veio porém a morte embargar a partida do sucessor, e Francisco de Sousa continuou por conseguinte na sua missão. Singularmente feliz foi esta demora. Empregaram os ministros holandeses um francês, para subornar outro, que era secretário do embaixador, e fora esta provavelmente a razão de já não quererem eles mudança imediata. Escutou o secretário a proposta, e encarregou-se de por meio de chaves falsas apoderar-se dos despachos d'el-rei, para que o governo holandês pudesse inteirar-se do conteúdo. Feita a promessa, deu a seu amo conto do que se passara, e este, achando-se provido de assinaturas reais em branco, imediatamente encheu algumas folhas com as instruções que melhores lhe parecera, para iludir os Estados. Tinham estes resolvido acudir à Companhia das Índias Ocidentais com 200.000 florins para socorrer o Recife, havendo já expedido ordens para aprontar doze navios e 2.800 homens com o mesmo destino, e uma esquadra de vinte e cinco velas contra Portugal; tão sagazmente soube porém o ardiloso português voltar as artes dos holandeses contra eles mesmos, que se sustaram os preparativos, demorando-se os socorros tão necessários à conservação das conquistas no Brasil, até que coisas ocorreram, que não permitiram mais para aquele fim dispor destas forças.

Ericeira, 700-39

A Holanda envolvida em guerra com a Inglaterra

Não tardou a chegar Antônio de Sousa de Macedo para render o embaixador. Entenderam os Estados dever mostrar o seu desagrado, deixando-o passar alguns dias à espera de audiência, e ele que nada desejava tanto para procrastinar, esperou com paciência. Quando afinal a concederam, representou ele como as medidas violentas tomadas no Brasil por parte da Holanda, haviam tornado agora impossível a restituição, já antes difícil. Insistiu na sua razão e despesa de manter os poucos postos que os Estados ainda ali possuíam, e propôs uma indenização pecuniária como o melhor e único meio de solução. Só lhe responderam com ameaças, ao que ele tornou, que se o impossível só podia contentá-los, claro eram serem as armas o único recurso. Já a procrastinação tinha sido levada ao último extremo, achando-se findo todo o prazo de dez anos do tratado; deixou o embaixador a Holanda e sem necessidade de declaração de hostilidades, achavam-se as duas partes em guerra, por haverem expirado as tréguas.

A nenhuma delas convinha porém este partido: os mercadores holandeses propuseram ao embaixador comprar licenças para traficarem com Portugal, como mesmo no reinado dos Filipes se havia praticado a respeito do negócio do sal, e indepedentemente desta formalidade, deixou o governo português seguir o comércio o seu curso regular, de modo que se achavam as duas nações em paz na Europa, onde a ambas convinha a paz, e em guerra onde quer que qualquer das potências se sentia assaz forte para operações ofensivas.

Talvez os holandeses tivessem largado rédeas a espírito mais vingativo, se quando Portugal por um ato, que lhe faz a maior honra, se expôs a uma guerra com a república inglesa, recusando entregar o príncipe Euperto, não houvesse Cromwell olhado este proceder com a sua habitual magnanimidade, e dando fáceis ouvidos a uma proposta de acomodação, declarando a guerra à Holanda. Este sucesso veio livrar Portugal de um perigo, sob o qual bem podia haver baqueado o trono dos Braganças. Atacados por tão formidável inimigo ou nos seus próprios mares, deixaram os holandeses que a Companhia das Índias Ocidentais acudisse ao Brasil como pudesse; exaustos tinha esta porém os meios, e já a sua força naval no Recife caía aos pedaços por falta de socorros da Europa. Tentou Schoppe ainda interceptar na altura do Cabo

de S. Agostinho a frota, que em 1652 voltava ao reino, mas sendo batido com perda considerável, veio a entrada do comboio a salvamento pela barra de Lisboa dar brilhante prova de quanto foram sábios os conselhos de Vieira.

Pinheiro, Coleção de Ms., T. 2, nº. 10 Ericeira, 778

Neste estado de fraqueza a embarcação de ambas as partes podia por tempo indeterminado haver-se protraído a luta, se não se tivessem excogitado meios de pôr-lhe termo sem comprometer mais do que já se achava o governo português. Tinha a experiência de muitos anos desenganado João Fernandes, de que enquanto o mar estivesse aberto não havia forças da terra que pudessem reduzir o Recife. Sabia também que nenhuma esperança havia de obter de Portugal socorros diretos, mas a armada da Companhia podia talvez deixar-se induzir a interromper por um curto prazo os seus negócios para ajudar a completar esta grande e já tão protraída obra. Abraçou Barreto a idéia e sob pretexto de uma romaria, reuniu os mestres-de-campo a cuja classe havia sido elevado Francisco de Figueiroa na capela de S. Gonçalo, lugar escolhido pelo solitário que era a sete léguas do Recife, e a alguma distância de Nazaré. Despedidos os ajudantes, celebrou-se o conselho na capela, declarando Barreto ter designado aquele lugar na inteira fé de que o santo português, em cuja casa estavam, os favoreceria com seu milagroso auxílio. Figueiroa, a quem se não tinha comunicado o plano só lhe via as óbvias dificuldades, que representou como insuperáveis. Bem disciplinado, disse, estava o inimigo e bem provido; perfeitamente, entricheinrado e em número muito suficiente para a defesa: da parte dos sitiantes porém faltava artilharia, faltavam engenheiros, materiais, soldados e dinheiro. Vidal, como era de esperar, concordou com Fernandes, e Barreto limitou as suas objeções à falta de material. Perguntou-lhe João Fernandes se era este o único inconveniente que receava, e como fosse afirmativa a resposta, replicou imediatamente que esse encargo sobre si o tomava.

Resolvem os mestres-de-campo solicitar o auxílio da frota da Companhia do Brasil

Cast. Lus., **10 § 6, 10**

Em princípios de outubro saiu de Lisboa a armada anual, com Pedro Jaques de Magalhães por general e por almirante Brito Freire,[19] conhecido então por soldado valente e hábil marinheiro, e lembrado hoje por historiador fiel.

Operações combinadas com a armada da Companhia

Expediu-se ordem a Barreto para que nos portos de Pernambuco se mantivessem prontos os navios a incorporar-se à armada ao perpassar esta de viagem para a Bahia, devendo ao mesmo tempo entrar a parte do comboio destinada para os mesmos portos.

A 7 de dezembro recebeu-se este aviso, e no dia 20 apareceu o comboio à vista do Recife. Algumas fragatas holandesas, que tentaram inquietá-lo, foram repelidas com perda, e Barreto mandou um bote ao mar como que com mensagem congratulatória, em resposta ao que desembarcaram no rio Doce tanto Pedro Jaques como Brito Freire. Há razões para desconfiar de ter sido antecipadamente concertada esta medida. Requereram os mestres-de-campo que a armada bloqueasse o porto, excluindo os socorros, enquanto eles completavam a longa e árdua empresa da restauração de Pernambuco; se isto porém se lhes recusasse, pediam aos seus conterrâneos, que pelo menos fossem espectadores de uma última e desesperada tentativa, para que, se ela falhasse, e tivessem os patriotas de perecer assaltando os muros do inimigo, não sucumbissem sem testemunhas que ao mundo proclamassem o seu heroísmo e não merecido fado. Representou Pedro Jaques que tinha as mãos atadas; que as instruções que d'el-rei trazia, o não autorizavam a cometer o menor ato de hostilidade, nem as que da Companhia recebera a desviar do seu destino a armada; que jurara preservar por todos os meios aquela frota, levando-a com a maior brevidade a seu porto; e que, se fosse envolver o seu país numa guerra com a Holanda, com a cabeça podia pagar o delito. Replicou João Fernandes que se Sua Excelência não quisesse ceder a tão justo pedido, havia Deus de tomar-lhe contas do número de almas que deixava expostas a prevaricarem na fé; num caso destes não se lhe admitiria o receio de perder a cabeça como razão suficiente para recusar o seu auxílio, valendo uma só alma mais do que muitos milhares de vidas. Dizem que Pedro Jaques cedera a este argumento, confessando ele a Brito Freire que uma força interna e irresistível os arrastava. No dia de Natal se celebrou em Olinda um conselho, em que se assentou definitivamente no plano de operações.

Cast. Lus., **10, § 11-13** **D. Franc. Manuel** *Epanáforas,* **p. 601**

O Recife bloqueado por mar

Por demais fraca para arrostar o inimigo, resolvera a armada holandesa segui-lo de perto a ver se apanhava algum navio desgarrado do comboio, mas per-

cebendo o intento dos portugueses, fez-se ao mar enquanto pôde. O seu desaparecimento pôs em liberdade os barcos mercantes, que aos portos de Serinhaém, Rio Formoso, Tamandaré e Camaragibe estavam carregados para Portugal, entrando todos no porto de Nazaré, onde Barreto os empregou no transporte dos materiais reunidos para o cerco, e de algumas tropas que desejava chegassem frescas. Dirigiram-se proclamações em diferentes línguas aos soldados que andavam ao serviço dos holandeses, convidando-os a desertar e ameaçando-os com a vingança de um inimigo vitorioso e desesperado, se não abandonavam uma causa perdida. Para ostentação de força, todo o dia se empregavam os escaleres da armada em levar para terra tropas que de noite tornavam a embarcar, para se repetir no dia seguinte o mesmo artifício; afinal porém desembarcou às ordens de Brito Freire toda a gente que se pôde dispensar a bordo. Os navios mercantes mais ou menos foram enviados com comboio suficiente para os portos do Sul, a que se destinavam, ficando retidos os maiores, que eram de alguma força, para ajudarem ao bloqueio, estendendo-se uma linha através do porto. Dia e noite remavam guarda as embarcações miúdas, e guarnecidas ambas as praias de companhias de infantaria, nem por mar nem por terra podia chegar aos sitiados o menor socorro. Na noite do dia 26 reconheceu João Fernandes com dois engenheiros e uns poucos de homens escolhidos todas as obras da cidade, acercando-se tanto, que por vezes tiveram de deitar-se por terra, enquanto as balas lhes zuniam por cima.

Cerco e tomada do Recife

De três mil e quinhentos homens, mil dos quais empregados em guarnecer o acampamento, Olinda e alguns fortes adjacentes, se compunha a força sitiante. Dirigiu ela o primeiro ataque contra o forte das Salinas, que dominava a passagem do rio, e de onde ficavam a tiro de peça a cidade e a barra. João Fernandes, que comandou o assalto, animou a sua gente, prometendo uma missa distinta pela alma de cada homem que caísse, além das que ele instituía para quantos morressem na guerra coletivamente, de joelhos fez rezarem todos um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, antes de se porem em marcha pela escuridão. Com arte consumada foi dirigida a empresa e ao romper d'alva recebeu a guarnição estupefata os bons-dias de uma bateria de quatro peças de vinte e quatro, ao alcance de tiro de pistola. Foi isto a 15 de janeiro, dia de Santo Amaro, discípulo de Benedito, a quem se

atribui especial virtude para curar ossos quebrados, aprazendo-se os portugueses em acreditar que o santo não teria menos poder nem menos vontade de partir os dos hereges, do que de endireitar os dos seus devotos. No correr da noite seguinte rendeu-se o forte, continuando os vencedores a fazer fogo na esperança de apanharem algum reforço que viesse do Recife, mas foi baldado o artifício.

Vendo agora bem o seu perigo, mandou Schoppe abandonar a Barreta e o Buraco de Santiago, para concentrar na defesa da cidade as guarnições, a quem ordenou que destruíssem as obras, mas Camarão, o moço, moveu-se com tanta rapidez, que tomou o primeiro forte antes de danificado. Era mais sólido o forte Altena, e podia receber socorros pelo rio. De grande préstimo foi nas operações contra esta praça um engenheiro francês, que com muita da sua gente desertara para o lado vencedor; também Henrique Dias muito se assinalou, sendo tal o terror que incutiam os seus desalmados negros, que amotinada obrigou a guarnição os seus oficiais a renderem-se. Duzentos e quarenta homens caíram aqui prisioneiros e entre eles o chefe dos engenheiros. Deste ponto se abriu uma bateria contra Cinco Pontas. O forte dos Afogados foi abandonado aos sitiantes, que levaram de assalto um reduto novo, façanha em que perdeu a vida João Barbosa Pinto, que muitas vezes se distinguira nesta longa contenda. De tanta importância era este posto, que Schoppe saiu da cidade a recobrá-lo, recolhendo-se porém sem sequer haver tentado a empresa.

Começavam já os moradores a clamar por uma capitulação, com especialidade os judeus, bem certos de que, se não se capitulava, nenhuma misericórdia se lhes faria. Receava também o povo que a guarnição se amotinasse, como fizera em Altena, saqueasse a cidade, e depois se rendesse. Contra a geral desanimação e clamores de todos, de nada podiam valer os esforços do comandante; viu ele as tropas igualmente desacoroçoadas, percebendo bem que homens que evidentemente temiam um assalto, dificilmente lhe resistiriam com feliz resultado. Cedendo pois à necessidade abriu uma conferência no dia 23. De boa mente teriam os holandeses remetido tudo para as negociações pendentes na Europa, mas os portugueses, que tinham a espada na mão, não quiseram tratar senão como referência aos fins imediatos da guerra pernambucana, e depressa se ajustam termos, quando a uma das partes só resta a alterna-

tiva de submeter-se. O artigo primeiro estipulou em curiosa frase que todos os atos de hostilidade cometidos pelos súditos das Províncias-Unidas e pela Companhia das Índias Ocidentais contra os portugueses se considerariam como nunca perpetrados, prometendo-se também anistia aos portugueses que haviam seguido as partes dos holandeses, e aos judeus, até onde ela se podia prometer, palavras que deixavam ominosa latitude à intolerância católica. Garantiram-se a seus donos os bens móveis, e dos navios que havia no ancoradouro se deixariam aos holandeses o bastante para transporte dos que quisessem retirar-se. Às embarcações, que chegassem da Holanda dentro de quatro meses, se permitiria o regresso, e as que se achavam fora do porto poderiam entrar, garantidas as pessoas e a propriedade. Os holandeses casados com portuguesas, ou pernambucanas, poderiam levar para a Holanda suas mulheres, se estas quisessem acompanhá-los, ou ficar residindo no Brasil, sendo tratados no mesmo pé quanto à religião que o eram então em Portugal os estrangeiros. Entregues as armas, poderiam os holandeses demorar-se ainda três meses no Recife a regular os seus negócios, sendo-lhes lícito ao partir estabelecer procuradores que lhes administrassem os bens móveis e imóveis. Todas as provisões existentes nos armazéns ficariam à disposição deles para consumo durante a estada e depois na viagem. Haviam de entregar o Recife e Maurícia, com os fortes adjacentes, o Potengi, Paraíba, Itamaracá, Ceará e a Ilha de Fernando de Noronha, tudo quanto possuíam no Brasil e nas suas costas, com toda a artilharia e material, exceto as peças de ferro que fossem necessárias para defesa dos transportes, e outras vinte de bronze de calibre 4 a 18 para o navio em que o general embarcasse. A anistia ampliou-se a todos os índios ao serviço dos holandeses, incluindo-se nominalmente um certo Antônio Mendes, que devia ter culpas especiais. Também se compreenderam os mulatos, negros e mamelucos, mas estes não haviam, como os holandeses, de sair da praça com honras militares. Assinadas estas condições, entrou João Fernandes na cidade, e recebeu as chaves dos armazéns, fortes, etc., setenta e três em número, que entregou a Barreto; e bem, diz o seu historiador, se pode dizer que das mãos de João Fernandes Vieira recebeu Francisco Barreto aquela cidade, e a coroa de Portugal o seu império do Brasil.[20]

Leva Vidal a notícia a Portugal

Havia no Recife 1.200 homens de tropas regulares, 103 peças de bronze e 170 de ferro; 850 índios se tinham retirado para o Ceará. Um coronel holandês, por nome Nicolas, salvou ainda algumas das guarnições remotas. Saindo do Recife numa jangada, levou a notícia a Itamaracá, Paraíba e ao Potengi; na primeira destas praças renderam-se quatrocentos homens mas quando os portugueses chegaram à Paraíba, acharam o inimigo embarcado com toda a artilharia e apetrechos. Pedro Jaques e Brito Freire seguiram agora para a Bahia com o comboio, levando a nova para completa expulsão do inimigo, e dando àquela cidade, diz Fr. Rafael de Jesus, o dia mais feliz que ela conhecera depois da sua fundação; felicidade porém, cumpriria acrescentar que os moradores bem mal haviam merecido. Vidal foi a Portugal levar as notícias, e interceder pelos pernambucanos, que, desobedecendo às ordens d'el-rei, haviam para ele reconquistado a sua pátria. Fr. João da Ressurreição, beneditino, que servira durante toda a guerra embarcou num navio mais pequeno, e saiu do Recife, seguindo-lhe a esteira. Tomaram ambos diferentes rumos, mas alcançaram a barra de Lisboa na mesma tarde. Vidal deu fundo no rio, não tencionando saltar em terra, senão quando pudesse seguir direito ao paço; o frade conheceu-lhe o navio, e passou avante, pensando que ele teria desembarcado, e que se encontrariam ambos na corte, mas não o achando ali, entendeu que não lhe assentava bem diferir a comunicação de tão importante sucesso. Foi isto na noite do dia de S. José, quando devia celebrar-se o natalício do rei que, dizem, recebera a nova como um favor do santo.

Ericeira, 824-40. D. Franc. Manuel *Epanáforas*, 616 *Cast. Lus.,* 10, § 19-48

Morte de D. João IV

Felizmente efetuada estava a restauração de Pernambuco, mas indecisos continuavam ainda os pontos litigiosos entre os dois gabinetes, nem Portugal obteve esta vantagem sem pesada compensação de humilhação e perdas. Por mais irritados que o ficassem os holandeses, não podiam tirar na Europa imediata vingança, pois que foi pouco mais ou menos por este tempo que sofreram dos ingleses essa grande derrota em que pereceu Tromp, e que os reduziu à necessidade de sujeitarem-se às condições que Cromwell quis impor-lhes. Seguiram porém no Oriente o curso de suas vitórias, logrando, como previra Vieira, expulsar os portugueses de Ceilão, a sua mais rendosa e defensável

possessão na Índia. Pelo que tocava a lucros, valia esta aquisição muito e muito mais do que as províncias brasileiras, e o governo holandês, consolando-se com isto, e embaraçado pelas disputas com a Inglaterra, que mais de perto o interessavam, absteve-se por enquanto de insistir na exigência de restituição. Ainda em Haia residia um agente português, continuando as duas nações a sua contenda na Índia e as suas relações na Europa. Assim se achavam as coisas quando D. João IV morreu em fins do ano de 1656. Faleceu numa idade em que podia esperar ainda muitos anos de vida, e numa época em que Portugal mal podia suportar esta perda, assaz velho porém para ter sobrevivido a seu filho D. Teodósio, mancebo que por suas felizes disposições, bem como pelo patrocínio que dava a quanto é digno de por um príncipe ser protegido, e não menos também por sua prematura morte, pode comparar-se com o príncipe Henrique de Inglaterra. A rainha, mulher de espírito e coragem varonis, ficou regendo o reino durante a minoridade de seu filho D. Afonso IV.

Ericeira, P. 885

No gabinete secreto d'el-rei se achou um papel assinado de seu próprio punho com três cruzes, e no qual ele manifestava o desejo de que, se Portugal não pudesse continuar a sustentar a porfiada luta com Castela, se retirasse sua viúva com seus filhos para o Brasil. Tão provável parecia chegar a família real a ver-se reduzida a esta medida, que por conselhos dos condes de Castanhede e Soure, foi Brito Freire despachado para Pernambuco, ostensivamente como governador, mas na realidade, para dispor as coisas neste sentido, e de conformidade com as últimas disposições d'el-rei se ordenou a Vieira, que então se achava no Maranhão, que fosse ter com o governador para ajudá-lo com os seus conselhos. A razão de preferir-se Pernambuco à Bahia parece ter sido a maior fortaleza do Recife, capaz de resistir a quaisquer forças que a Espanha pudesse mandar em perseguição dos reais fugitivos. Iminente era em verdade o perigo. Mais do que nunca esperavam agora os espanhóis esmagar o que chamavam a rebelião de Portugal, e os holandeses, a quem a paz livrara já da formidável inimizade de Cromwell, renovavam suas exigências contra um país desvalido, preparando-se para apoiá-las com a força. Era porém então da política da França evitar a ruína de Portugal e Luís XV ofereceu-se por medianeiro, sendo aceito por ambas as partes. Nomeou-se pois um embaixador português para negociar debaixo destes auspí-

Cartas de Vieira, 2, p. 416

cios, mas os holandeses, que durante uma recente disputa com a França haviam feito alguns preparativos navais, tendo disponível esta força, entenderam que o melhor meio de acelerar o negócio seria mandá-la ao Tejo. Saiu pois a armada às ordens do almirante Wassenaar, levando por comissários Tenhoven e De Wit, e a Ruyter, que então se achava no Mediterrâneo, se ordenou, que viesse reunir-se a ela nas costas de Portugal e assumir o comando. As instruções eram capturar, sendo possível, a frota do Brasil, fazer as presas que aparecessem, como meio de apressar as negociações, e declarar guerra no caso de não serem aceitas as condições.

Mandam os holandeses uma armada ao Tejo a ditar condições

Como de amigos deu a armada fundo fora da barra, e como a amigos, lhe mandou o governo português refrescos. Enquanto aguardavam a chegada de Ruyter vieram a terra os comissários, que foram recebidos pela rainha em conselho, apresentando-lhe eles um memorial em latim. Principiava por condoimento pela morte d'el-rei seu consorte, passava a desejar todas as prosperidades a el-rei seu filho, e encetava depois o objeto da disputa; exigia-se resposta dentro do prazo de quinze dias, e isto, dizia, em linguagem que poderia ter provocado alguns atos de ressentimento, se a presença e prudência da rainha não houvesse refreado os seus conselheiros. Recebeu ela cortesmente com a própria mão o memorial e outro papel que continha estas exigências; restituição de todo o território entre o rio S. Francisco e o Ceará inclusive, de toda a artilharia e materiais tomados nos diferentes fortes, e toda a propriedade particular que havia pertencido aos holandeses naquelas províncias; entrega de mil bois de jugo, mil vacas, trezentos cavalos, e seiscentas ovelhas anualmente à Companhia durante seis anos; pagamento de 600.000 florins à mesma Companhia no prazo de seis meses, e de 13.000 caixas de açúcar na de treze anos. As dívidas seriam pagas reciprocamente, e os portugueses que quisessem retirar-se das capitanias cedidas poderiam vender a sua propriedade, mas não removê-la. A ilha de São Tomé seria restituída aos holandeses com Angola, e tudo quanto se lhes havia tomado naquela costa.

Perguntou-se aos comissários, se traziam poderes para modificar estas condições, pois que aliás seria inútil discuti-las com eles, ao que responderam que vinham autorizados a fazer o que fosse de justiça. Nomearam-se então pessoas que com eles conferenciassem. Observaram

os portugueses que muito estranho era negociarem os estados desta forma depois de terem aceitado a mediação da França, cujo embaixador o ministro português fora procurar em Haia. Replicou-se que aquele passo não excluía a mediação da França, que podia ser representada pelo seu embaixador em Lisboa. Disse-se então que era a restituição de Pernambuco contrária à religião dos portugueses, impossível, atenta à índole tanto dos pernambucanos, como do povo de Portugal, e oposta às leis do reino, que proibiam toda a alienação desta natureza durante a minoridade do soberano. Os holandeses alegaram exemplo de cessões de território feitas por príncipes católicos a potências protestantes. Respondeu-se que nestes casos os países cedidos haviam sido estados limítrofes, expostos à guerra, e acostumados à liberdade de religião, sendo portanto o precedente inaplicável a outros, onde semelhante liberdade jamais se admitira. O rei, acrescentou-se, nenhum meio tinha de constranger súditos tão remotos, e se recolhesse as suas guarnições, como exigia a Companhia, o único resultado seria darem-se os brasileiros a qualquer outra potência, que era um povo resoluto aquele que nunca se sujeitaria ao domínio dos Estados, de que haviam recebido tantas ofensas em suas vidas, fazenda e honra.

Conferências em Lisboa

Prorrogaram então os comissários por mais uma semana o prazo assinado, propondo um projeto modificado, em que cediam da exigência de S. Tomé e Angola, pretendendo unicamente comércio livre com ambos os lugares, e o direito de erigir um forte ou na enseada do Soto, ou sobre os rios Coanza, ou Lucala. Insistiam ainda na restituição das províncias do Brasil, reduzindo porém a importância da indenização a três milhões de florins em dinheiro e açúcar, pagáveis em oito anos. A isto responderam os portugueses que se pusesse de parte a exigência da impossível restituição, Sua Majestade lhes daria ordem para negociarem sobre o resto, custasse o que custasse. O embaixador francês propôs agora que apresentassem os comissários, se tinham poderes para tanto, um projeto, abstraindo da restituição, e se os não tinham se mandasse a Holanda um embaixador, que ali pudesse assentar uma paz sólida, com a mediação do rei da França e do Protetor da Inglaterra; ou se nisto se visse inconveniente, fosse a França o lugar destas alternativas: os comissários protestaram que nada podiam fazer sem a restituição de Pernambuco; o francês argüiu que era isto renunciar à mediação do seu sobera-

no, sendo o ofício do mediador moderar as condições rigorosas, mas os holandeses insistiram em que a restituição era condição *sine qua non*. Apresentou a rainha o estado dos negócios perante todos os seus diferentes conselhos e tribunais, apelando desta sorte para o povo quanto era compatível com a forma do governo. Todos unanimemente declararam que não havia na história pátria exemplo de se ter diminuído o patrimônio da coroa durante uma menoridade, e que prontos estavam os portugueses a morrer na defesa do território ganho por seus maiores. Consultaram-se pessoas inteiradas dos negócios do Brasil, e todas protestaram ser impossível a restituição. Declararam então os negociadores que só restava a alternativa da força, e os portugueses convidaram os seus conterrâneos a dizer como os macabeus: *Não tomamos a terra de outrem, nem guardamos a que nossa não seja.* No aproximar-se deste desfecho a negociação, mandou a rainha embargar todos os navios holandeses em Lisboa e Setúbal, e os comissários, que tinham trazido instruções para interceptar a frota do Brasil, e capturar quanto navio português valesse a pena de se tomar, fizeram por intermédio do seu cônsul as mais sérias representações contra esta medida, requerendo que se deixasse correr livre o comércio entre as duas nações! Antes de partirem pediram uma audiência de despedida à rainha, e como lhes dissessem que estava ela indisposta, mostraram-se muito sentidos por ficarem privados dessa honra, e deixaram ao secretário de Estado uma carta selada, para ser entregue à regente. A carta, acompanhada de tantos cumprimentos, continha uma declaração de guerra.

Pinheiro, Coleção de Ms., t. 2, nº 10

22 de out. 1657

Operações de Ruyter na costa de Portugal

Veio agora Ruyter fazer junção com a esquadra, e a não ter sido uma cerração muito a propósito, houvera ele assentado terrível golpe no renascente comércio de Portugal. A frota do Brasil, de oitenta e quatro velas, esperada todos os dias, tinha sido separada pelo temporal, em latitude de 31º, vindo parte dela cair no meio do inimigo; tal era porém o nevoeiro, que apesar de achar-se a esquadra holandesa dois dias inteiros no meio de quarenta navios mercantes ricamente carregados, só pôde apanhar cinco. Depois deste malogro foi Ruyter invernar na Holanda, sofrendo em viagem muito por falta de água e pelas tempestades. No ano seguinte voltou ele com vinte e duas velas e três mil e trezentos

homens de desembarque a atacar os portugueses por mar e por terra, e cometer contra eles toda a casta de hostilidade. Devia segui-lo Wassenaar com reforços, mas estes nunca chegaram; foi a armada muito acossada de tormentas e ao chegar diante do Tejo descobriu-se que a bordo só havia água para dez dias. Não foi o inimigo tão imprudente que saísse a dar-lhe batalha e dentro em pouco viu-se Ruyter forçado a singrar para Cádiz a fazer aguada, tendo de ancorar sob o cabo de S. Vicente para limpar os navios. Feito isto, continuou a cruzar os mares da costa com pouco dano dos portugueses, até que entrando o inverno, teve de recolher-se à Holanda. O seu aparecimento parecera acelerar as negociações, mas entretanto envolveu-se a Holanda nas disputas entre a Dinamarca, a Suécia e os portugueses, tendo experimentado quão pouco haviam feito os holandeses, quando outro nenhum cuidado tinham, não se deram pressa em concluir o tratado pendente, vendo-os ocupados no Báltico.

Brandt. Vida de Ruyter

1659

Ambas as partes porém estavam cansadas da guerra, que pouco restava já no Oriente de que a Holanda pudesse esperar despojar Portugal, e nada no Ocidente que os portugueses pudessem retomar aos holandeses. Por este tempo foi D. Fernando Teles de Faro mandado por embaixador à Haia, mas pensando ou que os negócios da sua pátria iam à garra, ou que os seus particulares poderiam melhorar com este ato de traição, furtou-se à missão, e desertou para os espanhóis, revelando à corte de Madri os segredos do seu governo. Sobre a palavra deste traidor asseveraram os espanhóis aos Estados que a rainha de Portugal entregaria Pernambuco, se se insistisse na exigência, e conseqüentemente assim o fez a Holanda, ainda em cima animada a isto pelo proceder de Carlos II então a caminho para receber a coroa de Inglaterra. Ao passo que dava todas as demonstrações de favor ao ministro espanhol da Haia, não queria este príncipe nem receber as visitas do representante de Portugal, o conde de Miranda, como se fora sua intenção não reconhecer a dinastia bragantina. Depressa porém mudou de idéias, e tratando do seu casamento com uma princesa portuguesa, intimou aos holandeses que, se persistiam no seu ressentimento contra Portugal, faria ele sua a contenda. Também a França interveio agora mais seriamente, no intuito de desassombrar Portugal de um inimigo para que melhor pudesse resistir aos espanhóis. Con-

6 de agosto de 1661

cluíram-se pois afinal as tão protraídas negociações, anuindo Portugal a pagar em seis prestações quatro milhões de cruzados em dinheiro, açúcar, tabaco e sal, como melhor lhe conviesse, e a restituir toda a artilharia tomada no Brasil, que tivesse a marca das Províncias-Unidas, ou da Companhia das Índias Ocidentais. Foi este o artigo preliminar de um longo tratado de comércio, no fim do qual se estipulava que todos os litígios entre os súditos das duas potências sobre propriedade no Brasil seriam amigavelmente decididos dentro de dois meses, e se isto se não pudesse conseguir, se nomeariam mutuamente três comissários, que fossem àquela colônia examinar tudo por espaço de oito meses no próprio teatro da contenda, reunindo-se depois em Lisboa, onde profeririam sentença final e sem recurso.

1661

Du Mont

Assim terminou após tantos anos de recíproca falta de sinceridade e mútuos sofrimentos, a luta entre portugueses e holandeses. As pérfidas agressões da Holanda no princípio das tréguas de dez anos deram aos portugueses belo pretexto para as suas subseqüentes infrações do mesmo acordo, posto que, embora tal pretexto se não desse, se não possa duvidar que se teriam os pernambucanos levantado contra um jugo pesado e intolerável, sendo mais que provável que Portugal, por seus princípios religiosos e brios nacionais, ajudasse os insurgentes.

Os motivos da insurreição foram tão maus e tão bons, como os representaram os escritores dos dois países. João Fernandes Vieira não teria quiçá achado quem o secundasse nos seus desígnios, se muitos dos principais conspiradores não tivessem sido homens cuja sorte era desesperada; mas por outro lado também nada menos do que o nobre princípio do patriotismo o poderia ter feito, a ele e aos seus conterrâneos, perseverar através tantas dificuldades e decepções tão contínuas. Assim como no princípio da luta há muita coisa que desonra ambas as partes, também o desfecho para nenhuma delas é honroso: os holandeses sujeitaram-se a pagar a vitória que haviam ganho. Mas a Portugal se não pode exprobrar esta humilhação numa época da maior fraqueza interna, e da maior pressão de perigo do lado da Espanha. Naquele tempo talvez a perda de Ceilão se reputasse de maior momento do que a restauração das províncias do Brasil: mas Ceilão mais tarde ou mais cedo por força havia de cair nas mãos de alguma potência mais forte no mar, nem os portugueses, posto que todos os conquistadores europeus os mais amal-

gamadores na sua política, e a este respeito os mais atilados, teriam jamais chegado a tomar senão uma parte diminuta da sua população. Por outro lado a reconquista de Pernambuco deixou Portugal na indisputada posse de uma das mais extensas e favorecidas regiões do mundo, de um império que em todas as imagináveis circunstâncias de desgoverno tem continuado a crescer em população e indústria, que progride agora rapidamente, e que, sejam quais forem as revoluções por que esteja destinado a passar, ficará sempre sendo o patrimônio de um povo português, que fale a língua de Fernão Lopes, de Barros, de Camões e de Vieira.

NOTAS DO CAPÍTULO XXII

1. Possuía nesta época a Companhia das Índias Ocidentais um capital de 27 milhões de florins, pertencendo 7 à Zelândia e o resto à Holanda. Votou meio milhão para sufocar a revolta quando saiu Schoppe e de cada companhia ao serviço da Companhia se deviam tirar três homens para o Brasil. Havia porém grande repugnância contra este serviço entre os soldados, e muitos desertaram, preferindo tornarem-se vagabundos, diz Aitzema, a irem para o Brasil. Vol. 3, pág. 89.
2. "Os triunfos que temos alcançado", dizia ele, "assaz provam que a Deus aprouve impor aos nossos inimigos o castigo desta guerra pelos muitos crimes cometidos contra este país. Não ignorais a nossa força, que em muito excede a vossa; e com a evacuação da Paraíba e Goiana aumentamos grandemente o nosso número, preferindo os moradores a perda da sua propriedade a sofrer as indignidades de que eram vítimas. Foi esta a verdadeira causa da insurreição, e não, como se pretendeu, a impossibilidade de solver os débitos; porquanto abandonaram eles mais do que para esse efeito fora mister. E se acontecer que eles se não possam manter, estão resolvidos a assolar da mesma forma todas as demais capitanias. Afora os negros e tapuias dispersos desde as ribas do Potengi até às margens do rio de S. Francisco, contamos pelo menos 14.000 homens. Camarão comanda 600 mosqueteiros, Henrique Dias 800 negros, 200 minas e 700 tapuias. Os tapuias do sertão estão à nossa disposição logo que queiramos chamá-los, e sobretudo temos Deus do nosso lado. A vossa força não passava de 600 homens antes da chegada de Schoppe; os socorros que ele trouxe não passam de 1.200 homens, quase todos rapazes, e o resto ou está doente ou enterrado. Disto estou bem inteirado, tendo-vos morto e aprisionado cerca de 2.600 dos nossos melhores soldados e 500 índios, além de feridos, que foram levados para o Recife, e isto quando as nossas tropas tinham por armas apenas paus pontiagudos e clavas. São isto bênçãos do Céu, e se tanto podemos sem pólvora nem bala, que não faremos agora com excelentes tropas, e providos de boas armas e munições? A não ter sido pelo respeito aos coronéis mandados da Ba-

hia, e ao rei de Portugal, já eu hoje fora senhor do Recife. Elas e as coisas não puderem ter este feliz desfecho procederei como desesperado, e nem deixarei engenhos de açúcar, nem gado, nem negros no país, antes do que sujeitarmo-nos à vossa obediência! O coronel Sigismundus Van Schoppe pensa manter o campo contra mim, como fez outrora, mas como se engana! Os moradores não serão por ele, e se eu soubesse de um que o fosse, imediatamente o enforcaria. Quando houve jamais povo conquistado tratado como nós, pior do que os mais escravos? Se não fosse que aguardávamos esta oportunidade, há muito que teríamos implorado o auxílio do rei de Espanha ou de França, e se esses não quisessem saber de nós, recorreríamos aos turcos, ou aos mouros. Sirva-vos esta carta de advertência; contém ela a verdade nua e crua. Olhai o que mais vos convém; no que estou pronto a servir-vos; porquanto embora os vossos governadores não dirijam a mim as suas cartas, sou eu, que comando aqui em chefe, não se estendendo o poder dos mestres-de-campo da Bahia a mais o que sobre as tropas que trouxeram. Não vos iludais, que não foi feito para vós o Brasil. Deus por certo abençoará as nossas armas; se morrermos, perderemos as vidas em defesa da nossa santa religião e da liberdade, e os que recusam aceitar nossos oferecimentos pagarão a sua obstinação com a perda da vida e da propriedade." Nieuhoff, pág. 112.

3. Quem souber que o comandante desta armada era o ilustre fluminense Salvador Correia de Sá e Benevides conhecerá quão injusto é semelhante juízo. (F.P.)
4. O padre Antônio Vieira encontrava-se em Carcavelos convalescendo, quando o rei o chamou. Desde que fora para Lisboa, a mando de Antônio Teles da Silva, com um filho do governador-geral do Brasil e mais o famoso padre Simão de Vasconcelos, autor da *Crônica da Companhia de Jesus*, ganhara prestígio pelo seu talento. Tanto assim, assinala João Ribeiro, que "foi daí em diante grande amigo do rei e oráculo nas coisas do Brasil". (L.A.)
5. Concordamos com Southey: as traições podem ser recompensadas a dinheiro, nunca porém com condecorações. Quanto à última parte do juízo, fácil é de ver que ditado foi pela intolerância religiosa do autor. (F.P.)
6. Houve duas batalhas de Guararapes. A primeira é de 19 de abril de 1648, quando a expedição de Sigismundo, de volta da Bahia, tentou aniquilar o Arraial do Bom Jesus. Mais exatamente: Arraial Novo do Bom Jesus. Refere-se Southey a essa primeira. (L.A.)
7. Julgamos preferível a versão de Netscher que em presença dos documentos oficiais, depositados nos arquivos de Haia, afirma que tiveram os holandeses 410 mortos e 527 feridos, inclusive o general Schoppe. (F.P.)
8. Desanimado de poder lutar com as forças da Holanda havia D. João IV mandado o célebre Pe. Vieira em missão secreta a Haia a fim de ceder as províncias sublevadas quando deste propósito o veio dissuadir a notícia do triunfo alcançado pelos pernambucanos nos montes Guararapes. (F.P.)
9. Aliás sobrinho. (F.P.)
10. Alguns autores elevam a oitenta mil cruzados este donativo.

11. Para maior ilustração a respeito do sebastianismo, vide o estudo de João Lúcio de Azevedo, *Evolução do Sebastianismo.* (L.A.)
12. Está hoje provado que a idéia da formação de uma companhia de comércio *ad instar* das da Holanda não partiu do Pe. Vieira, mas sim de Pedro Fernandes Monteiro e Tomé Pinheiro da Veiga. (F.P.)
13. Segundo o cálculo de Netscher, compunha-se o exército holandês de três mil, quinhentos e dez homens. (F.P.)
14. Desta narrativa parece depreender-se que a segunda batalha dos Guararapes tivera lugar no dia 18 de fevereiro em 1649 quando pelo unânime consenso dos cronistas é certo que fora ela pelejada a 19 do dito mês e ano: havendo ambos os exércitos passado o dia 18 no campo da batalha. (F.P.)
15. De posse de preciosos documentos orça Netscher a perda dos seus conterrâneos nesta batalha em novecentos e cinqüenta e sete mortos e oitenta e nove feridos. (F.P.)
16. A narração que Nieuhoff faz das batalhas dos Guararapes é absolutamente inexplicável: relata apenas uma ação que pela data devia ser a primeira, e contudo refere-se a outra anterior, de que em parte nenhuma fez menção. Talvez omitisse alguma coisa o tradutor, em quem tenho de confiar, por não poder haver o original.
17. Uma memória manuscrita (Pinheiro*, Coleção*, t. 2, nº 18), que relata em resumo as disputas entre Portugal e a Holanda, diz que apesar de ter Antônio Teles tomado todas as precauções para não quebrar as tréguas, não pôde evitar o desagrado d'el-rei, que, depois de se ter bem informado do seu proceder, o mandou vir preso para o reino; ele porém naufragando na viagem. Em nenhuma das relações impressas descubro o menor indício deste desagrado. Do naufrágio tira Ericeira contra os astrólogos um argumento que no seu tempo não era desnecessário. *Tal,* diz ele, *foi a sorte destes navios com descrédito dos matemáticos, porque parece que uma só constelação não pode conduzir tantas criaturas a um mesmo naufrágio, e vêm a ser só infalíveis os juízos divinos.*
18. Depois desta segunda batalha de Guararapes, "não houve mais combates notáveis por terra nem por mar", escreve Capistrano de Abreu. E acrescenta: "A Companhia estava exausta, apesar dos largos subsídios dados pelos Estados-Gerais. Dentro em pouco estes não puderam mais auxiliá-la, envolvidos em guerra contra a Inglaterra." Vide Capistrano de Abreu, in *Capítulos de História Colonial.* (L.A.)
19. Pedro Jaques de Magalhães, primeiro visconde de Fonte Arcada, era almirante desta frota, e vice-almirante Francisco de Brito Freire, autor da *Nova Lusitânia*, ou história da Guerra Brasílica. (F.P.)
20. Schoppe foi metido em processo por ter entregado o Recife. Acusam-no de que tendo deixado aos portugueses quase duzentas peças de bronze, sendo cento e cinqüenta peças e meias-peças de bateria, e trezentas a quatrocentas ditas de ferro, avaliado todo num milhão de rizdallers haviam os empregados civis e militares da Companhia estipulado que toda a sua propriedade particular ficaria salva, e nessa conformidade vendido tudo, recebendo em vez de dinheiro, pau-brasil, artigo de que havia alguns anos nada se remetia à Companhia, vindo agora grande abundân-

cia por conta destes indivíduos. Numa palavra afirmou-se que o Recife fora comprado e vendido. Grande foi o clamor contra o general, porquanto muitas mil viúvas e órfãos tinham embarcado o seu dinheiro na Companhia, e hospitais havia também cujos fundos nela estavam empregados. Defendeu-se Schoppe, alegando que as suas instruções o sujeitavam às autoridades civis, e que por ordem delas procedera. Decidiu pois o conselho de guerra que não podia tomar conhecimento da causa sem que comparacessem também à barra as autoridades civis, pois que nada seria mais injusto do que deixá-las livres, e punir o oficial que procedera em virtude das ordens delas. Nestes pontos apoiou o príncipe d'Orange, os militares e Schoppe foi acariado com Haecx, um dos membros principais do conselho. Adquiriu este homem grande crédito pela maneira calma e clara como se justificou, sem tentar crismar ninguém e até auxiliando Schoppe em algumas causas; do general porém se disse que se defendera tão mal, como fizera com o Recife. Foi pois sentenciado a perder todos os seus soldos desde o dia da capitulação e condenado a pagar as custas do processo. Aitzema, t. 3, pág. 1119 a 1222.

. . . .

Capítulo XXIII

OS JESUÍTAS CONVIDADOS PARA O PARAGUAI – FUNDAM REDUÇÕES NA GUAÍRA, NO PARANÁ E NO URUGUAI – OS PORTUGUESES DE S. PAULO OS ATACAM, OBRIGANDO-OS A RETIRAREM-SE PARA O PAÍS ENTRE OS DOIS RIOS

1586

ENQUANTO as províncias do Norte andavam envolvidas nesta longa e renhida luta contra os holandeses, fundavam os jesuítas no Paraguai esse domínio, cuja nascença, progresso e ruína se acham inseparavelmente ligados à história do Brasil.[1] Poucos anos depois da terceira fundação de Buenos Aires, vendo D. Francisco Vitória, primeiro bispo de Tucumán, o estado lamentável da religião na sua diocese, escreveu aos dois provinciais da Companhia no Brasil e no Peru, pedindo-lhes mandassem em auxílio alguns padres da sua ordem. Sendo dominicano o bispo, mostra este pedido quão estimados eram então os jesuítas. Do Peru lhe mandaram os padres Francisco Angulo e Alonso Barsena com o irmão leigo Juan de Vilegas. Vinham do Potosi, e foram recebidos em Salta (recentemente fundada) com incrível alegria, diz o seu historiador, como se fossem anjos descidos do Céu: porquanto, embora corrompidos pela fartura e pela abundância de escravos e mulheres que tinham à discrição,

O bispo de Tucumán convida os jesuítas do Brasil

sempre lastimavam os espanhóis a falta dessa religião externa, cuja observância tão facilmente se acomodava com toda a espécie de vícios.[2] Em Santiago de Estero, então capital e sede episcopal, ergueram-se arcos triunfais, alastraram-se de flores as ruas, e saiu o governador em procissão com os soldados e moradores principais ao encontro dos jesuítas, celebrando-se solene ação de graças em que o bispo entoou o *Te Deum*. Provincial no Brasil quando chegou o pedido, despachou Anchieta logo cinco dos seus padres para esta missão; foi por superior o italiano Leonardo Armínio, e os outros eram Juan Salônio, Tomas Filds, escocês de nascimento, Estêvão de Grão, e Manuel de Ortega, ambos portugueses. Depois de terem caído nas mãos de piratas ingleses, e experimentado, à moda dos jesuítas, muitas intervenções milagrosas a seu favor, desembarcaram em Buenos Aires e atravessando os planos de Córdoba ali encontraram os irmãos do Peru, de cuja vinda nenhuma notícia tinham. Imediatamente percebeu Armínio ser esta província mais fácil de suprir-se do Peru do que do Brasil, e ainda que estavam então Portugal e Espanha debaixo do mesmo soberano, como sempre se continuava a fazer distinção entre conquistas portuguesas e espanholas, pareceu-lhe que algum mal haveria em obrarem de concerto membros de duas províncias, responsáveis a dois governos. Voltou pois com Grão ao Brasil, deixando porém os outros, que eram de opinião diversa. Ortega ficou em Córdoba com Barsena, e os outros dois acompanharam Angulo a Santiago.

Techo, p. 19-20. Charlevoix, t. 1, 172

Os jesuítas portugueses convidados para a Assunção

É dever sagrado do historiador destas épocas relatar com escrupulosa imparcialidade o bem e o mal dos jesuítas, sem deprimir-lhes as virtudes nem disfarçar-lhes as imposturas.[3] Referem os cronistas da Companhia que Barsena e Ortega, pregando entre os índios, casando-os aos centos e batizando-os aos milhares, viram-se afinal em míngua tal de alimento, que tiveram de reduzir-se a uma ração diária de doze grãos de milho. Estava Barsena, como mais velho e fraco, quase a morrer de inanição, quando, depois de ditas uma noite as suas orações, ordenou a Ortega que saísse à meia-noite e fosse comprar provisões à casa de um espanhol, que morava a duzentas milhas dali. Em casos destes não é a impossibilidade impedimento; Ortega pediu emprestado um cavalo, que

mal o sentiu em cima, partiu como seta despedida do arco, e transpondo com a mesma portentosa rapidez montes e vales, em onze horas fez a jornada. O espanhol enviou imediatamente um criado com uma partida de índios e cópia de provisões. Entretanto voltou Ortega com a mesma rapidez que levara, enquanto que o comboio, vindo bem montado, gastou dois dias pelo caminho, devendo nós com razão supor que o segundo milagre se operaria para manter Barsena durante este tempo, aliás seria inútil o primeiro. Pouco depois foram os jesuítas brasileiros enviados a catequizar umas tribos da raça toconoté sobre o rio Vermejo, e com eles foi Barsena, que tendo composto uma gramática daquela língua, era também dentre todos o único que a falava; mas como caísse doente e tivesse de voltar a Santiago, ficaram os portugueses sem meios de se entenderem com o povo que iam converter. Ao passarem por Buenos Aires achava-se ali D. Alonso Guerra, bispo da Assunção, que os tinha procurado persuadir a acompanharem-no ao Paraguai, onde o conhecimento da língua tupi lhes permitiria empregar-se com utilidade entre as tribos guaranis. Vendo-se servos sem préstimo na sua atual situação, alcançaram licença de Fr. Angulo, debaixo de cuja obediência tinham sido postos, e partiram para a Assunção, onde com todas as demonstrações de distinção e alegria os receberam.

Charlevoix, 1 178. Techo, L. 1, c. 30, aí citado

Hervas, TR. 1, c. 2, § 3. Charlevoix 1, 180

Fr. Luiz de Rolanos, franciscano e discípulo de S. Francisco Solano, convertera alguns guaranis, sobre ter composto um catecismo na língua deles. Fora ele mandado recolher ao convento pela sua idade e enfermidades, sem que ninguém lhe sucedesse nos trabalhos; estes porém haviam preparado o caminho à Companhia. Ficou Solano na Assunção enquanto Ortega e Filds, descendo o Paraguai, entravam na província de Guaíra. Alguns meses consumiram eles em reconhecer o país, e voltando então à capital, informaram a Solano terem visto duzentos mil índios que pareciam cidadãos talhadas para o reino do Céu. Reinava então uma peste na Assunção e território adjacente, e as pestes são as colheitas dos ministros de Deus, diz Charlevoix, que dá a entender terem os jesuítas por esta ocasião sido favorecidos com sobrenatural celeridade de locomoção, podendo assim batizar seis mil índios em artigo de morte. O zelo e intrépida caridade com que procuravam os infetados e ministra-

1588

Funda-se ali um colégio de jesuítas

vam aos moribundos, confirmaram a boa reputação que eles haviam ob-
1590 tido. Edificou-se uma capela e uma casa de residência para eles em Vila Rica, sendo este o seu primeiro estabelecimento no Paraguai, e já três anos depois requeriam os magistrados e povo da Assunção ao rei, ao geral da Companhia e ao provincial no Peru licença para fundarem na sua cidade um colégio de jesuítas. Sem esperarem por uma resposta, cujo resultado não podia ser duvidoso, compraram logo pelos
1593 fundos públicos terreno para o edifício; Fr. Juan Romero, chegando do Peru com alguns padres como superior da missão, aceitou-o, ressalvando a aprovação do rei e do geral, e os mais ricos moradores, tanto homens como mulheres, porfiaram entre si a quem melhor trabalharia nos fundamentos. No ardor do seu zelo não olhavam ao custo, e querendo Romero persuadi-los a moderar um pouco a escala das despesas, respondiam que trabalhavam para Cristo, pelo que não era possível fazer demais. Seis anos mais tarde fundava-se um colégio em Córdoba.

Aventura de Ortega

Muitos anos permaneceram Ortega e Filds na Guaíra viajando entre os selvagens; numa destas excursões foi o primeiro apanhado por uma inundação repentina entre os dois rios: espraiaram-se ambos e logo toda a planície semelhou um lago sem limites. Acostumados a contratempos destes pensavam o missionário e a partida de neófitos que o acompanhavam, escapar, como já por tantas vezes, marchando com água pela cintura, mas ia crescendo sempre a inundação até que os obrigou a buscar refúgio nas árvores. Aumentava o temporal, continuava a chuva, elevavam-se as águas, e entre os quadrúpedes e répteis surpreendidos pela chuva uma enorme serpente se aproximou da árvore a que Ortega trepara com o seu catequista, e enroscando-se num dos ramos, principiou a subir, contando os dois, que não viam meios de fuga, nem de defesa, ser infalivelmente devorados. O ramo pelo qual tentava elevar-se quebrou, e o monstro nadou para o outro lado. Mas posto que desaparecesse este perigo, ainda a situação era realmente tremenda; dois dias se passaram, e no meio da segunda noite veio um índio nadando para a árvore à luz dos relâmpagos, dizer a Ortega que seis dos seus companheiros estavam em artigo de morte; os que ainda não estavam batizados suplicavam-no que lhes administrasse este sacramento, e os que já o tinham sido pediam absolvição antes de morrerem. O jesuíta

ligou o seu catequista ao ramo a que se segurava, e depois, deixando-se cair à água, foi a nado exercer o seu ministério. Mal acabava quando cinco destes desgraçados caíram e foram ao fundo, e ao voltar para a sua árvore, achou que a água dava pelo pescoço ao seu catequista, sendo portanto preciso desamarrá-lo e ajudá-lo a ganhar um ramo mais alto. Principiou contudo agora a bater a chuva. Nadando entre os espinhosos ramos fez Ortega na perna uma ferida que nunca chegou a sarar de todo durante os vinte e dois anos que depois desta terrível aventura teve ainda de vida.

Deliberações sobre as viagens

No princípio do século décimo sétimo veio o padre Esteban Paez da Europa como visitador a inspecionar o estado da Companhia no Peru e suas dependências, de que era uma o rio da Prata, compreendido então o Paraguai. Convocou os jesuítas de Tucumán e do Prata para Salta, onde reunidos se deliberassem sobre algum sistema para seguir-se na conversão dos indígenas. Compareceram todos e Paez lhes expôs os inconvenientes que achava no método de contínuas viagens até agora observado. Pouca confiança, disse, se podia ter em conversões assim feitas de corrida, conversos, que, imperfeitamente doutrinados, eram entregues a si mesmos. A instabilidade destas coisas provava-a o exemplo de Solano, que percorreu Tucumán e grande parte do Chaco, batizando multidões, sem que, apesar de viver ele ainda, restasse de seus trabalhos o menor vestígio. Como a boa semente era a palavra, não bastava lançá-la à terra, e seguir avante, deixando-a abandonada ao acaso; era mister vigiá-la com cuidado até dar fruto. Por demais razoável era esta opinião para ser impugnada. Representaram contudo os missionários que no que até agora haviam feito, tinham obrado em obediência aos bispos e vigários-gerais, em cuja jurisdição se achavam; que inúteis não tinham sido os seus trabalhos, pois que a eles se devia o conhecimento do país e do caráter das diferentes tribos; que tinha Deus seus fins nestas expedições errantes; que varões apostólicos muitas vezes haviam sido inspirados para passarem rapidamente de uma província a outra, como essas nuvens fugitivas a que os compara o profeta Isaías; que concordavam com ele quanto à conveniência de lançar os fundamentos de alguma coisa durável, e de fato tinham feito estabelecimentos em alguns lugares; mas que não se deviam abandonar as peregrinações, que haviam sido ordenadas pela

1600

Providência para a salvação de muitas almas predestinadas, tantas vezes dependente só dos meios, verdade exemplificada nos trabalhos de S. Francisco Solano, por Deus autorizados com tantos milagres.

Vistas as coisas a esta luz, não podia o visitador divergir dos seus irmãos; e como melhor meio para facilitar a obra empreendida, propôs que todo o país a leste do Paraguai e ao norte do Prata se deixasse aos jesuítas do Brasil, pela plausível razão de ficar ao alcance deles, que já eram senhores da língua falada nestas províncias. Tucumán e Chaco receberiam do Peru os seus missionários. Tão bem aceito foi no Tucumán este plano, que muitas vilas escreveram logo ao geral da Companhia, oferecendo-se para fundar colégios. Na Assunção porém diferente espírito se manifestou. Já nesta cidade se formara um partido hostil aos novos missionários, que, vendo-os partir todos para o conselho de Salto, observou exultando não serem estabelecimentos em país tão pobre como o Paraguai de gosto dos jesuítas, que achavam mais atrativos nas vizinhanças do Peru. Se era o zelo das almas que os movia, por que deixavam uma província onde abundava o trabalho, e onde haviam sido bem recebidos? Mas quando se disse que o lugar ia ser preenchido por irmãos do Brasil, não quis aquele partido ver nisto senão uma evasiva, porquanto poderia supor-se quer que o Conselho das Índias deixasse missionários portugueses formar estabelecimentos numa província castelhana, quer que o governo de Portugal se encarregasse de fornecer socorros espirituais a um país que lhe não pertencia?

Charlevoix, 1 206-8

Ortega metido na Inquisição em Lima

Enquanto o visitador refletia sobre esta importante objeção, que parece ter-lhe escapado ao princípio, foi Ortega intimado em Salto para comparecer ante a Inquisição de Lima. Ao chegar ali, foi lançado em um cárcere, onde, segundo o costume do tribunal, o tiveram preso sem lhe dizerem de que era acusado. Após cinco meses de cativeiro puderam os superiores conseguir que ele lhes fosse entregue, para que o guardassem, com condição de o apresentarem quando se exigisse, e de não lhe permitirem nem dizer missa, nem sair do colégio, nem ver pessoa alguma de fora. Neste duro encerramento jazeu ele dois anos, até que um morador de Vila Rica, que em vingança de alguma ofensa real ou imaginária o acusara de divulgar o que lhe havia sido revelado em confissão, declarou no leito de morte que a acusação fora maliciosa. Então proclamou a Inqui-

sição com as devidas formalidades a inocência de Ortega. Este exemplo bem pudera mostrar aos jesuítas a iniqüidade de um tribunal perante o qual a ninguém era dado escoimar-se da culpa, tendo o inocente, ainda mesmo que não absolvido, maior castigo no processo, do que mereceria culpado.

Tentativa de desapossar os jesuítas do seu colégio em Assunção

Apesar de ter o visitador convocado a conselho todos os jesuítas do Paraguai, ficara Filds na Assunção: não lhe sofriam a idade e as enfermidades as fadigas da jornada, pelo que o deixaram na posse do edifício da Companhia. Previra se talvez que seria este um posto importante. Alguns membros de outra ordem, que desejavam estabelecer-se na cidade, tinham deitado olhos cobiçosos para a casa do próximo, e alegando o boato de que a Companhia não voltaria, propuseram a Filds que vendesse o prédio. Remetendo-os sempre para a seu superior Remero, resistiu o velho frade,[4] com constância às importunações destes homens. Se Filds tivesse morrido, facilmente conseguiriam estes outros religiosos licença para ocuparem o edifício vago, e depois havia de custar a desalojá-los. Conheceu Remero o perigo, e estimou bem receber ordem tanto do general Aquaviva como do provincial do Peru para tornar a mandar Lorenzana para a Assunção com um companheiro. Tinham os amigos da Companhia naquela cidade escrito ao general, queixando-se de ter-lhes o visitador tirado dali todos os missionários. Também o bispo da Assunção escreveu a Romero pedindo que lhos tornasse a mandar o mais depressa possível, aliás, dizia, recorreria ao geral, e em caso de necessidade a el-rei católico e até a Sua Santidade. Era que este bispo, como sobrinho de Loiola, tinha particular afeição aos jesuítas.

Charlevoix, 1, 209, 214

Sistema das encomiendas

Foi o italiano Fr. Giusepe Cataldino o escolhido para acompanhar Lorenzana, e lançar com ele os fundamentos de uma das mais notáveis instituições que recorda a história. Naufragara, subindo o Paraguai, o batel que os conduzia, e estavam ambos em risco de perecer de fome naquelas desertas margens, quando o bispo de viagem para Buenos Aires providencialmente os socorreu, dando-lhes um de seus próprios botes bem provido para o resto do caminho. Com muita alegria os receberam na Assunção. Até agora proviera da inveja das outras ordens a única oposição que ali haviam en-

contrado, mas não tardou muito que não provocassem eles mais perigosa hostilidade. Reinava no Paraguai, como em outras partes das Índias espanholas, a prática de dispor dos indígenas por *encomiendas*, ficando eles debaixo da proteção do *encomendero*, proteção que só no nome diferia da escravidão. Nascera este sistema como conseqüência necessária da premissa, de pertencer o mundo novo com quanto nele se continha ao rei de Espanha em virtude da doação do direito pleno que tinham a conquistar estes países, dispondo dos moradores a seu talante. Assim se foi adotando naturalmente um princípio feudal, tomando o conquistador com a concessão de terras que lhe faziam, também os habitantes, como gado humano, de seu domínio. Havia porém duas classes de *encomiendas*. Se os naturais tinham resistido, e sido efetivamente conquistados, tomavam o nome de *yanaconas*, designação de uma raça de escravos ou hilotes no Peru. Segundo as intenções do Conselho das Índias deviam estes indivíduos ter sido antes servos do que escravos: o *encomendero* os vestia e sustentava, não podendo vendê-los nem bani-los, nem de modo algum maltratá-los: eram seus trabalhadores, que lhe davam o serviço pela mantença, devendo ele ensinar-lhes um ofício mecânico, e prover a que fossem doutrinados no cristianismo. Se os índios se tinham voluntariamente submetido, chamavam-se *mitayos*, palavra também de origem peruviana, que significava homens obrigados a uma tarefa. Formava-se então um aldeamento, elegendo-se magistrados municipais dentre os naturais segundo o costume das vilas espanholas. Também estas povoações se davam a *encomenderos*, mas aqui só os homens de 18 a 50 anos eram obrigados a trabalhar, e isso só em dois meses no ano, sendo ainda isentas as mulheres, os *curacos*, ou caciques com seus filhos mais velhos e os magistrados municipais. Facilmente se compreende que fossem estas *encomiendas* apetecidas menos do que as outras, em que os naturais eram *yanaconas*. Em ambos os casos eram dadas por duas vias, findas as quais tornavam-se os índios tão leais como os mesmos espanhóis, salvo ficarem sujeitos à taxa da capitação. No decurso de duas vidas entendia-se que se achariam eles assaz civilizados para merecerem este adiantamento. Assim raciocinava o governo espanhol, procurando regular o desapiedado sistema que debalde tentara suprimir.[5] Os regulamentos eram bons e o raciocinar especioso; mas o sistema sobre o qual os legisladores espanhóis espe-

Acosta. *De Proc. Ind. Sal.*, **L. 3, c. 11. Solórzano, L. 3. Techo, p. 28. Azara., T. 2, c.12**

culavam como meio de civilização, foi estabelecido pelos conquistadores como meio de opressão. Fundado no espírito da avareza e da crueldade, em despeito de todos os regulamentos no mesmo espírito foi continuado. Pode a força ser às vezes único meio de civilizar: empregando-a foram felizes os romanos; os espanhóis não conseguiram o fim proposto, mas infligiram todos os males do processo a que recorreram. Sucedeu por este tempo levantarem-se alguns índios, que gemiam debaixo deste sistema, exterminando os espanhóis que entre eles residiam. Saiu o oficial que comandava na Assunção, com um destacamento a castigá-los, mas pelo caminho, julgando de mais proveito tomar outro rumo, caiu sobre inofensivos e não suspeitosos aliados, e voltou em triunfo com grande número deles, que vendeu como escravos. Alto clamou Lorenzana contra esta iniqüidade. Começou por fazer admoestações ao comandante; depois declarou aos compradores que cometiam um pecado de bradar ao Céu, detendo homens tão injustamente escravizados, e, vendo quão infrutíferas eram todas as representações particulares, do púlpito ameaçou com a vingança divina os delinqüentes, se não restituíam à liberdade estes pobres índios. Ouvido isto, impôs-lhe silêncio o tesoureiro da catedral, ordenando-lhe que incontinênti saísse da igreja: pronto obedeceu Lorenzana sem revelar a menor emoção de cólera. Diz-se que esta moderação tanto impressionara o tesoureiro, que este, subindo ao púlpito, confessou em voz alta a sua culpa por ter insultado um homem de bem que cumpria o seu dever; mas esta confissão, filha talvez do medo, não desarmou a ira celeste; caiu ele desde aquele momento num estado de agitação mental, que passando depressa a convulsões, degenerou em delírio e terminou pela morte, contribuindo este acontecimento mais para a soltura dos prisioneiros do que toda a eloqüência do pregador. Na história eclesiástica é o mais das vezes impossível discernir da falsidade a verdade, tão intrincadamente se acha o maquinismo entretecido no fio da narração[6]. A repentina moléstia e morte do tesoureiro, que não podia deixar de afigurar-se milagrosa aos olhos dos jesuítas e dos que lhes admiravam os princípios, o comportamento, bem podia também por algum tempo impressionar os outros; mas eles mesmos dizem que, embora, este negócio redundasse ao princípio em

Opondo-se à prática de escravizar os naturais tornam-se impopulares os jesuítas

Charlevoix, 1, 216

vantagem da Companhia, deixou contra ela um ressentimento, que desde então continuou a fermentar o espírito público.

1608

Tornam-se os jesuítas impopulares também em Tucumán

Reunidos o Chile e o Paraguai numa província, foi Diogo de Torres nomeado provincial dos dois países. Partiu ele do Peru com quinze padres, parte dos quais mandou para o Chile, seguindo com o resto para Tucumán. Por este mesmo tempo desembarcaram em Buenos Aires mais oito padres escolhidos pelo geral da ordem e remetidos à custa d'el-rei. Era já Buenos Aires um porto florescente, pois que, apesar de ser proibida a entrada ali a navios estrangeiros, sempre estes lá chegavam debaixo de diferentes pretextos, estabelecendo um lucrativo comércio de contrabando. Os selvagens porém, que tão crua e feliz guerra haviam feito aos primeiros invasores do seu território, eram ainda inimigos ativos e formidáveis. Desde a primeira fundação da cidade não menos de duas mil pessoas haviam perecido às mãos deles, que continuavam a incutir terror aos moradores. Tinham alguns sido subjugados, mas reduzidos depois à escravidão, só aguardavam a primeira oportunidade de tirar vingança dos opressores. Com ansiedade eram aguardados os jesuítas, de quem se esperava a conversão e conseqüente conciliação das tribos suspeitas. Era porém tarde; o mal estava feito, nem havia a menor disposição para repará-lo, e baldado era pregar o cristianismo a homens oprimidos e escravizados pelos que professavam tal religião. Bem o conheceram os jesuítas, declarando que a primeira medida devia ser aliviar aos índios o seu jugo. Mas o povo de Buenos Aires não queria ouvir falar em tal, e com pregar em Tucumán a mesma linguagem provocou Torres tão forte inimizade, que em Córdoba e Santiago recusaram os espanhóis toda a esmola à Companhia, declarando abertamente que o faziam para que morressem de fome os padres nos seus colégios. Tinham estes vindo, diziam eles, a perturbar com infundados escrúpulos as consciências: debaixo da máscara de extravagante humanidade ocultavam interesseiras vistas de ambição, não tendo outro fim em privar dos serviços dos índios os colonos, senão monopolizá-los para si mesmos. Em conseqüência, desta antipatia popular tiveram os jesuítas de abandonar Santiago, retirando-se para S. Miguel, onde foram bem recebidos.

Techo, 25. Charlevoix, 2, 216-22

Obtêm os jesuítas autorização de Madri para procederem entre os indígenas segundo o seu próprio sistema

Foi Torres agora chamado à Assunção pelo bispo e pelo governador, em virtude de um despacho que de Madri haviam recebido com ordem expressa d'el-rei para que os índios do Paraguai só pela espada do espírito fossem subjugados, salvo se fizessem guerra aos espanhóis justificando assim o emprego de medidas ofensivas; de outra forma não se haviam de empregar senão missionários na redução dos indígenas, que não queria Sua Majestade súditos à força, nem buscava privar da sua liberdade os povos destes países, senão para arrancá-los à sua vida selvagem e dissoluta, e fazê-los conhecer e adorar a Deus, tornando-os felizes neste mundo e no outro. Nestas protestações era sincera a corte da Espanha; poucos governos têm tido crimes mais enormes por que responder; o seu zelo tem sido literalmente um fogo ardente e consumidor, mas todo o teor das suas leis sobre os índios dá testemunho da sinceridade e neste caso até da benevolência que a animava. Torres foi consultado sobre o modo de levar estas intenções a efeito. Uma comissão de teólogos e pessoas versadas na língua guarani examinara o catecismo que Rolanos compusera neste idioma, e tendo sido aprovado, mandou-se empregar exclusivamente onde quer que se falasse aquela língua. Era isto o mais que se fizera, além da transitória conversão dos índios que Rolanos doutrinara, e depois dele Ortega e Filds, quando a Cataldino e Fr. Simon Maceta, também italiano, se incumbiu a comissão de executar as ordens d'el-rei, autorizando-os o governador e o bispo a reunir em aldeamentos os conversos, e governá-los independentemente da jurisdição de qualquer cidade ou fortaleza, podendo opor-se em nome de Sua Majestade a quem quer que, sob qualquer pretexto que fosse, quisesse sujeitar estes novos cristãos ao encargo de serviços pessoais.

Aldeamento em Guaíra

Foi Guaíra o teatro a que estes missionários se destinaram. Debaixo deste nome se compreendia uma extensa região, a que o Uruguai servia de limite ao sul e o Paraguai ao oeste; para o oriente estendia-se até às então ainda indefinidas fronteiras do Brasil, terminando pelo norte em ínvios matagais e pântanos. Pelos meados do século décimo sexto tinham algumas das tribos que habitavam este país, pedido a Irala socorro contra os portugueses e mais imediatamente contra os tupis, para quem era lucrativa caça vir aqui

buscar escravos para as capitanias do sul. Apressou-se Irala a tomar pos-
1609 se da terra para a coroa de Castela, pondo-lhe o nome de um cacique, por quem fora bem recebido. Acostumado como andava a guerras desta natureza, pouco difícil lhe foi intimidar os selvagens brasileiros, obrigando-os a pedir a paz; ao explorar porém na volta uma via por água, perdeu entre as corredeiras mais de cem canoas da sua flotilha com grande parte da tripulação, e metendo-se então às florestas, por onde era mister abrir caminho a machado, ainda mais gente lhe morreu. Recolhido desta desastrosa expedição mandou Vergara a fundar sobre o Paraná, bem para cima, na direção do Brasil, um estabelecimento que servisse de porto interno aos navios procedentes da Espanha, projeto que nada tinha de desarrazoado, quando navios da mãe pátria subiam até Assunção. Tendo em pouca consideração estas instruções, escolheu Vergara para a sua nova cidade situação acima das Cachoeiras Grandes, chamando-a Outiveros do nome da sua terra natal; como po-
1554 rém Ciudad Real se fundasse pouco depois, três léguas mais
1557 acima, onde o Pequeri cabe no Paraná, foi Outiveros abando-
1576 nada. Cerca de vinte anos mais tarde fundou Melgarejo outra povoação, que chamou Vila Rica.[7] Houve um tempo em que os moradores destes lugares imaginaram que iam tornar-se ricos sobre todos os aventureiros anteriores. São vulgares nesta província esses cristais coloridos que se encontram encaixados em pedra, dizendo-se que fazem explosão como granadas naturais, e persuadidos os espanhóis de que eram pedras preciosas do maior valor, amotinaram-se capitaneados por um inglês turbulento, chamado Nicholas Colman, resolvidos a partir para a Espanha com os seus tesouros. Foi abafada a insurreição sendo o desengano o castigo mais pesado que sofreram os revoltosos. Altissonantes mas falazes eram as denominações de Ciudad Real e Vila Rica. Mais por seus crimes do que por seus talentos se distinguiu Melgarejo; distribuiu os naturais pelos colonos e este sistema produziu como de costume a inevitável despovoação, mal que, refletindo sobre os opressores, deixou-o na miséria e na pobreza.

Os jesuítas em Guaíra. Sua primeira redução

Dois sacerdotes só havia por este tempo em toda a província; um era frade vagabundo, que, tendo perdido o hábito da sua ordem, desonrava as vestes clericais que em lugar dele vestira, e o outro tão ignorante que entrava em dúvida

se possuiria os conhecimentos necessários para tornar válidos os sacramentos que administrava. Aqui pois, como por toda esta diocese, excetuada a capital, mal existia a sombra de religião. Crucifixos e rosários não faltavam, é verdade, mas na maior parte dos lugares nenhuma forma de culto se observava, achando-se os costumes nesse estado de depravação característico de todas as colônias em que prevalece a escravidão, e de todos os países em que se desprezam geralmente as práticas religiosas. Com a vinda dos dois missionários folgou o povo de Ciudad Real e Vila Rica, que, apesar de pouco curar de religião, e ainda menos pensar na essência dela, anelava por uma oportunidade de celebrar casamentos, que até então só haviam sido contratos civis, de deitar fora a carga de pecados desde muito acumulados, assegurar a seus filhos direito à salvação, e obter para si mesmos em caso de morte passaporte regular para o reino do Céu. Logo porém que se soube a espécie de sistema que os jesuítas vinham autorizados a seguir, foram vistos com maus olhos. De nada serviu representar aquela gente que nada promoveria tanto os seus próprios interesses como medidas de humanidade; que a prática adotada por ela diminuía rapidamente a população; e que o único meio de o evitar era fazer marcharem de par a civilização e a conversão. Taparam os espanhóis os ouvidos a todo o raciocínio, recusaram guias, e quando um cacique das tribos entre as quais tinham os padres resolvido fazer o seu primeiro ensejo, veio a Vila Rica para guiá-los ele mesmo foi preso a ferros e lançado num cárcere. Com a sua firmeza obtiveram os jesuítas a soltura do preso, e por ele guiados puseram-se a caminho. Foram por terra até ao Paranapané[8] embarcando neste rio, seguiram por entre os altos bosques de cedros que lhe bordam as margens, até à confluência do Pirapé. Aqui acharam umas duzentas famílias, que Ortega e Filds haviam batizado, e com elas formaram o primeiro desses aldeamentos a que pela primeira vez se deu agora a denominação genérica de reduções. A esta chamaram Loreto, nome que os sucessores admiraram como particularmente apropriado ao berço da república cristã dos guaranis.

1609

Techo, 31. Charlevoix, 1, 226-9

Formada esta primeira povoação, puseram-se os jesuítas a peregrinar por entre as hordas silvícolas oitenta léguas em redonda, buscando convencê-las das vantagens que gozari-

Artifício de um traficante de escravos

am, se reunidas quisessem viver debaixo do novo sistema. Um homem de Ciudad Real os acompanhava como intérprete voluntário; notaram eles com surpresa que a bagagem deste gradualmente ia diminuindo, principiando então a sua vestidura a desaparecer artigo por artigo, até que já não restava senão um trapo, com que cingia os rins. Indagada a causa, foi esta a resposta: "Vós, padres, pregais ao vosso modo, e eu ao meu. Vós tendes o dom da palavra, que Deus me não concedeu, e assim procuro supri-lo por obras. Tudo quanto tinha distribuí pelos índios principais do país, na esperança de que vencidos pela generosidade os chefes, mais fácil será ganhar os outros." Concluiu, pedindo licença para volver a casa agora que dera quanto possuía, nem os padres assaz versados já na língua guarani careciam mais dos seus serviços. Pouco tempo havia que ele se fora, quando se veio a descobrir que o seu objetivo real tinha sido comprar escravos, dos quais levava consigo um rebanho inteiro, e alguma dificuldade tiveram os jesuítas em livrar-se da suspeita de haverem sido sócios neste tráfico.

Charlevoix, 1, 229

Depressa se tornou Loreto tão populosa, que a seis milhas de distância foi preciso fundar outra redução, com a invocação de S. Inácio, em honra do patriarca da Companhia.[9] Pouco depois se fundaram mais duas, e alargando-se com as suas conquistas as vistas de Cataldino e Maceta, principiaram a ver o que poderia fazer-se com os meios que a Providência lhes pusera nas mãos, e conceberam a idéia de uma república cristã modelada pelo ideal que eles mesmos formavam da perfeição cristã. Milagres, diz um historiador jesuíta, eram necessários para que surtisse o plano, nem deles foi avaro quem o concebeu. Não devemos despir do seu maquinismo esta história, pois que se puséssemos de parte os prodígios, relatando simplesmente os fatos, não pintaríamos fielmente os jesuítas. Destes contos, como dos outros todos, muitos se podem explicar humanamente, nos outros não nos resta alternativa senão entre o milagre e a falsidade; o protestante não hesitará na escolha, o católico que o fizer terá dado um passo para a Reforma.[10] As primeiras destas intervenções divinas dizem que foram exemplos de terror, e o caso que se refere caracteriza o espírito da Companhia e da Igreja. Fora o cacique da redução de Loreto um

Milagres

Charlevoix

dos primeiros conversos, e da sua sinceridade ninguém duvidava, por ter ele principiado por despedir as mulheres, mas passado algum tempo começou a coabitar com elas em segredo, voltando afinal abertamente ao seu primeiro gênero de vida. Debalde o admoestaram os missionários, chegando a ameaçá-lo com a vingança do Céu, e por fim a separá-lo da comunidade dos fiéis. Foi então que ele experimentou o rigor da justiça, do que desafiara, incendiando-se-lhe a cabana; quando se achava nela a sós, e perecendo ele miseravelmente nas chamas.

Charlevoix, 330

Mete-se Lorenzana entre os guaranis

À vista da prosperidade destas reduções em Guaíra requereram ao governador do Paraguai que lhes mandasse também um missionário alguns guaranis dentre o Paraná e Assunção, que tendo em termos amigáveis com Cabeza de Vaca, haviam-se, maltratados pelos espanhóis depois da prisão dele, vingado desde então com perpétuas hostilidades. Remeteu o governador o requerimento ao bispo, que era um dominicano, por nome Lizarraga, e este prelado respondeu que nenhum dos seus clérigos se atrevia a ir meter-se entre antropófagos, nem na escassez que havia de operários da vinha do Senhor lhe assentava bem privar de socorros espirituais os católicos por causa de gentios. Com esta resposta não contava o governador, que, levando consigo o provincial Torres foi em pessoa ter com o bispo representando-se ambos quanto importava ao bem-estar dos espanhóis, serviço d'el-rei, e causa de Cristo, aproveitar-se toda a oportunidade de reduzir por estes meios os indígenas. Replicou Lizarraga com a pergunta se podia o governador dar-lhe uma boa escolta para os seus padres, pois que de outra forma nenhum nomearia para semelhante servidão. Tornando-se assim evidente nada haver que esperar por este lado, só restava arranjar Torres missionários: dirigiu-se ele pois ao colégio, convocou os irmãos, e expostas sucintamente as circunstâncias, cravou os olhos no reitor Lorenzana, dizendo nas palavras do Senhor a Isaías: "Quem enviarei, e quem irá por nós?" Lorenzana atirando-se-lhe aos pés, respondeu: "Eis-me aqui; enviai-me!" Fr. Francisco de S. Martinho, que pouco antes havia chegado, obteve licença para acompanhá-lo, com o duplo fim de coadjuvá-lo no que pudesse, e formar-se debaixo das vistas de quem com razão era tido por missionário completo.

1610

Funda-se a primeira redução sobre o Paraná

Após um ano de bem-sucedidos esforços viram-se os padres postos em perigo por uma dessas circunstâncias em que é difícil conciliar o dever com a prudência. Ardentemente desejava uma índia receber o batismo, e recusando-lhe o seu consentimento o marido aferrado às antigas superstições, fugiu ela com a filha e foi buscar abrigo neste crescente aldeamento. Exasperado achou o homem muito quem abraçasse a sua causa, que em alta estima era ele tido entre os seus conterrâneos; não se reputando porém assaz forte para acometer a redução, caiu sobre uma horda de maomas, que eram aliados aos espanhóis, e matando muitos, levou outros para serem comidos. Lorenzana empregou os caciques convertidos como medianeiros para a soltura destes prisioneiros, mas a resposta que tiveram foi que os ofendidos se não dariam por satisfeitos enquanto não tivessem bebido o sangue do último maoma pelo crânio do missionário mais velho. Assim provocados reuniram eles a sua gente e lograram resgatar os presos.

Eram já tão numerosos por este tempo os conversos, que se tornou necessário buscar lugar mais cômodo, em que pudessem permanentemente estabelecer-se. Ali se levantou uma igreja, fundando-se a primeira das treze reduções do Paraná com a invocação de S. Inácio Guazu,[11] ou o grande. Antes porém de bem formado o estabelecimento, apareceu o inimigo com forças tais, que Lorenzana julgou prudente queimar, não fossem ser profanadas, as alfaias da igreja, que não se puderam instantaneamente remover, e fazer retirar as mulheres, as crianças e os inválidos. O seu companheiro S. Martinho deixou-se impressionar pelo perigo a ponto de perder o acordo, e apesar de restabelecer-se depois até certo ponto ficou tão fraco do susto que foi necessário tornar a mandá-lo para a Assunção, e daí a pouco dar-lhe licença para retirar-se da Companhia. Terminou contudo pelo sobressalto o mal, que os selvagens, não se atrevendo a investir com homens que a pé firme os aguardavam, retiraram-se, principiando a redução a florescer de novo, depois de ter por algum tempo sofrido de moléstias, flagelo ordinário destes estabelecimentos.

1610

Techo, 31. Charlevoix, 1, 273

Chega da Espanha um visitador. 1611

Enquanto à esquerda do Paraguai estas coisas se passavam, tratava Torres de lançar os fundamentos de uma povoação análoga do lado ocidental entre os guaicurus, na

dupla esperança de livrar da ativa hostilidade de tais selvagens a espanhóis, e de abrir comunicação mais fácil com Tucumán. Esta fogosa tribo, de espíritos mais altivos de que nenhuma das dos guaranis, suspeitou que queriam armar-lhe uma cilada para escravizá-la, e mandou à Assunção espiões que descobrissem a natureza desta trama. Poucas esperanças de bom êxito dava a empresa, quando a Tucumán chegou D. Francisco de Alfaro na qualidade de visitador por el-rei, com ordem de abolir em todas estas províncias o sistema de servidão pessoal, regulando o modo por que deviam ser tratados os índios das *encomiendas*,[12] para que contudo ficassem privados de seus legítimos direitos os espanhóis. Convocou ele em Santiago uma assembléia, na qual se declarou ilegal o sistema de serviços pessoais, sendo o respectivo decreto assinado pelo governador do Chile, governador e bispo de Tucumán e outras pessoas principais. Passando depois a Córdoba, publicou o visitador esta resolução, e as ordens de el-rei, os editos do vice-rei e os decretos da Audiência Real de Charcas no mesmo sentido. Aqui porém tinha o povo mais interesse neste abuso do que o de Santiago, sendo por isso menos tratável, e D. Francisco, que não trazia consigo nem a convicção do dever, nem a força de caráter, que tal comissão exigia, apartou-se tanto do espírito como da letra das suas instruções, partindo à pressa para a Assunção e deixando em Tucumán as coisas pouco mais ou menos como as achara. A história dos seus atos aqui oferece na curiosa prova de que de quão pouca autoridade real a corte de Espanha possuía sobre estas remotas colônias e quão fácil era iludi-la. Principiou o visitador por ensaiar as suas forças, proibindo toda a caçada de índios para reduzi-los à escravidão, e declarando que se não concederiam mais *encomiendas*. A ordem seguinte foi que nenhum nas já estabelecidas seria obrigado a trabalhar para o *encomendero*, mas só a pagar um ligeiro tributo em gêneros, e que quem tivesse *yanaconas* havia de conceder-lhes terras, que cultivassem por sua própria conta. Mal deitou ele este bando quando os principais moradores lhe representaram, que se assim os privavam dos serviços dos índios, não lhes era possível pagar ao rei os seus tributos. Realmente era verdade dependerem eles de tão nefário sistema e ir este decreto privar de todos os seus criados tanto os clérigos como os leigos. Com homem como Alfaro não era difícil chegar a um compromisso. Quanto aos *mitayos* concordou ele em que em lugar de tributo

1612

servissem o *encomendero* um mês no ano, prazo que não tardou a dobrar-se, e que pelo resto do tempo recebessem salário pelo seu trabalho. Meramente nominal foi esta ordenação, e a favor dos *yanaconas* nada se fez.

O visitador asseverou à corte que ficava cumprida sua missão; assim satisfez o governo, e deixando as coisas como estavam, satisfez também o povo do Paraguai. Desta forma ficou o negócio quase dois séculos, até que pelos anos de 77 descobriu o Conselho das Índias que existiam ainda no Paraguai as *encomiendas*, expedindo então ordens para abolir ali o sistema como já o fora por todo o resto da América. O povo representou, deixou-se continuar o abuso e os índios das *encomiendas* são ainda hoje uma raça de escravos.

Azara, 2, 206-18

Nova forma de opressão dos índios

Mais fácil foi ao visitador criar novo gravame do que remover o antigo. Impôs a todo o homem de cor de 18 a 50 anos de idade uma capitação de três patacões, talvez sem considerar que não havia no Paraguai nem dinheiro, nem comércio. Era instituir de fato nova forma de servidão, pois que com o pretexto de habilitá-los a pagar a taxa punham-se estes homens debaixo da proteção, como se dizia, de algum eclesiástico, ou outro espanhol em boas circunstâncias, para pagar ao tesouro por eles, que a seu turno deviam servi-lo. Depressa começaram os governadores a tirar partido desta ordenação, aplicando-a sem distinção de sexo nem idade, e dando esta pobre gente aos seus afilhados, que sob o título de patronos ou protetores, se tornavam na realidade seus senhores, e sem pagar coisa nenhuma, tão facilmente se defraudava o erário. Ainda hoje continua o abuso, posto que para cima talvez de metade da raça, tendo-se tornado mais do que meio selvagem, se subtrai a ele, vivendo em lugares distantes da sede do governo e de toda a sociedade civilizada, onde ninguém sabe deles, nem exerce ou quiçá possui autoridade alguma.

Outra medida do visitador foi uma tentativa de conciliar o sistema das *encomiendas* com o que principiavam a estabelecer os jesuítas. Três aldeamentos indígenas havia perto uns dos outros ao norte da Assunção sobre o riacho Guarambaré, que do oriente vem desaguar no Paraguai. Populosos eram estes estabelecimentos, contando suas trezentas famílias cada um, e o terceiro quase mil, mas como fossem possuídos por *encomienda*, não queriam os jesuítas encarregar-se de doutrinar e dirigir pessoas a quem não seria fácil persuadir ser leve o jugo do Evan-

gelho, quando sentiam pesar-lhes tanto o dos espanhóis. Alfaro conseguiu vencer a repugnância dos padres prometendo-lhes que o sistema seria ou inteiramente abolido, ou tão modificado que haviam eles de ficar satisfeitos. Não foi cumprida a promessa, tanto jesuítas como índios se cansaram de esperar, e no fim de dois anos foi abandonada a desesperada empresa.

Efeitos da pregação dos jesuítas na Assunção

Por mais inconseqüente contudo que fosse o proceder do visitador, razão tinham os jesuítas para se darem por satisfeitos com a mais importante das suas medidas. Decretou ele em nome d'el-rei que os guaicurus e guaranis jamais fossem dados em *encomienda*, sendo sempre considerados como vassalos imediatos da coroa, e que aos jesuítas se deixasse exclusivamente o encargo de doutriná-los, civilizá-los e reduzi-los a reconhecer por soberano el-rei católico. Decretou também que os padres que nestas missões se empregassem, recebessem do erário a mesma côngrua concedida aos curas dos índios no Peru, mas Torres lhe asseverou que a quarta parte bastaria. Admirou-se este desinteresse; acreditando-se porém que haviam sido os jesuítas que tinham aconselhado as projetadas medidas que tanta inquietação haviam causado, pronunciou-se tão violentamente o descontentamento popular, mal partido o visitador, que tiveram eles por prudente deixar a cidade e retirar-se para a sua fazenda. Questões desta natureza jamais se agitam inteiramente em vão, nem sem despertarem em algumas pessoas um sentimento por muito tempo adormecido. Um dos principais moradores da Assunção dirigiu-se ao governador com todos os índios da sua *encomienda*, e na presença dele declarou que não mais queria retê-los num estado de escravidão, como até então fizera, e que antes ver-se reduzido à mendicidade do que continuar a viver à custa destes desgraçados, que de então por diante passava a olhar como seus filhos. Algum efeito produziu este exemplo sobre a opinião pública, posto que não sobre o procedimento geral, e os jesuítas foram convidados a voltar ao seu colégio. Mas o fermento continuou a obrar, e criado estava um espírito de partido que nunca mais se extinguiu.

Estado das resoluções

Por todos os lados prosperavam os jesuítas. Tornaram a ser convidados para Santiago, assinaram-se-lhes rendas, e ali estabeleceram eles para educação da mocidade um seminário, que mais tarde foi trans-

ferido para Córdoba. Arranjados em Tucumán os negócios da Companhia, dirigiu Torres a sua atenção para as bandas de Guaíra, onde Cataldino e Maceta careciam de auxílio, e para coadjuvá-los enviou-lhes Antonio Rodríguez de Montoia, natural de Lima e o primeiro historiador destas missões. Quatro reduções estavam já criadas, mas ainda estas instituições se achavam na infância. Talvez que nem os mesmos jesuítas percebessem ainda então todo o alcance do sistema que, nascendo dos seus princípios, se desenvolvia com o bom resultado destes, mas que ainda não tinha tido tempo de produzir efeito profundo e permanente sobre os selvagens aldeados. Continuamente estava flutuando a população destes estabelecimentos: vinham os índios movidos pela curiosidade, camaradagem ou esperança, e iam-se quando cansados de sujeição ou impacientes de privações; ou quando lhes sobrevinha o desejo de voltar aos antigos hábitos de vida errante, ou quando os terrores que lhes haviam imbuído os *pajés* prevaleciam sobre os que neles podiam excitar os padres. Os espanhóis de Vila Rica, acreditando no que desejavam, propalaram que abortara o plano, e que os jesuítas nenhum fruto colhiam destes visionários esforços. Chegaram estes boatos à Assunção, onde pareceram tão bem fundados, que os superiores da província pensaram seriamente em recolher os missionários e abandonar o que se tinha principiado. Teve Montoia de ir em pessoa a com suas representações dissuadi-las deste intento.

Um milagre de jesuítas

Sejam quais forem os motivos de ambição que aos jesuítas do Paraguai se possam imputar nos seus dias de prosperidade, é fora de dúvida que nesta época nada senão o zelo podia atuar sobre eles, ou animá-los nos árduos trabalhos por que passaram.[13]

1614

Ensinavam-nos a esperar milagres, a acreditá-los facilmente, tentá-los com ousadia e inventá-los sem escrúpulo. É difícil às vezes nas suas crônicas distinguir os efeitos da credulidade e imaginação dos da falsidade deliberada: é que jamais lhes parecia reprovado o engano que devia produzir um fim pio, ou causar uma impressão boa segundo as idéias deles. Refere Montoia que, caindo perigosamente enfermo, lhe requerera um índio de boa índole e comportamento os seus socorros espirituais: ouviu-o ele de confissão, e administrou-lhe os sacramentos, feito o que, e supondo o doente às portas da morte, deu ordem para o enterro, e foi olhar por suas obrigações. Morreu efetivamente o homem,

e dispunham-se as coisas para enterrá-lo, quando Montoia tornou a ser chamado dizendo-se que o morto ressuscitara, e outra vez queria vê-lo. O conto que o índio narrou foi no estilo usual de tais resurreições, freqüentes na história fradesca. Mal tinha a alma deixado o corpo, disse ele, metendo-se num canto da choça, quando o Diabo pretendeu apoderar-se dela, clamando: "És minha." Retorquiu a alma que não podia isso ser, pois que ela se havia confessado bem, e recebido o viático em devida forma. Tornou o Diabo que a confissão não fora completa, não se tendo o pecador confessado de haver-se embriagado duas vezes. Protestou a alma que fora mero olvido, mas o Diabo insistia que isto viciava toda a confissão, tornando a absolvição nula e írrita, quando eis que aparece S. Pedro acompanhado de dois anjos, à vista do que pôs-se o Demo em fuga. Aqui interrompeu Montoia o índio, perguntando-lhe como sabia que fora o príncipe dos apóstolos quem tão oportunamente viera em seu auxílio. Respondeu o homem que disso não podia duvidar, e posto que nunca houvesse visto imagem ou pintura do santo, descreveu-o tal qual é costume representá-lo, prosseguindo depois na sua história. O santo o cobriu com o seu manto, e lá foram ambos, fendendo os ares, até que chegaram a um formoso país, em que claramente avistaram uma cidade grande e de forma circular a irradiar uma luz deslumbrante. Aqui parou o apóstolo e disse: "Olha a cidade de Deus, onde com Ele moramos, mas o momento de também entrares não é vindo ainda. A tua alma cumpre volver ao seu corpo e passados três dias irás à igreja." Dito isto, soltou-o, desaparecendo logo toda a cena, achou-se o índio restituído à vida e de perfeita saúde. Montoia inferiu da narrativa que devia ele morrer no terceiro dia, mas sem o dar a perceber perguntou-lhe o que entendia pelas palavras do apóstolo. Respondeu o índio que estava convencido de que no domingo seguinte, que era o terceiro dia, seria o seu corpo levado à igreja para se enterrar, e que só havia sido restituído à vida, para edificação de seus amigos e conterrâneos. O ressuscitado comeu, bebeu e contou a sua história aos estupefatos espectadores que à volta dele se arrebanhavam. No domingo fez uma confissão pública, tendo cuidado de não omitir os dois pecados que lhe lembrara o Diabo, e concluída ela, morreu quase instantaneamente.[14] O sistema e caráter dos jesuítas, e da Igreja a que pertencem, não ficariam bem representados, se a história rejeitasse sempre fábulas como esta.

O provincial acusado de admitir homens a torto e a direito à Compnhia

A Torres sucedeu Fr. Pedro de Onate no provincialato. Sete anos antes tinha-o aquele fundado com só sete padres e agora entregou-o ao sucessor com cento e dezenove. Contra a sua administração se ergueram queixas: acusaram-no de ter à míngua de gente admitido como missionários homens que não haviam passado pela disciplina prévia que exigia o instituto, do que resultou como conseqüência natural ter ele depois de expulsar alguns, que prematuramente recebera. Não pareceu isto a Onate motivo para censurar o seu antecessor, cujo proceder justificavam a necessidade do caso e o exemplo de Loiola. Outro item da acusação foi haver ele permitido que os missionários se metessem sós entre os índios e residissem longo tempo em partes remotas, dando assim lugar a escândalos num país onde a mais leve fraqueza de um jesuíta se elevava à altura de crime, não faltando quem a exagerasse para desacreditar a ordem. A isto respondeu o provincial que o mais que se podia fazer era escolher para estas longínquas missões homens de prudência e virtude, e mandá-los recolher apenas contasse que principiavam a relaxar-se, sendo levar longe demais a desconfiança na natureza humana não julgar dignos de andar fora das vistas do superior homens que tudo tinham abandonado para se dedicarem ao serviço de Deus e do próximo; que não se devia supor tão injusto o povo que tornasse toda a ordem responsável pelas faltas de um ou outro confrade; e que sempre a honra da confraria se poderia salvar com cortar-se o membro gangrenado.

Intervém o governador nas missões

Dirigia a redução de S. Inácio Guazu Fr. Roque Gonzalez de Santa Cruz, homem de muito nobre família e nascido na Assunção. Fundou ele segundo aldeamento em Itapua, onde uma das lagoas ou pântanos naquele país alagadiço, desaguando no Paraná, forma uma espécie de porto. Por intervenção dele foram as missões protegidas pelo governo, pois que o irmão serviu algum tempo de governador durante uma vaga ocasionada por morte, e D. Fernando Arias, que foi nomeado sucessor, desposara-lhe recentemente a irmã. Querendo dispensar todo o seu favor, resolveu este novo governador visitar as reduções do Paraná, e por mais que Gonzalez procurasse fazê-lo ver que semelhante passo seria mais prejudicial que benéfico, apenas pôde conseguir licença para ir adiante dispor os índios

para receberem uma visita, que eles não sem razão veriam com olhos desconfiados. Levou Arias uma escolta de cinqüenta homens, e ao chegar a Itapua organizou a redução à moda de vila espanhola, nomeando os magistrados que o cunhado lhe indicava. Não tardou que o avisassem de que os selvagens do país circunvizinho, não podendo conceber que um governador e um destacamento de soldados viessem sem desígnio hostil, se reuniam para cair sobre ele na volta; mais que depressa tratou o governador de embarcar, mas já trezentos índios se haviam postado abaixo de uma corredeira, por onde ele devia passar. Gonzalez, que ia com ele como melhor guarda do que toda a escolta, assumiu um ar de autoridade, a que o seu caráter e influência entre estas tribos lhe davam direito, e conseguiu mover os selvagens a absterem-se de hostilidades. Pensando aumentar esta favorável impressão, ofereceu o governador ao cacique em nome do rei de Espanha um bastão como insígnia de comando, mas a resposta que lhe deu o indígena foi que havia muito que ele mandava naquele país sem semelhante pau, e assim o guardasse o governador para outro índio que o cobiçasse, se pudesse achar tal homem. Tinha Gonzalez salvado de um perigo o governador, mas não pôde dissuadi-lo de preparar contra as tribos do Uruguai uma expedição, para a qual chamou a serviço a milícia das provincias; recusou esta ir, ele nenhum meio tinha de coagi-la, e assim incorreu na vergonha de ter formado um projeto, geralmente desaprovado, e comprometeu a sua autoridade, tentando debalde levá-lo a efeito.

Charlevoix, 298-303

Oposição contra os jesuítas

Posto que tivesse disso censurado o último provincial por haver admitido tantos membros novos à Companhia, exigia mais operários o vasto campo que ela cultivava. Representaram-se ao novo geral da ordem, Vitelleschi, a bela perspectiva que se abria, e a necessidade de enviar mais soldados de Cristo para entre os pagãos, e logo vieram da Itália trinta e sete missionários a tomar parte na tarefa. Era Viana, que conduzia este destacamento, natural da Navarra, e perto passava o seu caminho: ao saber-se que ele se aproximava mandaram os principais magistrados uma deputação a convidá-lo que chegasse ali, mas o jesuíta, lembrando-se que o seu conterrâneo Xavier recusara em análoga conjuntura visitar sua mãe, julgou feliz o ensejo para imitar o que se lhe antolhava ato de virtude heróica. Representaram-lhe que, se ele aceitasse o convite, seria posto em

1617

liberdade um de seus sobrinhos, então preso por uma acusação criminal; mas com igual firmeza e mais sã moral replicou ele que se seu sobrinho era culpado, queria vê-lo castigado em expiação do delito, e se era inocente devia da retidão do juiz esperar a sua liberdade. Na Espanha se ofereceram mais voluntários, que receberam todas as demonstrações do favor real, achando-se neste ponto perfeitamente de acordo a religião e a política da corte, e à sua chegada ao Prata escolheram-se dentre eles professores, que abrissem classes nos colégios de Buenos Aires, Santa Fé e S. Miguel. Assim reforçadas continuaram a florescer as missões, apesar de muitos e formidáveis obstáculos. Conseqüência da grande e repentina mudança de uma vida errante para outra fixa, causaram as moléstias terríveis estragos entre os conversos, consolando-se destas os jesuítas com a reflexão de que eram as épocas de mortalidade o tempo das colheitas do Céu. Não lhes valia porém a mesma consolação contra os males que lhes acarretava a perversidade dos homens. Por um lado vexavam e escravizavam os espanhóis de Vila Rica os índios, e para evitar este perigo havia sido que tinham os jesuítas fundado os seus aldeamentos além do Paranapané[15] e Pirapé, mas fugindo de um inimigo, punham-se ao alcance de outro, pois que ali se viram expostos às correrias dos portugueses de S. Paulo de Piratininga. Também freqüentemente encontravam oposição entre os mesmos índios, tendo de contender ora contra caciques, que, possuindo o orgulho e o poder do heroísmo selvagem, olhavam com desprezo a inatividade de seus reduzidos conterrâneos e com indignação a sua sujeição, ora contra *pajés* que se valiam de todos os artifícios em apoio de sua abominável posição. Por vezes aparecia algum impostor de caráter mais atrevido. Do Brasil veio à redução do Loreto um índio com um homem e uma mulher moça em sua companhia: reuniu à volta de si os guaranis, vestiu um gibão de penas, que era a vestimenta de cerimônia dos *pajés,* e tomou na mão um *maracá,* feito não de um cabaço, como era costume, mas do crânio de uma cabra. Conhecendo assaz do que pregavam os jesuítas, para misturar algumas doutrinas destes com as suas próprias invenções impudentes, proclamou-se senhor absoluto da morte, das sementeiras e das colheitas, sendo-lhe sujeitas todas as coisas; podia aniquilar os homens com um sopro, e com um sopro volver a criá-los; era trino em pessoa, e contudo um só Deus, pois que com o esplendor do aspecto produzia o compa-

nheiro, e a mulher provinha de ambos. Este discurso acompanhava-o com berros e ameaças de extermínio contra todos que se lhe opusessem, agitando a matraca à face de Fr. Cataldino, e com gestos extravagantes ameaçando destruí-lo a ele e aos seus conversos. O jesuíta porém, confiando na sua autoridade sobre os guaranis, ordenou-lhes que agarrado o impostor lhe aplicassem o chicote, remédio soberano em casos tais. Apenas o sujeito sentiu malharem-se em cima a bom malhar, começou a urrar que não era Deus, mas nem por isso descansou o açoite antes de lhe ter por cem vezes afagado as costas, repetindo-se a dose no segundo e terceiro dias, para que, tendo blasfemado da Trindade, recebesse triplo castigo, e lhe ficasse o número três bem impresso na memória. Não deixa de ser curioso o desfecho desta história, que foi tornar-se o impostor um fervoroso converso, levando por todo o resto de seus dias uma vida exemplar, a que pôs termo uma morte edificante.

Tendo ouvido falar nas reduções do Paraná e na felicidade que desfrutavam os guaranis cristãos, foram alguns índios do Uruguai e Itapua, desejosos de verem com os olhos próprios o estado das coisas. Ali os acolheu Gonzalez, e tão satisfeito ficou com a impressão que parecia terem recebido estes selvagens, que se resolveu a estender o sistema das reduções ao rio de onde eles vinham. Fundou pois Gonzalez uma aldeia com a invocação da Conceição em Ibitaragua, e em Iaguapua formou-se outra, em que ficou Fr. Tomas de Urvenia, enquanto Romero percorria o país, mandando política nestas províncias, separando-se do Paraguai o governo do Prata, e dividindo-se conjuntamente as dioceses, sendo limite o Paraná.[16] Ficaram debaixo do antigo governo as reduções do Paraná e Guaíra, passando as do Uruguai para o novo, cuja sede se estabeleceu em Buenos Aires. Com bem maus auspícios principiou este. Poucos dias depois de ter dado à vela em Lisboa o novo governador, D. Diego Góngora, para ir tomar posse do seu cargo, recebeu o Conselho das Índias denúncia de que ele levara a bordo do seu navio fazendas de contrabando, para arranjar alguns dos seus amigos. O contrabando é um desses delitos, que as restrições opressivas produzem naturalmente, e era coisa tão comezinha que nunca funcionário algum público por tal tinha sido molestado. A denúncia fora provavelmente maliciosa, mas era impossível desprezá-la, e mandou-se a Buenos Aires um comissário por nome Melone para inquirir do fato. Este foi achar o

novo governador excessivamente popular, nem na verdade havia coisa que melhor pudesse torná-lo tal do que facilitar o comércio de contrabando; e apenas transpirou o objeto da sua missão, foi o comissário advertido de que iam tomar-se medidas para reembarcá-lo à Espanha antes que pudesse lograr o seu intento. Parece não ter sido este homem talhado para tão melindroso encargo, pois que tendo necessariamente contra si a parte mercantil do povo, ainda foi brigar também com os jesuítas, deixando-se arrastar por alguns arrebatamentos de cólera, de que tiraram partido aqueles que lhe temiam os processos judiciais. Persuadiram o reitor do colégio, Fr. Gabriel Perlino, a exercer o privilégio que possuía a sua ordem, de nomear um juiz conservador, o qual poderia ao mesmo tempo proteger os jesuítas contra o comissário, e inabilitá-lo a proceder contra o governador. Conhecendo pouco os caminhos dos homens deixou-se Perlino facilmente convencer, e com igual facilidade levar a escolher uma dessas pessoas, que mais razão tinham para desejar descartarem-se de Melone, que efetivamente foi compelido por uma sentença do novo magistrado a voltar à Espanha. Ali se queixou ele ao Conselho das Índias, e este, olhando o procedimento do juiz conservador como um atentado contra a sua autoridade, queixou-se de Perlino ao geral. Era flagrante o caso: Vitteleschi desaprovou imediatamente o que o reitor fizera, privou-o do seu cargo, declarou-o incapaz de exercer o lugar de superior, e mandou-o recolher-se ao Peru, donde vieram. Mais felizes não foram os outros cúmplices. Um ouvidor enviado a tomar conhecimento da causa, condenou-os a pagar uma multa de oitenta mil coroas de ouro.

Charlevoix, 314-20

Dirigia por este tempo Cataldino as reduções de Guaíra, e Gonzalez as do Paraná, sendo-lhe também subordinadas as do Uruguai. Quis o governador de Buenos Aires ver este último rio explorado da sua foz até às nascentes, mas era coisa que ninguém senão um jesuíta podia então empreender com alguma esperança de salvação, e Romero se encarregou da empresa. Achou selvagens que andavam nus com a pele pintada, e o cabelo caído até meio corpo, viviam de montaria e volataria. Apesar das ameaças destes índios, seguiu o padre avante até chegar às primeiras tribos guaranis, umas cem léguas mais acima; outras cinqüenta mais o teriam levado à Concepción, onde ele esperava encontrar neófitos, que o conduzissem até às cabeceiras do rio, mas cansado do traba-

lho e perigo de lutar contra tal corrente, obrigou-o a sua gente a retroceder. Mandou agora o governador D. Luis de Céspedes[17] pedir a Gonzalez, que, descendo o rio até Buenos Aires, viesse concertar com ele medidas para se prosseguir na descoberta. Pôde o jesuíta convencer Niezu, cacique da nova redução, a acompanhá-lo com alguns dos seus, esperando que o que eles iam ver em Buenos Aires produzisse boa impressão a favor da Companhia. Bem calculada para este efeito foi a recepção que tiveram, pois que, quando após uma viagem de vinte e cinco dias chegaram à capital, a cavalo lhes saíram ao encontro o governador com todas as pessoas principais da cidade, fazendo um esquadrão de cavalaria e um batalhão de infantaria exercício na presença dos índios. Foram estes depois conduzidos com trombeta à frente à casa do Governador, onde os banquetearam, e depois seguiram para o paço do bispo. Para mostrar aos conversos o respeito que tinham os espanhóis aos príncipes da Igreja, pôs o governador ambos os joelhos em terra diante do bispo, falando-lhe por algum tempo nesta atitude, e beijando-lhe depois a mão. Celebrou-se um tratado com Niezu, que prometeu inteira obediência a el-rei de Espanha e aos seus governadores, sob condição de não ser o seu povo jamais obrigado a servir os espanhóis, e serem os jesuítas as únicas pessoas encarregadas de instruí-lo. Ao cumprimento destas condições empenharam o governador e o bispo a sua palavra, declarando formalmente Niezu primeiro cacique de todos os índios que se convertessem na província do Uruguai. O bispo então investiu de toda a sua autoridade os jesuítas, e o governador deu a Gonzalez uma patente, permitindo-lhe a ele e aos superiores da Companhia estabelecer reduções por toda a extensão do seu governo, sobre presenteá-lo com alfaias de igreja e vasos sagrados para as duas reduções já fundadas no Uruguai. Também Diogo Vera, português, que negociava com Buenos Aires, deu uma considerável soma de dinheiro para completar os edifícios já começados naqueles lugares. Mas apesar de se observarem nestas transações todas as devidas formalidades, viu-se que o governador e os jesuítas se não entendiam mutuamente, porquanto, tendo Gonzalez no seu regresso escolhido situação para dois estabelecimentos novos, nomeou o governador dois espanhóis que os superintendessem como corregedores, e terceiro para o mesmo cargo na Conceição. Ignorantes como eram perceberam logo os índios qual seria a conseqüência desta política; Niezu

ausentou-se; muitos conversos declaram roto o compromisso pela outra parte contratante; as tribos não reduzidas do país vizinho tomaram armas para expelir os espanhóis; e o provincial Fr. Nicolas Durand Mastrili teve de ir em pessoa e a toda a pressa abafar o crescente descontentamento, para apaziguar o qual foi preciso que o governador mandasse recolher os corregedores, abstendo-se de toda a ulterior ingerência.

1626

Entram os jesuítas no Tapé

Entrou agora Gonzalez na Serra de Tapé, distrito montanhoso que borda pelo oriente a província do Paraguai, estendendo-se por umas duzentas léguas para leste e oeste. Do lado ocidental desta região descem as numerosas correntes que formam o Ibicuí, afluente do Uruguai, e ao oriente ficam as nascentes do Iacuí, que vai formar a Lagoa Grande dos Patos chamada na sua foz Rio Grande de S. Pedro. Dizem os jesuítas que neste país (que descrevem como ornado de todas as belezas imagináveis de vales e montes debaixo de um clima criador) vive um anfíbio feroz chamado Ao, um pouco parecido com a ovelha na figura, mais voraz porém do que um tigre, e com não menos formidáveis presas e garras; quando um índio, para escapar a algum, trepa a uma árvore, o animal ou espera debaixo com paciência até que a presa caia exausta, ou reúne com seus berros outros da mesma espécie que quais castores se põem a roer o tronco.[18] Este Ao supõem eles que seja o famacósio dos primeiros naturalistas. Também falam de um passarinho branco chamado *sineiro*,[19] por semelhar a sua voz ao toque de um sino; de uma espécie de palmeira rasteira,[20] de cujas fibras se faz um fio fino como seda; e de uma árvore chamada escapu, de onde depois de nado o sol cai um orvalho copioso como aguaceiro. Os tapés, que deram à região o seu nome, são do tronco dos guaranis, mansos por índole, e mais dóceis ao mando dos jesuítas do que outra nenhuma tribo da América do Sul. Viviam em populosas aldeias, sendo tão numerosos que tapé se tornou nas reduções nome genérico como o de guarani, compreendidas nele todas as subdivisões. Desta vez não fez Gonzalez mais do que reconhecer o país. Com admirável presença de espírito se livrou ele de um perigo iminente durante a sua jornada. Investiram-no os tapés, e os seus índios repeliram bravamente o ataque, mas os inimigos voltaram à carga com gente fresca, e perdida era toda a esperança de resistir-lhes. Vendo

1627

isto, tomou o jesuíta numa mão a sua pódoa, que sempre trazia consigo, para talhar cruzes quando era preciso, e na outra o breviário, e aberto o livro avançou para os selvagens, lendo nele em voz alta. Como esperava supuseram-no aqueles a murmurar conjurações e fugiram.

Inimizade de Taiaoba contra os espanhóis

Depois da sua volta prosperaram as missões, formaram-se novas reduções e multiplicaram-se os conversos. Havia em Guaíra um cacique guarani por nome Taiaoba, que por muito tempo fora o terror dos espanhóis, a quem tinha ódio fidalgal por um ato de vilania que contra ele haviam praticado. Alguns anos antes convidara-o um comissário de Assunção com outros três guerreiros para ir a Vila Rica, e ali o puseram a ferros para obrigá-los a resgatarem-se com um certo número de escravos. Ameaças e açoites foram perdidos; com nunca assaz exaltada magnanimidade preferiram todos morrer a satisfazer a avareza dos que os haviam atraiçoado, e os três guerreiros efetivamente pereceram de fome no seu cárcere. Taiaoba logrou fugir com as suas cadeias e jurou vingança contra todo o espanhol que lhe caísse nas mãos. De tempos a tempos se tentou apaziguá-lo, mas não sofria ele que se lhe aproximassem mensageiros brancos e se lhe mandavam índios, devorava-os. Suas proezas lhe mereceram o nome de Taiaoba Guazu entre os da sua tribo, que era das mais ferozes; de pontas para as setas lhe serviam os ossos dos que haviam imolado, e ao desmamar as crianças era a carne de um inimigo o primeiro alimento que substituía o leite materno. Aventurou-se Montoia a ir pregar a este povo; mas quando disse que vinha a ensinar-lhes o modo por que escapariam aos tormentos a que aliás estavam condenados, responderam-lhe que mentia se afirmava terem eles de ser eternamente atormentados, e logo fizeram chover uma nuvem de flechas sobre ele e sobre os que o acompanhavam. Sete dos seus índios ficaram mortos, o missionário fugiu com o resto, e os selvagens, devorando os que tinham caído, mostraram-se pesarosos de não poderem naquela festa provar carne de padre tendo por taça o crânio do jesuíta.

Techo, 51. Charlevoix, 330

Põe-se Pindobé debaixo da proteção dos jesuítas

Pouco antes se tinha um cacique chamado Pindobé posto de emboscada a Montoia para comê-lo. Tendo saído com uma partida de aliados e gente da sua tribo a apanhar folhas de *caa*, ou erva do Paraguai, de que muito gosta-

vam os índios, foi este selvagem na sua volta atacado por Taiaoba, escapando com três companheiros apenas. Cansado da guerra antropófaga que entretinha com os vizinhos (tendo sua mãe sido recentemente apanhada e devorada e tendo ele mesmo por um triz escapado a igual sorte) julgou o cacique seria prudente procurar a proteção dos jesuítas, que se estavam tornando já potência formidável entre as tribos do Paraguai. Convidou-os pois a estabelecerem-se no país, e deu-lhes um lugar de residência, que foi fortificado com trincheira e estacada. Aqui se arvorou a cruz, e metidos diferentes nomes numa urna, saiu o da Encarnação, que foi o que se deu à nova redução, onde depressa se reuniram mais de mil famílias. Para dirigi-la foi nomeado Fr. Cristoval Mendoza. Coligaram-se os inimigos de Pindobé e enviaram um mancebo a descobrir qual seria a força dele: tornando-se suspeito, foi o espião agarrado e posto a tormento para revelar os desígnios dos seus, mas suportando valorosamente a tortura negou saber coisa alguma de projetos hostis. Assistia o jesuíta a esta cena, e abandonando toda a esperança de descobrir coisa alguma, tomou o breviário para recitar o ofício, visto o que, crendo ou que o livro revelava tudo, ou que alguma terrível conjuração ia ter lugar, declarou o mancebo de *moto proprio* ao que viera enviado, e sabidas assim as intenções do inimigo, fácil foi frustrá-las.

Conversão de Taiaoba

O mesmo Taiaoba e o seu povo se deixaram impressionar pela fama que haviam adquirido os jesuítas, mandando este feroz guerreiro em segredo dois de seus filhos à redução de São Francisco Xavier a ver se seria verdade o que destes estabelecimentos se dizia. Ali foram descobertos e interrogados afavelmente por Fr. Francisco Díaz Taño sobre o que pretendiam, confessaram que examinar qual era realmente a vida dos padres e dos seus conversos, e que satisfeitos com o que tinham visto iam aconselhar ao pai que recebesse os jesuítas. Despedidos bem enroupados, cumpriram eles a sua promessa e em hora mais feliz empreendeu Montoia segunda missão a esta tribo, que tão mal o tratara primeiramente. Demarcou-se sobre o rio Guebai nova redução que se chamou dos Sete Arcanjos, e investido Taiaoba no poder de cacique com todas as fórmulas e títulos em tais ocasiões costumados, batizaram-se vinte e oito dos seus filhos crianças, principiando ele mesmo com os adultos da sua família a passar por um curso de doutrina preparatório. A conversão desse chefe fez com

que muitos dos seus antigos admiradores o olhassem com aversão, conseguindo dentro em pouco os seus antigos pajés levantar contra ele uma força formidável. Taiaoba e os demais guerreiros pediram então a Montoia que não deferisse por mais tempo o batismo, e este os batizou como precaução conveniente contra semelhante perigo. Saíram eles a acometer o inimigo, porém com mau resultado, de modo que por felizes se deram com poder retirar-se para o lugar onde se haviam lançado os fundamentos da nova redução, aguardando ali ocasião mais propícia. Disto se valeu o povo de Vila Rica e com o protesto de vingar Taiaoba, fez sair um destacamento contra os inimigos dele para apanhar escravos. Bem penetrou Montoia o motivo, representando logo que as ordens do rei proibiam fazer a guerra aos índios de Guaíra, e que uma medida como aquela por força havia de retardar o processo das missões. Não fizeram caso dele, pelo que não viu melhor meio do que acompanhar em pessoa a expedição, na esperança de prevenir ou pelo menos atenuar o mal que receava. De conversos se compunha o grosso da força; vencidos outra vez pelo número, tiveram de entrincheirar-se, devendo então a salvação a um estratagema que implica grande falta de sagacidade em todas estas tribos. Parece que os índios não faziam grande provisão de setas, fiados em apanhar as que se trocavam no combate. Sabendo disto, recomendou Montoia à sua gente que recebesse as descargas do inimigo sem lhes responder, e desarmados assim os assaltantes, tiveram de retirar-se. Entre os despojos do campo achou-se um vaso grande de milho e carne, de que a gente de Montoia lhe trouxe um pedaço que ele comeu, supondo ser caça; mas ao chegar-se ao fundo do cântaro apareceram uma cabeça e mãos humanas, que o missionário reconheceu pelas de um homem que costumava servir-lhe de acólito no altar e que caíra na última batalha. Volveu o inimigo à carga com grandes forças, cercando Montoia e os soldados vilarricanos. Propuseram estes abrir caminho, esperando consegui-lo com o auxílio das suas armas de fogo, ouvido o que vieram os conversos dizer a Montoia que deviam os espanhóis depois de romperem por entre o inimigo meter-se às matas e voltar para casa, que haviam eles índios saído a campo por amor do seu missionário e não dos vilarricanos, mas ele persuadiu-os a que não abandonassem os espanhóis. Por pouco não foi fatal a conseqüência. Correu o inimigo ao

Vilania dos espanhóis de Vila Rica

assalto e de novo exauriu suas setas; uma surtida o pôs em fuga e aproveitou-se o ensejo para a retirada, mas o comandante dos espanhóis, não querendo recolher-se com as mãos vazias, formou o execrável desígnio de escravizar esses mesmos índios que na hora do perigo lhe haviam valido. Tencionava acusando-os de terem metido Montoia e os vilarricanos neste risco com o intento de atraiçoá-los, principiar por enforcar-lhes dois dos seus chefes. Descobriu o jesuíta ainda a tempo esta projetada vilania, e na véspera do dia em que devia ela ser executada, ordenou secretamente aos conversos que de noite se dispersassem na floresta, e fossem encontrá-lo em certo lugar num dia aprazado. Admirado de não os ver de manhã, perguntou o comandante a Montoia o que era feito deles, e teve em resposta que visto não carecerem mais de auxílio os espanhóis havia ele dado de conselho aos seus índios regressassem ao seu aldeamento. "E bom conselho lhes destes, padre", tornou-lhe o desalmado, carregando nas palavras, e volveu a Vila Rica depois desta segunda decepção. Umas contra as outras voltaram as tribos hostis agora a sua fúria. Um cacique, que prometera às suas mulheres regalá-las com as peruvianas de Montoia, foi morto; outros foram achados no bosque imolados a golpes de maça, e ainda outros foram devorados no correr da guerra. Entretanto foi florescendo em paz a redução dos Sete Arcanjos e dentre oitenta régulos que havia no distrito, abraçaram a nova religião não menos de sessenta.

Techo, 54. Charlevoix, 341-5

Mandam os holandeses para terra papéis heréticos

A Buenos Aires chegou por esse tempo um reforço de cerca de quarenta jesuítas, escapos com dificuldade a um cruzador holandês que estava à espreita deles. Mandou este navio à terra vários exemplares de um manifesto impresso na Holanda em língua espanhola e dirigido aos habitantes do Paraguai e do Prata, convidando-os a sacudir o jugo da Espanha e do Papa e oferecendo-lhes para isso auxílio. Foram estes papéis levados todos ao governador e entrou em discussão se se deixariam circular, entendendo muitas pessoas que nada podia ser mais próprio para excitar geral indignação contra os holandeses. Mas o provincial Mastrilli ponderou que sem perigo se não podiam expor semelhantes pensamentos diante da multidão e como mais prudente queimaram-se os papéis. Entre os frades recém-chegados vinha Fr. Nicolas Henard, que fora pajem de Henrique IV.

1628

Entram os jesuítas no Caro

Muito desejavam os jesuítas estender os seus estabelecimentos para o lado do oriente, a fim de abrirem comunicação com o mar. Fora por isso que Gonzalez reconhecera a montanhosa região do Tapé, e no mesmo intuito entrou ele agora no Caro, país possuído pelos caaroans e a cerca de dez léguas do Uruguai, caminho direito da costa. Acompanhou-o Rodríguez, e sendo esperada a vinda de ambos, haviam-se reunido muitos caciques para recebê-los; arvoraram os missionários a cruz, demarcaram lugar para uma igreja, batizaram as crianças, e principiaram a delinear uma redução, mal pensando que estava a ponto de rebentar uma coligação dos indígenas contra eles. O primeiro motor desta trama era um certo Potirava que, tendo pertencido à redução de Xavier, a deixara com ódio mortal aos jesuítas pelas peias que lhe punham, e quiçá pelos castigos sofridos. Niezu, o cacique que em Buenos Aires fora festejado com tanta adulação e distinções, andava já cansado de suas relações com os jesuítas: já descobrira, que quaisquer que fossem as outras vantagens que pudesse tirar do seu novo sistema de vida, trocara uma autoridade real por outra nominal, e aprendendo do exemplo que lhe davam os seus mestres espirituais a conhecer quanto poder andava unido ao caráter sacerdotal entre um povo crédulo, principiou a representar o papel de impostor, e a aspirar aos foros de inspirado ou de divindade. Não tinha ele porém rompido abertamente com os padres (apesar de se ter dado pela mudança nas suas disposições e procedimento) quando Potivara veio fazer dele instrumento da sua vingança; pondo-lhe diante dos olhos a vergonha de despedir suas mulheres e viver como um escravo debaixo das ordens dos jesuítas, que não tardariam a escravizá-lo realmente, se não empregasse meios vigorosos para prevenir o caso. Formou-se uma vasta conspiração entre os selvagens, que à nova preferiam a antiga vida, e os caaroans, entre os quais e com os quais estavam Gonzalez e Rodríguez, fundando a redução de Todos os Santos, entraram no segredo. Quase concluída estava a igreja, e depois de ter celebrado missa reunira Gonzalez os índios para pendurar o sino. Curvava-se ele para atar a corda quando um golpe de *macana* o prostrou sem vida, e outro lhe esmigalhou o crânio. O grito que levantaram os matadores atraiu de uma próxima cabana Rodríguez, que também foi assassinado da mesma forma; mutilados os cadáveres, foram arrastados em triunfo e afinal queimados

com a igreja, alfaias e imagens. Entre historiadores eclesiásticos da religião católica todo o martírio é incompleto se o não acompanhou algum milagre, e sendo estes os protomártires do Paraguai, tanto mais era de esperar a concomitância miraculosa, e tanto menos de dispensar-se. Fr. Charlevoix, escrevendo na França, e em meados do século décimo oitavo, afirma sobre o jurídico depoimento de grande número de testemunhas oculares, que ao voltarem os índios ao fogo, terminada a festa, acharam os corpos quase intactos e para maior confusão deles assim lhes falou uma voz, que parecia sair do coração de Gonzalez: "Ternamente vos amei e pagastes-me a ternura com uma morte cruel, mas só tivestes poder sobre o corpo, e a alma goza da glória dos santos no Céu. Caro vos custará o vosso parricídio, e meus filhos vingarão exemplarmente o indigno tratamento que destes à imagem da Mãe de Deus. Contudo, não vos abandonarei, e ainda haveis de experimentar o meu amor." Convém notar que assim como sempre se referem milagres por estas ocasiões, assim também são eles sempre perdidos para os que os presenciam. Caarupé, o cabeça dos conjurados, em lugar de se deixar comover pelo prodígio, mandou abrir o peito do jesuíta e arrancar-lhe o coração, e erguendo-o ao ar, disse: "Aqui tendes o coração, que ainda agora nos ameaçava." Depois, diz a lenda, trespassou-o duas vezes com uma seta e atirou-o à segunda fogueira, que se acendeu para consumir os restos dos corpos. Dois jovens, que ajudavam à missa aos jesuítas, e a quem os matadores não fizeram mal, foram levar a notícia a Romero na Candelária, que era a redução mais próxima. Aqui o povo, que era da tribo chamada caasapaminianes, clamou vingança, e Romero lhe disse que o sangue dos mártires se não vingava com sangue, mas, acrescentou, seria grande prova de afeto recobrar os restos mortais dos santos. A isto saiu pois uma partida de duzentos, que efetivamente trouxe os semiqueimados cadáveres, e também (dizem os escritores jesuítas) o coração, que nenhuma marca tinha de fogo, e a seta, que o varara. Passados alguns dias, tentou Caarupé surpreender Candelária, mas montando a cavalo à frente dos conversos, desbaratou Romero os invasores.

Desbatiza Niezu os conversos

Apenas soube que haviam sido mortos Gonzalez e Rodríguez envergou Niezu um vestido de penas, reuniu o povo, apagou os fogos, e com um *maracá* na mão declarou que Fr. Juan de Castilho, jovem jesuíta ultimamente encarregado de uma re-

dução no país daquele régulo chamada Assunção, devia morrer: "Tigres destas selvas", exclamou, "aguçai os dentes, e dilacerai um homem que me ofendeu. Se não me obedeceis, volverei aos Céus, e armarei os elementos contra vós como meus inimigos." Imediatamente se puseram todos em marcha para assassinar Castilho, guiados por Potirava e Quarabai, pai de uma das mulheres de Niezu. Pelo caminho toparam com alguns índios que andavam em busca de Gonzalez, para que os admitisse numa redução; ofereceram-se aqueles para conduzi-los, e apresentando-os a Castilho, pediram o presente, que por tais ocasiões era de costume. Mal tinha ele distribuído seus donativos, agarraram-no os emissários de Niezu: pediu o padre que o não matassem, antes lhe tomassem quanto tinha, retendo-o escravo, mas eles responderam que só lhe queriam a vida, e arrastando-o por uma corda desta forma o mataram miseravelmente com inumeráveis golpes. Daí a pouco chegou Niezu a gozar do seu triunfo e desbatizar as crianças da redução. Consistiu esta curiosa cerimônia em lavar-lhes a cabeça com água quente, esfregar areia na língua e raspá-la com uma concha, para tirar quaisquer restos do sal com que havia sido tocada: e para que a dessagração fosse completa, enfiou o selvagem o vestido de *pajé* sobre as vestes sacerdotais do jesuíta. Partiu os vasos sagrados, lançou fogo à igreja, e disse ao povo que daquele dia em diante era outra vez seu o país; ninguém temesse mais assolações, tomasse cada um quantas mulheres quisesse, como seus pais haviam feito sempre, e quanto a ele mesmo ninguém mais lhe disputaria a divindade.

Techo. Charlevoix

Derrota da Confederação

Daqui seguiu Niezu para S. Nicolau sobre o Piratini. Tinham-se os dois jesuítas retirado em tempo para a Conceição, e o selvagem lhes arrasou a casa, tentando porém debalde, segundo se afirma, repetidas vezes lançar fogo à igreja. Enquanto nisto se ocupavam os seus sequazes, reuniu-se a gente da redução, deu sobre eles e pô-los em fuga. Animou isto o povo da Conceição, mas era muito grande o sobressalto em que todos andavam. Vastos haviam sido os planos de Niezu, tratava ele de instigar todas as tribos orientais e geral ia evidentemente tornar-se a luta contra o crescente domínio dos jesuítas. A todas as reduções e cidades espanholas ao perto e ao longe se mandaram mensageiros a dar conta do perigo e pedir auxílio. Entretanto acompanhou Fr. Diego de Alfaro um cacique catequiza-

do, por nome Nieuguir, com oitocentos homens contra este formidável inimigo, pensando com acerto que quanto mais depressa fosse acometido, mais facilmente seria subjugado. Chegado à vista das forças hostis exigiu Alfaro que lhe entregassem Niezu com quantos houvessem tomado parte nos assassinatos. Uma descarga de setas foi a resposta, mas os selvagens, que parece ter sido surpreendidos, facilmente se deixaram derrotar, sem que Niezu soubesse desenvolver coragem no momento do perigo, sendo bem pelo contrário um dos que primeiro fugiram. Escapou-se ele atravessando o Uruguai, mas tal terror havia inspirado que ficaram sempre as reduções com medo do seu reaparecimento até que passados anos se soube ter ele sido morto por uma horda errante. Quebrada não estava ainda a força da confederação, e para suprimi-la se faziam grandes esforços por todo o país. Manuel Cabral Alpoíno, abastado português estabelecido em Corrientes, trouxe uma tropa de cavaleiros espanhóis à sua própria custa; e de todas as reduções vieram forças bem como das menos felizes aldeias de índios administradas por franciscanos debaixo do sistema das *encomiendas*. Debalde tentou obter auxílio do governo D. Diego Boroa, reitor da Assunção, que fazia as vezes do provincial ausente, até que desenganado recrutou gente à custa da Companhia, e com ela veio em pressa. Apenas reunidas marcharam estas forças a toda a pressa debaixo do comando de Cabral para a Candelária, onde Romero se via ameaçado dos caaroans. Aqui alcançaram os cavaleiros rápida vitória, mais feliz ainda por caírem prisioneiros todos os caciques que mais ativos se haviam mostrado contra os padres. Doze dentre eles foram supliciados. Potivara escapou da batalha; sendo porém entregue por aqueles de quem esperava proteção, teve também por castigo a morte. Bem queriam os jesuítas, segundo afirmam, evitar estas execuções, sendo só a instâncias deles que foram perdoados outros muitos criminosos, e a única consolação que tiveram por não poderem salvar o resto, foi ver morrer todos como verdadeiros penitentes. Ainda maior regozijo lhes foram as provas do milagre do coração de Gonzalez, e coligaram-se atestados para apresentar à cúria romana quando se requeresse a canonização dos mártires. Entre outras coisas depuseram testemunhas, que não ficasse cobertas de pústulas, nas quais pelo fétido que exalavam insuportável aos mesmos criminosos, o impossível era deixar de reconhecer um sinal da cólera divina.

Voltaram os vencedores à Conceição em procissão conjuntamente funéreos e triunfantes. Erigiram-se pelo caminho arcos festivais, e acenderam-se fogos de alegria. Os ataúdes, em que iam os santos restos, eram alternadamente levados por caciques índios e oficiais espanhóis, marchando de um e outro lado jesuítas, que de toda a parte afluíam a assistir à solenidade.

Seguia-se o exército em ordem de batalha, e no meio os prisioneiros; após, vinham as crianças da redução, depois as mulheres, logo atrás os homens e por fim os caciques. Na Conceição se enterraram os corpos, mas o coração de Gonzalez e a seta com que fora transpassado, mandaram-se para Roma. Não pouca dificuldade houve em guardá-lo do povo da Assunção, por onde passaram, pois que também ali se prezavam relíquias de mártires, querendo todos obter um bocadinho do coração. Em honra destes sucessos se celebrou naquela cidade um ofício solene. Era Gonzalez natural da Assunção, e um de seus irmãos (cônego da catedral) cantou o *Te Deum* em ação de graças pela coroa do martírio. Os sentimentos que por estas ocasiões se suscitam, enobrecem e quase santificam a superstição, que os chama à existência.

Techo, 66. Charlevoix, 359-62

Crescente poder dos jesuítas

1629

Altamente favoráveis foram estes últimos acontecimentos à crescente influência dos jesuítas. Ao desprezo da morte estão acostumados os selvagens, mas para o que se seguiu à dos jesuítas não estavam eles preparados. Ficaram dispostos a acreditar quanto milagre lhes contassem, e o regozijo público pela sorte dos que tinham sido exaltados às honras do martírio (regozijo em que todas as classes tomaram parte), bem como a confiança, com que não só os jesuítas e os conversos, mas todos os espanhóis descansaram no patronato e intercessão destes novos santos, tudo isto os impressionou tanto pela sua estranheza como pela sua sinceridade. Nem eles podiam contemplar sem admirá-la a conduta dos jesuítas, o seu desinteressado entusiasmo, infatigável perseverança, e as privações e perigos a que se sujeitavam por nenhum respeito mundano.

Aos que só tinham ouvido falar destes homens portentosos ganhava a curiosidade de vê-los, e os que uma vez caíam sob influência destes espíritos superiores e sentiam o contágio do exemplo, não tardavam a submeter-se ao lucrativo sacrifício das suas velhas superstições.

Posto que mal houvesse ainda atingido essa forma perfeita, que depois adquiriu, já este sistema ganhara raízes, desenvolvendo-se rapidamente, quando foi atacado por paulistas do Brasil, inimigos, tão formidáveis como inesperados. Daquele mesmo lugar onde Anchieta dedicara os seus dias e as suas noites a preparar o caminho para a conversão dos selvagens, devia partir a mais implacável e feroz guerra aos missionários.

Os paulistas

Tão memorável papel representaram os paulistas no Brasil e no Paraguai, que de importância se torna seguir-lhes separadamente a história, expurgando-a de fábulas e apreciações errôneas. Quando pela primeira vez principiaram os portugueses a pensar seriamente em ocupar o Brasil, não queriam nem o governo nem os respectivos donatários que os colonos se afastassem da costa para o sertão. Sendo o fim principal obter produtos para o reino, não podiam estes vir do interior de um país ínvio e selvagem; nem podia a população de Portugal fornecer aventureiros bastante para se exporem a esse perpétuo guerrear que nas posições sertanejas de todos os lados os ameaçava.

Por esta razão foram os donatários autorizados a fundar quantas vilas quisessem sobre a costa e sobre rios navegáveis, mas se formavam estabelecimentos no interior deviam esses ficar a não menos de seis léguas de distância um dos outros, regulamento que parecia envolver uma proibição indireta. Com o mesmo fim se inserira nas instruções com que veio o primeiro governador-geral Tomé de Sousa, que ninguém sem licença especial traficasse no sertão. Não era possível povoar simultaneamente as costas, e o interior, e na preferência deste antevia-se o malogro desse comércio, cuja importância era devidamente apreciada em Lisboa, percebendo-se porventura também que quanto mais das relações com a mãe pátria se afastam os colonos mais frouxos se tornam os laços que prendem e menos segura sua obediência.

Gaspar da Madre de Deus, *Memórias,* **1, § 118**

Fundação da cidade de S. Paulo

Mas este sistema de política colonial só era praticável até onde coincidia com as inclinações dos colonos. A Ramalho, que Martim Afonso de Sousa achara residindo nos campos de Piratininga, e que fez uma aliança entre os seus conterrâneos e os naturais, não se pode negar licença de ali se deixar ficar, estabelecendo ele com sua família o que então se chamava uma *força*, isto é,

uma casa forte. Tão geralmente notórias se tornaram em breves vantagens desta situação, que D. Ana Pimentel, governando em nome de seu marido Martim Afonso então governador da Índia, revogou, cedendo provavelmente aos desejos dos colonos, todas as proibições existentes e permitiu a todos estabelecerem-se ali. Desde esse tempo principiaram a decair os estabelecimentos sobre a costa; gradualmente se foi despovoando S. Vicente, e o florescente comércio de Santos com Angola e com a mãe pátria definhou, extinguindo-se finalmente. Mas nos deliciosos campos de Piratininga multiplicavam-se tão rapidamente os colonos, que nove anos depois de levantada a proibição, permitiu Tomé de Sousa a criação de uma vila, com a condição de que antes de concedido o foral se ergueria ali uma fortificação, com sua trincheira e quatro baluartes guarnecidos de artilharia. Estas obras, bem como igreja e cadeia, fê-las Ramalho à sua custa. Tinha-se ele aliado com os goianases, tomando para si a filha de Tibiriçá, um de seus régulos, depois que a chamam Isabel, é provável que ele a desposasse; dos seus filhos porém se diz que eram uma legião, sendo assim evidente haver-se ele conformado com o costume dos índios, tendo quantas mulheres lhe pedia o gosto ou o interesse. Concluídas, tais quais eram, as fortificações, subiu Antônio de Oliveira, representante do donatário, a serra, e plantou o pelourinho nas terras de Ramalho, elevando-as assim a vila, com todos os privilégios inerentes, e a denominação de Vila de Santo André, de que foi o mesmo Ramalho primeiro alcaide-mor, tendo sido antes guarda-mor do campo.

8 de abril, 1553

Ficava Santo André a cerca de meia légua da borda do campo, no sítio hoje chamado *Fazenda de S. Bernardo*, propriedade do convento de S. Bento da cidade de S. Paulo. Corre por esta região o rio Tietê[21], no qual deságua o Piratininga, que dá ao campo o nome que ele mesmo tira da quantidade de peixes que, retirando-se depois de uma cheia, deixam as suas águas sobre as ribeiras a secar ao sol. À orla deste rio mais pequeno tinha sua residência Tibiriçá, ou Martim Afonso, como o chamavam pelo nome de batismo. Resolvendo porém transferir de S. Vicente para aqui o colégio dos jesuítas, escolheu Nóbrega uma eminência entre o rio Tamanduateí e o córrego Anhangabaú a três léguas de S. André, e Tibiriçá com Cay-Uby, outro cacique convertido, e seus povos deixaram-se

Diogo de Toledo Lara, *Ordones Notae ad Anchietam. S.*

1553 persuadir a mudar-se hoje o convento de S. Bento. Aqui edificaram uma igreja como puderam, e como sucedesse celebrar-se a primeira missa no dia em que se comemora a conversão de S. Paulo, escolheu-se este apóstolo para padroeiro da igreja e do novo aldeamento, que por isso se ficou chamando de S. Paulo. Ficava ele porém perto demais de S. André para que pudessem florescer ambos, e com maus olhos o viam Ramalho e a sua geração mameluca, não só porque homens, que viviam em aberta e habitual violação dos preceitos e instituições do cristianismo, não podia deixar de ser hostis a quem pugnava pela observância destes deveres, mas também porque vendo bem como a sua própria vila nascente perdia a importância, já receavam as conseqüências que não tardaram a seguir-se. Fortes como o favor do governador eram os jesuítas então de mais a mais altamente populares. Nóbrega representou a Mem de Sá que a situação de S. André fora mal escolhida, por ficar na extrema do campo, e assim exposta aos ataques que partissem das vizinhas matas, enquanto que ausente em país aberto, nenhum risco corria S. Paulo de ser surpreendida, pelo que aconselhava que para aqui se transferissem o pelourinho e o foral, acrescentando ainda como razão para a mudança não haver em S. André sacerdote que administrasse os sacramentos, podendo-se com a proposta remoção sanar os dois 1560 males político e religioso. Em conseqüência disto fez-se a transferência que Ramalho receara, plantando-se o pelourinho em frente ao colégio dos jesuítas. Menos razão de queixa tinha ele porém do que os malfadados indígenas. Vendo estes a nova afluência de portugueses, e como eles dia após dia lhes iam tomando mais terras, levantaram 1581 seus arranchamentos. Passados alguns anos assinou o donatário a cada uma das duas tribos uma área de seis léguas quadradas; fora suficiente em extensão a assinação, assim ela tivesse sido respeitada, mas é que não faltaram invasões, apesar de se reservarem expressamente os direitos destes índios em todas as sesmarias posteriormente concedidas a portugueses. Atualmente mal possuem os miseráveis descendentes deste povo um palmo da terra que foi de seus pais. Em 1581 passou-se de S. Vicente para S. Paulo a sede do governo da capitania.

Tal foi a origem desta cidade. Admitindo-as ambas, são fáceis de conciliar, por mais que entre si divirjam, as notícias que dos moradores dão os jesuítas, seus inimigos, e os portugueses seus apologistas: tan-

to os crimes como os serviços dos paulistas foram da maior magnitude, e pela absurdidade facilmente se reconhece a linguagem de exageração e da falsidade. Pela sua situação tinha a cidade como que cortadas as relações com as outras povoações[22]: pouca ou nenhuma comunicação tinha com Portugal, e comércio não o havia por falta de saídas, mas o solo era fertilíssimo e ameno o clima. A semelhante lugar deviam naturalmente afluir aventureiros, desertores e réus de polícia: aliaram-se eles com as índias, e a mescla de sangue indígena, que por todo o Brasil foi grande, em nenhuma parte foi talvez maior do que aqui. Com este cruzamento melhorou a raça, desenvolvendo-se o espírito de empresa europeu com constituições adaptadas ao país. Mas os mamelucos cresciam sem freio de lei nem religião. Lei, mal se pode dizer que existisse numa terra onde qualquer praticava impunemente quantas mortes queria, e quanto à religião, era suprida por uma grosseira idolatria, de tão pouca influência sobre os costumes dos seus aderentes, que estes, cometendo os mais horríveis e flagrantes crimes, continuavam a ter-se por bons católicos, alimentando a mais viva fé na Virgem Maria e nos santos do Paraíso.

Destruição dos indígenas

Dois objetos havia que os paulistas se propunham com incansável atividade, o tráfico de escravos índios e a descoberta de minas. Ao chegarem os jesuítas ao Brasil eram excessivamente numerosos os naturais ao longo da costa. Para exprimir a multidão que havia deles, dizia Tomé de Sousa a el-rei que se os matassem para o mercado, não se lhes daria fim. Mas ao passo que se robusteciam e estabeleciam mais engenhos de açúcar, tornavam-se mais tirânicos os colonos, tratando os indígenas como uma raça de animais inferiores, criados unicamente para uso deles. Inúmeros destes pobres índios definhavam na escuridão, outros viviam acabrunhados de duro trabalho e desapiedados tratos, e os que escapavam ao cativeiro fugiam para os sertões, onde a quatrocentas e quinhentas léguas do mar ainda mal se julgavam seguros. Onde quer que os portugueses se haviam juntado, tivera lugar esta destruição. Prosseguindo sempre no sistema inaugurado por Nóbrega e Anchieta, iam os jesuítas, quando para o seu zelo não achavam mais emprego na costa, buscar os indígenas às suas abrigadas, sendo estas jornadas muitas vezes obra para dezesseis a dezoito meses. A fama que haviam adquirido, induzia freqüentemente os naturais a dar-lhes ouvidos, seguindo-os para a costa. Disto se aproveitavam os

caçadores de escravos, e disfarçados quais jesuítas atraíam muitas vezes os selvagens com este o pior de todos os sacrilégios. Debalde promulgava a corte decreto sobre decreto a favor dos jesuítas e em bem dos índios, os mesmos, cujo dever era fazer executar estas ordenações, se achavam freqüentemente envolvidos na culpa que haviam de punir e atalhar. Não menos impolítico que perverso era este procedimento. Se como Tomé de Sousa e Mem de Sá tivessem os governadores seus sucessores apoiado os planos dos jesuítas, nunca os colonos se teriam visto faltos de trabalhadores livres, mas com a sua tirania despovoaram tão completamente a costa (exceto onde os selvagens dominavam feroz e continuamente guerreando), que a não ter sido o zelo perseverante dos missionários, não se teriam podido manter as colônias nos princípios do século décimo sétimo, nem a rara população européia houvera resistido aos piratas ingleses.

Guerreiro, *Rel. An.* **1603, p. 113**

Expedições dos paulistas em busca de escravos e de minas

Severamente se sentiram na guerra dos holandeses os efeitos desta ruim política, pois que, se não houvera o inimigo achado aliados entre as tribos de Pernambuco e do Potengi, não teria por tanto tempo sustentado o terreno, nem posto em tão grave risco a existência dos portugueses no Brasil. No correr da guerra não foram investidas as províncias do sul, florescendo portando o Rio de Janeiro mais do que teria sucedido se houvessem continuado em paz a Bahia e Pernambuco. Mas a perda das possessões africanas afetou duramente esta parte do país; não tendo mais aonde ir buscar escravos, e consumido o abastecimento de naturais, que lhe ficava ao alcance, restava o sertão como único recurso aos portugueses que daí foram efetivamente supridos pelos paulistas. Para justificar estes homens nada, e para atenuar-lhes o nefário proceder bem pouco pode dizer-se; mas além dos princípios comuns a todos os traficantes escravos, algumas circunstâncias especiais houve que os determinaram. O gérmem e, para assim dizer, o grosso da população, era de mamelucos criados no ódio hereditário contra a sua tribo materna, e obedeciam ao instinto de uma natureza pervertida, perseguindo homens que julgavam seus mortais inimigos. Aliando-se com as tribos que encontraram no campo de Piratininga, adotaram os paulistas em geral as mesmas inimizades, seguindo como natural conseqüência as mesmas guerras; nem se deve esquecer que pela sua crueldade seriam os selva-

gens sempre olhados das raças mais civilizadas antes como bestas feras do que como homens, especialmente se são canibais como quase todas as tribos brasileiras. Anos duravam às vezes as expedições à cata de escravos. Qualquer aventureiro resoluto, como Garcia[23], mas com mais companheiros da sua cor, se punha à testa de um exército de selvagens confederados, partindo audazmente a bater o país. Nunca se pusera em dúvida a existência de minas no interior, e de tempos a tempos tentara o governo descobri-las com o bom êxito apenas suficiente para prova de ser a presunção bem fundada. Mas eram os paulistas incansáveis nas pesquisas; para eles, buscar minas e caçar escravos tudo era um, e a partida que era assaz forte para segurança própria também o era para agredir, servindo um bando de índios para compensar uma expedição perdida em procura de ouro. De sustento durante as entradas no sertão serviam os pinhões, alimento ordinário dos selvagens nestas partes (as mais férteis do Brasil), e que tanto haviam valido a Cabeza de Vaca nas suas marchas. Comiam-se crus, assados ou cozidos. Deixado atrás o país que dava aquele fruto, raras vezes falhava a caça ou a pesca. Também crescia aqui uma espécie de palmeira, de que como da mandioca se fazia farinha, e de que parece ter-se feito uso nestas expedições pelo nome que se lhe dava de farinha de guerra.

Sim. de Vasc. *Vida de João de Almeida,* **3, 1, § 2, 3**

Inimizade entre paulistas e jesuítas

Com o zelo de homens que sabiam estarem cumprindo o seu dever, se opunham os jesuítas ao tráfico de escravos índios; nunca houve mais santa causa, nunca houve quem a uma causa se votasse com valor mais heróico. Assim tornaram eles seus implacáveis inimigos desde a fundação de S. Paulo os mamelucos, e na verdade a maior parte do povo. Terem sido criadas por esta ordem odiosa era razão bastante para que os paulistas vissem com olhos hostis as reduções de Guaíra, e uma causa que os jesuítas deviam haver previsto, ainda mais veio exacerbar este sentimento. Consumada por Filipe II a usurpação de Portugal, nada se tentou para com as duas coroas unir os dois reinos, procurando antes uma política banal e míope assegurar a cada país as vantagens exclusivas das suas colônias. Estavam porém ainda por demarcar os limites na que os paulistas possuíam uma raça de homens mais ardida ainda do que a dos primeiros conquistadores, enquanto que extintas jaziam entre os espa-

nhóis do Paraguai toda a atividade e empresa. Depois de Nuflo de Chaves mal se havia feito entre eles uma tentativa para alargar as suas possessões e descobertas. Mas o sistema introduzido por Ortega e Filds à imitação dos seus irmãos no Brasil, produziu importante mudança. Estendiam os jesuítas continuamente os seus estabelecimentos e os seus planos, e infelizmente para os seus conversos e para eles mesmos estendiam-os na direção do oriente por um país dentro, que os paulistas consideravam como pertencente a Portugal[24] e ainda mais particularmente como seu próprio terreno de minas e escravos. O que é certo é que se estes aventureiros se não houvessem movido, ter-se-ia a Espanha apoderado da costa do Brasil ao sul de Paranaguá, e espanholas em vez de portuguesas teriam sido no sertão as minas de Goiás, Mato Grosso e Cuiabá.

1629

Atacam os paulistas as reduções

Foi em 1629, quando já vinte e uma estavam formadas, que os paulistas principiaram a sua guerra contra as reduções. Caíram sobre a da Encarnação na Guaíra, mas evidentemente com poucas forças, e achando-se ali Montoia pôde intimidá-los ou persuadi-los a que tomassem outro caminho. Curta foi a folga. Depois disto veio Luis de Céspedes governar o Paraguai. Tinha havido ordem expressa para quem fosse àquele país tomasse o caminho de Buenos Aires, sendo proibida a jornada por terra pelo Brasil, para se evitarem conflitos com os índios, mas D. Luis alcançou licença de seguir esta via. Mais conhecido do que no tempo de Cabeza de Vaca era agora o país, e seguindo caminho direito, passou o governador por São Paulo exatamente quando ali se preparava uma formidável expedição contra as reduções, compondo-se a força, segundo se diz, de novecentos paulistas e uns dois mil índios tupis, ao mando de Antônio Raposo, distinto caudilho nestas empresas.[25] A alguns dias de jornada daquela cidade embarcou D. Luis num rio, que o levou ao Loreto, onde se demorou algum tempo, mas apesar de ter visto os preparativos em São Paulo, e de Montoia, sabendo bem onde iria cair o raio, o suplicar que lhe desse tropas para sua defesa, negou-lhes ele, pretextando nenhumas poder dispensar. Desta vez acharam os paulistas para as suas hostilidades um motivo, que devia parecer suficiente a homens que tinham a inteligência corrompida pelo coração. Um cacique, por nome Totaurana, evadindo-se, depois de ter sido uma vez apanhado por uma

partida de caçadores de escravos, comandada por Simão Álvares, refugiou-se na redução de S. Antônio. Álvares, que também nesta expedição comandava um destacamento, soube onde ele estava, e exigiu a sua entrega, mas o jesuíta Mola, que era ali o diretor, respondeu que não podia restituir à escravidão um homem que dela escapara, tendo nascido livre, e que se achava agora sob a proteção d'el-rei. Comunicaram esta resposta a Raposo, e Mola antevendo que a conseqüência seria um ataque contra a redução, principiou pelo preparativo, que mais urgente lhe pareceu, batizando quantos julgou em estado de receberem o sacramento, e gastando nesta obra sete horas consecutivas, até que não podendo mais levantar o braço, foi preciso que alguém lho erguesse. Deu-se o assalto, e foi saqueado o lugar; quem tentou resistir, foi trucidado ao pé mesmo do altar, e mais de 2.500 índios foram arrastados escravos. De nada valeram as admoestações, as súplicas, as lágrimas do jesuíta, e quando este lembrava àqueles desalmados a justiça divina, respondiam eles que quanto a isso, tinham sido batizados, e haviam pois de entrar no Céu. Da mesma forma se destruíram outras três reduções[26]: debalde se revestiam os jesuítas com as vestes do altar, saindo de cruz alçada ao encontro dos paulistas; homens da têmpera destes não eram mais sensíveis à religião do que à humanidade, e levando consigo todos os índios de que podiam lançar mão, adiante de si os iam tangendo com a barbaridade que sempre caracterizou e caracterizará este abominável tráfico, de modo que a maior parte lhes morreu pelo caminho, exaustos de fadiga, miséria e fome. Quando já nem à força dos açoites podia obrigar algum a seguir mais longe, deixavam-no que expirasse abandonado ou fosse pasto das feras e abutres; nem se sofria que pai ficasse com filho ou filho com pai nesta tremenda extremidade, e o azorrague punha o sobrevivente em marcha. Mansilla e Maceta tiveram a coragem de seguir a partida tão de perto como lhes era possível, confiando no que lhes deparassem as selvas para subsistência, e administrando as consolações que podiam aos moribundos, de que ficava juncado o caminho.[27] Nove meses gastaram os paulistas nesta expedição de que trouxeram para casa 1.500 cabeças de escravos, gabando-se de que nunca haviam feito melhor caçada. Chegados a S. Paulo, apresentaram os dois jesuítas suas queixas ao governador, mas em breve se desenganaram de que ainda que ele tivesse a vontade, falar-lhe-ia o poder para fazer-lhes justiça. Se-

guiram para o Rio de Janeiro, onde solicitaram uma ordem para soltura dos seus neófitos e proteção das reduções. Aqui os remeteram para o governador-geral como quem só para tais medidas tinha autoridade, e assim foram à Bahia. Sucedia isto no governo de Oliveira, que os escutou com aparente interesse, nomeando um sindicante para acompanhá-los a S. Paulo e fazer ali cumprir inteira justiça, mas os jesuítas bem viram que só a força poderia dar eficácia a estas ordens. Mas também pediam eles o que o governador em tempo nenhum poderia fazer. Já os infelizes índios tinham sido vendidos e dispersos pelo país, e muitas pessoas de alta posição, que ele não ousava ou não queria ofender, eram compradoras; além disto tinha Oliveira negócios urgentes, que lhe prendiam a atenção, pois achavam os holandeses de estabelecer-se em Pernambuco, e todos os pensamentos lhe absorvia uma guerra, que bem podia, mal sabia ele quão cedo, vir bate-lhe à própria porta. Mau como era o século e perversa como era a gente, alguns exemplos de bondade apareciam ainda, como sempre os há nas piores épocas e entre os piores povos. No Rio de Janeiro foram doze índios restituídos aos jesuítas por pessoas que os haviam comprado para dar-lhes a liberdade. Um tal Jerônimo da Veiga aconselhou a Maceta que fosse à Espanha queixar-se ao rei em pessoa, e ofereceu-se para custear a despesa, mas o missionário descobrira que outra expedição se aprestava do mesmo gênero, pelo que julgou necessário volver a toda a pressa ao seu posto. Apenas os dois jesuítas chegaram a S. Paulo, foram agarrados e postos em custódia. Logo atrás deles chegou o sindicante, que procurou dar cumprimento ao seu mandato, mas dispararam-lhe um tiro e os moradores lhe declararam que primeiro se tornariam pagãos do que deixá-lo executar as suas instruções. Teve ele pois de sair da cidade a toda a pressa, sendo logo depois postos em liberdade os dois missionários que o reitor do colégio até então tinha debalde reclamado, e lá foram eles outra vez caminho da Guaíra, sem que da sua jornada levassem outro proveito além da consolação de terem até à última cumprido o seu dever.

Techo, 69, 73, 76 Charlevoix, 367-380

Efeitos destas assolações sobre os conversos

Destruídos quase totalmente estavam os frutos de tantos trabalhos dos jesuítas neste país selvagem. Conceberam os índios uma suspeita de que havia a invasão sido de antemão concertada entre os missionários e os paulistas, e

de que o único fim para que os reuniam assim em reduções, era para entregá-los traiçoeiramente à escravidão. Felizmente tinha Maceta, quando seguia os invasores, podido obter à força de instância a liberdade de um cacique chamado Guiravera e a da mulher do mesmo com mais seis pessoas. Este homem, que fora antigamente mortal inimigo dos missionários, tornando aos seus antigos hábitos de vida depois de reduzido, volveu agora para entre os seus conterrâneos e com a mais zelosa gratidão justificou desta colônia os padres. Não pôde porém contrabalançar a impressão que entre os naturais fizeram a última assolação, sendo evidente que reunidos eles assim em grandes comunidades num só dia se reduziam à escravidão mais do que anteriormente em muitos anos. Desta disposição dos espíritos não deixaram de aproveitar-se os *pajés*. Concertados entre si erigiram alguns destes pelotiqueiros cada um o seu lugar de culto no cimo de um monte, expondo à adoração os ossos de alguns dos seus predecessores e pronunciando oráculos. Algumas adeptas ali entretinham fogo perene, e facilmente se poderia haver deste princípio originado um culto ritual, se ainda com tempo se não houvesse descoberto a coisa. Montoia e seus confrades lançaram fogo aos templos e às cabanas que os cercavam,[28] e trazendo os ossos em triunfo, expuseram-nos na praça da redução mais próxima, onde depois de calcados aos pés pelos índios foram publicamente queimados. Havia um índio tão horrivelmente configurado, que dele se diz que não tinha no corpo parte que não estivesse deslocada. Este desgraçado monstro, sedento de poder, que de outra forma não podia empolgar, arvorou-se em objeto de culto, e depressa achou adoradores, havendo mesmo quem fugisse das reduções para ir reverenciar esta divindade vivente. Apenas disto souberam os jesuítas, lançando mão dele, o entregaram aos rapazes para escárnio; ao mau efeito de ensinar a mocidade a zombar da fealdade não se atendeu, mas os discípulos do pobre deus ficaram eficazmente curados, vendo-o tão sem meios de proteger-se a si mesmo, e acabou a história por pedir este infeliz aleijado que o instruíssem na fé, e buscar na conversão os bens que podia gozar ainda.

Vêem-se os jesuítas obrigados a evacuar Guaíra

Inimigos como estes desapareciam, tão depressa se descobriam, mas contra os paulistas outras armas eram necessárias e debalde a favor das reduções se pedia proteção ao governador do Paraguai: não era ele amigo dos je-

suítas, e vendo o perigo com indiferença senão com prazer secreto, nenhum auxílio lhes dava. Fizeram os paulistas nova invasão: uma redução foi destruída, outra evacuada, e para completar o mal armaram os moradores de Vila Rica ciladas aos fugitivos, de modo que os que escapavam às mãos dos caçadores portugueses iam cair nas dos espanhóis. Depois de em vão ter requerido justiça aos magistrados desta vila, seguiu Fr. Francisco Díaz Taño para a Assunção, onde se queixou ao governador que friamente lhe respondeu, que levantavam os jesuítas por dores pequenas alarido grande, tornando-se assim odiados onde quer que apareciam. Em nome d'el-rei apresentou então Taño por escrito uma requisição formal de socorro para a província de Guaíra; mas foi esta tratada com tanto desprezo como as representações verbais. D. Luiz de Céspedes não disfarçava o desejo que tinha de destruir o sistema dos jesuítas, substituindo-o pelo das *encomiendas,* e entretanto para pôr ainda maior apuro às reduções, proibiu todas as comunicações pelo rio Paraná entre as províncias do Uruguai e de Guaíra, obrigando assim que de uma queria passar-se a outra, a descrever um rodeio de mais de cem léguas, seguindo-o o Paraguai. Contra este regulamento tão prepotente como opressivo apelou Taño para a audiência real de Chupuisaca, que imediatamente o revogou, mas de volta destes negócios veio o jesuíta achar os paulistas outra vez a talar o país. Nesta miséria resolveram os missionários evacuar Guaíra, passando-se para além do Paraná com todos os índios que se deixassem persuadir a segui-lo. Cruel necessidade era esta. As duas reduções mais antigas de S. Inácio e Loreto, que foram as últimas que permaneceram intactas, rivalizavam então com as melhores povoações do Paraguai, contando a primeira novecentas famílias, e a segunda oitocentas. As igrejas eram maiores que as da capital, e melhores os seus ornatos, tendo os moradores chegado a esse grau de civilização que se propunha o sistema. Possuíam os conversos grandes rebanhos de gado, tinham extensas plantações, cultivavam algodão de que fabricavam seus vestidos, e não só proviam amplamente à própria subsistência, mas até da sua abundância socorriam os aldeamentos novos. Não restava agora alternativa entre a emigração e a escravidão: houve muitos índios que não se puderam resolver a arrostar o mal menor mas certo, e destes uns voltaram aos seus antigos hábitos de vida selvagem, os outros caíram nas mãos dos paulistas. Raivando de ver que alguns lhes escapa-

vam, perseguiram estes malvados os emigrantes. Acompanhada de todas as tristes circunstâncias de confusão, pressa e terror se efetuou a fuga: embarcaram os fugitivos no Paraná... mas lá estavam as cachoeiras que passar.

Cachoeiras do Paraná

Ao entrar na Cordilheira de Maracaiu, mede o Paraná 2.100 toesas, quase uma milha marítima, de largura média, e profundíssimas são as suas águas. De repente se contraem as montanhas, deixando um canal de trinta toesas apenas, e neste estreito cai toda aquela massa de água 52 pés franceses de altura num ângulo de 50 graus. A seis léguas de distância se ouve o estrondo da queda, e uma nuvem de vapor, visível a quase igual distância, precipita-se à roda em perpétuo aguaceiro com intensidade tal que, segundo diz Azara, quem visita o lugar despe-se inteiramente para aproximar-se. Perto dali nenhuma ave se avista, nem animal algum, exceto o iaguarete, o animal mais feroz da América do Sul; acima e abaixo das cachoeiras são de diversas espécies os peixes. Daqui até à foz do Iguaçu, trinta e três léguas de distância, sucedem-se umas às outras as corredeiras, os redemoinhos, as voragens. Ao chegarem a este sítio, não tendo tempo para levar por terra as suas canoas até uma parte navegável do rio, desembarcaram os emigrantes, abandonando-as ao rio que as fez em pedaços.[29] Mais penosa que a primeira se tornou pois a segunda parte da jornada, sendo preciso romper caminho pelas florestas, vivendo do que eles deparavam, e quando afinal alcançaram os fugitivos uma parte do país sobre a margem esquerda, onde esperavam ficar em segurança, e dos destroços das outras se formavam duas reduções, rebentou entre eles conseqüências dos passados sofrimentos, uma peste, que os ceifou aos centos. Furiosas com terem-se cevado nos mortos, arremetiam as terras com os vivos e dos restos de treze reduções populosas existiam no fim do primeiro ano escassas quatro mil pessoas.[30] Os espanhóis, que tão mansos tinham assistido a esta destruição, ou perversos sido coniventes nela, não tardaram a sentir-lhe as conseqüências; que os paulistas, não achando já outra presa, vieram saquear-lhes as habitações, destruindo completamente Ciudad Real e Vila Rica.

1631

Reduções no Tapé entre os itatines

Tantas calamidades teriam desanimado homens, estimulados por motivos mais baixos que o zelo religioso. Continuaram os jesuítas os seus esforços com

o mesmo ardor, mas infelizmente ainda para um lado, que os expunha aos ataques dos seus vigilantes inimigos. Renovando as suas tentativas no Tapé, formaram ali depressa quatro reduções, e outras tantas entre os itatines, que vagavam pelo país a leste do Paraguai sobre os rios que deságuam naquele e no Paraná, entre os 19 e 22 graus de latitude sul. Na orla do norte desta região ficava uma antiga povoação espanhola chamada Xeres, onde os habitantes desejavam ter um colégio de jesuítas. Teria isto convindo aos planos da companhia, e contribuído a segurança de um lugar de maior importância para os espanhóis do que eles pensavam, pois que fortemente ocupado teria este posto sustado por aquele lado o progresso dos brasileiros em direção às minas. Mas extinta a primeira geração de aventureiros, parecem os espanhóis do Paraguai perdido todo o vigor, energia e tino; contentando-se com oprimir os naturais na sua vizinhança imediata, só contendas intestinas podiam despertá-los da habitual preguiça, enquanto ano por ano se tornavam cada vez mais audazes e empreendedores os paulistas. Destruídos os florescentes estabelecimentos do Guaíra, executaram estes salteadores agora a mesma obra de assolação entre os itatines, talando as reduções e escravizando quanto índio apanhavam. Por esta ocasião teve Xeres a mesma sorte de Ciudad Real e Vila Rica. Dirigindo depois para o Paraná as suas correrias, passadas as cachoeiras, aproximaram-se da redução sobre o Acaraí. Ainda em tempo se deu o rebate aqui e no aldeamento sobre o Iguaçu, e com os seus perseguidos neófitos passaram-se os jesuítas do primeiro rio para o Itapua e do segundo para o Uruguai. Muito tempo isento destas devastações não ficou o Tapé. Tinham os portugueses das capitanias do sul estabelecido um tráfico regular de escravos no porto de S. Pedro, à foz do rio Tebiquare, e do rio do Espírito Santo, que reúne as águas orientais daquela província. Haviam formado uma aliança, com os tupis ao longo da costa, os quais guerreavam as tribos do interior, para colher prisioneiros, que trocar por artigos europeus. Reunidos porém em reduções, sentiram os índios do Tapé a sua força contra um inimigo que não tinha por si nem a vantagem das armas européias nem o terror do nome português. Com os jesuítas Mendoza e Mola à frente resistiram eles aos tupis, e desbarataram-nos, resgatando todos os prisioneiros. Daí a pouco foi Mendoza morto por uns selvagens que tratava de converter. Nascera ele em Santa Cruz de la Sierra, no centro deste conti-

1653

nente, onde seu pai era governador; havia o avô sido um dos conquistadores do Peru, e toda a esperança e fé do bom padre estava em que pudessem a sua vida e morte apagar os crimes cometidos por seus maiores contra estes índios a cuja salvação ele se dedicara inteiro. Vingaram-lhe os conversos a morte, mas os paulistas também aqui chegaram, recorrendo os jesuítas em vão à proteção de Assunção, Corrientes e Buenos Aires. Ou os governadores eram hostis à Companhia, ou desprezavam um perigo que os não afetava imediatamente[31], e após alguns perdidos esforços para sustentar o terreno, tiveram os jesuítas de fugir deste país como já o haviam feito de Guaíra, reunindo entre o Paraná e o Uruguai, onde estes rios mais se aproximam um do outro, os destroços de todos os seus estabelecimentos.

1631

Techo, 96, 102. Charlevoix, 420-4

Medidas em linha reta ficam as mais remotas nascentes do Paraná nas montanhas de Goiás, onde Azara as coloca entre medidas em linha reta ficam as mais remotas nascentes do 17º 30' e 18º 30' de latitude sul, os portugueses porém o derivam da serra da Mantiqueira a cem milhas apenas da cidade de Parati sobre a costa. Embora vá no Paraguai perder seu nome, é o Paraná muito maior do que este, continuando ainda por três léguas o seu curso, antes que a lodosa corrente com que se misturou lhe turve as águas. Depois de tornado rio considerável corre pela maior parte na direção do sudoeste, até que após a sua junção com o Iguaçu torna para o oeste a unir-se ao Paraguai[32]. Na primeira parte deste curso são geralmente alcantiladas as ribas orientais, e planas e pantanosas as opostas, compostas ou de florestas de gigantescos troncos, ou de savanas ricas porém mal habitáveis, estendendo-se a duas léguas do leito as inundações periódicas, e se além deste alcance se quisesse fundar uma povoação, não haveria lá água. As correntes, que por este lado deságuam no Paraná, inundando o país na estação chuvosa, desaparecem na seca, ou tornam-se tão salgadas e amargas, que nenhum animal quer beber delas. Se se abrem poços, é o mais das vezes tão ruim a água, que não tem serventia, sendo além disso quase sempre trabalho perdido, pois que por falta de pedra cem léguas em redondo, com que revestir-lhes as paredes, caem estas durante as cheias. Desde o Iguaçu até ao mar é navegável o rio, porém com risco. Há ali sorvedouros, que engolem instantaneamen-

Paraná

Azara, 1, 69. Patriota, t. 2, n.º. 6, p. 139

te um bote, e de contínuo se estão formando e desaparecendo ilhas pela força da corrente. Onde quer que se junta um montículo de areia e alguns destroços, rebentam as sementes de plantas aquáticas, e assim, crescendo as árvores e agregando-se a terra, formam-se no volver de anos ilhas cobertas de arvoredo. Uma mudança na corrente dirige-lhe o curso contra este pouco compacto solo; as areias são arrastadas pela força da água, as árvores ficam presas umas às outras pelas raízes entrelaçadas que formam um chão úmido, e solta assim aí vai flutuando a ilha, até que as raízes se desprendem e toda a máquina se desfaz como uma embarcação, que naufraga. Todas estas ilhas ficam debaixo das cheias, que ocorrem duas vezes por ano, principiando a maior em dezembro e durando até fevereiro, e tendo lugar a menor em meados de junho.

Dobrizhoffer, t. 1, 192-4 e 208

O Uruguai

É nas serras de Santa Catarina, perto da ilha do mesmo nome, que nasce o Uruguai[33]. Após um curso de quase mil milhas vai ele engrossar as correntes unidas do Paraná e Paraguai, formando com elas o Prata, massa enorme de água doce, que no mapa mais parece um braço de mar do que um rio. Na sua foz tem o Uruguai umas quatro milhas de largo, mas em muitos lugares se espraia por mais de sete. No ponto da junção divide o Paraguai numerosas ilhas, de que está cheio o Prata cerca de sete léguas acima de Buenos Aires, e nenhum dos seus canais traz tanta água como o Uruguai, embora o excedam coletivamente. Estão estas ilhas cobertas de vegetação rasteira, pela maior parte juncos e pessegueiros, com algumas palmeiras, nenhuma de mais de seis a sete polegadas de diâmetro: ali se criam inumeráveis bandos de aves, tão notáveis pelo brilho da plumagem como pela doçura da voz. Também abunda o iaguarete, ou leopardo da América do Sul, e nestas ilhas passam homens o verão a caçá-lo por causa da pele. Grande coragem e não menor destreza exige este exercício: com o *poncho* envolto no braço esquerdo, e sem outra arma além de uma grossa maça, provoca o caçador o animal, evitando-lhe o pulo, e derreando-o ao mesmo tempo com um golpe no espinhaço. Se o não consegue, apara o iaguarete no braço esquerdo, como num escudo. Também cortadores de madeira passam o verão nestas ilhas, sofrendo horrível perseguição de mosquitos e moscas, e sustentando-se de peixe e carne de vaca, que uma vez ou outra lhes vêm da próxima margem do rio. Igualmente cheio de ilhas é o Uruguai. É tão

baixa a sua ribeira esquerda desde o rio Negro até à sua foz, que, enchendo a maré, ficam a maior parte dos vimes cobertos até meia haste. Sobem batéis o rio até Iapeiu, onde uma cachoeira obstrui a navegação, mas já quarenta léguas abaixo desta povoação são tantos os penedos, as corredeiras e os redemoinhos, que só quando inchada pelas chuvas se pode navegar com segurança a corrente. É desde fins de julho até princípios de novembro que se acham mais crescidas as águas. Usam aqui os índios de canoas dobradas, algumas das quais de setenta pés de comprimento, com câmaras elevadas e cobertas de peles, e servem-se de remos, não de velas.

Patriota, t. 2, n.º 6, p. 40. *Viagens pela margem do norte do Prata.* **Ms.**

Enviam os jesuítas um emissário a Madri

1638

Onde o Paraná e o Uruguai mais se aproximam um do outro é entre 17º e 18º de latitude sul, tomando aqui o primeiro destes rios e por imensos matagais, que lhes ficam atrás, fixaram os jesuítas mais uma vez os seus perseguidos conversos. O número dos que para aqui se passaram diz-se que era de doze mil; fizeram-se derrubadas, trouxeram-se sementes de grandes distâncias, e de novo principiaram a prosperar as coisas. Temiam porém os índios a renovação destas emigrações e instantemente pediam que lhes dessem armas de fogo, com que proteger-se a si, suas mulheres e filhos. Bem convencidos da necessidade e justiça desta medida estavam os jesuítas. Um dos princípios do governo espanhol era não permitir a introdução de armas de fogo entre os índios que tinha sujeitos; a conservação própria exigia esta política óbvia, que cessava porém de ser aplicável ligados os índios aos espanhóis não como escravos a senhores, mas como homens que entre si gozam os mesmos benefícios de instituições civis e religiosas. Era de importância tal este negócio em particular, e o estado das missões (por um lado a prometerem tanta coisa boa, e por outro tão ameaçadas da atividade dos paulistas e da supina indiferença dos governadores) exigia tão urgentemente a intervenção de poderes mais altos, que o provincial Diego de Boroa enviou Montoia a Madri e Díaz Taño a Roma. O primeiro representou ao Conselho das Índias quão impossível era que as reduções em que com tanta dificuldade se plantara a fé católica, agora tão felizmente florescente continuassem a existir sem que se fornecessem aos índios armas de fogo para defesa contra os caçadores de escravos e os selvagens aliados destes. A

eqüidade e política do requerimento eram igualmente manifestas; o jesuíta prometeu que as armas haviam de ficar sob a guarda dos missionários para serem somente entregues na ocasião do perigo, e em nome da Companhia se comprometeu a carregar com toda a despesa e arranjar tudo o mais de modo que o governo nem tivesse trabalho nem desembolso de qualidade alguma. Apurar-se-iam esmolas bastante para a compra das armas, e alguns padres, que tinham militado antes de entrar para a Companhia, instruiriam os índios no manejo delas. Foram bem acolhidas estas representações. El-rei confirmou todas as leis anteriores a favor dos índios, e declarou contrário a todo o direito divino e humano, e da alçada do Santo Ofício com procedimento dos paulistas que tinham levado de Guaíra mais de trinta mil escravos,[34] principiando já a mesma obra de destruição no Tapé e no Uruguai. Ordenou-se que fossem postos em liberdade os índios escravizados, e punido como réu de alta traição quem no futuro cometesse mais destes crimes. Um decreto mais importante, por ser de mais fácil execução, dispunha que todos os índios convertidos pelos jesuítas nas províncias de Guaíra, Tapé, Paraná e Uruguai ficassem considerados vassalos imediatos da coroa, e isentos de todo o serviço pessoal, fosse qual fosse o pretexto com que quisessem impor-lhe. Fixou-se-lhes o tributo, que todavia não devia principiar a ser cobrado antes de 1649, supondo-se que então poderiam eles pagá-lo. E não concedeu o rei autorização aos jesuítas para armarem os seus conversos, mas até expediu aos governadores do Prata e Paraguai ordens expressas para que velassem pela segurança das reduções.

Techo, 102. Charlevoix, 447-458

O jesuíta Alfaro morto pelos paulistas

Depressa se patentearam os bons efeitos desta medida. De caminho para o Paraná apoderou-se um troço de paulistas de dois rapazes índios que acompanhavam missionários numa excursão religiosa, e segurou-os, pensou ela, amarrando-lhes as mãos. De noite porém, dormindo os salteadores, chegaram estes rapazes resolutamente os punhos ao fogo até queimarem as cordas, e efetuada a fuga foram dar rebate. O governador do Paraguai D. Pedro de Lugo correu a interceptar os invasores com uma boa escolta e quatro mil índios, acompanhado do superior das missões Fr. Diego de Alfaro e de mais alguns jesuítas. Tendo-se Alfaro um dia adiantado a cavalo, achan-

Derrota destes pelo governador do Paraguai

1639

do-se já próximo o inimigo, foi redondamente morto por uma bala de mosquete, disparada por um mameluco que bem o conhecia. Após isto foram imediatamente atacados os paulistas, provavelmente muito inferiores em número: morreu grande parte deles, e dos que escaparam à morte quase todos caíram prisioneiros. Os selvagens da mesma parcialidade foram entregues aos jesuítas, e os paulistas conduzidos para a Assunção, que ficava a oitenta léguas. Aqui todo o mundo esperava vê-los supliciados como bandidos; mas D. Pedro, contentando-se com repreendê-los asperamente e exortá-los a não continuarem a provocar com a repetição de tais crimes a vingança do Céu, mandou-os para Buenos Aires, cujo governador, por eles congraçado, lhes permitiu voltarem a suas casas.

Techo, 104. Charlevoix, 450

Subjugaram-se as tribos do lago Ibera

Não foi inteiramente destituído de bons efeitos a morte de Alfaro, pois que subsistia ainda entre os índios uma tal ou qual suspeita de que os jesuítas os reuniam em aldeamentos para com mais facilidade os entregarem aos compatriotas. Desenganou-os este acontecimento. Sucedeu no cargo de superior das missões, Fr. Cláudio Ruler, natural do Franco Condado, não tardando a ser convidado pelo governador do Prata a ajudar com um corpo de conversos numa empresa de igual utilidade para as reduções e para a navegação do Paraguai. Ao sul do Paraná, nessa parte do seu curso que toma quase exatamente a direção do oeste, fica uma extensão de pântanos e água que não menos de mil milhas quadradas, antes chamada lago dos Caracaras e em tempos mais recentes lago Ibera. Ficavam-lhe perto de uma das cachoeiras do Paraná as leziras orientais. Corre esta região paralela àquele rio, e é de forma quase quadrada, exceto onde estende pela ponta do sudoeste um comprido braço que termina constituindo o Miranay, rio considerável tributário do Uruguai. Do lado do sudoeste partem três rios, o S. Lucía, o rio de Los Bateles talvez dito assim por ser navegável por batéis, e o rio de Las Corrientes que todos caem no Paraguai, sem que nenhum deles seja vadeável em estação alguma. De onde vêm estas águas, não havendo montanhas perto, é questão curiosa. Azara afirma virem elas unicamente filtradas do Paraná, acrescenta porém que não se descobriu ainda outro exemplo análogo a este. Em muitos lugares é esta vasta região um lago perfeito, mas pela maior parte cobrem-na plantas aquáticas, e aqui e ali algumas árvores, formando o todo um labirinto im-

possível de explorar-se nem a pé, nem a cavalo, nem por água. Tinham-se referido contos fantásticos sobre uma raça de pigmeus, que se dizia habitar-lhe os mais internos esconderijos, mas por este tempo achava ali guarida um bando de selvagens das tribos caracará, capaçaca e menepo, que engrossados com os fugitivos das reduções infestavam as comunicações por água e por terra entre os estabelecimentos espanhóis, assassinando os viajantes, e levando a presa para os seus valhacoutos entre os juncos e as canas. Ultimamente tinham investido uma das reduções, queimando-lhe a igreja, e tão sério se tornara o mal que o governador do Prata sentiu a necessidade de um esforço vigoroso. D. Juan de Garay saiu de Buenos Aires com um destacamento de espanhóis; Romero veio reunir-se a ele com um corpo de índios disciplinados mais próprios para semelhante guerra do que os europeus, pois que para onde podiam fugir os selvagens, podiam eles segui-los, e efetivamente os foram acossando de esconderijo em esconderijo, até que quem escapou à morte rendeu-se.

Techo. Charlevoix. Azara, 1, 81

Volta da Europa Díaz Taño

Entretanto, deixando Montoia em Madri, seguira Díaz Taño para Roma, a expor o estado das missões ao geral da ordem. Profundamente impressionado pela descrição das misérias causadas pelos caçadores de escravos, fê-lo Vitelleschi que então ocupava aquele cargo, repetir o conto a Urbano VIII, que justamente indignado vibrou as mais severas censuras da Igreja contra todos quantos sob qualquer pretexto escravizassem os índios, quer convertidos quer por converter. De volta a Madri soube Taño que o seu colega obtivera do governo quanto desejava, e ainda o rei lhe prometeu passagem livre para uns trinta missionários que ele queria levar consigo. Haviam de embarcar em Lisboa. Mais poderoso que em Madri era o partido da escravidão, e o ministro Miguel de Vasconcelos proibiu o embarque, recorrendo porém à duquesa de Mântua obtiveram os padres licença de partir. Acossado pelo tempo teve o navio de arribar ao Rio de Janeiro. Aqui consultou Taño com Fr. Pedro Mota, visitador do Brasil, e com aprovação do resto da clerezia leu na igreja dos jesuítas a bula da excomunhão. Na Bahia talvez que sem risco se houvera podido fazer isto, mas o Rio de Janeiro ficava perto demais de S. Paulo, e ligados com os paulistas achavam-se muitos dos seus moradores implicados nos mesmos crimes. Tinham estes homens a gentalha por si, e assaltando com ela o colégio, arrombaram as portas, e teriam assassinado os jesuítas do Pa-

Tumultos no Brasil contra os jesuítas

raguai, se o governador Salvador Correia não convocasse o povo à igreja, persuadindo-o a marcar para o dia seguinte uma reunião em que com calma se discutisse a matéria e se lhe buscasse remédio. Celebrou-se a reunião na igreja dos carmelitas, e para salvarem as vidas, propuseram ou consentiram os jesuítas que os inimigos da bula apelassem dela para o papa, o que teria por efeito suspendê-la até ulterior decisão. Também se diz que foram eles compelidos a assinar uma declaração, renunciando a todo o direito de se constituírem advogados dos índios, e prometendo nunca mais molestar por semelhante motivo os habitantes da capitania: se tal papel se assinou foi debaixo de coação, que, sem ser necessário recorrer à casuística, tornava o compromisso manifestamente írrito e nulo. A maiores extremos ainda chegou a matula de Santos, derribando o vigário-geral que publicara a bula, calcando-o aos pés, e ameaçando-o de morte com punhais aos peitos, se não revogasse as censuras e assinasse a apelação para o papa. A apazigar os amotinados saiu o superior dos jesuítas, nas mãos o cibório; diante dele se prostraram alguns, outros ficaram de pé, protestando que do fundo da alma adoravam Deus presente no sacramento, mas que não se sujeitariam a perder os escravos, sua única propriedade. Aplacou-se afinal o tumulto, declarando alguns religiosos de outra ordem que a bula não afetava aquele povo, porquanto tinha-o o papa mandado publicar não havendo impedimento legítimo, a universal oposição era porém impedimento bastante. Até com tão miserável subterfúgio como este se deixaram tranqüilizar apreensões fundadas não na religião e na consciência, mas numa mesquinha superstição que contribuíra para destruí-las ambas. Em São Paulo, sabendo-se mais imediatamente implicado, e conhecendo que a excomunhão se dirigia em particular contra ele, levantou-se o povo e expulsou da cidade os jesuítas. Sabido isto no Rio de Janeiro deu o capitão de um navio surto no porto uma salva de alegria, pelo que merecidamente o castigou o governador. Deu-se Díaz Taño pressa em deixar um país onde corriam perigo a sua vida e as dos companheiros, e deu à vila para Buenos Aires, tendo experimentado tanto o estado flagicioso da opinião pública no Brasil, como a perfeita simpatia dos jesuítas portugueses.[35]

25 de jul. 1640

Anais do Rio de Jan., **c. 15, Ms.**

1640

Techo, 185. Charlevoix, 433-6

1641

Logo depois da sua partida chegou a nova da revolução bragantina, e expediu o marquês de Montalvão ordens por todo o Brasil

Querem os paulistas eleger um rei seu

para que se proclamasse D. João IV. Julgaram alguns paulistas que bom seria aproveitarem a ocasião que lhes oferecia esta mudança de governo, e em lugar de quebrarem a cabeça com dúvidas sobre o partido que tomariam, ou de se exporem a inconvenientes, seguindo antes uma do que outra parcialidade, elegeram um de seus concidadãos rei de S. Paulo, proclamando a sua independência. Tudo favorecia um tal pronunciamento. Frouxos e fáceis de totalmente se despirem eram os hábitos de obediência a qualquer autoridade legítima. Um único caminho havia por onde poderiam ser acometidos os paulistas, e esse, difícil para um viajante, seria inacessível a um exército. Para por ali se defenderem bastava-lhes rolar pedras para baixo, e pelo outro lado tinham o sertão todo aberto a seus cometimentos. Fácil foi aos autores deste plano induzir o povo a abraçá-lo com entusiasmo, e se tivessem achado um chefe à medida de seus desejos, é mais do que provável que se tivessem tornado os paulistas um povo independente, em breve o mais formidável da América do Sul. Caiu a escolha sobre Amador Bueno da Ribeira, homem de grandes riquezas e boa estirpe, aparentado com as melhores famílias de S. Paulo pelos casamentos de seus nove filhos. Natural de Sevilha fora seu pai, sua mãe uma portuguesa da nobre família dos Pires. Concordaram pois na escola os paulistas de ambas as nações e só do mesmo Amador Bueno veio toda a oposição. Em despeito do sangue paterno, considerava-se ele português, e talvez que assaz conhecesse a natureza turbulenta dos seus patrícios, e os perigos que rodeariam semelhante coroa, para ambicionar a realeza. Assim quando para aclamá-lo se lhe juntou a multidão diante da casa, protestando contra tal ato, a conjurou ele instantemente a proclamar el-rei D. João IV. A recusa exasperou o povo, que o ameaçou com a morte, se não quisesse ser rei. Ouvido isto, tomando na mão a espada com que defender-se, evadiu-se pela porta do quintal, correndo quanto as pernas davam a refugiar-se no convento dos beneditinos. O povo o viu e o seguiu, gritando: *"Viva el-rei Amador Bueno!"* Ele porém clamava: *"Real, real, por D. João IV!"* e como levasse a dianteira alcançou o convento e trancou as portas. Saíram o abade e os monges a parlamentar com as massas. Apareceram então também o demais clero e dentre os principais moradores os que não tinham entrado no conluio: procuraram todos da justiça dos direitos de Bragança convencer o povo, e terminou o dia pela aclamação de João IV. Amador Bueno deixou numerosa e próspera descendência nas capitanias de São Paulo, Goiás, Mi-

nas Gerais, Cuiabá e Rio de Janeiro, tendo o governo sempre reconhecido a favor dos netos o mérito do avô.[36]

Maus efeitos da revolução no Paraguai

Longa série de más conseqüências para os estabelecimentos dos jesuítas no Paraguai produziu a revolução portuguesa. Um dos efeitos imediatos foi não se admitir ali mais missionário algum, que não fosse súdito nato do rei da Espanha; eram sempre escassos os operários para esta vinha, e agora que estava prestes a embarcar em Sevilha grande reforço, foi excluída a maior parte em virtude daquele princípio. De necessidade foi pois abandonar uma missão cujos fundamentos se haviam lançado com a melhor perspectiva de bom resultado entre as formidáveis tribos do Chaco. Outra conseqüência foi tornarem-se guerra legítima as incursões dos paulistas, legalizadas assim todas as atrocidades destes caçadores de escravos.[37] Não perderam contudo tempo os jesuítas em valerem-se dos meios de defesa que tão tardiamente lhes haviam sido permitidos. Aproximava-se uma alcatéia de caçadores de escravos, composta de quatrocentos paulistas e muitos tupis. Para lhes resistir reuniram-se das diferentes reduções quatro mil conversos, indo trezentos dentre eles armados de armas de fogo e o resto de fundas ou arcos, segundo o costume antigo; levavam também uma peça de artilharia. Assim equipados ordenou-lhes na frase de Techo, que preparassem corpo e alma, quando viram os esculcas anunciar que a um dia de jornada se achava o inimigo, descendo em trezentos batéis um dos rios que deságuam no Uruguai. Marcharam-lhe os índios ao encontro, e alegres ao verem reunida tão grande presa correram os paulistas ao ataque, mas o primeiro tiro de peça lhes meteu três canoas no fundo. Contribuindo talvez para a derrota o espanto produzido, foram os paulistas desbaratados, perseguidos, dispersados, perecendo cento e vinte na batalha e na fuga, e caindo muitos nas mãos dos gualaches, tribo antropófaga que os devorou todos. Grande número dos índios desertou para os vencedores, que com cinqüenta mortos e feridos compraram o triunfo. Seguindo a vitória, resgataram os jesuítas no correr daquela estação para cima de dois mil índios, que os portugueses iam levando para o Brasil. Um destes bandos de salteadores apanhara uma família de índios bravos; duas filhas, uma de treze, outra de dez anos, evadiram-se com um netinho, mas foram cair nas mãos de outra malta. Depois de caminhadas umas quatrocentas milhas tiraram à rapariga mais velha, que tinha sido severamente castigada por haver

Derrota dos paulistas pelos índios reduzidos

tentado a fuga, as cordas, para que, sendo escasso o mantimento, nas selvas buscasse o seu. Imediatamente resolveu tornar a fugir, e como hesitasse se aguardaria a irmã, viu-a que com o rapazinho catava raízes, e todos três se esconderam. Ocultando-se de dia, e caminhando de noite, chegaram no fim de um mês às margens do Uruguai, quase exaustos de cansaço e fome. Achando ali amarrada uma canoa velha, nela se entregaram à corrente. Não tardou muito que não vissem vir subido o rio outra canoa, e receando-se de canibais, desembarcaram e esconderam-se. Um dos homens de quem fugiam, e que, saltando em terra debalde as procurou, era o próprio pai, que libertado com o resto da sua família, pertencia agora à redução mais próxima. Uma partida da mesma redução, descobrindo as crianças, levou-as para ali, onde teve lugar um reconhecimento, que a todos os espectadores deixou comovidos.

Charlevoix, 473

O ano secular da Companhia com tanta solenidade celebrado na Europa, também no Paraguai foi festejado com a pompa que o país permitia. Houve em Córdoba um carnaval de oito dias, saindo à rua uma procissão em que Santo Inácio de Loiola figurava a lançar fogo que consumia a hidra Heresia e o gigante Paganismo. Nas reduções houve ações de graças, danças, festas, iluminações, sermões e representações dramáticas. Num lugar erigiram os índios seiscentos arcos triunfais decorados com quantos ornatos e coisas bonitas possuíam, exibição dos benefícios que eles mais que ninguém no mundo deviam à associação, cujo centenário celebravam. Em outra parte houve corridas de canoas no Paraná à luz de archotes. Ainda em outra andou uma companhia de dançarinos militares, que nos escudos traziam as letras que compõem o nome de Loiola, fazendo freqüentemente altos ordenados de modo que formassem as letras algum anagrama, baluzeira então muito em moda, e usada nestas ocasiões. Também numa redução se representou um drama cujo assunto era uma irrupção de paulistas, já se sabe devidamente derrotados e punidos afinal. Na Incarnación foi a Companhia personificada por um gigante velho, seguido de cem rapazes vestidos de várias cores simbólicas dos diferentes deveres dos jesuítas, a cantar-lhe os louvores. Logo se lhes incorporou um rebanho de cem bois, e assim foram seguindo, passando por baixo de cem arcos triunfais, até à igreja, a cuja porta se ofertaram cem pias, ardendo cem tochas sobre o altar, aos pés do qual se depuseram cem composições em honra da Companhia. Saiu também um carro triunfal

Festa secular da Companhia no Paraguai

de enormes dimensões, carregado de imagens de santos e mártires, heróicos filhos de Loiola, que tinham obtido a sua coroa.

Com a fundação da Companhia dos jesuítas nenhuma razão tinha para folgar a Europa, mas no Brasil e no Paraguai pode perdoar-se-lhes a superstição, pelos nobres esforços que fizeram em prol dos oprimidos índios e pelo bem que praticaram. Nunca podiam pois estas tribos com demasiada gratidão e alegria festejar-lhe o centenário.

NOTAS DO CAPÍTULO XXIII

1. Para maior conhecimento do que foi a atuação dos jesuítas tanto no Paraguai como no Brasil, vide a *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do padre Serafim Leite; o *Comentario a las Constituciones de la Compañia de Jesus,* de José Maria Aicardo; *Historia de la Compañía de Jesus de la Provincia del Paraguay,* de Pedro Lozano; *Historia de la Compañía de Jesus en la Provincia del Paraguay,* de Pablo Pastells, e *História Geral das Bandeiras Paulistas*, de Afonso de E. Taunay, além da *Documentação de Angelis,* organizada por Jaime Cortesão. (L.A.)
2. É esta mais uma injustiça do autor para com a religião católica. (F.P.)
3. Tem razão Southey, que assim apara, curiosamente, o sentido da nota anterior do Cônego J. C. Fernandes Pinheiro. A documentação existente em papéis oficiais, as cartas de governadores, de capitães-generais, dizem bem desse "bem e o mal dos jesuítas", de que fala Southey. (L.A.)
4. Já por mais de uma vez advertimos ao leitor contra esse equívoco de Southey chamando os jesuítas de frades. (F.P.)
5. Azara (t. 2, c. 12) atribui a invenção deste sistema a Irala, que o imaginou como meio de alargar as conquistas espanholas sem despesas por parte do governo. Se de alguém se pode dizer que o inventou, é de Colombo, pois que no tempo dele principiou, e por ele autorizado. Antes que Irala entrasse no Paraguai já este sistema era seguido nas ilhas e continente espanhol, no México e no Peru. Também atribui Azara a Irala as modificações que limitaram o termo destas concessões a duas vidas, provendo à instrução e emancipação dos indígenas. De sorte que, diz ele, *"selon moi il était impossible de mieux combiner l'agrandissement des conquêtes et la civilisation et la liberté des diens, avec la récompense due aux particulires qui faisoient tout à leurs dépens.* Qualquer que seja porém o mérito que possa ter a teoria, cabe ele ao governo espanhol. Os conquistadores, talvez com a única exceção de Cortés, de nada curavam, senão de se enriquecerem.
6. Toda a história pode degenerar em lenda se a ela não preside o espírito filosófico. (F.P.)
7. Vila Rica foi fundada às margens do rio Ivaí. Com Ciudad Real constituíam os dois centros florescentes dos jesuítas em toda essa enorme região. (L.A.)
8. Refere-se Southey ao rio Paranapanema. (L.A.)
9. Azara (t. 2, pág. 225) diz que foi este o primeiro aldeamento, e que se fundou à força com o auxílio dos habitantes do Iaguarão, e de muitos destacamentos de soldados espanhóis; também afirma e procura provar que todas as reduções formadas duran-

te os primeiros vinte e cinco anos seguintes foram igualmente estabelecidos com coação. Não se suponha porém que ele faça disto matéria de acusação contra os jesuítas, pois que lhe parece terem estes feito bem empregando a força para fins bons e prudentes. Se as coisas assim se tivessem passado, também eu os não criminaria a eles, mas creio que Azara se engana. Certo que os jesuítas seguiram no Paraguai o sistema encetado por Nóbrega no Brasil, nem é menos certo que os meios de que serviram foram unicamente os da persuasão. Que o medo dos paulistas levasse muitos índios a buscar abrigo nas reduções, é mais provável.

10. O autor se engana. Pode-se duvidar da autenticidade de certos milagres, que não foram ainda propostos pela Igreja à crença dos fiéis, sem tender para o protestantismo. (F.P.)
11. Aliás Guaçu, adjetivo da língua tupi que significa grande. (F.P.)
12. O instituto das *encomiendas*, na lição do jesuíta e historiador P. Pablo Hernández, nasceu de uma situação existente no novo continente análoga em parte à que na Europa havia resultado o feudalismo. Assim, "la encomienda fué el traspaso a un particular del derecho que el rey tenía al tributo de uno ó varios indios, traspasandole también la obligación de cuidar del bien espiritual y temporal del indios. El particular á quien se hacia la merced se llamó encomendero". Vide *Organización Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesus,* de P. Pablo Hernández. (L.A.)
13. Semelhante juízo de um protestante sobre a abnegação dos jesuítas no princípio da sua gloriosa empresa lhes é sumamente honroso. (F.P.)
14. As observações de F. Charlevoix sobre esta lenda são tão características como a mesma história: *Le caractère de L'Homme Apostolique, dont je vieus d'abréger le récit; la réputation qu'il s'etoit faite en Espagne d'être un des plus savans hommes de son tems, les actions héroiques que nous lu errons dans la suite; la haute idée qu'il a laissée dans l'Amérique de sa sainteté; et la part qu'il a ene à l'établissement de la République Chrétienne, dont jai donné la description, ne permettent pas de révoquer en doute ce qu'il a publié dans un ouvraye imprimé sons ses yeux. D'ailleurs, ce qu'il a exécuté avec des travaux immenses, et un courage qu'aucun obstacle n'a jamais pu ébranler, pouvoit bien assurément engager le ciel à y coopérer par der merveilles sensibles. A quon ou peut ajuter que ce seroit peut-être faire trop d'honneur à la sagesse de ceux, dont Dieu a bien voulu se servir pour former dans centre de la barbarie, une Eglise si merveilleuse, que de croire que le ciel ne l'a point quelquefois secondée par des traites sensibles de sa toute puissance et quiconque examinera les chosses sans prévention, conviendra que toute la prudence humaine n'a pu, sans les secours des miracles, porter un si bel établissement a une si gran perfection. Aussi s'en est-il fait plus d'un et assez faire comprendre à ceux qui n'etoienta que les instruments du souverain Maitre des coeurs, qu'en vain ils auroient travaillé á ce bel édifice, s'il n'en avoit été le principal ouvier, et que tout ce qu'il peuvent apporter de soins et de vigilance pour le conserver dans l'état ou nous le poions, seroit inutile, s'il ne veilloit lui-même à sa conservation.* L. 6, pág. 292.
15. Southey escreve sistematicamente Paranapané. (L.A.)
16. O Tebiquari, diz Charlevoix, mas o seu tradutor latino corrige o erro. O Tibequari formava a linha divisória entre as reduçãoes e os espanhóis do Paraguai.
17. Luis Céspedes Xeria, primeiro governador do Paraguai nomeado para o cargo por Filipe IV. Foi ele casado com D. Vitória de Sá do Rio de Janeiro, a primeira mulher branca, aliás, ao que parece, que fez a viagem para Assunção através do rio Tietê, em 1628. Levou-a nessa viagem o bandeirante André Fernandes. De Céspedes Xe-

ria é o mapa mais antigo que se conhecia sobre o curso do rio Tietê, cujo leito foi por ele percorrido em toda sua extensão, em direção a Assunção, em 1628 (L.A.)

18. Techo, Charlevoix e Dobrizhoffer dizem que o sol escava a raiz até fazer cair a árvore, operação impossível. O tradutor latino de Charlevoix diz *non eradicat, sed grex totus truncum corrodere certat.* Pouco mais provável é isto.
19. No Brasil chamam esta ave ferreiro, por se parecer a sua voz exatamente com o som do martelo a dar na bigorna.
20. A macabiba do Brasil.
21. Antes chamado Rio Grande e Anhambi pelos portugueses.
22. Do único caminho, que da costa ali levava, ainda em 1797 se dizia que era talvez o pior do mundo. Desde então tem melhorado muito.
23. Refere-se Southey a Aleixo Garcia, grande palmilhador dos sertões do sul brasileiro, em busca de ouro e de índios. Alguns historiadores acreditam mesmo que ele, partindo das costas de Santa Catarina, tenha entrado em contato com a Bolívia e o Peru. (L.A.)
24. Fr. Gaspar da Madre de Deus (§ 165) cita Vaissette (*Hist. géograph. ecclésiast. et civile,* t. 12, p. 215, édition de 1755) em apoio de ser o Paraguai o limite ocidental da capitania de S. Vicente, concluindo daqui que devia aquele autor concordar que todas as terras entre a costa e o indicado rio pertenciam de direito à coroa de Portugal como pretendiam os paulistas, e não à de Castela. Suspeito muito que Vaissette se referisse à província e não ao rio, e que muito bem lhe entendessem o sentido.
25. Trata-se de Antônio Raposo Tavares, cuja expedição era integrada, conforme os melhores autores, de mil paulistas e dois mil índios. Entre outros bandeirantes, participou dessa marcha também Simão Álvares. (L.A)
26. Foram mais de três as reduções destruídas posteriormente: San Miguel Jesús María, San Pablo, San Francisco Xavier e outras mais existentes nos vales do rio Paraná. (L.A.)
27. Realmente, os padres Justo Mansilla e Maceta, que tanto mal falariam depois dos paulistas, vieram acompanhando de perto a trágica marcha dos escravos. Socorriam os moribundos e enterravam os mortos que caíam pelo caminho. E chegaram a São Paulo e ao Rio de Janeiro, a fim de pedir justiça e reclamar contra os abusos de Antônio Raposo Tavares. (L.A.)
28. Na tradução de Techo se diz que foram *queimar os templos e os autores da maldade*. Desconfio que o original não diz semelhante coisa. A moda dos autos-de-fé, por mais que fosse do gosto dos jesuítas na Europa, nunca se introduziu no Paraguai.
29. Temos presente um interessantíssimo manuscrito do serm. J. P. Gay, vigário de S. Baja em Missões, intitulado *História da República Jesuítica do Paraguai*, no qual assina-se a esta catarata, mais conhecida pelo nome de *Salto de Guaíra*, 2.100 braças em sua maior largura que se reduzem instantaneamente a 30 braças; e precipitando-se de uma altura de 80 palmos continua o rio Paraná por espaço de 33 léguas seus saltos lançando-se de precipício em precipício. (F.P.)
30. Charlevoix, que orça em 100.000 a população das reduções em Guaíra, diz que não ficaram 12.000. Parece porém exagerado o cálculo, pois que dos dois maiores aldeamentos compunha-se um de 900 e o outro de 800 famílias. É pois mais provável o número que Techo, autoridade mais antiga, dá do remanescente destes índios.

31. Charlevoix (t. p. 431) diz que o provincial dirigiu por esta ocasião um memorial ao Conselho das Índias, confiando-o a uma pessoa fiel (como ele supunha) que ia para Portugal. Alguém persuadiu ou obrigou este indivíduo a atirar o maço ao mar, achando-se o navio a umas duzentas léguas de Lisboa, mas pouco depois da entrada deste no Tejo, chegou também o memorial, e lançado à praia foi achado e mandado ao rei de Espanha. Um maço de papéis é cousa tão pouco própria para nadar, que muito receio não deva esta história ser contada com mais razão entre as fábulas dos jesuítas, do que entre os fatos que podem contribuir para a formação de um mapa das correntes marítimas.
32. O *Paraná* (que em tupi significa *mar*) toma este nome na confluência do Paraíba, que vem do centro da província de Goiás e do rio Grande que sai do interior de Minas Gerais nascendo na serra da Mantiqueira. Serve de limites às províncias de Minas, Goiás, S. Paulo e Paraná; dividindo outrossim o Brasil do Estado oriental, e da Confederação Argentina. Recebe então o Paraguai e o Uruguai, adquirindo o nome de rio da Prata. (F.P.)
33. Há aqui um singular equívoco de Southey que cumpre retificar. É inexato que o rio Uruguai nasça na província de S. Catarina perto da ilha deste nome. Os mais acreditados geógrafos do Brasil marcam a sua derivação na serra geral (província de S. Pedro do Sul), correndo por dilatado espaço com o nome de Pelotas, e tomando nos Campos da Vacaria o nome pelo qual é mais conhecido, serve de limites ao império do Brasil e à República Oriental (F.P.)
34. Há visível exageração neste cálculo: porquanto em quinze mil orçava o número dos indígenas trazidos em cativeiro de Guaíra uma autoridade de grande peso citada pelo visconde de S. Leopoldo em seus *Anais da Província de S. Pedro do Sul.* (F.P.)
35. Charlevoix erra quando diz que Díaz Taño partiu do Rio de Janeiro em conseqüência da revolução de Portugal. As próprias datas, que ele indica, o contradizem: Díaz Taño fez-se de vela em princípios de novembro, e a revolução rebentou no 1º do mês seguinte. Parece ele ter mal compreendido Techo, nesta parte da história seu único guia.
36. Segundo Fr. Gaspar da Madre de Deus é esta a origem da tantas vezes repetida fábula da república de mamelucos de S. Paulo, que contudo mais parece ter nascido da fama do caráter e insubordinação dos antigos paulistas. O mesmo Fr. Gaspar, o primeiro que publicou este interessante episódio da História brasileira, o desfigurou com supor alguns espanhóis os primeiros motores da trama por motivos da mais recôndita política, querendo desunir S. Paulo das províncias portuguesas no Brasil, na esperança de em breve o incorporarem nas possessões espanholas do Paraguai e do Prata. Com igual absurdidade fazem os *Anais do Rio de Janeiro* figurar neste negócio os jesuítas, como buscando recuperar assim a perdida influência. Num caso foi o espírito nacional, no outro o ódio de partido, que supriu o lugar da autoridade, infundadas e gratuitas ambas as asserções.*

* Discordando da opinião de Southey, exagerada nesta nota, inclinamo-nos para a de Fr. Gaspar, que de posse de valorosos documentos e inspirando-se em verídicas tradições escreveu suas *Memórias*. (F.P.)

37. Condenando com o autor o iníquo comércio de escravos não achamos razão para tão severo mostrar-se para com os paulistas por um ato tolerado ainda modernamente, e até defendido por notáveis publicistas. (F.P.)

. . . .

Capítulo XXIV

SISTEMA DOS JUSUÍTAS NO PARAGUAI – ESTADO DAS REDUÇÕES – TRABALHOS DOS MISSIONÁRIOS – ESTADO DAS TRIBOS ENTRE AS QUAIS TRABALHAVAM

AMADURECERA agora completamente o sistema dos jesuítas, que tem sido objeto tanto de panegíricos como de calúnias. Difícil não será separar da verdade a falsidade; representando esta extraordinária república, sem que por um lado nos induza em erro a superstição nem pelo outro nos desvairem ódios facciosos e interessados.

1642

Fins dos jesuítas

Com a experiência de seus irmãos no Brasil aproveitaram os criadores desta república: sabiam o que haviam feito Nóbrega e os seus sucessores, e quão tristemente se perdera o fruto de seus trabalhos, pelo que representaram à corte de Madri que baldado seria seguir no Paraguai a mesma carreira. Ainda quando a tirania dos europeus não consumisse os que pudesse escravizar afugentasse para os matagais os outros, bastaria o exemplo de seus hábitos de vida para contrabalançar todas as lições de religião e moralidade que os mais zelosos mestres pudessem dar aos índios. Aqui havia inumeráveis tribos entregues aos vícios, inclinadas às superstições, e sujeitas às acumuladas misérias da vida selvagem; sofrendo injustiças dos espanhóis e buscando em retribuição a vin-

gança; não reconhecendo rei nem Deus, adorando o Diabo neste mundo e votadas a ele eternamente no outro. Estes povos empreenderam os jesuítas reduzi-los sem outra arma além de Evangelho, contanto que os deixassem seguir seus planos sem ingerência de outro qualquer poder, e contanto que os espanhóis, sobre cujo comportamento nenhuma alçada podiam ter, se proibisse meterem-se entre eles. A estas condições anuiu o governo espanhol, cujo interesse real pela salvação dos índios do seu vasto império, posto que errôneo na direção que tomava, cumpre recordar não menos que as atrocidades da primeira conquista, e assim puderam os jesuítas fundar estabelecimentos segundo suas próprias idéias duma república perfeita, e moldar o espírito até formar uma comunidade de homens segundo o seu próprio coração. Horrorizando-os igualmente o estado de selvagem e os vícios de que por toda a parte viam infeccionada a vida civilizada, procuraram arrancar a uns os índios e preservá-los juntamente dos outros, trazendo-os a essa situação média em que poderiam gozar do maior quinhão de comodidades pessoais, ficando expostos ao menor número de perigos espirituais. Neste intuito, como se entendessem no sentido literal as palavras de Cristo, buscavam conservar os seus conversos sempre como crianças e em estado de pupilos. Não queriam adiantá-los na civilização, mas amansá-los, tornando-os o mais dóceis que fosse possível. Assim se envolviam em contínuas contradições, de que os seus inimigos se não descuidavam de tirar vantagem; porquanto por um lado argumentavam com irresistível verdade contra os traficantes de escravos que aos índios deviam olhar-se como entes humanos, racionais e imortais e por outro justificavam-se de tratá-los como criaturas incapazes de a si mesmo se governarem, procurando estabelecer que embora fossem eles entes humanos, dotados de razão e discernimento, e almas que podiam salvar-se ou perder-se, eram contudo de espécie inferior. Não aventuravam assim abertamente uma proposição que bem poderia ser tachada de herética, mas do seu proceder e dos seus argumentos era esta a conclusão necessária.

Procuram fundar uma perfeita república cristã

Sobre estas idéias formaram uma utopia própria. O primeiro cuidado era desviar da sua grei todas as tentações não inerentes à natureza humana, e estabelecendo quanto se podia uma comunhão de bens, excluíam grande parte dos vícios e misérias que azedam a vida civilizada. Neste ponto tinham eles por

si a autoridade dos sábios e dos legisladores, e se à mitologia do papismo pudessem achar nas Escrituras santas tão bom fundamento como a esta parte das suas instituições, não fora a Bíblia livro proibido onde quer que prevaleceu a influência jesuítica.[1] Nenhuma dificuldade havia em principiar por este sistema num país vasto e raro povoado; homens acostumados à ilimitada liberdade da vida selvagem mais prontamente perceberiam as óbvias vantagens dele, do que as complicadas relações da propriedade e os benefícios dessa desigualdade social, cujos males são tão manifestos como numerosos. A cada chefe de família se assinava um lote de terras suficiente para seu uso, nas quais cultivava milho, mandubi, uma espécie de batata, algodão e o mais que lhe convinha. Deste prazo, que se chamava *Abamba,* ou propriedade particular, era ele senhor, enquanto podia cultivá-lo, mas logo que de velho se tornava incapaz de trabalhar, ou em caso de morte, passava o terreno para outro ocupante.[2] Bois para a lavra eram emprestados dos bens comuns. Dois lotes maiores, chamados *Tupamba,* ou possessão de Deus, eram cultivados para a comunidade, plantando-se numa porção cereais e legumes e em outra algodão. Aqui contribuíam os moradores todos com seu quinhão de trabalho em épocas fixas, depositando-se os produtos no celeiro comum para alimentar e vestir os inválidos e doentes, as viúvas, os órfãos e as crianças de ambos os sexos. O que deste depósito era mister para a Igreja ou para o serviço público, saía comprado, fornecendo-se sementes aos *índios,* quando eles, como repetidas vezes sucedia, não tinham tido a previdência de guardá-las da última colheita, mas da seguinte haviam de pagar a mesma medida que tivessem recebido. Também deste depósito se tirava o tributo público, que só começou no ano de 1649 quando Filipe IV, honrando-os ao mesmo tempo com o título de seus mui leais vassalos, e confirmando-lhes a isenção de todos os mais serviços, lançou uma finta anual de um *peso e oito reales* sobre todos os varões de 22 a 50 anos de idade, sendo de cinco *pesos* a de todos os demais índios mansos. Havia além disto uma contribuição de cem *pesos* como comutação dos dízimos; mas deste dinheiro pouco entrava no tesouro real, porquanto abonando os reis da Espanha um ordenado de seiscentos *pesos* aos dois missionários, e fornecendo vinho para as missas e azeite para as lâmpadas, que ardiam dia e noite diante do altar-mor (artigos ambos extremamente caros, vindo o segundo

Tributo público

Muratori 137-53. Peramas, *De Administratione Guaranica,* **§ 45-50 Charlevoix, 224**

da Europa e o primeiro ou dali também ou do Chile), tornava-se mui insignificante o saldo de qualquer dos lados, quando no fim do ano se ajustavam contas.

Governo municipal

Na aparência era o regime municipal de cada redução o mesmo que o de todas as vilas espanholas. Havia um corregedor[3], dois alcaides, um alcaide da irmandade, cuja jurisdição se referia aos negócios rurais, quatro regedores[4], um alguazil-mor[5], um procurador e um secretário.[6] Eram estes funcionários anualmente eleitos pela comunidade, mas se o reitor não aprovava a escolha, recomendava outras pessoas, de modo que estava nele de fato o poder de nomear. Depois eram confirmados pelo governador, confirmação que, como a eleição, não passava de mera formalidade. Os funcionários em si eram de uso essencial, mas pouco mais que nominal a sua autoridade, sendo o sistema de governo uma hierocracia absoluta. Havia em cada redução dois jesuítas, um cura ou reitor, que pelo conhecimento que tinha do caráter dos índios, sua experimentada habilidade, e pelo versado que era no idioma, estava perfeitamente qualificado para governá-los; e um padre mais moço, ou recentemente chegado da Europa, ou desde pouco saído dos estudos de Córdova, que servia de coadjutor do cura enquanto aprendia a língua, e se habilitava para os trabalhos duma missão, e para servir a Companhia em mais elevado posto. Um destes devia achar-se sempre na redução enquanto o outro andava visitando os doentes pelo território anexo e atendendo aos que em distância se entregavam a alguma ocupação. Não fazia o superior da missão senão visitar as reduções pertencentes à sua jurisdição, e também o provincial as inspecionava de tempos a tempos. Havia em cada uma duas confrarias, uma de S. Miguel Arcanjo, a que admitiam homens de doze a trinta anos, e outra da Mãe de Deus, para a qual só entravam pessoas da maior piedade, que se votavam ao serviço da Rainha dos anjos, lavrando-se da profissão um documento assinado pelo novo irmão e referendado pelo reitor, diploma que era tido em tanta veneração, que no saco das suas relíquias o guardava o índio. Havia também certos índios nomeados para velarem pela saúde pública, e tratar dos doentes, mas sempre debaixo da direção do jesuíta. Parece que eram educados para esse ofício, pois que nunca o

Hierocracia

1642

missionário visitava um doente que o não acompanhassem pelo menos dois rapazes. Os deveres destes homens consistiam em percorrer todas as manhãs a redução, cada um dentro do seu distrito se alguma moléstia se manifestara, bem como haviam duas vezes ao dia de dar ao reitor conta do estado dos doentes, para que sempre se pudesse administrar com tempo o sacramento. Comparavam-se estes funcionários com os *parabolani* da Igreja primitiva, em imitação dos quais foram porventura instituídos. A insígnia do seu ofício era uma vara com uma cruz no topo, donde tiravam o nome de *curuzuiu*, cruciferários. Cultivavam os missionários todas as ervas medicinais cujas propriedades conheciam, e não só as indígenas, mas também dentre as européias todas as que podiam suportar o clima.[7]

Plantas das aldeias

1642

Como no sistema dos jesuítas nada resultava de circunstâncias fortuitas, tinha tudo sido antecipadamente concebido e regulado, também os aldeamentos eram edificados todos pelo mesmo risco. Tomavam as casas três lados dum quadrado grande. Ao princípio não passavam de ranchos de estacas fincadas no chão e entretecidas com canas seguras, por vimes, coberto depois tudo com uma massa de lama, palha e fezes de boi. Com tabuinhas duma árvore chamada *carandaí* se faziam os melhores telhados, e de barro e sangue de bezerro se preparava uma argamassa à prova de água. Ao passo que mais permanentes se iam tornando as reduções, melhoravam o sistema de edificação, construindo-se mais sólidas as casas cobertas de tijolo. Contudo pessoas acostumadas aos cômodos da vida haviam de tê-las por miseráveis habitações. Compostas como eram dum único quarto de cerca de vinte e quatro pés quadrados, servindo a porta tanto para deixar entrar a luz como para dar saída ao fumo.[8] Amplos pórticos formando passeios cobertos, defendiam do sol e da chuva as casas. Edificavam-se estas em linhas de seis ou sete cada uma, a distâncias regulares, duas de cada um dos três lados da praça, e tantas linhas paralelas quantas a população do lugar tornava necessárias. A maior das reduções guaranis contava oito mil moradores, e mil duzentos e cinqüenta a menor, sendo de cerca de três mil o meio-termo. Do quarto lado da praça ficava a igreja, com a casa dos jesuítas à direita, e as oficinas públicas, fechada cada uma dentro do seu quadrado, e à esquerda um cemitério murado. Por detrás desta linha via-se um vasto quintal, e à

esquerda do cemitério, porém separada dele, a casa das viúvas edificada em quadrilátero. Amigos e inimigos dos jesuítas concordam em descrever-lhes as igrejas como as mais esplêndidas naquela parte do mundo. A altura mal correspondia ao tamanho, sendo cada pilar feito de uma única peça de madeira, o tronco de uma árvore, mas sendo de um só andar as casas, erguia-se majestoso o templo acima do resto da aldeia. Costumava ele ser de três naves, mas também os havia de cinco, tendo todos numerosas janelas, que eram de absoluta necessidade, porquanto posto que estivesse a igreja sempre ornada de flores, e borrifada de água de rosas e flor de laranjeira nos dias de festa, nem estes perfumes nem o incenso podiam vencer o fétido duma congregação imunda.[9] O vidro mal foi conhecido no Paraguai antes de meados do século décimo oitavo, e em seu lugar servia o papel, o linho ou o talco de Tucumán, mas por ser caro era este raro. Quando se principiou a introduzir o vidro, foi geralmente empregado nas reduções para as igrejas e casas dos jesuítas, mas as janelas viradas ao sul eram de alabastro, trazido do Peru a grande custo, e apesar de não transparente um pouco acessível à claridade. Aos tremendos furacões do sul não haveria vidro que resistisse. Ovos de ema[10] ou avestruz americana, serviam às vezes de pias de água benta, ou colocavam-se em cima do altar para adorno. Os altares, de ordinário cinco em número, assinalavam-se pelo tamanho e esplendor, sendo a única ambição dos índios competir uns com outros em ornar suas igrejas, que por conseguinte brilhavam pela riqueza de pinturas, esculturas, dourados e imagens. O papa Gregório, o grande, chamava estes ídolos os livros dos pobres, e o clero católico logrou substituí-los à Bíblia. Gabavam-se os jesuítas do esplendor dos seus paramentos e da riqueza da sua baixela de igreja. A cada canto da praça se erguia uma cruz, e no meio uma coluna sotoposta a uma imagem da Virgem, a *magna mater* desta idolatria.[11]

Havia no meio do cemitério uma capelinha com sua cruz por cima da entrada. A área dividia-se em quatro partes, para adultos e crianças de ambos os sexos, separados estes tanto na vida como na morte. Um sentimento mais natural teria posto lado a lado os membros da mesma família; exceto neste ponto, era o cemitério o que deve ser um prado de repouso cristão, jardim sagrado de morte. Subdividiam-se os quarteirões em canteiro de dez a doze túmulos cada um, orlados dos mais belos arbustos e flores, que as mulheres, que ali iam orar pelos seus

finados conservavam limpos de todas as ervas. Os passeios mais largos estavam bordados alternadamente com palmeiras e laranjeiras. Um claustro cercava o todo para abrigo dos que concorriam a um funeral, quando abrigo era preciso.

Funerais

Não consta que os mortos fossem metidos em caixões. Envolvia-se o cadáver numa mortalha de algodão, vestidas e adornadas para o funeral à moda católica, e acompanhadas ao túmulo com demonstrações de alegria, repicando os sinos como para uma festa, por acreditar-se que não tinham elas de passar pelo Purgatório, entrando imediatamente no gozo da bem-aventurança. Ao dar-se o corpo à terra erguiam as mulheres um alarido, que chamado *guaiu,* era provavelmente um dos costumes selvagens cuja continuação se tolerava; nos intervalos deste berreiro, carpiam elas os mortos, recitando-lhes os louvores, e proclamando as honras que haviam merecido, ou que lhes estavam reservadas se a morte lhes não atalhasse a carreira. As pessoas que particularmente se haviam assinalado pelos seus serviços públicos, enterravam-se na igreja, e esta presavam-na os índios sobre todas as honras.

Edificadas e reparadas pela comunidade, eram as casas assinadas pelos magistrados conforme as instruções do reitor, recebendo cada casal a sua por ocasião do matrimônio. Por mais alto que prezem os católicos romanos o estado celibatário, não se julgava prudente recomendá-lo aqui, antes os jesuítas, inclinando-se ao extremo oposto, queriam que os varões casassem aos dezessete anos e as raparigas aos quinze. Pareciam-lhes melhores estes prematuros enlaces do que o perigo da incontinência, e de fato eram eles aqui menos prejudiciais do que em qualquer outro estado de sociedade, pois que debaixo da tutela em que era tido, achava-se o índio pouco mais adiantado em inteligência aos setenta do que aos dezessete, e a respeito da futura subsistência não havia nem cuidados nem ansiedade, nada de lutas entre a paixão e a prudência. Uma rede, alguns vasos poucos (os maiores de barro, os mais pequenos de cabaças), uma caixa ou duas, e uns poucos de bancos ou cadeiras, compunham todas as alfaias de uma família e eram todos os seus bens temporais. Costumavam-se casar ao mesmo tempo diferentes pares e geralmente em dias de festa, desejando os jesuítas dar à cerimônia o maior esplendor possível para impressionar a parte não convertida dos espectadores. É costume na Igreja romana dar o sacerdote umas poucas moe-

Casamentos

das de prata ao noivo, que as passa à desposada em sinal de dote, mas nas *reduções* eram o dinheiro e o anel de casamento também propriedade da Igreja, servindo só para estas ocasiões, pela escassez que havia de metais. Para as bodas fornecia-se do depósito público mais alguma coisa.[12]

Disciplina

No correr de toda a sua vida do berço à cova jamais sabia o índio o que era pensar no dia de amanhã: na obediência se cifravam todos os deveres. Não tarda a mais restrita disciplina a tornar-se tolerável, contanto que seja certa e imutável e a dos jesuítas estendia-se a tudo, sem ser nem caprichosa nem opressora. Olhavam-se as crianças como pertencentes à comunidade; viviam com os pais para que não se cortasse o fio das afeições naturais, mas a sua educação era um encargo público. De manhã cedo as chamava o sino à igreja, onde depois de terem orado e dado o catecismo, ouviam missa: depois almoçavam os rapazes em casa do reitor à custa do celeiro público, sendo em seguida entregues a um mais velho, que aos outros servia de superintendente e censor de suas ocupações diárias. Desde a mais tenra idade se separavam os sexos, nem sequer entrando na igreja pela mesma porta. Jamais mulher ou rapariga punha os pés na casa dos jesuítas. A tarefa das raparigas era apanhar algodão e dos campos enxotar os pássaros. Em arrancar ervas, conservar em bom estado os caminhos e outros serviços proporcionados às suas forças, se ocupavam os rapazes. Saíam para o trabalho com tangeres de flautas e em procissão, levando uma imagenzinha de S. Isidro, padroeiro de Madri, santo de muita devoção no século décimo sétimo. Colocava-se o ídolo numa posição conspícua enquanto trabalhavam os rapazes, e concluída a tarefa da manhã era reconduzido com a mesma cerimônia. Depois do meio-dia eram as crianças outra vez chamadas à igreja, onde rezavam o Rosário, e jantando da mesma forma que haviam almoçado, voltavam para suas casas a ajudar as mães ou brincar o resto do dia.

Educação das crianças

Coristas

Os rapazes, que pelo modo repetiam as orações da manhã e da tarde, prometiam uma boa voz,[13] aprendiam a ler e escrever,[14] tocar e cantar, e deles se faziam coristas, dos quais costumavam haver uns trinta em cada redução, sendo esta uma honra que os pais muito ambicionavam para seus filhos.

Além destes coristas só aprendiam a ler e escrever os rapazes destinados para os futuros funcionários públicos serventes da Igreja, ou praticantes de medicina, sendo de preferência escolhidos dentre as famílias dos caciques[15] e principais do aldeamento, que no meio desta perfeita igualdade de bens, eram desiguais as categorias das pessoas. O cacique conservava o seu título, e uma tal ou qual aparência de distinção, sobre ser isento de tributo. Uma das argüições contra os jesuítas era manterem eles deliberadamente os seus índios na ignorância da língua espanhola. Como tantas outras contra eles era esta acusação tão absurda como infundada. Em todos os seus estabelecimentos espanhóis do Paraguai é o guarani a língua que as crianças aprendem de suas mães e amas, e a de que quase exclusivamente se usa, em conseqüência de grande mescla de sangue indígena, e do número de índios escravos ou criados. Na mesma cidade da Assunção se entendiam melhor os sermões em guarani do que o espanhol, havendo muitas mulheres de nome e origem castelhanos que não compreendiam o idioma de seus pais. Num país, onde todos os espanhóis falavam guarani, não era comum não deixar os índios aprender o espanhol que se havia de promover a imputada política de conservá-los povo distinto. Era absolutamente desnecessário que esta última língua fizesse parte da educação. Mandavam as leis ensiná-la aos índios que quisessem aprendê-la, e efetivamente em toda a redução alguns havia que liam o espanhol e o latim como a sua própria língua. Não eram porém muito vastos os conhecimentos permitidos, que não se deixava crescer a árvore da ciência num paraíso de jesuítas.[16]

Música

Não menos cuidados se davam a divertir do que a ocupar o povo, e para aquele efeito oferecia excelentes meios uma religião de tão aparatoso culto externo. Bem depressa se reconheceu nos índios notável aptidão para a música. Tratou-se de cultivar para o serviço da Igreja este talento, que a habilidade e assiduidade de Fr. Juan Vaz soube levar a grande perfeição. Na sua mocidade fora este padre, dizem, de Carlos V; tendo porém renunciado a todos os seus bens e entrado para a Companhia, aplicava agora desta forma os tesouros da sua primeira arte, morrendo na redução do Loreto das fadigas a que na extrema velhice se sujeitou, assistindo aos neófitos por ocasião de uma peste. Direis, escreve Peramas, que nascem todos índios como aves já com o instinto do canto. Possuindo também como os chins uma admi-

rável queda para imitar quanto se lhes mostrava, faziam toda a casta de instrumentos musicais: entre eles se encontrava o alaúde, a guitarra, a harpa, a rabeca, o violoncelo, a sacabuxa, a comete, o oboé, a espineta, e o órgão, excitando os coros do serviço divino a admiração e o pasmo de quanto europeu visitava as reduções.[17]

Danças

Nas danças ordinárias viam os jesuítas tantos perigos como os antigos albigenses ou os mais modernos quakers, acreditando talvez como eles que os passos duma dança promíscua eram dados para o Inferno. Mas sabiam também qual era propensão dos índios para este divertimento e por isso em todas as festas religiosas o faziam entrar. Rapazes e mancebos eram os figurantes, assistindo os homens e as mulheres em lugares separados como meros espectadores: era a praça grande o teatro, presidindo a solenidade o reitor e o coadjutor sentados à porta da igreja. Eram danças dramáticas figuradas para as quais oferecia a mitologia católica assuntos em abundância. Às vezes eram em honra da Virgem, cujas bandeiras e estandartes saíam então a terreiro. Cada dançarino trazia no escudo uma letra do nome da santa, e nas evoluções do exercício juntavam-se todos mostrando-as pela devida ordem; de espaço a espaço paravam diante da imagem curvando-se até ao chão.[18] Às vezes representava-se uma batalha entre mouros e cristãos, em que os infiéis eram sempre convenientemente derrotados. Os três reis do Oriente formavam o assunto doutro espetáculo favorito, a natividade o de outro, mas o que mais talvez deleitava era o combate entre S. Miguel e o dragão com todos os seus diabinhos. Representavam-se às vezes estas histórias na forma de autos ou dramas sacros (como os antigos mistérios), em que se não admitiam atrizes, sendo os vestidos de propriedade pública, e como tal guardados pelo reitor. Os jesuítas, que na sua admiravelmente constituída sociedade incorporavam homens de todas as qualidades, tiveram uma ocasião no Paraguai um famoso mestre de dança por nome José Cardiel que, quer houvesse outrora praticado a arte como professor, quer como curioso, tanto gosto tinha por ela, que ensinou aos índios nada menos de setenta danças diferentes, todas da mais rigorosa decência, segundo afirmam. Também por vezes se combinavam as duas artes da dança e da música, como na antiga Grécia, dançando os executores ao som de diferentes instrumentos por eles mesmos tocados.

Dramas sacros

Festas

Era grande a festa em cada redução no dia do respectivo santo tutelar, representando então dramas religiosos os rapazes: convidavam-se moradores das reduções mais vizinhas e graças a estas visitas entretinham-se relações alegres e amigáveis. Mas aqui, como na maior parte dos países católicos, o espetáculo mais esplêndido era o que na descarnada monstruosidade da superstição romana se chama procissão do *corpo de Deus.*[19]

Neste dia ornavam-se as casas com os mais belos produtos do tear guarani entretecidos de ricas obras de penas, grinaldas e festões de flores. Toda a linha que a procissão percorria se cobria de esteiras, juncado o chão de flores e ervas aromáticas. Erguiam-se arcos de ramos entrançados de flores, e a eles se prendiam aves por fios assaz compridos para deixá-las esvoaçar de ramo em ramo, ostentando uma plumagem mais brilhante do que as mais ricas produções do reino vegetal. Ao lado do caminho se amarravam bestas feras, e de espaço a espaço se dispunham vasos com água, em que nadavam os melhores peixes, para que todas as criaturas por meio de seus representantes rendessem homenagem ao Criador presente. A caça morta para a festa fazia parte do espetáculo. Apresentava-se para ser benzida a semente reservada para a próxima semeadura, e como oferenda as primícias da última colheita. Na frente, debaixo dum pálio levado pelo cacique e principais magistrados da aldeia, ia essa massa de farinha e água, objeto da idolatria romana, seguindo-se os habitantes varões em trajos militares cavalaria e infantaria com seus pendões e bandeiras. No topo de cada rua havia um altar, diante do qual parava o sacramento enquanto se cantava um *moteto,* ou antífona, fazendo o roncar das feras estranha harmonia com estas estrofes e com o cantochão dos coristas. Partes dos manjares expostos mandava-se aos doentes; com o resto jantavam os homens em público, enviando-se às mulheres o seu quinhão a casa. Depois de um sermão um dos principais repetia aos homens na praça ou no pátio diante da casa dos jesuítas, um sumário do discurso[20], enquanto um velho fazia o mesmo para edificação das mulheres. E tão mestres fazia a prática estes recapituladores que o sumário era muitas vezes uma repetição verbal.

Divertimentos

Nos dias de festa divertiam-se os homens depois dos ofícios da tarde, com batalhas simuladas, a atirar ao alvo com setas, ou jogar com uma bola de goma elástica, que impeliam com o

peito do pé. Nos dias de serviço, se dos trabalhos públicos ou particulares lhes sobrava tempo, iam caçar. Alguns empregavam-se em guardar o gado e pensar os cavalos da comunidade. Não faltava que fazer às mulheres: tinham de prover de água e lenha a casa, e ajudar os maridos no amanho do terreno particular. Também eram oleiras e cada mãe de família recebia semanalmente uma porção de algodão em rama para fiar.[21] Tanto nas artes úteis como nas de adorno se haviam feito consideráveis progressos. Além de carpinteiros, pedreiros e ferreiros havia torneiros escultores, pintores e douradores. Fundiam-se sinos e fabricavam-se órgãos. Nestas artes serviam de mestres os irmãos leigos, entre os quais se encontravam artistas de todo o gênero. O metal vinha de Buenos Aires por preços enormes, tendo ali sido importado da Europa.

Ocupações das mulheres

Da mecânica sabiam os índios quanto bastava para construir moinhos tocados pelos cavalos, e da hidráulica o preciso para elevar a água para irrigação dos campos, abastecimento dos poços e cisternas públicas para lavanderia. Por mais delicado que fosse o mecanismo, sabia um guarani imitar o que lhe punham diante dos olhos. Havia em cada redução diferentes tecelões, que trabalhavam para o acervo público, empregando-se um certo número deles também no serviço dos particulares. Lavavam as mulheres o seu algodão fiado e recebiam em troca igual peso de pano depois de passado pelo tear, sendo os tecelões pagos pelo tesouro. Era este algodão produto da cultura particular, e desta forma se oferecia algum incentivo à vaidade e aos esforços voluntários, porquanto, fornecendo-se a todos anualmente uma certa porção de roupa, era mero luxo a que cada um para si arranjava. No estado selvagem andavam algumas destas tribos inteiramente nuas, e as outras quase, mas o amor dos vestidos tornou-se entre elas paixão universal, mas adquiriram os primeiros rudimentos da civilização. "*Dai-lhe alguma coisa bonita,* diz Dobrizhoffer, e... *in coelum jusseris ibunt.*" Era pois este um dos meios pelos quais os jesuítas seduziam os índios para o Céu.

Vestidura

Meio espanhol e meio indiano era o trajar dos homens, composto de camisa, gibão, calças e o poncho, entre eles chamado *aobaci,* espécie de capa que os espanhóis nestes países adotaram geralmente das tribos do sul. De todas as modas de vestir é a mais rude, mas está longe de ser a menos cômoda[22]; consiste num pe-

daço de pano comprido com uma abertura no meio por onde passa a cabeça; caem então as duas metades uma para diante, outra para trás, com conveniente altura, e lados; apanhados os lados, ficam os braços desimpedidos. Nas reduções faziam-se de algodão estes ponchos, trazendo-os o povo duma só cor, mas os dos funcionários eram tecidos de listas azuis e vermelhas. Quando apareciam na igreja ou em outras ocasiões públicas, vinham as mulheres cobertas da cabeça até aos pés com uma capa de algodão, que só o rosto e a garganta lhes deixava visíveis. A vestidura doméstica e ordinária era mais leve e apropriada ao serviço.[23] O cabelo apanhava-se numa rede à moda das espanholas e portuguesas, mas quando a dona saía, levava-o solto. Cabeça, pés e pernas andavam descobertas, confessando Peramas que uma alteração nesta última parte teria sido mui conveniente, para as guardar das cobras. Usavam-se brincos de bronze nas orelhas, e também colares e pulseiras de contas de cor se traziam, sendo estas coisas de uso tão universal entre as mulheres em todas as gradações da sociedade, desde o ponto ínfimo até ao grau mais elevado de civilização, até hoje atingido, que o amor das frandulagens parece inato no sexo frágil. Nos dias de gala vestiam-se os magistrados inteiramente à espanhola, como chapéu, sapatos e meias; mas este luxo não lhes pertencia de propriedade, forneciam-se-lhes. Os acólitos do celebrante também traziam sapatos e meias enquanto durava o ofício divino, mas concluído este andavam descalços como o resto dos seus conterrâneos.

Administração da justiça

Todas as manhãs depois da missa ia o corregedor expor ao reitor os trabalhos públicos que havia a fazer naquele dia, informando-o conjuntamente do que desde a véspera tinha ocorrido repreensível. Numa comunidade como esta pouca matéria de litígio podia haver: se alguma disputa se suscitava que os amigos das partes não podiam acomodar, era levada perante o reitor, que ouvidos os contendores, pronunciava final sentença. Os castigos em matéria criminal eram açoites e prisão[24], sendo o preso todos os dias conduzido em ferros à missa. Se o crime era tal que em outra parte seria punido de morte, ficava o delinqüente retido um ano em estreito cárcere, parcamente sustentado, e freqüentemente açoitado, sendo no fim do ano banido da redução e expulso para o lado das povoações espanholas. Sem a aprovação do reitor não podiam os magistrados impor nenhum

destes castigos, mas casos tais raras vezes se davam, porquanto sendo o fim dos jesuítas reter o seu povo em estado de perpétua tutela, eram os índios vigiados com o mesmo cuidado que crianças debaixo da mais estreita disciplina colegial. Todo o mundo devia recolher-se a sua casa a certa hora da noite, passada a qual principiavam logo patrulhas a sua ronda, tanto para acautelar qualquer surpresa por parte dos selvagens (perigo sempre possível), como ver se alguém saía sem motivo justificado. As patrulhas escolhiam-se com tanto cuidado entre os indivíduos mais dóceis, como se se destinassem ao serviço da igreja. Também havia inspetores que de dia andavam de lugar em lugar, vendo que ninguém estivesse ocioso, nem se deixasse sem guarda ou se maltratasse o gado confiado a diferentes pessoas para uso público ou privado. Do homem se pode fazer o mais manso bem como o mais feroz dos animais. Principiando junto ao berço e terminando só ao pé do campo, assegurava a disciplina dos jesuítas essa obediência implícita, que sendo o primeiro dever do monarquismo, era o fito principal da legislação deles.[25] Além dos inspetores que vigiavam o trabalho dos índios havia outros sobre o comportamento moral dos mesmos, e quando estes descobriam algum pecado, lançavam ao delinqüente o hábito dos penitentes, levando-o primeiramente à igreja, onde fizesse a sua confissão pública, e depois à praça, onde era também publicamente açoitado. Assevera-se que estes castigos eram sempre recebidos sem murmurar e até como um ato de misericórdia, tão perfeitamente estavam os índios ensinados a beijar a mão que os punia e sustentava. As crianças distribuíam-se por classes conforme as idades, tendo cada classe seus inspetores que vigiavam o comportamento. Na igreja punham-se sempre por trás da mocidade alguns destes censores que com o auxílio duma varinha faziam guardar o mais profundo silêncio e o mais rigoroso decoro. Conseguiu este sistema quebrar completamente os espíritos. Adultos, que tinham logrado iludir a constante superintendência dos seus inspetores, vinham voluntariamente acusar-se e pedir o castigo merecido, mas por uma sábia precaução lhes não era permitido fazer isto publicamente sem impetrarem prévia licença que raras vezes se concedia ao sexo frágil. Produzindo o mesmo sistema que lhes entorpecia o entendimento, uma irritação mórbida da consciência, se consciência pode chamar-se a que ocupada de meras frivolidades, descansava inteiramente nas decisões do padre, vinham os ín-

dios a cada passo perguntar se isto ou aquilo era pecado. Em conseqüência da sua absoluta ignorância da verdadeira moralidade, e destes extremos escrúpulos, levava uma das suas confissões tanto tempo como as de dez ou doze espanhóis. Condescendendo com a fraqueza desta gente, concedia-lhe o papa um jubileu por ano, e por estas ocasiões ajudavam-se mutuamente os missionários das reduções mais próximas. Gabavam-se os jesuítas de que se passavam às vezes sem que se cometesse um só pecado mortal, e poucos vícios na verdade podiam existir em sociedades assim constituídas. Excluídas inteiramente a avareza e a ambição, estreito campo restava também à inveja, e pouco que pudesse excitar o ódio ou a malícia. A embriaguez, o pecado mais vulgar entre os homens selvagens, ou semicivilizados, achava-se eficazmente prevenida com a proibição de toda a bebida fermentada, e contra a incontinência tomavam-se todas as precauções que podia ditar o espírito monacal. Já se viu como desde a mais tenra idade se separavam os sexos, casando-se todos os adultos apenas o permitia a ordem da natureza; e com receio de que as guardas noturnas e a vigilância diurna dos inspetores não pudessem evitar tudo, encerravam-se num edifício separado, contíguo ao cemitério, as viúvas e as casadas cujos maridos andavam trabalhando fora, exceto as que tinham crianças de peito. Em apoio deste sistema preventivo vinha ainda a idolatria católica: ninguém que no mínimo grau tivesse infringido as leis da modéstia, podia ser digno de contar-se entre os servos da rainha das Virgens.

Relações com os espanhóis

O preceito que desta república excluía os espanhóis, excitava tanta suspeita e inimizade, que não foi possível mantê-lo muito tempo com todo o rigor que queriam os jesuítas. Em tempos posteriores permitiu-se pois o ingresso nas seis reduções ao norte do Paraná, entrando também os habitantes de Corrientes na da Candelária, que fica do lado sul. Mas nos outros aldeamentos entre o Paraná e o Uruguai, bem como em todos os que ficavam além deste último rio, manteve-se à risca o privilégio, sob protesto de poderem eles por água receber de Buenos Aires quanto careciam, mas aberta uma vez a porta, se acolheriam a estes estabelecimentos os escravos e mulatos fugidos, onde se permitiam relações, eram exclusivamente comerciais, ficando a hospedaria dos estranhos inteiramente separada das habitações dos índios, e despedindo-se aqueles mal se efetuava a

troca das mercadorias. Dinheiro mal se conhecia no Paraguai, e sendo a capital a parte mais sertaneja da província, ainda menos do que em outro lugar estava ele em uso. Todos os empregados públicos na Assunção eram pagos em gêneros, tudo tinha o seu valor fixo no escambo, a quem queria comprar um artigo dava outro em troca. Entre as reduções não havia meio circulante de qualidade alguma. Tinham elas em Santa Fé e Buenos Aires feitores que lhes recebiam os gêneros, e pago pelo produto o tributo, remetiam o resto em frandulagens, tintas, azeite e sal, tudo artigos que o país não produzia, vestes de linho e seda, fio de ouro para alfaias de igreja, cera européia para tochas, e vinho para as missas. Exportava-se algodão e tabaco; rosários e santinhos, mui procurados no Paraguai, Tucumán e Buenos Aires distribuíam-se gratuitamente com incentivos da religião, e meios de conciliar as boas graças, dando-se com especialidade aos espanhóis que residiam longe das povoações, e que se mostravam mui gratos por estas bugiarias, em que tinham quase tanta fé como um negro nos seus feitiços.

Mate ou erva do Paraguai

O principal artigo de exportação das reduções era porém o mate ou erva-do-Paraguai, que por toda esta parte da América espanhola está tão universalmente em uso como o chá na Inglaterra. O nome de erva dá da planta uma idéia errônea porquanto prepara-se o mate duma árvore, que os guaranis chamam *caa*, e que na sua forma e folhagem se assemelha à laranjeira, exceto em ser mais macia a folha, e muito maior a árvore. Dá em pencas pequenas uma flor branca com cinco pétalas. A semente imita a pimenta americana na aparência, mas a casca encerra três ou quatro caroços oblongos de cor esbranquiçada. Preparam-se as folhas, dispondo os ramos ao pé dum fogo lento, até que elas principiam a estalar como as do loureiro. Torram-se depois suspensas por cima do lume, sendo finalmente batidas no chão com varas até ficarem reduzidos a pó, folhas e pau. *Yerva de palos*[26] se chamava esta preparação, exprimindo o modo por que ela se fazia. Mais delicado processo empregavam os guaranis das reduções: tiravam primeiramente os pés e fibras mais grossas, e torradas depois as folhas, pisavam-nas brandamente num almofariz de pau. Chamavam-se isto *caa miri, caa* miúda ou fina, e valia o dobro de *yerva de palos*. É singular que os jesuítas, aperfeiçoando até este ponto o processo, o não melhorassem mais, deixando inteiramente de pisar as folhas

que quanto menos quebradas, mais aromático o seu sabor e de mais longa duração. Tomava-se cuidado com não torrar demasiadamente as folhas, por terem uma gomosidade de que não convém privá-las. Os compradores apreciam esta qualidade, pondo na palma da mão um pouco de tal erva e expelindo-a com o sopro: se toda ela voa em pó seco, rejeitam-na, pois que quanto maior porção fica agarrada à mão, melhor a qualidade.

Modo de tomar o mate

A maneira de preparar e tomar a infusão é muito diferente do costume europeu de fazer chá. Em lugar de chávena, serve uma taça feita de ponta de boi, ou de uma cabaça, e ornada de prata, se é abastado o dono. Dentro se lança obra duma colher de sopa cheia de erva, e deitando-lhe açúcar e um pouco de água fria deixa-se ficar por breve espaço; ajunta-se-lhe então água a ferver e enquanto está ainda com espuma, chupa-se por um tubo de prata, a que chamam bombinha, e que tem um ralo em forma de globo na extremidade que fica dentro da cuia. Também de *palo santo* (jacarandá, ou pau-santo) se fazem as taças por onde se toma o mate, atribuindo-se muitas virtudes aos copos, colheres e cachimbos feitos desta madeira. As classes pobres servem-se de uma bombinha de pau ou de palha; os índios bebem o mate, asseverando-se que freqüentemente se lhes formam no estômago bolas desta erva como pedras bezoares. Nem eles nem as classes baixas usam de açúcar nesta bebida, contentando-se com a simples infusão. A gente abastada mistura-lhe às vezes um pouco de pó de folhas de *guabiri miri*[27], ou de casca do seu fruto para lhe aumentar o sabor, e pessoas biliosas ainda lhe ajuntam sumo de limão ou de laranja. Reputa-se insalubre a infusão, se fica muito tempo na cuia, caso em que só serve como ingrediente para fazer tinta de escrever. Toda a erva que pelo caminho se arruína com a umidade, vende-se para tinta preta; fácil se embebe a cor, e a goma que contém a torna duradoura. Atribuem-se a este chá muito especiais virtudes. Entre outras coisas diz-se que tomado frio apazigua a fome e a sede. Cansados de remar todo o dia sentem os índios voltar-lhes imediatamente as forças com um copo de erva simplesmente misturada com água do rio. No Chile e no Peru está o povo convencido de que não poderia viver sem mate, e muita gente toma a toda a hora do dia, como os turcos o ópio.

Dos naturais aprenderam os espanhóis, segundo se diz, o uso deste chá, fato singular, atendendo-se a quão selvagem era o estado em que se achavam estas tribos. Depressa se adotou o uso vulgarizando-se pelas províncias adjacentes, de modo que pela muita demanda tornou-se a erva do Paraguai quase tão fatal aos índios desta parte da América como as minas e a pesca de pérolas o foram em outros lugares. Crescem as *caas* em maior abundância nas florestas umas duzentas léguas ao norte de Assunção, num terreno pantanoso e coberto de lodo. Não era o trabalho de apanhar e preparar as folhas na verdade nem penoso nem insalubre, mas excessivas as fadigas da jornada. Havia que romper mato, lançar pontes sobre os rios para passagem dos animais, e deitar faxinas através dos lenteiros. Alcançadas as selvas, era o primeiro cuidado erguer ranchos para a gente e cercas para as bestas, e depois levantar estrados, a guia de *boucans,* para em cima deles secar os ramos. Terminada a tarefa do dia, corriam os índios a mergulhar na água mais próxima, arrancando depois uns aos outros os vermes, de que tinham coberto o corpo; se se deixava de fazer isto, em poucos dias seguia-se a morte à inflamação a úlceras que estes animálculos causavam. Muitos milhares de homens andam constantemente nas matas a apanhar e preparar as folhas, e foi assim que se consumiram os índios das *encomiendas.* Empregam-se neste tráfico também muitos milhares de bois e mulas, que depressa ficam estropiados tanto pelo comprimento da jornada como pela natureza dos caminhos, muito mais porém ainda pela pouca humanidade com que se trata o gado num país onde ele tem tão pouco valor. Daqui vem enriquecerem raras vezes os que se entregam ao primeiro ramo deste comércio, que tão lucrativo é para os que negociam no artigo já pronto. As folhas preparadas metem-se em surrões quadrados de sete arrobas cada um, sendo dois a carga de uma mula que não pode levar mais. Se lhe deitam mais alguns arráteis, ajoelha o animal, vira-se de costas, e resiste obstinadamente à imposição.

Destroem os espanhóis as árvores do mate

Costumavam os índios colher as folhas da mesma árvore, cortando apenas os ramos viçosos, como para podá-la; com cega rapacidade porém de quem só olha o lucro imediato, a cortavam os mercadores espanhóis o tronco como processo mais rápido. Assim foram destruindo as selvas, tendo cada ano de ir mais longe em busca de outras. Com a costumada previdência quiseram os je-

suítas cultivar o mate. Tentaram semeá-lo, mas sem resultado; depois ensaiaram a transplantação de pés novos, mas embora estes pegassem, era por demais difícil e penoso o trabalho. Então deram ouvidos a um conto dos índios, que eles talvez ao princípio tivessem reputado fabuloso, a saber que as sementes desta árvore não germinavam sem terem sido primeiramente comidas pelos pássaros. Puseram-se à cata de sementes neste caso, mas raciocinando também sobre o fato descobriram o que por meio deste processo se efetuava. Estão as sementes cobertas de uma substância viscosa que levanta espuma na água, e enquanto as não privam dela, não rebentam. Lavaram pois os jesuítas a semente fresca em água quente, mas as árvores cultivadas jamais atingem a altura das silvestres, sendo disto talvez causa não se imitar pelo método artificial senão parte apenas do processo natural. Tempera-se a terra a ponto de lodo, e ao transplantarem-se os pés da árvore, mete-se cada um no meio de um buraco feito para recolher água. À roda se lhe arma sebe, que defenda do vento e da geada a *caa*, a qual por não poder suportar o frio se acha limitada ao norte do Paraguai, e passado o quarto ano principiam-se a apanhar as folhas. Levantou-se um clamor contra os jesuítas por introduzirem esta árvore nas reduções como se fora intento deles enriquecer a Companhia, competindo com a Assunção no seu único ramo importante de comércio; e em conseqüência deste receio proibiu-se-lhes exportar de todos os aldeamentos mais de 12.000 arrobas por ano.[28] A exportação anual da Assunção era de quase 130.000 servindo esta cidade de depósito à erva vinda de Vila Rica e Curuguati, as duas povoações que com mais atividade se entregavam ao fabrico dela. Tão infundada pois como as outras acusações que se lhes fizeram é esta de se enriquecerem os jesuítas com o grande tráfico que faziam neste artigo.

Dobrizhoffer, 1, 111-112. Jolis, 292

O sistema pelo qual se haviam fundado e se administravam as reduções, era confessadamente modelado pelo que Nóbrega e Anchieta tinham seguido no Brasil[29]; quem porém se envolveu no Paraguai, dando-lhe a sua forma perfeita, foram Lorenzana, Montoia e Díaz Taño. Jamais houve despotismo mais absoluto, mas também jamais existiu outra sociedade em que o bem-estar temporal e eterno dos súditos fosse o único fito do governo. Erravam, é verdade, os governantes grosseiramente no padrão que de um e de outro se haviam proposto, mas apesar disso merecem a maior admiração a santidade do fim, e o heroísmo e a

perseverança com que se procurava consegui-lo. Entre as inúmeras calúnias de que foram alvo os jesuítas, asseverava-se que viviam quais príncipe seu império do Paraguai, engolfados em todas essas sensualidades interditas aos seus conversos. Os romances da hagiologia católica estão longe de pintar os seus santos como isentos a tentações, mas nada há nesses contos mais monstruoso do que seria supor estes missionários movidos por outro motivo que não o de dever para com Deus e o próximo. Os homens escolhidos para este serviço tinham dado provas do seu entusiasmo como entrar para a Companhia e pedirem semelhante missão. Aqui pois era fora de dúvida a inclinação de cada indivíduo, donde nascia a probabilidade da sua aptidão para a obra, e na ordem dos jesuítas a cada homem, segundo as suas qualidades, boas ou más, se assinava o posto para que estava talhado, desde os que dirigiam os conselhos dos monarcas católicos e organizavam considerações nos países heréticos, até ao humilde servo leigo do hospital, que com todo o ardor do amor religioso se votava aos mais asquerosos serviços que exige a humanidade sofredora. Nos irmãos mais moços que serviam de coadjutores nas reduções, enquanto aprendiam a língua, poderia às vezes esfriar o entusiasmo, entregando-se eles a propensões de que o estado antinatural em que se viam postos, e os erros em que os educavam lhes faziam um pecado. Mas casos destes deviam de necessidade ser raríssimos. A vida do missionário, desde que ele dava princípio aos seus trabalhos, indo em busca dos índios bravos, passava-se entre as mais árduas fadigas, as mais duras provações e os maiores perigos, freqüentemente terminados por prematura morte. Ao tempo de o julgarem competente para encarregar-se duma redução, estavam já fixados os hábitos intelectuais e morais: havia o orgulho de sustentar a dignidade do próprio caráter e do da companhia e havia o império ainda mais poderoso dos princípios e da fé. Amplamente via ele então compensados os sacrifícios que fizera da ambição mundana, de todas as afeições naturais e dos cômodos da vida civilizada. Da tentação de duvidar das fábulas que pregava e da idolatria que praticava, pouco podia haver, e a época de todas as outras tentações era já passada. Via-se diretor absoluto de toda uma comunidade, que à ordem de que ele era membro, devia todos os bens neste mundo, e todas as esperanças no outro, a paz e a felicidade na Terra, e a bem-aventurança no Céu, e acreditava-se o agente imediato entre estes

índios e o Criador, senhor daqueles e servo deste, o pastor fiel dum rebanho venturoso.

Mas se os jesuítas se achavam assim colocados em circunstâncias em que até a superstição lhes purificava e exaltava o caráter, pondo-lhes em ação não só a caridade mas também o heroísmo, outro tanto estava longe de dar-se com os índios sistematicamente conservados num estado de inferioridade moral. Tudo quanto podia torná-los bons servos e felizes na servidão, se lhes ensinava cuidadosamente, mas além disso nada, que pudesse conduzi-los à emancipação política e intelectual. Assim se dava aos inimigos da Companhia justo motivo de acusações. Por que, dizem eles, nada se tenta para elevar os índios à categoria de agentes livres? Por que, se eram eles civilizados, os não tornavam capazes de gozar dos privilégios da civilização? Se o sistema a nenhum resultado melhor havia de produzir, não tinham os jesuítas trabalhado senão para formarem a si mesmos um império. Era este argumento mui diverso dos originados na inimizade de partidos políticos e religiosos, e a posteridade lhe deu indubitavelmente todo o seu peso. Debalde replicavam os jesuítas que mais do que crianças crescidas não eram estes índios[30], quer tal obtusidade do entendimento fosse defeito inerente à raça, quer conseqüência da vida selvagem. Não se lhes podia admitir a resposta depois que debaixo da tutela deles tinham crescido gerações. Não se atreviam os padres a insistir na primeira alternativa, que teria sido dar razão aos *encomenderos* traficantes de escravos, mas se na raça não havia inferioridade original e radical, então era do sistema por que se regiam as reduções que provinha o defeito. Por que, perguntava-se, não se hão de os jesuítas recrutar entre estes mesmos índios, quando é tão difícil haver da Europa missionários, tão dispendioso o transporte e impossível consegui-los em número suficiente? Por que não há de a Companhia, que em outros países se tem mostrado tão cristãmente indiferente a castas e cores, admitir guaranis no seu seio? A resposta era que os superiores tinham determinado outra coisa, que tudo ia assim bem conseguindo-se o fim proposto com levar os índios a um estado de obediência, virtude e felicidade cristãs. Assegurava-se-lhes o *summum bonum*, o bem-estar na vida presente e na futura. Miseravelmente insuficiente parecerá a resposta àqueles que têm fé nesse melhoramento da humanidade, e nessa diminuição de mal que a sabedoria humana e a religião di-

vina nos autorizam a esperar no mundo mas cumpre ter presentes as circunstâncias da sociedade circunderramada, em que se pretendia incorporar estes índios, e quem vir ante si desenrolado esse painel, terá por justificados os jesuítas[31].

Incômodos e perigos a que andavam expostos os missionários

Excessivos eram o esforços que faziam os jesuítas, as dificuldades por que passavam, e os perigos a que se expunham, buscando e reduzindo as tribos selvagens. Saía o missionário com o seu breviário e uma cruz de seis pés altura que lhe servia de bordão. Acompanhavam-no cerca de trinta conversos, como guias, intérpretes, e servos, ou antes como companheiros de trabalhos: iam armados, mas não com armas de fogo, e levavam machados e facas de mato para abrir picadas pelas selvas, provimento de milho para caso de necessidade, e o necessário para fazer fogo. Facilmente se poderiam levar redes para dormir, mas os missionários raras vezes faziam uso de coisas de que era possível prescindir. Não é grande o perigo que no Paraguai e províncias adjacentes se corre quanto a animais ferozes[32], mas poucas partes há no mundo em que o viajante encontre tantas pragas para molestá-lo. O primeiro cuidado ao fazer alto para passar a noite, ou mesmo para tomar alguma refeição durante o dia, é bater o chão e pisar a erva à volta até prudente distância para afugentar as cobras, que neste país são numerosíssimas, acudindo aonde vêem fogo[33]. O tormento dos insetos, torna-se quase insuportável. Onde é mais fina a selva, onde há moitas ou águas estagnadas, às margens de lagos e rios, ou onde há selvas que por mais densas não deixem girar o ar, quem aí quiser passar a noite, diz Dobrizhoffer, não pense em dormir. É como se todas as pragas do Egito tivessem sido transferidas para as planícies da América do Sul. Vermes de todos os tamanhos são também assaz numerosos para importarem um flagelo. Cobertos de pulgas os campos, quem se deita no que se lhe antolha terra limpa, onde não se vê vestígio de homem nem de animal, levanta-se preto com a multidão destes bichos. A *vinchuca*, ou percevejo-voador, é mais formidável dentro do que fora das casas[34]. Varejeiras e vespas atormentam os cavalos e mulas. Mas a mosca vulgar é de todas a mais séria praga, tanto para homens como para animais: mete-se nos ouvidos e ventas dos que dormem, deposita aí as larvas roendo caminho pela cabeça dentro, até que entre as dores mais desesperadas sobrevém a morte. Nas ilhas colombianas bem se conhece isto como um

perigo, a que estão expostos os doentes, mas no Paraguai ocorre freqüentemente o caso, dizendo Dobrizhoffer que temia mais a mosca do que todos os outros insetos e os répteis venenosos do país. Por sobre todos estes males tinham os missionários de suportar muitas vezes os extremos da fadiga e da fome, ao atravessarem matos e charnecas, e quando, vencidos todos estes obstáculos, encontravam os selvagens que buscavam, caíam freqüentemente eles e os seus companheiros, vítimas da ferocidade, capricho ou desconfiança daqueles mesmos por amor dos quais tanto haviam sofrido.

Tribos de que eram formadas as reduções

De grande variedade de tribos se formavam as reduções, mas sendo do tronco guarani a maior parte delas, guarani se tornou também a linguagem destes aldeamentos, dando-se a mesma denominação genérica aos índios convertidos no Paraguai. São dialetos cognatos o guarani e o tupi: tão intimamente ligados e tão amplamente difundidos que se falam por todo o país entre o Amazonas e o Prata, do Atlântico às montanhas do Peru[35]. Muitas línguas radicalmente diferentes se acham entremeadas, mas viajante que fale o guarani e o tupi será entendido por toda a imensa extensão destas regiões. Sendo mais numerosos que nenhuma outra raça os guaranis, eram também suas hordas as mais populosas, contudo gostavam de se arrebanharem que não era raro conter uma só habitação toda a parentela. Mais profundamente assinalada do que entre as outras tribos era a distinção entre o chefe e o seu povo, nenhum espanhol julgava aviltar-se desposando a filha dum régulo guarani. Era hereditária esta dignidade, mas também a eloqüência e o valor a ela podiam elevar, que fácil era a um bom orador, que também tivesse fama de valente, obter influência bastante para formar uma comunidade independente, sem que isto pareça ter desafiado o ressentimento do chefe, a cujo mando ele se subtraía com seus aderentes. Não faltavam inimigos que combater sem necessidade de guerras intestinas, podendo destas subdivisões ser até convenientes quando crescia demasiadamente a horda, como um enxame se aparta da colmeia. Diz-se que os caciques reclamavam para si as mulheres mais formosas, que todavia repartiam facilmente pelos seus sequazes: quer isto talvez dizer que podiam eles escolher mulheres para si e dispor delas para outros. Andavam estas sempre decentemente vestidas, e também alguns homens traziam pêlos que lhes caíam dos ombros até abaixo

Linguagem

dos joelhos; outros uma espécie de rede, que pouco servia para cobrir a nudez ou garantir do frio, ainda outros curto tendal de pernas. Porém o mais geral era por única cobertura pintar todo o corpo com o suco de plantas[36], dar-lhe uma camada de barro de cor, em que gravavam figuras grosseiras, moda menos durável do que as escarificações coloridas, e talvez por isso mesmo preferida, como suscetível de variar à vontade de quem a usava. Gastavam-se horas em assim decorar a pele, asseando o marido a mulher e a mulher o marido.

Jolis, 127

Chegada a idade da puberdade era a rapariga entregue a uma mulher, para durante oito dias a fazer passar por um duro noviciado, que consistia em obrigá-la a trabalhar muito, dar-lhe pouco de comer, e não lhe deixar um momento de repouso: entre algumas tribos prendiam-na numa rede dois ou três dias com rigoroso jejum, e segundo a força e o espírito com que ela sustentava esta prova, se agourava das suas qualidades como dona de casa. Findo os oito dias, cortavam-lhe o cabelo, tendo a noviça de abster-se de carne até que ele lhe tornasse a cobrir as orelhas. Neste meio tempo faziam-na trazer água, pisar milho, e trabalhar assiduamente em todos os misteres domésticos: olhar para um homem era para ela um crime, e se por acaso dava com os olhos num papagaio, ficava entendido que toda a sua vida havia de ser faladora. Crescido o cabelo do comprimento marcado, adornavam-na com todos os enfeites imagináveis e declaravam-na casadoura. Antes de observadas estas formalidades reputava-se criminosa toda a intriga amorosa. As mulheres pejadas abstinham-se de comer carne de anta não fosse vir o filho com nariz comprido, e da de passarinhos não fosse ele sair pigmeu. Durante a gravidez de sua mulher não devia o marido matar animal algum bravo, nem fazer qualquer arma, ou o cabo de algum instrumento. Por quinze dias depois do nascimento não comia ele carne, tirava a corda ao arco, nem armava laços às aves; e se a criança adoecia, todos os parentes se abstinham das comidas que no seu entender lhe fariam mal a ela, se as comesse. Algumas mulheres gostavam de amamentar cachorrinhos, prática monstruosa e repugnante que não raro se tem descoberto entre selvagens. Fácil era entre os guaranis a condição do sexo frágil; incumbia-lhe na verdade transportar tudo, quando a horda mudava de acampamento, mas também por isso lhe tocava o privilégio de marcar o comprimento da jornada de cada dia, e apenas uma de cansada arreava a car-

ga, todos faziam alto. Aos caciques era lícito ter muitas mulheres a um tempo, podendo o irmão de um régulo falecido tomar-lhe a viúva, aliança que em outros casos não se permitia.

Techo, 37, 38.
Notícias do Paraguai.
Ms. Charlevoix, 181-4

Na guerra usavam alguns guaranis do laço e bola, que tão fatal havia sido aos primeiros espanhóis no Prata. Prendiam-se três destas bolas, do peso de uma libra cada uma, de outras tantas cordas, de três a quatro varas de comprimento, amarradas juntas. Pois que vinha dos puelches o uso desta arma, é provável que se limitasse às hordas do sul. O arco guarani é aguçado em ambas as pontas, servindo de lança quando não retesado, muito rijo, e com tiras de casca de *guemba* enroladas por todo o seu comprimento, o que o torna mais forte ainda. As crianças matavam pássaros com um arco de cerca de três pés de comprido, e muito curvo, com duas cordas, que passadas por pedacinhos de pau se conservavam à polegada de distância uma da outra. No meio destas cordas fica uma espécie de bolsa ou rede, que carregada com quatro ou cinco seixos mata a caça a quarenta passos. Assevera Azara[37] que despedido a distância de trinta, quebra um destes seixos a perna a um homem, mas este instrumento jamais se emprega na guerra. Era costume inviolável entre estas tribos, como em geral entre os selvagens, trazer do campo da batalha os seus mortos, tanto para esconder do inimigo a própria perda, como para honrar-lhes os restos. Os prisioneiros eram imolados e comidos com certas cerimônias particulares. Tratava-se bem a vítima destinada ao sacrifício; ocultavam-lhe o dia aprazado para este e davam-lhes mulheres, cuja única obrigação era atender aos cômodos e bem-estar do preso. Posto ele bem gordo, convidavam-se todas as pessoas para o banquete, e formavam os hóspedes um círculo, no meio do qual marchava com muita gravidade o que, tendo tomado o prisioneiro, era por conseguinte quem fazia a festa. Ornado de penas era o cativo trazido por quatro dos mais vistosos mancebos, que o entregavam a seis velhas, gozando estas bruxas entre todas as tribos antropófagas da preferência em ocasiões tão execráveis.[38] Tão diabólico como o ofício era o aspecto destas megeras; tinham pintados de vermelho e amarelo os corpos, e ornados os pescoços de colares de dentes humanos, distintivo que como seu reclamava em tais sacrifícios, de para receber o sangue e entranhas da vítima traziam vasos de barro, a cujo som, enquanto vazios tocados

como fraudeiros, dançavam à volta. Saía então à frente o autor da festa, assentando brandamente a macana, sobre a cabeça do seu prisioneiro, zombaria que era aplaudida com estrondosas gargalhadas; segunda e terceira vez tocava de leve a cabeça voltada e de cada vez se renovavam as aclamações. Depois deste prelúdio quarta vez se erguia a macana, mas para o golpe mortal agora. Vinha então cada convidado tocar o corpo, cerimônia que servia como um diabólico rito batismal, trocando-se nesta ocasião o nome que a criança recebera ao nascer. Não podendo a carne chegar para tão grande multidão como se costumava reunir, fervi-am-se os ossos para que todos os parentes participassem do caldo, de que até as crianças de peito haviam de provar. Toda a vida eram lembrados estes festins, de que sempre se falava com júbilo e orgulho.

Notícias do Paraguai. **Ms.**

A morte dos conterrâneos, quer ocorresse na guerra, quer no curso ordinário da natureza, era lamentada pelas mulheres com uivos e berros; arrancavam os cabelos e contundiam a fronte, e as viúvas atiravam-se de lugares elevados para exprimir a sua dor, aleijando-se assim às vezes para o resto de seus dias. Acreditavam que a alma continuava a acompanhar o corpo dentro do túmulo, pelo que tinham cuidado de deixar lugar para ela. Não custou pouco tirar esta idéia da cabeça aos primeiros conversos, e as mulheres iam em segredo aos jazigos dos maridos e dos filhos tirar-lhes parte da terra para que não lhes pesasse. Era por isto que os que enterravam os seus mortos em grandes vasos de barro, cobriam o rosto do cadáver com um prato côncavo, para que não ficasse sufocada a alma. Por dura iniciação tinham de passar os pajés, vivendo em lugares escuros e remotos, sós, nus, sem se lavarem, sem se pentearem, e sustentando-se unicamente de pimenta e milho assado até que quase perdidos os sentidos, caíam nesse estado em que criam os jesuítas invocarem ele o Diabo e acudir este ao seu chamado.[39] Pretendiam aqueles charlatões possuir o poder de matar ou caçar com a sua mágica e adivinhar o futuro pela linguagem das aves. Quando esperavam algum visitante, perfumavam suas choças com a resina de ibira pajé.[40] Como relíquias ou objetos de culto se conservavam os ossos destes bonzos. Entre algumas tribos eram as pajés obrigadas a guardar castidade, ou ninguém mais acreditava nelas. Toda a raça guarani, como os selvagens em geral, era muito aferrada a práticas supersticiosas; tomavam

nota dos sonhos com temerosa credulidade; o contato duma coruja parecia-lhes que os tornava inertes, e era crença geralmente recebida que mulher que comesse um grão dobrado de milho miúdo dava à luz gêmeos. Os eclipses atribuíam-se a um tigre e um canzarrão, que perseguiam o Sol e a Lua para devorá-los, olhando os guaranis como maior terror estes fenômenos, não fossem as feras lograr o seu intento.

Criavam aves algumas das tribos sedentárias; entre estas progredia a população sempre mais dócil e menos feroz que as hordas errantes que do acaso confiavam a subsistência. Todas as tribos porém se recordavam da sua afinidade, e se esta lhes não servia de laço de união, também só faziam elas a guerra às outras todas que não reconheciam do seu tronco, designando-as pela oprobriosa denominação de escravos.[41] Apesar desta altiva pretensão estavam contudo os guaranis longe de manter no sertão o mesmo caráter que os tupis seus parentes haviam adquirido na costa. Ou eles tinham degenerado, ou algumas das noções que eles assim afetavam desprezar, haviam melhorado muito, o certo é que nos últimos tempos passaram eles até pelo povo menos guerreiro e corajoso do Paraguai.[42] Deve isto ser devido às circunstâncias locais, não a qualquer inferioridade genética[43]: em mui diversos graus de adiantamento se achavam os diferentes ramos desta amploderramada raça, fraca nuns sítios e por isso receosa da guerra, numerosa em outros, confiada e guerreira. Os chiriguanas, que do lado de Tarija infestavam o Peru, habitando os vales dessas prodigiosas montanhas que se estendem quase até aos limites de S. Cruz de la Sierra, eram de raça guarani, e sempre os espanhóis os acharam formidáveis inimigos. O número total destes índios tem sido orçado em quarenta mil, e posto que divididos em muitas tribos, todos se reputam uma só nação, auxiliando-se mutuamente na guerra. Vivem em habitações fixas, e criam ovelhas (provavelmente vigonhas) por amor da lã tão-somente, abstendo-se muitos de comerem-lhe a carne com receio de se tornarem lanígeros. Este povo, que os espanhóis supõem ter sido levado àquele país por Alexis Garcia[44], e ter-se ali estabelecido depois da morte deste, é o mais adiantado de todos os da raça guarani; sendo o mais rude os caiaguás, índios silvestres que habitam as florestas entre o Paraná e o Uruguai. Não viviam estes em estado social, morando uma família à distância da outra numa miserável choça feita de ramos, subsistindo unicamente de caça, e contentan-

do-se à falta de coisa melhor; com cobras, ratos, formigas, minhocas, e toda a casta de répteis e vermes. Também os acusam de armar ciladas a homens, matando-os para comê-los. Contudo ainda estes ínfimos dos guaranis conservavam alguns vestígios de um estado melhor de que haviam decaído.[45] Preparavam uma boa bebida de mel, e de urtigas faziam as mulheres um fio, de que para si trançavam vestidos. Traziam os homens peles mais como ornato do que para uso, achando-se assaz endurecidos com o gênero de vida que levavam. Não se aventurando jamais fora dos mais escuros esconderijos, tinham quase carnadura européia as mulheres. Com estes índios foram muito infelizes os jesuítas, e se logravam atrair alguns às reduções, era tal o efeito de uma vida estacionária e talvez do ar livre e da luz, que eles, na frase de Techo, morriam como plantas que criadas à sombra não podem suportar o sol.[46]

Depois dos guaranis eram os guanas[47] a raça mais numerosa do sertão, e a alguns respeitos também a mais adiantada. Viviam arrebanhados, contendo cada rancho doze famílias, e suas aldeias, que cortavam muitos destes currais humanos, eram cercadas de paliçadas com quatro portas que regularmente se fechavam e guardavam de noite. Em lugar de dormir em redes ou em peles, erguiam estes índios uma tarimba sobre quatro cavaletes, e encima estendiam uma cama de raminhos, cobrindo-os primeiro de peles e depois de palha. Enterram os mortos à porta das habitações para conservarem fresca a memória dos finados em vez de esquecê-los logo, como é mais vulgar entre selvagens. De oito anos de idade são as crianças levadas ao campo com grande cerimonial e em silenciosa procissão, e passado ali o dia em jejum, reconduzem-nas da mesma forma. Picam-lhes em seguida os braços, e furam-lhes com um osso aguçado, o que elas sofrem sem chorar nem estremecer. As operadoras são velhas, em cujas mãos se acha o exercício da medicina, que consiste principalmente em chupar o estômago da doente. Especial influência exercem entre os guanas as mulheres, mas procuram-na por meio de uma prática atroz. Tendo descoberto que o valor de um artigo depende da proporção da oferta com o pedido, exterminam elas, aplicando este princípio, à maior parte das crianças do seu sexo, enterrando-as logo ao nascer para fazerem subir o preço das que poupam. É este um dos fatos mais curiosos na história do homem selvagem. Por motivos de egoísmo, ou superstição, é o infanticídio vulgar entre nações bárbaras, ou

Os guanas

semicivilizadas, e onde quer que prevaleça este costume são as crianças do sexo feminino particularmente as vítimas, pela dificuldade com que as mulheres provêem à própria subsistência, sendo este talvez o maior mal do estado mais perfeito de sociedade a que temos chegado. Entre algumas tribos americanas freqüentemente se vê a mãe matar a filhinha recém-nascida como um ato de compaixão, tão miserável é ali a sorte da mulher. Mas entre os guanas era isto uma especulação deliberada em proveito do sexo. Tornadas assim escassas, são as mulheres objeto de grande emulação: casam sempre o mais cedo possível antes de nove anos de idade, enquanto que os homens permanecem solteiros até aos vinte e mais anos, isto é, até terem forças para suplantar os rivais. A noiva estipula antes do casamento o quinhão que há de tocar nos trabalhos agrícolas e domésticos do casal, declarando-se o que terá de fazer e o que dela não deve exigir o marido, isto com a mesma precisão que qualquer legista europeu emprega num contrato matrimonial. Também se convenciona se o marido terá outra mulher (o que raras vezes acontece) ou a mulher outro marido, e quantos, e como repartirá entre eles o seu tempo. Intrigas, ciúmes e freqüentes divórcios são as conseqüências de semelhante sistema, e as vantagens que as guanas procuram obter por tão detestável meio, terminam por torná-las menos honestas, e porventura menos felizes de que as mulheres de outras tribos.

Azara, t. 2, 85-100

A bebida dos guanas era ou água ou o sumo da cana-de-açúcar fervido e não fermentado, e sendo um povo sóbrio, viviam unidos entre si e respeitados dos vizinhos. Por uma singular espécie de convênio achavam-se debaixo da proteção dos guaicurus; serviam-nos nas jornadas e cultivavam-lhes as terras, devendo estes em compensação defendê-los contra todos os inimigos. O serviço ou era em si mesmo tão leve, ou tão raras vezes exigido, que a sujeição, posto que reclamada por uma parte e reconhecida pela outra, se diz ter sido pouco mais que nominal, embora fosse real e eficaz a vantagem que dela derivavam os guanas. Os guaicurus sempre os chamavam seus escravos, mas o nome que eles a si mesmo se davam diz mal com esta designação, significando guana o varão, como se a nação que usava deste título merece sobre todas as outras ser por ele designada. A mesma disposição que os induzia a reconhecer a superioridade de uma tribo mais valente bem que menos numerosa, leva-os a escambar

Jolis, 512

com os espanhóis os seus serviços pessoais por artigos europeus; alugam-se a si mesmos como trabalhadores para os campos ou como remadores, e por este meio também se poderia introduzir a civilização entre eles, se os hábitos dos colonos cristãos naqueles países não tendessem mais para degradar a raça européia do que para elevar a americana. A sua língua diferia da de todas as outras tribos, sinal de constituírem estes índios uma nação distinta. Eram a mais mansa de todas as tribos do Paraguai e entre outras nenhuma podiam os missionários esperar colher melhor resultado, mas quando os paulistas repeliram os jesuítas para além do Paraná, ficaram os guanas entregues a si mesmos. Este acontecimento, que os privou dos seus preceptores religiosos, expulsou-lhes também do país os colonos paraguaios. O seu sistema de viver defensável e a aliança dos guaicurus os protegiam contra os caçadores de escravos, e de todas as tribos desta vasta região são eles talvez a menos desfalcada em número e a menos mudada no seu gênero de vida. Entre muitas outras principiava por este tempo a dar-se em conseqüência da multiplicação do gado europeu uma mudança que afinal lhes inverteu todos os hábitos, dando-lhes na guerra superioridade sobre os seus degenerados invasores.

Língua das reduções

Hervas, 1, 1

Já fica dito que era o guarani a língua das reduções. Deste idioma compôs Montoia uma gramática, para o que achou o caminho aplanado por Anchieta, dizendo-se que o tupi difere menos desta sua língua radical do que o espanhol do português. Mas se o guarani bastava para uso de um viajante do Prata ao Amazonas, estava longe de levar o missionário através da mesma extensão de terras. Compreendem-se as necessidades do viajante em brevíssimo vocabulário, que com o auxílio de sinais se deixa explicar e às vezes ampliar. De muito mais carece o missionário, e tão grande era no Paraguai o número dos dialetos e até das línguas radicalmente diferentes umas das outras, que da sua multiplicidade falam os jesuítas como de uma confusão igual à de Babel. Vencidas as primeiras dificuldades e perigos, adquirido o conhecimento da língua de uma destas tribos de modo que pudesse conversar nela correntemente, e ganha a confiança dos índios a ponto de lhe escutarem eles com paciência as lições, tinha o missionário de superar ainda muitos obstáculos, antes de completar a obra da conversão. A perfeição interna não dava aos jesuítas demasiado

cuidado. Que ficasse ou não convencido o entendimento do índio, e comovido o seu coração, era coisa de pouco momento, contando que ele anuísse às fórmulas em que o industriavam: a natureza da crença do pai pouco importava, contanto que se pudessem educar os filhos. Nisto se mostravam atilados os padres, mas confiavam em demasia na credulidade. As verdades radicais e vitais da revelação, eles mesmos só nebulosamente as compreendiam, nem era possível que o selvagem as descobrisse através das vestes mitológicas em que lhas envolviam e disfarçavam. As fábulas e monstruosidades do papismo não lhe indignavam a razão, acostumada a tão grosseiro alimento, e ele as recebia como fizera a respeito dos contos dos seus próprios *pajés*, com admiração e fé implícita, mas também as esquecia tão depressa como um sonho. Sempre os missionários se têm queixado da volubilidade dos seus conversos, e sempre terão de queixar-se do mesmo, enquanto não descobrirem a necessidade de ser a conversão precedida, ou pelo menos acompanhada de um certo grau de civilização. Mal porém apanhavam os jesuítas as suas ovelhas bravas dentro do cercado, só tratavam de confirmar os neófitos na submissão aos seus mestres espirituais. De tão repetidas impossível era esquecerem-se as lições e a usança das reduções imprimia nos moradores toda a força de crenças inveteradas.

Dificuldades a respeito dos casamentos

A embriaguez parece não ter sido difícil de extirpar entre os selvagens; a não encontrar indulgência num vício cujas más conseqüências eram tão diretas e tão óbvias, sujeitavam-se eles voluntários, vendo a conveniência, e sentido o benefício. Outro tanto não sucedia porém tratando-se de regular pelas instituições cristãs a comunicação entre os dois sexos. Muitos índios recusavam contentar-se com uma só mulher, e só por isso não deixavam converter-se. Os que condescendiam forneciam um assunto aos casuístas. Eram alguns padres de opinião que a primeira mulher com que coabitara o índio, e que por isso se distinguia das outras por uma designação especial, devia considerar-se a legítima, despedidas todas as demais; outros opinavam que ao marido devia deixar-se livre a escolha entre todas, argumentando que não sendo conhecido o casamento no estado do paganismo que permitia repudiar a discrição as mulheres nenhuma razão justificada havia para dever uma mulher ser preferida unicamente pela prioridade da coabitação, e insistindo na dureza óbvia e

conseqüência prováveis de se não permitir ao homem escolher à vontade. Submetida a questão a Urbano VIII, decidiu este serem igualmente prováveis ambas as opiniões, podendo os jesuítas seguir uma, conforme os determinassem as circunstâncias e o juízo próprio. Só a respeito da primeira geração de conversos se dava esta dificuldade. Uma vez formadas as reduções, eram as crianças educadas na doutrina que deviam seguir, conseguindo-se o bastante para mostrar que, se os jesuítas houvessem posto um pouco mais alta a mira, depressa se poderiam ter contado os guaranis entre as nações civilizadas.[48] Apreciando porém o bem que fizeram os jesuítas, cumpre recordar que os espanhóis no Paraguai se iam desempenhando nesse estado que com propriedade se não pode chamar nem selvagem nem bárbaro, mas que de todas as condições em que jamais tem existido o homem, é talvez aquela em que menos virtude se desenvolvem.

NOTAS DO CAPÍTULO XXIV

1 Em todo este parágrafo manifesta é a injustiça de Southey para com a Igreja católica e ainda para com os jesuítas, que nunca proibiam a leitura da Bíblia, devidamente comentada. (F. P.)

2 Azara afirma que os jesuítas obrigavam os índios de ambos os sexos e todas as idades a trabalhar para acervo comum sem que a ninguém fosse permitido fazê-lo por própria conta. T. 2, p. 234. É sem dúvida uma calúnia, sendo mais que certo que os jesuítas nada acumulavam do Paraguai. Diz ele que o campo particular só foi introduzido em tempos posteriores para ir acostumando os indígenas ao uso da propriedade, quando interveio a corte, sendo que se conservam os índios como coelhos num quintal; nem outro, acrescenta ele, podia ser o fim de semelhante distribuição de terras, pois que os naturais nada colhiam para vender e eram mantidos à custa da comunidade, se não podiam prover à própria subsistência. De fato assevera ele que os jesuítas recolhiam os produtos dos campos particulares como os dos públicos, ao celeiro comum. Tudo quanto Azara diz sobre este assunto é altamente suspeito.

3 Em guarani chamado *poroquiatara* (*qui agenda jubet.*)

4 Chamados *icabildoiguara*, os que pertencem ao *cabildo* ou *cabido.*

5 *Ibiraruzu* (*primus inter os qui manu virgam praeferunt*).

6 Chamavam a este funcionário *quatiaapóbara*, o que pinta. *Ipsi scripturam non norant, sed a pictura, quam rudi quodam modo norant scripturae nomen accommodarunt.* Peramas, *De Administratione*, etc. § 216, nota.

7 Sigismundo Asperger, que fora médico antes de entrar para a Companhia, e morreu com 114 anos depois da extinção da mesma, praticou quarenta anos no Paraguai, deixando uma coleção de receitas, em que só se empregavam plantas indígenas. Alguns curandeiros daquele país ainda têm exemplares desta obra, em que, observa Azara, talvez se encontrem alguns específicos utilíssimos. O bálsamo de *aguaraibay*, por ele empregado, achou-se tão precioso que todos os anos se mandava uma certa porção ao rei de Espanha. Todo o mundo sabe que é aos jesuítas que devemos a quina.

Teria sido uma felicidade se dom Pernetty houvesse encontrado este manuscrito em vez das receitas do seu amigo Francisco de Montevidéu, que repete com tanta falta de senso como de decência. O seu editor escreveu debaixo de uma destas extraordinárias amostras de medicina franciscana, ou como a podemos chamar *Pharmacopeia Seraphica*, esta nota:

Observez que cette n'este point e Sydebam ou de Beorbaare... mais du pére Roch, Franciscain. Jamais observação maliciosa veio mais a propósito.

8 A planta de Nossa Senhora Candelária, dada por Peramas, representa a casa de dois andares e águas-furtadas com janelas e chaminés. É isso mais provavelmente um erro do rude artista, do que idéia falsa, que o autor formasse.

9 *Necessaire ancor sono afflinché nella state, che ivi e ardenissima, possano esalare i fiati e capori di quella grossolana gente, da cui ricevono non poca molestia i celebranti predicatori* – Muratori, p. 114.

Muratori imputa este mau cheiro evidentemente à natureza mesma dos índios, dom Pernetty a um óleo com que se untavam para se livrarem dos insetos. Não é esta última provavelmente a causa. O uso de semelhante untura devia tornar-se em grande parte senão totalmente desnecessário com o dos vestidos que se traziam nas reduções. Talvez que os hábitos de limpeza não fossem tão recomendados como o deveriam ser ou também quiçá se devem os guaranis classificar entre os maritacas*, não entre os gatos de algalia da espécie humana. Veja-se *Ommiana,* t. 1, p. 144.

* Ou maritafedes. Zorrilhos chamam os espanhóis estes animais.

10 Os persas e turcos os suspendem nas suas mesquitas entre as lâmpadas. Daqui veio o pedido que Aladino fez de um ovo de Roc ou antes Simorg, e que tanta indignação excitou o gênio da lâmpada.

11 Sabido é que os protestantes acusam de idolatria o culto da mãe de Deus. (F. P.).

12 Na história da *República Jesuística do Paraguai* (Manuscrito do Instituto Histórico) dá seu autor o rever. Senhor J.P. Gay curiosos pormenores acerca do modo por que se celebravam os matrimônios entre os guaranis doutrinados pelos discípulos de S. Inácio de Loiola. Copiemos suas próprias palavras:

"Para celebrar os matrimônios parece que os jesuítas tinham tempo determinado, que era depois da quaresma. Então faziam apresentar a lista dos moços e moças, viúvos e viúvas do povo em estado de casar e os chamava à porta da igreja. Indagavam deles se tinham tratado casamento, e aqueles que não tinham tratado que eram todos, ou quase todos, aí mesmo faziam escolher mulher, ou os padres mesmos as

indicavam, e tratando logo de cumprir os pregões os casavam todos em um dia que pelo costume era o domingo antes da missa paroquial, para que fossem feitos com a maior solenidade. Os recém-casados passavam para a jurisdição do seu chefe competente, eram obrigados a fazer chácara. Os homens trabalhavam pelos seus ofícios quando os tinham senão seguiam os trabalhos da comunidade, e as mulheres recebiam tarefas e se ocupavam com outros serviços da comunidade." (F. P.)

13 Muratori exprime isto numa linguagem forte e singular. *Sogliano com particular cura i saggi missionari scegliere que fanciulli, che da primi anni si conoscono forniti di miglior METALLO di voce*. Esta expressão mal podia originar-se senão num país onde os homens se consideram instrumentos músicos.

14 Deve pois errar o P. Florentin de Bourges (*Lettres édifiantes*, t. 8, p. 384, de 1781) quando diz que da idade de 7, 8 ou 12 anos iam os rapazes à escola aprender a ler e escrever, doutrina e orações, freqüentando as raparigas aulas separadas, em que as ensinavam a fiar e coser. Em todas estas *Lettres édifiantes* nada há mais suspeito do que a relação que o capuchinho seu autor faz do modo por que se perdeu entre Santa Fé e Córdova, viajando sozinho pelas florestas da redução de S. Francisco Xavier no Paraguai. Nem sequer uma palavra sobre a menor dificuldade, perigo ou trabalho do caminho... *tout au contraire. Tout ce que létude et industrie des hommes ont pu imaginer pour rendre nu tieu agréable, n'approche point de ce que ia sim pie flature y avoit rassemblé de beautés*. Os mais edificantes e atrevidos milagres do livro não são mais extraordinários do que isto.

15 Se é bem fundada a observação do Dobrizhoffer não se devera ter mostrado esta preferência. Diz ele: *Experti sumus passim Caziquios plerumque plebiis stupidiores esse, et ad publica oppidi munia babiles*. T. 2, p. 117. Havia cinqüenta caciques nas trinta reduções dos guaranis. Filipe V quis fazê-los todos cavaleiros de Santiago, mas dissuadiram-no, asseverando-lhe que eles não prezariam a honra, como deviam. Peramas, § 156.

16 Dissentimos do parecer do douto historiador inglês neste ponto, e cremos que o exclusivo emprego que se fazia nas missões jesuísticas da língua guarani era um dos mais seguros meios de tê-las isoladas do resto do mundo... (F. P.)

17 Em suas cartas, escritas da Bahia, reconhecia o P. Nóbrega a benéfica influência da música para a catequese dos indígenas. (Vide *Cartas Jornalísticas*, Ms. do Instituto Histórico). (F. P.)

18 Cedo conheceram os jesuítas a propensão que tinham os guaranis em geral todos os aborígines pela dança e pela música e habilmente souberam aproveitar-se desta disposição. Fiéis porém ao seu sistema de contínuas desconfianças separavam nestes folguedos os dois sexos, permitindo unicamente aos homens danças religiosas e guerreiras. Nas grandes solenidades da Igreja cantavam-se em coros as melhores peças dos autores italianos e espanhóis, que com admirável mestria eram executadas nestas incógnitas regiões da América. (F. P.)

19 Nada demais tanto do que esta solenidade estabelecida em honra do próprio Deus Sacramentado. (F. P.)

20 Um guarani do Loreto compôs um volume destes sumários, que Peramas elogia dizendo que muitas vezes os achara úteis. Tivemos ultimamente em nossas mãos um exemplar dos referidos sermões, impresso no povo de S. Francisco Xavier em 1727, e oferecido ao Instituto Histórico pelo Revm. Snr. vigário de S. Borja, João Pedro Gay. (F. P.)

21 Azara (2,250) diz que só os músicos, sacristãos e coristas aprendiam a servir-se da agulha, não fazendo as mulheres mais que fiar. Obras de agulha em verdade pouco podiam ser precisas, exceto para o serviço da Igreja, e roupas dos jesuítas talvez.

22 *Ridiculam dices rem; atqui nec ridicula est, et eadem commodissima ad equitandum, sive quid aliud ae dum sit. Sane Hispami vel nobilissimi, cum equitant vet ruri sunto, non alio utuntr illac sago, qod ipsi vocant poncho. Hoc unum interest, quod his multo pretio ejusmodi amicius is constet ob eqquisitiorem materiam, intextosque labores.* Peramas, § 201.

23 (Azara (2,252) diz que o pano de que se faziam os vestidos ordinários era dum tecido tão ralo, que não correspondia ao fim duma decente cobertura. Quanto a mim é isto sem dúvida uma falsidade.

24 Muito curiosa é a maneira por que foi introduzido nas missões jesuíticas o castigo dos açoites. Referindo-se ao P. Lozano menciona o já citado Sr. Vigário Gay o ensino que fizeram estes insignes missionários do azorrague na pessoa dum menino espanhol a quem haviam adestrado para que humildemente recebesse os açoites beijando depois a mão do que lhes mandara aplicar, e tirando disso objeto para uma prática na qual exortavam os guaranis a submeterem ao mesmo castigo que era o que empregavam os espanhóis quando delinqüiam seus filhos. Vendo o feliz êxito da prova estenderam-na ao filho dum maioral, que nenhuma repugnância mostrou, ficando destarte estabelecida e firmada a prática (F. P.)

25 Apesar de todos os encômios que tem merecido semelhante sistema concordamos com Southey que assim o condena: e pensamos que só servia para banir o *eu* da alma humana. (F. P.)

26 Vendia-se esta erva no tempo de Dobrizhoffer a dois florins a arroba, no lugar e onde se preparava, custando o dobro na Assunção. Em meados do século passado era de duas coroas por arroba o preço dela naquela cidade.

27 Dobrizhoffer (1.413), diz que é este um absurdo semelhante ao zimbro nas terras magras, com especialidade em terreno arenoso. Abunda muito, acrescenta ele, em S. Paulo. Há uma espécie de formiga, que lhe deposita nos ramos uma cera delicadamente branca e de balsâmico cheiro. Apanham-na as mulheres com muita paciência para velas de igreja, mas para dar-lhe consistência é preciso misturar-lhe cera de abelha.

28 Fr. Rodero, nas *Lettres édifiantes*, diz que nunca eles exportaram mais de metade desta porção. T. 9, p.195.

* Assevera o visconde de S. Leopoldo nos seus *Anais da província de S. Pedro* que os jesuítas das missões chegaram a remeter para os mercados de S. Fé e Corrientes de trinta a quarenta mil arrobas de erva-mate. (F. P.)

29 O estudo desse sistema foi amplamente realizado pelo padre Serafim Leite in *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Vide também para outros pormenores, José Arouche de Toledo Rendon, *Memórias sobre as Aldeias de Índios da Província de São Paulo*, in Tomo IV da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, e *Cartas Jesuísticas*, também do padre Serafim Leite. (L. A.)

30 Chamavam-nos crianças bárbaras, expressão que teria desconcertado Pauw, se este tivesse querido recordar. As palavras de Muratori são singulares: "*Secondo il parere di quê míssionari, ne i Cristiani Del Paraguai si truova un' intendimento assai ristretto, ed incapace di speculazione, di modo che li sogliono chiamar Bambini colla barba. Noné queto un Picciolo requisito par poterli governare con facilità*. P. 1, 142.

31 Nada há, quanto a nós, que possa justificar esse sistema monopolizador empregado pelos jesuítas que reduzia os miseráveis indígenas a uma condição igual à dos ilotas, ou párias. (F. P.)

32 O caimão, ou crocodilo deste país, não é perigoso. O frio entorpece estes animais, que de manhã se arrastam para o sol, ficando ali quase sem movimento, de modo que fácil se deixam matar. E o tigre ou jaguar ao contrário de quase todos os animais de rapina, dizem que prefere cadáveres a presas vivas. Dobrizhoffer, 1, 120, 283.

33 Faz isto com que sejam as casas mui infestadas de cobras, mas ao mesmo tempo oferece um meio fácil de destruí-las. Outro perigo pode ao viajante provir do seu próprio fogo. O único caminho praticável é por vezes através dos canaviais que bordam as margens do rio. Basta que um pé de vento espalhe as cinzas abrasadas para que peguem fogo as canas, e muitas pessoas assim têm perecido miseravelmente queimadas vivas.

34 Numa das suas jornadas foi Dobrizhoffer hospedado por um eclesiástico de elevada hierarquia e depois da ceia saíram o dono da casa, o hóspede, e toda a família a dormir nos campos, abandonando os aposentos a estes percevejos e tal é ao que parece o inevitável costume da terra naquela estação. Uma vez viu-se Buenos Aires visitada por uma nuvem destes daninhos insetos que encheram a cidade como uma das pragas do Egito e ali se deixaram ficar quatro dias (Azara, 1, 208). E como se houvesse falta de bicharia indígena, ainda um governador importou na Assunção em 1769 o percevejo europeu na sua bagagem (Ib. 1, 207).

35 Num importante *Estudo etnográfico*, lido na sessão do Instituto Histórico de 6 de setembro de 1861 pelo senhor general Pedro de Alcântara Belegarde, sustentou Sua Excelência a tese que a grande família guarani estendia-se em linhas contínuas, ou interrompidas, desde o paralelo de 30º sul até o 4º norte, e entre as praias do Atlântico e as remotas águas do Pilcomaio, constituindo a raça mais inteligente e dócil que encontraram os conquistadores e catequistas.

Na ausência de monumentos e tradições pensa o nosso ilustrado consócio que o estudo das línguas indígenas é o único meio racional de determinar a marcha dos povos e suas relações; e expendendo sua luminosa teoria provou que a sede da língua geral, seu foco mais vivaz era no Paraguai, que entende ter sido o centro donde partiram as irradiações lingüísticas, que se prolongaram por quase toda a América do

Sul, e que no seu pensar não eram mais de que pequenas modificações, ou corrupções do guarani, que com a língua quíchua do Peru e a asteca do México, constituíam as três grandes línguas do novo continente. (F. P.)

36 Para isso cultivavam o urucu (o *roucou* dos franceses e *atchote* dos espanhóis). Pisadas e maceradas depositam as sementes um sedimento que, segundo Dobrizhoffer é a matéria colorante do vermelhão. Por abundar em resina, que arde mais facilmente do que a de outra árvore é o pau desta planta usado para ferir fogo por meio de fricção. Jolis, 127.

37 Observa ele que esta arma, que tão singularmente combina as propriedades do arco e da funda, podia ser utilmente empregada na Europa pelos rapazes encarregados de enxotar das searas os pássaros. T. 2, p. 67.

38 Estas ferozes usanças relatadas pelo autor não se entendem com as guaranis propriamente ditas, que não eram antropófagas. (F. P.)

39 O autor das *Notícias do Paraguai* diz que dentre cem pajés mal haverá um verdadeiro feiticeiro, sendo impostores todos os demais. E como homem que não queria acreditar senão metade do que lera num livro de *Viagens* dum tal capitão Guliver.

40 Provavelmente a embira preta do Brasil, que é mui aromática.

41 Ou antes bárbaras, que tal significação tem a palavra tapuia (F. P).

42 Azara chama-os raça de covardes, dizendo que dez ou doze guaranis mal resistiriam a um só índio de outra qualquer nação. A ser verdade distingui-los-ia esta qualidade singularmente dos tupis.

43 Azara quer estabelecer esta inferioridade, como consentânea com o seu sistema. Inculca ele a estatura mãe destes índios como duas polegadas mais baixa que a dos espanhóis. Dobrizhoffer diz que poucos haviam que fossem altos ou vivessem muito. É notável a linguagem neste escrito por implicar não terem os jesuítas podido conservar os seus conversos nesse estado de perfeita inocência que afirmam. *In tot Guaraniorum milibus paucos insignes proceros, aut admodum vivaces deprehendi. Ratio in promptu est: Quid si illo needun inito jam lascivirent?* (2, 214.)" Poderá supor-se que o sistema dos jesuítas tendia para debilitar tanto o corpo como o espírito. Diziam-nos menos prolíficos que os europeus. Azara afirma ter achado serem quatro filhos o número dos frutos dum consócio, havendo ele só visto um índio pai de dez. Também assevera que os nascimentos do sexo feminino estavam para com os do masculino na proporção de quatorze para treze.

44 Refere-se Southey a Aleixo Garcia (também citado como simplesmente Garcia ou Aleixo nesta obra), português da esquadra de João Dias. Aleixo Garcia naufragou nas costas de Santa Catarina em 1516 com outros companheiros. Tendo ouvido falar de um rei branco, senhor de infinitas riquezas, penetrou, por volta de 1524, com mais quatro companheiros, o sertão em direção à Bolívia. Teria mesmo chegado ao Peru, em busca da Serra de Prata. Em Chuquisaca, na Bolívia, recolheu despojos de prata. Morreu na volta de sua viagem no rio Paraguai, trucidado pelos famigerados índios paiaguás em 1524 ou 1525. (L. A.)

45 No já mencionado *Estudo etnográfico* emite o Sr. Belegarde a opinião que os indígenas do Brasil não eram, por ocasião da conquista européia, mais do que restos desorganizados de uma antiga nação civilizada, que para aqui havia emigrado em época comparativamente recente. (F. P.)

46 Charlevoix repete o mesmo. Quando os reduziam, diz ele, tornavam-se melancólicos e esta disposição degenerava em doença: a doença porém tornava-os dóceis e eles davam ouvidos à instrução... *et ils mouroient, suivant ce qu'on pouvoit juger, dans l'innocence de leur baptéme. – Quelque soin qu'on prit pour les conserve, il ne fut pas passible d'en suaver aucun. – Enfin les messionaires se virent r'duits á louer les mis'ricordes du Seigneur sur le petit nombre de ceaux dont ils avoient assuré le saluta éterned, á adorer la profondeur de ses julgements sur tous les autres, et á se consoler par le témoignage, qu'ils pouvoient se rendre d'avoir fait tout ce qui étoi ce qui étoi possible pour rendre jette malheureuse natio participante du bienfait de la Rédemption.* T. 1, 289.

47 Azara lhes avalia em 8.300 o número total, mas alguns missionários o calculam em 30.000 e outros até em 45.000; na verdade, se podemos acreditar Cañano quando diz que a menor aldeia das sete, que as diferentes tribos desta raça haviam formado, contava 6.000 pessoas, não transcenderia a verdade o mais elevado destes orçamentos, mas parece que a asserção não tem fundamento em que se estribe. Segundo Azara dividem-se estes índios em oito hordas, os laianas, etelenoés ou quiniquinas, chabarana ou coroanas ou teboaladis, cainaconoés, nigotisibués, iuaraens, taiis e iamacos. Por estes nomes os conheciam os vizinhos.

48 Do mesmo parecer é o Sr. padre Gay, que, na sua já por vezes citada *História da República Jesuítica do Paraguai,* lamenta que o exclusivismo dos filhos de Loiola, e a crueldade dos seus sucessores, tivessem secado as fontes da prosperidade dessa abençoada religião. (F. P.)

. . . .

Capítulo XXV

D. BERNARDINO DE CÁRDENAS NOMEADO BISPO DO PARAGUAI – CIRCUNSTÂNCIAS DA SUA CONSAGRAÇÃO – DISPUTAS DELE COM O GOVERNADOR HINOSTROSA E COM OS JESUÍTAS – BUSCANDO EXPULSAR ESTES DA ASSUNÇÃO É ELE MESMO EXPULSO – BOATOS DE MINAS DE OURO NO TERRITÓRIO DOS JESUÍTAS – VOLTA CÁRDENAS, É FEITO GOVERNADOR E EXPULSA OS JESUÍTAS À FORÇA – SEBASTIÃO DE LEÓN NOMEADO VICE-GOVERNADOR INTERINO – DERROTA O BISPO, E RESTABELECE OS JESUÍTAS – SEGUIMENTOS DA DISPUTA

A MEDIDA de armar os guaranis os tornara seguros na sua nova situação e floresciam as reduções quando os jesuítas do Paraguai se viram envolvidos numa contenda não menos extraordinária na sua causa que seria nas suas conseqüências.

Na primavera do ano de 1640 foi pela corte da Espanha nomeado bispo do Paraguai D. Bernardino de Cárdenas, natural de Chuquisaca, filho de nobre família. Tinha este em tenra idade entrado para a ordem franciscana, distinguindo-se tanto como pregador, que o nomearam guardião do convento da mesma ordem na sua cidade natal. Um dia pôs-se ele a correr as ruas, coberta de cinza a cabeça, e pesada cruz aos ombros; seguiam-no os

Cárdenas feito bispo do Paraguai

seus frades a açoitar as costas nuas, donde emanava sangue. Se Cárdenas tivesse jamais atingido as honras da canonização, ter-lhe-iam contado esta entre as obras meritórias, mas nas ações dos santos muitas coisas se relatam para edificação que não são para exemplo. A atual extravagância foi censurada pelos superiores, que depondo-o do cargo o tiveram por algum tempo preso no convento; mas este excesso de zelo lhe granjeou crédito entre a multidão, e tornou-se ele mais popular do que nunca quando de novo subiu ao púlpito. Havia no país grande falta de clero secular e em Chuquisaca se reuniu um concílio provincial para prover de remédio o mal: mandaram-se regulares para as missões e Cárdenas foi um dos escolhidos.[1] Viajava a pé, com uma cruz por bordão, adiante dele marchava a fama de seus felizes esforços pela salvação das almas; contados de boca em boca e exagerados os seus jejuns e as suas mortificações, já o povo lhe conferia a designação de santo. Dizia-se que na sua admiração por este novo apóstolo lhe tinham alguns índios convertidos revelado a existência de ricas minas de prata; uma pessoa de autoridade mandou aviso disto ao vice-rei do Peru, e como Cárdenas fosse um pouco depois chamado a Lima, todo o mundo acreditou que era por este negócio. Mas os superiores o mandavam vir para repreendê-lo por haver dado causa a este boato falso; por haver nas suas excursões ofendido o clero secular e os outros religiosos, intervindo oficiosamente nos seus rebanhos; por sua procissão de Chuquisaca e por se ter nos seus sermões servido de expressões que o punham debaixo da alçada do Santo Ofício. Por todas estas razões se lhe recomendou que fosse no retiro compor o seu espírito, disciplinando-o com salutar estudo. Ele porém pôs-se a dirigir memórias à corte e a invocar as simpatias que adquirira, e de que não tardou a colher os efeitos. Era por este tempo membro do Conselho das Índias Solórzano, bem conhecido como autor de uma obra grande sobre a legislação das Índias espanholas. Tendo ouvido Cárdenas pregar, e concebido do seu caráter muito elevada idéia, recomendou-o ele para a sede episcopal do Paraguai então vaga, e para a qual, graças a esta reconstrução foi efetivamente nomeado.

Dificuldades da consagração de Cárdenas

Era Cárdenas bispo eleito, agora, mas para poder ser consagrado e exercer com plena autoridade a sua jurisdição, era necessário que de Roma viessem as bulas da sua aprovação e confirmação. Aproveitando-se da liberdade

que lhe dava a sua promoção, foi ele aguardá-las no Potosi. Aqui se mostrava com o hábito da sua ordem, uma cruzinha de lã sobre o peito, e chapéu verde, exercendo nestes trajos as suas funções sacerdotais. Morreu por este tempo o cura do Potosi, e sem solicitar licença do arcebispo, nem sequer o informar da sua intenção, chamou Cárdenas a si as atribuições do finado, visitando aquela parte da diocese. Ofendido com isto e tirando partido de algumas circunstâncias[2] que o haviam feito descer na estima do povo, ordenou-lhe o arcebispo que o se recolhesse à sua própria diocese, e ali exercesse as suas funções, segundo o costume, por nomeação do capítulo, até lhe chegarem as bulas e poder ser consagrado. Começou Cárdenas a inquietar-se com a tardança das bulas; muitos acidentes podiam ter-lhes demorado a chegada, mas parecia-lhe igualmente possível, recordando-se das circunstâncias em que fora chamado a Lima, que do seu proceder tivessem dado ao Conselhos das Índias informações tais que fizessem el-rei mudar da tenção de apresentá-lo ao bispado. Ardia ele pois por encartar-se o mais depressa possível, e neste intuito, passando-se a Salta em Tucumán, convocou os jesuítas daquela cidade mostrando-lhes cartas que provavam o fato da sua apresentação e confirmação[3], representou-lhes as necessidades espirituais da diocese, e pediu-lhes a sua opinião sobre se em tais circunstâncias não poderia ele ser consagrado sem mais demora. Responderam eles que nenhuma dificuldade viam nisto, e a pedido de Cárdenas para que emitissem por sua opinião, assim o fizeram. Remeteu-a ele então a Fr. Boroa, reitor do colégio e universidade de Córdova, pedindo-lhe também o seu parecer e o da universidade, e acrescentando que esperava recebê-lo em Santiago certo de que seria uníssono com o dos jesuítas de Salta. Respondeu Boroa que sentia realmente a tardança das bulas, obra sem dúvida do Diabo, que envidava todos os esforços para arredar da sé do Paraguai tão digno prelado, que confiava que o Senhor permitiria a Satanás levar por diante o seu intento, que submetera aos professores de teologia a opinião do reitor de Salta, que este era homem de muito saber e grandes talentos, pudera consultar os livros em que se achava a matéria amplamente discutida; e que não havia na universidade um só canonista ou teólogo que pudesse autorizar a consagração de um bispo, sem apresentação das bulas. Esperara Cárdenas muito diferente resposta, e rasgando em peda-

Informe feito pelo P. Andrés de Rada, p. 6

ços a carta de Boroa e atirando-os ao chão, ordenou aos seus fâmulos que os apanhassem e deitassem ao fogo. Depois de ter assim dado expansão à sua paixão, procedeu tão cavilosa como imprudentemente; comunicou a opinião dos jesuítas de Salta ao bispo de Tucumán, D. Fr. Melchior Maldonado de Saavedra, ocultando-a da universidade, o que a tornava de nenhum efeito, e com tão instante importunidade apertou com ele para que o consagrasse, que o prelado anuiu contra sua vontade, protestando porém que com esta consagração não conferia poder, ou jurisdição alguma, o que só competia ao cabido da Assunção enquanto não chegavam as bulas.[4] Dois cônegos apenas assistiram a cerimônia. Não tardou muito que o bispo não soubesse do parecer dado pela universidade e suprimido por D. Bernardino Cárdenas, a quem logo escreveu em termos moderados porém severos, censurando-o pela fraude que praticara. Mais sensível mortificação aguardava em Córdova o novo bispo; foram os jesuítas os primeiros a visitá-lo pela sua chegada, cumprimentando-o os estudantes em prosa e verso e jantando ele no colégio mas ao oferecer-se Cárdenas para conferir-lhes as primícias do seu poder episcopal ordenando alguns, respondeu Boroa que não podia apresentar ninguém a receber as ordens sem licença do provincial, e quando o prelado com singular imprudência lhe pediu uma aprovação por escrito da sua consagração, recusou-se Boroa a isso, dizendo que tanto ele como todos os teólogos que consultara, a consideravam ilegal. Disfarçou Cárdenas por então o seu ressentimento, mas soltou-lhe os diques depois da sua partida numa carta concebida em termos tão imoderados, que provocaram segunda epístola reprobatória da parte do bispo de Tucumán.

Segue Cárdenas para Assunção

Em Corrientes se embarcou Cárdenas para subir o Paraguai. Muitos batéis lhe vieram ao encontro à entrada da sua diocese, cheios de pessoas de todas as classes, ansiosas por verem um bispo cuja reputação de santidade o precedera. À meia-noite disciplinava-se ele com grande edificação dos circunstantes, e todos os dias dizia missa de pontifical. Espalhou-se a fama destas coisas, e corria que chegara ao Paraguai seguindo S. Tomé. Foi pomposa a entrada na Assunção, indo o bispo de mitra na cabeça, a cavalo e debaixo de pálio levado pelos primeiros magistrados e principais moradores. Pelas leis da Espanha é tal honra privativa do soberano, mas nesta ocasião puse-

ram-se de parte as leis, ou talvez que nem fossem conhecidas nesta parte remota dos domínios espanhóis. Assim foi ele conduzido primeiramente à sua igreja paroquial, depois à catedral, onde cantou missa solene, pregando depois, sem largar a mitra durante estas cerimônias todas. Deu também o anel a beijar ao povo, despedindo-o depois, por serem horas de jantar. "Quanto a mim", acrescentou, "sustentam-me invisível alimento, é uma bebida que não pode ser vista dos homens: o meu manjar é fazer a vontade d'Aquele que me enviou, e cumprir a Sua obra."

John, 4,34
Carrillo, § 11

Dúvidas sobre a autoridade de Cárdenas

Bernardino Cárdenas há de muitas vezes trazer Tomas Becket à memória do leitor: foram mui inferiores os talentos daquele, mas o espírito era o mesmo, ao representar igual papel sobre um teatro menos conspícuo e num século menos favorecido. Por este tempo parece a exaltação ter-lhe perturbado o entendimento, talvez já por natureza desordenado, e seu proceder foi o de um homem ébrio de poder e de vaidade. Com pasmo do cabido principiou ele a exercer todas as funções do episcopado sem aguardar que aquele lhe conferisse os poderes de que carecia até a chegada das bulas, sem o convocar a prestar juramento, nem observar formalidade alguma preliminar das que exigem os cânones. O tesoureiro e um dos cônegos atreveram-se a fazer-lhe observações, a que ele respondeu que era bispo e pastor e bem sabia o que lhe tocava. Reuniu-se um capítulo para ver o que devia fazer-se: alguns cônegos e todo o clero inferior opinaram pela submissão à vontade do bispo, mas a maioria com o tesoureiro e o deão à frente lavrou um protesto contra qualquer ato de autoridade da mitra, como ilegal e por conseguinte nulo. Entenderam os dois partidos dever separar-se na celebração do ofício divino; o bispo ficou com o seu na catedral e os curas não se atreviam a receber os dissidentes, mas os jesuítas emprestaram a sua igreja tendo-se primeiramente assegurado de que com isto se não daria por ofendido o prelado. Sendo meramente sobre um ponto de disciplina eclesiástica pouca popularidade, valendo-se de todos os meios de consegui-la. Todas as manhãs bem cedo ia à catedral acompanhado do seu clero, permanecia de joelhos enquanto se dizia uma missa, celebrava depois outra de pontifical, ajoelhando depois de erguer a Deus, e dirigindo-se em preces ao Redentor como presente nos elementos que ali estavam, e concluía por distribuir indulgências, cor-

dões de S. Francisco e mais pertences da superstição romana. Dentro em pouco principiou a celebrar duas missas por dia. Às vezes percorria a cidade descalço e com pesada cruz às costas; outras andava pelas ruas com uma caixa de relíquias, cercado duma multidão de índios; e ainda outras levava a hóstia pelas terras vizinhas, para, dizia, afastar moléstias e tornar fértil o solo. Também instituiu na igreja dos jesuítas um exercício noturno de preparação para a morte, ao qual ele assistia sempre; mas estas reuniões de desoras davam lugar a irregularidades, de que se queixou o reitor sem que o bispo tomasse medida alguma para coibi-las.

Proceder do novo Bispo. Carrillo, § 13. Vilalon, P. 16

Por algum tempo gozou Cárdenas da popularidade que cobiçava: era de um novo apóstolo, o príncipe dos pregadores, outro Crisóstomo, segundo S. Carlos Borromeu. Mas ele exagerou o seu papel. Duas missas pontificais por dia saciaram o apetite do povo por estas coisas; advertiram-no amigavelmente que tal prática era talvez ilícita e por certo desusada, e ele respondeu que jamais oficiava que não livrasse uma alma do Purgatório, que grandes santos tinham havido, que chegavam a dizer nove missas por dia, e que além disto era ele papa na sua diocese, podendo fazer o que lhe parecesse a bem do serviço de Deus. Em outras coisas não dizia o proceder do bispo com esta ostentosa piedade. Sob pretexto de não haver sacerdotes para todas as igrejas, chamou a si diferentes curatos, cobrando as respectivas benesses, embora fosse impossível servi-los eles todos, do modo que uma vez oficiava num e outras noutro, dizendo freqüentemente duas missas conventuais por dia. O escândalo produzido por esta irregularidade ainda o agravava uma irreverência habitual que estava bem pouco em harmonia com a santidade afetada pelo bispo; correndo de igreja em igreja costumava mandar o cálice não levado por um rapazinho, que muitas vezes era visto nas ruas a brincar com o vaso sagrado. Em país reformado passaria isto por uma indecência, mas onde constantemente se inculca e se acredita com fé intensa e intolerante a presença real da divindade nos elementos, não se poderia cometer maior indiscrição. Os primeiros que em público se abalançaram a manifestar o mau conceito que formavam do bispo foram os franciscanos da Assunção, começando a falar dele sem reserva, como de um hipócrita ambicioso, que por fas ou por nefas buscou ele rebaixá-los, cortejando os jesuítas, por não viverem com eles em boa paz os francis-

canos. Desavindo assim com a sua própria ordem, ainda foi fazer caprichosamente seus inimigos os dominicanos. Tinham-se estes estabelecido na cidade sem prévia impetração de cartas patentes. Além (provavelmente alguma ordem rival) dera contra eles uma queixa perante a Audiência Real de Charcas, que os condenara a demolir seu convento, eles porém tinham obtido um prazo de seis anos, com a condição de que se dentro dele não apresentassem as cartas, seria, executado o decreto. Ninguém contudo se havia lembrado de incomodá-los, quando um dia de manhã cedo saiu do seu paço episcopal Cárdenas com rocheta e murça acompanhado de grande séquito, no qual se via entre outros o governador para este ato convidado, e dirigindo-se direto ao convento dominicano, mandou remover o sacramento, despir dos seus ornatos a igreja, e arrasá-la juntamente com o mosteiro. Baldadas foram as súplicas e lamentações dos frades: a demolição cumpriu-se.[5] Passou então o bispo à igreja mais próxima, para onde mandara levar a hóstia, e lavadas as mãos antes de principiar a oficiar, assim falou voltado para o povo: "meus filhos, bem vedes que estou a ponto de oferecer o santo sacrifício do altar, sem me ter confessado: é que a consciência de nada me acusa, nem eu me achei jamais tão bem preparado para este ato sagrado". A ação seguinte teve seus laivos de insânia. Recusara o último bispo enterrar em lugar sagrado um suicida; tinham já decorrido alguns anos e Cárdenas lembrou-se agora de transferir o corpo para a igreja da Encarnação. Dizendo pois que era o cadáver de um cristão, e que tinha ele razões para supor-lhe no Céu a alma, convidou todas as pessoas gradas da cidade a assistirem a este ato, e ajudando com o governador a levar o féretro, cantou em pessoa o ofício fúnebre.

Charlevoix, 2 - 9212

Pretende o bispo arrogar-se poderes temporais

Pouco depois chegaram as tão esperadas bulas, e em boa ocasião vieram elas para da estranha conduta do seu prelado desviar a atenção do povo. Tinha ele mandado buscá-las na Europa pelo sobrinho Fr. Pedro de Cárdenas, franciscano devasso, que trouxe também um breve que o papa costumava mandar aos bispos americanos, conferindo-lhes maiores poderes que aos europeus em razão da distância a que ficavam de Roma. Deu Cárdenas estes papéis a um jesuíta, que os traduzisse para o espanhol, a fim de serem publicados nesta língua, depois de lidos no latim original, como requeria o

costume. Neles se dizia claramente que se na consagração tivesse havido alguma irregularidade, incorrera o bispo *ipso facto* numa censura que de todas as suas funções o suspendia. Não quis Cárdenas considerar-se neste caso, e lidas as bulas e o breve, dirigiu-se ao seu auditório, dizendo que já nenhuma dúvida podia haver sobre ser ele o legítimo pastor da igreja do Paraguai, inquisidor da sua diocese, comissário da santa cruzada, e achar-se revestido de ilimitados poderes tanto no espiritual como no temporal. Era então Governador D. Gregorio de Hinostrosa, homem idoso, que servia com distinção no Chile, seu país natal: não pôde ele deixar de notar esta arrogação de um poder que lhe destruiria a própria autoridade, mas sendo de caráter fácil e indeciso, deixou passar a asserção. Até aqui se portara Cárdenas sempre com ostentoso respeito para com ele, costumando até erguer-se do seu trono na catedral para ir recebê-lo à porta. Mas agora que se atribuía jurisdição superior, quis também exercê-la.

Tinha o governador prendido um indivíduo chamado Morales, familiar da Inquisição, dizendo-se até que ia ser enforcado, pena que nestes países (exceto em tempos de guerra civil) jamais se impõe senão depois de exuberantemente merecida. Correu Pedro de Cárdenas a dar a notícia ao tio, clamando que como criado do Santo Ofício não devia este homem ser levado ante tribunal secular. Uma simples representação neste sentido dirigida a um homem do caráter de Hinostrosa, teria conseguido a soltura imediata do preso. Ao bispo pareceu melhor tomar o cibório, em que tinha sempre a hóstia na sua sala de visitas, e com ele na mão dirigir-se à prisão, onde exigiu que lhe entregassem o preso. Depois mandou trazer uma mesa, e posto em cima dela o cibório, ali ficou com todo o seu séquito à espera do resultado. Aventurou-se o reitor dos jesuítas a observar que não era decente expor assim o corpo de Cristo, como ele chamava a hóstia, à porta da cadeia, nem própria da dignidade dele mesmo bispo conservar-se em posição semelhante ao que tornou o prelado que ali estava e ali ficaria até que lhe entregassem o homem. Ouvido isto, foi o reitor que conhecia a têmpera de ambas as partes, sendo a facilidade de uma igual a obstinação da outra, ter com o governador a quem sem custo persuadiu a que soltasse Morales. Por esta ocasião observou o povo que mais valia acharem-se o governador e o bispo sempre desavindos, pois que a concórdia dos dois redundara na destruição

de uma igreja e convento, enquanto que a contenda produzia a soltura de um preso. Neste caso ainda Cárdenas achou pretexto para interpor a sua autoridade, mas em lugar de remeter o acusado ao tribunal competente deu-lhe ordens menores para subtraí-lo inteiramente à ação da justiça, ato que implicava pelo menos à suspeita de ter estado Morales antes sujeito a ela. Não se mostrou ressentido o governador, dizendo pelo contrário que preferia paz a tudo o mais, e para dar uma demonstração pública de quanto desejava viver em harmonia com o bispo, presenteou com uns magníficos castiçais de prata, em que Cárdenas fixara cobiçosos olhos, mandando levar-lhes à igreja para tornar mais notório o ato. Cárdenas os recebeu com semblante risonho, louvando a munificência do governador, acrescentando porém que só faltavam agora o jarro e a bacia que vira em casa dele. Hinostrosa imediatamente lhos mandou também, dizendo que tudo quanto possuía estava às ordens do prelado.

O bispo excomunga o governador

Longe esteve esta condescendência de produzir o efeito que dela esperava Hinostrosa. Queria o bispo que lhe transferissem para ele uma porção de índios que haviam sido concedidos em encomendas à irmandade do Santíssimo Sacramento, ao que respondeu o governador que era impossível. Injuriou-o então Cárdenas num excesso de paixão, e Hinostrosa, revirando-se como um verme pisado, lançou-lhe em rosto a sua sede de riquezas, e os escândalos que em casa tolerava, aludindo com isto ao comportamento licencioso do sobrinho do prelado. Poucos dias depois tendo o governador de levar numa procissão o estandarte real, o bispo o declarou excomungado, e por conseguinte inabilitado para isto. Com moderação o adviu Hinostrosa, preferindo retirar-se da cerimônia a excitar distúrbios em ocasião semelhante, de resto que a paciência e equanimidade lhe dariam o triunfo, sendo tão clamorosa a injustiça da parte contrária. Pedro Cárdenas porém, encontrando-o na rua, insultou-o com as mais descomedidas palavras. Hinostrosa advertiu o frade que o não provocasse mais; este contudo só depois de esgotado todo o seu vocabulário de injúrias, se retirou para casa do bispo, onde foi cumprimentado pelo modo por que se portara. Veio interromper-lhes o júbilo a nova de que aí vinha o governador com um troço de soldados, e Cárdenas mandou tocar o sino, proferindo sentença de excomunhão contra toda a pessoa armada que lhe entrasse em casa. Chegou Hinostrosa an-

tes de bem concluído isto, e sem aparente emoção de cólera disse ao prelado que não via razão para lhe excomungarem os soldados, e deitando logo a mão a Pedro, prendeu-o em nome d'el-rei. Passava-se isto no vestíbulo: o frade safou-se, largando o hábito, correu para casa e voltou com uma pistola, ameaçando matar o governador, se incontinênti se não retirava. Ao mesmo tempo apoderou-se um padre dos copos da espada de Hinostrosa que, arrancando-lha das mãos, julgou contudo prudente desistir da empresa. O bispo repetiu a sentença contra ele e os seus soldados, impondo uma multa de cinqüenta coroas a quem quisesse ser absolvido. Terminou esta escandalosa contenda por uma reconciliação tão pouco airosa a uma com a outra parte. Cárdenas mandou dizer ao governador que desejava absolvê-lo, e Hinostrosa, que se sentia incomodado debaixo desta segunda excomunhão, foi a casa dele, e ajoelhou-se-lhe aos pés. Seguiu-se uma cena ridícula: ajoelhou também o bispo, e quais dois chins a competir um com o outro em cerimoniosa cortesia, porfiaram qual dos dois beijaria a mão do outro, até que o reitor dos jesuítas, intervindo, reergueu o bispo. Concedeu-se então a absolvição, mas exigiu-se dos soldados a multa, que tão fácil como a cólera não se deixava aplacar a avareza do bispo.

Novas contendas com o governo

Desde a revolução de Portugal no Paraguai era sob pena de morte proibido aos estrangeiros andarem armados. Encontrando um português de espada, mandou-o Hinostrosa meter na cadeia. Não havia nada que o bispo nomeara este homem alguazil da Inquisição, e era em virtude do ofício que este andava assim equipado: em lugar de explicar isto ao governador, recorreu o prelado aos seus meios do costume e excomungou-o pela terceira vez. Tão freqüentemente ouvidos perdem o seu efeito estes trovões espirituais. Riu-se Hinostrosa da censura e condenou o português a ser enforcado conforme a lei vigente. Sabido isto, mandou o bispo um padre a consolar o preso e animá-lo a sofrer com paciência a sua desgraça, assegurando-lhe que se tão imerecidamente padecesse morreria mártir, e o mesmo bispo celebraria magníficas exéquias, pregando em pessoa o sermão fúnebre. Fraca consolação era esta para o pobre homem, mas divertiu Hinostrosa, que não querendo terminar tragicamente um negócio em que se dera tão cômico incidente, soltou o preso, sendo então levantada a excomunhão sem que ele da sua parte

desse para isso algum passo. Seguiu-se pendência mais séria. Continuava Fr. Pedro no seu insolente comportamento, e como tivesse este proceder degenerado já em escândalo público e notório, entendeu o governador afinal que era do seu dever exigir que se mandasse sair da Assunção semelhante homem. Falou sobre isto seriamente ao bispo, que repreendendo o sobrinho, mandou-o em penitência beijar o chão e dizer certas orações, e recomendou-lhe que se conduzisse com mais circunspeção para o futuro. Vendo quão pouco fruto sacara da sua representação, dirigiu-se o governador ao guardião do convento franciscano, e fazendo-o ver a escandalosa vida de Pedro, e a sua ofensiva conduta pública, requisitou que o tornassem a mandar para o Peru. Respondeu o guardião que não pertencendo o frade ao seu convento, nenhuma alçada tinha sobre ele. Desenganou-se então Hinostrosa de que ninguém podia ou queria fazer-lhe justiça, e resolvendo valer-se da própria autoridade insultada havia tanto, ordenou ao mestre-de-campo-geral D. Sebastião de León y Zárate que prendesse o delinqüente. Mas Fr. Pedro andava precatado, e tendo até então morado numa casa particular para estar mais em liberdade, dormia agora por cautela todas as noites no convento, continuando a desafiar e irritar o governador, que perdeu afinal toda a paciência. Sem comunicar a intenção que tinha a seu irmão Francisco, nem a nenhum dos seus amigos, foi ele ao convento pela volta das dez horas da noite seguido de D. Sebastião de León e mais quatro ou cinco pessoas, e dirigindo-se direto à cela de Fr. Pedro, fê-lo levantar-se, levou-o em camisa e ceroulas para fora da cidade, e amarrado de pés e mãos o deitou em terra à beira dum rio. Ali ficou dois dias o mísero frade, sem alimento nem cobertura exposto a todos os insetos daninhos do país, até que embrulhado num vestido de mulher o embarcaram num bote confiado à guarda de alguns índios, e com escassa matalotagem de sal e víveres o mandaram para Corrientes.

Charlevoix, 2, 21-2. Villalón, 18. 1642

Merecera sem dúvida castigo o frade, mas infligiram-lhe com as mais odiosas circunstâncias de ilegalidade e violência. Apenas o bispo soube do que acontecera, mandou tocar os sinos apesar da hora adiantada da noite, convocou todo o clero secular e regular, levou-o à catedral e ali solenemente excomungou quantos neste ultraje haviam tomado parte, lançando além disto

O governador outra vez excomungado

ainda um interdito sobre toda a cidade. Representaram-lhe que, não se tendo feito processo verbal, nem publicado admoestação alguma, era este proceder por demais precipitado, mas observar tais formalidades não lho teria sofrido a natural veemência. No estado da maior confusão se viu agora a cidade: buscava o governador apoderar-se do bispo, e mandá-lo atrás do sobrinho; buscava o bispo excitar o povo contra o governador, e fazer que o clero clamasse contra ele do alto do púlpito; mas por mais que ameaçasse com a excomunhão os que não lhe obedecessem neste ponto, persistiram os padres com unanimidade tal na sua recusa que o prelado se não atreveu a realizar a ameaça. Querendo porém a todo o custo impressionar o espírito do povo, declarou que ia celebrar um ato de penitência pública, e dirigindo-se uma manhã cedo à catedral, convocou o capítulo para acompanhá-lo numa procissão à igreja dos franciscanos, como reparação do insulto que aquela ordem sofrera na pessoa dum dos seus membros. Reuniu-se grande multidão; depois de ter rezado perante o altar, ordenou o bispo a um dos seus servos índios que o despisse para a cerimônia, e ficou descalço com as pernas e as espáduas nuas, preso um saco por uma corda em volta do resto do corpo, e um grande azorrague na mão. Nesta figura pôs-se a orar veemente por algum tempo, com a voz entrecortada por soluços, e as lágrimas a caírem-lhe pelas faces, e depois começou a açoitar-se. Pediram-lhe os cônegos que não continuasse, mas ele respondeu que era de mister apaziguar a justa indignação do Céu pela injúria irrogada à ordem seráfica, e que a ele como membro desta e bispo da diocese tocava expiar o crime e oferecer ao Senhor o seu sangue para expiá-lo. Saiu então a procissão da catedral para o colégio dos jesuítas. Partiu adiante um bedel a avisar os padres, que se aprontassem para receber um apóstolo que se estava cobrindo do próprio sangue. Saindo ao encontro da procissão, avistaram eles primeiro uma bandeira cercada de desordenada multidão de homens e crianças; logo uma fila de homens, que pareciam mui comovidos pela cerimônia; em seguida mulheres todas lacrimosas, e por fim o bispo meio nu, açoitando-se e vertendo sangue, cercado do seu clero. Dois jesuítas abriram caminho até onde ele vinha, e de joelhos o suplicaram que desistisse, mas o prelado parecia, dizem eles, nada ver nem ouvir, todo absorvido em Deus. Avançou a procissão até à porta da igreja da Companhia, onde os jesuítas em corporação se prostraram diante de Cárdenas, tornando-o a rogar que cessasse: mas ele, dan-

do-lhes a mesma resposta que aos cônegos, continuou a lacerar-se enquanto as mulheres por detrás se apinhavam, acotovelando-se e empurrando-se umas às outras, todas ansiosas por ensopar os lenços naquele sangue, a fim de guardá-los depois como relíquias. O reitor pôs termo a este asqueroso espetáculo, tirando a própria capa e lançando-a sobre o bispo. Entrou este então na igreja, onde orou nos degraus do altar. O servo índio limpou-lhe então o sangue, e estancando-lhe como pôde, vestiu-o outra vez lançando-lhe o rochete e a murça, e feito isto, voltou o prelado à sua catedral, onde celebrou missa pontifical.[6]

Charlevoix, 2, 23-61

Procura o bispo excitar uma insurreição contra o governador

Tendo assim, ao que supunha, disposto o povo para o seu intento, publicou Cárdenas uma pastoral, convocando todos os moradores da cidade e circunvizinhanças a acharem-se na catedral em dia e hora fixos sob pena de excomunhão. Sabia o governador que alguma medida violenta se meditava e receando os efeitos desta reunião, ordenou para o mesmo dia uma revista geral da tropa. Inquietaram-se os magistrados, e dirigiram uma representação ao bispo, que mandou o reitor dos jesuítas, Lourenzo Sabrino, a dizer ao governador que ele nada desejava tanto como ajustar aquelas diferenças, e que no domingo seguinte o aliviaria das censuras, pedindo somente que assistissem os soldados na catedral à leitura da pastoral que convocara o povo. Na esperança de ver terminada uma disputa em que tinha a consciência de haver obrado ilegalmente, anuiu Hinostrosa. Inúmera foi a multidão que se reuniu; o bispo explicou a pastoral que se lia, insistindo na autoridade do Santo Ofício, e depois arengou o povo. Devia este, disse ele, obedecer aos mandados da Inquisição mesmo com sacrifício das próprias vidas, e dar desta devota submissão um exemplo qual dera S. Ambrósio, quando resistira ao imperador Teodósio e passando a fazer a resenha das ofensas do governador contra a Igreja, insinuou saber por uma revelação quanto a cólera do Senhor estava acesa contra o delinqüente: depois exaltando o proceder de Moisés, que ferira com o corte da espada os israelitas rebeldes, declarou que a ira de Deus se satisfaria agora com menor castigo, qual a prisão do governador, medida porém indispensável. Concluindo a sua oração episcopal, exclamou ele: "Cristãos fiéis, segui-me! Quem se escusar, condeno-o numa multa de mil coroas, ou duzentos açoites à falta de

pagamento. Que todos os que seguem o estandarte do Senhor me ajudem a apoderar-me do inimigo da Igreja e se encontrarmos resistência, mate irmão o seu irmão, o camarada o seu camarada, o vizinho o seu vizinho." E logo saiu da catedral, e tomando a bandeira das mãos do comandante da guarda, mostrou-se qual outra Fineas cercando seus clérigos, que todos traziam armas debaixo dos hábitos. Mas para cena como esta não vinha preparado o povo; o governador manteve-se firme à frente dos seus arcabuzeiros, e vendo que não seria apoiado como esperava, deixou-se o bispo persuadir a retirar-se para o seu paço. Entabulou-se agora uma negociação, em que uma única dificuldade apareceu: a das condições com que seria levantada ao excomunhão, pois que o prelado, em quem a avareza sobrepujava o orgulho, e que sabia que neste caso, tendo contra si a justiça havia o governador por força de ceder, insistia numa multa de quatro mil arrobas de erva do Paraguai, valor de oito mil coroas. Submeteu-se a arbitramento esta exigência, e julgando-a ajustada, marcou o bispo para a cerimônia da absolvição um dia de festa, querendo dar maior publicidade ao seu triunfo. Hinostrosa prostrou-se por terra à porta da igreja, pedindo misericórdia, e Cárdenas, revestido dos seus hábitos pontificiais, depois de o ter repreendido em áspero e estirado discurso, absolveu-o, levantou-o e abraçou-o. Entrando ambos na catedral, entoou-se o *Te Deum*, findo o qual, subiu ao púlpito, donde pronunciou o elogio do penitente reconciliado, comparando-o com Teodósio, o Grande, e deixando ao auditório o cuidado de suprir a outra parte do paralelo... entre ele mesmo e Santo Ambrósio.

Sai o bispo da Assunção

1643

Se nesta transação havia sido rapace o bispo, fora pouco sincero o governador: prometera pagar as quatro mil arrobas e contra a exação protestava em segredo. Vendo como se protraía o pagamento, mandou-lhe Cárdenas dizer que, não cumprida esta condição, tornava-se a absolvição nula. Representou Hinostrosa que era a multa superior a suas forças, o reitor Sobrino tentou interceder por ele, e o bispo num novo acesso de cólera embarcou para Corrientes, deixando ao seu vigário-geral ordem escrita para publicar no dia seguinte um interdito geral, local e pessoal, o que quer dizer para onde quer que fosse o governador, iria com ele o interdito como uma praga. Conjuntamente se afixou no coro nas costas do crucifixo um papel, declarando que o governador recaíra em estado de excomunhão, de que só podia

tirá-lo o mesmo bispo, nomeando outras muitas pessoas que tinham incorrido na mesma pena, e especificando a soma que cada um devia pagar pela sua absolvição. Às mulheres, aos negros, e a certas pessoas ali referidas se permitia ouvir missa, mas para este fim nenhuma igreja se dava como isenta do geral interdito. Tomada sem formalidade alguma, considerou-se cada qual obrigado ou não por esta medida, segundo o próprio juízo, ou talvez segundo o partido a que aderira: conservaram-se pois algumas igrejas sempre abertas em menosprezo do interdito, e outras sempre fechadas em obediência a ele. O governador afirmava que em virtude do seu cargo tinha direito, ou não a ser tratado como um excomungado, ou a ser absolvido. Mas um católico nunca se sente muito a gosto quando ferido por semelhante sentença, e Hinostrosa não tinha tão pura consciência que dela tirasse a consolação interna que o caso requeria. Consultou pois sobre isto as diferentes ordens religiosas: os jesuítas responderam com alguma repugnância, que, visto não se achar em guerra, devia ele, para evitar escândalo, considerar-se excomungado até que o mesmo bispo lhe desse a absolvição; que os dominicanos e os padres das Mercês pelo contrário entendiam poder partir do vigário-geral. Recorreu Hinostrosa a este, que, sendo do partido do bispo, respondeu que o absolvesse quem assim opinara. Ouvido isto, dirigiu-se o governador com um troço de soldados ao aposento do vigário-geral, apregou-lhe as portas e as janelas, e declarou que ninguém estaria nela ou sairia enquanto aquele padre se não resolvesse a absolvê-lo. Vã ameaça era esta, e impossível de executar, nem o vigário-geral se deixou intimidar tendo o governador de retirar-se corrido. Tratou então Hinostrosa de redigir um memorial, que apresentou à Audiência Real de Charcas, perante a qual também expôs o bispo as suas queixas. Assim continuaram as coisas por algum tempo, até que vindo de Tucumán para a Assunção como vice-provincial dos jesuítas, viu Fr. Truxilo em Corrientes o bispo, que o nomeou seu vice-gerente e vigário-geral com plenos poderes. À sua chegada suspendeu ele tanto o interdito como a excomunhão, deixando tudo à decisão do tribunal a que estava agora afeta a causa.

Charlevoix, 2, 28-34

Pouco satisfeito ficou o bispo com o proceder de Truxilo. Partiu agora para a Assunção, mas parou oito léguas aquém no Jaguarão, grande aldeia de índios em terra fértil e sadia, e de lá expediu um edito caprichoso, proibindo a todo o mundo, exceto os regulares, ir ali durante sua esta-

Vai o bispo a Jaguarão, onde prende dois cônegos

da, sob pena de excomunhão e multa de cinqüenta coroas. O tesoureiro do cabido, D. Diego de León e o cônego D. Fernando Sanchez mandaram pedir licença para ir apresentar-lhe os seus respeitos, e ele escreveu-lhes em resposta uma carta de convite, acrescentando por um recado de boca que desejava falar-lhes sobre negócios do bispado. Apenas porém os avistou, exclamou: "Eis-vos aqui pois, traidores ao vosso bispo e à Igreja!" e logo os mandou recolher a estreito cárcere, cada um na sua câmara. Suspeitara ou descobrira ele um plano que o partido oposto havia forjado de desconhecê-lo por bispo, em razão da irregularidade da consagração, e pensou intimidar o cabido com a prisão destes dois cabecilhas. Vieram interceder por eles os superiores das diferentes ordens, mostrando-se Sobrino sobre todos caloroso por ter sido o instrumento de que o bispo se servira para esta traição. A tantas instâncias respondeu Cárdenas que estava resolvido a expurgar a sua diocese, e que se valia de medidas rigorosas, como o bom médico empregava cáusticos para bem do doente. Ameaçou meter Sanchez em processo criminal, apesar de invocar o cônego o seu privilégio como comissário da cruzada. Após quarenta dias de cárcere evadiram-se ambos os presos, fugindo junto do governador. Começou-se agora a tratar seriamente do que Cárdenas receara. Os vice-provinciais dos franciscanos e dos dominicanos emitiram ambos a opinião de que se podia legalmente desconhecer a jurisdição do bispo; Sanchez os apoiou e mandou-se chamar a Corrientes o tesoureiro para vir fazer causa comum com os outros. O prelado enviou à Assunção uma pessoa de confiança a inserir os nomes dos dois cônegos na lista dos excomungados, que lá estava ainda nas costas do crucifixo, e exigiu do governador que lhos entregasse. Recusou Hinostrosa, mas aconselhou aos dois que se retirassem, o que também eles julgaram prudente para segurança própria. A coragem do bispo lhe dava grande vantagem sobre os seus antagonistas, nem ele hesitou em excomungar os dois fugitivos, anular os atos do seu vice-regente Truxilo, lançar novo interdito sobre a cidade, e proibir a todos ter relações com o governador ou mesmo falar-lhe. Como Henrique II da Inglaterra, ou os imperadores gibelinos, viu Hinostrosa que em vão lutava contra um clérigo altivo; foi pois ao Jaguarão, prostrou-se aos pés do bispo, assinou uma obrigação pelas quatro mil arrobas, jurou pagá-las, recebeu a absolvição e ouviu

uma repreensão humilhante, que bem merecia, quando não pelo seu mau procedimento, pela sua pusilanimidade.

Rapacidade do bispo

Dos outros excomungados cobrou-se a multa sem perdão dum ceitil. Um bando de ávidos parasitas, que achavam nestas medidas uma colheita rica, instigavam o bispo a multiplicar estas exações. Na quinta-feira santa a todas as pessoas que entravam na igreja se declarou não poder ser admitido à comunhão quem tivesse tido relações com algum excomungado, sem assinar um papel, obrigando-se ao pagamento duma certa multa. Dois indivíduos que tentaram subtrair-se a esta imposição, foram postos fora. Sabendo disto, dirigiu-se o mestre-de-campo León à igreja, onde disse aos padres, que Judas vendera o seu mestre por trinta dinheiros, eles punham-lhe preço mais subido, mas ainda assim o vendiam barato: "Sois todos simonistas", acrescentou, "e estão me dando cócegas de servir-me do meu cinturão em vez de azorrague e enxotar do templo estes sacrílegos traficantes, não de animais para o sacrifício, porém do mesmo sacrifício. Mas, se não acaba já, já este escândalo, eu o farei acabar dum modo, que não vos há de fazer bom cabelo." Este arreganho militar produziu o seu efeito e a comunhão foi interrompida. A maior parte das pessoas que tinham assinado a obrigação, eram pobres demais para pagarem a multa, e o licenciado que tinha de cobrá-la entendeu poder reduzi-la a um quinto, pensando que se insistisse pela totalidade, nada receberia, mas por assim o haver feito foi banido e condenado a pagar trinta mil arráteis de erva-mate. Raivando com isto, convocou as pessoas que haviam assinado, rasgou todas as obrigações, e declarou-lhes que estavam quites do pagamento.

Nova excomunhão do governador

Não tinha limites nem paradeiro a rapacidade do bispo e dos seus parasitas. Entregou o governador à pessoa para isso designada pelo bispo as quatro mil arrobas, que, sendo embarcadas, perderam no rio, e Cárdenas exigiu que ele pagasse de novo outras tantas, o que com indignação foi recusado. Ofereceu-se o bispo para aceitar como composição quatro mil coroas, metade do valor, mas Hinostrosa tratou com o mesmo desprezo esta proposta, e o intolerante prelado mais uma vez o excomungou, declarando que quem lhe obedecesse, ou prestasse qualquer serviço, seria banido da província, e considerado como suspeito na fé, pelo que responderia perante o supremo tri-

bunal da Inquisição em Lima; e lançando novo interdito na cidade, mandou consumir todas as partículas consagradas. A paixão, o orgulho, o poder desenfreado o tinham levado à insânia. Reinava uma moléstia contagiosa na Assunção conjuntamente ameaçada por um corpo de guaicurus. Não passavam estes de trezentos, mas eram inimigos tremendos; os moradores não eram já os espanhóis dos tempos de Irala, e excomungados o governador e os principais oficiais todos lhe recusavam má obediência. A poder de instâncias, e atendendo ao estado dos negócios públicos e da epidemia, levantou o bispo o interdito, suspendendo por quinze dias a excomunhão. Fora mais o susto que o perigo e os selvagens retiraram-se. Por este mesmo tempo recebeu o governador despachos do vice-rei do Peru, que lhe ordenava fizesse sair para Santa Fé todos os portugueses estabelecidos na Assunção. Entrava o vice-rei também nos negócios da província, recomendando-lhe que não tolerasse mais a pressão do povo nem o aniquilamento da própria autoridade, e restabelecesse as coisas no pé legal, compelindo o bispo a conter-se dentro dos limites da sua jurisdição espiritual. Com isto cobrou Hinostrosa novos brios, e passando revista às suas tropas, fez saber aos índios das aldeias próximas que ia visitá-los, esperando achá-los prontos para o que deles exigisse o bem do serviço do rei. Em lugar de aguardar o ataque, renovou Cárdenas o fogo, e notificando a renovação da sentença por terem expirado os quinze dias, proibiu a espanhóis e a índios sob pena de excomunhão maior obedecerem ao governador. Mas este, animado com as cartas do vice-rei, procedeu da sua parte com igual energia, e declarando ter deveres importantes que cumprir no serviço do rei, exigiu do clero em nome de Sua Majestade que o aliviasse de todas as censuras eclesiásticas. A resposta foi que isto só o bispo podia fazê-lo, e ele passando ao Jaguarão, caminhou direto à igreja com todo o seu séqüito armado. O prelado cedeu, absolveu-o e o elogiou num sermão, convidou-o a jantar, suspendendo a pedido dele o interdito da cidade até depois da festa da Assunção, donde ela tirava o nome.

Causa da inimizade do bispo com os jesuítas

Não fora efeito do medo esta súbita mudança. Preparando-se para pugnar com outros inimigos, queria Cárdenas ter o governador por aliado; o parecer dado em Córdoba pelos jesuítas contra a sua consagração, tinha-lhe excitado contra a Companhia um ressentimento que ele disfarçara por algum tempo, afetando até distingui-la e favorecê-la na Assun-

ção. Não tinham os padres desmentido durante estas contendas a costumada prudência, mas era claro que desaprovavam o proceder de Cárdenas, e que teriam apoiado o governador, se este quisesse impugnar a legitimidade da jurisdição do bispo, o qual, mal o soube, voltou contra eles todo o ímpeto das suas paixões vingativas. Principiou a fazer guerra, mandando-os fechar as escolas, e nomeando um dos seus sequazes para instruir a mocidade da cidade, dizendo que por ordem do rei e para serviço de Deus os dispensava deste encargo. A medida seguinte foi inibir os regulares de pregar e dar absolvição, restituindo depois estas faculdades a todos, exceto aos jesuítas. Foi Sobrino ter com o vigário-geral, requerendo-o que lhe mandasse examinar todos os presbíteros que tinha no convento, a fim de que, se mostrassem habilitados para o seu ofício, fossem reintegrados, como os das outras ordens, no exercício das suas funções sagradas. Consultou-se o bispo, e a resposta foi que ele não punha em dúvida as habilitações, mas que não convinha permitir aos jesuítas a administração dos sacramentos em púlpito. Em seguida procurou interessar o governador nas medidas ulteriores que pretendia tomar, e mandou dizer-lhe por um agente (continuava o prelado a residir no Jaguarão) que estava resolvido a expulsar da sua diocese os jesuítas, e, à guisa de peita, oferecer-lhe para dote duma filha natural as quatro mil coroas que reclamava como indenização pela perdida erva. Respondeu Hinostrosa vagamente a esta confidência, e em segredo informou dos desígnios do bispo os jesuítas, sem contudo lhes dar esperança de que se empenharia por eles, parecendo antes disposto a deixar que as coisas por si mesmas se compusessem, porventura alegre de ver que ao seu incansável e implacável espírito de contenda, achara o bispo diverso objeto. Não era o governador a única pessoa que o bispo tratava agora de ligar aos seus interesses. Convocou todos os candidatos a ordens sacras, fazendo-os jurar que lhe seriam fiéis, ainda que fosse a vida o preço da lealdade; ora era isto criar um partido forte pois que as melhores famílias destinavam sempre alguns dos seus filhos ao estado eclesiástico, como melhor meio de arrumá-los, e elevá-los na sociedade. As argüições que conversando e pregando fazia aos jesuítas, dirigiam-se aos antigos inimigos: acusava-os de se fazerem a si mesmos senhores dos índios, em detrimento da coroa, da Igreja e dos espanhóis, privando os últimos das encomendas que lhes competia; dos seus tributos à primeira, e

dos seus dízimos a Igreja. Tinham descoberto, dizia ele, ricas minas de ouro, que ocultavam para seu uso privativo. Tinham entrada no Paraguai só com seus hábitos, e eram já soberanos dum vasto país, mas ele estava resolvido a tratá-los como os paulistas e os venezianos haviam feito. Bem escolhidos eram estes tópicos para os ouvintes, fazendo reviver entre eles esse ciúme e má vontade que tantas vezes haviam impedido os jesuítas no prosseguimento de seus vastos planos.

Procura o bispo expulsar da Assunção os jesuítas

Tinham os jesuítas comprado uma fazenda chamada de S. Isidoro; propôs o bispo que eles lha cedessem, pelo que lhes havia custado, e sem esperar a resposta mandou dizer-lhes que eram assaz ricos para dela lhe poderem fazer presente, mas que confiando pouco na sua generosidade, devia declarar-lhes que o terreno pertencia aos índios do Jaguarão, e assim o despejassem dentro de oito dias, aliás os expulsaria, dando o que lá se achasse em recompensa aos que lhe executassem as ordens. O mensageiro desta intimação disse ao reitor que dela não havia apelação senão para o papa, e que para isto faltava o tempo. Mas Cárdenas metera-se agora com homens que tinham consciência tanto da sua força como do seu direito. Em lugar de vergar a cerviz recorreu Sobrino ao governador, que mandou um alcaide com dez homens armados a defender a propriedade ameaçada. Tinha o bispo tomado para seu confessor e principal favorito um frade agostinho renegado, por nome Francisco Nieto, homem de espírito audaz e vida dissoluta, esse aconselhou agora ao prelado que obrasse com energia, expulsando de uma vez os jesuítas do seu colégio, e cortando assim a árvore pelo tronco, em lugar de lhe estar podando a rama. O povo, dizia ele, estava bem disposto, eram odiosos os jesuítas, e se o governador se atrevesse a arrostar o bispo, comprometia-se ele Nieto a fazê-lo entrar na razão com dois ou três bons murros: "Por Santiago, pois, e a eles!" Seguiu Cárdenas um conselho tão caracteristicamente dado, contando com a disposição popular e a cordial cooperação das outras ordens regulares. Nesta confiança mandou aos franciscanos, dominicanos e aos padres de la Merced instruções secretas, para arranjarem pessoas idôneas, que das reduções do Paraná se encarregassem, enquanto se lhes não davam curas, e com igual segredo mandou fretar embarcações para transporte dos jesuítas, e comprar biscoito e sal para a viagem. Tomadas estas medidas, abalou o bispo do

Jaguarão, repicando os sinos à sua saída, como diz Charlevoix, fosse a conquistar os muçulmanos à Terra Santa. Contara ele chegar no mesmo dia à Assunção, mas uma chuva violenta o demorou; Nieto contudo seguiu avante e topando na cidade o tenente-general D. Francisco Florez, foi por este convidado para a ceia. Não sabia Florez do segredo, e Nieto lho comunicou, dizendo que o bispo tencionava entender-se primeiro com o governador, e se visse que este não queria fazer causa comum com ele, pedir-lhe que se ausentasse. Também acrescentou que não podia falhar o plano, por trazer o bispo consigo quatrocentos índios bem armados. Talvez que a boa ceia tivesse tornado Nieto assim tão expansivo. Escutou Florez, como se deixasse se convencer por estes argumentos a abraçar o partido do bispo, mas partiu imediatamente a avisar o governador, que sem perda de tempo informou aos jesuítas do que se tramava. Era dever deles, disse-lhes, defenderem-se por todos os meios legais contra a meditada violência, e conseqüentemente enviou-lhes armas. Na manhã seguinte saiu com a maior parte dos moradores ao encontro do bispo, e Cárdenas perguntou-lhe por que não via ali nenhum jesuíta. Respondeu Hinostrosa que tinham eles na véspera sabido vir o bispo a expulsá-los do seu colégio, pelo que estavam preparados para resistir. Não era aquele o lugar, acrescentou, para dizer o que pensava da intenção do prelado, mas teria a honra de conversar com ele em particular sobre este objeto. Voltando-se então para Nieto, exclamou Cárdenas: "Algum diabo descobriu tudo, e estamos traídos."

Duplicidade do governador

Assim contrariado no desígnio de surpreender os jesuítas, foi o bispo alojar-se no convento dos franciscanos, procurando adormecer-lhes a vigilância com enganosas civilidades. Eles pela sua parte, não tendo sido ainda abertamente agredidos, retribuíram-lhe com igual insinceridade as cortesias, que era este o século das máximas italianas de insidiosa política, segundo as quais era o maior embaixador o melhor estadista. Hinostrosa fez ver o bispo que melhor seria atacar os jesuítas nas suas reduções, aliás fariam vir uma força de neófitos para sua defesa na Assunção; nas aldeias porém poderiam ser apanhados de improviso, para o que lhe oferecia uma escolta suficiente. Aprovou Cárdenas o conselho, e continuou a entreter os jesuítas enquanto se aprontava a força. Entretanto ocupou-se em redigir um memorial para coonestar o procedimento que premedita-

va, alegando como autoridades e documentos justificativos ordens d'el-rei, e petições contra a Companhia assinadas pelo clero regular e secular, habitantes da Assunção e grande número de índios. Assim se achavam as coisas quando da Audiência Real de Charcas vieram despachos ordenando ao bispo que levantasse o interdito e a excomunhão, sem extorquir multa de pessoa alguma, e anulasse todos os impostos que debaixo de tal pretexto havia lançado. Uma carta particular da Audiência exortava a voltar à Assunção, governar a sua igreja da forma que da sua virtude e talentos se devia esperar, viver em melhor harmonia com o governador, e manter tanto na conversação, como nos seus escritos e atos, a dignidade do seu caráter, de que por demais se havia esquecido. Ao mesmo tempo recebeu o governador instruções particulares em que se lhe recomendava que visto ser ele o representante do rei no Paraguai, fizesse compreender isto ao bispo. Desejando preservar a paz com o seu fogoso adversário, não queria Hinostrosa publicar o decreto da Audiência, mas obrigaram-no a isso as pessoas por ele aliviadas de multas e censuras, e tornada assim a acender a mal extinta inimizade do bispo, buscou este satisfazê-la contra o governador e os jesuítas ao mesmo tempo. Neste intuito tentou haver de Sebastian de León, o mestre-de-campo, uma carta de Carlos V que julgava em poder deste oficial, carta que autorizava o povo da Assunção no caso de morte do governador a nomear outro *ad interim*. "Jamais", disse ele, "houve tanta razão para exercer este privilégio como agora." Com isto só pretendia ver-se à frente do povo para expulsar os jesuítas. Era dever seu executar esta grande medida, como o era do cirurgião cortar um dedo gangrenado para salvar a mão: o papa lhe levantaria por isto uma estátua, e ainda que outra e nenhuma obra boa executasse, só esta o tornaria digno da canonização. Desta conversa deu León parte ao governador, a questão era agora saber quem havia de ser o governador, ele ou o bispo, e Hinostrosa resolveu não perder a vantagem de dar o ataque em lugar de aguardá-lo. Fiel porém ao seu sistema de duplicidade enquanto declarava a Cárdenas que em quinze dias ficaria pronta uma escolta de cento e trinta homens para a expedição às reduções, conjuntamente mandava buscar a estas seiscentos índios armados para operarem debaixo das suas próprias ordens contra o bispo, e com o receio de que não chegassem a tempo enviou segundo mensageiro a fazê-los avançar a marchas forçadas.[7]

Marcha o governador com os guaranis a apoderar-se do bispo

Chegaram ao Jaguarão os índios convocados para o serviço do bispo antes de se ter aproximado a força que o governador para si mesmo destinava. Voltou Cárdenas para ali, e principiando já a desconfiar da duplicidade de Hinostrosa, observou a alguns amigos, que, se atacasse primeiro as reduções, achariam os jesuítas tempo para se fortificarem no seu colégio onde poderiam manter-se até obterem a seu favor ordens da Audiência Real ou do vice-rei do Peru: enquanto que pelo contrário se lhes descarregasse logo o golpe sobre o quartel-general expulsando-os de uma vez, era provável que o rei, embora não fosse talvez possível obter dele que a ordenasse, aprovasse a medida antes do que correr o risco de provocar uma insurreição do povo, que a apoiaria. E como cautela preliminar para assegurar o bom resultado da empresa, resolveu apoderar-se do governador. Não tardou Hinostrosa a saber deste desígnio. Achava-se já a quatro léguas da Assunção a força guarani, composta de oitocentos homens bem amados, e o governador saindo-lhes ao encontro com uns poucos de soldados, e marchando com eles toda a noite, entrou no Jaguarão ao romper do dia[8]. Foi o bispo acordado pelos seus criados aterrados, tendo apenas o tempo preciso para saltar da cama e vestir-se à pressa, quando Hinostrosa lhe entrou pela câmara adentro, dizendo que a reconduzi-lo para Assunção vinha, pois que os índios daquele aldeamento, tornando-se insolentes e arrogantes debaixo da proteção do prelado, recusavam obediência ao seu governador. Os advogados do bispo afirmam que já estava ali um bote pronto, para transportá-lo preso e em ferros: os jesuítas não confessam semelhante intenção, mas nem eles nem o governador seriam escrupulosos nos meios, ou melindrosos no modo de segurar o seu prisioneiro, e Cárdenas, percebendo-o logo, meteu-se por uma porta do seu aposento, que dava para o altar, e num momento estava agarrado a um dos pilares do santuário. Seguiu-o Hinostrosa, lançando-lhe a mão[9], mas o bispo estava no seu terreno, e gritando em altas vozes, declarou excomungado o governador. Um padre e uma mulata (cozinheira do bispo) foram os primeiros que acudiram aos gritos. Atiraram-se ambos ao governador, derrubando-o sobre os degraus do altar. Quase no mesmo instante se encheu de povo a igreja. Com esta vista cobrou ânimo o bispo, que, tendo à mão as suas próprias armas, tomou do tabernáculo o cibório, er-

gueu-o ao ar, e quem ali estava prostrou-se ante a presença da Divindade. Perguntou ele então ao governador a que viera. "Anunciar o vosso exílio da província", respondeu Hinostrosa, "e o seqüestro das vossas temporalidades, por haverdes usurpado a jurisdição que d'el-rei tenho. É uma ordem do vice-rei que assim vos intimo." Depois parecendo-lhe decoroso ou prudente sair da igreja, assim o fez, tencionando apoderar-se do bispo mal este viesse para fora. Mas Cárdenas não se afastava do santuário, e o governador o bloqueava, sem que o malogro doutra tentativa semelhante na Assunção o convencesse da sua loucura. Entretanto apoderavam-se os seus de quanto podiam haver saqueando a casa do bispo, matando-lhe o gado, assolando-lhe os campos e despindo os habitantes. Na esperança de pôr termo a estes excessos saiu o bispo em procissão com a hóstia[10], trazendo as índias do lugar ramos verdes adiante dele e salmiando os cantores o *Pange lingua*. Tendo na hóstia proteção suficiente, fez alto diante da tropa do governador, e dirigindo-se a alguns que não tinham ajoelhado assaz prontos chamou-os bárbaros, hereges e cismáticos. De volta ao seu asilo arengou o povo contra o governador, respondendo-lhe este da porta em estado de igual exasperação e para cúmulo do escândalo entrando na igreja e fazendo sair os índios, a pau apesar da presença do sacramento.

Carrillo § 29 Charlevoix, § 60-70

Promete o bispo submeter-se e marcha em segredo para Assunção

Antes de findo o dia veio a reflexão ou o cansaço aconselhar a moderação a ambas as partes. Tiveram uma entrevista e prometendo o bispo deixar a província dentro de seis dias e levantar a excomunhão, despediu Hinostrosa os guaranis. Viu-se o bispo porem-se em marcha para casa mandou segui-los por algumas pessoas, querendo ficar seguro de que não se expedia contra-ordem para voltarem, e descansado a este respeito, partiu para Assunção antes do nascer do dia. Diferentes boatos traziam agitada a cidade: entre outras coisas dizia-se que o governador fizera Cárdenas seguir rio abaixo e vinha agora à testa dos guaranis debelar-lhe o partido na Capital. Mas ao saber-se da vinda do bispo repicaram os sinos e retumbaram com aclamações as ruas; trazia ele ao peito uma hóstia numa caixinha de cristal, e adiante marchavam padres munidos de armas debaixo dos hábitos. Confiando na força do seu partido, mandou marchar contra o colégio dos jesuítas, mas dizendo-se-lhe que quatro-

centos homens o defendiam, deixou-se alterar pela mentira e foi para o convento dos franciscanos. Fortificá-lo foi o seu primeiro cuidado; abriram-se canhoneiras nas muralhas, assestaram-se peças, reforçaram com basões as partes mais fracas, e para que não faltassem socorros espirituais, trouxeram-se da catedral a imagem da Virgem e a de São Brás da sua própria igreja, colocando-se ambos os ídolos de sentinela sobre o altar[11]. Feitos estes preparativos, tocou o sino a rebate, reuniu-se o povo, e tendo um alcaide e os regedores ao lado, dirigiu-se o bispo à multidão; disse que os índios armados dos jesuítas tinham saqueado Jaguarão e vinham em marcha para fazer o mesmo a Assunção: e ele, por ter querido defender os privilégios do povo, havia de ser agora expulso da sua diocese. Mas reclamava agora em nome d'el-rei a proteção desse mesmo povo, e exortava-o, caso não aparecesse a carta que o autorizava a eleger um governador, a que procedesse sem ela a eleição, sendo justificação suficiente a necessidade do caso. Aterrado com a descrição que ouvira fazer do proceder dos guaranis, correu o alcaide a ter com o governador, requerendo que aos índios se não permitisse a entrada na cidade. Tinha-os Hinostrosa efetivamente tornado a chamar por conselhos do mestre-de-campo León, e o alcaide, vendo que não lhe respondiam à medida dos seus desejos, tornou-se insolente, pelo que foi metido na cadeia. Raivou com isto o povo e a conseqüência teria sido uma insurreição, se não fora o receio dos guaranis, que se dizia virem avançando com perfeita disciplina e por ordem do governador. Procuraram o bispo e o seu partido vencer este temor, e apoderaram-se da carta e do estandarte real, mas como nem uma nem outra coisa lograsse, recorreu o prelado às suas armas costumadas, excomungando León e os seus amigos. Muitos dos melhores e mais bem avisados moradores julgaram agora prudente prover a própria segurança, retirando-se da cidade, O governador, sentindo-se autorizado pela carta do vice-rei, justificado pelas circunstâncias, e habilitado a levar avante o que principiara, graças à força que os jesuítas punham à sua disposição, mandou o escrivão d'el-rei declarar ao bispo que estava pronto um navio para transportá-lo a ele e a toda a sua casa, cumprindo partir sem detença. Ao aparecer o escrivão diante da porta do convento, tentou um frade assassiná-lo com um dardo: o barulho que se seguiu atraiu fora o bispo, o qual, ouvida a mensagem do escrivão, respondeu excomungando-o, acrescentando que, se

não se portasse como tocava a quem se achava ferido por semelhante sentença, seria multado em quinhentas coroas e entregue à Inquisição por contumaz. Neste estado de exasperação afirma-se que quatro eclesiásticos se ofereceram para matar o governador, tendo o bispo na sua paixão declarado não seria crime; que eles se armaram para este efeito e que no conselho do prelado se resolveu que uma partida mais forte poria fogo ao colégio dos jesuítas enquanto os padres cometiam o assassinato. Aproveitou-se o governador deste boato, talvez para isso mesmo espalhado, e mandou entrar na cidade cem guaranis, postando metade no colégio e outra metade na sua própria residência. Seguro com a superioridade que esta força lhe dava, procedeu Hinostrosa com as fórmulas da lei. A primeira medida foi prover ao governo da igreja, como se estivesse vaga a sé. Dos antigos cônegos o único que estava na cidade, era Sanchez, que antes da chegada de Cárdenas havia servido de vigário-geral e provisor do bispado. Convidou-o o governador a reassumir aquelas funções, alegando acharem-se os direitos do bispo viciados pela maneira da sua consagração, e prometendo sustentar o cônego com a autoridade d'el-rei. Exigiu Sanchez como primeira e indispensável medida que se provesse à sua segurança pessoal, e logo se lhe deu uma força que o escoltasse até ao colégio dos jesuítas. Tocou-se então a rebate, arvorou-se na praça pública o estandarte real, e ordenou-se a todos os moradores sob pena de morte que comparecessem armados, prontos para qualquer serviço que em nome do rei deles se exigisse. Obedecendo apareceram os oficiais com a tropa; a municipalidade à frente da milícia; e formaram também em linha cento e cinqüenta guaranis. Dirigiu-se o governador então ao colégio, perguntando formalmente por D. Cristoval Sanchez de Vera, provisor e vigário-geral da diocese, que em seguida foi conduzido à catedral com uma procissão militar. Mal abertas as portas encheu-se a igreja de pessoas de todas as idades ávidas de verem o que se ia passar. Concluída a sua oração, tomou Sanchez de sobre o altar um crucifixo que deu a beijar ao governador, e depois tomando o assento que ocupara *sede vacante*, declarou reassumir o cargo, por não ter D. Bernardino Cárdenas jurisdição legítima. Repicaram os sinos, arrancaram-se as listas dos excomungados e levantou-se o interdito. Como único meio de aparar este golpe acabava Cárdenas de levantá-lo por si mes-

Os jesuítas depõem o bispo

1644

mo. O governador publicou um edito, referindo as razões de queixa contra o ex-bispo, e proibindo a todos sob pena de morte a entrada na casa, onde ele buscava defender-se. No mesmo sentir promulgou o provisor uma pastoral. Forte como era o partido do bispo, achando-se sem dúvida alguma do seu lado a maioria dos espanhóis, tinham agora os adversários combinado tão bem as suas medidas que impossível se lhe tornava a resistência. Declarou pois Cárdenas que estava pronto a partir. Despediu-se de alguns dos seus mais dedicados amigos, excomungou e anatematizou outra vez os inimigos e dirigiu-se ao embarcadouro, levando como de costume a hóstia pendente no pescoço, seguido dos seus clérigos com tochas acesas. Mal se viu a bordo, tornou a lançar o interdito, tocando uma campanhia que fazia parte indispensável do seu trem de viagem. Os seus partidários tinham recebido instruções para a um sinal convencionado anunciarem o ato com o toque dos sinos do convento franciscano e da igreja paroquial que fora de Cárdenas, de modo que o partido oposto julgou necessário fazer repicar todos os outros sinos, abafando o som sinistro daqueles.

19 de nov. 1644

Charlevoix, 2, 70-7

Bem sabia Cárdenas durante todas estas transações qual era o seu lado vulnerável, nem lhe escapava que por mais certa que houvesse sido a sua nomeação para o bispado, e acidental a demora da chegada das bulas, tinha havido na sua consagração por falta delas uma omissão de formalidade, que o tornava sujeito a censuras, embora lhe não viciasse a posse. Era este de fato um ponto de direito, que a ambas as parcialidades servia de pretexto, mas a questão real que se agitava vinha a ser se haviam os jesuítas de prosseguir-se no seu sistema de catequese, ou se devia continuar a antiga prática de escravizar os pobres índios. Nenhuma destas duas coisas perdeu Cárdenas de vista: para ser aliviado de censuras em que houvesse incorrido, requereu para Roma, mas bem sabia ele quão vagarosas são as fórmulas legais, podendo passar anos antes que isto se resolvesse. A execução dos seus planos contra os jesuítas confiou-a ele a agentes mais ativos. A acusação contra os padres da Companhia que fazia de terem descoberto minas de ouro, trabalhando nelas ocultamente em proveito próprio, era das que excitam imediato ciúme. E repetia-a nas suas com a maior confiança. Os seus partidistas chegaram

O bispo acusa os jesuítas

até a dirigir a este respeito memoriais ao Conselho das Índias, de tão importante que julgou o assunto, logo expediu os para que nas reduções se não tolerassem missionários que fossem súditos natos de Sua Majestade Católica, com receio de que estrangeiros servissem de agentes para passar o ouro a outros países. A este boato, originado na credulidade, cobiça e malícia, veio dar agora grande força o testemunho dum índio por nome Buenaventura. Servira este homem num convento de Buenos Aires; fugindo dali, reunira-se a algumas tribos errantes, vindo a dar no correr das suas aventuras a uma das reduções do Paraná, onde se declarou cristão, adquiriu fama de piedade, e acabou por fugir com uma mulher casada. Perseguidos os fugitivos, foram alcançados e reconduzidos sendo Buenaventura, depois de açoitado na praça, expulso da redução. Voltou a Buenos Aires e declarou que os jesuítas o haviam empregado nos trabalhos das suas minas nas quais em três dias achara bastante ouro em pó para encher um meio alqueire. Como confissão acrescentou que ele e outro índio tinham combinado fugir com o metal que pudessem transportar, mas que o camarada o havia traído, pelo que fora ele açoitado e expulso. Para defesa das minas, disse, tinham-se fortalezas em que guarnições munidas de armas fogo faziam o serviço. Era circunstanciada a história, e a sua congruência bem como a aparente simplicidade com que o seu autor respondia a todas as perguntas, lhe mereceram crédito. O reitor do Colégio de Buenos Aires julgou necessário requerer que fosse este homem inquirido por um magistrado; a arte do índio não estava a par duma inquirição habilmente dirigida e as informações sobre os costumes vieram confirmar opinião que da veracidade dele se havia formado. Oficiou pois o governador da província ao Conselho das Índias, que o boato das minas, de que tanto se falava, não tinha o menor fundamento. Foi este governador pouco depois rendido por D. Hyacintho de Laris, de quem o índio obteve uma audiência repetindo-lhe o conto e protestando que para lhe negarem crédito ao testemunho positivo outra nenhuma razão havia além de ter-se ele assustado pelas fórmulas de um inquérito judicial. Deu D. Hyacintho ouvidos a essa história, de que tantas vantagens para si mesmo esperava, e uma carta, que ao mesmo tempo lhe chegou, na qual Cárdenas falava da existência das minas dos jesuítas como de fato de que não podia duvidar-se, determinou-o a ir em pes-

soa averiguar a verdade no próprio lugar. Assim partiu para as reduções com uma escolta de cinqüenta soldados, levando consigo Buenaventura e um marinheiro experimentado. Tinha o índio provavelmente inventado o seu conto como meio de tirar alguma coisa dos que o escutavam, e perseverado nele por tornar-se assim pessoa de alguma conseqüência. Agora porém tornava-se a coisa séria, e a meio caminho desapareceu o homem. Fosse qual fosse a opinião que D. Hyacintho à vista desta fuga passou a formar do depoimento do seu informante, seguiu até a redução mais próxima, e sem comunicar aos jesuítas o fim da sua expedição, principiou por interrogar secretamente alguns neófitos a respeito das minas. Bem lhe sabia das intenções Díaz Taño então superior das missões, como bem o devia ter previsto o governador, a quem aquele pedido que já tinha chegado ali passasse a visitar todas as reduções, requereu em nome do rei obrigasse Cárdenas a dar a prova das asserções que na sua carta fazia. Entrou pois D. Hyacintho no Paraguai, percebendo grande agitação entre os neófitos onde quer que se apresentava. Era que estavam persuadidos que vinha ele depor os jesuítas, e que o capelão que o acompanhava havia de tomar posse das igrejas. Ponderou-se pois ao governador que se não tranqüilizava prontamente os conversos a este respeito, o menor mal que podia esperar era a deserção completa das reduções.[12] Explicado o negócio, perderam os guaranis todo o receio. Era do interesse dos missionários proporcionar a D. Hyacintho todas as facilidades para as suas pesquisas. Ofereceram-se grandes recompensas a quem descobrisse uma mina, e o governador prometeu ao primeiro soldado que obtivesse a desejada notícia uma patente de capitão, equipamento completo para o novo posto, e uma gratificação de duzentos filipes. Afinal apareceu um índio, dizendo que o pai o levara a uma mina de ouro quando rapaz, e que apesar de ter tido então apenas cinco anos de idade, lembrava-se do lugar perfeitamente. Mandou-se o mineiro com ele, e após alguns dias de jornada chegaram ambos a um sítio, em que nada se achou além de uma substância brilhante, que uma criança poderia tomar por metal.[13] Entretanto escrevera D. Hyacintho a Hinostrosa, e também exigira de Cárdenas as provas da sua asserção. De ambos recebeu agora resposta: dizia-lhe o primeiro que muitas vezes havia ouvido falar nas minas do Uruguai sem nunca dar crédito a tais boatos, o segundo que a seu tem-

po e lugar devido apresentaria as provas, mas que o verdadeiro modo de principiar era pela expulsão dos jesuítas devendo os benefícios que daí resultariam, exceder os das mais ricas minas que se pudessem descobrir. A única sombra de dúvida que podia restar nascia do desaparecimento de Buenaventura, e os jesuítas, bem sabendo que deixaram de suspeitá-los de ter feito desaparecer este homem, tanto fizeram até que lhe lançaram a mão. A situação em que ele agora se viu, privou-o de toda a astúcia, e até da coragem precisa para teimar na sua, a ver se lograva segunda vez escapulir-se; e neste estúpido estado de medo, como D. Hyacintho lhe oferecesse as maiores recompensas se fazia a descoberta que prometera, negou ter nunca feito semelhante promessa ou haver jamais dito coisa alguma a tal respeito. Era possível que o medo dos jesuítas lhe tapasse a boca. Prometeu-lhe o governador solenemente protegê-lo, tentando em todos os meios de persuasão e acoroçoamento. Empregou-se, então a tortura, coisa jamais sem execração se pode referir mas em que nenhum governo escrupulizava naqueles tempos. O mais que dele se pôde arrancar foi que se jamais tinha falado em minas e fortalezas, devia ter estado ébrio. "Embriaquez ou impostura", exclamou D. Hyacintho, "há de custar-lhe a vida!", e deu ordem que o enforcassem. Intercederam os jesuítas, como exigia a boa política, e graças a essa intercessão fizeram-lhe a coisa por duzentos açoites.

Charlevoix, 2, 80-85

Entretanto exercia Cárdenas em Corrientes autoridade tanto civil como eclesiástica, prova suficiente de ser por ele a maioria dos habitantes. Dali despachou o sobrinho com uma carta para o bispo de Córdova, reiterando as suas acusações contra os jesuítas, especialmente a de lavrarem minas em proveito próprio. Acusando-os também de enriquecerem estados estrangeiros em detrimento do Erário, e de condenarem milhares de pessoas ao Inferno pelas doutrinas heréticas que ensinavam aos seus conversos, convidava D. Melchior, como o bispo mais antigo da província (estava então vaga a sé metropolitana) a convocar um concílio provincial, que pusesse cobro a este mal tremendo. A pertinácia com que Cárdenas dirigia a este prelado suas queixas, depois dos repetidos desenganos que recebera, é um dos sintomas dessa insânia com que o seu proceder tão freqüentemente parece ter sido eivado. Respondeu Maldonado no seu tom costumado de digna e calma reprovação. Na acusação de he-

resia mal tocou, e quanto à das minas, tratou-a como invenção do mesmo Diabo, para destruir as reduções. Muitas vezes, dizia ele, se perguntara ele a si mesmo porque canal, se tais minas existiam, poderiam os jesuítas remeter o seu ouro para países estrangeiros e hostis, e nunca o descobrira; por S. Paulo decerto que não era. Quanto ao proposto concílio provincial, não havia então na província bispos que a ele pudessem concorrer, exceto Cárdenas e ele, a respeito dos quais era já sabido que jamais poderiam chegar a um acordo. Concluiu tornando a exortá-lo à caridade cristã.

Charlevoix, 2, 91-97

Entretanto valiam-se tanto Cárdenas como os seus antagonistas de toda a sua influência na Audiência Real e na Espanha, para fazerem prevalecer cada qual a sua causa. A Audiência três vezes convidou Cárdenas a comparecer perante ela em Chuquisaca, chegando a expedir ordem para que, se recusasse obedecer, fosse banido dos domínios d'el-rei, exigindo-o assim a paz da província e o serviço de Sua Majestade. Mas estava o bispo por demais seguro dos seus amigos, e era também por demais resoluto para submeter-se sossegadamente; estavam no mesmo lugar a sua força e as esperanças, e ele decidiu-se a voltar a Assunção, e tornar a disputar o campo ao governador, inculcando que antes de empreender a jornada para apresentar-se à Audiência, precisava olhar pelos negócios da sua diocese, e nomear um vigário-geral, que fizesse as suas vezes durante a ausência. Efetivamente avançou até algumas léguas na Assunção, onde, contraindo-se, não mede o rio de largura mais de um tiro de mosquete, lugar que por isso se chama *Angostura*, ou Estreito. Aqui tinha o governador estabelecido um posto para dominar a navegação, e homens que tinham nas mãos os meios de se fazerem obedecer, ordenaram a Cárdenas não passasse avante. Queria ele desembarcar algures, e continuar a marcha por terra, mas os seus companheiros, julgando coisa por demais arriscada, contra vontade dele o tornaram a trazer para Corrientes.

Parte Cárdenas para a Assunção mas tem de retroceder

Tal é a narração dos jesuítas, mas os partidistas do bispo contam mui diversa história. Durante os dois anos até agora decorridos desde a expulsão do prelado, ficara a Igreja, dizem eles, num estado de adultério espiritual. O primeiro cuidado de Hinostrosa fora fazer com que todo o mundo, em despeito do interdito, ouvisse missa e cumprisse todas as cerimônias da religião na igreja dos jesuítas, não nas que o bispo designara e

nas quais só podiam administrar-se validamente os sacramentos. Os homens tinham de obedecer a esta ordem sob pena de morte, as mulheres sob a de açoites e cadeia. Para dar peso à ameaça, todas as manhãs se erguiam, uma diante do colégio, outra no meio da praça, duas forcas, que ao cair da tarde se retiravam, não fosse o povo destruí-las de noite, mas todo o dia ali estavam com suas cordas e polés já prontas para serem mais expeditas as execuções. Além disto obrigava, o governador, velhos e mancebos, varões e mulheres a assinar depoimentos contra o bispo sem que ninguém soubesse de que dava testemunho. Fizeram estas medidas com que muitas pessoas fugissem para as matas, onde suportaram toda espécie de sofrimentos, abortando muitas mulheres e perdendo outras as vidas. Nem isto era tudo: asseveram os advogados do bispo que Deus castigara visivelmente a cidade e a província, por terem tolerado a injustiça que se fazia ao seu prelado ou pelo terem-no contrariado. Muitos dos perseguidores de Cárdenas morreram morte violenta, e entre eles nove jesuítas.[14] Uma só gota de chuva não caiu em todo o tempo da ausência do bispo; parecia de ferro o firmamento, exaustas as fontes, secos os riachos (coisa nunca antes vista no Paraguai), rebanhos, manadas inteiras pereciam por falta d'água, morrendo muitas criaturas humanas à sede, e muitas de fome. Despovoou-se o país acudindo todo o mundo à cidade por causa do rio. Sentiram-se pela primcira vez terremotos, e insetos destruidores assolaram os campos. Entretanto declararam o tribunal e o juiz metropolitanos ter sido a expulsão do bispo violenta e sacrílega, mandaram-no voltar à sua sé, ordenaram que todos lhe obedecessem como o seu legítimo prelado, depuseram Hinostrosa de seu governo, e condenaram-no a uma multa de dez mil coroas. A Audiência Real confirmou esta sentença. Partiu pois o bispo para Assunção, e vendo-se detido na *Angostura* por um troço de mosqueteiros guaranis das reduções, que os jesuítas ali haviam estacionado, e por alguns espanhóis excomungados, que o governador mandara a cooperar com eles, e aos quais os padres da Companhia forneciam vinho em abundância e tudo o mais, mandou o guardião do convento dos franciscanos de Corrientes com uma carta a Hinostrosa. Dizia a missiva que em cumprimento da sentença do juiz metropolitano, confirmada pela Audiência Real, vinha ainda uma vez a tomar posse da sua igreja, absolver os excomungados, abençoar os campos, e implorar a misericórdia divina, para que Deus se amerceasse da aflita província, derraman-

do sobre ela orvalho do céu. O governador rasgou a carta, ameaçando enforcar os barqueiros, se tentassem passar avante; os jesuítas no orgulho do seu triunfo disseram que antes se veria voar um boi e correr atrás o Paraná de que voltar Cárdenas à sua sé; e o bispo, que por força teve de regressar a Corrientes, embora repetidas vezes requisitasse meios de subsistência, apenas pôde obter de duas a três mil coroas em todo o tempo do seu exílio. Assim referem as coisas os advogados do prelado.

Villalón, § 40-51. Carrillo, § 38-48

Tinha Cárdenas amigos poderosos, aliás não poderia ter resistido naquele século à formidável influência dos jesuítas. Como meio de terminar a contenda com o menor escândalo possível, nomeou-o a corte bispo de Popián, mas olhando isto só como um modo honroso de tirá-lo da disputada sé, tinha ele por demais altivo o ânimo para aceitar o partido. Escreveu pois ao metropolitano e ao cabido, dizendo que a idade lhe não permitia já empreender tão longa viagem, e ao rei representou no mesmo sentido. Era que ainda esperava ele gozar do dia do triunfo, nem perdida tinha por então a coragem. Expirou o termo do governo de Hinostrosa, a quem deram por sucessor D. Diego Escobar Osório. Entendeu-se que poderia o bispo viver em paz com um governador novo; pelo menos não havia entre eles inimizades velhas, que tornassem impossíveis essa harmonia tão essencial à tranqüilidade pública. Na esperança de satisfazer ambas as partes por uma espécie de compromisso, resolveu a Audiência, Cárdenas conservasse a sua sé, mas não residisse nela, e ainda uma vez o citou para Chuquisaca; o bispo porém, querendo só julgar obrigatória a parte da sentença que ia de acordo com os seus desejos, partiu imediatamente para a Assunção.[15] Com transportes de alegria o recebeu o povo, dançando diante dele os negros ao conduzi-lo a exultante multidão para o antigo alojamento do convento dos franciscanos. Tinha Osório recebido instruções para evitar que o bispo ou o seu partido empreendesse coisa alguma contra os jesuítas, ordem que devia ser do seu interesse observar. Três semanas se passaram durante as quais procurava o governador persuadir Cárdenas a obedecer ao chamado da Audiência, e tratava este de fortificar a sua facção, preparando-se para operações ativas. Findo aquele tempo tomou posse da sua catedral. A história que os aderentes do bispo preparavam para lhe houvessem acrescentado que a volta do

Expira o governo de Hinostrosa

prelado pôs termo a todas as calamidades físicas da província. Afirmam eles que enquanto Cárdenas dizia na catedral a sua primeira missa toldaram-se os céus, caindo no dia seguinte uma chuva branda e vivificadora; reassumiram os orvalhos o seu curso natural, tornaram a escher-se as nascentes, manando abundante a água, e foi das mais ricas a colheita. É muitas vezes difícil escolher entre o testemunho desses dois nativos, nenhum dos quais escrupulizava em matéria de falsidade, mas os fatos, documentos e probabilidades por parte dos jesuítas não os contrapesaram por certo os milagres que os inimigos lançaram na balança.

O clero dissidente passou-se como já antes havia feito para a igreja dos jesuítas, estabelecendo ali o seu cabido; Cárdenas excomungou-os todos, interdizendo o colégio, mas eles repicaram os sinos enquanto se lançava o interdito, e continuaram em despeito dele a celebrar missas, confessar, absolver, pregar, casar e enterrar. Irritado com o proceder do bispo, declarou Osório que pois tão obstinadamente havia teimado em entrar na catedral, dela não sairia, e pôs ali uma guarda. Acudiu o provincial dos franciscanos, e excomungou o governador, que não estando costumado a estas coisas como o seu predecessor, sujeitou-se à sentença, retirando-se. Mas como os jesuítas o consolassem com a opinião provável de não ser válida a excomunhão, renovou ele o bloqueio, postando cinqüenta homens a cada uma das três entradas da catedral, pregou as portas, e esperou com paciência até reduzir o bispo por meio da fome. Mas ou esquecera uma janela que dava para a sacristia, ou faleciam-lhe os meios de acesso a ela: por esta janela eram os sitiados abundantemente providos, e passados quinze dias ouvia-se o velho bispo cantar com voz mais forte do que ao princípio. Entretanto tinha-se a opinião pública fortemente pronunciado a favor dele, distinguindo-se especialmente as mulheres no seu zelo pela causa do prelado. Nomearam dentre si uma procuradora, que fosse patentear à Audiência Real os desejos de todas a tal respeito, e seguras da impunidade, levantaram contra o governador um motim mais eficaz do que poderia ser uma assuada de homens. Afinal julgou Osório indispensável contemporizar ou ceder; abriu pois as portas aceitou ou quiçá solicitou mesmo a absolvição, e procurou de então por diante evitar todo o comprometimento pessoal, guardando, até onde fosse possível, perfeita neutralidade entre as duas partes exasperadas.[16]

Não tinham ainda setenta invernos quebrado consideravelmente as forças corporais do bispo, nem lhe haviam esfriado o temperamento fogoso. Mal se viu outra vez solto recomeçou operações ofensivas, marchando à frente da sua força eclesiástica a exumar o cadáver de uma pessoa que, tendo sido por ele excomungada, fora ultimamente enterrada na igreja dos jesuítas. Defenderam os amigos do finado a sepultura, arrancaram-se espadas, e como Osório não quisesse sancionar este ato de indecente violência, teve o bispo de retirar-se. Em outros pontos de maior importância foi ele desgraçadamente mais bem sucedido. Tinham os jesuítas principiado a formar duas reduções entre os itatines, do lado ocidental do rio, importantíssima posição, pois que estes estabelecimentos, se houvessem prosperado, teriam refreado os guaicurus e paiaguás, tribos que cada dia se tornavam mais audazes e formidáveis. Nesta tentativa tinham Romero e alguns companheiros dele encontrado o martírio, mas os fundamentos estavam lançados, e eram belas as esperanças do futuro, quando Cárdenas mandou dois dos seus eclesiásticos a substituir os missionários. Não tinham aqueles nem o zelo nem a habilidade destes; os índios suspeitaram o desígnio de reduzi-los ao sistema das *encomiendas* que era provavelmente a intenção real, tornaram-se turbulentos, e ao primeiro rebate fugiram os novos pastores, abandonando as suas ovelhas que se dispersaram. Nestas mal entendidas medidas não encontrou Cárdenas oposição da parte do governador, que talvez as considerasse puramente eclesiásticas. Era porém evidente que nunca a cidade ficaria tranqüila, enquanto nela existissem tais facções, e o meio óbvio de restituir-lhe o sossego, era compelir o bispo a obedecer à Audiência Real, apresentando-se perante aquele tribunal em Chuquisaca. Afinal obtiveram os jesuítas uma quinta ordem da Audiência Real, autorizando-os a nomear qualquer funcionário público, que compelisse à obediência, se o bispo persistisse na sua contumácia e na sua inação o governador. Escolheram o excomungado mestre-de-campo León, mas quando este convidou os moradores da Assunção a coadjuvarem-no em nome d'el-rei recusaram-se eles a operar contra o bispo.[17] Talvez que Osório sentisse agora a necessidade de cumprir o seu dever para evitar a multa de duas mil coroas, a que Audiência o condenara em caso contrário; mas exatamente

Medidas contra os jesuítas

1648

Morte do governador. Sucede-lhe Cárdenas

por este tempo, após curta e repentina enfermidade, veio surpreendê-lo a morte muito a propósito para o bispo, que foi então aclamado gover-

1649

nador e capitão-general.[18]

Os jesuítas tumultuariamente expulsos da Assunção

Foram imediatamente apeados todos os funcionários do partido oposto e no segundo dia da nova administração convocou-se o povo em roda do estandarte real para executar as ordens do bispo. Conduziram-no contra o colégio. Estavam fechadas as portas, mas não apercebidos para a resistência os jesuítas; faltava-lhes o apoio das autoridades constituídas, para reunir uma força guarani; escasseara o tempo, e o vulgacho era decididamente contra eles. Arrombaram as portas, e o tenente-general, penetrando na igreja, intimidou oficialmente ao reitor que com toda a sua comunidade deixasse sem demora a cidade evacuando igualmente todos os estabelecimentos da Companhia no Paraguai. Baldada era toda a resposta. Díaz Taño apresentou as Cartas Régias da ordem, mas pouco cabedal soem fazer destas coisas facções exasperadas e plebes vitoriosas: ele e os seus irmãos foram derribados, contundidos, pisados aos pés, arrancaram-se de seus leitos os doentes, e se ao historiador da Companhia podemos dar créditos, amarrados de pés e mãos foram metidos num batelão sem remos, barqueiros nem víveres, e assim entregues à corrente.[19] Tinham eles, dizia o povo, entrado no país só com as suas sotainas e breviários, e era justo que tão pobres como haviam vindo se fossem agora.

Charlevoix, 2, 108-9. Dito *Peças Justificativas,* 2, p. XXX Papel em verso

Para que neste indigno proceder houvesse ao menos alguma demonstração de religião, declarou-se que os edifícios que haviam pertencido à Companhia seriam aplicados a fins religiosos, custeando-se a despesa destes estabelecimentos com rendimento dos bens seqüestrados, cujo excesso iria para o Tesouro Real. Mas quando se açula a canalha contra os bens daqueles que ela odeia, todos os séculos têm testemunhado as devastações que naturalmente se seguem. O púlpito e os confessionários foram destruídos, por se terem dali, dizia-se, tantas vezes ensinado doutrinas peçonhentas, argüição tão verdadeira no seu sentido literal, quão pouco compreendida era pelos que a faziam. As peças do altar, obras dos melhores artistas espanhóis, foram arrancadas para decorar a catedral. Santo Inácio de Loi-

Confiscam-lhes os bens

ola e São Francisco Xavier foram metamorfoseados em São Paulo. Uma imagem do Redentor em hábitos de jesuíta, como se dizia ter ele aparecido a D. Maria d'Escobar, foi entregue às chamas com indignação justa porém irrefletida. Despojado inteiramente o colégio, lançaram-lhe o fogo e como não ardessem os muros, quiseram os jesuítas fazer passar por milagrosa a preservação dos mesmos. Mas eram poucos peritos no seu ofício os demolidores. Não se tendo descoberto cal naquele país, havia o edifício sido feito de seixos, ou pedra bruta, e tijolos metidos em caixilhos de madeira e cimentados com barro. De diferentes andares ou panos desta natureza se compunham a torre do colégio, e para arrasá-la passara o povo à volta dos principais apoios compridas cordas pelas quais se pôs a puxar, até que de cansado desistiu da empresa. Expulsos assim os contrários, fácil era ao bispo arranjar quantos atestados queria: formou-se pois segundo as prescrições legais um processo verbal, prepararam-se e assinaram-se memoriais, e com estes documentos mandou o prelado o seu procurador Fr. Juan de Santiago y Villalón justificá-lo em Madri, enquanto outros agentes o defendiam perante a Audiência Real.

Nomeiam-se os jesuítas dois juízes conservadores

Pela sua parte reuniram os jesuítas um Conselho em Córdova, nem se viram embaraçados quanto ao que deviam fazer. Como outras ordens religiosas gozavam eles de um privilégio, cuja existência só de per si prova vício de administração nos países onde é admitido como corretivo necessário. Quando sofriam alguma injustiça séria, era-lhes permitido eleger um juiz conservador que tomasse conhecimento do caso proferindo sentença em nome do papa, como delegado seu em virtude dessa mesma eleição; a única coisa que se requeria era que os tribunais superiores reconhecessem a causa como da alçada deste juiz e aprovassem a escolha da pessoa. Que o caso carecia de remédio imediato, não podia entrar em dúvida, nem menos certo era ser exatamente para emergências como esta que havia sido concedido o privilégio: mas onde andava tão derramado o espírito de partido, alguma dificuldade se dava em designar indivíduo contra quem nenhuma exceção pudesse pôr-se. Nomeou-se em primeiro lugar Peralta, o deão da sé de Córdova, que se escusou quanto à parte que dissesse pessoalmente respeito ao bispo, por ter também razões de queixa contra ele, consentindo porém ser juiz nas causas dos cúmplices

do prelado, pelo que foi designado para a parte mais importante do processo Pedro Nolasco, superior da ordem das Mercês. Aprovou a Audiência[20] a escolha, e considerando ou que era nula a eleição do bispo para governador (negando os jesuítas a existência de uma Carta Régia que conferisse ao povo semelhante direito), ou que o comportamento subseqüente do prelado provara a incapacidade deste, para se lhe confiar o poder, nomeou governador interino D. André Garavito de León, um dos seus próprios membros, ordenando ao mestre-de-campo Sebastián de León que servisse de vice-governador até à chegada daquele, e reunisse uma força armada, com que reintegrasse os jesuítas na posse dos seus bens na Assunção, reduzidos ao seu dever os moradores da cidade.

Nomeia a Audiência um vice-governador

Charlevoix, 2, 102-4

Retirara-se o mestre-de-campo León para a província mal o partido do bispo principiara a preponderar decididamente. Pouco incomodavam as excomunhões, e como sempre arremetera corajosamente contra Cárdenas, tinham os jesuítas provido como lhe cumpria às necessidades deles e da sua família na desgraça. A ele se iam agora reunir os exilados nos fugitivos, entre os quais Hinostrosa e os cônegos dissidentes. Trouxeram-se das reduções quatro mil guaranis, notando-se entre os jesuítas que os comandavam, Díaz Taño e o padre Juan Antonio Manquiano, que havia sido rudemente tratado pelo bispo e a sua corja.[21] À frente desta força avançou León para S. Lorenzo, a três léguas da Assunção, e fazendo ali alto numa das fazendas dos jesuítas, notificou à municipalidade a sua nomeação, e demorou-se três dias, durante os quais vieram da cidade alguns partidários incorporar-se às suas tropas. Preparando-se para as hostilidades, convocou o bispo em nome do rei o país a reunir-se à volta do seu estandarte. Poucos acudiram ao seu chamado, mas sempre se juntou alguma gente, e, criaturas deles responderam os magistrados a León, que se vinha como vice-governador, devia rodear-se de um séquito conveniente, fazer retirar o exército e apresentar os seus papéis, de cuja existência tinha razão por desconfiar quem o visse avançar à testa, haviam de arruinar a cidade com todos os seus moradores. Era de uma força armada de índios, que, inimigos dos espanhóis, tarde para recear este perigo, se perigo se dava; tinham Cárdenas e os seus, posto o exem-

Marcha o vice-governador contra o bispo

plo de governar pelo poder das armas, nem León podia exercer o cargo que lhe fora confiado, senão restabelecendo à força os que pela força haviam sido expulsos. Saiu a gente do bispo, composta de uns trezentos cavaleiros e infantes e quatrocentos índios, contra o exército excomungado, enquanto o prelado expunha na catedral o sacramento prostrando-se em oração ante o altar. A inferioridade do número do seu lado era compensada talvez pela maior proporção de espanhóis, muitos dos quais tinham inteira fé na justiça da casa. Tentou cada parcialidade o efeito dos protestos contra a outra, antes de travada a ação: coube a primeira vantagem à força episcopal, que não acostumados ao uso das armas de fogo, voltaram os guaranis o rosto ao chegarem a mecha ao ouvido, com receio das próprias espingardas.[22] Mas tinham eles à frente um jesuíta flamengo, Fr. Luiz Arnote, excelente soldado a cujas manobras se deveu a vitória. Vinte e quatro espanhóis, alguns pertencentes às melhores famílias do Paraguai, caíram por parte do bispo.[23] Entrou então León sem mais oposição na cidade, onde, se devemos dar crédito ao historiador dos jesuítas, cessaram logo todos os males e toda a resistência; mas os inimigos deles asseveram terem cometido grandes excessos os guaranis.[24] Perdida a batalha, procurou Cárdenas ainda manter o seu posto na catedral com o clero e alguns partidistas, refugiando-se ali também algumas mulheres. Sustentaram um bloqueio de onze dias, durante os quais se tentou debalde por meio do fumo obrigá-lo a sair: León foi achá-lo de pontifical com o sacramento em mãos. Sem perda de tempo o embarcaram então, mandando-o pelo rio abaixo, que tomasse o caminho que mais lhe conviesse, para a Audiência Real.

Charlevoix, 2, 114-117. Carrillo, § 115-57

Restituíram-se aos jesuítas dos seus bens móveis, o que foi possível reaver, empossados os padres outra vez do seu colégio, cuja torre, que tinha sido puxada fora da perpendicular, foi novamente aprumada... por especial graça do Céu, como pretendem eles inculcar... esforçando-se León tanto em reparar os danos sofridos pelo edifício, que o geral da Companhia lhe conferiu o título de restaurador do colégio com os mesmos privilégios do fundador primitivo, recompensa cujo valor espiritual excedia todo o preço. Afinal proferiram os dois juízes conservadores a sua sentença. Fr. Nolasco declarou o bispo réu de ter difamado os jesuítas acusando-os de crimes enormes, como ensinar doutrinas

Dão os juízes conservadores a sua sentença

heréticas aos índios confiados aos seus cuidados, revelar os segredos da confissão, e forjar reais provisões; e absolvendo os jesuítas de todas estas acusações, pronunciou sentença privatória contra o bispo, condenando-o à reclusão num convento, e suspendendo-o de dizer a missa até que a sé apostólica decidisse o contrário. Excomungou-o por ter apreendido duas jangadas das reduções que haviam ido a Assunção comprar gêneros, retendo escravos os guaranis que as tripulavam, e condenou-o a indenizações pela imagem do Cristo vestido de jesuíta que havia sido destruída, e por todos os danos que a Companhia sofrera no seu colégio e demais propriedades. Os principais cúmplices do bispo foram condenados por outro juiz conservador, Peralta, um a servir quatro anos no Chile à sua custa, outro a metade deste tempo, atenta a contumácia dos dois; outros, cuja culpa era menor, mas que persistiam contumazes, foram multados e excomungados: aos que se submeteram perdoou-se a pena. Garavito à sua chegada condenou a multas pecuniárias os magistrados, que tinham seguido as partes do bispo, mandando arrancar dos registros públicos e queimar na praça os atos emanados da usurpada autoridade.

Peças justificativas, **p. X, XII. Charlevoix, t. 2**

Contudo tão favorável era ainda ao bispo a opinião pública, que Sebastião de León ao passar o governo sentia a necessidade de retirar-se da Assunção, mal podendo achar na província asilo seguro. E quando o bispo, obedecendo afinal às repetidas intimações da Audiência Real, se apresentou em Chuquisaca, pareceu um triunfo a sua entrada naquela cidade: todos os sinos repicavam exceto os do colégio dos jesuítas, e os amigos fizeram sair uma tropa de soldados índios a recebê-lo com uma banda de música. A rua em que ficava o convento dos franciscanos, estava ornada com colchas de seda, erguendo-se à entrada um arco triunfal, guarnecido de flores artificiais, obra das freiras, e de distância em distância flutuavam bandeiras. Parte dos frades minoristas o aguardava com o crucifixo e tochas acesas para conduzir o bispo à sua igreja; o resto o recebeu debaixo de pálio, e cantou-se um *Te Deum.*[25] De nada valeram a bem da causa de Cárdenas esses esforços dos seus partidistas. Contava ele mais de setenta anos de idade, e ainda que não interviessem senão as delongas ordinárias da lei, pouca esperança podia haver de viver ele até chegar a decidir-se uma causa, que devia ser debatida em Madri e em Roma. Dizem os seus advogados que ele de bom grado teria ido à Europa para acelerar o andamento do processo, se não o tivessem impedido

1651

Sorte final de Cárdenas

17 de março

as intrigas dos jesuítas: estes pelo contrário dizem que, aconselhando-se-lhe este passo, reputara ele o conselho, cilada dos inimigos para arredá-lo do país, o que é por certo a mais provável das duas asserções. Permitiram-lhe nomear um provedor para a sua igreja, ou antes aprovar um que o metropolitano recomendara. Neste estado continuou a diocese por quinze anos até que o rei, como cansado de aguardar o passamento de quem parecia dotado de vida patriarcal, nomeou Cárdenas para a sé de Santa Cruz de la Sierra, provendo logo a da Assunção, como vaga por transferência.

Se a questão relativa à consagração de Cárdenas chegou jamais a ser decidida, é o que não se pode averiguar de documento algum impresso ou acessível: era sobre este ponto que versava o processo. Vingou-se ele dos jesuítas, que lhe tinham suscitado esta controvérsia, envolvendo-os em discussões sobre assunto mais curioso, quando não mais importante. Acusou-os de terem introduzido no catecismo guarani monstruosas heresias sobre a geração do Verbo divino, a Imaculada Conceição de Maria, e o nome soberano do mesmo Deus. A outra acusação de que tratavam eles de entregar aos portugueses os seus cem mil vassalos, parece ter sido tratada com o desprezo que merecia, mas esta reputou-se digna de séria investigação, e do palácio de Buen Retiro se expediu ordem ao arcebispo de Chuquisaca, que convocasse uma reunião dos graves e abalizados teólogos versados na língua guarani, submetendo ao juízo deles as alegadas heresias. Convidado a formular distintamente as suas argüições, apresentou-as o bispo com a habitual violência. Duas referiam-se às palavras de que se queixava, eram, dizia ele, piores ainda. Neste catecismo se designava Deus pela palavra *Tupã*, e Deus Padre pela de *Tubá*, ambos nomes de espírito infernais e como tais apontados nas atas de um concílio reunido em Roma pelo papa Zacarias no ano de 45, e no qual foi examinada e condenada a oração usada por em certo herege, chamado Aldeberto, achando-se estes dois entre os nomes de oito espíritos que ele invocava, e que todos eram nomes de diabos, exceto Miguel, que, como declarou o concílio, havia sido inserido para fazer passar os outros. Acrescentou o bispo, que se não houvesse trabalhado por extirpar estas heresias, teria sido réu do mesmo crime; que tinha a este respeito dirigido memoriais à Inquisição de Lima; que proibira na Assunção e todas as suas cercanias proferir estes horríveis termos que por isto lhe haviam suscitado tantas perseguições os dois demônios cujos proscrevera;[26] e jurava mil vezes pelo Deus

Acusação de heresia contra os jesuítas

Trino, pelo Verbo Encarnado, pelo sinal-da-cruz, e pela sua própria consagração, que eram estas coisas tais quais ele as expunha, mil vezes denunciava estes hereges à Sua Majestade, como defensor e coluna da fé, e ao Santo Ofício, e protestou que outras queria sacrificar a própria vida antes do que ouvir pronunciar uma só destas blasfêmias contra o Deus Supremo, a Encarnação do Verbo e a pureza da Virgem Santíssima.

Teve o exame lugar na Assunção, por não haver com quem formar o conselho em Chuquisaca, onde se não falava guarani. Convocaram-se dez pessoas, oito das quais eram teólogos, e as outras duas militares, escolhidas pela sua perfeita proficiência na língua. Um dos indivíduos para isto nomeado foi o provincial dos jesuítas, que, escusando-se de comparecer para que não o considerasse parte interessada, mandou todavia uma memória justificada, que foi lida em sessão. Dizia ele que o catequismo em questão havia sido introduzido para o guarani pelo venerável padre Fr. Luiz de Bolaños, frade franciscano;... talvez que se Cárdenas tivesse sabido desta circunstância, jamais houvesse buscado heresias em tal... que tinha sido examinado e aprovado duas vezes por um sínodo diocesano, ordenando-se em virtude da santa obediência e sob pena de excomunhão maior o uso dele e não doutro a todos os sacerdotes que oficiassem entre os índios; além disto ignorava o bispo inteiramente a língua, podendo facilmente ter sido iludido pelos maliciosos. Quanto às palavras Tayra e Membira eram estritamente rigorosos e mui decorosas sendo as mais autorizadas expressões da sagrada escritura suscetíveis de se lhe ligar a mesma idéia falsa que se queria unir a estas. No mais curioso argumento a respeito das palavras Tubá e Tupã, não era exato o bispo, pois que os nomes dos dois espíritos infernais da oração de Aldeberto, condenada pelo papa Zacarias, eram Tubuel e Tubuas.[27] Observaram alguns membros desta junta, que onde o bispo havia proibido o uso do nome guarani que significa Deus,[28] substituindo-lhe a palavra espanhola, nenhum escrúpulo faziam os índios de tomar esse nome em vão, não estando acostumados a proferi-los com deferência, como sucedia a respeito da designação tirada da sua própria língua maternal. O resultado foi aprovar-se mais uma vez o catequismo, resolvendo-se definitivamente a questão.

Peças levadas à junta. Charlevoix, 2, I. xci

Não puderam os jesuítas justificar-se tão plenamente da acusação relativa às minas que os seus inimigos

de contínuo renovavam e a que tanto os governantes como o povo miúdo estavam sempre prontos a dar crédito. Requereram a Garavito que, antes de acabar-se-lhe o governo visitasse as reduções, desenganando-se a si e ao público por meio de segundo exame das localidades: mas Garavito estava por demais convencido da falsidade destes boatos para empreender tão incômoda e penosa jornada. Foi um índio do Jaguarão que veio fazer reviver o boato, declarando haver visto as minas, ficarem perto da redução da Conceição no Uruguai, e serem extremamente ricas, e chegando a apresentar uma planta delas. Correu pois alguns anos esta fama, até que por fim tão geral se tornou, que foi preciso nomear um novo visitador, D. Blazquez de Valverde, para ir averiguar o fato. Repetiu-se a história da primeira impostura; o sujeito procurou escapulir-se, foi de novo apanhado, e ameaçado com a tortura, confessou ser tudo invenção, mas acusou a seu amo, capitão espanhol ao serviço do bispo, de lhe haver ensinado a lição. Escapou este oficial ao castigo, morrendo a tempo. O agente dele porém foi reconduzido para a Assunção, e ali montado num burro açoitado pelas ruas da cidade, cerimônia cujo remate seria a forca, se os jesuítas intervindo o não houvessem livrado da parte capital da sua sentença. Mal porém se haviam refutado os boatos a respeito de minas de ouro, quando se espalhou outro de possuírem os padres da Companhia uma de prata. Um índio deu a um religioso da Assunção um pedaço deste metal, dizendo havê-lo trazido do Uruguai, onde os jesuítas lavravam uma mina. O religioso mostrou-o do púlpito e os mesmos amigos dos jesuítas ficaram confusos ao ver esta prova aparente, até que se descobriu ter sido a amostra arrancada do pedestal de uma virgem, que se supunha vinda do Peru.[29]

Nova balela de minas no Uruguai

Charlevoix, 2, 145

NOTAS DO CAPÍTULO XXV

1 O seu procurador Carrillo diz que ele foi nomeado legado para a extirpação da idolatria, mas o título oficial parece ter sido Pregador e Missionário Apostólico para Conversão dos Índios. No correr das suas expedições dizem que conquistara ele inumeráveis almas para o reino do Céu, derribados mais de 12.000 ídolos! Discursos Jurídicos en Defesa de la Consagración de D. Fr. Bernardino Cárdenas, por el Licenciado D. Alonso Carrillo, § 2.

2 Um índio livre, que Cárdenas confessara no leito de morte, deixou-lhe toda a sua fortuna, na importância de 12.000 coroas. Logo depois substituiu um espanhol em circuns-

tâncias semelhantes o nome dele ao de outra pessoa, a quem havia legado 5.000 ditas. Fizeram estas coisas conceber uma suspeita que não seria tão apostólico como ele o inculcava o caráter de Cárdenas. Também se diz que ele no Potosi se não descuidou de fazer valer o privilégio da sua ordem, solicitando dos fiéis com que ele, pobre mendicante, pudesse guardar o decoro da posição a que fora elevado. Charlevoix acrescenta que ele levou com que consolar-se da despedida sem cerimônia que lhe deram... *"puisqu'il emportoit d'une ville, ou il étoit venu avoie un sou, une Chapelle très-riche, et de quoi meubler magnifiquement son palais épiscopal."* Asserções como estas devem receber-se com desconfiança da parte dos jesuítas, e com especialidade a argüição de ter ele, quando corria o boato das minas, tomado dinheiro de quem lho queria adiantar, prometendo, sobre a fé da "descoberta, pagá-lo com juros". Apesar de ávido e imprudente, não era provável que ele, afetando a reputação de santo, se fosse expor a censuras e acusações criminais.

3 Charlevoix diz que ele apresentou duas cartas, uma do cardeal Antonio Barberino, datada de dez. de 1638, informando-o de que as bulas haviam sido efetivamente expedidas, e a outra do rei da Espanha, sem data, dando-lhe o título de bispo. A primeira destas, afirma Charlevoix, era falsa sem dúvida, e acrescenta que jamais teria acreditado que Cárdenas fosse capaz de sair-se com ela, se o mesmo procurador deste a não houvesse citado num memorial apresentado a el-rei, e que corre impresso. Mas o negócio foi ainda mais longe do que Charlevoix o narra. Carrillo cita a carta de Barberino com data de 12 de dez. de 1638; reproduz numa nota a carta do rei, datada de 21 de fev. de 1638, e apesar de tudo declara no texto do memorial que el-rei só nomeou Cárdenas em maio de 1640. Sobre a questão do bispo do Paraguai com os jesuítas têm-se escrito volumes sem que nenhuma das partes se mostrasse escrupulosa nos meios que empregava, nem nos argumentos que se justificava, e hoje, passado tanto tempo, torna-se freqüentemente difícil e às vezes impossível atinar com a verdade. Mas por sua nomeação, o certo não é crível que o Rei comunicasse a Cárdenas em fev. de 1638 e a demorasse até maio de 1640, como se vê da própria declaração de Carrillo, Charlevoix diz ter verificado as datas na Espanha certo não é crível que o rei comunicasse a Cárdenas em fev. de 1638 na secretaria do Conselho das Índias e em Roma no registro dos consistórios.

4 Carrillo (§ 8) diz que o bispo averiguara terem-se as bulas perdido no Peru, asserção que em nenhum fundamento se apóia. Fala do ato como ponderoso, arriscado e cheio de escrúpulos, e conservou-nos o papel em que o bispo declara a intenção com que celebrara a cerimônia. Nesse papel se faz claramente a reserva. Confessa o bispo que a resolução lhe custara muitas noites de insônia, em que fervorosamente orava a Deus e ao Santíssimo Sacramento que o iluminassem em matéria tão difícil.

5 Desta proeza deu Cárdenas parte ao bispo de Tucumán, dizendo-lhe que empregaria igual rigor contra todos os religiosos que achasse culpados. Respondeu-lhe Maldonado que o seu zelo mais se parecia com o de Elijah que com o de Cristo; que ferros antigos e esquecidos não se deviam assim reviver nestas remotas províncias, nem era justo punir numa comunidade inteira a culpa de indivíduos poucos. "As minhas luzes pelo menos", acrescentou ele em tom de sarcástica humildade, "não alcançam tão longe! Vossa Senhoria sem dúvida as possui bem mais claras."

6 Grande efeito produziu esta exibição sobre o vulgacho e especialmente sobre as mulheres, mas valeu a Cárdenas uma censura na parte do seu amigo, o bispo de Tucumán. Este, cujas cartas revelam tanto talento como juízo, escreveu-lhe por esta ocasião dizendo que ouvira narrar o ocorrido, mas que lhe parecera incrível, pelo que repreendera quem lhe contara, observando contudo que se o bispo do Paraguai realmente se tinha assim disciplinado em público, devia o ato por força ser próprio e conveniente, posto que nenhum apóstolo houvesse dado semelhante exemplo; que Nosso Senhor, ao ser açoitado, se não despira, sofrendo apenas que o executor lhe tirasse o vestido exterior; que isso se fazia de noite, não de dia, nem em vista das mulheres e que os santos, que devotamente tinha imitado este grande protótipo de sofrimento sempre o tinham feito em particular. Por ocasião da prisão do Fr. Pedro já o bispo de Tucumán escrevera uma carta, desaprovando energicamente o modo por que haviam sido violados os privilégios da Igreja, mas censurando os termos não menos enérgicos o proceder e quem provocara o ultraje. Previa muito más conseqüências deste ato, esperava porém, dizia ele, que a solicitude pastoral de S. Excelência muito conseguiria, confiando que D. Bernardino se portaria com a mais estrita eqüidade, recorrendo aos remédios mais brandos empregando, para reconduzir ao aprisco a ovelha desgarrada, o cajado e a flauta, não o venábulo e o dardo.

De um homem da têmpera de D. Bernardino Cárdenas devia ser muito mal aceito um correspondente como o bispo de Tucumán. Charlevoix, 2, 22, 23.

7 Sigo aqui a narração dos jesuítas, por estar plenamente convencido de ser em tudo falsa a dos adversários; bom será contudo ouvi-los. Afirmam estes que, obedecendo a ordens d'el-rei, dispunha-se o bispo a visitar as reduções; que os magistrados municipais e judiciais requereram ao governador para que este lhes desse uma escolta; que os jesuítas se inquietaram, receando não fossem eles descobrir a quantidade de armas que tinham prontas para os seus índios os tesouros escondidos que possuíam e o incrível número de vassalos de que privavam a coroa; que por estes motivos tentaram primeiramente dissuadi-lo do intento, oferecendo-lhe por via de peita 20.000 coroas; achando-se porém incorruptível, principiaram a negar-lhe a autoridade, afirmando e até pregando, que tendo ele sido consagrado antes da chegada das bulas devia ser olhado como um entrelopo, não como bispo legítimo, que além disto se dizia haverem eles subornado com 30.000 coroas de ouro o governador para expulsar Cárdenas da sua diocese. Tal é uma história que Villalón nos conta parágrafo 20-24. Carrillo parágrafo 20-21 faz as mesmas acusações gerais cumprindo notar que ambos estes escritores principiam tal narrativa sem referir nenhuma das transações anteriores exceto a captura de Pedro Cárdenas. Quão absolutamente infundadas eram estas acusações que constantemente se repetiam contra os jesuítas por causa dos seus imensos tesouros, sua força militar, e seus objetos ambiciosos, ficou exuberantemente provado quando os inimigos da Companhia, efetuando a ruína dela patentearam a falsidade própria. Não podiam ter pois os jesuítas nenhum desses motivos de receio que lhes imputam os advogados de Cárdenas nem efetivamente se dava outro temor algum, além do que a declarada hostilidade do bispo, o seu gênio arrebatado, a sua flagrante injustiça, e direi até todo o seu

procedimento, não podiam deixar de excitar. Por outro lado procurou Charlevoix disfarçar o mais que pôde o fato aliás certo de ter Cárdenas neste ponto ido de acordo com os sentimentos gerais do povo. A este respeito mostra-se ele advogado imprudente e historiador culpável pois que a impopularidade dos jesuítas bem considerada a causa, é a melhor prova do seu merecimento. Mas em tudo o mais a sua narração, clara e consistente, é uma prova da sua veracidade e ter ele, talvez sem dar por isso, representado o comportamento de Hinostrosa a uma luz mais desfavorável do que haviam feito os advogados de Cárdenas. Nunca os jesuítas escrupulizavam com a falsidade sabendo, quando assim lhes convinha, mentir sem rebuço, mas não eram tão parvos que fossem preferir a mentira, quando a verdade lhes fazia mais conta.

8 Villalón (parágrafo 15) diz que eles vieram pelo caminho saqueando as povoações, roubando os moradores, e violando as espanholas, trazendo à frente sete jesuítas armados e a cavalo, entre os quais Romero (pouco depois martirizado) e Vicente Badía Catalán. Carrillo (parágrafo 21-2) repete a acusação, dizendo que eles deixavam nuas as pessoas que roubavam mas não afirma os jesuítas viessem à frente. Parece-me que os índios viriam guiados pelos missionários, e que estas enormidades que se lhes imputam são descaradamente exageradas quando não inteiramente falsas.

9 A um braço, diz Charlevoix, àquela diz Villalón, acrescentando que o governador o contundira e ferira na luta. Legista e não frade, é Carrillo mas escrupuloso nas suas asserções, e o seu silêncio a respeito das circunstâncias mais agravantes parece mostrar que pouco fundamento tinham elas na verdade.

10 Charlevoix chama isto uma incidente procissão do corpo de Deus. Bom seria que nunca os jesuítas houvessem feito pior uso dos sacramentos! Carrillo, pelo contrário numas das suas notas pedantescas, cita os canonistas em prova de ter sido o proceder do bispo tão pio como prudente trazendo exemplos da história de Roma pagã e de Roma papal.

11 Lembre-se o leitor que é um protestante quem fala. (F. P.).

12 *On lui ajouta, qu'au reste ou ne lui répondoit pas de ce qui en arriveroit s'il ne rassuroit prompetement ces noveaux chrétiens, qui n'estoient nullement traitables sur cet article, parce qu'ils étoient convaincus que ce changemeut de Paseurs n'avoit point d'autre motif que de les pivres de la liberté dons ils jouissoient; et que se qu'il y avoit de moins à craindre, etoit le dépeuplement entier de toutes les réductions*. Charlevoix, 2, 83.

13 *Des coquillages dont les couleurs brillantes avoient puzaisément donne dans les yeux d'un énfant qui n'avoit pas cinq ans*. Charlevoix, 2, 84. Não sei de que fontes tirava Charlevoix o que escrevia aqui, nem posso adivinhar qual fosse a palavra que ele tomasse erradamente no sentido de concha, se erro houve, como parece provável. A tradução latina porém confirma-lhe o texto, *conchyliorum genus*.

14 É assim que a facção e malevolência sabem colorir os fatos. A maior parte destes jesuítas, senão todos eles, foram mortos pelos selvagens no cumprimento dos seus deveres. Desta forma o que os inimigos deles representam como justo castigo do Céu ofendido, inculcam os irmãos como a melhor prova da mais feliz terminação de uma vida santa e um seguro penhor da coroa celestial.

15 Os advogados de Cárdenas não dizem que ele fosse autorizado a voltar, contudo Charlevoix o admite, posto que de má vontade: *"Il paroit qu'il en avoit enfin obtenu la permission de l'Audiense Roïale de De Charcas, ou do vice-roi, pour y régler ses affaires: du moins est-il certain que dans les instructions du nouveau gouverneur, il lui étoit expressemént recommandé de s'opposer à tout ce que cet Evêque et ses partisans voudroient entreprendre contre les jesuites"*. T. 2, 100. Nesta parte da sua narrativa omite o autor muitas circunstâncias, que não lhe podiam ser muito agradáveis de relatar.

16 Villalón diz que o governador esperava matar o bispo à fome, mas que não podendo consegui-lo, abrira as portas, entrara e pedira perdão. Este franciscano oferece-nos repetidas provas de que o seu hábito de desprezar absolutamente a verdade o fizera até esquecer a probidade.

17 Villalón diz que León reunira então quatro mil índios das reduções para o mesmo fim, mas que estes ao saberem o que deles se exigia, dispersaram-se horrorizados pelo sacrilégio. Carrillo, apesar de costumar omitir as partes menos prováveis da história de Villalón, repete esta; ambos os escritores parecem ter esquecido quão pouco isto se coaduna com todo o proceder dos guaranis, e com esta autoridade absoluta que os jesuítas sobre eles exerciam, autoridade que tem sido uma das acusações principais feitas aos jesuítas do Paraguai pelos seus inimigos de todos os tempos.

18 Os partidistas do bispo atribuem-lhe a glória de haver vaticinado a morte de Osório, que dizem se realizara assim. Preparara o governador uma embarcação para transportar o bispo, e celebrava à meia-noite na ribeira uma conferência com os jesuítas. Havia dias que soprava um vento norte abrasador, pelo que trajava Osório apenas um vestido leve aberto no peito, mas de repente veio do sul um pé de vento frigidíssimo que o deixou transido. Imediatamente se sentiu doente, e perdidos dali a pouco os sentidos lá morreu ao quarto dia, sem nomear sucessor, fazer testamento, nem confessar-se. Charlevoix diz que ele morreu de repente depois de ter tomado uma coisa que lhe haviam mandado como remédio soberano contra uma indisposição que sentia: é o mesmo que dar a entender ter sido o governador envenenado. Nem Charlevoix teve escrúpulos de dizer que achando-se Osório a caminho para ir assumir o seu governo tentaram assassiná-lo por levar instruções para proteger os jesuítas. Por outro lado afirma-se que duas vezes se atirara contra o bispo. Atento ao caráter do povo e do século tão provável é que ambas as acusações sejam verdadeiras, como que sejam ambas falsas.

O poeta do bispo exulta com a morte de Osório:

Dios que no se descuida
En castigar a los malos,
A Alecto manda cortar
El estambre y el hilado
De la vida de don Diego
De Escobar, que gobernando
Estubo hasta este punto.
Dispuso Dios como sabio

El que cadaver se vuelva,
Pues fue cadaver mandando.

Lêem-se estas linhas no *Papel en verso sobre el recibimiento del venerable Obispo D. Fr. Bernardino de Cárdenas, y persecuciones que le suscitaron los regulares de la compañia*. É um romance este dos seus novecentos versos, impresso pela primeira vez na *Colección general de documentos* sobre este assunto. Achava-se o manuscrito original no convento de S. Hermenegildo em Sevilha. Foi escrito na Assunção pouco depois da morte de Osório e durante o reinado do bispo. Nele brilham toda a pompa e pedantismo da poesia espanhola na sua pior época; estas faltas porém só o tornam mais divertido. Também se encontram nele referidos alguns curiosíssimos fatos, de que em outra nenhuma parte se acha notícia. Principia o autor por invocar o Padre, o Filho e o Espírito Santo, a corte celestial, Potestades, Principados, Tronos, Dominações com todos os santos do Paraíso, que o iluminem, que o inspirem, nem haja dúvida que carecia ele de algum auxílio desta natureza, para realizar o seu modesto desejo, que não era mais do que poder a sua voz ser qual trombeta cujo som repercutisse pelo universo inteiro. Depois convida a escutá-lo o mundo todo, de que nomeia muitas partes.

Duas curiosas acusações se fazem contra os jesuítas neste singular poema. Uma é terem interceptado as bulas, o que não duvidaram confessar em Lima, afirma o autor. É palpavelmente falsa. A outra talvez seja mais bem fundada: terem instigado o bispo a demolir o convento dos dominicanos. Por aqueles tempos estava a Companhia por certo nas boas graças do prelado, mas é mais provável que este, depois da dissenção, procurasse lançar sobre aquela o odioso da medida, do que terem-na os padres realmente aconselhado. Tal ódio tem o autor dos jesuítas, que os reputa piores que todos os demais hereges:

Atended, y lo vereis,
Que Lutero es un enano:
No hablen los Anabaptistas,
Y callen Calvino y Arrio,
Y el Alcoran de Mahoma
Es pigmeo, comparado
A lo que quiero decir.
De Inglaterra no hablo,
Porque ya se queda atras
Despues que hay bonetes anchos.

E conclui conjurando todos os príncipes e estados a expulsarem esta ordem abominável, como único meio de desfrutarem neste mundo alegria, paz e glória, e obterem no outro um lugar à mão direita de Deus Padre.

19 Charlevoix exagera o perigo, mas não provavelmente a violência. Poderia o rio, diz ele, tê-los levado mar em fora, se não tivessem sido arrojados a uma ilha que lhes fica no caminho! Teria o autor esquecido a distância da Assunção à foz do Prata? Neste ponto da história dá-se Carrillo francamente por batido (§ 104-110), e desesperando de apresentar melhor defesa, recrimina os jesuítas, dizendo que depois de

assim violentamente expulsos, em lugar de aguardarem da lei o seu restabelecimento, recorreram a meios tão extremos e tortuosos como os de que se queixavam.

20 Villalón diz que os jesuítas acusaram o bispo perante a Audiência de querer fazer-se senhor da província com a ajuda dos paulistas, bem como de heresia, sacrilégio, concubinato, feitiçaria e de ter um espírito familiar (§ 190)! A acusação dentro da alta traição, ridícula como é, repete-a Carrillo também, mas aqui, como em outras ocasiões, omite ele a maior parte das atoleimadas falsidades que lhe fornecia o procurador do bispo.

– Su Señoría estando
Tratando de estas materias
Con algunos prebendados,
Embió á cuatro, ó seis monigotes,
Y traian á Manquiano
Con la sotana en la testa,
Y las vadanas abajo.
Los ministros agarrantes
Tomaron á buen trabajo
Rascarle la posteriora
Aunque fuera con un macho:
¿ Quién vió mas rara figura,
Ni mas horrendo espantajo
Que aqueste, en quantos se ha puesto
Desde el primer hortelano?
Dió el pobre dos mil clamores,
Y al obispo le ha llamado
De su padre y su pastor,
Y su obispo consagrado.
Su Señoría le dice:
¿ Qué dice padre Manquiano,
Pues ayer era un intruso,
Y hoy obispo. No señor,
Le respondía el cuitado;
Que si es pastor verdadero
De todo aqueste rebaño (Papel en verso).

Precioso rebanho era este, digno pastor! O autor do *Papel* escreve como quem viu e desfrutou a brincadeira.

21 Villalón diz que León matou com a própria mão dois guaranis, para pôr termo à fuga, e que os jesuítas conseguiram fazê-los voltar ao combate prometendo-lhes os bens e as mulheres dos espanhóis. Poderia ele sonhar que houvesse alguém tão néscio, ou tão alucinado pelo espírito de parcialidade, que acreditasse semelhante acusação?

22 No exército dos jesuítas recaiu, diz Villalón, a perda sobre os guaranis, morrendo 395: os padres porém enterraram secretamente 394, e fazendo então um funeral público ao que restava persuadiram o povo de que só houvera aquele morto. É assim que este imprudente franciscano repete ou inventa os contos mais absurdos.

23 Diz-se que deitaram eles fogo à cidade, morrendo uma filha natural de León queimada em casa de sua mãe. Entre outras atrocidades são os guaranis acusados de terem celebrado as suas antigas festas pagãs à volta da igreja e no cemitério, banqueteando-se com carne humana. Não tendo estes índios sido criados desde pequenos pelos jesuítas, é muito possível que não fossem tão dóceis como se tornaram depois os seus descendentes, e que algum excesso cometessem, mas esta última acusação é manifestamente falsa. (Villalón, § 232; Carrillo, § 151). Por outro lado representa Charlevoix as coisas como se León, entrada a cidade, tivesse ido direito à catedral, e beijado a mão ao bispo, permitindo-lhe ficar enquanto pôde excogitar algum pretexto para deferir a partida, e despedindo-o então com todas as possíveis demonstrações de atenção e respeito. Villalón e Carrillo pretendem que o prelado foi metido numa jangada podre na esperança de que perecesse.

24 A pedido do procurador do bispo lavrou o tabelião público nesse mesmo dia um termo autêntico desta recepção.

25 Nisto fez porém o Diabo uma grande parvoíce, como é de costume nesta mitologia, pois que num *post scriptum* assevera o bispo ao seu metropolitano que acabava de pôr por intervenção de Cárdenas, se o não houvera expulso da Assunção.

26 Tinha razão o jesuíta e o bispo truncara os nomes. A passagem inteira, qual se lê nas atas deste concílio, é curiosa tanto em si mesma, como por haver adquirido alguma importância novecentos anos mais tarde no coração da América do Sul. – *Cumque per ordinem legeretur, prevenit ad locum ubi ait: Precor vos et conjuro vos, et supplico me ad vos, Angelus Uriel, Angelus Raguel, Angelus Tubuel, Angelus Michael, Angelus Adimis, Angelus Tubuas, Angelus Sabaoth, Angelus Simihel. Dum verso vero haec oratio sacrilega usque ad finem perlecta fuisset, Zacharias sanctus Papa dixit, quid ad haec, sancti Fratzes respondetis? Sancti Episcopi et venerables Episcopi responderunt... quid aliud agentum est, nisi ut onnia quae coram nobis lecta sunt igne concrementur; auctores vero eorum anathematis vinculo percellantur? Octo enim nomina Angelorum, quae in sua oratione Aldebertus invocavit, non Angelorum, praeter Michaelis, sed magis daemonum nomina sunt, quos ad praestandum.*

27 Argüição semelhante a esta na sua natureza, mas versando sobre um ponto metafísico da filologia, se fez também aos jesuítas a respeito das palavras chinesas que empregavam para designar a Divindade. Foi sina deles serem atacados com igual encarniçamento pelos escarneçadores incrédulos e filosofistas dum lado, e do outro pelos carolas, que tudo crêem, e cabeças broncas da sua própria igreja.

28 Na opinião de Bompland e de S. Hilaire haviam abundantes minas no território das Missões jesuíticas: ignorando-se porém hoje onde estejam elas situadas ou porque os jesuítas as houvessem cuidadosamente ocultado, ou porque a proverbial inécia dos seus sucessores fizessem perder os vestígios. (F. P.)

. . . .

Capítulo XXVI

ESTADO DO MARANHÃO – LEIS RELATIVAS À ESCRAVIDÃO DOS ÍNDIOS: OPOSIÇÃO QUE A ABOLIÇÃO ENCONTRA EM S. LUÍS E BELÉM – HISTÓRIA DE PE. ANTÔNIO VIEIRA – VAI AO MARANHÃO COMO SUPERIOR DA MISSÃO E COM UM SERMÃO CONSEGUE DOS MORADORES QUE SE SUJEITEM A UMA COMPOSIÇÃO – DESFAZ-LHE O GOVERNADOR TODOS OS PLANOS COM VIOLAÇÃO DAS ORDENS D'EL-REI – PARTE ELE PARA LISBOA, E ARRANJA PESSOALMENTE O NEGÓCIO – NOMEADO VIDAL GOVERNADOR DO MARANHÃO E PARÁ, VOLTA VIEIRA A S. LUÍS

ENQUANTO no Paraguai triunfavam assim de toda a oposição os jesuítas, estabelecendo entre os guaranis um governo sacerdotal, viam-se no Brasil os seus irmãos expostos a igual hostilidade, falecendo-lhes os mesmos meios de defesa. Nas antigas Capitanias tinham já os moradores adquirido hábitos de vida civilizada. Tanto as desde muito estabelecidas formas de governo municipal, como a atividade das operações comerciais, contribuíram para firmar a ordem política, achando-se a autoridade da mãe-pátria sustentada por comunicações regulares, quando não freqüentes, e pela nomeação de homens de elevada hierarquia e ca-

1647

O Maranhão em estado pior que as capitanias mais antigas

ráter para os postos supremos. Traziam tais homens consigo mais do que a mera autoridade que a sua nomeação lhes conferia: não estava ainda degradada a nobreza de Portugal, e embora os vícios que corrompiam a administração em Lisboa fossem com demasiada fidelidade imitados na Bahia, sempre algum benefício real resultava da semelhança e maneiras de uma Corte. Mas no Maranhão e no Pará achava-se o povo quase na condição de matutos, afastado da vida civilizada nos seus hábitos e costumes, e mais ainda nos sentimentos, aproximando-se em tudo do estado selvagem. Os governantes raras vezes eram melhores do que eles, sendo o mando tão pouco para desejar-se nestas regiões, que homens de influência o não queriam, ou, se o aceitavam, era meramente como degrau para melhor coisa.

Nomeavam-se freqüentemente pessoas que em Portugal nenhuma garantia deixavam da sua conduta, não tendo nem nome de família nem caráter individual que os coibisse de atos de tirania e baixeza. Destas causas nascia uma perpétua série de facções, assuadas e sedições, que em tais circunstâncias nem a mais sábia política poderia prevenir ou remediar.

Tentativa dos holandeses no Amazonas

Antes de finda a guerra de Pernambuco ancorara ao mar do cabo do Norte uma esquadra de oito velas holandesas, ao comando de Vandergoes. Soube-lhes Sebastião de Lucena; de Azevedo, capitão-mor do Pará, da chegada e também do intento, que era tomar o forte de Curupá, passando depois a investir Belém. Num estranho acesso de desanimação convocou ele a Câmara, informou-a do perigo, e pediu-lhe que provesse à segurança da cidade, nomeando para comandá-la pessoa idônea, pois que ele só tomaria sobre si a defesa do forte, única por que era responsável. A Câmara, e a maior parte dos moradores que assistiram a esta estranha declaração, clamaram que era ele o capitão-mor, e que nele confiavam todos, prontos a derramar debaixo das suas ordens a última gota de sangue na defesa da cidade, admoestando-o ao mesmo tempo que não incorresse na vergonha de recuar diante do seu dever. Mas ele, a nada querendo atender, mandou recolher as tropas ao forte, e ainda não contente com isto meteu nele também as ordenanças, privando assim a cidade de todos os meios de defesa. À vista disto fez o senado da Câmara o seu protesto, e agravando-se ao governador-general, que residia em São Luís, acusou o capitão-mor

não da atual covardia, mas também de muitos atos anteriores de prevaricação e tirania. Mas assim que Lucena o soube e principiou a refletir nas conseqüências possíveis, pareceu recobrar imediatamente os sentidos e em lugar de aguardar dentro das fortificações os holandeses, embarcada toda a força que pôde reunir, saiu a acometê-los onde quer que os achasse. Saltou no Curupá, onde encontrou tudo salvo, e seguindo para Maricari, posição forte que Vandergoes havia ocupado, atacou-o ali, rechaçou-se após renhido combate para os navios com perda considerável, e recolheu-se a Belém, confiando que este ato de vigor lhe adquiriria a boa vontade do povo, e apagaria as nódoas anteriores. Efetivamente restabeleceu com este feito a reputação militar, mas não lhe perdoaram as antigas ofensas, e as repetidas instâncias da Câmara afinal compeliram o governador-geral, Francisco Coelho de Carvalho, a fazer uma viagem a Belém. Filho bastardo de uma família ilustre era Coelho dotado de elevado caráter e exemplar prudência: durante alguns meses depois da sua chegada procurou restabelecer a concórdia, persuadindo o povo a retirar os seus agravos em consideração dos últimos serviços de Lucena; mas não se deixam facilmente acalmar as paixões populares, especialmente quando fundadas em ressentimento de injustiças. Insistiu pois a Câmara que se instaurasse o processo, e procedendo-se a inquérito resultou tão claro e flagrante a prevaricação do capitão-mor, que Coelho, por mais que desejasse desculpá-lo, não pôde escusar-se a suspendê-lo do comando, degradando-o para o Gurupi, a setenta léguas de Belém na direção do Maranhão, a aguardar ali a decisão da Corte. Confirmada em Portugal a suspensão, teve Lucena ordem de recolher-se ao reino.

Berredo, § 934-949

Morte do governador Coelho

Tendo chegado valetudinário a Belém, ali morreu Coelho, ordenando que o enterrassem na igreja dos frades de S. Antônio. Teve a sua morte as conseqüências ordinárias nestas turbulentas colônias. O ouvidor-geral Durão, que já se aproveitara da ausência do governador para praticar em São Luís muitos atos irregulares, tornou-se mais audaz agora, de modo que Manuel Pita da Veiga, que ficou governando interinamente, o pôs a ferros no forte de Itapicuru, para evitar maiores males. O novo governador Luís de Magalhães à sua chegada soltou Durão, prendendo em seu lugar Manuel Pita, sem outro motivo além de querer tirar-lhe o ofício de provedor-mor da Fazenda Real, para dá-lo ao seu próprio irmão.

1649

Barreto, 941-8

Expedição em busca de minas de ouro

Desde o tempo da memorável viagem de Teixeira ficara o povo do Maranhão intimamente convencido de que sobre o Amazonas se podia encontrar imensos tesouros: até aqui não deixara a guerra fazer para empresas de descobertas, mas agora que não havia inimigo externo que recear, preparou-se uma expedição, de que o governador esperava tão grandes coisas que logo conferiu ao comandante da partida Bartolomeu Barreiros de Ataíde a patente de capitão-mor do Rio do Ouro, ou Lago Dourado.[1] Sabendo porém ser a carne humana fonte mais segura de emolumentos do que estas minas ainda por descobrir, encarregou-o de trazer para casa quantos escravos pudesse apanhar. Em Belém se aprestou a expedição, cujos fins falharam ambos; mas Barreiros tinha indignamente violado as leis, atacando sem a menor provocação os índios para escravizá-los, que acarretou sobre si um processo criminal, cujas conseqüências o levaram à sepultura. Implicado no crime também o governador teve o seu quinhão na desgraça sobre passar pelo merecido dissabor de ver condenado o seu procedimento para com o ex-governador interino, e seu irmão apeado do ofício, em que com tão escandalosa injustiça se encartara. Pouco depois, em conseqüência das contínuas disputas sobre sucessão e nomeações, dividiu el-rei os governados do Maranhão e Pará, erigindo cada um em Capitania distinta.

1659

1652

Sempre os reis portugueses se tinham mostrado desejosos de proteger os índios, que olhavam como seus súditos, e por cuja conversão sentiam verdadeira solicitude. Apesar desta disposição da parte do governo por muito tempo se sofreu que os colonos escravizassem à discrição os indígenas, até que D. Sebastião promulgou afinal um decreto, declarando que nenhum índio seria considerado escravo, salvo sendo aprisionado em guerra aberta feita por ordem d'el-rei ou do seu governador, excetuados os aimorés e as tribos mais ferozes, que costumavam assaltar as outras e os portugueses, para comê-los. Foi esta disposição confirmada por segunda lei, em que se declarava que os índios que trabalhavam para os portugueses não deviam olhar-se como escravos, mas como jornaleiros livres a cujo arbítrio ficava trabalhar ou não, segundo lhes conviesse. Filipe I decretou que só fossem

Leis sobre a escravidão dos índios

20 de mar. 1570

Figueiredo. *Sipnose cronológica,* **t. 2, p. 152**

22 de ago. 1587

11 de nov. 1595

Sin. Cron., **t. 2, p. 238**

5 de jun. 1605

escravos os índios capturados em hostilidades, por ele mesmo autorizadas. Filipe proibiu por duas leis sucessivas escravizá-los em caso nenhum. Mas estava por demais inveterado o mal para assim se deixar extirpar. Havia a favor da escravidão um partido forte... eram homens ávidos de lucros imediatos, e religiosos que, abraçando por motivos vis uma causa ainda mais vil, se tornavam advogados deste execrável sistema porque ordens rivais se haviam ilustrado combatendo-o.[2] Por eles se deixou Filipe II induzir a revogar a abolição, permitindo que se escravizassem os índios aprisionados em guerra, rebelião ou insurreição, devendo os apresadores dentro de dois meses registrar os nomes e descrever as pessoas dos seus prisioneiros, com todas as circunstâncias da captura, sem poderem vendê-los enquanto a guerra não fosse aprovada em Portugal pelo governo. A mesma lei permitia comprar escravos a índios, que aliás os comeriam. O governador ou pessoas por ele autorizadas fixariam um preço, e os que se comprassem por isso ou por menos seriam escravos dez anos, restituindo-se-lhes depois a liberdade; se o preço excedesse a avaliação fixa, seria perpétua a escravidão. Provia esta lei também à liberdade dos índios reduzidos; em cada um dos seus aldeamentos se devia pôr uma pessoa abastada e de boa estirpe, tomando-se especial cuidado que não houvesse na família sangue judaico. Estava este indivíduo autorizado a entrar pelo sertão, e persuadir os naturais a vir com ele porem-se debaixo da proteção das leis: nestas expedições se lhe recomendava que levasse consigo um jesuíta, se achasse algum que quisesse acompanhá-lo, na sua falta um religioso de outra qualquer ordem, contanto que falasse a língua tupi. Os índios assim convertidos seriam estabelecidos em aldeias de trezentas casas pouco mais ou menos cada uma, e situadas à distância tal dos engenhos e das matas de pau-brasil, que nenhum dano se pudesse temer.[3] Deviam distribuir-se terras para uso dos índios, edificando-se em cada aldeia uma igreja, a que se daria um sacerdote secular versado na língua da tribo, podendo-se nomear, caso nenhum aparecesse nestas circunstâncias, um jesuíta, e na falta dele um religioso de outra qualquer ordem.[4] Deviam estes índios considerar-se pessoas livres a todos os respeitos, pagando-se-lhes os seus serviços pelo preço corrente. Nesta lei se diz que os editos anteriores tinham sido flagrantemente desrespeitados, escravizando-se muitos índios, que todos se mandavam pôr agora em liberdade.[5]

30 de jul. 1609

10 de set. 1611

Provisão sobre a liberdade do gentio dos Estados do Brasil. Ms.

D. João IV renova a abolição

Em parte por causa destas leis, mas muito mais ainda por se acharem quase consumidos já os índios ao longo da costa tinham as capitanias antigas procurado braços só no tráfico de africanos, não tendo a legitimidade da escravidão dos negros jamais sido posta em dúvida, nem pelos mesmos jesuítas. Mas tornando-se senhores do Maranhão, acharam os portugueses bem povoado o país circunvizinho, começando então a mesma obra de opressão e destruição, que durara no Brasil quase um século antes de atrair a atenção do governo. Aqui não a deixaram prosseguir sem interrupção. Seguindo os impulsos naturais do seu bom coração, renovou D. João IV a plena abolição segundo a lei de Filipe II, e o novo governador do Maranhão, Baltasar de Sousa Pereira, trouxe consigo ordens para emancipar todos os índios que achasse reduzidos à escravidão. Mal porém tentou dar cumprimento a estas ordens, levantou-se o povo, reunindo-se tumultuariamente na praça de S. Luís. Assestou o governador a sua artilharia contra os sublevados, fingindo atacá-los, mas não foi mais do que uma demonstração para justificar-se a si mesmo, porquanto, mandando logo as tropas para os seus quartéis, deixou que os jesuítas, a quem o povo imputava a odiosa medida, fizessem de medianeiros da paz, e permitiu aos insurgentes apelação para o rei, elegendo eles procuradores, que a Sua Majestade fossem expor o caso. O governador do Pará, Inácio do Rego Barreto, trouxe as mesmas instruções, mas ali era a medida mais obnóxia ainda que em S. Luís, possuindo o povo maior número de escravos, e achando-se mais perto do grande manancial deles. Amotinou-se pois também, e como o colega do Maranhão admitiu o governador o apelo, suspendendo entretanto a lei, que não tinha meios de fazer executar.[6]

Barreto, § 958-969

História dos primeiros anos de Antônio Vieira

Assim principiara no Maranhão e Pará a contenda, por tanto tempo travada no Paraguai entre os padres da Companhia e espanhóis, quando a S. Luís chegou Vieira, o jesuíta. Alguma coisa já fica dita acerca deste homem extraordinário, e como vamos agora vê-lo entrar numa das quadras mais importantes da sua vida, tão rica de sucessos, não será fora de propósito traçar-lhe a história prévia. Nasceu Antônio Vieira[7] em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608, tomando o nome de batismo do santo do dia de cuja transladação o fizeram cristãos na catedral daquela cidade. Contava

ele oito anos de idade, quando passando-se à Bahia o meteram seus pais na escola dos jesuítas. Ao princípio só se tornara notável por parar regularmente no caminho para adorar as imagens de Nossa Senhora da Fé e de Nossa Senhora das Maravilhas, dois ídolos, ambos em muita veneração na Bahia;[8] mas nos estudos ficava o jovem Vieira atrás dos outros, parecendo enevoada a sua inteligência. Sentia e lamentava o rapaz a sua estupidez, e dizem que um dia, orando fervorosamente à Virgem que lhe abrisse a compreensão, estourou-lhe o que quer que fosse na cabeça com dor tão violenta, que de julgou prestes a expirar. Refere isso como milagre o seu crédulo biógrafo; mas é digno de menção como fato físico, pois que o próprio Vieira afirma a sua existência, tendo principiado desde aquela hora a desenvolver essas potências da alma, que o tornaram um dos mais distintos ornamentos da sua ordem e da sua pátria. Um sermão pregado por Frei Manuel do Conto o determinou, tendo ele então quinze anos, a abraçar a vida religiosa, sendo notável que fosse este efeito produzido por uma lenda fabulosa que de S. Jordão[9] contava o pregador. Dizia um diabo àquela santa personagem que de boa vontade sofreria não só todos os seus tormentos próprios, mas ainda os do Inferno todo inteiro, se lhe fora dado contemplar a Deus durante um abrir e fechar de olhos. Qual não deverá ser pois a alegria da beatífica visão! foi a aplicação que o jovem Vieira fez, sentindo-a tão vivamente, que desde esse momento resolveu assegurar-se tal felicidade, renunciando ao mundo. Benquistos, respeitados de todos floresciam então os jesuítas: era fresca ainda no Brasil a memória de Anchieta, e vivia Almeida em cheiro de santidade. Pedir o consentimento de seus pais bem sabia Vieira seria inútil, e assim fugiu-lhes de noite, e os jesuítas, abrindo-lhe suas portas, o admitiram triunfalmente como noviço![10] Enquanto durou o noviciado as potências do Inferno, em linguagem católica, desencadearam os ventos e excitaram contra ele as ondas por meio dos pais, que se opunham à vocação do mancebo, mas este, está bem visto, permaneceu inabalável qual rochedo em meio da tempestade. Pouco passava Vieira dos dezesseis anos, quando os jesuítas lhe permitiram fazer os votos que o prendiam irrevogavelmente à ordem; neste caso não tiveram eles de arrepender-se, mas a quantos crimes, a quanta miséria não têm dado origem estes prematuros compromissos! Com dezessete anos foi Vieira escolhido para redigir o relatório

Vieira, *Sermões,* **T. 9, p. 212**

anual que a província enviava ao geral em Roma, e no ano seguinte para dar preleções de retórica em Olinda.[11] Os cinco anos seguintes da sua vida gastou-se no emprego mais condizente com a sua profissão de ministrar entre os índios e os negros, para o que se tornou senhor não só da língua tupi, mas também da angolana. Era seu sincero desejo dar de mão a todos os estudos escolásticos, para dedicar-se inteiramente aos índios, mas já os superiores lhe haviam descoberto os talentos populares, nem queriam desta forma dispor de um engenho qualificado para brilhar nos gabinetes e nas Cortes. Ordenado presbítero em 1635 regeu a cadeira de teologia na Bahia, e ao chegar a notícia da aclamação enviou o marquês de Montalvão a Portugal com D. Fernando Mascarenhas, filho do mesmo marquês, e Fr. Simão de Vasconcelos[12] a congratular el-rei pela recuperação de seus reais direitos. Dizem que Montalvão escolhera Vieira por estar convencido de que os talentos deste homem seriam essencialmente úteis ao novo governo. Por pouco não foi fatal esta nomeação. Tinha na revolução aderido ao rei castelhano o irmão de D. Fernando, e pois quando este desembarcou em Peniche, investiu com ele o povo, ao saber quem era, feriu-o e tê-lo-ia morto, se o conde de Atouguia lho não houvesse tirado das mãos. Vendo escapar-lhe a vítima, atirou-se a canalha a Vieira, em quem era crime sobejo à companhia em que chegara, mas felizmente em lugar de assassiná-lo como desejava, deixou-se ela persuadir a contentar-se com prendê-lo e entregá-lo à justiça, para sofrer o castigo que merecesse. Assim como criminoso o levaram a Lisboa, onde lhe foi fácil obter audiência de D. João IV, que imediatamente lhe recebeu e apreciou os talentos admiráveis. Dos negócios políticos em que o empregaram, já alguma coisa se disse, mas a maior parte da sua vida como estadista pertence à história da mãe pátria.

Nomeado régio logo depois da sua chegada, granjearam-lhe os seus sermões a maior reputação. São eles em verdade as mais extraordinárias composições deste gênero: nada lhes pode exceder a absurdidade na parte típica e alegórica, a não ser talvez a ingenuidade assim pervertida, mas a par disto encontraram-se uma liberdade política igual à de Latimer, com quem o orador freqüentemente se assemelha tanto no estilo como na destemida honestidade, uma sátira pungente, uma felicidade de expressão, uma valentia de linguagem, e uma eloqüência a jorrar da plenitude de uma imaginação rica e de um nobre coração, que têm

feito dos escritos de Vieira, apesar de toda a sua liga, a glória e o orgulho da literatura portuguesa. Foi ele porém decididamente insano sobre um tópico, nascido da estranha crença dos sebastianistas; pô-lo debaixo da vara da Inquisição esta aberração, que mancha muitos dos seus escritos mas a todos os outros respeitos deixou-lhe desanuviada a brilhante inteligência, e Vieira ocupará sempre um lugar não só entre os maiores escritores, mas também entre os primeiros estadistas do seu país.

O favor de que ele gozava na Corte[13] – nem havia quem mais inteiramente possuísse a confiança e a amizade d'el-rei – por força lhe havia de suscitar muitos inimigos, e até os mesmos jesuítas se tornaram invejosos. Levantou-se a balela de que servindo-se da sua influência procurava Vieira modificar a constituição da Companhia, e em conseqüência desta argüição, quer fosse bem quer mal fundada, temeu ele que o expulsassem. Sabendo disto, ofereceu-lhe o rei um bispado, pensando, diz o biógrafo, que uma mitra seria o santelmo desta tormenta: mas Vieira tornou-lhe que não trocaria o seu capuz por todas as mitras da monarquia portuguesa, e que, se o despedissem da Companhia, nunca mais deixaria as portas, perseverando em solicitar readmissão, quando não como religioso ao menos como servente dos que o fossem. Removido afinal este ciúme da parte dos superiores, foi Vieira por alguns anos empregado nas mais importantes missões políticas até que em 1650 voltou a Lisboa. Pouco depois foi enviado a percorrer na sua qualidade religiosa as cercanias de Torres Vedras, em companhia de Fr. João de Sotomaior, então volveu-lhe o antigo desejo de dedicar-se aos índios, o que em parte talvez se devesse à conversação do companheiro. Bem sabia Vieira que nem o príncipe nem o rei consentiriam em separar-se dele: muito lhe custaria ofendê-los ou mostrar a menor falta de respeito a pessoas que ele olhava não só com o sentimento geral de lealdade e gratidão, mas até com afeto pessoal, e uma dedicação nascida da superstição e da loucura, mas tão aferrada tinha a missão no peito, que se preparou para embarcar sem ciência deles. Era o Maranhão o teatro a que se destinava. Um só navio havia em toda a armada do Brasil com destino a este Estado, e combinou-se que ele e Fr. Francisco Ribeiro acompanhariam os últimos jesuítas que embarcassem, como para despedir-se deles a bordo. Pelo caminho souberam que o navio se achava detido para levar um sindicante, e

Vieira invejado por causa do favor que goza na corte

Vieira foi ter com o rei, de quem obteve licença para sair a embarcação sem aguardar este funcionário. Removido tal obstáculo, como o vento não servisse para passar a barra, resolveu o capitão aproveitar a maré da manhã, e para melhor disfarçarem o seu desígnio, voltaram para casa Vieira e Ribeiro. Desconfiou-se porém do intento e ao romper do dia recebeu Vieira uma ordem do paço para ir falar ao príncipe D. Teodósio. Devia este sangrar-se àquela manhã e mandou-lhe pedir que esperasse até concluir-se a operação. Percebeu Vieira então que queriam demorá-lo, e escapulindo-se sorrateiro correu apressado a embarcar-se. Ao chegar a bordo soube que o capitão tinha sido chamado ao paço, e logo suspeitou a causa.

Obsta el-rei a que Vieira embarque para o Brasil

Apenas havia no Tejo outro navio pronto a dar à vela. Mandando o seu companheiro saber se o galeão tocaria na Madeira, e quereria pôr ali um passageiro em terra, desembarcou Vieira em Belém e voltou a Lisboa. À porta do paço encontrou o capitão, que lhe contou tê-lo o el-rei mandado chamar para dizer-lhe que o havia de enforcar se levasse o Pe. Antônio Vieira no seu navio: soube também que o bispo do Japão tivera a ordem de ir buscá-lo a bordo, fazendo que o capitão depois desse imediatamente à vela. À vista disto foi ter com o príncipe (achando-se el-rei à mesa) e resolutamente lhe disse que queria e havia de ir para o Maranhão, procurando com toda a veemência de um homem cuja consciência está comprometida no resultado, arrancar-lhe o consentimento: foi debalde. D. Teodósio asseverou-lhe não haver consideração que obrigasse seu pai a anuir. Disso ficou Vieira convencido, vendo quão pouco pudera saber sobre o príncipe, mas ainda lhe restava a esperança de arranjar passagem na Madeira, e julgou melhor embarcar para aquela ilha sem ver primeiro el-rei, parecendo-lhe menos grave contrariar o agrado do monarca, do que desobedecer a uma ordem formal emanada de seus lábios. Deixando pois o príncipe, voltou a Belém, onde encontrou Ribeiro com a notícia de que o navio tocaria na Madeira e ali o desembarcaria. Este e outro jesuíta, que com ele vinha, procuraram contudo dissuadi-lo do intento, mas Ribeiro argumentava como quem fala contra a própria convicção, fazendo ver o perigo de perder as boas graças d'el-rei: Vieira respondeu que quanto mais as arriscasse pelo serviço de Deus, maior razão havia para que lhas conservasse o rei, e com mais confiança poderia ele mes-

mo esperar a continuação delas, como quem melhor as teria merecido. Seguiu pois para bordo. Suspendia-se o último ferro, quando o vento refrescou de modo que não foi possível dar volta ao cabrestante, e perdida assim a maré, foi mister esperar pela manhã seguinte. Entretanto a ir para bordo fora Vieira visto pelo provincial de S. João de Deus que passara por ele num bote. Visitando a Condessa de Óbidos contou o provincial a Fr. Inácio Mascarenhas quem encontrara; Mascarenhas mandou recado ao Conde de Castanheda, o conde ao príncipe, o príncipe ao rei, e este despachou imediatamente oficiais de justiça em busca de Vieira a bordo de todos os navios que estivessem para sair barra afora. De manhã velejava já o navio quando um destes oficiais o abordou, entregando a Vieira um papel assinado – Eu El-Rei – que lhe ordenava de ir imediatamente ao paço para negócio de importância, devendo o capitão, no caso de fazer o padre a menor reflexão, logo dar fundo, sob pena de conseqüências de desobediência direta às reais ordens. Nenhuma alternativa restava. A caminho para terra passou pelo navio do Maranhão, que ia já na carreira, e despediu-se de seus irmãos; encontrando logo Fr. Manuel de Lima que num escaler seguia o navio com toda a força de remos e de vela; também desse se despediu com grande comoção, prometendo de uma forma ou outra ir reunir-se à missão.

Ao chegar ao paço fizeram-lhe o melhor acolhimento o rei e o príncipe, gracejando pelo o terem apanhado na fuga, e encantados de o haverem conseguido. Quanto a ele, declara que nunca sentiu pesar tão profundo, exprimindo com toda a sua natural eloqüência tanto a dor que o pungiu, como o sentimento do dever e da consciência que lhe causava. Era tarde, porém: partira a armada e cumpria por aquela quadra renunciar à esperança da missão.

Na manhã seguinte veio uma nota de Fr. Manuel de Lima, dizendo que apesar de ter seguido o navio muitas léguas fora da barra, não pudera alcançá-lo, pelo que tratava de fretar uma caravela que o levasse à Madeira, onde ainda talvez o acharia. Com esta notícia raiou uma nova esperança a Vieira, que tentou ainda um esforço, fazendo ao rei e ao príncipe caso de consciência de lhe contrariarem assim o seu veemente desejo, e advertindo-os de que se tornavam responsáveis pela perdição de tantas almas, quantas ele poderia salvar no Maranhão. Andava D. Teodósio adoentado, e pela sua vida se nutriam receios, que o futuro

infelizmente veio provar serem por demais bem fundados. Tornou-o isto mais acessível a tais argumentos para que já por disposição e habitual piedade se inclinava. Cedeu, e quando D. João viu o seu filho bem amado naquele estado de enfermidade corporal com escrúpulos de consciência a este respeito, também nele os sentimentos religiosos venceram todas as demais considerações pessoais ou políticas. "Se", diz Vieira, "algum sacrifício fiz a Deus no correr desta missão, foi aceitando a permissão d'el-rei, quando me foi agora concedida, pois deu-ma com mais que paternais expressões e afeto."[14]

Carta de Vieira. André de Barros, § 105-113

Não foi meramente um passaporte, o que el-rei lhe concedeu agora: foi uma autorização assinada de seu próprio punho para como superior da missão fundar no sertão quantas igrejas e missões lhe parecesse convenientes, devendo todas as autoridades, corporações e em geral todas as pessoas fornecer-lhe índios, canoas, guias, intérpretes, e tudo o mais de que houvesse mister para as suas expedições. Ia a provisão datada de 21 de outubro, e Vieira observou como coisa digna de especial menção, ser este o dia das Onze Mil Virgens, padroeiras do Estado do Maranhão. Todos os acidentes anteriores, que tão impropícios lhe haviam parecido, antolharam-se agora outros tantos meios ordenados pela Providência para benefício da missão. Todas estas circunstâncias são curiosamente características tanto do espírito e costumes do século e do país, como das ilustres personagens a quem se refere: o que se segue não é menos notável. Enquanto aguardava Vieira o vento, o rei e o príncipe vivendo em contato diário com ele, principiaram a arrepender-se da permissão dada, e o entusiasmo do mesmo missionário, como era natural depois de elevado a tão alto grau de excitação, principiou a esfriar também. O seu profundo conhecimento dos interesses políticos do país, que tão admiravelmente sabia manejar nestes perigosos tempos, e a sua afeição pessoal à família real, que sentia o próximo apartamento como aflição privada e como perda pública, tudo isto principiou a sobrepujar em Vieira os desejos que sentia pela vida missionária; e quando o rei, após longos combates internos declarou que não podia resolver-se, mesmo depois de quanto se havia passado, a privar-se de tal amigo e conselheiro, não teve Vieira forças para opor-se à vontade... nem haverá homem ou anjo que como culpa

Poderes concedidos a Vieira

lhe impute esta fraqueza. Era porém tão público o que se passara que pareceu prudente evitar a aparência de inconstância, e para que a revogação parecesse um impulso repentino da parte d'el-rei, combinou-se guardar segredo até à última, e quando Vieira se achasse a ponto de embarcar ou mesmo já a bordo, seria detido por uma ordem peremptória para ficar em terra. Um dia antes da saída da caravela deu ele parte ao rei e ao príncipe, os quais lhe disseram que iam imediatamente fazer lavrar a contra-ordem: todo o dia esperou ele pois recebê-la, mas em lugar dela chegou à noite um recado de bordo para embarcar ao romper do dia. Imediatamente mandou aviso ao príncipe pelo bispo do Japão, única pessoa que a tal hora podia ter acesso junto de Sua Alteza, porquanto se houvera mandado ao paço um mensageiro, daria causa a que algumas pessoas, que já suspeitosas vigiavam as ações de Vieira, ainda mais desconfiassem de conluio. Da corte nenhuma mensagem chegou, e ele partiu para a ribeira, demorando-se pelo caminho quanto pôde: à beira do rio porém disseram-lhe que o rei não queria que ele embarcasse, e que o sindicante que neste navio ia para o Maranhão, tinha ordem para assim lhe fazer saber mal chegasse a bordo. Supôs Vieira naturalmente que o rei teria resolvido proceder desta forma... meteu-se num escaler e atracou ao navio. Estava o sindicante já a bordo, mas, não tendo recebido instruções algumas, nada lhe disse a semelhante respeito, como quem na realidade tudo ignorava: o navio suspendeu ferro, largou o pano, a maré era de servir, o vento bom, passou-se a barra, e Vieira viu-se com pasmo a navegar para o Maranhão.

Anui Vieira a ficar em Portugal

E parte para o Maranhão sem o pensar

"Desde a hora em que o navio desamarrou desse rio", diz ele numa carta ao príncipe D. Teodósio, "não estive mais em mim, nem o estou ainda, atônito do caso, e da fatalidade da minha partida, e de não saber como Sua Majestade e Vossa Alteza a receberiam, pois não é possível serem-lhes presentes todas as circunstâncias dela, que não fui eu o que me embarquei, senão elas que me levaram." Explicado o que tinha sido estas circunstâncias, prosseguiu: "As velas se largaram e eu fiquei dentro da caravela e fora de mim, como ainda estou, e estarei até saber que Sua Majestade e Vossa Alteza têm conhecido a sinceridade do meu ânimo, e que em toda a totalidade deste sucesso não houve da minha parte ação, nem ainda pensamento, ou desejo contrário ao que Sua Ma-

jestade ultimamente me tinha ordenado, e eu prometido. Não sei, senhor, que diga neste caso, senão ou que Deus não quis que eu tivesse merecimento nesta missão, ou que se conheça que toda ela é obra sua; porque a primeira vez vinha eu contra a vontade de Sua Majestade, mas vinha por minha vontade e agora parti contra a de Sua Majestade e contra a minha; por mero caso ou violência, e se nela houve alguma vontade, foi só a de Deus a qual verdadeiramente tenho conhecido em muitas ocasiões com tanta evidência, como se o mesmo Senhor a revelara. Só resta agora, que eu não falte a tão clara vocação do Céu, como espero não faltar com a divina graça. Enfim, senhor, venceu Deus. Para o Maranhão vou voluntário quanto à minha primeira intenção, e violento quanto à segunda, mas muito resignado e muito conforme, e com grandes esperanças de que este caso não foi acaso, senão disposição altíssima da divina Providência."[15]

Vieira. *Cartas* **T. 1, c. 8**

Vieira. *Cartas* **25 de dez. 1652**

Chega Vieira a S. Luís

Foi esta carta escrita do porto da Praia nas ilhas do Cabo Verde, primeira terra que aferrou o navio, demorando-se ali quatro dias. Neste tempo pregou Vieira duas vezes, e com efeito tal, que o povo, depois de ter debalde suplicado a ele e aos seus companheiros que ficassem na ilha, ofereceu ao capitão do navio uma avantajada peita, para picar a amarra e deixá-los em terra. Ao chegarem ao Maranhão, dois dos irmãos, de quem Vieira se despedira no Tejo, vieram em uma canoa com a fraca esperança de encontrá-lo a bordo, e se, diz ele, alguma coisa há na terra que possa comparar-se à alegria de entrar no Céu, foi esta. Depressa se revelaram de maneira singular a disposição de Vieira e a do povo do Maranhão. Dois homens disputavam o cargo de vigário-geral; um, que fora rejeitado, levara a Portugal as suas queixas, e voltando com uma ordem d'el-rei para a sua reintegração, apresentara-a ao governador; durante a sua ausência tinha porém o competidor alcançado uma sentença local contra ele, e prendendo-o em virtude dela, pusera-o a ferros. Apelou ele para o governador, que reuniu uma junta, convocando os principais funcionários civis e religiosos. Fora vociferava a canalha a favor do homem que estava encartado no ofício, ameaçando queimar o êmulo se fosse a favor dele a decisão. A esta opinião tão violentamente manifestada, estava a junta disposta a ceder, quando Vieira observou que não eram da alçada dela

1653

casos destes, sendo as únicas pessoas que no Maranhão podiam pôr termo à disputa, os mesmos competidores, pelo que cumpria convidá-los a virem pelo amor da tranqüilidade pública, compor-se um com o outro. Admitida imediatamente a proposta, foi Vieira à cadeia acompanhado do vigário em exercício. Ali se dirigindo a ambos, fê-los ver o mal de inflamarem com as suas dissensões o povo, e os deveres que como eclesiásticos tinham de cumprir; porquanto como se havia de pregar o Evangelho entre o gentio, por quem estavam rodeados, se os ministros desse Evangelho assim se enfureciam uns contra os outros? "Eu e meus irmãos", disse ele, "deixamos a Europa por amor do nosso Redentor, para trabalharmos como operários nesta terra por cultivar; – em nome desse Redentor vos conjuro que não planteis mais espinhos, onde eles já sobejam, dando antes ao vosso rebanho um exemplo da caridade que pregais." Dirigia-se o apelo tanto à prudência mundana como ao sentimento do dever, e assim produziu todo o seu efeito, sujeitando-se ambos à decisão de Vieira. Decidiu este que assim como se achava então dividida a autoridade civil do Estado, o fosse igualmente a eclesiástica; que o ocupante conservasse a sua posição no Maranhão, onde está domiciliado, e o pretendente fosse exercer igual cargo no Pará onde tinha também sua casa. Satisfeitos com este arranjo, e envergonhados do escândalo que tinham dado, abraçaram-se os dois, e o que mais violento se mostrara na contenda, ajoelhado aos pés do outro, tirou-lhe os ferros.

André de Barros, § 188-196

Primeira carta de Vieira ao rei

Depressa conheceu Vieira o estado corrupto do país quanto à moral e religião. Cristãos e pagãos viviam em igual cegueira por falta da instrução, não havendo ali, diz ele, ninguém que catequize, ninguém que administre os sacramentos, não faltando aliás quem escravize, quem tiranize, nem, o que é pior, quem aprove tudo isto, de modo que portugueses e índios vão indo todos pelo caminho do Inferno. "Que Sua Majestade olhe por este estado de abandono espiritual", dizia ele ao príncipe D. Teodósio, "e olhe Vossa Alteza também por ele, por amor do cristianismo e por amor da vossa própria salvação, que de todas estas almas se tomaram contas ao rei de Portugal e a Vossa Alteza como príncipe do Brasil. Não peço dinheiro e não peço provisões para os que vêm... – Deus proverá... O que peço é que venham e que sejam muitos, e de muito zelo; porquanto mais que nós, que

estamos aqui, façamos sem olharmos nem a trabalho nem a perigos, é grande a colheita, mas poucos os operários; e como Cristo disse: Pedi ao dono que mande trabalhadores para a sua vinha, assim os peço a vós, que sois donos desta vinha em lugar d'Ele. Aos provinciais de ambas as províncias se tem requerido, mas não confio neles sem que Vossa Majestade interponha sua Real autoridade, ordenando aos superiores que por todos os navios nos mandem companheiros, e ordenando-o peremptoriamente. Sede certo, meu príncipe, que os exércitos de almas, que se converterem aqui, serão de mais proveito para defender-vos e firmar-vos o trono, do que os soldados que levantais. Não há rei que possa salvar-se pela multidão de uma hoste; nem há homem poderoso que se livre pela muita força."

Salmo 33, v. 16

Estado dos moradores e sistema de opressão

Foi este o primeiro desabafo do coração de Vieira à sua chegada: mais porém se lhe exacerbou o sentimento quando chegou a conhecer em toda a sua extensão o completo desprezo de todas as fórmulas da religião, as misérias dos índios, os crimes dos portugueses. Muitos colonos nem iam ao sermão, nem ouviam uma missa na roda do ano; não conheciam os dias-santos, para guardá-los, e os que conheciam não os guardavam, sendo coisa comezinha morrer sem confissão. Em toda a capitania do Maranhão só duas igrejas estavam providas; uma na terra firme, outra na ilha, que media sete léguas de cumprimento, sobre outras tantas de largura, e estava toda povoada. Em tão grande extensão de território não podia ministrar um só sacerdote, especialmente não havendo em todo aquele país, cavalo, mula, nem jumento. Pior ainda do que a falta de padres, era o caráter dos que havia, e que ou tinham ido para ali por degradados, ou a levar uma vida, que em outra parte não poderiam viver, pois que de fato não se achavam debaixo de jurisdição nenhuma, residindo na Bahia, a quinhentas léguas de distância, com os holandeses de permeio, e sem comunicações senão por via de Portugal, o bispo do Brasil, a cuja diocese pertenciam. A um tão sincero e devoto como D. João IV não podia este mal parecer menor do que a Vieira. Expurgado de todas as considerações supersticiosas era ele bastante para excitar num soberano sérios cuidados, que onde caem em desuso as práticas comuns da religião, não tardará esta a perder toda a sua influência sobre coisas mais momentosas. Havia porém mal ainda mais clamoroso. Seguiam os portugueses do

Maranhão e Pará a mesma carreira de opressão, que nas costas das capitanias mais antigas exterminara os índios. Permitia a lei que fossem escravos os naturais capturados em justa guerra, e também os que tendo sido aprisionados uns pelos outros, houvessem sido comprados pelos portugueses, chamando-se estes últimos, como tendo sido destinados a serem comidos, índios da corda em alusão à *muçarama*. Daqui nasciam necessariamente todos os imensuráveis males de um regular tráfico de escravos. Cada capitão de forte fazia a seu bel-prazer guerra às tribos vizinhas, com ou sem pretexto, tendo por único fim fazer escravos. O sistema das compras ainda mais facilmente servia para cobrir os mais atrozes atos de violência: voltavam os traficantes com quantos índios podiam apreender por fraude ou força,[16] apresentavam-nos para a formalidade do exame como índios da corda, e com ameaças e tormentos os compeliam a dar respostas, que eram prontamente aceitas por juízes, implicados em transações semelhantes. Mas neste sistema geral de perversidade nenhuns eram mais perversamente tratados do que aqueles índios, que tendo-se submetido aos portugueses e vivendo em aldeias próprias, eram chamados livres, e como tais pela lei considerados. Viviam estes em mais cruel servidão do que os que eram efetivamente escravos, olhando-os o governador ou capitão-mor como gado, em cuja conservação nenhum interesse lhe ia, e com cujo trabalho tinha de enriquecer-se o mais que pudesse nos três anos que lhe durava o ofício. Eram principalmente empregados em cultivar e preparar tabaco, o que no Brasil se reputava o serviço mais pesado; e ressentindo-se mais desta injustiça do que os que, tendo sido originariamente aprisionados em guerra, justa ou injusta, se resignavam às conseqüências, muitos morriam de pesar e indignação. Aos míseros assim empregados nenhum tempo se deixava para prover à subsistência de suas famílias, que se deixavam morrer de fome, tomando-se até as mulheres aos maridos, e as mães aos filhos, para distribuí-las pelos portugueses, que ao governador as requeriam. Nas aldeias destes índios se punha por capitão algum desalmado, índio ou mestiço, que fosse o instrumento da opressão, oprimindo ele também, e assim prosseguia a obra do extermínio. Tão pior era esta condição do que a de efetiva escravidão, que alguns índios deixavam voluntariamente a sua aldeia, para irem viver entre os escravos domésticos, preferindo a servidão com algum descanso e humanidade a esta bárbara e

desapiedada tirania.[17] Os funcionários públicos justificavam-se com o dizer que os seus empregados lhes haviam sido dados como recompensas de seus serviços, e para se enriquecerem era este o único meio. O remédio por Vieira aconselhado foi a que a nenhum governador ou capitão-mor se permitisse entregar-se a gênero de cultura algum para tráfico, aberta ou disfarçadamente, nem empregar os índios em trabalho, que não de fortificações, ou outros serviços de el-rei, nem pôs-lhe capitães nas aldeias, deixando-os viver debaixo de seus próprios caciques, que os alugariam aos portugueses para servi-los livremente pelo estipêndio costumado. Se assim se fizesse, disse ele, se os índios livres se tratassem realmente como tais, se as entradas no sertão fossem pacíficas, e se a religião cristã se pregasse sem outro intento ou fim do que os que o mesmo Cristo veio buscar neste mundo, que era a salvação das almas, nunca o Estado sentiria míngua de trabalhadores nem de defensores, e esta obra de piedade e justiça seria o mais seguro fundamento da força e prosperidade de Portugal.

Cartas de Vieira T. I, c. IX
Questão com o Capitão-mor

Antes da chegada de Vieira a S. Luís seguira Fr. João de Sotomaior para Belém, onde ensinava latim e dava preleções de retórica aos religiosos de Nossa Senhora das Mercês. Carecia ele de quem o ajudasse e Vieira mandou-lhe dois frades, mas ao irem estes meter-se numa canoa chegou a ordem do capitão-mor Baltasar de Sousa, proibindo-lhes seguir por não haverem impetrado licença dele. Vieira, que dos mesmos se estava despedindo na praia, escreveu ao capitão-mor, dizendo que fora filha da ignorância a falta, por não se ter sabido ser necessária tal formalidade, pedindo desculpa da não intencional omissão, e solicitando licença enquanto a maré servia. A única resposta foi uma ordem ao missionário mais velho para voltar à sua cela. Era particularmente ofensiva esta arrogância, por haver Baltasar de Sousa, em Lisboa, feito a corte aos jesuítas para obter este emprego, tendo apresentado a el-rei o seu memorial por mão desse mesmo missionário sobre quem assumia agora tão insolente autoridade. Foi Vieira procurá-lo, vendo claramente que queria ele desavir-se com os jesuítas, e inteiramente resolvido a tirar-lhe todo o pretexto. Desta disposição derivou tanta vantagem como da natural superioridade, e depois de ter dado a entender que não podia existir essa autoridade, que ele se arrogava sobre os religiosos, provou-lhe que os jesuítas

por duas vezes o haviam procurado para despedirem-se. Viu-se então que a verdadeira ofensa havia sido ter um destes missionários pregado na véspera, sem pedir vênia ao capitão-mor. Ninguém podia ter imaginado que para isto se carecesse de licença especial, mas Vieira vendo que era este o agravo, e percebendo pelas queixas de Sousa haverem as outras ordens introduzido este costume, disse logo, que apesar de ter feito propósito de passar a quaresma nos aldeamentos, ficaria em S. Luís, e com permissão dele, capitão-mor, pregaria no domingo seguinte só para mostrar que a omissão até então proviera de mera inadvertência.

Exatamente nesta ocasião entraram na sala dois funcionários públicos acérrimos fautores da escravidão; caiu a conversação sobre este tópico, e Vieira, aproveitando o bom humor de Sousa, a quem o incenso queimado à sua vaidade lisonjeira em extremo, encetou com tanta arte como ardor a argumentação, logrando persuadi-los de que com muito pequeno custo poderiam conciliar o interesse com a consciência. O resultado foi pedirem-lhe todos que fizesse disto o tema do seu sermão, e o capitão exclamou: "Ah, padre Antônio Vieira, quem havia de esperar do princípio da nossa conversação que ela terminaria assim? Mas prova isto que foi ela obra de Deus, que a fará frutificar."

André de Barros, 2, § 4

Primeiro sermão de Vieira em S. Luís

Era a primeira vez que Vieira pregava no Maranhão, mas tal a sua reputação, que todos os portugueses vieram ouvir um pregador que fazia as delícias e o orgulho da corte de Lisboa. Tomou ele por texto as palavras do Tentador: "Todas estas coisas te darei, se te prostrares, adorando-me", e principiou dissertando sobre o valor da alma humana, prendendo a atenção dos ouvintes com o seu estilo peculiar. "As coisas estimam-se", disse, "pelo que custam. Que lhe custou a Cristo uma alma, e que lhe custou o mundo? O mundo custou-lhe uma palavra *Ipse dixit et facta sunt*; uma alma custou-lhe a vida e o sangue todo. Pois se o mundo custa uma só palavra de Deus, e a alma custa todo o sangue de Deus, julgai se vale mais uma alma do que todo o mundo. Assim o julga Cristo, e assim o não pode deixar de confessar o mesmo Demônio. E nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que as vendemos pelo preço que vós sabeis.

"Espantamo-nos que Judas vendesse a seu mestre e a sua alma por trinta dinheiros; e quantos há que andam rogando com ela ao Demônio por menos de quinze. Eu, cristãos, não quero agora, nem vos

digo que não vendais a vossa alma, porque, sei que a haveis de vender, só vos peço que quando a venderdes, que a vendais a peso. Pesai primeiro o que é uma alma, pesai primeiro o que vale, e o que custou; e depois que vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças se há de pesar uma alma? Nas balanças do juízo humano não, porque são mui falsas: *mendaces filii homiuium in stateris*. Pois em que balanças logo? Cuidareis que vos havia de dizer nas balanças de S. Miguel, o anjo, onde as almas se pesam? Não quero tanto; digo que as peseis nas balanças do mesmo e eu me dou por contente. Tomai as balanças do Demônio na mão; ponde de uma parte o mundo todo, e da outra uma alma, e achareis que pesa mais a vossa alma que todo o mundo. *Hoec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: tudo isto te darei, se me deres a tua alma.

"Suponhamos que o Demônio no seu oferecimento falava verdade, e que podia e havia de dar o mundo; suponhamos mais que Cristo não fosse Deus, senão um puro homem, e tão fraco que pudesse e houvesse de cair na tentação. Pergunto: se esse homem recebesse o mundo todo e ficasse senhor dele, entregasse sua alma ao Demônio, ficaria bom mercador, faria bom negócio? O mesmo Cristo o disse noutra ocasião: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur: animoe vero suce detrimentum patiatur*? Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no cativeiro do Demônio? Alexandre Magno e Júlio César foram senhores do mundo, mas as almas agora estão ardendo no Inferno e arderão por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Júlio César e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se acharam que foi bom contrato dar a alma pelo adquirir? Alexandre, Júlio, foi bom serdes senhores do mundo todo, e estardes agora onde estais? Já que eles me não podem responder, respondei-me vós. Pergunto: Tomareis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomareis ser Júlio César? Deus nos livre. Como! Se foram senhores de todo o mundo? É verdade, mas perderam as suas almas. Oh, cegueira! E para Alexandre, para Júlio César, parece-vos mau dar a alma por todo o mundo: e para vós parece-vos dar a alma pelo que não é mundo, nem tem de mundo o nome?

"A que diferente preço", prosseguiu, "compra hoje o Demônio as almas do que oferecia por elas antigamente! Já nesta nossa terra vos digo eu, nenhuma feira tem o Demônio no mundo, onde lhe saíam

mais baratas. No nosso Evangelho ofereceu todos os reinos do mundo por uma alma; no Maranhão não é necessário ao Demônio tanta bolsa para comprar todas; não é necessário oferecer reinos; não é necessário oferecer cidades, nem vilas nem aldeias. Basta acenar o Diabo com um tujupar de pindoba e dois tapuias; e logo está adorado com ambos os joelhos. Oh, que feira tão barata! Negro por alma, e mais negra ela que ele! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver; e a tua alma será minha escrava toda a eternidade, enquanto Deus for Deus. Este é o contrato que o Demônio faz convosco!"

Passou então Vieira a narrar como não fora intenção dele pregar na cidade do Maranhão, visto não poder fazê-lo sem desagradar, falando a verdade e ser contra o seu dever, a sua profissão e a sua consciência subir ao púlpito e não dizer mormente tendo-as já dito tantas e com tanta liberdade e a tão grandes ouvidos. Pessoas porém, a quem devia todo o respeito, o tinham feito mudar de resolução, às quais tendo prometido que pregaria, sempre desde então lhe doera a promessa. Na sexta-feira anterior tinha ido dizer missa, para que Deus o alumiasse, e ao ler da epístola lhe revelara o Altíssimo o que queria que fizesse, com as mesmas palavras do profeta Isaías: Brada e não cesses; levanta a tua voz como trombeta, desengana o meu povo, anuncia-lhe seus pecados.

"Já o pregão do rei", exclamou o pregador, "se lançou com tambores: agora diz Deus que se lance o seu com trombetas. Não nos assombre, senhores, o pregão, que como é pregão de Deus, eu vos prometo que seja mais brando, e mais benigno que o do rei. E se não vedes as palavras que se seguem: e sabes por que quero que desenganes este meu povo, e por que quero que lhe declares seus pecados? Porque são uns homens, diz Deus, que me buscam todos os dias, e fazem muitas coisas em meu serviço, e sendo que têm gravíssimos pecados de injustiças, vivem tão desassustados, como se estivessem em minha graça. Pois, Senhor, que desengano é o que hei de dar a esta gente, e o que lhe hei de anunciar da parte de Deus?

"Vede o que dizem as palavras do mesmo texto: Sabeis, cristãos, sabeis, nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos. Estes são os pecados do Maranhão: estes são os que Deus me manda que vos anuncie. Cristãos,

Deus me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estais em pecado mortal: todos viveis e morreis em estado de condenação e todos vós ides diretos ao Inferno. Já lá estão muitos, e vós também estareis cedo com eles, se não mudardes de vida."

Depois, tocando nas calamidades da guerra, fome e peste, que sofrera o Estado, e que ele atribuiu aos pecados do povo, falou Vieira no castigo do Faraó e do seu exército por ter recusado deixar partir os israelitas: "*Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam et devoravit eos terra.* Caiu sobre eles e os afogou o mar e os comeu e os engoliu a terra. Pois se os afogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: aqueles homens, como nós, tinham corpo e alma; os corpos afogou-os a alma, por que ficaram no fundo do mar; as almas tragou-as a terra, por que desceram ao profundo do Inferno. Todos ao Inferno sem ficar nenhum; porque onde todos perseguem, e todos cativam, todos se condenam. Não está bom o exemplo? Vá agora a razão.

"Todo o homem que deve serviço ou liberdade alheia, e, podendo-a restituir, não restitui, é certo que se condena: todos ou quase todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, podendo restituir, não restituem: logo todos, ou quase todos, se condenam. Dir-me-eis que ainda que isto fosse assim, que eles não o cuidavam, nem o sabiam; e, que a sua boa fé os salvaria. Nego tal; sim cuidavam e sim sabiam, como também vós o cuideis e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deverão cuidá-lo e sabê-lo. A uns condena-os a certeza, a outros a dúvida, a outros a ignorância. Aos que têm certeza, condena-os o não restituírem; aos que têm dúvida, condena-os o não examinarem; aos que têm ignorância, condena-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber. Ah! se agora se abrirem essas sepulturas, e aparecer aqui alguns dos que morreram nesse infeliz estado, como é certo que ao fogo das suas labaredas havíeis de ler claramente esta verdade! Mas sabeis por que Deus não permite que vos apareça? É pelo que Abraão disse ao rico avarento, quando lhe pedia que mandasse Lázaro a este mundo: *Habent Moyses et prophetas.* Não é necessário que vá de cá do Inferno quem lhes apareça e lhes diga a verdade: lá têm a Moisés e a lei; lá têm os profetas e doutores. Meus irmãos, se há quem duvide disto, aí estão as leis, aí estão os letrados, perguntem-lhes. Três religiões

tendes neste Estado, onde há tantos sujeitos de tantas virtudes e tantas letras, perguntai, examinai, informai-vos. Mas não é necessário ir às religiões, ide à Turquia, ide ao Inferno; porque não pode haver turco tão turco na Turquia, nem demônio tão endemoniado no Inferno, que diga que um homem livre pode ser cativo.

"Vejo que me dizeis: bem estava isso, nós tivéramos outro remédio. Este povo, esta república, este Estado não se pode sustentar sem índio. Quem nos há de ir buscar um pote de água, ou um feixe de lenha? Quem nos há de fazer boas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos? Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei de pôr, como logo vereis, mas quando a necessidade e a consciência obriguem a tanto, digo que sim e torno a dizer que sim; que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos de nossos braços; porque melhor é sustentar do suor próprio que do sangue alheio. Ah! fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!"

Depois, tendo insistido no dever de tudo perder como Jó, quando a consciência o exige, disse Vieira que estudando o ponto com toda a diligência, e seguindo as opiniões mais largas e mais favoráveis, achara quão pequeno sacrifício temporal podia salvar as consciências aos moradores daquele Estado. E assim era. Todos os indígenas se dividiam em três classes: escravos domésticos, índios livres das aldeias d'el-rei, e aqueles que se resgatavam no sertão por essa espécie de venda que se fazia com a pistola aos peitos. Quanto à primeira classe, nenhuma dúvida restava que era a sua escravidão sempre injusta, não sendo pequena indulgência perdoar o passado. Contudo, tendo muitos destes escravos sido criados em casa, e com os filhos da mesma, ninguém tinha direito de tirá-los de onde estavam, se quisessem ficar voluntários. Os que quisessem sair, iriam viver para as aldeias d'el-rei, onde serviriam com as condições estabelecidas. Todos os anos se faria uma entrada pelo sertão a resgatar prisioneiros, mas estes só seriam qualificados cativos a juízo do governador, do ouvidor-geral, do vigário do Maranhão ou Pará, e dos prelados das quatro ordens religiosas. Os que tivessem sido capturados pelos seus inimigos em guerra justa, e realmente resgatados da corda, seriam repartidos aos moradores como escravos legítimos pelo preço que houvessem custado. Aqueles, de que não constasse que a

guerra em que se tomaram fora justa seriam aldeados em novas povoações ou distribuídos pelas aldeias existentes; e os índios livres de todos estes aldeamentos serviriam os portugueses em seis meses do ano alternadamente de dois em dois, ficando os outros seis meses para tratarem de suas lavouras e famílias. O preço por que a pagaria o trabalho destes índios seria tal, que dele se riria o pregador, qualquer outra nação do mundo. O meio circulante naquele Estado, ou antes o que o supria à falta de coisa melhor, era o pano de algodão e a soldada ordinária, por que servia um índio livre, eram duas varas por mês, que valiam dois tostões, ou menos de sete réis por dia, coisa, acrescentou Vieira, indigna de se dizer, e muito mais indigna, de que não pagar tão leve preço, houvesse homens de entendimento e da cristandade, que quisesse condenar suas almas a ir ao Inferno.

Depois de ter feito ver os benefícios temporais e espirituais deste arranjo, exclamou o pregador: "Que homem haverá tão esquecido de Deus, tão cego, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, que se não contente de uma coisa tão justa e tão útil, que a não queira, que a não aprove, que a não abrace? Por reverência de Jesus Cristo, cristãos, e por aquele amor com que aquele Senhor hoje permitiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que metamos hoje o Demônio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos nesta Terra tem levado ao Inferno, e nos vai levando também a nós. Demos esta vitória a Cristo, demos esta glória a Deus, demos este triunfo ao Céu, demos este pesar ao Inferno, demos este remédio à terra em que vivemos, demos esta honra à nação portuguesa, demos este exemplo à cristandade, demos esta fama ao mundo.

"Saiba o mundo, saibam os hereges e os gentios que não se enganou Deus quando fez os portugueses conquistadores e pregadores do Seu santo nome. Saiba o mundo que ainda há verdade, que ainda há consciência, e que não é o interesse tão absoluto e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda há quem por amor de Deus e da sua salvação, meta debaixo dos pés interesses.

"Senhor Jesus, este é o ânimo e esta a resolução com que estão de hoje por diante estes vossos tão fiéis católicos. Ninguém há aqui que queira outro interesse mais que servir-vos: ninguém há que queira outra conveniência mais que amar-vos; ninguém há que tenha outra am-

bição mais que de estar eternamente obediente e rendido a vossos pés. A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida; para que corteis por ela e por eles, para que façais de tudo e de todos o que for mais conforme à vossa santa lei. Não é assim cristãos? Assim é, assim o digo; assim o digo e prometo a Deus em nome de todos. Vitória pois por parte de todos, vitória contra a maior tentação do Demônio. Morra o Demônio, morram suas tentações, morra o pecado, morra o Inferno, morra a ambição, morra o interesse e viva só o serviço de Deus, viva a fé, viva a cristandade, viva a consciência, viva a alma, viva a lei de Deus, e o que ele ordenar, viva Deus e vivamos todos: nesta vida com muita abundância de bens, principalmente os da graça, e na outra por toda a eternidade os da glória."

Sermão do primeiro domingo da Quaresma, t. 12

Anui o povo a um arranjo a respeito dos escravos

Todo este extraordinário discurso fora tão vivo, tão frisante, e com tal arte dirigido conjuntamente ao entendimento e às paixões, ao interesse e à vaidade do povo, que produziu todo o efeito imediato que Vieira desejava. Baltasar de Sousa convocou uma reunião na igreja àquela mesma tarde, convidando nela o pregador a propor formalmente o plano que do púlpito esboçara. Foi aprovado por todos, e para dar-lhe execução nomearam-se dois advogados, um para os senhores de escravos, outro para os índios, devendo eles primeiramente confeccionar uma lista de todas as pessoas retidas em estado de escravidão, e depois coligir a respeito da história de cada uma prova, que seriam produzidas perante os membros do Senado e o sindicante, para estes decidirem como juízes. Lavrou-se imediatamente, assinado pelo capitão-mor e pessoas principais do lugar, um termo de como o povo anuía a este compromisso. Quiseram os jesuítas que o exame principiasse pelos seus próprios índios, que também eles tinham escravos, e procedendo-se com justiça enquanto durou a impressão, muitos infelizes foram temporariamente repostos nesse estado de comparativa liberdade, que a lei assegurava aos que viviam aldeados, como súditos do rei de Portugal.

Cerimônias religiosas em S. Luís

Aproveitando-se da influência que possuía agora, fundou Vieira para os índios aos domingos um ensino público, que procurou tornar tão agradável quanto o permitia a pobreza da terra.

Reuniam-se eles no colégio dos jesuítas, de onde marchavam em procissão para a igreja matriz, cantando os estudantes a ladainha de Nossa Senhora pelo caminho. Na retaguarda ia uma bandeira branca com a efígie de S. Inácio de Loiola, fechando Vieira o préstito. Ao chegar à igreja metia-os ele em duas filas, os homens de um lado e as mulheres do outro, e passando por entre ambas para o templo, recitava orações, que todos repetiam em coro, ao que se seguia o exame nos mistérios da fé, por um catecismo feito pelo mesmo Vieira. Também instituiu a chamada devoção do rosário, supersticiosa prática, em abono da qual se têm espalhado algumas das mais atrevidas fábulas que a impudência jamais impôs à credulidade[18]. Apesar de toda a sua vasta inteligência acreditava Vieira nestas lendas tão inteiramente como os seus ouvintes, relatando-as como verdades inquestionáveis em sermões, que todos os sábados pregava sobre este assunto. Embelecidos pela consumida eloqüência e maravilhosa originalidade do orador, eram estes sermões as delícias do povo; não podia a igreja conter as massas que se aglomeravam para ouvi-los, e ainda fora da porta a multidão se apinhava. À noite ornava-se o altar de Nossa Senhora da Luz na igreja dos jesuítas, principiavam o ofício dois dos melhores cantores, e entre eles se via Vieira revestido de seus hábitos sacerdotais a explicar os mistérios do fio de contas. Loucuras desta natureza são tão epidêmicas como as modas; introduziu-se a prática como devoção doméstica, e houve um tempo em que em todas as casas se ouviam hinos em louvor da Virgem e do seu rosário.

O capitão-mor engana Vieira e ilude as leis

Não era porém de natureza para durar a impressão causada sobre um homem como Baltasar de Sousa. Tinha-se Vieira preparado para uma expedição missionária pelo rio Tapicuru acima, entre os ibirajaras ou barbudos, que se supunham descendentes de alguns europeus náufragos. O capitão-mor, a quem segundo as ordens d'el-rei incumbia fornecer-lhe canoas e índios, prometeu-os para o mês de junho; mas apenas saído para Portugal o último navio de modo que antes de um ano se não podia mandar queixas para o reino, convocou enquanto Vieira se achava ausente nos aldeamentos uma junta das pessoas que lhe pareceram próprias, e sob pretexto de achar-se muito adiantada a estação para subir o rio, fê-las assinar um papel, com que justificar-se de impedir a expedição. A razão disto era que tendo, necessitado e cubiçoso, feito grandes plantações de taba-

co, preferia Sousa empregar no seu próprio serviço os índios que Vieira requisitava. Vendo assim frustrado aqui o seu intento, seguiu Vieira para Belém, tencionando subir o Amazonas, mas como comunicasse este seu desígnio ao capitão-mor Inácio do Rego Barreto, disse-lhe este que uma nação chamada Poquiz, cujo país ficava a umas duzentas léguas de Belém, sobre um braço do Tocantins, se mostrara disposta a estabelecer-se entre os portugueses e deixar-se doutrinar. Com esta feliz perspectiva diante de si, preparou-se Vieira para tirar dela partido. Não tardaram porém muito a descobrir-se os sinistros fins de Rego Barreto, que principiou por querer peitar Vieira, dizendo-lhe que tencionava repartir estes índios pelos moradores, podendo os jesuítas tomar os que desejassem. Respondeu o missionário que as ordens d'el-rei eram que todos os índios que voluntariamente se pusessem debaixo da proteção da Coroa, fossem estabelecidos em aldeias próprias onde mais conviesse para conversão e bem-estar deles, sendo portanto manifesta violência e injustiça outro qualquer procedimento. Outro ponto, sobre que insistiu Vieira, foi que antes de se trazerem do seu país estes índios, se tomassem as medidas necessárias, para que como tantos dos seus conterrâneos não perecessem à míngua, sendo esta uma das causas de enorme desaprovação que cada vez mais progredia. Quando sabia que uma horda estava disposta a vir estabelecer-se entre os portugueses, não se incomodava o governador com preparar provisões de que pudesse ela subsistir enquanto não recolhia os frutos das suas próprias plantações. Durando-lhe só três anos o governo, não tinha ele tempo que perder do cuidado de enriquecer-se, nem lhe vinha lucro algum de deixar ao seu sucessor as coisas, de modo que acrescessem ao estado uns poucos de milhares de trabalhadores livres e felizes enquanto que pelo contrário, fazendo vir precipitadamente esses índios, ainda que escapassem cinqüenta e morrendo de fome quinhentos, sempre alguma coisa ganharia com os sobreviventes. Ponderando-se a probabilidade desta mortalidade, foi Inácio do Rego assaz perverso para observar que pouco importava a perda desta gente, valendo muito mais que morresse entre os portugueses do que no sertão, pois que iria batizada. Segundo as ordens d'el-rei, a Vieira tocava a única e exclusiva direção das expedições desta natureza, podendo só ele dispor dos índios assim reduzidos, e devendo os governadores fornecer-lhe canoas, gente e todo o necessário. Desprezou Barreto completa-

mente estas ordens, e com a mais flagrante desobediência nomeou um ferreiro[19] para comandar a bandeira, recomendando-lhe que desse parte a Vieira de quanto tencionasse fazer, agravo do insulto antes do que limitação dos poderes daquele homem. Debalde reclamou Vieira, apresentando as ordens d'el-rei, que peremptoriamente proibiam a todo o leigo ir nestas jornadas, e debalde conjurou ele o governador em nome de Deus e do rei que não fosse perturbar assim os negócios das missões. Perdidas eram tais representações: a entrada no sertão havia de ser uma caçada de escravos projetada por Barreto, o vigário-geral (deslembrado da cena do cárcere em S. Luís) era seu cúmplice, e o ferreiro era sujeito a todos os respeitos qualificado para o emprego que lhe davam. Procurou ele prevenir os poquiz contra os jesuítas dizendo que estes os privariam de suas mulheres, e já com promessas, já com ameaças, já embriagando-os, conseguiu apoderar-se de uns mil índios, quase metade da tribo, e tomando uns para seu quinhão, e distribuindo outros pelos soldados da sua partida, meteu o resto numa aldeia chamada Morajuba, onde nada estava preparado para recebê-los, mas que ficava perto das plantações de tabaco do capitão-mor. Apenas Vieira percebeu como este desalmado estava procedendo, deixando os companheiros, correu a Belém a pedir providências a Barreto, mas o resultado só serviu de desenganá-lo que no atual estado de coisas era impossível prosseguir na catequese e civilização dos naturais, enquanto a autoridade civil tivesse poder sobre eles.

Cartas de Vieira, T. I, XI.
A. de Barros, 2, § 51-54

Escreve Vieira ao rei

O primeiro impulso que sentiu Vieira, foi escrever ao rei, propondo-lhe o que lhe parecia único meio de evitar estas atrocidades. O seu conselho foi que os governadores e capitães-mores nenhuma autoridade tivessem sobre os índios quer conversos quer não, exceto em tempo de efetiva guerra, em que poderiam sortear uma certa porção para o serviço militar; que tivessem os índios um procurador-geral em cada capitania, eleito por um ano, e independente do governador ou capitão-mor; que fossem eles exclusivamente governados pelos religiosos, como no Brasil onde tinha mostrado a experiência ser este o melhor e único meio de reduzi-los e conservá-los; que em princípios de cada ano se fizessem listas dos índios de todas as aldeias de cada capitania, e dos fazendeiros, sendo então aqueles repartidos entre estes pelo seu procurador e pelo superior da ordem religiosa, sem

que nisto pudesse intervir o governador, nem a Câmara, nem pessoa alguma, e atendendo-se primeiramente aos lavradores mais pobres pela sua necessidade e para que não perecessem; que nenhum índio trabalhasse para quem quer que fosse mais de quatro meses por ano, em dois meses alternados; e que nenhum fosse trabalhar nem para particular nem ao serviço d'el-rei, sem ficarem depositadas as suas soldadas para lhe serem entregues, apresentando atestado de haver trabalhado o tempo marcado; que todas as semanas ou todos os quinze dias houvesse uma feira para as aldeias dos índios feita à roda em cada uma delas, e aonde eles levassem o que tivessem para vender, benefício comum tanto para eles como para os portugueses; que não se trouxessem selvagens do sertão sem haver plantações prontas para eles; que não seriam obrigados a trabalhar antes de perfeitamente restabelecidos da jornada e de terem recebido alguma instrução; que dos soldados mais bem intencionados e religiosos dentre eles, toda a tropa se formasse uma companhia da Propagação da Fé, para proteger os missionários nas suas excursões pelos rios acima, ficando ela às ordens superiores das missões, exceto em tempo de guerra; que não se multiplicassem as graduações militares nos aldeamentos indígenas, havendo só, como no Brasil, um cacique e meirinhos, e um capitão e, quando muito, um sargento-mor, sem contudo privar do seu título qualquer índio que já o possuísse; que para evitar ciúmes e contradições tivesse uma só ordem religiosa os índios a seu cargo, e que essa os não pudesse empregar nem como escravos, nem como trabalhadores livres em lavouras ou engenhos, dela tendo apenas uns tantos para serviço do convento como as outras; não lhe tocava dizer que ordem seria mais própria, por ser ele jesuíta. Desta forma se preservaria e engrandeceria o Estado, onde tudo dependia dos índios.

Cartas de Vieira I, XII

Obtêm em Lisboa o que desejam

D. João IV admirava e estimava Vieira em muito, e Vieira, posto que jamais esquecendo a distância de posição, escrevia-lhe com todo o calor sem reserva, com a sinceridade de amigo. Mas depois de ter ele assim dado expansão aos seus sentimentos, afigurou-se o mal tão grande aos seus confrades após madura reflexão, que estes unanimemente o suplicaram como da missão que em pessoa fosse a Portugal, expor ao rei iniqüidades aqui praticadas pelos oficiais de Sua Majestade. Entretanto tinham chegado a Lisboa os deputados do Pará e Maranhão, e obtido por meio

de suas representações ação desse decreto de emancipação que nas duas capitanias excitara tumultos. Baixou pois novo alvará, mandando que pelas câmaras das respectivas capitanias, na presença do sindicante ou de um ouvidor fossem examinados os escravos existentes, para averiguar-se que poderiam em boa consciência ficar retidos neste estado. Tais seriam aqueles que houvessem sido feito prisioneiros em guerra legítima, e desta podia ser causa terem os índios impedido a pregação do Evangelho seguido as partes dos inimigos da Coroa, hostilizado os portugueses ou deixado de prestar-lhes auxílio, cometido roubos por terra ou por água, ou cortado as comunicações e tráfico dos colonos; aqueles que, vassalos do rei de Portugal, deixassem de pagar o seu tributo, ou de se apresentar quando chamados a pegar em armas ou trabalhar ao serviço da Coroa, ou comessem carne humana, depois de tornados súditos, podiam ser reduzidos à escravidão, bem como os que tendo sido escravos de outros selvagens fossem comprados pelos portugueses, ou estado na corda, fossem resgatados por preço ou reunidos à força de armas. Para assim obter escravos se fariam entradas no sertão, devendo as pessoas a quem se confiasse o comando ser escolhidas pela Câmara, pelos superiores das ordens religiosas e pelo vigário-geral. Para evitar abusos da parte dos governadores ou capitães-mores, ninguém que exercesse o poder supremo havia de entregar-se à cultura do tabaco, ou de qualquer outro gênero, e seriam os índios nas suas aldeias governados pelos seus próprios caciques, que os distribuiriam aos portugueses voluntariamente e pelos soldados do costume, sem que jamais pudesse o governador empregá-los exceto em obras públicas ou aprovadas. Este decreto[20], que dava um triunfo do partido da escravidão, cerceando os poderes conferidos a Vieira, poderia tê-lo determinado a voltar a Portugal, se esta resolução não estivesse já previamente tomada. Regressando ao Maranhão preparou-se em segredo para a viagem. Poucos dias antes de pronto o

1654

navio, pregou Vieira em S. Luís no dia de Santo Antônio. Desvanecida era a impressão que ele um ano antes produzira no povo, servindo o compromisso que então se assinou unicamente como mais uma prova de quão pouco se deixam os homens prender por promessas e escrituras quando a consciência ou dorme ou está pervertida. Aludindo à famosa lenda de Santo Antônio, disse agora o pregador que pois os homens não queriam escutar, imitaria o santo, pregando aos peixes, e di-

rigindo a estes o seu discurso, recitou um sermão da mais mordente sátira moral e política.

Barreto, § 982
A. de Barros, 2, § 58

Na viagem para o reino caiu perto dos Açores um terrível temporal que fez adernar o navio a um lado apesar de ir em árvore seca. Neste estado ficou a embarcação com o bordo debaixo d'água, agarrando-se a gente ao outro costado, e aguardando só a morte. Viu-se então o entusiasmo de Vieira exaltado até ao último ponto; a morte e a eternidade ocupavam-lhe menos os pensamentos do que esses pobres índios, a cuja causa se votara, e tendo dado a seus companheiros de desgraça uma absolvição geral, ergueu a voz entre o raivar da procela, exclamando: "Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrai-vos que vai este navio buscar o remédio e salvação delas! Fazei agora o que podeis e deveis, não a nós, que o não merecemos, mas àquelas tão desamparadas almas que tendes a vosso cargo! Olhai que aqui se perdem conosco."

Risco corrido por Vieira em viagem

Acreditou Vieira firmemente que foi ouvida a sua oração, salvando-se milagrosamente o navio.[21] Picaram-se os mastros, e o navio endireitou-se, mas aí estava como um cepo no meio das ondas, continuando sempre a tempestade: no dia seguinte foi a gente recolhida por um pirata holandês, que despojada de quanto levava a pôs em terra na ilha da Graciosa. Era tão famoso o nome de Vieira em todos os domínios da coroa de Portugal, que fácil foi obter crédito para sustentar os seus companheiros de infortúnio, mais de quarenta pessoas, durante dois meses, arranjando-lhes depois passagem para todos e matalotagem até Lisboa.

Perigosamente enfermo jazia D. João IV em Salvaterra ao chegar Vieira ao Tejo; mandou-o contudo chamar imediatamente e apenas se sentiu melhor deu-lhe audiência sobre os negócios do Maranhão. Falou Vieira com ardor costumado. Pelo amor de Deus e na esperança de converter infiéis, tinha ele, como toda a corte sabia, deixando a privança de tal rei, a favor da rainha e do príncipe, pessoas que por pouco seriam igualadas no mundo; e vira suas esperanças frustradas pelos portugueses, que impediam a propagação da fé, desprezavam e calcavam aos pés as ordens do seu soberano. Podia o rei fundar naquele país um vastíssimo domínio e ganhar milhões de vassalos, mas a avareza, que escraviza um, afugentava mil, morrendo estes no seu estado pagão, e ficando aquele pouco melhor que o gentio, sem sacramentos, sem instrução na vida, e até sem sepultura depois da morte! Possuíam os reis de Portugal aquelas regiões com a condição de

que dilatariam ali a fé, o conhecimento do Cristo e os limites da Igreja Católica; e em nome daquelas vastas regiões vinha ele representar a Sua Majestade esta a sua mais restrita obrigação, para que se dignasse ajudar as pobres almas que aos bandos afluiriam às redes da Igreja, se não as repelissem os portugueses. Havia um pecado original naquele país... a prática de escravizar os naturais: era dever do rei libertá-los, nem para *ele* era coisa nova de libertador. "O amor das almas desta pobre gente", disse Vieira, "me arrancou de Portugal; suas necessidades, suas opressões, sua desesperada condição me fizeram voltar, e agora prostrado aos pés de Vossa Majestade deponho diante deles, não ouro, não preciosos produtos das conquistas, mas inocência oprimida, mas lamentações, sofrimentos, injustiças, sangue e mortes, que estão pedindo compaixão e remédio."

A. de Barros, 2, § 80-3

Recorria Vieira a um juiz justiceiro. Homem de sentimentos sempre retos, de boa mente teria D. João posto cobro às iniqüidades da Inquisição no reino, e da escravidão nas colônias, mas infelizmente acham os governos sempre mais obstáculos quando querem fazer o bem do que quando praticam o mal.

1655

Achavam-se ainda em Lisboa os deputados do Maranhão e do Pará, que não poupando corrupção nem falsidade em apoio do partido da escravidão, já haviam disposto alguns ministros do gabinete a favor do sistema vigente com todos os seus abusos. El-rei porém mandou formar uma junta de homens versados na teologia e nas leis, de que foi presidente o Duque de Aveiro, e um dos membros o presidente do Conselho da Inquisição, que era arcebispo eleito de Braga. Em primeiro lugar mandou a junta ler todas as leis e decretos antigos e modernos sobre a liberdade dos índios, bem como os memoriais dos deputados do Maranhão e Pará, os pareceres do Conselho Ultramarino, os breves pontifícios e todos quantos documentos podiam elucidar a matéria. Advogou então Vieira a sua própria causa, requerendo que depois de bem pesado o que pudessem alegar os deputados, se resolvesse o que mais vantagem fosse para os portugueses, salvando sempre a liberdade e os direitos naturais dos índios. Agitou a questão tanto pelo lado da política mundana como sobre princípios de humanidade e religião, e a junta, gastos oito dias no exame da matéria, pronunciou-se decididamente a favor dele, declarando ser o sistema dos jesuítas o que devia seguir-se. Ganho este passo, pediu Vieira prudentemente que celebrassem os provinciais das diferentes ordens estabelecidas no Ma-

ranhão e Pará uma reunião, e tomando conhecimento da decisão proferida pelos mais hábeis casuístas do reino, ordenassem aos membros de suas respectivas comunidades que nessa conformidade procedessem: porquanto nada havia sido tão mais calamitoso tanto para índios como portugueses do que a facciosa e ciumenta oposição dos outros religiosos contra os jesuítas. Foi a seu imediato cuidado depois disto a criação de uma junta das missões, que sem cessar velasse pelos interesses do Maranhão.

Cria-se uma junta das missões

Decreto a favor dos índios

Tinha Vieira de lutar com os donatários, proprietários de terras no Brasil, os mercadores, os que exerciam cargos naquelas capitanias e os que pretendiam exercê-los; possuía porém inteira confiança d'el-rei, e o arranjo que ele propôs (sendo o mais porque ele se atreveu a pugnar) concedia tanto aos colonos, que não podiam os advogados destes sem flagrante e impudente justiça exigir mais, onde quer que restasse algum respeito pela eqüidade. Promulgou-se pois o decreto, pondo todos os aldeamentos indígenas do Estado do Maranhão debaixo da direção dos jesuítas, e declarando que Vieira como superior das missões dirigiria todas as entradas no sertão, estabelecendo os índios reduzidos nos lugares que mais próprios lhe parecessem; que o capitão de toda bandeira de resgate havia de ser aprovado pelos jesuítas; que estes missionários teriam voto no exame dos índios resgatados, os quais seriam escravos cinco anos, não mais, bastando os serviços deste tempo para compensar o originário custo. Os índios livres não haviam de trabalhar mais que seis meses para os portugueses, em tarefas de dois meses alternados, e pelo salário de duas varas de algodão por mês, segundo as condições em S. Luís propostas por Vieira e aceitas pelo povo.

Questão a respeito do governo do Maranhão

Achando-se Vieira no Maranhão, escrevera-lhe el-rei exigindo o seu parecer sobre se mais conviria ter naquele Estado dois capitães-mores e um governador. A resposta foi que menos mal seria um ladrão que dois, e que mais dificultosos era de achar dois homens de bem; que dos dois atuais capitães não tinha nada, e o outro nada lhe bastava, sendo incerto qual a maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. "Tudo quanto há na Capitania do Pará", disse Vieira, "tirando as terras não vale 10.000 cruzados como é notório, e desta terra há de tirar Inácio do Rego mais de $100,00, segundo se lhe vão logrando bem as coisas. Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes índios, aos quais trata

como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a outrem: o que além da injustiça que se fez aos índios, é ocasião de padecerem muitas necessidades os portugueses e de perecerem os pobres. Em uma Capitania destas confessei uma pobre mulher, das que vieram das ilhas, a qual me disse com muitas lágrimas, que de nove filhos que tivera, lhe morreram em três meses cinco, de pura fome e desamparo; e consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me: 'Padre, não são esses os que eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos, sem ter com que sustentar, e peço a Deus todos os dias que mos leve também.' Assim que, Senhor", continuou Vieira, "consciência e mais consciência é o principal e único talento, que se há de buscar nos que vieram governar este Estado. E se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governará o Estado sem ele que com ele. Se para a justiça houver um letrado reto, para o político basta a Câmara, e para a guerra um sargento-mor, e esse dos da terra, e não d'Elvas, nem de Flandres. E ainda que [estes] tratem do seu interesse, sempre será com muito maior moderação, e tudo o que granjearem ficará na terra, com o que ela se irá aumentando; e se desfrutarem as verdades, será como donos, não como rendeiros que é o que fazem os que vêm de Portugal. Mas uma vez que os índios estiverem independentes dos governadores, arrancada esta raiz que é o pecado capital e original deste Estado, cessarão também todos os outros que dele se seguem." Tendem por demais para o republicanismo as colônias remotas, para que este conselho houvesse de ser seguido em toda a sua amplitude. Achou contudo el-rei um homem de experimentado talento e inteireza a que confiar o governo: foi Vidal. Arranjando este negócio, de bom grado teria ele retido Vieira junto a si, mas para não parecer escutar meramente suas próprias inclinações e livrar-se de escrúpulos de consciência, deixou à assembléia trienal dos jesuítas, que estava então para reunir-se em S. Roque, decidir se um homem, cujos serviços eram de tanta importância no reino, devia ou não ir por missionário para entre os selvagens. Reuniram-se os reitores de todos os colégios, e os membros mais velhos da Companhia em número de quarenta, e Vieira requereu ser ouvido antes de formar-se opinião. Protestou então estar na firme crença de que Deus o chamava para aquela missão, e que inspirado pelo Céu fora o voto temporão que fizera de viver e morrer entre os índios. Exortou a assembléia a considerar se a resolução que ela ia

Cartas de Vieira, T. I, c. X.

Vidal nomeado governador

tomar comprometeria o caráter da Companhia. Quanto à dele, não se fundava em motivos humanos: a inveja, que outrora o perseguira, estava já ou extinta ou envergonhada, soprava-lhe favorável o vento da privança da Corte, e se dava às costas a tão próspera fortuna, era impelido por poder mais alto, mostrando a maneira da sua primeira viagem claramente ser esta a vontade de um príncipe que por vassalos tinha todos os reis do mundo. E pesassem-se bem as conseqüências de o reterem forçado em Portugal. "Que dirão esses (disse ele), que incitei à obra, levando-os para o Maranhão, se viram que os conduzi ao trabalho e voltei ao descanso? Que dirão esses, que a instigações minhas trocaram o seu país pelas matas e pelos ermos, se os deixo nas matas e nos ermos, e me fico na pátria? Que dirão os índios, que em mim vêem o seu escudo, e aos quais disse que lhes ia buscar remédio? Que dirão, se fico na Corte, quebrando a minha promessa de que em breve seria outra vez com eles? Oh! que falso me julgarão, tão falso como os outros portugueses que tantas vezes acharam baldos de justiça e humanidade! Oh! como a si mesmos se chamarão desconsolados, e dentre todos os homens os mais miseráveis! Oh! como hão de os que estão já convertidos (sendo uma geração inconstante) abandonar a fé, quiçá, e volver às florestas, espalhando entre todas estas inumeráveis nações a fama, ou a infâmia, de que até os padres são traidores; vendo que o maioral deles apesar da sua palavra, os abandonara! Não falo das almas que este indigno instrumento poderia converter para a salvação... pesará isto ou não? Não falo do exemplo que a mocidade que está crescendo agora nos nossos colégios, poderá tomar da minha resolução de tudo abandonar por salvar as almas... terá esta reflexão força, ou não? Não falo da maneira por que o povo do Maranhão e do Pará escarnecerá da minha retirada... será próprio que a Companhia tenha ainda de sofrer esta entre as demais injustiças? Possam a sã discrição, o zelo pela salvação, o amor pelos fins da Companhia e sobretudo a luz do Espírito Santo inspirar desta tão santa e religiosa assembléia a resolução que mais deva redundar na glória do Altíssimo."

A. de Barros, 2, § 107-20

Tendo assim falado, retirou-se Vieira. Com este zelo tão comovidos ficaram os padres mais velhos, e ao mesmo tempo tão receosos de que perdesse a Companhia toda a vantagem de tão brilhantes talentos, que ajoelhados ante o provincial pediram entre lágrimas que a Vieira se ordenasse ficar em Lisboa, mandando-os a eles para aquela missão; o provincial res-

pondeu que se tratava de deliberar se Vieira iria, não de dar-lhe substitutos. Foi secreta a votação, concordando a maioria em que para glória de Deus e salvação das almas fosse Vieira para a missão, e que o sacrifício que a Companhia fazia, resignando assim a honra que de tal gênio lhe vinha, mereceria de Deus a recompensa de novos membros que depois de igual maneira a ilustrassem. A esta decisão se sujeitou el-rei, com a qual o mesmo Vieira exultou em devota sinceridade. Era da maior importância a sua presença para explicar, e até onde fosse possível fazer respeitar as régias ordens. Sabia ele que o provincial do Brasil tinha sido instado para retirar-lhe a licença que lhe dera de ir para a missão, e que as instâncias vinham de pessoas a quem se não podia dizer que não: alguns jesuítas que estavam já no Maranhão não queriam ali ficar sem ele, e finalmente conheceu Vieira que seria dar mau exemplo retroceder num empenho contraído, acreditando ao mesmo tempo que Deus o chamava para este serviço, em que mais facilmente mereceria do que na Corte a salvação da sua alma. Com estes sentimentos, gastos quatro meses apenas em Portugal, reembarcou-se Vieira para o Maranhão, sendo tão próspera a viagem que em vinte e cinco dias se avistou terra, dando-se fundo em S. Luís no trigésimo primeiro.

NOTAS DO CAPÍTULO XXVI

1 A obsessão pelo ouro e pela prata que os espanhóis encontraram fartamente no México e no Peru, continuava a animar os portugueses na tentativa de encontrar o sonhado El-Dourado. Da mesma forma que Fernão Dias Pais foi cognominado e recebera o título de Governador das Esmeraldas, Bartolomeu Barreiros de Ataíde recebia a patente de capitão-mor do Ouro, ou Lago Dourado. Para ampliação do conhecimento do que foi esta obsessão, a sua influência e motivação no devassamento do Brasil interior e de outras áreas continentais, vide, entre outros, Sérgio Buarque de Holanda in *Visão do Paraíso* e *Raízes do Brasil*; Cassiano Ricardo, in *Marcha para Oeste,* e Sérgio Bagu in *Estructura Social de la Colonia y Economía de la Sociedad Colonial.* (L. A.)

2 A escravidão do índio era uma imposição econômica do meio. Do seio das matas é que os colonizadores tinham necessariamente de obter mão-de-obra propulsora dos primórdios do desenvolvimento colonial.*

* Vide a propósito, Alfredo Ellis Júnior in *Economia Paulista no Século XVIII.* (L. A.)

3 Vide ainda Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, José Joaquim Machado de Oliveira, *Quadro Histórico da Província de São Paulo,* e Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, em cujas páginas se encontram os elementos suficientes para compreensão do que consistiu reunião de índios em aldeias como sistema de administração.

Algumas destas, depois, senão numerosas, se transformaram em bairros de São Paulo (Pinheiros, São Miguel, Embu) e mesmo cidades pelo Brasil afora. (L. A.)

4 O Governador Francisco Coelho de Carvalho levou consigo para o novo Estado do Maranhão, Frei Cristóvão de Lisboa, que chefiava alguns missionários capuchinhos. Estes estavam encarregados de zelar pelo Alvará de 1624 que dispunha sobre a administração dos índios e impedia essa mesma administração que estava abusivamente sendo feita pelos colonos ávidos de mão-de-obra. (L. A.)

5 Refere-se a lei especialmente às vilanias de Pedro Coelho em Jaguaribe. Vej. o tomo 2.

6 O instituto da escravidão indígena era um dos alicerces da economia da colônia, senão o único. Todo o trabalho do branco repousava na mão-de-obra indígena, antes do tráfico negreiro. (L. A.)

7 Seu pai, Cristóvão Vieira Ravasco era fidalgo da Casa Real; sua mãe foi Da. Maria de Azevedo, e o Conde de Unhão, D. Fernão Teles de Meneses, lhe serviu de padrinho.

8 Advertimos ao leitor que Southey chama de ídolos a que nós denominamos de imagem. (F. P.)

9 De S. Fr. Zacarias diz André de Barros mas sobre este ponto deve o mesmo Vieira ser melhor autoridade do que seu biógrafo. É porém muito provável que a lenda (como outras muitas) se conte de ambos os santos... e com tanta verdade a respeito de um como do outro. Vieira diz: *"Refiro com alguma esperança este exemplo, porque ele foi o que me fez religioso"*.

10 A escolha que Vieira fez da Companhia de Jesus foi provavelmente determinada por um caso que lhe sucedera na primeira infância. Freqüentava muito a casa de seus pais Fr. Fernando Cardim, então provincial do Brasil, e reitor do Colégio da Bahia, e dizem que ele, um dia que o menino estava perigosamente doente, asseverara aos pais que não morreria, antes Deus o reservou para coisas grandes, para honra na nação portuguesa e da Companhia de Jesus. Expressões de esperança facilmente passam por profecias quando se recordam após muitos anos, e bastava que o provincial houvesse dito que a criança ainda podia vir a fazer honra à Companhia, para que tais palavras da parte de quem era reverenciado como homem de Deus, impressionassem vivamente um espírito religioso e imaginativo. André de Barros, *Vida de Vieira*, 1. 1, § 7 e 8.

11 Ali compôs comentários sobre as tragédias de Sêneca e *Metamorfoses* de Ovídio. Ambos se perderam nas guerras que se seguiram, lamentando ele mesmo em anos mais maduros o segundo. Também principiou um comentário literal e moral sobre o livro de Joshua e outro sobre o *Cântico* de Salomão, de que deu cinco explicações diferentes.

12 O historiador jesuíta tantas vezes citado neste trabalho.

13 Recorde-se que o Padre Antônio Vieira, desde que fora a Lisboa a mando do Governador-Geral do Brasil, Antônio Teles da Silva, ganhara prestígio na Corte devido ao seu talento e conhecimento das coisas do Brasil. Tanto assim é, que João Ribeiro assinala, in *História do Brasil*, ter-se tornado Vieira amigo do rei e "oráculo nas coisas do Brasil". (L. A.)

14 Para conhecimento pormenorizado da vida do Padre Antônio Vieira, vide os dois tomos do notável ensaio de João Lúcio de Azevedo, *História de Antônio Vieira*, e

bem assim *Vida do Padre Antônio Vieira*, de André de Barros, este aliás, numerosas vezes citado ao longo destas páginas. (L. A.)

15 Do conteúdo desta carta colige-se que não partira o Pe. Vieira para o Maranhão por sua livre vontade. Crê o Sr. J. F. Lisboa que empreendera ele esta viagem em virtude de anteriores compromissos que contraíra com a sua ordem a quem fazia sombra a grande influência de que gozava no ânimo d'el-rei e do príncipe D. Teodósio. Em todo este negócio, fácil é de conhecer o jogo que houve, tanto da parte do jesuíta, como dos seus protetores coroados: mas como por vezes acontece, foi ele preso na armadilha que ajudara a armar. (F. P.)

16 Tendo-se apoderado do cacique de uma aldeia da índios, amarrou-lhe um capitão a cada dedo uma mecha a arder, e neste tormento o deixou até que ele, para livrar, apresentou um certo número de escravos. *Cartas de Vieira* t. 1, 6, 9.

17 Assim também a respeito dos índios de *encomiendas* entre os espanhóis diz Muratori (55): *Certamente fa orrose, come que' miseri son più oppressi che gli stessi Mori schiavi; e ciò perchè i Mori comperati in Affrica si riguardono come mercatanzia e roba propria di chi puòverne laddowe gl' Indiani, siccome persone prestate del re, possono da um giorno all' altro passare ad altri commendatori col variarsi de padroni.*

18 É singular esta maneira de qualificar a pura e profunda devoção do rosário! (F. P.)

19 Por nome Gaspar Cardoso condecorado com o título de capitão de entrada. (F. P.)

20 Registrado na Câmara de Belém a 3 de junho de 1654. Berredo diz ter sido por causa deste decreto que Vieira foi enviado a Lisboa, mas creio que esta resolução estava já anteriormente tomada. André de Barros no seu panegírico e Berredo no seu antijesuitismo, são ambos igualmente culpados de omissões. Mas indigno como Barros era a todos os respeitos de ser o biógrafo de Vieira, acha-se mais verdade no seu elogio sem crítica e mal digerido, do que na exposição maliciosa que destas transações faz Berredo.

21 Conta ele mesmo a história num sermão pregado na Ilha de S. Miguel. "Aquém aconteceu jamais depois de tirado o navio, e depois de estarem todos fora dele sobre o costado ficar assim parado e imóvel por espaço de um quarto de hora, sem a fúria dos ventos o descompor, sem ímpeto das ondas o soçobrar, sem peso da carga e da água, de que estava até ao meio alagado, o levar a pique; e depois dar outra volta para a parte contrária, e pôr-se outra vez direito, e admitir dentro em si os que se tinham tirado fora? Testemunhas são os anjos do Céu cujo auxílio invoquei naquela hora, e não o de todos: senão daqueles somente, que têm à sua conta as almas da gentilidade do Maranhão. Supriu o merecimento da causa a indignidade do orador. Obraram os anjos porque ouviu a Deus a oração: e não podia Deus deixar de ouvir, porque orava nela o mesmo perigo. Sabe o mesmo Senhor que por nenhum interesse do mundo, depois de eu o ter tão conhecido e tão deixado, me tornara a meter no mar, senão pela salvação daqueles pobres tesouros, cada um dos quais vale mais que infinitos mundos. E como o perigo era tomado por amor de Deus e dos próximos; como podia faltar a segurança no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou ou se livrou a si mesmo. Os perigos da caridade são riscos seguros, e nos riscos seguros não pode haver perigo. Assim que, Senhor, mudo o estilo e não vos dou já as graças por me livrardes do perigo, senão por me meterdes nele."

. . . .

Capítulo XXVII

NEGÓCIOS DA ESCRAVIDÃO NO PARÁ E MARANHÃO – PLANOS DE VIEIRA – BUSCAM-SE SEM RESULTADO MINAS – MISSÕES FELIZES PARA AS BANDAS DO CEARÁ E NA ILHA DOS JOANES – INSURREIÇÃO CONTRA OS JESUÍTAS, EXPULSÃO E RESTAURAÇÃO DOS MESMOS.

1655

Toma Vidal posse do governo

CHEGARA Vidal ao Maranhão poucos dias antes de Vieira, a respeito de quem tinha provavelmente já manifestado a sua opinião, pois que a Câmara foi em corporação visitar o jesuíta, congratulando-o pela sua viagem, e agradecendo-lhe as vantagens que obtivera para os moradores do Estado.[1] Ao publicarem-se as disposições da nova lei, tão intolerável era a menor restrição posta à infrene tirania e insaciável cobiça a que andavam costumados a entregar-se sem reserva, que os funcionários públicos e o clero, aqui primeiros motores usuais de todo o mal, começaram a excitar um tumulto popular, que com a sua firmeza e severidade a tempo soube Vidal sufocar na nascença. Entretanto tinha o povo do Pará, aproveitando-se da lei de 1653, mas sem lhe guardar nenhuma das restrições, continuado com grande azáfama no seu tráfico de escravos. Antes que qualquer das vítimas pudesse ser considerada escrava, devia ser examinada

perante o governador-geral, o ouvidor, o provedor, o vigário da igreja matriz, Vieira, como superior das missões, e os maiorais das outras três ordens religiosas estabelecidas naquele Estado. Nada querendo omitir da sua parte para que fossem fielmente cumpridas as ordens d'el-rei, foi pois Vidal a Belém acompanhado de Vieira. Sabia-se ao certo que não era menor de 1.600 e desconfiava-se que chegasse talvez a 2.000 o número de índios trazidos do sertão pelos traficantes de escravos; quem sujeitava alguns a exame jurava serem quantos havia trazido ou recebido do interior, e contudo não chegou a 800 o número total dos índios assim apresentados, começando pois por um perjúrio o ato.

Exame dos cativos em Belém

Seguiu-se uma cena de vilania, que não desdisse de semelhante prelúdio. Foi Antônio Lameira da França, capitão do forte do Gurupá, o primeiro que se apresentou à junta; trazia vinte e oito índios. Interrogou-os Vidal por intermédio de um intérprete da própria tribo deles, sendo a resposta unânime que todos haviam sido remidos da corda, achando-se prisioneiros de outra nação, destinados a serem comidos, como já o tinham sido muitos dos seus companheiros. Ora, era bem sabido que muito raras vezes se encontravam índios da corda, parecendo portanto tão extraordinário o resgate simultâneo de vinte e oito, que Vidal, retirando-se para outro aposento, chamou estes indígenas um por um, e disse-lhes que era o governador e chefe dos portugueses, pelo que podiam dizer a verdade livremente e sem receio, que todo aquele que fosse legalmente livre logo seria posto em liberdade; eles porém responderam um por um, como o tinham feito coletivamente, que eram todos prisioneiros da corda, tendo sido efetivamente remidos da morte. Depois disto passaram para o ouvidor, a quem Lameira prestou juramento de os ter havido legalmente declaração que eles mesmos repetiram. Oito dias depois deste exame chegaram a Belém os caciques de uns índios aliados pedindo que o governador soltasse alguns dos seus que os portugueses haviam trazido consigo. Disse-lhes que os procurassem e os trouxessem à presença de Vidal, e após curta busca tornaram a aparecer com os mesmos vinte e oito índios, que Lameira matriculara escravos nos termos da lei. Indicaram os caciques os homens que os haviam roubado, e, que, sendo convictos, confessaram o fato. Eram os índios não só livres mas até súditos d'el-rei de Portugal, e tão úteis e prestimosos

que do seu próprio país haviam vindo a duzentas léguas de distância servir no Maranhão contra os holandeses, ajudando a edificar o forte e igreja de Curupá. Interrogado porque cometera tão flagrante delito, respondeu o chefe da partida que, sabendo tencionar outro ir fazer o mesmo, quisera antecipar-se. Perguntou-se então aos presos, porque tão obstinadamente haviam deposto contra si mesmos, e a resposta foi que o dono os ameaçara com matá-los a açoites se dissessem outra coisa. Lameira e o chefe da partida caçadora eram duas e as pessoas mais principais do Estado, em que exerciam alguns primeiros cargos.

Vilania dos apresadores e dos juízes

Outro português, por nome Amaro de Mendonça, foi descoberto a subornar o intérprete. Um jovem, que ele retinha na escravidão, reclamou a sua liberdade, e Mendonça sem hesitar jurou ser escravo aquele, como filho de uma das suas escravas já falecida. Procedeu-se a inquérito, aparecendo a mãe verdadeira do mancebo, uma índia livre. Preso por este perjúrio Mendonça, desperta-se-lhe a consciência da culpa e da vergonha. "A verdade é", disse ele, "que o rapaz é livre e que foi Deus que trouxe a este país o governador para salvação das nossas almas."

Mas por mais vis que fossem estes ladrões de gente,[2] não o eram menos os juízes que tinham de julgar das suas pretensões. Era notório terem as crueldades sem nome desde longo tempo exercidas nestas partes pelos portugueses contra os índios, completamente aterrado esta raça desgraçada; debaixo da impressão do medo diziam os prisioneiros só o que os seus roubadores lhes ordenavam, e para que se não afoitassem, vendo alguns dos seus postos em liberdade, faziam-se crer que aqueles tempos não durariam muito, e que não tardando a ser removido o governador, suceder-lhe-iam homens de diferente têmpera. Não menos notório era o modo por que se haviam escravos. Ao chegar a alguma aldeia de índios compravam os traficantes quantos escravos encontravam que, quando os havia, eram quase sempre poucos. Depois mostravam aos moradores o sortimento de artigos que tinham recebido, era de não voltar senão depois de haverem disposto de tudo, já com promessas, já com ameaças os obrigavam a ir procurar mais prisioneiros; e eram estas as guerras em que se faziam escravos, guerras empreendidas com este único fim, e somente a instigações dos traficantes. Não menos certo era que dos prisioneiros muitos haviam sido roubados à força pelos portu-

gueses, ou nunca tinham sido pagos, visto como homens que tinham saído com vinte ou trinta resgates, se reconheciam com quarenta ou cinqüenta escravos. E o pagamento, quando tinha lugar, consistia em ferragens no valor de onze tostões por cabeça. Tudo isto era bem sabido, nem podia ocultar-se, senão tão conhecido o caráter dos indivíduos que traziam prisioneiros ao exame, que em alguns casos mal os juízes ouviam a quem pertencia o lote, olhavam uns para os outros dizendo: todos estes hão de ser índios da corda. Alguns portugueses havia contudo, que talvez menos ferozes, confiavam na maioria dos juízes, lançando sobre eles a parte mais pesada da culpa. Apresentavam estes os seus índios simplesmente como prisioneiros resgatados, e os mesmos selvagens diziam ter sido capturados na guerra e reunidos, mas a respeito da natureza e causa da guerra nada se referia. Sustentava pois Vieira que visto não se ter tentado provar haverem os índios sido aprisionados em guerra justa devia seguir-se a opinião mais segura, e declará-los todos livres. Mas os superiores do Carmo e das Mercês votaram por que fossem todos escravos, pois que entre selvagens era legal toda a guerra. O superior dos fransciscanos principiou por dizer que desejava lhe revelasse Deus por meio de um anjo, se haviam sido justas ou injustas estas guerras, mas que se inclinava a reputá-las justas, por terem os doutores escrito haver doze causas de justa guerra, sendo impossível que entre tantas se não tivesse dado uma. A isto replicou-se que também os doutores tinham escrito serem vinte e quatro as causas injustas da guerra, pelo que, segundo as suas próprias premissas, eram exatamente duas por uma as probabilidades contra a conclusão que ele tirava. Não o demoveu isto de dar o seu voto porque fossem os índios declarados escravos, mas que os filhos, se os tivessem, haviam de ser livres. O vigário não fundamentou o seu parecer, contentando-se com proferir: "Escravos! Escravos!" o que era o seu voto uniforme, e uniforme maneira de votar. Apertado um dia para que desse as razões da sua opinião, respondeu que eram cristãos os homens que apresentavam estes cativos, não se devendo portanto presumir que fizessem o que não fosse justo; que tal fora sempre o costume naquele Estado, e que, se se declarassem livres os índios, perderiam o seu trabalho os que os haviam ido buscar, e levantar-se-ia o povo. Nesta argumentação o ajudou um dizendo que os índios nada perdiam com tornarem-se escravos, e sendo a escravidão uma prática

originada na caridade... como se, diz Vieira, a mesma coisa fosse comutar a morte em servidão, ou privar da sua liberdade um homem livre. Com Vieira votaram Vidal e o ouvidor. Como um meio de conciliar as opiniões encontradas, propôs o governador que servissem estes índios sete anos em lugar de cinco, antes de recobrarem a liberdade, mas a favor da escravidão perpétua quatro votos contra três.

Depois de descoberta da primeira vez a sua vilania, apresentou Lameira segundo lote de prisioneiros que, como os outros, declaram todos terem sido remidos da corda. Argumentou Vieira, *primo*, que era notório serem poucos os prisioneiros desta natureza; *secundo*, que era moralmente impossível que os prisioneiros pertencentes ao mesmo homem, tendo vindo de diferentes lugares, estivessem, sem uma única exceção, em igual predicado; *tertio*, que eles tinham sido apanhados em expedições particulares enviadas por Lameira, que para isso não estava autorizado, e sem nenhuma das circunstâncias que a lei exigia; e finalmente que Lameira já havia sido encontrado em flagrante perjúrio, havendo toda a razão para inferir que quem uma vez se portara como vilão, fizesse outro tanto à segunda. Palpável era em verdade o caso, e assim o conheceram o governador e o ouvidor, mas os três frades declararam que os índios eram da corda pela sua própria confissão; o vigário como de costume proferiu a sua peremptória opinião "Escravos! escravos!", e à escravidão foram estes infelizes por conseguinte condenados. Quanto aos três que assim tão nefariamente votavam, de um sabia-se que era sócio do tráfico, sendo juiz na própria causa, e do outro que havia sido igualmente interessado, tendo porém vendida a sua parte antes da formação da junta, sem dúvida com garantia de que todos os escravos seriam condenados como presas legítimas.

Considerável número destes índios tinham sido remetidos para o Maranhão, onde terminou mais equitativamente o exame, votando o ouvidor e o vigário, que fazia as vezes dos seus colegas no Pará, com Vieira e o governador; de tal têmpera eram porém os três frades da minoria, e tal o seu desejo de incensar o povo, que se recusaram a assinar as atas. De tudo isto deu Vieira informação a el-rei: flagrantes injustiças se haviam cometido, mas sem embargo, algum bem se conseguisse, sendo tudo devido a Vidal, disse ele. Levou-o isto a falar do governador, a respeito de quem asseverou ter el-rei poucos homens como aquele nos

seus domínios. Era em tudo o que era como soldado, um verdadeiro cristão, um amigo da justiça e da razão, ativo, zeloso pelo serviço de Sua Majestade, rigoroso, observador das régias ordens, sobretudo inteiramente desinteressado. Confessava-se Vieira obrigado a Vidal pelo auxílio que lhe dera nas suas missões, mas o amor que tinha ao serviço do seu rei, o compelia a dizer que era perdido no Maranhão um homem como este, e que se a tais mãos tivesse estado confiada, não se houvera perdido a Índia.

Cartas de Vieira, t. I, c. XIII

Triunfo

Não tinha dependido de Vidal punir os crimes manifestos cometidos pela última partida de resgate, nem tampouco mediá-los em Belém, pois que na junta não pesava o seu voto mais do que os dos nefários colegas que lhe haviam dado; mas quando tinha os meios de cumprir tanto o espírito como a letra das instruções que trouxera, nem vontade nem resolução lhe falecia. Por ele protegido prosseguiu Vieira diligente em projetos dignos dele e da sua ordem. Ficavam os principais aldeamentos de índios reduzidos ao norte do Maranhão, onde por sobre quatrocentas léguas de costa se estendiam mais de cinqüenta aldeias.[3] Deste lado tudo florescia, e o desejo de Vieira era formar agora estações semelhantes para a banda do Sul até ao Ceará, ligando assim os jesuítas do Maranhão aos do Brasil, e continuando o mesmo sistema de civilização pelos grandes rios acima e nas ilhas da foz do Amazonas.[4] Ia ver-se desta vez se uma expedição dirigida inteiramente por padres, sem meio nenhum nem de fraude nem de violência, seria tão bem sucedida como as outras, em que sem compaixão se empregavam o dolo e força. Dois jesuítas, com cem índios canoeiros, e sem mais pessoa alguma na sua companhia, exceto um cirurgião português, subiram trezentas léguas pelo Tocantins acima a reduzir uma tribo de tupinambás, cuja fama de valor, bem como o nome, estavam indicando a sua afinidade com o povo mais valente que nas antigas capitanias resistira aos portugueses. Possuíam parte do país interjacente os catingas, também da taça tupi: eram estes índios inimigos inveterados dos colonos do Pará, e de noite apoderaram-se de algumas canoas que tinham ficado um pouco atrás mas ao saberem que na partida não iam portugueses senão os *padres obunas*, ou padres negros e para que fim vinham até estes mesmos inimigos seguiram os missionários, concordando em mandar com eles deputados, que ajustassem pazes e

concertassem medidas para conversão de toda a tribo. Chegados à nação que buscavam, bastou aos jesuítas dizer que novas leis haviam confiado unicamente da Companhia a administração dos índios reduzidos para persuadir mais de mil pessoas, entre as quais trezentos guerreiros, a seguirem-nos. Desceram todos o rio em sessenta canoas; a vê-los desembarcar saíram Vidal, Vieira e todo o povo de Belém, e severo e inexorável como era na guerra, diz-se do primeiro que chorara de alegria ao ver este rebanho bravio conduzido ao curral de Cristo. Não tardaram a chegar também os catingas que foram estabelecidos na capitania de Mamatá, indo mesmo Vieira em busca do resto dos poquizes, que tinha visto tão desalmadamente sacrificados, e trazendo-os consigo para viverem debaixo da direção dos seus pais espirituais.

André de Barros, L. 2, § 134-41, 165

Serviram de muito os prisioneiros restituídos à liberdade depois no exame no Maranhão. Tomou-se a seu cargo Fr. Manuel de Sousa, levando-os consigo pelo Amazonas acima a restituí-los aos companheiros. Homens assim libertados tornavam-se os melhores embaixadores: e, tendo o seu quartel-general em Curupá, fazia Fr. Manuel freqüentes excursões pelos rios Xingu e Tapajós, até que o povo de Curupá, insofrido de leis que o refreavam nas suas antigas práticas, e acoroçoado pelo menos, se não incitado, pelo seu infame capitão Lameira, rasgou o real decreto, e apoderando-se dos jesuítas, numa canoa os entregou à mercê do rio. Não era debaixo de um governador como Vidal que tais ultrajes se cometiam impunemente; mandou ele prender os criminosos, e trazidos em ferros à sua presença, baniu-os do Estado para sempre. Estabelecido assim, adiantou-se Fr. Miguel ainda mais pelo rio acima, trabalhando entre os juruúnas, ou bocas-negras, tribo que tanto na língua como em muitas outras coisas diferia de todas as mais da raça tupi. Eram de mais que mediana estatura, e dessemelhantes de todos os outros selvagens, aborreciam a indolência. Distinguiam-se por um sinal preto sarjado da testa ao lábio superior, onde se dividia, cercando a boca com um círculo da mesma cor. Quanto mais nobre a pessoa, mais largo o risco, chegando os caciques a trazer todo enegrecido o rosto. Por este povo foram bem recebidos os jesuítas, que toda a noite da sexta-feira santa levaram a cantar ladainhas e a disciplinarem-se em procissão regaladamente.

Os juruúnas

André de Barros, L. 2, § 152-163

Malograda expedição em busca de minas

Sotomaior entretanto, o homem cuja sociedade primeiramente induzira Vieira a dedicar-se à missão do Maranhão, acompanhava uma partida de quarenta portugueses e duzentos índios, enviada às serras dos Pacajás em busca de minas e com tanta confiança no resultado, que tomou o nome de expedição do ouro. Amostras de ouro e prata tinham sido apresentadas pelos promotores da empresa, que foram suspeitados de terem deliberadamente enganado o governo, quando após dez meses de explorações se lhes frustram as esperanças, morrendo nesta expedição tanta gente de cansaço e fome, que não puderam os sobreviventes regressar enquanto não chegou uma partida fresca para reconduzi-los. Durante estas infrutíferas pesquisas trabalhava Sotomaior entre os pacajás e os pirapés, tratando já de preparar meios de trazer esta última tribo para um lugar onde pudesse ser aldeada, quando, caindo de uma rocha, bateu com o peito numa pedra aguda, em que se feriu mortalmente. Tendo o corpo sido enterrado pela tribo entre a qual perecera, foi trazido dali pelos jesuítas do Pará, que ao abrir a sepultura o encontraram, dizem eles, exalando o mais delicioso cheiro de santidade.[5] Transportaram-no pois para Belém como tesouro que com o correr do tempo se tornaria uma mina para a igreja em que ficava depositado. Na primeira noite depois da chegada à igreja desapareceu a cabeça; algum direito a ela tinha contudo o ladrão, que era quem cometera o piedoso furto Manuel da Vide Sotomaior, irmão do morto, e então sargento-mor de Belém. Fechada num caixão de chumbo com cal-virgem a levou ele para Lisboa, onde aberta a caixa no fim de vinte anos, foi a cabeça conservada desde então em algodão como relíquia pela nobre família a que Sotomaior pertencia.

Procura Vieira abrir comunicação com o Ceará

O malogro destas áureas esperanças cobriu de tristeza o povo do Pará. Achava-se Vieira em Belém ao chegar a notícia, de que fez de um sermão, felicitando os seus conterrâneos por ter-lhes a província com tanta misericórdia frustrado os mal concebidos desejos. Era tal a miséria de trabalhar nas minas, observou ele, que não tinham nos tempos antigos os maiores tiranos achado castigo mais pesado a que condenar os cristãos. Se se tivessem agora descoberto minas, quem senão os índios havia de trabalhar nelas? E se em tão poucos anos tantos milhares destes desgraçados haviam sido consumidos em trabalhos comparativamente leves, donde se tirariam para um muito mais duro e mortífero?

Voltou agora Vieira, de acordo com o governador a sua atenção para a costa ao sul. Na guerra de Pernambuco aprendera Vieira a conhecer o país das imediações do Ceará, e os artigos de comércio que ali podiam achar-se. Contava-se o pau-violeta nas fraldas da serra de Ibiapaba, onde estas montanhas mais se avizinhavam do mar, e nas praias se encontrava muito âmbar: para assegurar o comércio destes gêneros queria ele plantar um forte à foz do Camuci, mas não era coisa esta que pudesse fazer-se sem formar alianças com os índios. Entre estas montanhas se haviam refugiado, depois da expulsão dos seus amigos europeus, a maior parte dos naturais que tinham seguido a parcialidade dos holandeses, e por eles mais facilmente se moviam as entranhas dos jesuítas, como por ovelhas que tendo sido marcadas com o selo do batismo, mais que outras tinham direito aos cuidados do pastor.[6] Estava a dificuldade em abrir comunicações com eles; selvagens hostis senhoreavam o país interjacente, numa extensão de mais de quatrocentas milhas, e mais difícil e enfadonho do que outra nenhuma conhecida era a viagem marítima do Maranhão ao Ceará. Encarregou-se da jornada por terra um índio tabajara levando uma carta em que o governador assegurava àqueles povos o perdão d'el-rei por todas as ofensas cometidas durante a guerra holandesa, e outra, em que Vieira lhes anunciava serem chegados ao Maranhão para protegê-los os jesuítas, seus primeiros pais, defensores e mestres. Passados nove meses deu-se por perdido o mensageiro, e de S. Luís se fez vela para o Camuci um navio com dois jesuítas a bordo, quarenta soldados e todo o material necessário para erguer um forte. O modo de navegar era seguindo vagarosamente a costa, aproveitando o terral da manhã dando fundo mal ele afrouxava, e aguardando a sua incerta volta. Desta forma se foi arrastando a embarcação, até que se lhe acabaram todas as provisões, e então, após cinqüenta dias de perdida perseverança, virou de bordo, ganhando outra vez S. Luís dentro de doze horas. Entretanto empreendera Vieira na mesma direção e com não melhor fortuna mais longa viagem. Embarcara para a Bahia a expor ao provincial o Estado do Maranhão e obter mais operários para a vinha, e no fim de mais de sete semanas estava também a ponto de voltar atrás desesperado, quando apareceu o mensageiro tabajara, descendo a costa numa canoa com dez índios da serra, que traziam cartas dos seus caciques. Vinham as cartas escritas em papel de Veneza e seladas com

lacre holandês, artigos evidentemente obtidos dos hereges, de quem também segundo todas as probabilidades haviam aqueles naturais aprendido a escrita. Eram porém índios pernambucanos os escritores, que da sua educação conservavam o bastante para amar até o nome de jesuíta, pelo que se declaravam prontos a viver outra vez debaixo da tutela da Companhia. Com estes mensageiros regressou Vieira muito satisfeito.

Mas o segundo malogro fez abandonar todo o projeto de viagem marítima, e dois padres, um dos quais, por nome Fr. Antônio Ribeiro, perfeitamente versado na língua tupi, empreenderam a bem mais perigosa jornada de terra. Seguiram as primeiras cem léguas por uma região de areia, chamada Lençóis de branca que era. Até aqui foram acompanhados por uma escolta de portugueses como guarda contra os tapuias bravios, e para diante seguiram com os seus próprios setenta índios, que em cestos levavam às costas a chamada farinha de guerra preparada de mandioca. Ao cabo de treze dias, examinando as suas provisões, acharam os jesuítas que os cargueiros, não contentes com as suas rações, haviam aliviado os ombros, comendo quanto levavam: queriam os índios então voltar atrás, mas os amos teimaram em ir por diante, confiando na Providência. De caranguejos terrestres e peixe, que obtinham dos terembés, se foram sustentando. Uma horda destes, comandada por um cacique chamado Tatuguaçu, o *Grande Tatu*, projetou assassiná-los uma noite, mas eles, descobrindo o desígnio, decamparam a tempo. Levaram consigo uma canoa, sem cujo auxílio difícil ou impossível teria sido atravessar os muitos rios que ficavam no caminho. Ao passarem o Piraminim arrastou-os a corrente para o mar, e quando, miraculosamente julgaram eles, de novo entraram a rio com a maré, que enchia, por pouco ao subi-lo não ficaram submergidos debaixo da areia, que o vento espalhava em turbilhões tais que atulhavam a canoa tão depressa quanto era possível esvaziá-la com chapéus, mãos e pés. Se se deitavam a dormir na areia, quase se achavam nela sepultados ao despertar. Em quinhentas e vinte milhas computaram os padres a distância, que assim palmilharam ao correr da costa, sem uma árvore que os abrigasse, ainda que o mar lançava à praia lenha bastante para queimar. Após uma penosíssima jornada de cinco semanas, alcançou-se a serra de Ibiapaba.

André de Barros, L. 2, § 189-209

Os missionários em Ibiapaba

É Ibiapaba palavra tupi, que significa terra talhada. Erguidas onda sobre onda vão as montanhas subindo desde a costa nas imediações do Camuci até mais de cento e sessenta milhas pelo sertão adentro. Atualmente separa esta serra as províncias de Pernambuco e Piauí. É considerável a altura, mas embora se diga que as nuvens envolvem continuamente estes serros, é escassa aqui a água, sem que se possa explicar a causa, de onde vêm secar no verão os rios entre o Ceará e o Recife e sofrer tão freqüentes secas todo o país intermediário. Recebidos aqui com alegria os missionários, depressa se ergue uma casa de orações, e Ribeiro traduzindo para verso tupi um compêndio da fé católica, e arranjando-lhe uma toada, ensinou as crianças a cantá-lo. Não tardou que no Ceará se carecesse dos seus serviços. Perto desta fortaleza, que ficava a umas sessenta léguas da estação dos jesuítas, havia dois aldeamentos de índios mansos, e duas tribos tapuias, que, ainda que ambas em paz com os portugueses, mutuamente se guerreavam. Andava uma partida de jaguaruanas, como se chamava uma delas, cortando nas matas pau-violeta para o governador do forte, quando os seus inimigos, os guanaces, caindo sobre eles com alguma força das aldeias, lhes levou as mulheres e os filhos. Apenas disto soube correu o capitão do forte com um troço de soldados em socorro da parte ofendida. Achou os guanaces em número de quinhentos fortificados num bosque; um dos soldados persuadiu-os a que entregassem as armas, retirando-se debaixo da proteção dos portugueses; mal porém se haviam desarmado quando os jaguaruanas se atiraram a eles, assassinando até ao último homem, sem que a autoridade dos portugueses bastasse para prevenir um mal a que havia dado ocasião. Não pararam aqui as coisas: entre todos os índios do Ceará se levantou um clamor geral contra os portugueses, que começaram a ser desprezados por não haverem sido capazes de proteger homens que tinham induzido a depor as armas, nem de conter outros, por quem haviam empenhado a sua palavra. No meio deste movimento de indignação foi ameaçada a fortaleza, e tornados insolentes com a alegria da vingança, preparavam-se os jaguaruanas para tirar desforra também das duas aldeias de índios convertidos. Em semelhante aperto não viu o comandante melhor remédio ao seu mal, do que chamar em socorro a toda a pressa os jesuítas de Ibiapaba.

Viagens de Koster

Veio Ribeiro, e logrou restabelecer a paz e a confiança. Menos feliz foi porém no empenho de reformar os abusos das aldeias cristãs, onde viviam os soldados em notório adultério com as mulheres, enquanto com esse espírito de avarenta rapacidade, que nesta época desonrava os portugueses, faziam os oficiais trabalhar os maridos. Foi o padre a Pernambuco em busca de algum remédio para este estado de coisas, mas ali ninguém quis saber de proposta alguma, que no mínimo grau tendesse a desfalcar os emolumentos oficiais, por mais iniquamente que fossem extorquidos.

De volta ao Ceará recebeu a notícia, que Vieira lhe mandava, de ter ordenado o Provincial que se abandonasse aquela missão devendo os jesuítas regressar ao Maranhão. Convocou Ribeiro os régulos, e dizendo-lhes que ordens tinham vindo, e como ele para partir só aguardava as cartas do Provincial, representou-lhes quanto seria a bem do serviço de Deus e d'el-rei, passarem-se também eles para o Maranhão. Respondeu um dos caciques que quanto ao serviço do rei, tanto lhe pertencia Ibiapaba como o Maranhão, nem podia haver motivo para emigrarem no serviço de Deus, que se achava em toda parte. Felizmente apesar de enviadas por diferentes mensageiros levaram as cartas do Provincial dezoito meses a chegar, neste meio tempo vieram da Corte instruções, provavelmente solicitadas por Vieira, para que em caso nenhum se abandonasse a missão. Era ela na verdade de grande importância, por abrir entre Pernambuco e o Maranhão uma comunicação, que com os índios hostis nestas paragens seria impraticável. Tendo sido por este tempo promovido ao governo de Pernambuco, fez Vidal a jornada por terra.

Sucede D. Pedro de Melo a Vidal

1657

Foi a morte do príncipe D. Teodósio uma grande perda para Vieira seguida de perto pela do rei; eram ambos os seus melhores amigos, com cuja perfeita estima e inteira confiança podia ele contar sempre. Restava-lhe ainda um amigo certo e poderoso em D. André Fernandes, bispo do Japão, e confessor da rainha, por cuja influência foi provavelmente que o geral da Companhia o nomeou visitador e superior naquela parte da América. A bordo do mesmo navio que trouxe esta nomeação, veio o novo governador D. Pedro de Melo, homem da mais elevada prosápia do que nenhum dos seus antecessores naquele posto, mas em todas as qualida-

des morais e intelectuais lamentavelmente inferior ao último que o precedera. Sabendo ele quanta influência ainda possuía Vieira na Corte, afetou secundá-lo com particular interesse nos seus planos. No ano anterior tinham Fr. Francisco Veloso e Manuel Pires conduzido uma bandeira de resgate até à foz do rio Negro, trazendo desta expedição de mais de quatrocentas léguas seiscentos escravos legítimos. Tornou Pires a sair na mesma direção, levando por companheiro Fr. Francisco Gonçalves, ex-provincial do Brasil. Subiram eles agora o rio Negro, em que nenhum português havia entrado ainda, e erguendo cruzes, por onde passavam, à moda dos primeiros descobridores, voltaram com seiscentos ou setecentos cativos reunidos, após uma viagem de quinze meses, cujas fadigas foram fatais a Gonçalves. Menos feliz foi uma expedição ao Tocantins. Os índios, que acompanhavam os missionários, foram atacados, sendo mortos alguns dentre eles, o que era uma das causas justas de guerra, previstas pelas ordenações. Enviou-se pois uma força de quarenta e cinco portugueses e quatrocentos e cinqüenta índios, com dois jesuítas para presidirem o Evangelho; fizeram-se uns trezentos prisioneiros, e cumprida aos negócios espirituais, contra as tribos que impediam a prédica esta parte da sua missão, seguiram os jesuítas a um mês de viagem do rio dos paquiguaras, dos quais trouxeram uns poucos de centos para estabelecer entre os portugueses. Depois subiram o rio por mais de cem léguas, reduzindo algumas hordas de tupinambás e catingas, passando de 1.200 índios toda a colheita desta entrada.

André de Barros, L. 2, § 225-86

A ilha dos Joanes

Preparava o mesmo Vieira serviço mais importante ainda para o Estado. Na foz do Amazonas, entre a ponta de Tijioca e o Cabo do Norte, fica a grande Ilha dos Joanes, ou do Marajó, como agora mais comumente a chamam os brasileiros do Pará. Medindo entre quinhentas e seiscentas léguas de circunferência, parece esta ilha ter estado antigamente ligada à terra firme; mas em grande parte da América do Sul é tão imperceptível a inclinação para o lado do mar, que muitos rios comunicam entre si por canais naturais, sendo um braço largo do Amazonas, que desviando-se para o sul a encontrar o rio das Bocas e o Tocantins, isola esta vasta extensão de terra. Entre a ilha e a margem do Maranhão tem o canal umas seis léguas de largura, chegando na sua foz a cerca de dez, e sendo mais largo ainda do lado da Guiana, onde se

Pimentel, *Arte de Navegar*

perde no Oceano a grande massa de águas do Amazonas. Ficando tão perto de Belém, tinham-se os naturais desta ilha visto expostos às costumadas agressões dos portugueses; achando-se porém bem portados para tirar vingança, tinham feito sentir aos invasores quão impolítico é provocar um inimigo às próprias portas. Fora confiando na boa vontade destes indígenas que haviam os ingleses e os holandeses tentado estabelecer-se sobre o grande rio, e a inclinação dos selvagens para estes entrelopos heréticos inquietava os portugueses ainda mais pelas suas conseqüências religiosas do que pelas políticas. Antes da chegada de Vidal declarara o governo do Pará guerra aos arnãs e nheengaíbas, duas tribos insulares, enviando contra eles uma expedição composta de setenta portugueses e quatrocentos índios ao comando de João Bitencourt Moniz, homem que em tais guerras ganhou alguma nomeada, mas que nesta ocasião mostrou pouco tino. Entrincheirando-se na praia à moda dos indígenas com uma estacada, fez sair parte da sua força a oferecer perdão e paz a um povo que reputando-se por ofendido nenhum medo tinha dos invasores. Efetivamente mataram os índios alguma gente ao destacamento, cercando Moniz na sua posição, até que doenças o obrigaram a retirar-se com mais alguma perda. Poucos dias depois da sua chegada atravessou Vidal para a ilha, agradando-se tanto do principal aldeamento dos aruãs, que nos seus despachos para a Corte recomendou esta situação muito própria para fundar-se uma cidade, em que se restabelecesse a sede do governo. Abundava a ilha em excelentes pastos, cuja falta muito se sentia no Pará, parecendo a Vidal que levava também vantagem Belém no clima, no terreno, e na segurança e defensibilidade do seu porto: não via ele porém a natureza perigosa da costa.

Barreto, § 986-1002

Malogro de segunda expedição

Como seu predecessor tentou Vidal reduzir os nheengaíbas à força de armas. Saiu contra eles o sargento-mor Agostinho Correia com 120 portugueses e 400 índios, e sendo este um dos casos em que tanto o espírito como a letra da lei reconhecia como causa de guerra justa, acompanharam a expedição os dois padres, João Sotomaior e Salvador do Vale. Não podia o Estado enviar força maior nem mais experimentados oficiais e soldados, mas invencíveis como sempre se mostraram estes selvagens, tal o seu valor, a sua consciência, astúcia e arte, com que sabiam valer-se do terreno, sendo a ilha

um labirinto de rios e florestas. Cortavam-na as correntes com inumeráveis canais, e impérvias eram as matas a quem quer que não fosse índio: lugares havia, diz Vieira, onde não poderiam nem cercar o inimigo, nem achá-lo, nem persegui-lo, nem sequer vê-lo, enquanto ele todo este tempo estava apontando as setas, coberto com as árvores muito a seu salvo. Para melhor resistirem aos portugueses, levantaram sete índios as aldeias, erguendo cada família sua choça à parte, de modo que nenhures podiam com vantagem ser acometidos; e toda a ilha lhes era fortaleza, os bosques suas muralhas, os canais seus fossos, cada habitação uma torre de vigia, e cada morador uma sentinela pronta com a sua trombeta a tocar a rebate.

Contra tão prudentes inimigos não pôde Correia fazer mais do que haviam feito os seus predecessores; sabiam os nheengaíbas quando lhes cumpria combater e quando fugir, causando assim maior dano do que sofriam, e perdidos muitos dos seus viram-se os portugueses ao cabo de três meses forçados pelas moléstias e pela fome a abrir mão da desesperada empresa. Tinham eles ido melhor providos de correntes e cadeias com que segurar os escravos que contavam trazer, do que de ataduras para as próprias feridas, pelo que tiveram Sotomaior e o companheiro de rasgar para este efeito, as camisas do corpo. Tão conhecido era já o caráter dos jesuítas, que ainda mesmo quando acompanhavam expedições como esta nenhum mal lhes faziam os índios. Antes de reembarcarem os portugueses deu Sotomaior o seu crucifixo a um dos caciques, dizendo-lhe que desde aquele momento tomava posse da ilha e dos seus habitantes o Deus que ele via ali representado; que aquele Deus depressa lhe moveria os corações à paz e que em penhor disto o deixava. Por ter assim com indiscreto entusiasmo exposto a sagrada imagem do Redentor a insultos e irreverências foi Sotomaior altamente censurado pelos seus conterrâneos; praticara por certo um ato de entusiasta, mas era que também compreendia ele a natureza dos homens com quem lidava.

André de Barros, L. 2, § 145-50, I. 3, § 5

Propõe Vieira que se trate com os nheengaíbas

Ao chegar para tomar posse do governo, trouxe D. Pedro de Melo a notícia de acharem-se Portugal e Holanda em guerra declarada. Imediatamente se temeu não fossem os holandeses renovar as suas relações com os nheengaíbas, tentando outra vez com o auxílio destes estabelecer-se no Cabo do Norte e

no Amazonas, ou porventura assenhorear-se até de Belém e do Pará, cometimento que facilmente poderia levar-se adiante. Não desenganados com a repetida experiência, instavam os portugueses com o novo governador por que atacasse com todas suas forças os índios antes de chegarem holandeses ao meio deles: todas as pessoas, tanto civis como eclesiásticas, cujas opiniões deviam ser ouvidas nestas matérias, admitiram a legalidade e necessidade da guerra; só Vieira recomendou que se tentassem primeiro os meios conciliatórios, oferecendo-se ele para encarregar-se das negociações. Sem esperança como se julgou a proposta, havia contudo tanto risco na intentada guerra, que lhe permitiram fazer a experiência; mas a única resposta que os seus mensageiros haviam de receber, lhe diziam, na ponta de uma seta, como vinte anos antes sucedera.

Escreveu Vieira uma carta aberta dirigida a todas as tribos nheengaíbas, informando-as de que as novas leis, que ele tinha ido buscar a Portugal haviam posto termo às injustiças e agravos de que elas se queixavam; empenhava-lhes a sua palavra em como estava proibido o antigo sistema de opressão, dizendo-se ao mesmo tempo pronto a recebê-las, ou, se assim preferissem, a ir ele mesmo para o meio delas, e invocando em seu apoio os mensageiros que eram da mesma nação delas, caciques de aldeamentos cristãos, e homens que bem podiam certificar a verdade da carta e dar miúdas informações sobre o atual estado das coisas. De boa mente partiram os mensageiros com esta embaixada, esperando em recompensa nada menos que o martírio, de modo que disseram a Vieira que se não estivessem de volta com a lua seguinte os podia dar por mortos ou retidos escravos. Encheu e minguou a Lua, e principiou outra o seu curso; os colonos velhos, que sempre haviam agourado mal desta missão, estavam agora certos de se terem realizado os seus prognósticos, e tal era realmente a crença geral, quando na quarta-feira de cinzas entraram pelo colégio os mensageiros, conduzindo um troço de nheengaíbas e sete dos seus caciques. Pronunciaram estes uma comprida arenga, em que atribuíram as passadas hostilidades à sua causa real, à injustiça dos portugueses e sua falta de fé: "Mas", acrescentaram, "quando vimos o papel do grão-padre, de quem já tínhamos ouvido falar, como por amor de nós e de outros da nossa pele se expusera sobre as águas do mar profundo, obtendo-nos do rei todas as coisas boas...

ainda que no papel nada mais compreendemos do que o que nos disseram os nossos parentes, demos-lhe inteiro crédito; e banindo da mente as injustiças que tínhamos sofrido dos portugueses, viemos aqui meter-nos nas suas mãos, e nas bocas dos seus mosquetes, sabendo com certeza que entre os padres não há um só que queira fazer-nos mal."

Queria Vieira partir imediatamente com eles para a ilha, mas disseram-lhe os índios que atualmente estavam os seus patrícios vivendo como feras nas florestas, mas que eles trariam uma horda para a borda d'água, e apenas houvessem feito uma igreja e uma casa para o padre, viriam buscá-lo com escolta mais forte, marcando como prazo para isto o dia de São João, nome que os indígenas conheciam, e pelo qual distinguiam da primavera o inverno. Efetivamente chegaram cinco dias antes desta festividade, dezessete canoas de nheengaíbas e treze de combocas, outro povo da mesma ilha; vinha em cada canoa um cacique e tantos sequazes que a fortaleza e cidade se sobressaltaram, apercebendo-se em segredo para a defesa. Estava então Vieira perigosamente enfermo, a ponto de ter já passado pelas últimas cerimônias da Igreja Católica.[7] Regressaram pois sem ele os índios; apenas porém restabelecido seguiu-os Vieira com Fr. Tomé Ribeiro, partindo de Camutá, das aldeias dos naturais convertidos, com dez canoas em que levava os caciques de todos os índios reduzidos e dez portugueses apenas, para melhor mostrar quão inteiramente confiava nos selvagens. Ao quinto dia de viagem entrou a expedição num rio que chamaram então dos Mapuases nome da tribo nheengaíba, que prometera formar o aldeamento. Numa canoa grande, ricamente ornada de plumas saíram os caciques ao encontro de Vieira, tocando suas conchas, e soltando seus *pocemas* ou gritos de alegria. Saltaram alguns para a canoa dos jesuítas, sendo a primeira coisa que fizeram apresentar a Vieira o crucifixo que Sotomaior lhe havia deixado. Tinha-se propalado haverem-no eles feito pedaços aplicando para usos profanos o metal de que fora fabricado, mas sabendo que era um ídolo como tal o tinham reverenciado, os jesuítas e o seu séquito ficaram plenamente convencidos de que as pacíficas disposições dos selvagens eram devidas a este divino missionário, como chamaram a inerte imagem. À vista da demora de Vieira, reputando-o morto, tinham eles concordado em tornar a reunir-se num dia aprazado e voltar a Belém a saber o que acontecera, a fim de poderem ao menos chorar-lhe sobre a se-

1658

pultura, se se tivessem verificado aqueles receios. Desembarcando, conduziram os índios imediatamente os seus hóspedes a uma linda igrejinha de folhas de palmeira, à moda do país: foi ela dedicada à imagem, cantando-se um *Te Deum*. A poucos passos ficava a casa dos jesuítas, bem feita, com seu corredor e suas celas, com uma cerca, em que apenas havia uma porta segundo a forma de clausura que os missionários observavam entre os índios.

Cerimônia da submissão dos nheengaíbas

Antes que a convite de seus chefes pudessem reunir-se as hordas vizinhas derramou-se entre os portugueses e os índios da comitiva de Vieira um terrível pânico, principiando por alguns agouros vagos, e aumentando com os conversos sobre a perigosa situação em que todos se veriam, caso se meditasse alguma traição. Ao saber disto disse Vieira aos cabeças que eram muito bem fundados os seus argumentos, e que podiam prover à própria segurança, partindo o mais depressa que quisessem, mas que os nheengaíbas haviam requerido tratar com os jesuítas, e assim ficaria ele com o seu companheiro para concluírem o negócio a que haviam vindo. No dia seguinte chegaram os mamainas, horda que pela sua ferocidade mais se havia temido, mas o seu procedimento desde logo fez calar todas as suspeitas. Reunido um número suficiente de caciques, deferiu-se com a possível solenidade o juramento de obediência, sabendo os missionários quanto poder tinham sobre este povo as fórmulas. À direita da igreja formaram os caciques dos índios reduzidos, vestidos o mais vistosamente possível mas sem outras armas além das espadas; à esquerda puseram-se os chefes pagãos, nus e ornados de penas à sua moda, com arco e setas nas mãos, e entre uns e outros postaram-se os portugueses. Um painel dos três reis magos adorando o menino Jesus via-se por cima do altar, que estava garridamente ornado. Celebrou Vieira a missa, e ficaram os portugueses muito edificados, vendo como os naturais não regenerados ajoelhavam e batiam nos peitos durante o que na superstição católica se chama o sacrifício. Concluído isto, dirigiu-se ele a estes últimos por meio de um intérprete explicando-lhes os deveres que contraíam, e vantagens que se asseguravam, submetendo-se ao rei de Portugal, e aceitando a fé do Deus verdadeiro, e perguntou-lhes no fim, se queriam tomar sobre si estes deveres e fazer suas estas vantagens. Todos respondem afirmativamente, exceto um cacique por nome Piié, o qual replicou que

pela sua parte tal não prometeria; era aos portugueses, não aos índios que devera dirigir-se a pergunta, que tinham sido aqueles que haviam quebrado as suas promessas e os seus deveres enquanto ele e o seu povo guardavam sempre a fé uma vez empenhada.

Aproximando-se do altar um por um, depuseram os caciques as armas aos pés de Vieira, ajoelharam, e pondo entre as dele as suas mãos, prestaram juramento de paz e obediência, passando depois a abraçar os jesuítas, os portugueses, e os índios cristãos, com quem tinham ultimamente andado em guerra. Entoaram os jesuítas um *Te Deum*, a que todos assistiram de joelhos. Em seguida trouxeram os índios mansos os seus arcos e setas que tinham deixado fora da igreja; os portugueses tiraram as balas dos arcabuzes, e atirando-as ao rio fizeram fogo com pólvora seca, quebrando todos os índios as suas setas que arremessavam à corrente, enquanto trombetas, búzios, tambores e vozes humanas faziam um alarido de alegre dissonância. Lavrou-se um auto, em que pôs cada cacique o seu sinal, não havendo entre eles quem se não desvanecesse de ter o seu nome de ter lido pelo rei de Portugal, recebendo cada um em troca uma patente que, confirmando-lhe os seus direitos, era ao mesmo tempo a sua carta de vassalagem.

Tinha-se preparado para esta ocasião uma cruz grande e bem-feita, e sem que a índio algum da plebe se permitisse tocá-la, levaram-na os cinqüenta e três caciques para o lugar em que foi plantada. Concordou-se que no correr do inverno sairiam das matas os índios, vindo edificar casas às margens dos rios, e que no verão seguinte volveriam os jesuítas, demorando-se entre eles. O número total de insulanos[8] compreendidos nesta pacificação, foi calculado em quarenta mil, achando-se também presente um cacique dos tucujus, tribo que habitava do lado da Guiana, e era computada em 60.000 almas.

Efetuado este importante serviço, voltaram os jesuítas a Belém, trazendo consigo o crucifixo de Sotomaior, e como Vieira manifestasse a sua convicção de que a esta imagem se devia todo o feliz resultado, resolveu-se recebê-la em triunfo ao desembarcar na cidade; fora este o general, diziam eles, este o soldado, e por conseguinte de louros como conquistador devia ser coroado agora. Saíram os magistrados, o clero, os religiosos e o povo em procissão a receber o crucifixo ao repique dos sinos e es-

Cartas de Vieira, T. 2, c. 2.

André de Barros, 3, § 24-50

trépito da artilharia, sendo assim com todas as determinações de pública alegria depositado o ídolo na igreja dos jesuítas, onde por muito tempo continuou a ser venerado com especial devoção.

Vai Vieira à serra de Ibiapaba

A paz assentada com os nheengaíbas pôs o Pará a coberto por aquele lado, e isto num tempo em que qualquer invasor o poderia conquistar com auxílio destes índios. Acreditava-se que os holandeses ajudados por eles ao norte, ou pelos tabajaras ao sul, poderiam ter-se apossado destas extensas e mal ocupadas regiões, e ambas as tribos estavam agora conciliadas graças a Vieira. O tempo gasto neste importante negócio, e a demora ocasionada pela moléstia, por pouco não produziram grandes males entre as hordas de Ibiapaba. Tinham elas enviado ao Maranhão os filhos e irmãos de seus caciques, e entre eles o filho do seu régulo mais velho, por nome D. Jorge Gomes Tieuna, ou da Silva, que devia seguir para Portugal. Muito tempo se passou; os tabajaras[9] nenhuma notícia recebiam dos seus parentes, e começou a propalar-se que Tieuna tinha sido atirado ao mar pelos portugueses e reduzidos à escravidão todos os seus companheiros. Declararam os selvagens que esperariam até a Páscoa, e se então nenhuma notícia chegasse, tomariam represálias sobre os missionários que entre eles residiam. Carregado de presentes voltara Tieuna de Lisboa, vindo já por este tempo com todos os seus companheiros em viagem do Maranhão para o Ceará, acompanhado de Vieira, que resolvera visitar e regular pessoalmente aquela missão. Após uma penosa jornada de três semanas, a mais curta que até então se fizera, chegou ele a Ibiapaba na quarta-feira de cinzas, descalço e com os pés ensangüentados, tendo sofrido horrivelmente do mau tempo, fadiga, fome e, o que era pior que tudo, de enxames de mosquitos e outros insetos que a estação chuvosa chama à vida. Extenuado e exausto de forças como chegara, mandou Vieira principiar imediatamente as cerimônias da Semana Santa, representando-se na sexta-feira da manhã a paixão e depois do sol-posto a procissão do enterro do Redentor, em que ia toda a mocidade e infância de ambos os sexos com cruzes na mão e coroas de espinhos na cabeça.

Remoção dos índios hereges

Não fora porém para presidir a estas pompas religiosas que Vieira empreendera tão penosa jornada: vinha a investigar o estado da missão e meter tudo nos seus devidos eixos. Não estavam as instruções

dos pastores holandeses inteiramente esquecidas dos índios pernambucanos, parecendo haver razão para suspeitar que as doutrinas da Igreja reformada haviam feito neles impressão por demais profunda para poder tão facilmente ser apagada por estas momices da superstição romana. Acusavam-nos de serem dogmatistas, de haverem bendito o veneno dos calvinistas, infiltrando-o nas outras tribos, por isso os removeu Vieira para o Maranhão. Logo se tratou de regular a economia da missão. Deram os caciques tabajaras o exemplo de se contentarem com uma só mulher, dispuseram-se as coisas de modo que freqüentassem as crianças regularmente a escola, e que houvesse duas vezes ao dia instrução religiosa e nomeou-se dentre os mesmos índios um inspetor com o título significativo de *braço do padre*. Arranjado tudo isto, embarcou Vieira no Camuci ou no Ceará, regressando por mar ao Maranhão.

Representa a Câmara de Belém contra o sistema dos jesuítas

Até então nenhuma oposição aberta se fizera às leis debaixo de cujo império estavam florescendo as missões, e às quais devia o Estado o ter-se visto livre de seus mais formidáveis inimigos. Mas não se acomodavam com a mudança os fautores do antigo sistema, e a Câmara de Belém escreveu à de S. Luís para que unidas procurassem privar os jesuítas do seu poder temporal sobre os índios, restabelecendo-se a antiga prática; viu aceita a união proposta, e com isto animada dirigiu-se ela agora a Vieira, representando-lhe o apuro a que com as restrições postas à escravidão se via reduzido o Estado. Tão reduzidas as rendas e dízimos reais, dizia ela, que ninguém queria arrematá-los, tinha o governo de arrecadá-los por si mesmo com grande prejuízo, sendo preciso pedir ao povo farinha para os soldados, sem haver com que pagar ao vigário a sua côngrua e aos capuchinhos a sua pitança: homens de nobre linhagem que tinham ajudado na conquista daquele Estado, não podiam trazer os filhos à cidade por falta de escravos que lhes remasse as canoas, sendo, como era sabido, por água a única comunicação; no último dia de Natal não tinham estas famílias vindo à missa, por acharem sem vestidos próprios as filhas, e os pais sem meios com que comprá-los por falta de escravos; muita gente em Belém não tinha um só que lhe fosse buscar um feixe de lenha ou um pote de água, estando a morrer à fome por falta de quem lhe cultivasse a terra. Todos estes males vinham da carência de escravos, havendo no sertão tantos para reunir! Tal era a penúria geral que até os homens mais principais de

Belém não tinham fazenda melhor de que vestir do que algodãozinho preto que custava o preço de três tostões a vara, triplo do que antes era. Também o preço dos escravos tinha subido tão excessivamente, que na venda que ultimamente fizera dos bens de um colono falecido, haviam eles dado setenta mil réis por cabeça. O remédio a todos estes males era fazer uma entrada no sertão, e comprar ali cativos, e assim requeria ela que sua paternidade concedesse este alívio aos sofrimentos do povo.

Berredo, § 1023-8

Responde Vieira ao memorial da Câmara

Na sua resposta a este memorial observou Vieira que à falta de escravos se imputavam inconvenientes, claramente filhos de outras causas, a saber: *primo*, da natureza do país, que de tão inundado e cortado de rios tornava difícil e laboriosa toda a comunicação; *secundo*, de tornar-se cada ano menos abundante a caça e a pesca, de que fazia o povo o seu principal sustento; *tertio*, de não haver nenhum mercado, nenhum açougue, nenhum arranjo para facilitar o suprimento das necessidades da vida; tendo cada família de prover por si mesma a tudo, de ter os seus caçadores, os seus pescadores, seus fiandeiros, seus tecelões, criar seus próprios animais, e manter as suas próprias canoas, seus próprios canoeiros. A quarta causa devia buscar-se nas circunstâncias de Portugal, que elevavam grandemente o custo de todos os artigos estrangeiros, ao passo que baixava o preço do açúcar e do tabaco; e ainda havia quinta na vaidade, que não queria, como antigamente, regular pelos seus meios as suas despesas. Quanto a escravos era manifesto que por grande que fosse o suprimento, maior seria a mortalidade; a experiência de cada dia o estava mostrando no Pará, nem no Brasil se lhe descobriu remédio, enquanto os moradores não trouxeram negros d'Angola, sendo menos sofredores do trabalho os naturais, e mais sujeitos a doenças, sobre acharem-se tão perto da sua própria pátria, que ou fugiam para as selvas, ou morriam de pesar, se não conseguiam. Apesar de tudo grandes e felizes esforços se haviam feito para haver índios, tendo-se trazido para baixa nos últimos seis anos três mil colonos livres e mais de mil e oitocentos escravos. Queixava-se a Câmara, que nenhum destes últimos houvesse cabido em partilha ao povo do Pará, vendidos todos por um preço a que não podiam pagar os moradores. A isto cumpria-lhe responder que se tinha feito uma proposta no sentido de distribuírem-se os índios pelas diferentes Capitanias do Estado, na proporção da população de cada

uma, vendendo-se pelo preço por eles pago no sertão, e que pelo custo mais alto do ferro nunca chegava a quatro mil réis, mas que nunca a Câmara quisera sujeitar-se a este arranjo, nem concordar com o preço. Concluiu Vieira declarando que se preparava uma missão aos tupinambás do Iguaçu, a qual tomaria o caminho do Tocantins, mas que se a Câmara preferia que se experimentasse o braço Araguaia daquele grande rio, onde se dizia haver muitos escravos, tomar-se-ia esta direção, pois que em tudo que podia desejava ele consultar até os interesses temporais do povo.

Berredo, § 1030

Disputa a Câmara a autoridade a Vieira

Provocou esta razoável resposta segundo papel da Câmara em que esta se queixava de para nada servirem os índios livres que os missionários traziam para baixo, vendidos em S. Luís e no Gurupi a maior parte dos escravos. Não podia ela fazer o impossível, e tal era estabelecer naquele país açougues e mercado. A expedição que Vieira propunha nada prometia a não ser a ruína dos que nela se aventurassem; mas que não fosse tão avaro do sertão que Deus dera àquele povo, que o conquistara e sujeitara a Sua Majestade, e lhe permitisse entrar no Madeira, rio Negro, Cambebas e tantas outras partes, onde havia em abundância escravos que seriam comidos quando não fossem resgatados; com isto faria serviço a Deus, que nas mãos dos portugueses poderiam muitos destes escravos salvar as almas, embora os corpos sucumbissem ao trabalho.

Finalmente, afetando duvidar da autoridade temporal conferida aos jesuítas, exigia a Câmara a apresentação dos poderes.[10] Nesta resposta se manifestavam inequivocamente os flagiciosos princípios e espírito amotinador da Câmara, que na realidade só procurava com estas medidas preparar uma insurreição. Enviando a Lisboa como seu procurador Antônio de Albuquerque Maranhão (filho daquele Jerônimo que arrancara S. Luís aos franceses), despachou ao mesmo tempo para o Maranhão a D. Pedro de Melo deputado com cópias da correspondência trocada com Vieira. Tinha-se o povo temido muito deste governador à sua chegada, supondo que assim como em fidalguia se avantajava a todos os seus predecessores, possuiria também maior autoridade. E o proceder deste homem aumentara ao princípio com a sua insolente injustiça aquele medo. Posto que possuísse navios e numerosos escravos era insaciável a sua cobiça; aceitava

Acoroçoa D. Pedro de Melo os descontentes

peitas, sofria que os seus criados cometessem crimes impunemente, e fez-se de todos primeiramente temido, e logo detestado, até que percebeu que bem podia no povo antes de muito o ódio sobrepujar ao medo. Receando-lhes então as iras e a vingança, começou a cortejar a popularidade que por outro nenhum meio podia obter com mais segurança do que tomando partido contra os jesuítas. Assim sem deixar de afetar vivo interesse pelo bem-estar das missões, acoroçoava secretamente as medidas que deviam derribá-las. Incitado como se achava o povo pelas manobras secretas de D. Pedro, uma única consideração o continha, que não se insurgisse imediatamente, e demovia o governador de instigá-lo a isso: eram bem conhecidos os princípios do bispo do Japão e sabido era também possuir ele tanta influência sobre a rainha regente, como gozara na Corte em vida d'el-rei e o príncipe D. Teodósio. Nesta conjuntura chegou a notícia da morte do bispo.[11] Tão aflitiva para Vieira como bem-vinda para os frades e para o partido da escravidão foi esta nova, nem podia ela chegar em mais desgraçada época, vindo no mesmo navio um religioso que por algum meio tenebroso houvera à mão umas cartas, em que Vieira com cores verdadeiras pintava ao falecido o estado destas capitanias. Achou agora pasto o rancoroso espírito dos mendicantes: publicaram as cartas, e o vulgacho, espicaçado pelos seus guias espirituais, seguro da conivência do governador, e livre agora de todo o receio da parte da Corte, reuniu-se tumultuariamente, e elegeu um juiz do povo, declarando a intenção em que estava de proceder contra os jesuítas. Afetou D. Pedro temporizar e parlamentar com os insurgentes.

Insurreição em S. Luís

Segundo a sua própria declaração tinha ele apenas cinco ou seis criados de confiança a que opor outros tantos centos de pessoas, e era o tumulto na cidade, disse ele, como o Dia de Juízo. Neste estado de coisas vestiu o governador um hábito religioso, chamado capinha de S. José, e assim paramentado, enquanto a canalha assaltava o colégio, pregava ele de uma janela a moderação, produzindo argumentos que, diz ele, só S. José lhe podia ter inspirado e que eram mesmo de mover as pedras. Melhor fora que se dirigisse a estas. Um governador em hábitos menores de S. José a recomendar paciência à plebe era na verdade fomentar o motim que pretendia aplacar. Não havia pois autoridade nem civil nem militar para refrear a multidão, e o medo que esta poderá tal-

vez ainda ter tido às censuras eclesiásticas, removia-o o vigário, declarando que por estas violências contra os jesuítas ninguém incorria em excomunhão, e como para mais confirmar a sua opinião, convidando todos a ir rezar o terço com ele. As fracas admoestações do governador aí estavam todas as suas ações para desmenti-las: tinha assinado em branco alguns papéis que dera a Vieira para exarar as ordens que pudessem ser necessárias a bem dos negócios da missão, e agora anulou formalmente quaisquer ordens destas, protestando contra o uso da sua assinatura. Assim acoroçoado tanto aberta como disfarçadamente, arrancou o vulgacho das suas celas os jesuítas, e compeliu o superior a resignar a sua autoridade sobre os índios nas mãos da Câmara, metendo-o depois com todos os irmãos a bordo de um navio, onde ficassem presos, até se poder haver à mão os missionários de todas as outras estações para deportá-los juntos.

Berredo, § 1032, 36 e 1038-60

Expulsão dos padres. Ms.

Coleção de Pinheiro, t. 6, nº 13

Carta de D. Pedro de Melo

Berredo, § 1041

André de Barros, 3, § 86-7

Convida Vieira a Câmara de Belém a manter as leis

Achava-se Vieira a caminho de Belém para o Maranhão, quando uma carta de D. Pedro[12] o veio informar da insurreição, aconselhando-o a refugiar-se no Gurupi, em cujo capitão-mor podia fiar-se. Aqui estava bem disposta a municipalidade, e ao declarar Vieira a sua intenção de voltar a Belém a ver se lograva evitar que rebentasse ali também a insurreição, insistiu ela em dar-lhe uma escolta de três canoas armadas. Apenas chegado a Belém dirigiu ele à Câmara um memorial, em que narrando extensamente quanto havia ocorrido a exortava não só a continuar obediente às leis, mas também a ter presente que era o fim principal daquelas leis, como el-rei mesmo muito explicitamente declarara, propagar a fé e aliviar a consciência de Sua Majestade. Graças às humanas disposições destas leis, dizia ele, e à sua devida observância, estava-se promovendo rapidamente este grande objeto, dando cada dia mais almas à Igreja, mais vassalos à Coroa. Recordava quanto o Estado havia padecido por espaço de vinte anos da parte dos nheengaíbas, tendo-se agora nada menos de nove aldeias daquela formidável nação posto debaixo da tutela dos jesuítas. Também os índios de Ibiapaba, com cuja aliança podiam os holandeses a todo o tempo assenhorear-se do Ceará e de todo o país ao norte, lhe tinham prestado juramento de vassalagem, recebendo por

seus mestres os jesuítas com o que ficara aberto o caminho de Pernambuco, seguro o mar e florescente o comércio. Todas estas vantagens se perderiam, quebrada a promessa feita aos índios, nem devia a Câmara esquecer que havia entre os índios quem soubesse ler as leis tão bem como qualquer português. Do sertão se tinham trazido os tupinambás, povo cuja fama asseguraria a redução de outras tribos. Falava das expedições já empreendidas, e das que estavam projetadas: pregavam os missionários com o Evangelho numa mão e a lei na outra, não se deixando os índios ganhar senão pela sua fé nas leis e sua confiança nos jesuítas. As leis e os jesuítas, acreditavam os naturais, os protegeriam contra as antigas opressões, tão vivamente lembradas tão profundamente ressentidas; mas se agora vissem que nem as leis nem os jesuítas podiam proteger-se a si mesmos de que ou de quem esperariam? Ainda a notícia do motim não era sabida e fácil seria conter em obediência o povo, especialmente cortando as comunicações com o Maranhão, como se praticava a respeito dos lugares infeccionados da peste, e prendendo os agentes enviados para promover iguais distúrbios.

Respondeu a Câmara que tinha mandado para Lisboa memoriais representando achar-se satisfeita com o procedimento espiritual dos jesuítas, mas que a jurisdição temporal que eles assumiam reduzira já a capitania à última extremidade; por isto havia ela reclamado contra as leis existentes, requerendo que de Portugal se enviasse um juiz a decidir entre o povo e os jesuítas e fazer justiça. Entretanto, achando-se pendente a petição, procuraria a Câmara de coração servir fielmente o rei com vidas e fazenda. Mostrava a resposta quão pouco haviam tumultos desagradado aos vereadores, que nos avisos recebidos de D. Pedro de Melo acharam novo estímulo a seguir igual caminho, porquanto, se o governador o exortava a respeitar as leis, também falava da resignação forçada que de seus poderes haviam feito os jesuítas, como de uma medida que seria ratificada em Lisboa, tendo ele para isso disposto a corte.

Berredo, § 1403-51

Insurreição em Belém

Nenhuma precaução se tomou para evitar que se tornasse pública a bem-vinda nova, pois que nenhuma vontade havia de refrear o povo. Nem sequer simulado havia a Câmara ocultar os seus desejos, e o capitão-mor Marçal Nunes da Cunha (depois da retirada de Vidal de novo se dividira o Estado) era um desses homens a quem

para enriquecer-se são bons todos os meios. Apenas divulgada a notícia, reuniu-se tumultuariamente o povo, cercando o colégio, e Vieira, que a não ter sido intrépido por natureza, beberia agora valor na causa que defendia, saiu à frente, arrostando o tumulto. Mas perdidas são razão e eloqüência diante de uma multidão desenfreada; maltratado e insultado, perguntou-lhe zombando uma das principais pessoas da cidade, onde estava agora toda a sua ciência, todo o engenho que não podia valer-lhe em tal extremidade. Os demais jesuítas foram postos também em custódia, uns a bordo, outros na cidade, e ele separado de todos os outros foi retido na capela de S. João Batista. Uma índia, recordando com gratidão por causa de quem era ele assim perseguido, foi a única pessoa que ousou, rompendo por entre as sentinelas, levar-lhe alimento; ameaçaram-na com queimar-lhe a cabana, e ela respondeu que, se o fizessem, na rua cozinharia a comida para o padre.[13]

1661

Resolveu-se dar primeiramente destino a Vieira mandando-o para S. Luís, e depois dispor dos outros jesuítas, conforme o exemplo que o Maranhão pusesse. Chegado àquela ilha, foi ele logo posto preso a bordo de uma caravela, e como pedisse à Câmara uma conferência ou no paço municipal ou na praia onde pudesse de um bote fazer-se ouvir, teve em resposta que não queria ela conferir com um homem que falava com o Diabo. As cartas que ele do Gurupi escrevera à Corte, haviam sido apreendidas pelo partido dominante, ou talvez entregues pelo governador, e desta fiel exposição do seu proceder se vingou a facção triunfante acumulando sobre ele novos insultos. Posto que mais cruelmente tratado do que nenhum dos seus companheiros não revelou Vieira o menor sinal de impaciência ou cólera; chegavam-lhe ao coração os males que antevia para os índios, fazendo-o invejar a sorte dos irmãos adormecidos no meio dos seus trabalhos mas quanto a ele mesmo, um ânimo heróico, uma consciência pura, e uma dedicação entusiástica ao seu dever, produziram-lhe na alma essa paz que transcende toda a compreensão. Não só insultados, também saqueados, despojados haviam sido os jesuítas; destruída a sua casa de residência e até a sua mesma igreja de S. Antônio de Alcântara, seqüestrados seus bens, ainda depois de embarcados em duas caravelas, para serem deportados deixando cair a máscara, lhes tomou o governador, do pouco que levavam, o valor de 320$000 como preço da força-

André de Barros, 3, § 111-124

Berredo, § 1055-7 Expulsão dos padres. Ms. 1969

da passagem. Logo depois de terem dado à vela capturou um pirata uma destas embarcações, tornando a pôr os jesuítas em terra na ilha do Maranhão; a outra, em que ia Vieira, chegou a Lisboa a salvamento.

Transações em Curupá

Antes da sua prisão dirigia Vieira cartas aos missionários nas suas diferentes estações, exortando-os a não abandonar os seus rebanhos senão na última extremidade, embora tivessem de ocultar-se nas florestas. Sabendo que o capitão do Curupá, Paulo Martins Garro, se recusara a seguir o tumultuário exemplo das duas capitais, julgaram melhor refugiar-se ali os que se achavam no Pará. Parece este capitão ter sido nomeado por Vidal, como homem capaz de conter aquela mal disposta população, depois de abafado o motim anterior. À imitação dos seus confederados de S. Luís resolvera agora a facção dominante em Belém expulsar sem mais demora os jesuítas, e para com uma só deportação descartar-se de todos, enviou o procurador do povo do Maranhão, Antônio Barradas de Mendonça, a excitar no Curupá uma insurreição, trazendo prisioneiros os padres que ali se tinham asilado.

Metera-se o representante do povo em empresa mais difícil do que havia imaginado. Mal deixara ele Belém, quando Manuel da Vide, abraçando com ardor natural a causa da sociedade, de que seu irmão Sotomaior fora tão distinto membro, deu traças como livrar da sua prisão os jesuítas, fugindo com eles para Curupá, onde este reforço à parcialidade bem intencionada chegou a tempo de frustrar os planos do procurador. Pouco depois chegou o ouvidor com algumas pessoas do seu juízo, e vendo que estava Barradas a ponto de retirar-se com a notícia do seu malogro para reunir forças maiores, preveniu-o atacando-lhe e tomando-lhe as canoas, e pondo-o a ele mesmo e ao seu secretário a ferros.

Dera o povo de Belém largas à sua primeira fúria sobre a casa e gado de Manuel da Vide; ainda mais lhe veio porém assanhar as iras a notícia, que de ter sido sufocada a insurreição em Curupá, lhe comunicou oficialmente o ouvidor, suspendendo ao mesmo tempo todos os tribunais, e ordenando ao juiz e procurador do povo que depusessem as varas sob pena do mais exemplar castigo. Muitas vezes se têm visto entre os atos mais ilegais e injustificáveis, professarem os homens uma res-

peitosa obediência à lei, afetando observá-la escrupulosamente: é que esperam lhes valha isto de desculpa, se chegar o dia da tomada de contas de que vivem sempre em secreto receio, e entretanto serve para dourar-lhes o comportamento aos olhos dos outros e aos deles mesmos até certo ponto. Obedecendo à intimação, resignaram os ofícios o juiz e o procurador: imediatamente tornou a nomeá-los a Câmara, e iludiu a outra ordem do ouvidor, obtendo um parecer dos letrados de que para suspender os tribunais não tinha ele autoridade. Embarcou então o povo 10 portugueses e 400 índios em 26 das maiores embarcações usadas no país, enviando esta força debaixo do comando de Pedro da Costa Favela, a reduzir o capitão de Curupá e trazer presos os jesuítas. Com a chegada desta expedição cobraram ânimo os descontentes. Foi morta uma das sentinelas do capitão, sendo presos os jesuítas, que alojados no convento do Carmo se achavam fora do forte. Pedro da Costa intimou o ouvidor que soltasse os presos, mas a fortaleza sustentou-se, e aquele, não julgando prudente envolver-se em mais hostilidades, desceu o rio. Chegados a Belém foram os frades postos logo a bordo do navio que se aprontava para transportá-los, e que teria dado imediatamente à vela, se o ódio do povo o não tivesse impedido. Sucedera ao serem os jesuítas presos em Curupá, acharem-se dois deles ausentes numa missão pelo Amazonas acima, fizera-se sair um destacamento para agarrá-los, e o navio ficou retido até que chegassem também estes a fim de ver-se o partido da escravidão livre por uma vez de toda esta ordem, que tão obnóxia lhe era.

Berredo, § 1068-76 Expulsão dos padres. Ms.

Rui Vaz de Siqueira nomeado governador

Entretanto tinham chegado a Lisboa Vieira e os jesuítas com ele deportados, indo no mesmo navio um dos cabecilhas do partido hostil como procurador do povo. No primeiro impulso da sua indignação deu a rainha-regente ordem para embarcar duzentos soldados, que fossem prender e castigar os fautores de insurreição tão escandalosa. Após alguma reflexão entendeu-se porém que mais valeria empregar política do que força, considerada devidamente a facilidade com que a esta se poderia resistir em semelhante país. Estava já nomeado o governador Rui Vaz de Siqueira, soldado que em Elvas se distinguira, e a quem assim galardoavam os seus serviços. Paciência, dissimulação e firmeza se exigiam do homem que em árduos tempos tomasse sobre si aquele cargo, e em nenhuma

1662

destas qualidades era ele deficiente. Quis o acaso que fosse dia de Nossa Senhora quando ele chegou ao Maranhão, uma das maiores festividades da Igreja romana. Pregava o vigário-geral, quando se ouviram os tiros que anunciavam navio chegado de Portugal, e logo ficou deserta a igreja. Saíram alguns frades ao encontro de companheiros que esperavam por esta armada, e ao passar pelo navio do governador, em que supunham teriam voltado os jesuítas, na mais insolente linguagem de vulgar brutalidade os ameaçaram com a vingança popular. Averiguado porém que nem jesuítas, nem sindicante, nem tropas tinham vindo, foram o juiz do povo e os procuradores felicitar Siqueira pela sua chegada, dizendo-lhe que se jesuíta ou sindicante se tivesse achado a bordo, ter-se-ia levantado o povo e oposto ao desembarque. Também lhe pediriam vênia para na Câmara exigir dele certas condições. Cingindo-se às suas instruções, dissimulou Siqueira com tanto jeito que fez crer ser

1662

também ele hostil à Companhia, nem tentou desembarcar enquanto a Câmara se não declarou pronta a reconhecê-lo. Foi esta recebê-lo na praia debaixo de pálio, como era costume, conduzindo-o primeiramente à igreja depois ao paço do conselho, onde ele apresentou a sua patente. Saiu-se então o juiz do povo com um papel escrito, requerendo que se trazia o governador algumas instruções a respeito dos jesuítas as manifestasse agora, aliás em nome do povo ali protestava que seriam nulas e írritas; e também exigia o mesmo povo pela boca dele seu representante, que nunca em tempo algum sem seu consentimento e aprovação se tomassem quaisquer medidas a respeito da Companhia. Mostrou a Câmara uma resolução neste sentido registrada nos seus livros, assinou-a ele sem hesitar, e então o povo, que no princípio desta cena mostrara alguma disposição para turbulência, beijou-lhe a patente.

Exulsão dos padres. Ms.

Política contemporizada do governador

Era D. Pedro de Melo parente próximo de Siqueira, e tinha previamente assegurado o partido dominante de que tudo havia de caminhar à medida dos seus desejos; agora asseverou ao sucessor que era impossível restabelecer os jesuítas, e que a mera tentativa lhe comprometeria a própria segurança pessoal. Não eram porém tão desfavoráveis as circunstâncias como pretendia este homem fraco e culpado. Não tardou Siqueira a descobrir quão pouco de acordo se achava a nobreza (como aqui a chamam) com

a classe mais baixa dos colonos: tinha aquela originariamente instigado a insurreição, em que tomara parte ativa, mas, afetando sempre obrar constrangida, na esperança de livrar-se de responsabilidade, tinha posto à frente dos negócios homens de baixa esfera, loucamente supondo poder reter nas próprias mãos a direção secreta. Sucedeu como sucede em todos os casos destes; os agentes mais animosos e igualmente desabusados quiseram conservar a autoridade, de que os tinham metido de posse, e os primeiros motores do mal gemiam agora sob uma tirania que eles mesmos tinham erguido. Em tais circunstâncias não era difícil restabelecer a ordem, especialmente para quem em negócios de Estado reputava lícitos toda a casta de ardis e astúcia. Os jesuítas de Curupá tinham chegado a Belém três dias apenas antes da entrada de Siqueira em S. Luís e na manhã seguinte ao desembarque do novo governador chegou um bote com a notícia de se acharem eles presos... um dia tarde demais para o mensageiro receber pela sua boa-nova as alvíssaras com que contava. Tinha vindo na armada como capitão-mor do Pará Francisco Seixas Pinto. Propôs Siqueira fazê-lo seguir imediatamente para Belém com quarenta soldados que, a fim de se evitarem mais tumultos, trouxessem do Curupá para o Maranhão o capitão, o ouvidor e Manuel da Vide, acompanhados dos jesuítas que estavam na capital do Pará. Insistiu a Câmara em que nenhum jesuíta se aproximasse de S. Luís, e o governador, vendo-se obrigado a ceder, deu ordem para trazer as outras pessoas, deixando os padres presos em Belém debaixo da inspeção de Seixas Pinto, medida com que conseguia o fim principal, que era pô-los a coberto da gentalha.

Supunha-se que uma ordem peremptória para reintegrar os jesuítas no seu colégio não encontraria oposição no Pará, mas que o conhecimento de ter ela sido dada excitaria no Maranhão uma rebelião imediata.

Expulsão dos padres. Ms. Negócios do Pará

Chegou a Belém a notícia dos atos de Siqueira, com o que ficou o povo persuadido de que seria confirmada a expulsão dos jesuítas: entendia ele que no estado em que então se via Portugal, não expediria o governo ordens para castigar uma população inteira, e seguro já da impunidade principiou a reputar-se digno de prêmios. Portou-se Pinto de modo que mais animasse do que corrigisse esta idéia. Passado algum tempo aventurou-se a pro-

por que enquanto não embarcavam, se permitisse aos jesuítas oficiar nas igrejas, mas o povo, olhando como matéria de pundonor não ser menos turbulento do que o de S. Luís, não o quis consentir, e intimidado com esta recusa sofreu ele que estes padres continuassem a permanecer no miserável estado de privações a que se viam reduzidos a bordo de um navio, ato de crueldade de que a cobardia política só pode ser vergonhosa escusa. Esta condescendência com os caprichos do povo ainda tornou a mostrar-se, quando Manuel da Vide e o ouvidor, sabendo que ia uma escolta buscá-los, vieram, sem esperar por ela, apresentar-se em Belém. Mandaram-lhes para bordo da embarcação em que vinham uma guarda que não foi precaução inútil, pois que à meia-noite saíram duas canoas no intuito de prendê-los e provavelmente assassiná-los, tão furiosa estava contra eles a multidão pelo valor e coragem com que haviam arrostado a sedição. No dia seguinte foram trazidos para terra, e retidos em prisões separadas com um rigor que agradou tanto aos inimigos destes dois homens, como lhes surpreendeu os amigos. Mal chegaram os soldados, trazendo consigo o capitão do Curupá, foram todos três embarcados para S. Luís, com ordem ao comandante que não os deixassem comunicar-se entre si durante a viagem.

Busca Melo contrariar as medidas do seu sucessor

Entretanto tratava Siqueira de persuadir o povo a restabelecer alguma ordem na sua administração municipal, convencendo-o pouco a pouco de que erradamente contava com a fraqueza e embarcações do governo da metrópole. Com especialidade procurava ganhar os soldados, conseguindo-o por meio de afabilidade e de uma disciplina justa. Um dos seus bandos proibia arrancar da espada em rixa, sob pena de castigo corporal, sendo soldado, e de uma multa discricionária sendo vizinho. Foi o primeiro delinqüente um soldado que em razão dos ofícios que exercia junto à pessoa do governador parecia poder esperar alguma indulgência; ferveram a favor dele os empenhos, mas a sentença foi devidamente executada produzindo semelhante ato de justiça grande sensação num país onde fora sempre desconhecida esta virtude, exceto na curta administração de Vidal. O mais renitente, posto que disfarçado contrariador das medidas de Siqueira, era D. Pedro de Melo, que entendia desculpar o próprio desgoverno, impossibilitando o sucessor de governar melhor. Ao governador falava mal de todo o mundo, e aos melhores dentre o povo mal do governa-

dor, assegurando ter este trazido uma lista de pessoas que deviam ser punidas. Mas já Siqueira se tinha fortificado; os amigos da ordem por si mesmos se uniram a ele, e outros soube ganhá-los entre os cansados da anarquia, os temerosos do castigo e os cobiçosos de recompensa. Confiando neles, entendeu agora que tanto para o bem do povo como do último governador, seu parente, convinha que D. Pedro tivesse a honra e o merecimento de pôr termo a um desgraçado estado de desobediência, que principiara debaixo da administração do mesmo, e restaurar os jesuítas, cuja expulsão fora tão sacrílega como ilegal, pois que os mesmos perpetradores, vendo a condição das aldeias dos índios, não podiam dissimular a grandeza do seu crime religioso. E ofereceu-se a resignar o governo nas mãos de D. Pedro enquanto isto se fazia em benefício de todos, contentando-se com servir de medianeiro. Na véspera à noite de uma sessão da Câmara foi ele à casa de D. Pedro com um papel que tencionava apresentar à municipalidade, comunicando-lhe o que ia fazer, e que ao parente devia parecer de tanta vantagem, como era honroso para ele mesmo. Mal porém saíra desta entrevista confidencial, quando o ex-governador revelando o plano a toda a sua casa, despachou os seus agentes, o mais ativo dos quais era um franciscano, a advertir a Câmara e excitar o povo a persistir na encetada carreira. Soube disto Siqueira por algumas pessoas que vieram avisá-lo, ficando assim plenamente provado o traiçoeiro proceder do seu predecessor.

Expulsão dos padres. Ms.

A Siqueira não pareceu prudente medir as suas forças contra oposição já posta em campo. Não podia contudo ser adiada a sessão, havendo que regular nela alguns negócios a respeito do preço dos cereais e dos escravos, e por conseguinte dirigiu-se ele à Câmara com uma guarda de vinte arcabuzeiros em cuja obediência podia fiar-se. À volta do paço se reunira uma multidão pronta para a maldade, conforme o frade e os outros agentes de D. Pedro haviam preparado as coisas. Voltando-se para o capitão da sua guarda, ordenou-lhe Siqueira que ocupasse a porta da casa da Câmara, e que se alguém deitasse a mão à coroa do sino para tocar o rebate, ou levantasse algum grito, imediatamente fizesse fogo, sem aguardar segunda ordem. O efeito desta resolução foi ficar logo limpa a praça. Entrou então o governador e dirigiu-se à Câmara. O que tencionava propor a respeito do restabelecimento dos jesuítas, deixá-lo-ia para mais

1662

tarde, disse, vendo quão grande diferença de opinião existia ainda sobre esta matéria, mas ficasse entendido que daquele dia em diante principiava ele a governar.

Passando-se depois a tratar de negócios, fez-se a chamada dos membros da Câmara, e ao nomear-se o juiz do povo perguntou Siqueira se havia algum decreto real que autorizasse na cidade a existência de semelhante funcionário. Admitiu-se que não, invocando porém o costume como autoridade suficiente. Mandou o governador confeccionar pelo escrivão nova lista, e omitindo o nome do juiz inserir o do procurador do povo em seu lugar. Principiou o juiz a discorrer, mas Siqueira logo lhe cortou a palavra, dizendo que não era ali que ele tinha de defender-se, mas brevemente se lhe daria ocasião para isso. No dia seguinte ordenou o governador que lhe apresentassem os seus títulos todos os que por nomeação da Coroa ou dos seus antecessores exerciam funções públicas; entre estes apareceu o juiz do povo e logo lhe foi anulado o cargo, por falta de existência legal. Tinha este ofício sido introduzido no Maranhão por amor da popularidade do nome durante a administração de D. Pedro de Melo, e fora sob a sanção desta espécie de magistrado que tinham tido lugar os atos mais tumultuários.[14]

Efetua Siqueira a restauração dos jesuítas

Principiando agora a exercer o seu poder e a ter consciência dele, proibiu Siqueira que tivesse alguém índios das aldeias ao serviço, ou fosse mesmo visitar aqueles estabelecimentos. Comprou uma rapariga a uns índios, que tinham vindo vê-lo, e fê-la batizar em público com a maior solenidade, assistindo ele mesmo à cerimônia, ato que com razão foi gabado como oportuno, quando principiava a prevalecer uma criminosa negligência deste dever, parecendo os portugueses supor que não derramara Cristo o sangue tanto pelos índios como por eles. Sabendo quanto dependia da afeição dos militares, não perdia ele ocasião de favorecê-los, quando a justiça e a política o sofriam. Tendo um vizinho em despeito da proibição puxado da espada numa pendência, foi condenado a pagar dentro de vinte e quatro horas 100$000 de multa, que o governador mandou repartir pelos soldados, na razão de quatro varas de pano a cada um, artigo em que fora efetuado o pagamento. Ganhando assim rapidamente terreno, empregou Siqueira o vigário-geral para influir sobre o ânimo do povo a favor dos jesuítas. Homens da parcialidade destes, que não se atreviam a

mostrar-se publicamente, iam freqüentemente consultar de noite com ele, que não receava sair só a encontrá-los em lugares solitários sem conhecer às vezes as pessoas com quem falava.[15] Também não raro saía disfarçado para conhecer a opinião popular, escutando onde quer que via grupos reunidos, com o que conseguiu afinal saber o modo de pensar de cada um.

Afinal, ganho pelas artes do governador, foi o mesmo povo que lhe requereu convocasse uma reunião para tomar em consideração a questão da restauração dos jesuítas. Marcou-se o domingo do Espírito Santo, dia em que um ano antes se haviam praticado os maiores desacatos, e designou-se para lugar da reunião a igreja da Misericórdia, que o governador em pessoa fez preparar e ornar convenientemente. Depois de ouvida missa na igreja matriz, dirigiram-se todos ao lugar de onde tinha formado a tropa. Estava cheia a igreja, e ainda diante dela se aglomerava a multidão. Mandou o governador ler à porta, em alta voz, uma proposta para se tornar a admitir os padres da Companhia; pela afirmativa votou maioria, mas D. Pedro de Melo, que presente se achava, reuniu à roda de si um núcleo de espíritos turbulentos, que procuraram incitá-lo à resistência, prometendo não o abandonar, e teria havido motim, se Siqueira, mandando repicar os sinos e salvar com descargas de espingardaria, não se apoderasse ao mesmo tempo do seu traiçoeiro predecessor, arrancando-o dali. Retirou-se D. Pedro a esconder a sua raiva e vergonha entre os seus amigos franciscanos, ficando com eles até embarcar para Portugal. Sempre pronto em casos destes a converter o bezerro de ouro de ontem em bode de hoje, desculpou-se o povo, imputando todas as desordens a tramas do ex-governador, e Siqueira dando prudentes ouvidos a estas escusas, proclamou em nome d'el-rei perdão geral, como o meio mais fácil de manter a sua autoridade sobre gente que teria sido difícil quando não impossível punir.

29 de maio 1662

Nada mais se resolveu nesta assembléia, além da readmissão dos jesuítas aos seus colégios, deixando-se para mais tarde os outros pontos; mas se alguém entretanto tentasse contrariar o que se tinha concordado, declarou-se que seria castigado como perturbador da República: sendo cidadão, com uma multa de mil cruzados para a tropa, e cinco anos de serviço na África, quaisquer que fossem os seus privilégios, e, sendo peão, com açoites e degredo por toda a

Berredo, § 1099

Expulsão dos padres. Ms.

vida. Para mais reconciliar o povo subiu o Amazonas uma expedição para resgate de índios. Tudo isto estava arranjado já quando chegou o destacamento, que de Curupá trazia presos esses homens, que tão dignamente e com tanto risco haviam cumprido o seu dever, e que, restituídos agora à liberdade, foram tratados como a sua coragem e fidelidade mereciam.

NOTAS DO CAPÍTULO XXVII

1 É correta a observação de Southey. André Vidal de Negreiros com efeito, entregara ao Padre Antônio Vieira a direção da reforma contida na lei de 9 de abril de 1655. É célebre a frase de Vieira quando chegou ao Maranhão: "não há aqui quem instrua, mas há todos que escravizam". (L. A.)

2 Curiosa é esta expressão de Southey, "ladrões de gente", referindo-se aos apresadores de índios no Maranhão. Anos antes o Padre Justo Mansilla manifestara-se sobre os apresadores na figura de Manuel Preto, de São Paulo, considerando-o "corsário y ladrón de índios". (L. A.)

3 Havia três na terra firme dentro de um círculo de 25 léguas; duas no distrito de Gurupi, dentro de 20 léguas; sete no de Mamutá, dentro de 40; seis no do Pará, dentro de 50; vinte e oito no da Boca do Rio, dentro de 150; quatro no de Camuci, dentro de uma distância que André de Barros não pôde averiguar. Além destas havia seis aldeias na ilha do Maranhão. André de Barros afirma que as almas destes aldeamentos passavam de 200.000, o que daria um termo médio de 3 a 4.000 para cada um, pelo que não pode deixar de ter sido muito exagerado o cálculo. Temos para comparar com este o censo das reduções dos guaranis e chiquitos, e se as tribos ribeirinhas eram menos guerreiras e mais dóceis do que as do sertão, ou de qualquer ponto da costa, por esse mesmo motivo tinham sido mais rapidamente destruídas. Vieira assevera que depois de tornados senhores do Maranhão, tinham aldeias de índios, algumas das quais tão populosas como cidades grandes, e para cima de dois milhões de índios. Da viagem de Teixeira se vê ter sido numerosíssimas as tribos ribeirinhas, mas o orçamento foi sem dúvida além da realidade.

4 Como admiravelmente demonstra o Sr. J. Francisco Lisboa no seu interessante *Jornal de Timon* exagerado é o cálculo de Vieira e dos seus seguidores quanto à extraordinária população de indígenas que supõem existente no Maranhão; porque muitas eram as causas que obstaram ao desenvolvimento espantoso que só na fértil imaginação do jesuíta podia dar-se. (F. P.)

5 Durante o noviciado deste bom homem descobriu-se que havia ele perdido a vista de um olho, defeito por que foi despedido, segundo o espírito nazareno da instituição de Loiola. Continuou ele porém a viver vida de noviço, até que no fim de um

ano de perseverança se julgaram os seus merecimentos de zelo e talento suficientes para contrabalançar este acidental defeito. (André de Barros, 1. 2, § 171-7). Na coleção de manuscritos de Pinheiro, se encontraram duas memórias do irmão dele, Manuel da Vide, sobre o estado do Maranhão, que me forneceram fatos preciosos.

6 Tendo muitos destes índios servido em regimentos holandeses, e alguns até nascidos e sido educados entre este povo, passavam por achar-se em estado pior do que o simples pagamento, "pois tinham convivido", diz o jesuíta Barros, "com judeus, calvinistas, luteranos e outros monstros de diferentes seitas do Norte, do que tudo havia resultado um ateísmo geral, uma Babel das maiores monstruosidades naquelas almas".

7 Duas pessoas, uma das quais era oficial militar, tinham feito a Vieira uma acusação escandalosa, levantando contra ele um clamor popular. Achando-se por este tempo, como cria, no seu leito de morte, e com o sacramento diante, jurou ele a sua inocência e perdoou aos caluniadores. Mas, embora isto o justificasse plenamente na opinião pública, insistiu o superior do colégio por uma investigação judicial da acusação. Convictos de terem dado falso testemunho, confessaram os acusadores o seu crime, pelo que foram condenados a degredo perpétuo do estado, e a mostrarem-se ao povo na igreja matriz despidos da cintura para cima e com um freio na boca. Esta última parte da sentença foi-lhes perdoada a pedido dos jesuítas. André de Barros, 3,§ 17, 22.

8 Compunham-se eles de três nações de diferentes línguas, mamainas, arnãs e anaias, entre as quais se incluíam mapuas, gujaras, pixipixis, paucacas e outras tribos. (*Cartas de Vieira*, t. 2, pág. 40). Não parecem os nheengaíbas ter sido da raça tupi, aliás não teria Vieira carecido de um intérprete para dirigir-se a eles. Hervas coligiu menos informações sobre esta parte da América, do que a respeito de qualquer outro teatro dos trabalhos dos seus irmãos.

9 Jaboatão dá a este nome uma etimologia algum tanto estranha. Segundo ele vem de *toba*, face, *eyara*, senhor, significando serem eles os senhores da costa, que era, para assim dizer, o frontispício ou face do Brasil. Sem dúvida, acrescenta ele, reverenciavam-nos por primeiros todos os outros índios.

10 Escreve João Ribeiro in *História do Brasil* o seguinte: "os colonos submetiam-se de malgrado, sabendo que Vieira exercia grande poderio no ânimo de D. João IV. Com a morte do régio protetor (1656) e a saída de Vidal de Negreiros, animou-se a audácia dos descontentes, cujo número avolumou com o novo curso das coisas". O novo rei, Afonso VI, fez deportar o Padre Antônio Vieira e processá-lo pelo Santo Ofício. Somente em 1681 Vieira voltaria, doente, ao Brasil. (L. A.)

11 Na *Vida de Vieira*, afirma André de Barros (L. 3, § 77-80), que pouco depois da volta de Ibiapaba sentiu ele tão oprimido o espírito, que não pôde duvidar de que alguma desgraça sucedera que o tocava de perto, e abaixo desta persuasão disse uma missa fúnebre pela alma do amigo que lhe morrera, fosse ele quem fosse. Tomou-se nota do tempo, e logo os primeiros navios trouxeram a notícia de que por aqueles dias se finara o bispo do Japão, o melhor amigo que restava a Vieira, e o principal esteio das missões.

12 Berredo a inseriu como prova da sinceridade do governador, mas na minha opinião revela ela tanto duplicidade como superstição e fraqueza.

13 Mariana Pinto era o nome desta mulher. Gratos a este proceder, educaram-lhe depois os jesuítas o único filho com esmero tal, que ordenando-se veio a ser cura nesta mesma cidade de Belém. O geral da ordem mandou de Roma uma carta de Irmandade a Mariana, conferindo-lhe quinhão no merecimento das boas obras à Companhia. Foi enterrada na igreja do colégio às expensas da Companhia. André de Barros, I, 3, § 117-118.

14 É curiosa a causa da introdução deste cargo. Publicara D. Francisco Manuel de Melo, ultimamente, as suas *Epanáforas*, a primeira das quais é uma história dos tumultos de Évora em 1639. Figurava nestas cenas um juiz do povo, de quem D. Francisco Manuel falava como de quem até certo ponto dividia com o escrivão do povo as funções dos tribunos populares na antiga Roma. Recebeu D. Pedro de Melo, que era da família do autor, um exemplar deste livro, que fez circular em S. Luís, ensinando, como homem fraco que era, o povo a tomar lições de insurreição onde só devera bebê-las de patriotismo. Foi este livro que o levou a propor a eleição de um juiz do povo, e os atos mais tumultuários durante a anarquia foram imitados dos patriotas de Évora! Vem esta curiosa circunstância referida nas memórias manuscritas, que nesta parte da história suprem os defeitos da narrativa parcial e infiel de Berredo. E já que falei nas *Epanáforas*, aproveito o ensejo para observar que a romântica história da descoberta da Madeira pelos dois amantes Roberto e Máximo e Ana de Arfert, que tem sido referida por graves autores ingleses como matéria e fato histórico, tem por única autoridade uma novela desta coleção. Não imprimiu D. Francisco Manuel (como se tem asseverado) uma narração composta por Francisco Alcoforado. Referiu-se apenas a tal manuscrito, e tanto a matéria como a forma da história o estão indicando como ficção. É também de D. Francisco Manuel o *Melodino*, alguns de cujos poemas têm sido vertidos para o inglês.

15 O autor do manuscrito refere isto sob a autoridade do mesmo Siqueira.

. . . .

Capítulo XXVIII

BARRETO GOVERNADOR DO BRASIL – TUMULTOS NO RIO DE JANEIRO E EM PERNAMBUCO – AS BEXIGAS NO BRASIL – PAZ COM A ESPANHA – ASSOLAM OS GUERENS OS CONFINS DA BAHIA E ESTABELECIMENTOS VIZINHOS: SÃO RECHAÇADOS PELOS PAULISTAS – DESCOBERTA E CONQUISTA DO PIAUÍ – FUNDAÇÃO DA NOVA COLÔNIA – DISPUTAS COM A ESPANHA SOBRE A MARGEM ESQUERDA DO PRATA – PESTE

Barreto governador-geral

1662

TERMINADA vitoriosamente a guerra de Pernambuco, foi Barreto,[1] que nela tomara tão conspícua parte, nomeado para suceder ao Conde de Atouguia no governo geral do Brasil. Tocava-lhe agora a menos grata tarefa de convidar o povo a contribuir com a soma anual que se tinha de pagar os holandeses, mostrando a maneira por que isto se fez e quão grande liberdade constitucional prática então se gozava. Diziam as suas instruções que era de 120.000 cruzados a quota anual que o Brasil tinha de fornecer pelos dezesseis anos. Neste rateio provavelmente se calculara que, não havendo quem como os brasileiros tivesse sido tão interessado na contenda, também ninguém tão prontamente e com tanta justiça pagaria a sua parte na conta, mas a exigência que

deste país se fez, de quase metade de toda a contribuição mostra a riqueza e importância relativas do Brasil. *Convocou o governador a palácio os senadores, que aquele ano tinham o governo do corpo político da república, e propondo-lhes a carta e ordens reais, achou neles o agrado e zelo que a nobreza da Bahia sabe ostentar em todas as ações do serviço dos nossos monarcas. Responderam que proporiam a matéria no Senado da Câmara aos homens bons e da governança, com cujo parecer por direito e estilo se costuma tomar assento em negócios semelhantes, com assistência, beneplácito e concurso do povo, esperando que não haveria dúvida mais que na forma em que se haviam de repartir por todas as províncias do Brasil os 120.000 cruzados.*[2] Mas convidou Barreto os vereadores a contribuírem para o dote da infanta Dona Catarina, que ia casar-se com o rei da Inglaterra. Tinham-se dobrado por dois anos as sisas em Portugal para apurar a soma, mas faltavam ainda 600.000 cruzados para preencher, os quais se pedia uma doação espontânea. Pronta anuiu a Câmara, notando para o dote uma contribuição anual de 20.000 cruzados pelos mesmos dezesseis anos. Nomearam-se seis pessoas que consultassem com os vereadores na distribuição da taxa. Dos 140.000 cruzados que se haviam de levantar tomou a Bahia sobre si 80.000, dividindo pelas outras treze capitanias os 60.000 restantes.[3]

Separa-se o Rio do governo-geral

17 de set. 1658

Como o Maranhão[4] foi por este tempo o Rio de Janeiro com a parte do Sul separado do governo geral, dando-se-lhe por governador-geral Salvador Correia de Sá e Benevides. Assinalado serviço prestara ele a Portugal, restaurando Angola; a cidade do Rio de Janeiro fora fundada por um dos seus avós[5] sobre terreno por ele conquistado aos franceses, comprada a vitória com a vida de outro membro da mesma distinta linhagem, e assim lhe assistiam todos os direitos, tanto hereditários como pessoais, ao respeito e afeição do povo sobre que o haviam posto. Mas Salvador Correia conservava aos jesuítas essa afeição que seus maiores lhes haviam naturalmente ganho quando eles, associados de Nóbrega e de Anchieta, tão claras provas deram do seu patriotismo e prudência política. Assim nos tumultos excitados contra os padres da Companhia se pusera Salvador Correia do lado deles, logrando à força de grandes esforços reintegrá-los no seu colégio e na posse de seus bens quando expulsos de San-

tos e São Paulo. Tanto se ressentiram deste procedimento os paulistas que a Câmara de São Paulo chegou uma vez a escrever à de São Vicente, para que prendesse o governador que queria desertar para os espanhóis. Esta calúnia, desmentida por todos os atos da vida de Salvador Correia, nenhum efeito produziu, mas quando ele do Rio partiu para Santos numa expedição em busca de minas, aproveitou-se da sua ausência a facção contrária. Ficara com o comando um parente, por nome Tomé Correia de Alvarenga, que já antes havia sido governador. Incitados pelos vereadores juntaram-se os descontentes ao romper do dia na casa da Câmara, votaram a deposição de Salvador e do seu delegado, privada toda a família dos cargos públicos que exercia, e declararam que Agostinho Barbalho Bezerra administraria o governo juntamente com a Câmara. Foram logo agarrados e encarcerados Tomé Correia, o sargento-mor, o provedor e outras pessoas afetas ao governador. Barbalho, homem de nascimento, caráter e integridade refugiou-se num convento, mas arrancado dali à força obrigou-o o medo da morte a aceitar a ilegal nomeação. Convocados os oficiais da guarnição, foram da mesma forma compelidos a reconhecer a eleição. Ofereceram-se então passaportes aos partidistas do governador deposto, que deviam solicitá-lo no prazo de dois dias, porquanto expirado este prazo, todo aquele que fosse encontrado a formar partido a favor mesmo que com ele se correspondesse, seria preso e degradado para Angola por dez anos. Escreveram os cabeças do motim aos paulistas, informando-os do que ocorrera, e convidando-os a unirem-se com o povo do Rio de Janeiro na recusa de obediência ao governador, se queriam evitar a maior miséria, pois que Correia, diziam, sempre procurara dar aos índios a liberdade, medida que seria a ruína de São Paulo. Também advertiam aos paulistas que não sofressem lhes entrasse o governador na cidade, pois falava ele perfeitamente a língua tupi e era amado dos índios, de modo que se se mostrasse nos campos de Piratininga, muitos mil flecheiros se poriam às suas ordens, habilitando-o a dar a lei. Ao mesmo tempo procuravam os insurgentes do Rio de Janeiro convencer os paulistas de que, opondo-se ao governador, não obravam ilegalmente, pois que a sua patente só lhe dava, pretendiam eles, alçada em matéria de minas, sobre ter Benevides desprezado o costume desde

Insurreição contra Salvador Correia

8 de nov. 1669

tempos imemoriais observado, de fazê-la registrar na Câmara de São Vicente. Tinha grande peso este último argumento; dele se valeu o partido hostil em São Paulo, compelindo a Câmara a votar a resolução, de que se oporia resistência ao governador, caso tentasse entrar na cidade.

Concilia os paulistas e restabelece o governador a ordem

Em Santos se achava Salvador Correia ao chegar a notícia do que se passara. Registrando imediatamente a sua nomeação, enviou logo um oficial com cópia autêntica do registro aos vereadores de São Paulo, habilitando assim a parte mais sã dos moradores a recuperar o seu ascendente e restaurar a ordem. A Barbalho ordenou que continuasse no governo em virtude dos poderes que lhe delegava agora, não da sua ilegal nomeação, e publicou uma proclamação prometendo perdão e ameaçando castigo. Em seguida passou-se a São Paulo, onde em pouco tempo ganhou a afeição do povo com as medidas ativas que tomou para benefício público, melhorando estradas, estabelecendo barcas de passagem, e construindo pontes. Assim se tornou tão popular, que quando quis deixar a cidade sob pretexto de ir à ilha Grande apressar a construção de um navio, mas na realidade para aproximar-se do Rio, requereram-lhe os moradores que não se retirasse, concluindo porém a petição com a declaração de que se estava resolvido a fazê-lo, dispusesse das pessoas, propriedades e vidas deles, que todos se ofereciam a acompanhá-lo à sua capital. De tanto se não carecia. Gradualmente ia o povo voltando à consciência do seu dever. Como mais implicada na revolta era a Câmara, que com mais obstinação também persistia nela, governando alguns meses em nome próprio, e sub-rogando João Correia, filho de Salvador, no lugar do pai, como o passo mais suave para uma submissão que ela já via inevitável. Não tardaram a chegar ordens para prender o procurador do povo e os membros da Câmara sediciosa, remetendo-os todos para Lisboa, e logo depois voltou o governador com grande regozijo dos moradores bem intencionados.[6]

Anais do Rio de Jan. Ms. *Mem. Hist. sobre o Rio*, **etc. Patriota, T. 2, nº 1**

1665

Estabelecem-se os carmelitas na Bahia

Seis anos governou Barreto, sendo então substituído pelo Conde de Óbidos, D. Vasco Mascarenhas. Vieram no tempo dele os carmelitas reformados de Santa Teresa tentar fortuna no Brasil. Logo o

povo da Bahia e do Recôncavo lhes forneceu os meios de erigir um hospício pequeno num lugar muito apropriadamente chamado Preguiça; mas começaram a chover-lhes em abundância tal as esmolas e as dotações que dentro em pouco puderam construir um dos conventos mais suntuosos da ordem.

Bexiga no Brasil

Ano fatal foi para o Brasil este de 1665. Rebentando em Pernambuco, derramaram-se as bexigas por toda a costa até o Rio de Janeiro. Foi terrível a mortalidade; famílias de quarenta e cinqüenta pessoas adoeciam ao mesmo tempo, de modo que não havia quem tivesse forças para tratar dos enfermos, ir por socorros médicos, ou chegar os remédios que estavam à mão. Não bastavam os facultativos para acudir ao sem-número de doentes, mas também na verdade pouco valiam eles; quase inteiramente desconhecida a enfermidade até agora na América portuguesa, ninguém sabia como curá-la, e quem mais probabilidade tinha de escapar era quem ficava entregue à natureza. É em visitações como esta que os religiosos da Igreja romana procedem com uma caridade heróica que lhes dá direito tanto à admiração como à gratidão da humanidade.[7] Podem então esquecer-se e perdoar-se-lhes as loucuras, os erros e os males, de que as suas instituições são causa; o espírito de religião, que em outras épocas se esconde entre momices, ou perverte em princípios nocivos e danosos, arremessa de si as peias, mostrando-se desassombrado e impoluto em toda a sua beleza e força. Exerceram agora os irmãos da Misericórdia e os das diferentes ordens os mais penosos ofícios de humanidade; visitavam os doentes, administrando-lhes socorros tanto corporais como espirituais; alimentavam os pobres, e levavam os mortos em macas a enterrar nos cemitérios, que em outros tempos não costumavam servir como lugar de sepultura, mas atulhadas já com as vítimas da epidemia não podiam levar mais às criptas das igrejas. Ao passo que avançava para o sul tornava-se menos fatal a moléstia, mas tremendos foram os seus estragos. Muitos engenhos do Recôncavo perderam todos os seus negros, ficando abastados proprietários reduzidos de chofre a irremediável pobreza. Tão grande foi a mortalidade que faltavam braços para a lavoura: seguiram-se muitos anos de fome, e Rocha Pita, escrevendo cerca de meio século depois, declarar que os efeitos deste flagelo se sentiam ainda.

Rocha Pita, 6 § 20-6

Vidal governador de Pernambuco

Com a menor vantagem de Pernambuco do que detrimento do Maranhão e Pará fora Vidal removido deste para aquele governo. Tinha a longa guerra deixado naquela Capitania rancorosas inimizades com hábito ainda piores de insubordinação e desenfreada violência. Acusam-no de ter procedido tiranicamente para com homens, que como seus conterrâneos e antigos camaradas nos campos de batalha, deviam merecer-lhe todas as atenções: pode interpretar-se a acusação como significando administrar ele imparcial justiça, pois que sendo conforme ao seu conhecido caráter proceder assim, era ao mesmo tempo semelhante conduta o maior agravo de que tal sociedade podia queixar-se. Desterraram-se uns e exautoraram-se outros, mas aqui não podia ele como no Maranhão obrar, com ilimitada autoridade segundo a consciência do seu dever, que eram as pessoas que ofendia por demais numerosas e poderosas, para quem em seu apoio só tinha o próprio merecimento e os passados serviços. Deu Barreto ouvidos aos acusadores de Vidal, privou-os do seu governo, ordenou a Cardoso e a outro mestre-de-campo que governassem em lugar dele, e enviou da Bahia tropa que o prendessem e um desembargador que o julgasse. Não chegara porém a coisa a este extremo, que Vidal, vendo poder a resistência só acabar em ruína, sujeitou-se à submissão que dele exigiam, e permitiram-lhe que conservasse seu governo até expirar-lhe o prazo. Sucedeu-lhe Jerônimo Mendonça Furtado, que também descontentou os pernambucanos. Vagas e inconsistentes como todo o teor da sua vida são as acusações contra Vidal, mas especificadas e prováveis contra Mendonça. Acusam-no do vício que mais facilmente acomete os homens na posição dele, ávido e escandaloso cuidado dos seus interesses pecuniários e completa incúria de tudo o mais. Tão intolerável se tornou isto afinal que as principais pessoas de Olinda resolvessem, prendendo-o, mandá-lo para Portugal. Quatro meses se aguardou em vão uma oportunidade, que desconfiado do perigo andava ele precatado, mas afinal caiu num estratagema, que por cheirar a sacrilégio podia acarretar conseqüências sérias para os seus autores. Era costume das pessoas qualificadas acompanhar o sacramento quando era levado aos moribundos. Tomou pois a parcialidade contrária a hóstia e passou com ela pela porta do governador; saiu este, acompanhou-a até a igreja a que

Sucede-lhe Jerônimo Furtado

pertencia, e na volta foi preso pelo juiz ordinário André de Barros Rego em nome do rei e da nobreza e povo de Pernambuco. Levou ele a mão à espada e os seus criados e oficiais tentaram defendê-lo, mas sucumbiram e foram maltratados, asseverando o juiz ao governador que, se opusesse a menor resistência, morreria, estando o povo tão resolvido a livrar-se da tirania dele, como o tinha estado a sacudir o jugo dos holandeses, que não fora mais opressor nem mais pesado.

1665

Insurreição contra o governador

1666

Pertencente à recentemente criada Companhia das Índias Orientais estava fundeada no porto do Recife uma esquadra francesa de onze velas a refrescar em viagem para a sua colônia de Madagascar. Tinha o governador tratado com muita magnificência os seus hóspedes, fazendo em honra deles uma festa pública. Por esta ocasião atravessara-se na principal rua do Recife uma corda com uma argola suspensa no meio, e dezesseis cavaleiros bem montados e vestidos de gala procuravam enfiar na carreira esta argola, jogo de destreza tão difícil quando se guardam os preceitos, que só dois o ganharam. Substituiu-se então à argola uma pomba, que os dois felizes competidores em cruel porfia tentaram trespassar. Acabaram os jogos com tomarem os cavaleiros escudos de couro, atirando uns aos outros com laranjas. Passara-se isto pouco tempo antes da prisão do governador, e o povo, que de nada sabia, à primeira notícia do ocorrido, supôs ter ele sido preso por se haver descoberto que tramava a entrega da província aos franceses. Reviveu em toda a sua força o antigo ciúme contra esta nação; lembraram as suas anteriores tentativas contra o Brasil, perigo que a recente luta contra a Holanda mais fazia recear, e levantou-se um clamor geral de morte aos franceses. Dos que se achavam em terra uns refugiaram-se no convento dos capuchinhos, onde foram sitiados, outros foram agarrados e desarmados, mas os cabeças da insurreição intervieram a tempo de evitar piores conseqüências, e percorrendo as ruas a cavalo soltaram os presos e apresentaram desculpas ao comandante. O governador foi remetido preso para Lisboa: o modo por que se efetuara a sua prisão, ter-lhe-ia assegurado pelo menos o direito de defesa debaixo de outro qualquer governo, mas infelizmente para ele desertou por este tempo para os castelhanos seu irmão mais velho, Francisco, que era alcai-

Rennefort, *Hist. des Indes Orientales***, Pt. 2, c. 4 e 6**

de-mor de Mourão, crime por que foi decapitado em estátua, sendo confiscados os bens desta antiga e nobre família. Desconfiando-se que Jerônimo fosse cúmplice na traição, puseram-no a tormentos, e embora por este abominável meio nenhuma confissão se lhe pudesse arrancar foi condenado à prisão perpétua numa das fortalezas da Índia, onde morreu. Assim escapou sem castigo e até sem censura o povo de Olinda. Depois de ter governado cinco anos o Brasil, foi o Conde de Óbidos rendido por Alexandre de Sousa Freire. Terminada era a longa luta com a Espanha, sendo a independência de Portugal formalmente reconhecida por um tratado, mas enquanto a mãe-pátria estava em paz, sem perigo externo que a ameaçasse, viu-se o Brasil outra vez agitado pelos seus inimigos indígenas. Infestavam os selvagens os estabelecimentos sertanejos da Bahia e dos Ilhéus, tornando-se audazes a ponto de porem em sério aperto alguns distritos da costa. Perto da fronteira meridional da última destas capitanias haviam seis rios consideráveis, que comunicando-se entre si acerca de cinco léguas da costa, cercavam uma área de suas doze léguas de circunferência, formando ao entrar no mar as três barras do morro de São Paulo, Tobatinga[8] e Boipeba[9], a primeira das quais tem água para navios de alto bordo, a terceira para embarcações costeiras, e a segunda para botes apenas. Formam estas intrincadas correntes no meio do território que circundam e cortam duas ilhas principais: Tinharé ou o Morro, que tem seis léguas de costa e três e meia de fundo, e Biopeba, que terá dez léguas quadradas. Entre elas, nas largas águas que as separam da terra firme, e acerca de seis léguas de cada uma, fica a ilha de Cairu[10], de suas oito milhas de circunferência, composta de terreno elevado e acidentado, pouco próprio para cultura. Por uma extensão de sessenta a setenta milhas do rio Jaguaribe ao Jequiá é fertilíssima a terra firme. Nos primeiros tempos do Brasil veio Sebastião de Pontes, homem abastado, que possuía seus dois engenhos na Bahia, estabelecer terceiro sobre o Una, um dos principais rios deste rico distrito. Acompanhado de alguns portugueses adquiriu tanta influência sobre os naturais, a ponto de oferecer razão ou pretexto à acusação de intitular-se ele rei do Brasil. Por isto o remeteram para Lisboa onde foi lançado numa enxovia em que jazeu esquecido até que passados muitos anos de misérrimo cativei-

Rocha Pita, 6, § 46-51

Paz com a Espanha

1668

ro foi levado do cárcere para a sepultura e enterrado como um pobre! Em princípios do século décimo sétimo fundou-se a Vila de Cairu como capital de um distrito que abrangia a ilha do Morro, e o país entre os rios Jequiá e Jaguaribe, tendo-se para assentá-la escolhido a ilha como segurança de selvagens. Durante a contenda com os mouros na Espanha eram as relíquias e os milagres a melhor defesa de uma cidade nova, atraindo-lhe a esperança e a crença na proteção sobrenatural colonos bastantes para se defenderem a si mesmos. Tendo cessado o motivo, ainda a prática continuou na península; no Brasil existia por estes tempos a causa, e Cairu foi favorecido com uma série desses prodígios, que a astúcia tão facilmente fornece à credulidade.[11] Erigiu o governador-geral Oliveira, uma fortaleza, dentro de cujo recinto ficava uma fonte milagrosa, e os moradores do novo distrito não só forneciam escravos para as obras, mas até vinham em pessoa trabalhar nelas, com zelo. Tinham eles o medo dos holandeses diante dos olhos, mas o lugar de nenhuma importância era como estação militar e naval, devendo vir de mais tremendo inimigo o ataque.

Infestam os guerens a Bahia e país adjacente

Tinha estado o país adjacente em poder dos tupiniquins, povo mal pago das disposições amigáveis que mostrara aos portugueses. Os que dentre eles escaparam à tirania dos seus amigos europeus, foram expulsos pelos guerens, ramo dos aimorés, que vieram ocupar este território, enquanto os parentes andavam talando os Ilhéus e Porto Seguro. Conciliados e amansados os aimorés nestas capitanias pelos jesuítas, parece terem-se os guerens retirado para o sertão, e os portugueses, que eles haviam expulsado deste distrito, voltaram tão cautelosos porém que numa ilha foram fundear a sua povoação principal. Os que se aventuraram a estabelecer-se no continente tiveram razão para da sua confiança se arrependerem. Durante a guerra de Pernambuco reapareceram os guerens; vinham, ao que se diz, de uma região a seiscentas milhas pela terra dentro, continuando fazer de manhã as suas investidas a fim de poderem retirar-se com dia, tão pouco receavam ser perseguidos. Nos três meses de inverno apenas podiam os colonos fantasiar-se seguros, que no resto do ano não havia que descuidar-se um momento.

Vinham os selvagens correndo, levantavam o seu formidável grito de guerra, e num instante caíam trespassados de suas certeiras fle-

chas as pessoas que eles haviam marcado. Famílias inteiras eram assim exterminadas, e quando o vizinho mais próximo chegava apressado com socorro, o mais que podia fazer era enterrar os mortos. Deu-se rebate de terem sido vistos os selvagens a dirigirem-se para a casa do sargento-mor Bartolomeu Lopes da França; correram em socorro dele os vizinhos, e acharam mortos no campo os escravos surpreendidos no trabalho, o chefe da família, sua mulher e quatro filhos, jazendo à roda da mesa de jantar trespassados de setas, e na mesma condição os criados todos da casa, sem que houvesse escapado um só vivente. No seu governo tentou Barreto pôr cobro a estas assolações dando a cada família uma guarda de três a oito soldados; oito anos durou a experiência; em todo este tempo não houve soldado que apanhasse um selvagem a tiro, ou mesmo lhe pusesse a vista em cima, embora mais do que um se sentisse assetando quando no seu próprio quartel mais seguro se reputava.

Largo tempo se conservaram as coisas neste terrível estado vendo-se os poucos colonos que na ilha se não refugiaram compelidos a converter em outras tantas fortalezas as casas de sua residência. Entendeu Alexandre de Sousa que o melhor remédio seria erigir um forte, metendo-lhe dentro uma companhia tirada da guarnição da Bahia, e que todos os três meses seria rendida: foi perto da igreja matriz de Cairu[12] a situação escolhida, lugar onde os guerens nas suas incursões jamais haviam chegado. Saiu um dia o capitão desta guarnição Manuel Barbosa de Mesquita com sete dos seus soldados para a igreja, na qual por ser grande festividade, se achavam as mulheres do país reunidas com trajes de gala, e os maridos e filhos mais convenientes vestidos para acompanhá-las nesta ostentação de pompa, do que para defendê-las em caso de necessidade. Correu voz de que aí vinham os guerens, e logo se lhes ouviu o horrendo grito de guerra. O primeiro impulso da aterrada assembléia foi trancar a porta da igreja, mas Manuel Barbosa fê-la abrir para poder sair com sua gente e ganhar o forte. Era iminente o perigo da tentativa, mas havia possibilidade de alguém chegar a salvo, sendo este o único meio de preservar as vidas de quantos se achavam na igreja. Levava o capitão duas pistolas, espada e escudo, e também os soldados iam armados: a vantagem das armas de fogo, o terror que incutem, e talvez que também o medo que os selvagens costumam sentir quando resolutamente investidos por homens embora poucos, mas que eles reconhe-

cem superiores em poder e conhecimentos, poderiam ter tornado a empresa tão feliz quão arriscada e aventureira era, mas cinco soldados fugiram, apenas descarregadas as armas, e os outros dois pereceram ao lado do seu capitão, não porém sem terem feito algum estrago entre os inimigos, caindo o cacique às mãos de Barbosa. Vendo-o morto retiraram-se os guerens na forma do costume de modo que conseguiu-se o fim, porque este valente português se sacrificara, mas não pela maneira que ele calculara nem com os meios com que contara.[13]

Os paulistas chamados em socorro contra os guerens

De nobre estirpe e elevado caráter era Manuel Barbosa, que apenas poucos meses antes da sua morte se casara numa das famílias mais distintas do Brasil: estas circunstâncias e o modo heróico por que sucumbiu, causaram na Bahia impressão profunda. Entrava-lhes para assim dizer o mal por casa, e a conselhos das principais pessoas tomou o governador afinal a única resolução acertada, desenganando-se de que não havia outro modo de tornar seguro o país, senão completando a sua conquista. Determinou empregar os meios mais vigorosos para esmagar estes selvagens. Desde tanto tempo já se via o Recôncavo livre de inimigos desta espécie, que não havia ali capitães nem soldados que entendessem tal guerra. Recorreu-se então aos paulistas, tomando a serviço mediante uma soma de oito mil cruzados, mantimento e tudo necessário a um corpo destes homens resolutos comandados por um famoso caudilho, de nome João Amaro. Antes de regulado tudo isto expirou o governo de Sousa, cujo sucessor foi Afonso Furtado de Mendonça, e um ou dois anos se passaram ainda antes que pudessem os paulistas aprontar as suas forças e chegar à Bahia, cidade que fica a nada menos de mil milhas de São Paulo. De conformidade com a lei convocou então o governador as principais pessoas da Capitania, tanto civis como religiosas, que todas unanimemente declararam justa e legal a guerra que ia fazer-se aos selvagens dos sertões do Cairu, sendo escravos legítimos quantos nela fossem aprisionados. Como não pudesse o Tesouro carregar com as custas de tão dispendiosa expedição, cotizaram-se os moradores, apurando por meio de contribuições voluntárias uma quantia grande. Também deu a guarnição um destacamento para este serviço e ao comando de João Amaro toda a força se fez de vela para Cairu. Grande honra faz à administração do Brasil não ter havido mesquinhas

considerações de interesses privados ou locais, que obstassem a dar-se a este paulista a inteira direção da empresa. Trazia ele consigo um corpo de adestrados caçadores de homens como nenhum outro lugar no mundo poderia apresentar, sendo grande parte deles índios ensinados, que, embora menos inteligentes do que os mamelucos seus senhores intrépidos eram, e em atividade, ferocidade e ânimo sofredor nada lhes ficavam devendo. Reuniu-se a ordenança do distrito a este exército, e todo ele foi percorrendo os sertões ao poente do rio S. Francisco e norte dos limites da Bahia, matando e apreendendo selvagens, destruindo-lhes todas as aldeias e abrindo estradas para estabelecer pelo interior comunicações com aquela Capitania. Remeteram-se para a capital os prisioneiros que foram em tão grande número, que os melhores não deram mais de vinte cruzados por cabeça, vendendo-se a maior parte por metade. Muitos destes pobres-diabos foram comprados para o serviço dos engenhos, onde em pouco tempo o pesar, a indignação, os maus-tratos e os trabalhos pesados causaram tal mortandade entre eles, que os donos acharam ter feito má compra mesmo por semelhante preço.

A necessidade da guerra era evidente, não sendo menos certo que os princípios, que mitigam os males dela, trocando-se e soltando-se afinal os prisioneiros, não são aplicáveis a hostilidades como estas. Mas se D. João IV, de conformidade com cujas leis sofriam os selvagens aprisionados nesta morte lenta, pudesse haver previsto as conseqüências que resultariam, teria pago pelas rendas da Coroa o resgate dos prisioneiros pondo-os depois sob a tutela das ordens religiosas. Não era João Amaro homem que se satisfizesse com atravessar uma vez o país; fez a sua tarefa conscienciosamente, expIorando-o em todos os sentidos e limpando-o tão bem de selvagens que por mais de meio século não se tornou a ouvir falar neles. Em recompensa dos seus serviços recebeu uma grande sesmaria e o senhorio de uma vila que se lhe permitiu fundar e que efetivamente principiou do lado da Bahia com o nome e invocação de S. Antônio, nome a que o povo com razão substituiu o do mesmo fundador. Mas um verdadeiro paulista não podia viver na inação. Vendendo a sua concessão, voltou João Amaro à sua terra natal, provavelmente para continuar na antiga vida aventureira. Muitos dos seus companheiros obtiveram sesmarias nas novas conquistas.

O espírito de aventura, que tanto distinguia os paulistas, também por estes tempos se encontrava em Pernambuco. Domingos Afonso, homem de humilde fortuna, tinha à força de indústria e empresa adquirido riqueza, fama e o posto de capitão, possuía uma grande estância de criação do lado do norte do S. Francisco num sítio chamado o Sobrado, e dali enviava a sua gente à descoberta do sertão. Capaz de sustentar em anos favoráveis e mesmo nos regulares, grandes manadas de gado é contudo o interior de Pernambuco sujeito a secas de longa e fatal duração; por estas ocasiões ficam queimadas como um deserto suas extensas várzeas, e o solo adjunto dessas planícies raras semeadas de árvores, tornando-se vastas as regiões inabitáveis para homens e bestas. É pasmoso ver quão depressa as primeiras chuvas de novo as cobrem de verdura, mas assaz freqüentes e tremendas nos seus efeitos são tais visitações para tornar esta Capitania a menos habitável do Brasil inteiro. Mal pois Domingos Afonso ouviu falar numa região adjacente abundante nos mais ricos pastos e não sujeita à mesma calamidade, logo se lhe tornou objeto de suma importância obter a posse de tão preciosas terras, nem lhe custou muito a achar companheiros da sua mesma têmpera que quisessem com ele empreender a conquista. Tomou então para si Domingos Afonso o sobrenome de Sertão, por amor desta aventurosa empresa, e pela certa esperança que tinha nos benefícios que dela resultariam para seus próprios interesses e glória de Portugal, sentimento a que não há coração português que seja insensível. Tomou o país, em que ele entrou, o nome de Piauí, de um rio que embora não de magnitude tal, que tornasse digno de dar nome a uma província imensa, é o maior do lado por onde penetrou a expedição pernambucana. Outros seis rios, que como o Piauí ficam na estação seca reduzidos a uma série de paus no meio de seus leitos exaustos, vêm sucessivamente morrer nele, formando todas estas águas unidas o copioso rio Parnaíba, que, dividindo-se em dois canais, dos quais retém um o mesmo nome, enquanto o outro toma o de Igaraçu, vai pagar o seu tributo ao mar entre o Ceará e o Maranhão. Tinha-se a partida entranhado muito pelo sertão dentro, rompendo caminho à força de armas, e levando adiante de si os naturais, quando foi topar com uma tropa de paulistas, capitaneada por

Rocha Pita, 6, § 70-85

Descobeta e conquista do Piauí

1673

Viagens de Koster, 91

Domingos Jorge e seguida dos auxiliares do costume. Alegre encontro foi este. Comunicaram-se os dois bandos um ao outro suas aventuras e descobertas: chegava para ambos a terra, e eles separaram-se seguindo diferentes rumos a completar a conquista do país e limpá-lo de selvagens. Tão bem sucedidos foram, que imediatamente se ambicionaram e solicitaram do governo de Pernambuco sesmarias neste fértil território, para onde passando-se muitos colonos tornou-se o Piauí em breve o grande país criador desta parte do Brasil.[14]

Rocha Pita, 6, § 73-77

Procuram-se minas

Eram a colonização do Piauí e a expulsão dos guerens sucessos de importância bastante para ilustrar o governo de Afonso Furtado de Mendonça, mas queria ele ainda assinalar a sua administração de um modo que na corte lhe mereceria maiores recompensas. Veio um sertanejo trazer-lhe a notícia de ter descoberto uma mina de prata, apresentando logo algumas barras deste metal, que afirmava ter extraído de uma veia tão rica como as mais ricas das possessões espanholas. Oferecia-se a indicar o lugar, assegurando-lhe a Corte condigno prêmio, era porém num sítio muito distante daquele em que se presumia existirem as minas de Roberto Dias. Não era homem de má nota este, nem havia razão para duvidar-lhe da história, pois que só exigia vantagens dependentes do cumprimento da sua promessa. Deu-lhe pois inteiro crédito o governador, enviando seu próprio filho João Furtado de Mendonça a Lisboa com a bem aceita nova. Naufragou o navio na costa de Peniche, perdendo-se as amostras do metal, os despachos e a maior parte da tripulação, mas João Furtado escapou, a como à corte parecesse suficiente a sua exposição verbal, imediatamente se embarcou para a Bahia quanto era necessário aos trabalhos de mineração.

1674

1675

Antes da chegada do navio morreu o descobridor, sem ter revelado a ninguém o lugar da mina, nem deixado o menor indício que pudesse guiar ao sítio. Não foi contudo inteiramente perdida a expedição, pois que se acharam ametistas finas, topázios imperfeitos e cristais de grande magnitude, mas a decepção e a não merecida censura que parece ter-se-lhe feito por haver induzido o governo a despesas sobre tão incertos fundamentos, de tal forma abateram os espíritos do governador que minando-lhe a saúde, o levaram à sepultura. Antes de expirar convocou o Senado da Câmara, os fidalgos e as autoridades consti-

tuídas, para lhe darem sucessores enquanto a corte não preenchia a vaga. Foram escolhidos o chanceler da relação e o mestre-de-campo e juiz da Câmara mais antigos (era este último um descendente de Caramuru), continuando depois todos três a governar conjuntamente.

Rocha Pita, 6, § 86-90

Criação de três bispados

1677

Não perdiam de vista em Lisboa os negócios religiosos do Brasil. Não podia a vigilância de um só pastor, diz Rocha Pita (6, § 99), bastar para um rebanho de tão inumeráveis ovelhas derramadas por tão amplo território. A Bahia, até agora única diocese, foi pois elevada à categoria de sé metropolitana, erigindo-se em bispados Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro. No ano seguinte chegaram quatro freiras franciscanas do convento de Santa Clara de Évora para estabelecer a sua ordem na capital da América portuguesa. Famílias nobres, que não tinham com que dotar convenientemente as filhas, queriam um convento em que pudessem, fechando-as, descartar-se delas, e sendo instituições destas sempre bem aceitas entre um povo carola, davam-se assim as mãos o orgulho e a superstição para solicitar a fundação de semelhante estabelecimento. Homens de mais juízo a isto se opunham, pelo fundamento de que numa colônia tão escassamente povoada e de tão prodigiosa extensão deviam ser prejudiciais todas as instituições que retardassem o progresso da população. Demoraram o mal, mas não puderam preveni-lo estas representações. D. Pedro, regente de Portugal, que se assentava no trono do irmão, desposando-lhe a mulher enquanto esse irmão vivia encarcerado, era um homem cuja consciência carecia dessas dormideiras que o papismo administra aos seus benfeitores, e por conseguinte autorizou-se a fundação de um convento de freiras na Bahia.

Ao chegarem as fundadoras não estava o edifício pronto para recebê-las, e ir residir em outra qualquer habitação, importaria quebra da santidade do seu caráter; ficaram pois a bordo enquanto se apenava quanto carpinteiro e pedreiro havia na cidade para pôr em três dias as celas e casas em estado de suficiente clausura. Tinham estas freiras vindo a expensas da Câmara, e a sua chegada foi um jubileu, chovendo sobre elas esmolas para se acabar o edifício. No fim de nove anos voltaram a Portugal, sendo acompanhadas com honras civis militares e religiosas até ao embarcadouro. Tinha-se limitado a cinqüenta o número das

professas, mas não tardou que se tornasse meio barato de recompensar serviços, permitir às famílias que os tinham, meter no convento uma filha ou irmã como supernumerária. São instituições destas receptáculos melhores que os hospitais de doidos para a maior classe que há de maníacos.[15] Mediante as modificações convenientes poderiam muito bem introduzir-se nos países protestantes, onde lucraria muito com elas a sociedade. Não serviram de asilo aos espíritos desvairados e corações despedaçados, mas ofereceriam um recolhimento decente a senhoras bem educadas. Freiras católicas porém, circunclusas pelo mágico círculo da superstição, e servindo de cárceres, a que se atraem ou onde se encerram à força as jovens e as entusiastas, são um label para o país que as sofre.

Roque da Costa Barreto governador

Encheu a junta dos governadores o termo de três anos, sucedendo-lhe na administração do Estado Roque da Costa Barreto. O primeiro sucesso do seu governo foi o estabelecimento dos capuchinhos italianos na Bahia: o segundo acarretou longa série de conseqüências.

1678

O tratado com a Espanha, reconhecendo a independência de Portugal, respeitava-lhe também o direito a todas as possessões da monarquia portuguesa, Ceuta tão-somente excetuada, que não tendo sido restaurada lá ficou nas mãos dos espanhóis. Mas os limites das duas potências na sua conquista americana nunca tinham sido demarcados; enquanto debaixo do mesmo soberano os dois países, de pouca importância era a questão, que também nada significava andando eles em guerra, mas agora veio a paz ressuscitar imediatamente a dormente causa de contenda. Fácil fora ao Papa Alexandre VI dividir o ainda não descoberto mundo por uma linha traçada no mapa, mas quando de uma folha de papel a quiseram aplicar a todo o continente da América, aí acharam os mais hábeis cosmógrafos dificílimo determinar-lhe o curso. Ao norte do Equador estendiam os portugueses o seu domínio até ao Oiapoque ou rio Pinzón, nem por esse lado havia disputa na Espanha: ao Sul levaram eles as suas pretensões até ao Prata, opinião evidentemente arraigada quando se não contestava o ponto. No sertão tinham os paulistas feito dos limites pretexto, não causa das suas empresas contra as reduções, e foi no Paraguai e São Paulo que primeiro

Questão dos limites do Brasil

Fundação de Nova Colônia

se sentiu a importância da questão. Julgou a Corte de Portugal dever segurar a parte contestável da costa, e o novo governador do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo, trouxe instruções para formar um estabelecimento sobre a margem esquerda do Prata, erigindo um forte para defesa do mesmo. De Lisboa se mandaram colonos, cujo número foi reforçado no Rio de Janeiro por alguns indivíduos indigentes e criminosos,[16] e depois de curta demora na sua capital, seguiu o governador a dirigir e apressar o andamento das obras.

Rocha Pita, 7, § 6. Silvestre Pinheiro, p. 11

Inquietação dos espanhóis

Recebeu D. Filipe Rege Corbulon, governador do Paraguai, a primeira notícia desta expedição, quando era desconhecido ainda o fim da mesma: dizia-se vir ela com o destino de ocupar ou as ilhas de S. Gabriel, ou algum ponto do país adjacente, enquanto uma força de terra atacaria ao mesmo tempo as reduções de Paraná e Uruguai, interceptando assim os socorros a Buenos Aires. Tal intenção não existia, mas facilmente devia acreditar o boato quem tanto havia sofrido dos paulistas. Despachou Corbulon imediatamente um correio ao governador do Prata, D. José de Garro, e outro às reduções do Paraná. Destas últimas soube, que se não deviam recear ser apanhadas de surpresa, também não estavam em estado de resistir a forças regulares. Porquanto, embora os jesuítas houvessem levado a melhor na sua disputa com Cárdenas, nem por isso tinham deixado de produzir algum efeito os freqüentes memoriais do bispo, e as teimosas acusações do seu procurador Villelón, ajudados ambos pelo partido que se opunha a quanto podia melhorar a sorte dos indígenas; de modo que por ordem da corte foram tomadas aos guaranis as armas de fogo, de que se lhes havia permitido o uso, e depositadas no arsenal da Assunção, para lhes serem entregues quando chamados ao serviço d'el-rei, ou ameaçados pelos paulistas. Tinha sido revogada esta ordem, mas entretanto haviam desaparecido a maior parte dos mosquetes, de modo que na presente conjuntura apenas se puderam distribuir 260 por todas as reduções, não tendo as tropas do Paraguai, poucas como eram, os precisos para seu uso. Elevaram-se contudo ao posto de mestres-de-campo dois carregadores dos guaranis, ordenando-se-lhes que fizessem sair desta três colunas de quatrocentos homens, subindo uma o Paraná em canoas ligeiras, enquanto a outra seguia por terra na direção de S. Paulo, sem dúvida com a maior cautela;

1661

1678

nenhum movimento hostil se descobrira por que nenhuma hostilidade se meditava. A terceira dirigiu-se à costa do mar, alcançada a qual, foi seguindo para o sul; perto do cabo de S. Maria topou ela com um troço de portugueses naufragados pertencentes a um navio, que tinha sido enviado ao Rio de Janeiro adiante da armada, e cujo capitão marchava agora com oitenta homens ao longo da praia para o lugar do seu destino.[17] Considerando todos os portugueses como seus inimigos naturais, queriam os guaranis vingar antigas afrontas passando todos à espada, mas obedecendo às ordens dos missionários contentaram-se com trazê-los presos para Yapegu ou Los Reyes, que ficando a umas quatrocentas milhas dali, era todavia a redução mais próxima.

Chegados aqui requereu o capitão português que lhe fornecesse o reitor guias e meios de ir reunir-se ao seu general, que constava ter chegado com a armada às ilhas de S. Gabriel. Remeteram-no para o superior das missões, a quem ele por conseguinte escreveu, queixando-se do tratamento recebido, e recordando aos jesuítas que quanto à ordem a que pertencia era devedora aos reis de Portugal. Era Fr. Cristóvão Altamirano, o então superior, natural de Santa Fé, e descendente de um dos primeiros conquistadores do Paraguai, pelo que nenhuma predileção podiam sentir a favor dos portugueses. Respondeu pois que na verdade muito deviam à Companhia os reis de Portugal, mas que não menos à augusta casa da Áustria; que não lhe tocava a ele, simples religioso, decidir negócios de Estado, e que tinha Sua Majestade Católica em Buenos Aires um governador a quem de direito pertencia resolver sobre isto. Teve pois toda a partida de descer o Uruguai até Buenos Aires escoltada por quatrocentos índios. Ali foi recebida com muita cortesia, exceto fazer-se a escolta figurar na presença dos prisioneiros um combate simulado entre espanhóis e portugueses, sendo derrotados estes últimos. Terminadas estas festas declarou o governador cortesmente ao seu hóspede que sem quebra de dever não podia deixá-lo partir nem a ele nem a sua gente.

Charlevoix, 2, p. 187-9

Os portugueses intimados para evacuar o seu novo estabeleicimento

Entretanto chegara a expedição portuguesa ao porto do seu destino, lançando ali os fundadores de Nova Colônia. Ficava este estabelecimento exatamente defronte de Buenos Aires, onde as ilhas de S. Gabriel concorrem para abrigo de um porto capaz de admitir embarcações de

pouco calado. Enquanto as tropas guaranis marchavam para a fronteira despachara o governador espanhol um bergantim a reconhecer o rio. Examinou o capitão todas as enseadas e angras de Buenos Aires para baixo, esquecendo-se porém das ilhas de S. Gabriel, por não sonhar que houvessem os portugueses de ir estabelecer-se mesmo defronte da cidade. Voltou pois sem nada ter descoberto; mas alguns dias depois, uns homens que iam cortar lenha na margem do norte por detrás da maior destas ilhas, avistaram ali edifícios, correndo logo a dar disto aviso ao governador. Enviou este então um oficial a preencher a formalidade de perguntar quem eram os colonos, e com que intenções ou por que direito invadiam o território de Sua Majestade Católica. Respondeu D. Manuel Lobo que recebera ordem de ocupar aquele lugar, que pertencia, não à demarcação espanhola, mas à portuguesa. Mandou-o o governador castelhano intimar que evacuasse um terreno de que os reis de Espanha estavam de posse havia mais de um século, e convocou um conselho de todos os teólogos e legistas de Buenos Aires, propondo-lhes a questão da demarcação. Levaram estes um memorial a favor das suas próprias pretensões, corroborando-o com a autoridade de mapas holandeses, que juntamente com aquele arrazoado foram remetidos a D. Manuel Lobo. Apresentou este a seu turno um mapa português, e terminou a oposição de argumentos e autoridades por apelarem os portugueses para a sua própria Corte e resolveram os espanhóis interpor logo o último recurso. Para isto, enquanto o tribunal de Lima e Audiência de Chuquisaca proferiam sentenças sobre os limites, levantavam-se tropas em Tucumán e no Prata, reunindo-se nas reduções três mil guaranis com uma bem provida ambulância, quinhentas bestas de carga, outros tantos bois para transporte de artilharia, e quatro mil cavalos, que como o gado cornífero dos cafres deviam ser lançados contra o inimigo, se saísse este a dar batalha campal. Reuniu-se esta força indiana no Iapeiu, onde alguns oficiais espanhóis deviam tomar o seu comando. Ali aguardou muitos dias até que os missionários vendo que as provisões se iam rapidamente consumindo, e as moléstias principiavam a fazer estragos, resolveram seguir avante sem mais demora. Já duzentos homens ficavam mortos ou inválidos mas supriu-se-lhes a falta, aprontando-se ainda mais trezentos para completar as companhias conforme fosse sendo necessário. Em trinta jangadas embarcou um terço desta força no

Uruguai, enquanto o resto seguia pelas ribeiras, sem nunca se perderem de vista uns aos outros, para que pudesse ser recebido a bordo quem carecesse de descanso ou tratamento médico. Desta forma chegaram todos até três léguas da Nova Colônia, onde o mestre-de-campo D. Antônio de Vera Muzica assumiu o comando.

Charlevoix, 2, § 189-94

1680

Destes guaranis se compunha a maior parte da força de Muzica. Tinha ele mais uns mil e quinhentos homens, sendo trezentos espanhóis e o resto negros e homens de cor, nem parecera prudente tirar de Buenos Aires mais gente, não fossem os portugueses, por fazer diversão, acometer a cidade. Mas a guarnição portuguesa não contava mais de duzentos homens, divididos em quatro companhias, e as obras que ela em sete meses tinha levantado eram mais próprias para defesa contra os minanes (o que fora realmente o seu fim principal) do que para resistir a um assédio em regra. Mandou D. Manuel Lobo pedir socorro ao Rio de Janeiro, à Bahia e a Pernambuco mas o mais próximo destes pontos ainda era por demais remoto, nem o inimigo perdeu tempo em assaltar as frágeis fortificações.

Veio Garro em pessoa dirigir o ataque; curiosamente disparatadas foram as suas disposições, pois que queria tanger os quatro mil cavalos adiante das tropas para receberem a primeira descarga da artilharia inimiga, devendo os soldados correr à escalada antes que outra vez se pudesse carregar as peças; desistiu porém deste singular plano quando o mestre-de-campo dos guaranis lhe representou que os cavalos, em lugar de continuar a correr para as muralhas, haviam necessariamente de voltar atrás, e lançar-lhe em confusão a sua própria gente, proporcionando aos portugueses o melhor ensejo de fazer uma surtida e derrotá-lo. Foram os portugueses tomados de surpresa. Não pressentidos se aproximaram das muralhas os sitiantes antes do romper do dia, devendo assaltar simultaneamente a praça apenas se desse o sinal com um tiro de clavina. Mas um guarani, aventurando-se a subir a trincheira, achou a sentinela a dormir e cortou-lhe a cabeça, então outra, que por acaso velava, vendo isto, disparou a espingarda, e os guaranis, sendo ainda muito escuro demais para ver donde partia o tiro, tomaram-no pelo sinal, saltando logo as obras uma das suas colunas, comandada pelo cacique Inácio Amandau. Estando sobrecarregada, rebentou a colubrina, que contra

eles disparou a guarnição; dobrou isto o medo aos de dentro, correndo a maior parte a refugiar-se no forte e no armazém, enquanto outros procuravam nos botes alcançar algum dos navios ainda ancorados no canal. Um batel cheio foi capturado; atiraram-se os guaranis a nado contra o outro, que ia por demais carregado, de modo que facilmente o viraram estes anfíbios inimigos, afogando quantos levava. Não tinha porém o terror pânico destes fugitivos infeccionado os companheiros, e o resto dos portugueses portou-se de modo que não deslustrou a fama da sua nação. Jazia Lobo doente de cama, mas com heróico valor cumpriram os oficiais o seu dever, distinguindo-se onde todos eram distintos o capitão Manuel Galvão; ao lado lhe combatia a mulher, que, vendo-o cair, rejeitou o quartel que lhe ofereciam, recebendo a morte que buscava. Nem foi esta a única esposa que naquele dia quis morrer com o esposo. Tão desesperada defesa obrigou os guaranis a recuar, e teriam fugido, se o seu cacique e mestre-de-campo Amandau tanto às pancadas, como com rogos e ameaças, os não tivesse outra vez levado à carga. Afinal triunfou a multidão, não sobre os vivos, mas sobre os mortos, que dentre os portugueses dez apenas respiravam ainda, contando o governador, que estava de cama. Postaram-se os nove sobre um rochedo na praia, posição assaz defensável para dar-lhes tempo de capitular, salvando as vidas. A muito custo puderam os espanhóis evitar que os guaranis assassinassem o governador no seu leito, tão de coração tinham estes sido ensinados a odiar os portugueses. Mandaram-no com os outros prisioneiros para Lima, onde morreu.

Silvestre Ferreira, p. 12. Rocha Pita, 7, § 8.

Charlevoix, 2, 195-8

Viu-se agora que serviço não haviam os jesuítas prestado à Espanha formando as reduções; delas saíra a força ativa para esta expedição e sem a menor despesa da parte do governo. Choveram sobre o provincial congratulações e cumprimentos, e o novo governador, D. André de Robles, que por este tempo chegou, sucedendo a Garro, propôs à Corte a fundação de uma redução nas proximidades de Buenos Aires. Foi aprovado o projeto e expediram-se ordens para tirar das reduções antigas umas mil famílias com que formar a nova, mas a instâncias dos jesuítas foi revogada esta ordem tão incompatível com o sistema deles e com o bem-estar da sua hierocrática república.

Entretanto chegaram ao Rio de Janeiro os reforços da Bahia e Pernambuco a caminho para Nova Colônia, mas já ali acham notícias da tomada deste posto. Devolveu-se agora a disputa para os gabinetes de Lisboa e Madri, o que na verdade se deveria ter feito antes de derramado o sangue. Nenhum dos dois governos desejava a guerra, pelo que resolveram nomear comissários que examinassem a questão e se estes não pudessem concordar, sujeitá-lo ao papa. Entretanto devia Nova Colônia ser provisoriamente restituída aos portugueses que a ocupariam, reputando-se o território disputado comum das duas nações, e os espanhóis de Buenos Aires com direito de caçar ali, pescar, apascentar o seu gado, cortar lenha, e fazer carvão, como costumavam antes da contenda.[18] Os comissários não concordaram e o papa nunca chegou a proferir sentença. Podia prever-se isto, e ambas as partes provavelmente o esperavam. Parece cada qual ter ficado satisfeita, uma com a posse que obtinha, a outra com a cláusula condicional da restituição, que lhe salvara a dignidade, sobre deixar-lhe o direito de renovar a todo o tempo as suas pretensões. D. Francisco Naper de Lancastro, que havia sido imediato de Lobo no comando, e com ele feito prisioneiro, teve ordem de ir reocupar a praça, em cuja defesa, posto que infeliz, se assinalara. Alargou este as obras, expulsou os selvagens do território circunvizinho, e pôs campos e quintais em florescente estado de cultura.

Rocha Pita, 7, § 13-14

1682

Entretanto expirara o termo do governo de Roque da Costa Barreto, de quem disse Vieira que deixava o Brasil mais pobre na bolsa, porém mais rico em bom nome do que muitos dos seus predecessores, tendo tido neste desinteresse tão poucos exemplos, como havia de ter imitadores, de modo que o tesouro que consigo levava nenhum risco corria dos perigos do mar, nem o consumiria o tempo. Sucedeu-lhe no governo-geral Antônio de Sousa de Meneses, o do *Braço de Prata*, assim chamado do precioso porém incômodo traste, que substituíra um membro perdido na guerra de Pernambuco: era de esclarecida linhagem e muito avançado em anos, esperando-se que pois não tinha filhos, não seria cobiçoso de riquezas. Infelizmente tinha em Lisboa travado relações de intimidade com Francisco Teles de Meneses, natural da Bahia, a quem o Conde de Óbidos tinha remetido preso para Portugal, e que absolvido ali, comprara por uma bagatela o cargo de alcaide-mor da

Bahia, pessoa a quem el-rei o conferira, abusando agora dele escandalosamente, de volta à sua cidade natal, para satisfazer vinganças privadas. Nem nascimento, nem posição, idade, ou enfermidades punham a coberto de indignidades, ultrajes e cadeia quem lhe incorria no desagrado, deixando-se o governador inteiramente dominar por este favorito insolente e despótico.[19] Muitas das pessoas mais gradas da cidade foram lançadas na enxovia, e outras somente escaparam refugiando-se no colégio dos jesuítas, que gozava das imunidades de santuário.

Tinha um fidalgo baiano feito a um sobrinho do alcaide uma dessas ofensas que podem provocar um desafio nos países em que anda em moda o duelo: em Portugal e seus domínios vingam-se estas afrontas com assassinatos, e a parte ofendida postando-se (a conselhos do tio, um dos primeiros magistrados da cidade) com alguns sequazes armados numa casa por onde Antônio de Brito devia passar, fez fogo sobre ele e o irmão. Penetraram os dois irmãos resolutamente na casa, expeliram os covardes assassinos, e obrigaram-nos a buscar asilo, saltando um muro, no recinto do colégio. Mas Brito ficou com um braço quebrado, de que nunca mais pôde tornar a servir-se perfeitamente. Era uma rixa velha esta; novos agravos tinham vindo exasperar o já inveterado ódio e Brito resolveu satisfazer ao mesmo tempo o sentimento geral e o próprio espírito vingativo, dando a morte ao alcaide. Foi Francisco Teles avisado por uma carta, em que se lhe dizia, que, se prezava a vida, não saísse de casa aquele dia. Foi ele mostrar a missiva ao governador, que lhe ofereceu uma guarda, mas confiando nos seus amigos, e no terror que a sua autoridade incutia, recusou-a o alcaide. Mal deixara contudo o paço quando se viu acometido por oito homens mascarados, que lhe fizeram fogo sobre os criados, matando um e ferindo outro, e como ele se erguesse no palanquim, ou fosse para fugir ou para defender-se, aproximou-se Brito, e arrancando a máscara, para que Francisco Teles visse de quem lhe vinha o golpe, apunhalou-o mortalmente no pescoço. Embeberam-lhe os outros assassinos em diferentes lugares os ferros, e pausadamente se dirigiram para o colégio dos jesuítas, mostrando Brito o rosto descoberto como quem se gloria do seu feito. Viu-se então a cidade lançada em estado de terrível anarquia. Indignado, com razão, deixou-se o governador contudo arrastar pelos impulsos cegos da paixão, respei-

tando tão pouco a lei e a justiça, como o fizera o criminoso que ele buscava.

Apesar de se ter o chefe dos assassinos ostentosamente portado como quem estava firmemente convencido de que praticava umas ações denodadas, honrosas e meritórias, mandou o governador, por uma suspeita, que numa antiga inimizade da sua parte tinha o único fundamento meter incomunicável num cárcere o secretário de Estado, Bernardo Vieira Ravasco. Gozava este dos foros de honradíssimo, sendo, dizem, o homem mais hábil tanto no Brasil como na mãe pátria. Era irmão do Padre Antônio Vieira, que após alguns dissabores e muitas vicissitudes de fortuna, voltara ultimamente ao Brasil, a passar na Bahia o resto de seus dias. Orçava o jesuíta agora entre os setenta e oitenta anos de idade, estava quase cego, e tinha também débeis os outros sentidos, bem como a memória, mas a inteligência clara e vigorosa como sempre. Este homem, tão venerável por suas virtudes, como por seus cansados anos, muitos serviços, e abalizados talentos, o orgulho da sua ordem e da sua pátria, foi ter com o governador mal soube da prisão do irmão, dizendo que vinha a pedir uma graça, em que lhe parecia prestar um serviço recebendo favor, pois que era matéria de justiça e de consciência. Sem esperar ouvir mais, caiu o governador num acesso de raiva respondendo, que apesar de não ser jesuíta, tinha melhor consciência do que ele, e também acreditava em Deus melhor do que ele; e com o maior vitupério que o rancor podia sugerir ao coração de um português, insultou Vieira com chamá-lo judeu. Redargüiu tranqüilo o ancião que em régios paços tinha sido tratado com linguagem muito outra não pelo seu merecimento mas em atenção ao hábito que trazia. Provocou esta resposta nova torrente de indignidades, que terminaram por lançar o governador fora da porta o padre, proibindo-o de tornar a pôr-lhe ali os pés. Coroou Antônio de Sousa a sua injustiça, queixando-se para Lisboa de que o Padre Vieira o insultara, e asseverando agora que por ele e os demais jesuítas havia sido concertada no colégio a morte do alcaide, no conselho de assassinos a que assistira Ravasco.

Rocha Pita, 7, § 15-25. Cartas de Vieira, 2, 305-11. A. de Barros, 4, § 144-66

Envia a cidade as suas queixas a el-rei

Achando-se deste humor estendeu o governador um cordão de soldados à roda do colégio, entrava nas casas dos moradores de noite, e quando Deus queria duas vezes na mes-

ma noite, se imaginava estar ali acoitado alguém que ele queria prender, e sob a menor suspeita, com pretexto de suspeita, perseguia pessoas cuja inocência era notória com a tirania do perseguidor. Tornou-se isto afinal intolerável. Um vereador (dos primeiros fidalgos da Bahia), que tinha sido preso pelo governador, exautorado e declarado incapaz de exercer mais cargo algum, foi enviado como deputado a Portugal, para em nome da cidade impetrar remédio perante o trono. Acompanhou-o Gonçalo Ravasco de Albuquerque, filho do secretário, e iludindo ambos os guardas postados para impedir-lhes o embarque, fizeram a viagem a salvamento.[20]

Antes deles tinham chegado as queixas do governador, pelo que os acolheu o rei terrivelmente, manifestando o seu alto desagrado contra Vieira por haver insultado a primeira autoridade do Brasil. Ao receber esta notícia, puderam o pesar e a indignação mais que o velho, que no mesmo dia foi presa da febre e do delírio. Curou-o porém uma carta do seu amigo constante o Duque de Cadaval. Possuía Vieira ainda amigos fiéis na Corte, apesar de não ter já valimento com um príncipe ingrato; não lhe faltaram eles nesta necessidade, e a representação do Estado da Bahia veio com força tal e de tal autoridade, que o Ministério, que havia dois anos era surdo aos gritos da Bahia, abriu afinal os ouvidos. Geral era na verdade o descontentamento, ameaçando já fatais conseqüências: começavam até os cidadãos a sentir falta de víveres, por não querer a gente do campo levar os seus produtos nem para a propriedade. Não se podia duvidar de que alguma comoção séria não tardaria a rebentar, se D. Pedro, que pela morte do recluso irmão se tornara agora rei de fato e de direito, não tivesse enviado para ali como governador o Marquês das Minas, D. Antônio Luís de Sousa Teles de Meneses, nomes que atestam a sua descendência de três das mais ilustres famílias de Portugal. O título de que usava tinha sido prometido ao seu avô Francisco de Sousa, quando Robério Dias o solicitava, crendo-se que a injusta preferência dada ao governador sobre o descobridor, levava este a frustrar as esperanças do homem que lhe interceptara uma honra reputada devida, e da corte que lhe recusara a merecida recompensa. Era porém recordada a antiga promessa como importando um tal ou qual direito para a família dos Sousas, e no fim de um intervalo de oitenta anos fora ela realizada (1670) na

O marquês das Minas governador

Caetano de Sousa, *Memórias dos Grandes de Portugal,* **p. 161**

pessoa do neto de Francisco, cujo filho, o segundo Marquês das Minas foi agora nomeado para render Antônio de Sousa antes de expirado o termo do seu governo.

Removido o agravo público abateu também o público descontentamento, mas os indivíduos tiveram de passar por todos os vexames e protraídas misérias dos vagares de um processo. O sindicante, que acompanhara o novo governador, trouxera consigo alguma coisa dos preconceitos e injustiças do antigo. Sobre provas só originadas na malícia achou culpas em Ravasco e tirou-lhe o ofício, chegando até a desobedecer a uma carta d'el-rei, que o mandava absolver desta iníqua e infundada acusação. No mesmo espírito condenou ele também Vieira, indicando-o aos seus superiores como um criminoso que deviam punir, mas esses superiores só manifestaram indignação contra esta abominável perversão da justiça. Foi o caso novamente ventilado perante um tribunal competente, ficou a inocência dos dois irmãos plena e fundamentalmente reconhecida pela Corte, e o geral da ordem, como para mostrar a opinião que a Companhia formava de Vieira, nomeou-o visitador da província.

André de Barros, 4, § 172-185

Peste no Brasil

1686

Mal principiara a Bahia a gozar de uma administração regular e benigna, quando se viu invadida pela peste.[21] Principiou a epidemia pelo Recife, onde ceifou mais de duas mil vidas, não tardando a alcançar Olinda e derramar-se pela várzea. À Bahia chegou o contágio juntamente com a notícia dele.

Aqui morriam de vinte a trinta pessoas diariamente, e dentre as duzentas que adoeceram num dia, apenas duas escaparam, tão geralmente mortal era a moléstia. Uma única casa não passou sem ter algum doente, e algumas ficaram inteiramente desertas. No campo nem foi tão geral nem tão destruidora a peste. Atacava ela exclusivamente a raça branca e entre esta particularmente os marítimos; eram pela maior parte europeus e talvez indivíduos e famílias se achassem mais ou menos expostos conforme estivessem também mais ou menos aclimatados. Muitos anos ia depois de ter a moléstia deixado de ser endêmica, ainda caíam vítimas dela estrangeiros que de outros países ou do sertão vinham a qualquer das cidades em que havia raivado o flagelo. Quanto mais ro-

busto o doente, mais segura a morte. Viam-se as ruas cheias de saimentos, e abarrotadas de mortos as igrejas, até que afinal não havia já quem acompanhasse o sacramento às casas dos moribundos, costumes que nos países católicos ajuda tanto a propagar o contágio, como nos maometanos o fatalismo.

Mostrou exemplar generosidade durante esta terrível visitação o Marquês das Minas; seguia o sacramento ao leito dos que estavam a expirar, acompanhava à sepultura as vítimas que eram de boa família, e onde tais distinções honoríficas seriam menos aceitas, deixava dinheiro em quantias avultadas atrás do travesseiro do doente. D. Francisca de Saúde, viúva opulenta, abriu a sua casa como hospital quando a Misericórdia não pôde mais conter os acometidos, alimentou-os à sua custa e tratou-os em pessoa; uma carta do rei, reconhecendo esta heróica caridade, pareceu galardão suficiente. Achando-se isentos do contágio os negros e todas as raças mistas, não se experimentaram esses horrores com que da falta de quem trate dos doentes vem na Europa agrava tão cruelmente estas calamidades.

Depois de reconhecida a ineficácia da medicina, e de terem muitos médicos caído vítimas da moléstia ou da inabilidade da sua própria arte, resolveu-se chamar um santo. Recaiu a escolha sobre S. Francisco Xavier, que do colégio dos jesuítas foi levado em procissão pelas ruas e praças da cidade, e como por este tempo já declinasse a epidemia, gasta a própria força e preenchidos os seus fins, ninguém duvidou de que fosse isto devido à intercessão do santo. Nomeou-o pois a Câmara com aclamação do povo padroeiro principal do Estado: requereu em devida forma a aprovação da mesa de Roma, a quem incumbem estas matérias, e sendo a nomeação confirmada por influência do Cardeal Carpenha, conferiram-se ao santo escolhido todas as prerrogativas e privilégios que a constituição do Papa Urbano VIII confere aos santos desta categoria. Desde então tem S. Francisco Xavier sido o padroeiro da Bahia[22], celebrando-se-lhe ali anualmente a sua festa a 10 de maio, aniversário do dia em que a sua imagem levada em procissão pôs termo à peste, segundo a crença em que uma Igreja idólatra e embusteira tem mantido um povo supersticioso e iludido.

Rocha Pita, 7, § 33-46

NOTAS DO CAPÍTULO XXVIII

1 Trata-se de Francisco Barreto de Meneses, que se notabilizara na guerra contra os holandeses, em Pernambuco. Foi governador-geral do Brasil de 15 de junho de 1657 a 24 de junho de 1663. (L. A.)

2 Textualmente de Rocha Pita, *América Portuguesa*, 1, 6, § 8.

3 Esta repartição nos ofereceria um bom padrão por onde aferir o estado relativo das diferentes capitanias, mas Rocha Pita a não refere, e é ele a única autoridade.

4 O Estado do Maranhão fora criado, desde 1621, pela Carta Régia datada de 13 de junho desse ano, tornando-se independente do Estado do Brasil. Abrangia as capitanias mais setentrionais, isto é, as do Pará, Maranhão e Ceará. O primeiro governador, Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, somente fora nomeado em 1623. Apenas em 1626 chegou ele a São Luís para tomar posse do cargo. (L. A.)

5 O fundador da cidade do Rio de Janeiro foi Estácio de Sá, em 1565, sobrinho do Governador Mem de Sá (1556), no local denominado Morro Cara de Cão, logo à entrada da baía da Guanabara. Em 1º de março de 1567 a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, expulsos os franceses, foi transferida para o morro do Castelo. Estácio de Sá morreu no dia 20 de fevereiro de 1567 por ferimento recebido na tomada de Urucumirim e foi sepultado no arraial por ele fundado. (L. A.)

6 Depois de uma longa estada em Lisboa envolvidos na complicada teia judiciária foram os procuradores do povo fluminense absolvidos, e regressaram à sua cidade natal trazendo aos peitos as veneras da Ordem de Cristo que lhes concedera D. Pedro II ainda então príncipe regente. (F. P.)

7 Pedimos ao leitor que tome nota desta sincera homenagem que à nossa santa religião rende um protestante, cujas injustiças para com ela temos tido por vezes ocasião de retificar. (F. P.)

8 *Tobatinga* significa *rosto branco*, e da descrição que da costa faz o *Piloto do Brasil* se vê a propriedade do nome. "Demandando o Brasil na monção de setembro, deve-se fazer terra na latitude de l2º sul. Distingue-se esta terra por bancos de areia ao correr da costa, *que parecem estendedouros de lençóis.* Pimentel, pág. 281. *Piloto do Brasil,* pág. 5. Também Pyrard (Part. 2, pág. 197) diz desta terra *fort blanche et paroist comme des draps es der toiles que l'on seiche, ou bien de la neige; c'est pour cela que les Portugais l'appellent la terre des linceuls.*

9 Jaboatão (*Preâmbulo.* Digr. 4. Est. 5, § 75) traduz Boipeba por *cobra espalmada*, nome significativo que mostra não terem sido uma raça estúpida os selvagens que o puseram.

10 Corrupção de Aracajuru, *vaso e casa do sol*, porque é sobre seus píncaros que do mar se avistam os primeiros raios deste astro (Jaboatão,. Preâmbulo, 4, 5, § 79, outro exemplo do tão figurado idioma dos indígenas.

11 Erigia-se em cima do Morro, lugar mais elevado da ilha, uma ermida de Nossa Senhora da Luz, mas padeciam muito os obreiros por falta de água, e o bom ermitão Simão

Barreto entendeu que não havia melhor meio de remediar este mal do que rezar a Nossa Senhora, em cujo serviço se trabalhava. Concluída a oração, foi ele passar pelo viso do Outeiro, e tomando logo com um terreno úmido, arrancou umas poucas de espadanas, descobriu as folhagens e com alguma pouca terra, que tirou, via brotar ao mesmo tempo um cristalino olho-d'água, fonte perene e milagrosa, que veio a ser remédio soberano contra moléstias! Acabado o edifício por fora, não se podia aprontar e ornar o interior por falta de dinheiro; mas a deusa já tinha sido encomendada, o carpinteiro trouxera-a, fora ela pintada e vestida, e achava-se por entretanto no alverge do ermitão, à espera de sua instalação quando se aprontasse o altar. Neste apuro recorreu Fr. Simão a ela, como era natural. *Senhora*, disse, *o dinheiro é consumido, o vosso devoto e benfeitor não pode haver outro tão cedo, e assim, se vós quereis ir logo para a vossa casa, dai-nas o com que a preparemos, que não parece bem estar acabada a vossa capela, e vós aqui veste meu indigno e indecente palheiro!* Depois desta razoável representação a Nossa Senhora feita de joelhos, como convinha, levantou-se o frade e todo o dia andou passeando pela praia à procura de âmbar, até que voltando para casa já noite, achou um pedaço de mais de quatro arráteis de peso, cujo produto deu para o que era preciso.

Era este bom *ermitão* um adepto na sua arte. Em 1628 tinham aparecido fora da barra, como ameaçando a ilha, alguns navios holandeses, destacados de uma esquadra, que cometera grandes depredações na costa; mas virando imediatamente de bordo tornaram a fazer-se ao mar, porque ao aproximarem-se parecera-lhes ver todo o Morro coberto de gente em forma militar que seriam mais de dois mil homens, *capitaneados sem dúvida pela imperatriz dos anjos, e rainha dos homens*. Não sabendo porém deste estratagema da deusa, tomou-lhe Fr. Simão a imagem de sobre o altar para salvá-la dos hereges, meteu-a com todos os seus ornamentos numa caixa, escondeu-a no mato, ocultou-se com ela, e ali passou a noite dormindo em cima da caixa, que fosse para dar quer para receber proteção. De manhã abriu a caixa para consolar-se com uma vista d'olhos de Nossa Senhora, mas achou-lhe o posto! Era certo que nenhum ladrão ali tinha vindo, não só por ser impossível ter alguém aberto a caixa sem que ele desse por isso, mas também porque todas as preciosidades tinham ficado. Adivinhando imediatamente o que sucedera correu à capela e ali encontrou a Magna Mater no seu lugar.

Igualmente alerta estava S. Antônio na Barra de Tobatinga, onde havia uma igreja matriz e uma vila, ambas sob a invocação dele. Apareceu a esquadra holandesa, e, como convém a bons católicos, foi o povo, antes fazer preparativo algum para a defesa, à igreja implorar o auxílio do seu santo português e patrono. Não era então S. Antônio comandante-chefe do exército português, posto que só mais tarde lhe foi conferido, aliás talvez se tivesse julgado obrigado a serviço pessoal, como S. Jorge e Santiago. Apesar disso esforçou-se de um modo não menos milagroso. Acudiu o povo a postos e com grande pasmo viu o inimigo recolher outra vez os botes, que já tinha deitado ao mar para desembarcar, virar as velas e fazer-se na volta do mar. Está visto que voltaram todos à igreja dar graças pela sua salvação, e ali viram S. Antônio a implorar o crucifixo; tinha-se ele abalado do seu lugar, e estendido de bruços sobre o altar aos pés do crucifixo, pedindo, *sem dúvida nenhuma*, para o seu fiel povo a salvação que efetivamente conseguira.

Parece ter havido também a intenção de pôr mais alguns santos em cheiro favorável no

Cairu. Por vinte anos depois da fundação da vila nas vésperas de S. Matias, começando à meia-noite até a madrugada, correndo do nascente para o poente, era ouvida uma deliciosa música de vozes e instrumentos acordes, que na suavidade e harmonia com que deixava suspensos e atraídos os que escutavam, bem mostrava ser composta de celestes coros. Invoca o autor em abono deste milagre à autoridade de um manuscrito que cita, e conclui assim: *Aquela celeste harmonia ou divino descante se deixou ouvir no decurso de mais de vinte os mais daquele povo; que naquelas horas queriam velar, homens, mulheres, eclesiásticos, e seculares, dos quais são ainda muitos vivos, e aquele regalado e mimoso povo não deixava de fazer-se pregoeiro de tão estupendo milagre, e de mercê mui singular, e pela qual faziam como podiam todos a uma vez, e cada um por si, mil atos de submissões e mortificações, compondo-se o estilo de vida mui ajustado com os ditames da razão: e tudo era naqueles princípios uma sã e santa doutrina, uma exortação contínua aos filhos, com grande freqüência dos sacramentos, e igual fervor, na celebridade das festas do Senhor, de sua Mãe Santíssima, e de seus santos, e assim iam saindo os filhos criados com dócil e boa inclinação; que é mui certo o nascerem os cordeirinhos, com as malhas das varas, que se deitam nos tanques, de que bebem os pais e mães.*

Da mesma forma teve S. Francisco Xavier aqui os seus fabricantes de milagres: havia na ilha uma capela com a sua invocação e por largo tempo viram os moradores da terra firme luzes verdes a mirar à volta dela em procissão. Jaboatão. *Preâmbulo*, Digr. IV; 5, § 81-6.

12 Do contexto se vê que devia esta igreja ficar na terra firme, e assim quando Rocha Pita fala em vila neste lugar, deve ter querido dizer distrito ou termo.

13 A relação de Jaboatão (*Preâmbulo*, Digr. 4. Est. 5, § 93) difere da de Rocha Pita e é muito menos provável. Diz ele que saindo da igreja vieram dar notícia a Barbosa de que os soldados da sua estância já ficavam mortos, advertindo-lhe se retirasse à igreja onde com alguns moradores que o acompanhavam podia fechar-e a fazer-se forte. Este porém respondera que sem soldados não havia capitão, e que aos seus havia de seguir, e levado deste absurdo pundonor (se tal nome merece) saiu a encontrar o inimigo e deixar-se fazer em postas. Rocha Pita, apesar de dizer expressamente que os selvagens sem nenhuma dificuldade teriam arrombado a porta penetrando na igreja, caso em que todas as mulheres teriam sido vítimas, não percebe que Barbosa recorreu ao único meio de evitar esta terrível catástrofe, e representa-o como sacrificando a vida a um falso brio, em vez de escutar a voz dos seus verdadeiros deveres.

14 Em breve tempo fundaram os dois audazes exploradores cinqüenta fazendas de criar gado; das quais vinte e quatro com setecentos e onze escravos pertencem hoje à nação. (F. P.)

15 Havendo por vezes advertido ao leitor da má vontade que contra nossa sagrada religião votava Southey deixamos passar sem protesto muitas das suas inverídicas proposições; devemos porém mui expressamente reclamar contra o juízo que acerca das instituições monásticas aqui forma; com completo esquecimento da sua manifesta utilidade e dos viços que lhe deve a humanidade. (F. P.)

16 Charlevoix diz que no Rio se apresentam quatorze navios para grande expedição, para a qual tinha vindo de Portugal a flor das tropas.

17 Para Buenos Aires, diz Charlevoix, onde o capitão supunha que se ignoravam ainda os desígnios dos portugueses. Parece este autor ter perdido de vista, que segundo o modo por que ele se figurou as coisas teria isto sido da parte do capitão entregar-se à prisão a si e a sua gente, bem como ter esquecido que no caminho ficava o rio da Prata.

18 Não conheço nenhuma relação espanhola destas questões. A história dos jesuítas, que neste caso é também a dos espanhóis da América, é referida por Charlevoix, cuja exposição difere *toto coelo* da de Rocha Pita e Silvestre Ferreira da Silva. Afirmam estes que D. Pedro exigira imediata satisfação da Corte de Madri, e ameaçara com a guerra se lha não dessem, indo ele em pessoa comandar o seu exército; que o exército efetivamente se aprontara, e que à vista disto enviara Carlos II o Duque da Giovenazzo como embaixador extraordinário a Lisboa, onde concluíra um tratado, obrigando-se a restituir Nova Colônia aos portugueses, com tudo quanto lhes havia sido tomado, e prometendo castigar exemplarmente o governador de Buenos Aires pela ofensa cometida. Não teve porém lugar este castigo a pedido do governo de Portugal. (*Relação do Sítio de Nova Colônia,* p. 14-16. *América Portuguesa,* 7, § 9-12.) Tudo isto nega Charlevoix, afirmando que o regente D. Pedro apenas requisitara da corte espanhola permissão para ocupar Nova Colônia como posto onde os navios portugueses se abrigassem do mau tempo ou piratas; que isto se concedera como favor, com a condição de que continuaria o território a considerar-se espanhol; que nunca residiriam ali mais de quatorze famílias portuguesas; que as casas seriam de madeira e cobertas de palha, e que ali se não plantaria forte algum; finalmente que o governador teria a todo o tempo direito de inspecionar o lugar e os navios que ali entrassem. Entretanto deviam os comissários examinar, se tinham ou não os portugueses direito de formar estabelecimento sobre o Prata, ou sujeitar-se-ia a questão ao papa. Além disto deviam portugueses restituir 300.000 índios, e todo o gado que das reduções haviam levado os paulistas. Igualmente exageradas são estas contraditórias asserções que em si mesmas trazem o mais evidente e ridículo cunho de parcialidade. Tenho em meu poder alguns manuscritos a respeito de Nova Colônia (pois resmas se têm escrito sobre esta questão) e deles coligi uma relação mais crível e mais coerente.

19 Esperava-se que a chegada do arcebispo mitigasse esta tirania, mas diz Vieira que bem sabia o prelado que *entre os milagres de Cristo nenhum se lê que curasse doidices*, e apesar de muito amar as suas ovelhas, tardou a desenganar-se de que não era o cajado do pastor para defendê-las do lobo. *Cartas*, t. 3.

20 *Esta frota vai mais carregada de queixas que de caixas*, foi então trocadilho popular.

21 Rocha Pita diz que os sintomas desta enfermidade variavam muito... dores agudas de cabeça, ou nenhumas; calor úmido ou febre violenta; tranqüilidade de espírito ou desassossego e delírio, os doentes morriam no terceiro, quinto, sexto, sétimo ou nono dia, poucos porém no primeiro ou segundo, o último sintoma era ordinariamente o vômito de sangue. Puseram os brasileiros à moléstia o nome de *bicha*. Um navio de guerra francês, *l'Oriflamme*, procedente de Sião, com os destroços dos estabelecimentos que se tinham formado em Merguy e Bancok fez escala pelo Brasil apanhou o contágio, e importou-o na Martinica, pelo que o chamaram os franceses *Mal de Siam*. Labat (*Voyage aux iles de l'Amérique,* t. 1, p. 72-4) descreve-o como principiando por in-

tensas dores na cabeça e cadeiras; a febre era ou muito forte ou externamente imperceptível. Nisto concorda ele com Rocha Pita: por todos os canais, diz ele rebentava o sangue, às vezes até pelos poros da pele, e nos sovacos e virilhas se manifestavam inchações, umas vezes cheias de sangue negro coagulado e pútrido, outras de vermes. *Quelquefois on rendoit des paquet de vers de différents grandeurs et coleurs par haut et par bas*. Labat viu a moléstia chegando ele mesmo a tê-la com bastante força; o autor português escreve apenas o que ouviu referir um século depois. *Ce que cette maladie avoit de commode,* diz P. Labat *c'est qu'elle emportoit les gens en fort peu de tems; six ou sept jours tout au plus termino ent l'affaire*. Conheceu ele porém duas pessoas que só sucumbiram no fim de quinze dias de luta, e uma que se restabeleceu depois de vinte e dois. Indivíduos que não tinham sentido sintoma algum, além de uma ligeira dor de cabeça, caíam mortos no meio da rua, e em quase todos os casos tornava-se o corpo preto e pútrido imediatamente depois da morte. Havia então (1694) guerra entre a França e a Inglaterra; os prisioneiros ingleses que os flibusteiros, diz ele, faziam todos os dias levaram para as suas ilhas a oeste, que assim se comunicou às colônias holandesas e espanholas.

Tinha sido precursor de contágio o que Rocha Pita chama um tremendíssimo eclipse da Lua, visto com horror na Bahia e Pernambuco. Descreve ele este eclipse como vermelho e ardente na aparência *como se toda a região do fogo estivesse concentrada no orbe da Lua*. Também tinha havido alguns meses antes um eclipse solar, em que o príncipe dos planetas deixou ver uma nuvem ou mancha, que Fr. Valentine Extanchel, célebre astrólogo da Companhia de Jesus, chamou aranha do Sol. E sobre dois eclipses emitiu este religioso um parecer matemático num prognóstico que aludia à grande moléstia no Brasil. Passa então Rocha Pita a explicar, segundo a sua filosofia, de que modo podem eclipses produzir tais efeitos. As causas desta peste, diz ele, devem realmente procurar-se nos pecados do povo, que estava corrompido pela liberdade e pela riqueza do Brasil. Mas também se buscaram outras causas, e aquela em que mais geralmente se concordou foi esta: tinham vindo de torna-viagem de S. Tomé para o Recife uns barris de carne em estado tal que o tanoeiro que os abriu morreu instantaneamente. Na mesma casa morreram várias pessoas, e daí se derramou o contágio por toda a cidade. *América Portuguesa*, I. 7, § 32, 33.

Se o historiador tivesse lido as cartas de Vieira, teria provavelmente concedido alguma parte na calamidade a dois cometas vistos em 1684, um dos quais aparecia de dia, dividindo o sol em dois, e outro de noite com três estrelas na cauda: *só falta que vejamos algum sinal na Lua, para que se verifique o texto, Erunt signa in sele et luna et stellis*. T. 2, p. 320.

22 Era Francisco Xavier já santo tutelar de Navarra, Nápoles, todas as Índias Orientais e Palermo, o que, sendo ele santo tão moderno, não era pequeno adiantamento, e de fato prometia ele tornar-se tão grande pluralista como S. Pedro ou S. Jorge, que a este respeito são os mais eminentes de entre todos os santos. A Magna Mater porém excede-se a todos, sendo deusa tutelar de trinta e cinco Estados, cidades e regiões em particular e de todo o mundo em geral. Não tinha Xavier obtido ainda na Bahia a sua nomeação, quando o jesuíta Antônio Macedo escreveu o seu *Divi Tutelares Orbis Christiani: Opus singulare, in que de Sanctis Regnorum, Provinciaram, Urbium Maximarum Patronis agitur*.

. . . .

Capítulo XXIX

NEGÓCIOS DO MARANHÃO – OS JESUÍTAS PRIVADOS DA SUA AUTORIDADE TEMPORAL E OS FRADES ADMITIDOS A TOMAR PARTE NA ADMINISTRAÇÃO DAS ALDEIAS – NOTÍCIA DE MINAS NO RIO TOCANTINS: FRUSTRA-SE A EXPEDIÇÃO EM BUSCA DELAS PELA MORTE DO PAULISTA PASCOAL PAIS – CONSPIRAÇÃO CONTRA O GOVERNADOR PEDRO CÉSAR – D. GREGÓRIO DOS ANJOS PRIMEIRO BISPO DO MARANHÃO – RESTITUÍDO AOS JESUÍTAS TODO O SEU PODER. É A ESCRAVIDÃO AINDA UMA VEZ ABOLIDA – MONOPÓLIO – INSURREIÇÃO DE MANUEL BECKMAN E SEGUNDA EXPULSÃO DOS JESUÍTAS – GOMES FREIRE DE ANDRADE GOVERNADOR – SUPRESSÃO DA REVOLTA – BECKMAN ATRAIÇOADO E SUPLICIADO

1663

Negócios do Maranhão

ENQUANTO no Brasil estas coisas se passavam, era sede de muitas mudanças e distúrbios o mais jovem e turbulento Estado do Maranhão. Atentos os hábitos do povo, a sua infrene condição, e a falta da força da parte do governo para fazer-se obedecer muito tinha feito Siqueira, persuadindo-o a tornar a admitir os jesuítas: mas somente se lhes permitiram as funções espirituais, ficando suspenso o poder temporal até que a Corte resolvesse sobre este ponto, e entretanto trabalhavam os procuradores

do povo azafamados em Lisboa, pleiteando a causa da escravidão e da opressão. As suas alegações[1] e falsidades foram tenazmente combatidas pelo eloqüente Vieira cujos argumentos apresentados com a força da razão e o calor de um coração generoso, poderiam talvez ter tornado a triunfar, se uma dessas revoluções da Corte, a que estão sujeitos os governos absolutos, não tivesse privado do poder a rainha regente, pondo as rédeas do Estado nas mãos de seu filho D. Afonso VI, já então na verdade assaz maduro em anos para assumi-las, se a virilidade trouxesse consigo o siso. Foi Vieira incluído no desagrado em que caíram os amigos da rainha. Soltaram-lhe a Inquisição, e este detestável tribunal aproveitou-se da vantagem que lhe dava a inocente insânia do monarca para vingar-se dos antigos esforços de Vieira a favor dos cristãos-novos. Ganharam os partidários da escravidão e os frades os ouvidos do rei quando não havia ninguém que lhes descobrisse os desleais embustes, e no mesmo dia que confirmava o indulto geral outorgado por Siqueira, privara a Coroa os jesuítas da sua autoridade temporal sobre os índios, repartindo a administração espiritual entre as diferentes ordens religiosas, por ser justo, dizia ele, que todos trabalhassem na vinha do Senhor. Devia um membro de cada ordem por seu turno acompanhar as bandeiras de resgate, sendo-lhe vedado remir escravos para si mesmo nem para a ordem a que pertencia, assim como não podia a comunidade possuir escravos comprados nesta expedição senão um ano depois dela terminada, regra com que em vão se presumia evitar todo o conluio. Da mesma forma eram os funcionários civis proibidos remir escravos por conta própria. O alvará que concedia aos jesuítas permissão para residir naquele Estado debaixo destas condições, excetuava contudo Vieira, por não ouvir ao serviço d'el-rei que ele para ali voltasse. Terceiro alvará mandava restituir aos padres da Companhia suas igrejas e bens, declarando o rei proceder assim na sua qualidade de grão-mestre da Ordem de Cristo, a quem tocava o direito de apresentação, e em demonstração de quanto estava satisfeito com o bom comportamento dos jesuítas e zelo pelo serviço de Deus. Grassava por este tempo com fatal violência uma moléstia epidêmica entre os índios mansos,

Novas leis sobre os índios 12 de set. 1663

Berredo, § 1, 123-26

Uma partida de caçadores de escravos exterminada pelos índios

sendo mais afortunados os que pereciam do que os sobreviventes. Consolavam-se os portugueses com a esperança de que não lhes poriam mais restrições às caçadas de escravos, deixando-se-lhes os naturais à mercê como nos antigos tempos, e sem aguardar instruções do reino anuiu Siqueira a estes pios desejos. Uma destas missões de salteadores comandada pelo sargento-mor Antônio Arnau Vilela e acompanhada do mercenário Fr. Reimundo, subiu o Urubu, rio assim chamado das aves que lhe freqüentam as margens. Não tinham estes dois cabos nem gênio para ganhar confiança dos índios, nem prudência para se guardar de um povo ofendido e vingativo. Persuadiram-nos os caboquenas e guanevenas a que desembarcassem dando-lhes um destacamento que os acompanhassem ao sertão a trazer escravos. Fortificando-se com uma estacada, enviou Arnau dez soldados com mais de cem índios a esta precipitada diligência. Todo o destacamento foi trucidado. Então os astutos selvagens amarrando alguns dentre si, com eles se apresentaram diante da estacada, dizendo a Arnau que a sua gente comprara aqueles escravos e seguira avante em busca de outros. Recebeu-os o incauto comandante, e logo os índios caindo sobre ele mataram-no e a quantos não puderam alcançar os batéis. Passaram os vencedores com quarenta canoas grandes a investir outra partida na aldeia de Saracá, edificada ao pé de uma lagoa, de onde tirava o nome, que vai desaguar no Urubu: aqui porém foram derrotados com grande mortandade. Foi isto apenas o prelúdio de mais crua vingança.

Vingança tomada pelos portugueses

Teria Siqueira marchado em pessoa contra estes índios, se os seus deveres lhe permitissem ausentar-se por tanto tempo da sede do governo. Assim nomeou em seu lugar Pedro da Costa Favela, que embarcou com quatro companhias de infantaria e quinhentos índios em trinta canoas. Fazendo alto na aldeia dos tapajós sobre o rio do mesmo nome, ali engrossou esta força com a junção de muitas tribos aliadas, que tendo fugido diante das duas nações belicosas, contra as quais se dirigia a expedição de bom grado se reuniram a ela ávidas de vingança. Foi esta completa. Trezentas aldeias se queimaram, setecentos guerreiros foram mortos, e quatrocentos, que

Berredo, § 1 109-38. Manuel Guedes Aranha

caíram prisioneiros foram conduzidos em triunfo pelas ruas de Belém carregados de ferros.[2]

Suspende Siqueira as novas leis

1664

O alvará, que privava da sua jurisdição temporal os jesuítas, conferia-a às Câmaras, dando-lhes também o direito de nomearem para o comando das bandeiras de resgate de escravos. Posto que favoráveis às pretensões do povo, impunham estas leis contudo algumas peias à avareza e à rapacidade, pelo que não foram acolhidas sem algum descontentamento. Também Siqueira não ficou satisfeito com não lhe terem dado a nomeação dos comandantes, nem permitido enriquecer-se com o suor e sangue dos índios cativos, como seus predecessores tinham feito, e assim propôs que se adiasse a promulgação destes decretos, até se consultar de novo o agrado de Sua Majestade, mandando a Câmara de Belém procurador que sobre isto conferisse com os de S. Luís. Não estava porém disposto o povo de Belém a cooperar com os seus vizinhos, desgostoso por ver que o Maranhão, tendo dado o exemplo da expulsão, e tanto com ameaças como com persuasões obrigado os do Pará a segui-lo, como eles afirmaram a el-rei num memorial,

1664

fora depois o primeiro a conseguir na admissão da obnóxia Companhia. Neste ressentimento também tinha seu quinhão a inveja. Quando se repartiam os escravos, sempre se distribuíam ao Maranhão na proporção de cinco para um, o que aos paraenses ainda mais injusto parecia, por serem eles que forneciam canoas, víveres, guias e intérpretes para todas as expedições, pelo que queriam que os de Pernambuco e Rio de Janeiro o eram ao governo-geral do Brasil, tivessem todavia, como estes governadores subordinados, autoridade para obra segundo o seu próprio juízo, sem aguardar instruções de São Luís.

Opõe-se a Câmara de Belém aos desejos do governador

Achando-se deste humor, recusou o povo de Belém anuir à proposta de Siqueira, declarando-se satisfeito com a lei tal qual era. O governador, indignado com isto, suspendeu Francisco de Seixas do comando, por ter acoroçoado o povo na sua recusa. Nomeou-se novo capitão-mor e ficou

1666

a disputa serenada por algum tempo. Mas afinal convidou o procurador Adão Correia a Câmara a não tolerar por mais tempo a suspensão de lei tão benéfica para os interesses gerais. Convocou-se uma junta, para que foram convidados o capitão-mor e o ouvi-

dor, mas quando Correia propôs que desde logo se proclamasse e pusesse em execução a lei, achou-se em minoria. Seguros porém do apoio do povo, levantaram ele e o seu partido o estandarte real na grande festividade do Corpo de Deus, soltaram à força da prisão em que estava havia semanas o vereador, e proclamaram a lei em despeito do governador. Conheceu Siqueira quão imprudentemente era ocasião a este excesso, e com alguma perda de crédito transigiu na disputa, mandando promulgar a lei em ambas as capitais com reserva dos pontos obnóxios.

Berredo, § 1 139-49

Assim se achavam as coisas quando expirou o termo do governo de Siqueira. Dissimulação e astúcia, aplicadas a um fim louvável, lhe tinham valido no princípio da sua administração os foros de prudente[3]. Sucedeu-lhe Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, filho do primeiro governador-geral deste Estado Francisco Coelho, e donatário das vilas e Capitanias de Camutá e Cumá ou Tapuitapera. De caráter severo e maneiras ríspidas não dissimulou o novo governador quanto desaprovar o procedimento havido por Siqueira; deu-se este por ofendido, e ao embarcar para Lisboa enviou-lhe uma mensagem como, se a Deus aprouvesse dar-lhe a ambos feliz regresso a Lisboa, ali esperaria a satisfação que um soldado tinha direito de exigir de outro.

Antônio de Albuquerque governador

1667

Tinha Albuquerque trazido a confirmação das leis suspensas com a única alteração de que a distribuição anual dos índios seria feita pelo juiz antigo, não pela Câmara. Depressa se conheceu que, como os seus antecessores, não respeitava este governador as leis senão até onde requeria a própria conveniência. Cometeram as bandeiras de resgate de escravos excessos quais esses que Vieira trouxera à luz, e como o governador nomeasse por si mesmo os capitães que sob pretexto de expedições missionárias faziam por conta dele o tráfico de escravos e especiarias, saiu a Câmara de Belém (apesar de ré das maiores atrocidades) a campo a favor dos índios, principiando uma oposição contra ele em nome da humanidade! Começou por queixar-se unicamente dos que comandavam as entradas, procedimento moderado e legal, posto que bem se deixasse perceber contra quem se dirigiam as queixas. O ato seguinte tomou já o caráter de desafio pessoal. Convocou os principais dentre os índios reduzidos, para informá-los das modifica-

Questões com a Câmara de Belém

ções da legislação, e na presença deles notificou a Antônio de Carvalho, filho bastardo do governador e seu lugar-tenente em Cametá, que ficavam sujeitas ao mesmo regimento as aldeias desta Capitania. Valeu isto à Câmara uma áspera repreensão da parte do governador, mandando-a recordar que era Carvalho filho dele e Cametá sua propriedade e herdade.

1669 Tornando-se mais descontentes e no seu descontentamento mais audaz, o Senado acompanhou de queixas a congratulação que teve ocasião de dirigir ao regente D. Pedro. Também requereu ao governador que punisse os que em despeito das ordenações d'el-rei estavam oprimindo e escravizando os índios, e mandasse ordem de volver atrás às partidas, que enviara pelos rios acima. Não se atrevendo a indeferir o requerimento, afetou Albuquerque concertar com a Câmara medidas para fazer sair nova expedição com esta mensagem, enquanto em segredo lhe lançava tantos impedimentos no caminho, que a frustrou completamente.

Pretendeu também a Câmara que lhe assistia o direito de citar o governador perante o trono d'el-rei, onde fosse confrontado com um de seus vereadores ou dos seus juízes, como acusador, e obrigado a defender-se, e valeu-se do Duque de Cadaval para ajudá-la com a sua influência nesta pretensão extraordinária. Era o duque tão distinto por suas virtudes como pelo seu nascimento, e talvez a Câmara esperasse que o constante amigo de Vieira se interessasse também por ela, sendo a liberdade dos naturais o fundamento ostensivo das suas queixas. Igualmente acusou Carvalho perante o capitão-mor Antônio Pinto de Gaia, de crimes graves, exigindo que fosse preso, processado e remetido para Lisboa. Não que, vendo praticar um ato, que afetaria tão de perto o governador, apesar de que também motivos pessoais de queixa, recusou-se Pinto a figurar neste negócio, respondeu porém que se a Câmara encarregasse de efetuar a prisão de algum dos juízes ordinários, dar-lhe-ia ele auxílio militar, caso houvesse resistência. Acompanhou pois o sargento-mor a Cametá um funcionário civil. Fiado no poder do seu pai, riu-se Carvalho da citação, pelo que foi agarrado à força e conduzido perante a Câmara.

Ali foi acusado dos mais horrendos crimes, que pela maior parte confessou, declarando com pasmo do tribunal tê-los cometido por ordem de seu pai. Reduzida a escrita foi a confissão assinada pelo crimi-

noso. A Câmara deu ao pai parte do que fizera, acrescentando que iria por diante e observando maliciosamente que quem tão severamente punia delitos muito menores, não poderia deixar de louvá-la por haver-lhe seguido o exemplo. Refreou o governador a sua cólera, para com maior segurança dar-lhe largas a seu tempo, e aguardou que expirasse o termo do serviço dos vereadores, que mais ativos se haviam mostrado neste negócio, para então proceder contra eles como particulares. Chegada a ocasião, partiu secretamente para Belém, onde entrou de noite, mas andavam precatados os que o tinham ofendido, e fugiram a toda a pressa rio acima. No desespero da sua raiva perseguiu-os ele até Curupá, viagem de oito dias, porém debalde, e ao regressar a S. Luís teve de entregar o governo ao sucessor Pedro César de Meneses.[4]

1671

Berredo, § 1, 150-80

Pedro César governador

1672

Recebera o novo governador instruções para prover à defesa do Estado, caso algum dos armamentos que então se aprestavam na Europa fosse destinado a descarregar um golpe traiçoeiro sobre esta parte dos domínios portugueses. Doze meses se passaram, antes de chegar a notícia de ter passado o perigo imaginário, e durante todo este tempo para nada mais se pôde dispor das forças militares. A primeira diligência que depois se empreendeu foi toda humanitária. Não achando já conveniente atacar as reduções, postas agora em estado eficiente de defesa, tinham os paulistas dirigido para o norte as suas expedições, e as tribos do Tocantins, cruelmente perseguidas por estes tão desapiedados quão infatigáveis caçadores de homens, imploraram proteção de Belém. Saiu Francisco da Mota Falcão com uma força menos capaz de proteger os naturais de que o teria sido para guerreá-los, e tendo avançado algum espaço contra as dificuldades deste formidável rio, achou puxados à terra batéis que evidentemente não eram feitos por índios. Não tardou a saber-se que comandados pelo seu mestre-de-campo Pascoal Pais de Araújo andavam os paulistas a caçar as tribos do sertão, tendo já escravizado os guajarus, nação, que por haver com mais instância e urgência implorado proteção, fora com mais particularidade recomendada ao cuidado de Falcão. Mandou este pois uma carta a Pascoal Pais, dizendo-lhe que ficava o rio Tocantins dentro da jurisdição do Maranhão, por ordem de cujo governador viera ele proteger os vassalos de Sua Majestade, e lembran-

do-lhe que eram ambos súditos do mesmo príncipe, que tão terminantemente proibira todas as agressões desta natureza, pelo que lhe pedia uma conferência. Deu o paulista verbalmente uma resposta torta, respondendo pela mesma forma à segunda carta que quanto a encontrar-se com Francisco da Mota Falcão, nada tinham que tratar juntos, e que se alguém presumisse contrariar-lhe os planos a respeito dos tapuias, com ele havia de haver-se. Vendo Mota Falcão que o paulista se preparava efetivamente para hostilidades, julgou mais avisado regressar a Belém imediatamente.

Com isto justamente indignado preparou o governador expedição maior, capaz de impor a Pascoal Pais o merecido castigo. Tinha ela de ser destinada a mui diversa empresa. Porquanto estando já quase pronta a partir, chegou de Lisboa Antônio Raposo Tavares, padre do hábito de S. Pedro, comissionado para explorar o Tocantins em busca de minas, das quais tinha dado notícia Pascoal Pais de Araújo, o mesmo homem que o governador se dispunha a punir pela descarada e escandalosa violação das leis. Fossem quais fossem os sentimentos de Pedro César, nenhum alvitre lhe restava: ante a perspectiva da descoberta de minas todas as demais considerações deviam calar, e a expedição, aprestada contra o paulista, foi posta às ordens de Raposo para cooperar com ele. Prevalecia por este tempo a noção errônea de que nasciam do mesmo lago o Tocantins e o Prata. Na realidade ficam as nascentes daquele perto das do Paraná, e na mesma serra da Capitania de Goiás; as do seu ramo mais oriental o rio das Mortes, são exatamente no centro do continente, e as águas vertentes do outro lado das mesmas montanhas correm para esse labirinto de arroios e lagoas de onde tira o Paraguai a sua origem. Mas a corrente que mais água traz ao Tocantins é o Araguaí, que nasce nas serras Seiada e de S. Marta. Ao vir morrer no rio Pará, como agora se chama esse canal, a cuja margem Belém se assenta, é o Tocantins tão largo que de uma ribeira mal se avista a outra. Cheio de ilhas por muitas léguas acima da sua foz é ele de navegação extremamente difícil. Aqui se encontrava muita canela, madrepérola, pérolas, cujo valor até então se não tinha averiguado, mas que depois provavelmente se conheceu ser pequeno. É bom o clima por todo o curso deste rio, e o

Expedição ao Tocantins em busca de minas

Berredo, § 1 186-1 206. Manuel Guedes Aranha Ms. Coleção de Pinheiro, t. 6, nº 14. Manuel José de Oliveira Bastos, *Roteiro da cidade de Belém pelo Rio Tocantins*

Arari, um dos seus tributários, obtivera além do seu nome indígena e designação de rio da Saúde, passando suas águas por terem a virtude tanto de prevenir como de curar muitas moléstias. Não é o Tocantins dos maiores rios secundários do continente, mas por este tempo tinha fama de ser o mais rico em minas, nem era totalmente infundado o boato, pois que mais tarde se descobriram no país, onde ele nasce, algumas das veias mais produtivas. Encetou Raposo a sua viagem na firme esperança de descobrir novo Potosi, mas toda a sua confiança assentava em Pascoal Pais, e ao chegar ao lugar onde se devia encontrar com este aventureiro, só achou notícias da sua morte. Assim se frustrou a expedição.

Tranfere-se para Belém a sede do governo

Tinha Pedro César transferido a sede do governo de São Luís para Belém, sendo mais favoravelmente situada esta cidade tanto para reunir os produtos naturais do país como para prosseguir na descoberta do sertão. Posto que homem da maior prudência e brandura, não tinha podido conciliar inteiramente os descontentes que seus predecessores haviam feito. Era ainda a lei de 1663 o pomo da discórdia: o governador, a quem as restrições dela cercavam o patronato e os emolumentos, queria prolongar-lhe a suspensão o mais possível enquanto que por outro lado o Senado e o povo estavam ansiosos por vê-la publicada. Afinal, em manifesto despeito do governador, promulgou-a a Câmara por própria autoridade. Furioso com isto mandou Pedro César imediatamente prender dois vereadores, e a bordo de um navio que estava a dar à vela, remeteu-os para Lisboa.

4 de dez. 1677

Não se impôs mais castigo algum, mas a Câmara recebeu uma áspera repreensão do rei que ao mesmo tempo lhe estranhava a prática de chamar o governador ao Senado por qualquer motivo leve, visto não lhe assistir semelhante direito e ser tal prática desconhecida nas outras colônias sobre derrogar a autoridade e regalias de um cargo que representava a pessoa real. Quando em algum negócio grave se convocasse clero, nobreza e povo, então sim devia o governador assistir, não a chamado da Câmara, mas para com a sua presença melhor autorizar as deliberações que se tomassem. Em casos de menor momento, se ele a exigisse devia a Câmara ir em corporação ao palácio do governo.

Manuel Guedes Aranha. Ms.

Três anos eram decorridos desde que a Câmara cometera esta ofensa, e Pedro César, cuja administração

em geral tinha sido popular, acreditava ter-se conciliado a boa vontade de todos os partidos e todas as pessoas, quando o jesuíta Fr. Francisco Veloso o veio avisar de que se tramava uma conspiração contra ele. Tinham-no convidado para uma comédia que devia representar-se à porta do convento de Nossa Senhora das Mercês, na tarde do dia de S. Romão Nonato, e ali havia de ser agarrado. Entravam na tramóia alguns fidalgos, mas *davam calor a tudo muitos religiosos e eclesiásticos, como sucede comumente nestas diabólicas assembléias*, diz Berredo (§ 1 210). Era bem fundado o aviso, pois que um dos conspiradores mesmo revelara a trama. Recolhendo-se imediatamente à fortaleza, reuniu ali Pedro César as tropas no maior segredo que pôde, e tentou surpreender os cabeças dos conjurados. Os frades esconderam uns e deram escapulida a outros. Perseguindo os criminosos, encontrou-se o ouvidor com o vigário da igreja matriz Fr. Antônio Lameira da França[5], e o irmão, ambos implicados na conspiração: o vigário, não se contentando com insultar o ouvidor, puxou da navalha para ele, mas ia o ministro da Justiça munido de uma pistola que apontou ao peito do birbante, fazendo-os logo prisioneiros ambos sem mais resistência. Manuel Guedes Aranha, homem de boa nota, cujos papéis lançam muita luz sobre esta parte da história, perseguiu por água alguns criminosos que afinal lhe escaparam, saltando para terra e metendo-se às matas. Muitos contudo foram presos, sendo uns degradados para Curupá, e os três, que pareceram mais culpados, remetidos para Portugal. Ainda se andava em busca dos outros réus quando após um governo de sete anos foi Pedro César rendido por Inácio Coelho da Silva.[6] Caiu então tudo no esquecimento, aventurando-se os culpados a voltar a suas casas, onde encontraram a impunidade com que contavam.

Berredo, § 1 210-1 230

Expedição contra os taranambeses

1679

Fez o novo governador sair uma expedição contra os taranambeses, tribo que habitava o litoral, aumentando-lhe os riscos da já perigosa navegação. Eram estes índios tão espertos nadadores, que com o simples auxílio de um remo, se é que dele se dignavam servir-se, atravessavam baía de muitas léguas: e quando algum navio ancorava, como era costume, perto de um perigoso baixio chamado Coroa Grande, iam eles a nado, incomparáveis mergulhadores, picar-lhe a amarra na dupla esperança de aproveitar os despojos do naufrágio e comer a tripulação. Ti-

nha o mesmo governador ao passar da costa apanhado alguns destes selvagens no flagrante da tentativa. Também uma razão política havia, que tinha seu peso para determiná-lo a extirpar esta tribo daninha; com ela traficavam navios entrelopos, como os portugueses chamavam todos os que não eram deles, em âmbar de que eram ricas estas praias, e madeiras preciosas, especialmente pau-violeta, que então abundava aqui, sendo estimadíssimo. Ao capitão-mor Vital Maciel Parente, bastardo do infame Bento Maciel, se entregou o comando. Parece ter ele herdado as disposições do pai, pois que não poupando sexo nem idade, não fez um só prisioneiro.[7] Perpetrado este extermínio, passou Parente a explorar o rio então chamado Paraguaçu, e que se supunha comunicar com o S. Francisco: era o Parnaíba formado pelo Piauí e as correntes suas afins.

Berredo, § 1 228-36

Restitui-se aos jesuítas a sua primeira autoridade

Ao regressar desta expedição Vital Maciel, era chegado já D. Gregório dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão, a tomar posse da sua sé. Inspecionando as aldeias dos índios cristãos, achou-as o prelado em miserável estado. Desprezadas completamente as leis a favor desta pobre gente iludida, e desertando uns, e sucumbindo outros ao serviço desumano, diminuía rapidamente a população. Também os frades, que nem por meios honrosos, nem por motivos dignos tinham conseguido parte igual com os jesuítas na administração religiosa, desempenhavam os deveres de que se haviam encarregado da forma que de tais homens era de esperar, sendo ele o refugo e talvez que até membros degradados da ordem, desde muito a vergonha da Igreja romana e a peste do cristianismo católico. Tudo isto representou o bispo à Corte, e o governador o secundou nesta exposição, apesar de com a sua desmazelada e criminosa incúria das leis dever ele ter contribuído não pouco para estes males. O modo atroz por que recomeçar ao tráfico de escravos depois da expulsão dos jesuítas também foi presente a el-rei, e imediatamente se promulgaram novas leis para remediar estas coisas. Inibia a primeira destas ordenações os governadores de tomar parte direta ou indireta no tráfico, cultivar gêneros de produção do país, e apanhar os produtos espontâneos do sertão, tirando-lhe todo o direito de exigir em juízo quantia alguma devida por qualquer destes princípios, fosse qual fosse o pretexto com que se houvesse iludido a lei. Estendia-se esta proi-

31 de mar. 1680

bição aos criados dos mesmos funcionários para que as intenções da lei se não frustrassem.

17 de fev. 1673

Ampliou-se agora ao Maranhão e Pará uma lei feita sete anos antes para o Brasil: em virtude dela não podiam os governadores, nem os oficiais da fazenda, justiça ou guerra, entregar-se ao comércio, arrematar rendas do Estado, fixar o preço de quaisquer gêneros, ou marcar o frete de navios. Outro alvará aboliu a escravidão dos índios, visto não haver regimentos que cortassem os abusos e crueldades inerentes a este nefasto tráfico. Quem de então por diante infringisse a lei, seria posto pelo ouvidor em cárcere apertado, sem poder invocar privilégio algum, e, remetido para Lisboa no primeiro navio, iria para o Limoeiro, onde sofreria o castigo que merecesse.

A escravidão de novo abolida

1680

1º de abr. 1680

Regimento para as aldeias

Todos os índios que se resgatassem seriam aldeados. Terceiro alvará dispunha que os índios das aldeias não servissem mais de dois meses de cada vez, e quarto conferia de novo aos jesuítas a superintendência temporal e espiritual, pelos muitos inconvenientes que nos últimos dezessete anos se haviam experimentado, depois de privados os padres de uma autoridade que conscienciosamente tinham exercido. Provia esta lei a que tivessem eles sempre pelo menos vinte noviços, para que nunca lhes faltassem homens próprios para os deveres que lhes incumbiam agora. Os índios de cada aldeia se haviam de formar listas, dividindo-se os homens capazes de serviço em três turmas, cada uma das quais por sua vez cultivasse a terra comum, de modo que um terço sempre da população varonil eficiente residisse com as famílias. Das outras duas, ficaria uma à disposição dos missionários para serviço das suas expedições e a outra seria imparcialmente distribuída pelos colonos segundo os regulamentos existentes.

1680

Manuel Guedes Aranha, C. 2, nº 14. Coleção de Pinheiro, t. 6, Ms.

Apologia da Companhia. Ms.

Eram impopularíssimas estas leis. A Câmara representou que o prazo de dois meses, a que se limitara o serviço dos índios livres, de curto se tornava inútil; todo o tempo se iria na ida e volta das aldeias, sendo quatro meses o mínimo do trabalho nas plantações de cana, como em qualquer

Manuel Guedes Aranha. Ms.

outra. Mandou pois a Lisboa um procurador, que solicitasse modificação desta lei, empregando os meios que pudesse para obter a revogação das outras. Entretanto expirava o termo do governo Inácio Coelho, que se esforçava por melhorar a cidade de Belém, concorrendo generosamente para reedificação e reparos das igrejas que tinham caído em ruínas. O seu sucessor Francisco de Sá de Meneses tinha combatido com denodo e glória na guerra da Espanha, e servido de secretário de embaixada na Inglaterra nos tempos do protetorado de Oliveiro. Tinha então o ministério concedido por vinte anos a alguns mercadores de Lisboa o comércio exclusivo do Maranhão e Pará. Em S. Luís foi este monopólio sem oposição admitido, estando a atenção pública virada para a formação de um estabelecimento sobre o rio Itapicuru, e construção de um forte para defesa do mesmo a doze léguas da foz do rio. Mas em Belém, onde o sertão fornecia preciosos produtos, e mais florescia o comércio, avaliou bem o povo quanto o monopólio lhe lesaria os interesses individuais e coletivos. Não tardou a cega avareza dos contratadores a excitar clamorosas queixas; estava fixado no contrato o preço de cada artigo importado, mas vinham danificados os gêneros, e não menos que na qualidade se praticaram fraudes no peso e na medida. Tinham-se os monopolistas obrigado a importar anualmente quinhentos negros a $100,00 por cabeça, mas passou-se o primeiro ano e um só escravo se não havia introduzido. O que podia ter sido acaso, foi imputado a desígnio e propósito, vindo ainda mais aumentar o geral desgosto. Era em Belém a sede do governo, e duas administrações impopulares mas enérgicas tinham ali reduzido o povo a certo grau de submissão, pelo que sem pensar nos violentos se recorreu aos meios legais de representar a el-rei os agravos recebidos.

Francisco de Sá governador

Monopólio comercial

Descontentamento no Maranhão

Não assim no Maranhão mal começaram a sentir-se os efeitos do monopólio.[8] Se tinham aversão ao trabalho, entregavam-se voluntária e até avidamente ao comércio os portugueses; não havia contra ele prejuízos no Brasil, sendo até preciso interdizê-lo aos governadores, como se viu, e mercadores eram muitos clérigos, que por este tempo escandalizavam com o seu comportamento o Maranhão, como durante o primeiro meio século sucedera no Brasil. Raivando com a cessação dos costumados lucros, inflamaram estes ho-

mens o descontentamento de um povo já propenso a amotinar-se, e animado com a impunidade que em anteriores insurreições encontrara. Também não ficavam ociosos os frades, quando entrava maldade no jogo, e a restauração dos jesuítas com toda a sua antiga autoridade sobre as aldeias lhes exasperara o ódio contra esta ordem, cujos membros com a sua reputação, zelo e talento os envergonhavam.

Indecisão do capitão-mor e do governador

Era então capitão-mor Baltasar Fernandes, anteriormente sargento-mor do Maranhão. Notório se tornara o descontentamento dos moradores, nem avisos particulares lhe faltaram de como estes homens perigosos andavam irritando os ânimos do povo, mas cobrindo a natural irresolução com a capa do dissímulo político, descansou no acaso e na responsabilidade do governador. Com igual indecisão se houve este; preparou-se para partir para S. Luís, mas eram quase um fingimento os preparativos, e embalando-se em imaginária segurança com essa facilidade em que se aprazem estadistas e governantes ineptos, deixou correr as coisas. E assim prosseguiram não molestados os descontentes e os agitadores. Entre estes últimos o mais hábil e o mais ambicioso era um certo Manuel Beckman, natural de Lisboa, mas de origem estrangeira, homem distinto em S. Luís pela sua influência, talentos e turbulência. Acusado de projetos sediciosos tinha sido banido do Estado no governo de Coelho, mas ou cumprira o tempo do degredo, ou obtivera remissão da sentença. Qualquer que houvesse sido o fundamento da acusação, assinalou-se o processo que lhe instauraram, pelas odiosas irregularidades e injustiças do despotismo; a sua fortuna sofrera muito, e se as intenções não tinham sido originariamente perigosas, tornara-se agora tais o ressentimento.

1684

Conspiração de Beckman

1684

Domingos Teixeira. *Vida de Gomes Freire*, **2, 2, § 69**

Também a lei, que tornava a pôr as aldeias debaixo dos jesuítas, protegendo assim os índios contra a avareza dos colonos afetava Beckman, senhor de um engenho sobre o rio Mearim, escasseando-lhe os meios de mantê-lo. Para este engenho convidou ele agora alguns daqueles cujas opiniões sabia serem conformes as suas. Esquentados à mesa falaram dos agravos que sofriam: eram os jesuítas e o monopólio os dois grandes males; o meio óbvio era representar à Corte os padecimentos do povo, mas o governador se oporia à eleição de um procurador; se

pois alguma coisa queriam conseguir, deviam dispor a obrar em despeito dele, procedendo como homens que conheciam os seus direitos e estavam resolvidos a fazê-los valer. Produziu esta fala o efeito que Beckman com ela se propusera: tornados conspiradores, elegeram-no por chefe os hóspedes. Foi o primeiro cuidado alistar associados; aqueles com quem mais se presumia poder-se contar, escreveram-se cartas, que se remetiam metidas em queijos, produtos de uma fazenda de criação anexa ao engenho. Preparadas assim as coisas, partiu Beckman para S. Luís a realizar o seu projeto.[9] Não pouco o ajudou no seu empenho um frade, que na catedral pregava contra o monopólio; era esta, dizia, a origem de todos os males do Estado, pelo que não esperasse o povo por milagres para sua salvação, tendo nas mãos o remédio. Chegou mesmo a aconselhar um levante, dando a entender que estava pronto para pôr-se à testa. Com aplausos foi esta sediciosa oração recebida pela maioria dos ouvintes, e sem reprovação a deixou passar o capitão-mor, que achando-se presente, por essa prudência espúria, que não é senão um disfarce do medo, absteve-se de fazer uso da sua autoridade. O provedor Francisco Teixeira de Morais, que bem via todo o alcance do perigo, avisou-o de que se andava chocando, instando com ele por que convidasse a Câmara a aquietar o povo, empregasse espiões para descobrir os culpados, e lhes desconcertasse os criminosos desígnios, fazendo patrulhar de noite a cidade; mas não havia despertar do seu estado de timidez e torpor a Baltasar Fernandes.

Berredo, § 1 240-63

Reunião noturna do povo 24 de fev. 1684

Em quatro dias tinha Beckman elevado a mais de sessenta o número dos seus associados. Tinha por esta ocasião de ser levada em procissão noturna do Carmo para igreja da Misericórdia uma imagem do Senhor dos Passos, e entendeu-se que o ajuntamento que esta festa reuniria, ofereceria favorável ensejo para dar começo à insurreição. Impediu-o talvez um escrúpulo de consciência, mas aproveitou-se a ocasião para convidar secretamente o povo a uma assembléia dentro da cerca do convento dos franciscanos, em que facilmente se entrava, estando caído um lanço do muro. Ficava o lugar um pouco fora da cidade, ermo o sítio, e meia-noite a hora aprazada. Foi numerosíssima a reunião, atraindo a curiosidade uns, compelindo o medo os outros. Postado no portal do convento arengou Beckman o povo. Duas coisas, disse, eram ne-

cessárias para a salvação do Estado: as abolições do monopólio e a expulsão dos jesuítas. Se queriam evitar a ruína, por si mesmos haviam de quanto antes executar estas medidas, enviando imediatamente uma representação a el-rei por procuradores da sua escolha, e lançando mão dos meios que o bom senso lhes aconselhasse como mais conducente para o bem de todos. Entre o geral aplauso que estas propostas encontraram, uma voz se ergueu contudo a prol dos jesuítas, ouvida a qual declarou o presidente, como Beckman agora se intitulava, que se quem falara o fizera na esperança de adiantar os seus próprios interesses, com a vida o pagaria, pena que devia ser imposta a todo aquele que nutrisse iguais sentimentos. Interveio Tomás Beckman, irmão mais moço do presidente, e homem de melhores intenções, prevenindo conseqüências que tão facilmente podiam tornar-se fatais a um inocente.

Após esta interrupção, dispunha-se a assembléia a dispersar-se sem empreender coisa alguma, quando um dos chefes da conspiração, por nome Manuel Sertão de Castro, arrancando da espada e jurando não haver para ele outra alternativa senão pronta execução do desígnio em que estavam, ou morte, convenceu os seus fáceis ouvintes de que menos perigo havia em avançar do que em recuar, podendo o bom resultado assegurar a impunidade, que seria recusada ao arrependimento, precipitou-se pois o povo pela brecha por onde entrara, e correndo à cidade, acometeu as casas de todos aqueles que inimizades privadas ou o ódio popular tinham marcado para vítimas. Alguns assassinatos se perpetraram, desacatos muitos. Quis o capitão-mor obrar quando era tarde: os oficiais que deviam cumprir-lhe as ordens nenhum se encontrava, e as suas próprias guardas recusavam segui-lo: era que temiam a canalha e esperavam lucrar com a destruição do monopólio. Então, vendo invadida a sua casa, apresentou-se ele só às massas, numa disposição de espírito que lhe tornaria bem-vinda a morte. No meio do tumulto fez-se Beckman ouvir, exprobrando ao capitão-mor a criminosa indiferença com que desprezara as justas queixas do povo, e a não menos criminosa irresolução, com que, conhecendo o descontentamento popular, o deixara chegar àquele ponto; em seguida declarou-lhe que ficava preso em sua própria casa debaixo da guarda de sua mulher. Aguilhoado pela merecida repreensão, e pelo desprezo que em semelhante encarceramento se revela, protestou Baltasar Fernandes

Insurreição

preferir a morte a tal aviltamento; a mulher porém, no seu desculpável susto, empenhou a palavra em como ele se consideraria preso. Deixou-o Beckman pois, reuniu os soldados, que todos prestaram obediência, e antes da alvorada era senhor do arsenal, das fortalezas e de toda a cidade.

Berredo, § 1 264-79

Atos do partido vencedor

Convocou ele agora a junta dos três estados: o vigário-geral e um carmelita, que fora vigário provincial da sua ordem, representavam o clero; o mesmo Beckman e Eugênio Ribeiro Maranhão figuraram como deputados da nobreza, e também o povo teve os seus dois representantes. Reuniu-se a junta imediatamente promulgando sem demora diferentes *senatus consultos* para deposição do governador-geral e do capitão-mor, abolição do monopólio e expulsão dos jesuítas. Com estrondosos vivas foram estes decretos festejados pela plebe, que logo elegeu por seus procuradores Beckman e Ribeiro. Entretanto aclarara o dia, e reunira-se a Câmara no seu paço para receber as resoluções dos três estados. Notificaram-lhas os novos procuradores, comunicando-lhe ao mesmo tempo a prisão do capitão-mor, do juiz dos Órfãos Manuel de Campelo de Andrade, e de Antônio de Sousa Soeiro, acusados de terem favorecido o estabelecimento do monopólio. Em tempos de revolução são as corporações constituídas sempre instrumentos criminosos ou forçados de homens audazes; ratificou pois a Câmara quanto estava feito, e Beckman, chegando então à porta, perguntou ao povo onde que queria que ficasse preso Baltasar Fernandes, seu antigo capitão-mor. Na cadeia, foi a resposta. Tiveram o juiz dos Órfãos e Antônio de Sousa a coragem de protestar contra tão brutal insulto, mas por pouco lhes não custou as vidas em virtude, tão ferozmente os tratou a canalha triunfante. Beckman porém os salvou da morte, mandando-os recolher à prisão, e deixou ficar Fernandes onde estava, sob a palavra de sua mulher. Indo depois ao colégio, intimou aos jesuítas o seu desterro do Estado, acrescentando que enquanto se lhes procuravam meios de transporte, deviam ficar presos no seu convento sem comunicarem com morador algum da cidade. Queria agora a gentalha saquear os armazéns da Companhia exclusiva, mas deixou-se dissuadir; muitas vezes se tem encontrado o pundonor nas massas populares, ainda quando se mostram mais infrenes e desumanas. Contentaram-se pois com segurar as portas, e um dos cabe-

cilhas eclesiásticos conduziu então as turbas à catedral, onde cantou um *Te Deum* pelo triunfo do levantamento.

Berredo, § 1 279-85

Mandam os insurgentes um deputado a Belém

No dia seguinte reuniram-se as seis pessoas que representavam os três estados, resolvendo que se elegessem três fidalgos para governarem juntamente com os vereadores da Câmara, até que chegassem ordens de Lisboa depois de devidamente informada a Corte; e que os dois procuradores teriam o direito de assistir às deliberações desta junta governativa, velando sobre os interesses dos seus constituintes. Foi Tomás Beckman um dos triúnviros, aos quais deferiu juramento o ouvidor, protestando todos que aceitavam boatos. Demitiram por suspeito o secretário da Câmara e também foram despedidos os oficiais da guarnição, dando-se as patentes a homens de quem podiam fiar-se os revoltosos. A medida seguinte foi mandar a Belém emissários que convidassem o povo dali a entrar na rebelião. Depois de terem aceitado a missão e até embarcado, recuaram ante ela os mais atrevidos associados de Beckman: ofereceu-se então um religioso, aproveitando a ocasião para desfraldar-se. Aceitou-lhe e registrou-lhe a Câmara do Pará os papéis, e em seguida levou-os ao governador, assegurando-o da fidelidade do povo, e oferecendo os seus serviços para dar aos rebeldes condigno castigo, se com pronto arrependimento o não evitassem. Declarou Francisco de Sá que iria em pessoa a S. Luís, mas dissuadiu-o a Câmara, por que teriam em tal caso de acompanhá-lo a força militar inteira e todos os fidalgos, ficando a Capitania exposta, e em razão da vizinhança de estrangeiras colônias, em maior perigo ainda do que o Maranhão. Assim propôs que se enviasse um comissário, indicando logo Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, como homem a quem os seus reconhecidos talentos, e o seu nascimento, pois era filho, neto e sobrinho dos antigos governadores do Estado, revestiriam de grande autoridade pessoal. Isto o representou a Câmara em nome do povo, e Francisco de Sá deixou-se persuadir, incorrendo assim na pecha de haver cedido às suas próprias propensões indolentes ou timoradas. Proceder mais resoluto melhor teria quadrado com a sua reputação militar, mas também não confiava ele nos protestos da Câmara, nem na fidelidade dos moradores, julgando mais avisado mantê-la na obediência com a sua presença, do que enquanto buscava reprimir a insurreição em S. Luís, dar azo a outra não menos perigosa em Belém.

Baldadas as medidas do governador

Chegaram por este tempo notícias de Henrique Lopes da Gama, capitão-mor de Tapuitapera e da Câmara da mesma vila, que se haviam recusado a tomar parte na insurreição, e abominavam os atos praticados pelos insurgentes quanto à disposição do governador e do capitão-mor, mas aprovavam plenamente a supressão do monopólio, declarando-se neutros na questão dos jesuítas; porquanto embora fossem inegáveis o zelo e caridade destes padres na administração das aldeias, não era para desprezar-se o profundo ressentimento do povo contra o poder despótico que eles possuíam na distribuição dos índios. Foi Antônio de Albuquerque, filho do donatário de Tapuitapera, enviado àquela capitania com cartas, louvando os moradores, e com uma resposta da Câmara de Belém ao convite dos revolucionários, exortando-os a submeterem-se. Entretanto estavam em S. Luís os governantes longe de se sentir seguros. Conheceu Beckman que se achava a autoridade delegada em muitas mãos, e que se na multidão de conselheiros podia haver segurança, na de governantes era a confusão certa. Deu pois traças como demitir os três fidalgos, os procuradores, e os juízes ordinários da Câmara: o resto desta compunha-se de pessoas que ele dirigia a seu talante. Reduziu a sua tirania todos os murmuradores ao silêncio, mas sentindo-se ir desvanecendo a popularidade sobre que ela assentava, imputou a manejos secretos dos jesuítas esta inevitável condição da sua posição ilegal, e expediu ordens para que fossem deportados sem demora. Sucedeu passar-se isto em domingo de Ramos, e os jesuítas, que de todas as circunstâncias sabiam tirar vantagem, auferindo honra ao menos de onde não era possível o proveito, e portando-se sempre com dignidade, quando mais adversas as coisas, saíram do colégio cada um com seu ramo de palmeira na mão, a um tempo mostrando a sua observância da festividade, e exibindo o prêmio emblemático do martírio. Embarcaram-nos debaixo de guarda em dois navios: um chegou a Pernambuco, o outro foi tomado pelos piratas que então infestavam aqueles mares, e postos os jesuítas em terra na costa do Maranhão, foram reconduzidos presos para a cidade, e daí a pouco remetidos para Belém.

Expulsão dos jesuítas

Tenta o governador comprar a submissão de Beckman

Chegara agora Antônio de Albuquerque a Tapuitapera, de onde informou da sua missão ao governo de S. Luís, pedindo uma conferência. Recusaram-lha sob

pretexto de não o exporem a grande perigo da parte do vulgacho, mas na realidade por arrecear-se Beckman do efeito que poderiam suas promessas produzir sobre o inconstante povo, e da vantagem que da presença deste emissário tirariam os bem-intencionados. Achava-se o caudilho popular já nessa miserável condição em que mais cedo ou mais tarde caem todos os demagogos, passada a primeira embriaguez do triunfo. Veio a chegada de dois navios da Companhia, com mercadorias e negros a bordo, restaurar-lhe por breve espaço a popularidade; queria o povo apreendê-los com boa presa, nem faltava a Beckman vontade de dar-lhe este gosto, com que esperava cativar-lhe as boas graças, mas houve quem se lhe opusesse, prevalecendo o sentimento da eqüidade, e procederam os agentes da Companhia à venda por conta dela. Entretanto, sabendo quão pouco conseguira o seu primeiro agente, fez o governador novo esforço para restabelecer a sua autoridade por meios mais desonrosos do que a primeira irresolução. Foi Miguel Belo da Costa ocupar o posto de sargento-mor, e deixaram-no desembarcar em companhia de Hilário de Sousa de Azevedo. Ia este último incumbido de oferecer perdão pleno a todos e um presente de quatro mil cruzados a Beckman, a par das grandes promessas de honras e ofícios: se Francisco de Sá tencionava fazer cumprir estas promessas, era miserável estadista, e homem perverso se com elas só queria armar um laço. Não era Beckman porém para assim se deixar reduzir: respondeu que obedeceria às ordens do seu rei, mal elas chegassem, mas rejeitou a oferta com orgulho real, ou fingido.[10] Recebendo ordem de deixar a cidade, voltou Sousa a Tapuitapera, de onde com Albuquerque se recolheu a Belém, sem que nenhum deles houvesse feito coisa alguma. O único resultado fora realçar o caráter de Beckman, que assim ficou com o crédito de um ato de desinteresse e magnanimidade.

Tinha ele até agora com vários pretextos retardado a partida do irmão para Lisboa como procurador; mas agora tanto se instou por ela, que não mais foi possível adiá-la. Não iam as vistas dele de acordo com esta missão, mas havia no Maranhão muita gente que queria ver restaurada a ordem, e o mesmo povo, segundo a marcha natural de tais movimentos, principiava já a suspirar secretamente por um arranjo qualquer que o livrasse de castigo. Graças a esta disposição tinha-se permitido a Miguel Belo que tomasse posse do seu cargo, reunindo as tropas

debaixo do seu comando: tinham estas sido dissolvidas e incorporadas nos voluntários, mas cansados estes da sua nova vocação, debandaram contra os desejos de Beckman, que nisto viu o primeiro passo dado para a sua queda e ruína, embora ficasse o sargento-mor nominalmente subordinado à Câmara. Também o povo do campo, que até agora se conservara em S. Luís para apoiá-lo, voltou a olhar pelos seus próprios interesses, e se Francisco de Sá tivesse possuído um bocado de energia só que fosse, poderia a toda a hora com a sua presença unicamente reduzir o Maranhão à obediência. Cônscio da sua pouca segurança buscava Beckman modos de fazer-se eleger capitão-mor pela gentalha, mas sabendo-lhe do desígnio na véspera do dia em que devia ser tentada a execução, dispôs o sargento-mor de forma tal as suas tropas, que não ousaram mostrar-se os parciais de Beckman, retirando-se este para casa, mais solícito agora da própria salvação, do que ambicioso de manter-se na miserável elevação a que se erguera. Nem lhe faltavam receios de que não fossem os que desejavam restabelecer o império da lei aplainar o caminho, dando-lhe a morte a eles.[11]

Berredo, § 1 303-18

Pede Beckman auxílio a um pirata

O ressentimento dos agravos que sofrera uma simulada indignação contra a injustiça da Companhia exclusiva, e a lembrança da perfeita impunidade que haviam encontrado os maquinadores da primeira expulsão dos jesuítas, eis provavelmente o que levou Beckman à revolta, mas se ele se tinha proposto não ultrapassar os limites dos seus predecessores, logo ao primeiro passo se viu arrastado muito além. Secretamente acoroçoada pelo governador a primeira revolta, nunca a autoridade deste havia deixado inteiramente de ser respeitada: Beckman principiara por prender o capitão-mor e depor o governador-geral. Deviam estes excessos necessariamente engrossar-lhe as culpas aos olhos da Corte, sendo também para recear-se que pois a impunidade no primeiro caso provocara a repetição do delito, se recorresse agora a medidas mais severas. Não podia Beckman disfarçar a seus próprios olhos este perigo, e não vendo salvação por outros meios, valeu-se de um recurso desesperado. Tinha D. João de Lima, fidalgo português da alta linhagem, no correr de uma vida devassa, subindo degrau a degrau a escada do crime, e caindo de infâmia em infâmia, chegado finalmente a fazer-se pirata, comandando nesta época de pirataria uma esquadra, com que infestava os mares da América, fazendo a guerra à hu-

manidade com essa feroz crueldade que tão execravelmente distinguiu os bucaneiros. Para este homem resolveram apelar Beckmam e os mais culpados dos seus consócios, metendo-o de posse do Maranhão, como lugar onde poderia depositar os seus roubos, e formar o seu poder em despeito de Portugal ou qualquer outra potência.[12]

Domingos Teixeira, 2, 2, § 163-4

Gomes Freire de Andrade governador

Entretanto tinham chegado a Lisboa, onde causavam grande inquietação, as novas do levantamento. Bem sabia o governo quanto numa colônia remota é difícil abafar insurreições, impossível mesmo quando o país é extenso, e está determinado a resistir o povo. Receava-se também não fossem os franceses, que após muitas malogradas tentativas se haviam afinal estabelecido em Caiena, renovar os projetos de firmar pé no Amazonas, fazer reviver as suas pretensões no Maranhão ou fundar novo estabelecimento por direito de conquista. Julgou-se pois da maior importância mandar para ali um homem de reconhecido tino, integridade e coragem, e foi Gomes Freire de Andrade indigitado ao rei como pessoa em quem concorriam todas estas partes. Era Gomes Freire um destes homens raros que realizam o ideal do que no seu século e país se reputa bom e grande. Ilustre não só por fidalguia e renome militar era a sua família, mas também pelo merecimento literário de Jacinto Freire de Andrade, cuja glória como biógrafo de D. João de Castro tem ido muito além dos limites da língua em que ele escreveu. É na verdade provável que a leitura deste livro de seu tio não pouco contribuísse para formar o caráter de Gomes Freire, acalentando nele esse brio pundonoroso, esse escrupulizar no dever, essa altiva lealdade, esse nobre desinteresse, a essa restrita piedade que tanto o distinguiram.

Contava ele agora quarenta e oito anos de idade. Assinalara-lhe a juventude um cavalheiresco espírito de aventuras; armado cavaleiro no campo de batalha com escassos quinze anos, distinguira-se ele sempre pelo seu denodo e valentia na guerra, sem prudência nos conselhos, e sobretudo por uma elevação de alma, que bem mostrava que se ele não igualava na fama os vultos gigantescos dos antigos heróis da história portuguesa, fora só por não se lhe ter proporcionado o ensejo. Mandou-o el-rei chamar; disse-lhe que dos seus serviços carecia, e deixou-lhe livre a escolha entre ir para Goa, assumir ali o comando, ou tomar sobre si o mais árduo, menos honroso, e muitíssimo menos lucrati-

vo cargo de reprimir a sublevação no Maranhão. Era da natureza de Gomes Freire preferir o posto em que melhor pudesse servir o seu país, acrescendo ainda que seus negócios particulares, e o estado da sua saúde, arruinada por uma vida militar, lhe tornavam desejável conservar-se ausente de Portugal o menos tempo que fosse compatível com os seus deveres.

Teixeira, 2, 2, § 74-79

Não tinha Gomes Freire relações no Maranhão, nem dos negócios desta Capitania tinha mais do que as informações que podia ministrar-lhe o governo, as quais, contidas nos despachos de Francisco de Sá, e nas representações do procurador Tomás Beckman, então em Lisboa, eram da mais encontrada natureza. Era costume dele muito desse tempo, que nas Cortes se perde a esperar, passá-lo na capela real, onde com a maior magnificência se celebravam as cerimônias da Igreja romana. Aqui se encontrou com o procurador do Maranhão, que a ele se dirigiu na esperança de persuadi-lo a favor de sua causa. Desejava Gomes Freire esta oportunidade, que aproveitou para com bem combinada conversação colher as informações de que carecia. A esta entrevista seguiu-se outra igualmente profícua. Jacinto de Morais Rego, soldado de boa família que servira na Beira com o novo governador, veio expor-lhe os receios que o assaltavam a respeito de um filho e parentes próximos que no Maranhão tinha: longe dele pôr em dúvida os princípios e a lealdade destes, mas em tão perigosos tempos andavam os mais bem intencionados às vezes sujeitos a errar, nada havendo mais vulgar do que ficarem envolvidos no castigo os mais inocentes. Seguindo a conversação resultou estar Morais cansado de solicitar a recompensa dos seus serviços, e não podendo mais com a despesa de esperar na Corte algum despacho, achar-se a ponto de ir buscar fortuna em outros países antes do que morrer de fome no seu. Não podia o novo governador achar mais útil agente; fê-lo pois ver como nenhures se podia empregar com tanta vantagem e dos seus como no Maranhão, onde não só poderia livrar de castigo os parentes, mas até ajudá-los a merecer prêmio sobre ir com os novos serviços aumentar o lustre dos amigos, assegurando-se assim a tenção do governo. E ofereceu-lhe levá-lo à sua custa, o que Morais aceitou com gosto. Mal constou quão corteses ouvidos dava Gomes Freire a quem quer que tinha interesse nos negócios do Maranhão, vieram muitas pessoas exprimir-lhe a sua

1658

ansiedade pela sorte de filhos e parentes que ali lhes viviam, e que estavam implicados quiçá na culpa, e com certeza no perigo da revolta. Algumas destas, que lhe pareceram dignas de confiança, convidou-as ele a acompanharem-no, oferecendo-lhes passagem gratuita de ida e volta, e o resultado amplamente lhe recompensou esta humanidade política.

Teixeira, 2, 2, § 85-92 e 131

Enquanto para a partida se apercebia Gomes Freire, alguns homens que ocupavam posições oficiais, procuravam, quer fosse por motivos de inveja ou de intentos particulares, desgostando-o da nomeação, levá-lo a repudiá-la; em tais ocasiões dirigia-se ele sempre diretamente a el-rei, com este proceder reto e varonil frustrando as baixas intrigas de almas pequeninas. Quando se tratou de marcar o número de soldados que ele devia levar, só lhe queriam dar cento e cinqüenta. Representou Gomes Freire que era insuficientíssima esta força que segundo as suas instruções tinha de tocar em Cabo Verde, lugar notoriamente insalubre, e que ao chegar ao Maranhão levaria a sua gente muito diminuída, uns lutando com a doença, outros inválidos pela viagem, de modo que não lhe restaria tropa com que assegurar-se o respeito dos moradores, nem mesmo para manter o decoro que exigia o cargo. Respondeu-lhe um dos ministros que Francisco de Sá dissera poder tomar a cidade de S. Luís com cento e cinqüenta homens, se tal reforço lhe mandassem, e reduzir não só os moradores, mas também os estrangeiros que eles porventura chamassem em seu auxílio. Provocado pela inveja que transpirava da resposta, e pela astuciosa cegueira com que se não vira a força da sua representação, retorquiu Gomes Freire altivamente que se Francisco de Sá com tão diminuta força teria empreendido conquistar uma praça que não soubera manter a paz, podia ele por certo abalançar-se a fazê-lo com um terço da gente. Mais do que uma bem delineada expedição, e mais do que objeto importante se tem visto frustrar-se pela fatal economia de tentar as coisas com os menores meios possíveis, em lugar de enviar logo uma força que, humanamente falando, torne seguro o resultado. Neste caso, se tivesse havido mais decisão da parte dos rebeldes, ou menos da do homem contra eles enviado, bem pudera o Maranhão ter-se perdido para Portugal.

1658

Teixeira, 2, 2, § 93-114

Intrigas de corte contra Gomes Freire

A mesma parcimônia que cerceava a força à expedição estendia-se ao equipamento dos navios; velhas e

de má qualidade eram as provisões, e os medicamentos tirados dos sobressalentes de navios de guerra e depositados desde muito em Lisboa, supunha-se que teriam em grande parte perdido a virtude. Disto se queixaram a Gomes Freire os que provavelmente haviam de ser as vítimas de tal miséria, e ele sabendo quão difícil seria remediar o mal por outro meio, mandou meter a bordo à sua custa e em abundância mantimento e drogas. Deixara-lhe el-rei ao nomeá-lo a faculdade de escolher o ministro da alçada, ou juiz, que devia acompanhá-lo para instaurar o processo aos criminosos. Exigia a comissão um homem de coragem e incorruptível retidão, e por tal tinha ele Manuel Vaz Nunes, então provedor do distrito de Elvas. Assim reputava este ponto negócio decidido, quando se urdiu uma intriga para sob pretexto de não ser Manuel Vaz de categoria assaz elevada na magistratura, e exigir este ofício cabelos brancos, pôr em seu lugar uma pessoa que possuía influência sobre alguns ministros. Com isto indignado foi Gomes Freire ter com o rei, representando-lhe que o desembargador, que à força lhe queriam impor, era homem cuja idade e serviços anteriores mereciam cargo de mais descanso e maior dignidade, e em termos moderados porém enérgicos se queixou da afronta que lhe faziam a ele, e à pessoa que ele nomeara sob promessa régia, a quem dera a sua palavra, e por cuja firmeza e integridade podia responder. Presente estava um dos ministros de quem ele se queixava, olhando-o com pasmo, vendo como a atitude varonil e majestosa estatura deste fidalgo de espírito elevado estavam dando vida às palavras nobres e francas que dirigia ao monarca. Digna de um rei foi a resposta de Pedro: Se Gomes Freire pelo meu serviço contraria as suas inclinações, arrisca a sua vida, deixa casa e filhos, e consome a sua fazenda, mostrando que no cargo só busca a honra, e despreza o proveito; se isto não só o estou vendo em distância, mas apalpando com as mãos, com que razão lhe negaria o que requer para melhor me servir, e que me induziria a desgostar tão fiel vassalo, que sobre mim não deixasse a nódoa de ingrato como homem e como rei, e concluiu ordenando ao secretário de Estado que sem demora avisasse Manuel Vaz de que devia ter-se pronto para a viagem, e logo lhe expedisse a sua nomeação, que não queria ele que uma só hora esperasse por ela o provedor depois da sua chegada a Lisboa. Dirigindo-se então a Gomes Freire perguntou-lhe o soberano se alguma coisa lhe lembrava que pudesse concorrer para

conseguir-se pacificamente o intentado fim, pois que era seu veemente desejo, que, sendo possível, se não empregasse contra os seus súditos a força. Não deixou perder-se a oportunidade aquele a quem ela se oferecia. Respondeu que as instruções que lhe haviam dado amarravam-lhe as mãos, expondo-o ao perigo de assim algemado ou sacrificar a vida à ferocidade de um povo amotinado e dos selvagens, que os rebeldes chamassem em seu auxílio, ou voltar a Portugal sem a glória pela qual jogava os seus dias. Se tão precisas deviam ser as instruções, exigindo-se obediência cega, melhor seria mandar por governadores monges e frades, do que soldados a comandar costumados. Em distância mais facilmente se viam os perigos do que os remédios, e tanto na paz como na guerra era sempre a mesma ocasião, que indicava o curso que devia seguir-se. Observou ao rei que todas as informações recebidas do Maranhão vinham de muito longe, sofrendo sempre alguma mudança tudo quanto passava a Linha; em prova de quão pouco nelas se podia confiar ali estavam duas exposições das mesmas circunstâncias, vindas de parcialidades contrárias, representando-as tão diferentes, que mal pareciam referir a mesma história. Requeria pois poderes amplos para obrar conforme as circunstâncias e o próprio juízo o aconselhassem: se destes poderes abusasse, ou tornaria a trazer a cabeça a Portugal, onde não faltavam cadafalsos nem carrascos, ou podiam puni-lo em dobro, deixando-o na América, onde acabasse a vida infamado como degredado, e depois da morte deserdado do jazigo de seus maiores. Produziu esta fala o devido efeto, concedendo-se-lhes poderes discricionários.

Teixeira, 2, 2, § 115-133

Chega Gomes Freire ao Maranhão

Olhava Gomes Freire a Virgem como sua especial protetora[13], visitou pois algumas das imagens dela, que mais em moda andavam então na Corte, e feitas estas despedidas, no dia de Nossa Senhora embarcou no galeão *Conceição*, nome do mais feliz auspício segundo ele, por colocar o navio também debaixo da proteção da mesma poderosa advogada. Acompanhou-o el-rei a bordo, onde se despediu dele. Muita gente morreu nas calmas podres do Equador, e com destemida consciência do seu dever, a qual talvez o preservou do contágio, administrava o governador alimento e remédios aos doentes. Enquanto assim rolava a embarcação sem avançar, escorregou a carga a um lado, fazendo-a adernar, e ao exemplo e esforços pessoais de Gomes Freire se atribui a salvação de

todos.[14] Afinal avistou-se a costa do Brasil na madrugada de 15 de maio de 1685, e à tarde, como não permitisse o tempo a entrada, deu-se fundo no meio dos baixios da barra. Saíra de conserva um navio menor em que vinha Tomás Beckman, mas perdera-se de vista durante a viagem.

Imediatamente largou da cidade uma canoa a ver se vinha de Portugal o galeão, ou pertencia ao pirata D. João de Lima, por quem Beckman e os mais desesperados dos seus consórcios esperavam ansiosos. Recebeu Gomes Freire com a maior afabilidade o ajudante que vinha nesta diligência, obsequiou-o o melhor que pôde, e falando como se não tivesse a menor dúvida de ser respeitosamente recebido, não conversou senão sobre os sofrimentos do povo, manifestando só compaixão e boa vontade, a par do desejo de restabelecer as coisas do modo mais conveniente para bem de todos. Finalmente, abraçando-o pediu-lhe que levasse para terra dois passageiros que mais haviam sofrido pela viagem; Morais foi um e Francisco da Mota Falcão outro, morador de Belém. Mal eram partidos quando chegou segunda canoa com o capitão-mor de Tapuitapera, na esperança de achar o novo governador a bordo. As instruções de Gomes Freire eram que desembarcasse em Tapuitapera, onde Francisco de Sá se comprometera a fazer junção com ele, trazendo toda a força que pudesse dispensar no Pará; sabendo disto, informou-o Henrique Lopes de que não havia ali água para o navio, e que Francisco de Sá ficara doente em Belém, de onde não saíra: aguardá-lo teria sido ruinosa demora, dando aos insurgentes tempo de recobrar ânimo e concertar meios de defesa, quando atualmente estavam totalmente desapercebidos. Escutou Gomes Freire atentamente o capitão, a quem ordenou que estivesse pronto à primeira voz. Não tardou Francisco da Mata a voltar com a notícia de estar perfeitamente tranqüilo o povo, confiado no que por ele teria feito em Lisboa o seu procurador; de ter Morais achado o irmão servindo aquele ano de juiz ordinário, e trabalhando com afinco no interesse d'el-rei; de andarem os dois irmãos agora a incorporar os viarmezes, colonos do norte de Portugal que eram ali numerosíssimos, tendo sempre desaprovado os atos da parcialidade dominante; e de haver a narração que o ajudante fizera do modo por que fora recebido, e o nome do novo governador feito nascer grandes esperanças nos bem-intencionados, e muita inquietação nos cabeças da sedição, convencido todo o

1685

Teixeira, 2, 2, § 161-175

Berredo, § 1 320-1

mundo de que homem de tanta reputação não teria vindo ao Maranhão, se não estivesse certo de levar avante o que empreendera.

Viu Gomes Freire quanto as suas instruções o teriam peado, se não lhe houvera el-rei concedido poderes discricionários; mandavam-no dar fundo em Tapuitapera, onde não havia água para o seu navio, proibindo-lhe expressamente ancorar em S. Luís, onde era evidente ser necessária a sua presença imediata. Ao romper d'alva levantou de ferro, tencionando entrar a barra, mas teve de arribar à ponta de João Dias, a meia légua da cidade, não fosse a força da corrente arrastá-lo para os baixios que perto ficavam. Viu-se então largar do cais uma canoa; vinham nela o procurador e o secretário da Câmara em nome do senado e do povo, a cumprimentar o novo governador e prestar-lhe obediência; requerendo-o porém conjuntamente que não desembarcasse naquele dia, por não estarem preparadas as coisas para recebê-lo com as formalidades do estilo, nem o palácio do governo em estado de ser por ele habitado. Não era necessária a penetração de Gomes Freire para ver através deste artifício. Respondeu pois o mais cortesmente possível que dava o maior apreço à honra que queriam fazer-lhe, mas que devia o galeão aproveitar a maré, e mal desse fundo desembarcaria ele pois vinha cansado do mar, e na verdade que diria o mundo se o governador do Maranhão ficasse a bordo dentro do porto somente pelo vão prazer de ser recebido com a mesma pompa que os seus antecessores. A casa da Câmara podia servir-lhe de alojamento até se aprontar a sua. Tinha-se criado na vida de soldado havendo servido em países mais agrestes do que aquele; e quem como ele tinha passado tantas noites no campo, sem outras tapeçarias que ervas e ramos, com a terra por leito, por lençóis a armadura, o ar por cobertor e por docel o firmamento, não podia ser pichoso em matéria de quartel.

Com esta resposta se foram os dois, percebendo logo Beckman e os seus que a única salvação estava em oporem-se diretamente ao desembarque: e isto esperavam eles poder induzir o povo a fazê-lo, persuadindo-o a insistir como única condição de se permitir ao governador a vinda para terra, em proclamar ele pleno indulto sem exceção de pessoas, por tudo quanto durante a insurreição se praticara. Com a notícia desta intenção despachou o provedor Francisco Teixeira de Morais seu

filho, que chegou ao galeão quando este já ia debaixo de pano. Recebeu Gomes Freire com indiferença o aviso, e apenas deu fundo no porto, mandou saltar na lancha dois oficiais com cinqüenta homens, ordenando-lhes que tomassem posse de umas baterias que lhes indicou, asseverando que os seguiria em pessoa mal pudesse arrear o bote. O mensageiro foi reenviado com ordem ao pai e ao sargento-mor de se reunirem a este troço com a força que pudessem apurar, e ainda a lancha não tinha abicado em terra já o governador estava no bote. Passou-se isto à vista do povo atônito, que não sonhara tanta resolução, e enquanto Beckman se preparava para resistência, desembarcou o governador, rufaram nas baterias os tambores em sinal de posse, e a tropa, os viarmezes e os mais ousados dos vizinhos bem-intencionados reuniram-se ao primeiro destacamento. A parcialidade contrária fugiu em canoas, o resto do povo aglomerou-se dando vivas ao governador, a Câmara recebeu-o em corporação e sem a menor oposição tomou ele posse do governo. Do paço da Câmara seguiu para a sé a render graças pela sua feliz viagem, e nada já se ouvia senão aclamações de regozijo. Mulheres e crianças, velhos e inválidos, que não podiam misturar-se com a turba, chegavam às janelas abençoando-o como pai da pátria e restaurador da paz. De noite fez o governador sair patrulhas a rondar, dobrou as guardas e pôs sentinelas nos atalhos que davam para as florestas e para o mar. Nada veio perturbar o sossego, e no dia seguinte estava tão tranqüila a cidade, como se nunca a ordem pública tivesse sido alterada.

Teixeira, 2, 2, § 176-189. Berredo, § 1 322-25

Fuga e prisão dos cabeças do motim

Passado o primeiro terror dos culpados, cobraram ânimo para tornar a aparecer, chegando Beckman a aventurar-se a volta à cidade, onde procurou excitar novas comoções e recuperar a antiga influência. Tiveram os oficiais de justiça ordens secretas para prendê-lo, que não conheciam pessoalmente os soldados trazidos por Gomes Freire: não se guardou porém o segredo, tornaram a fugir os cabeças do motim, e muitas pessoas, que não havia intenção de molestar, abandonaram as casas. Serenou-lhes os ânimos uma proclamação, concedendo perdão a todos exceto aos que tinham sido instigadores e cabeças da revolta. Eugênio Ribeiro, Manuel Sertão e Jorge Sampaio foram presos: tinham-se eles tornado conspícuos na sedição, e o último reputava-o o governador o homem mais perigoso do

Estado. Por este tempo chegou o navio que trazia Tomás Beckman a bordo: tinha-se ele evadido em Cabo Verde, acolhendo-se ao santuário, mas não lhe valera o asilo, e desembarcado agora foi metido na cadeia. Seu irmão Manuel portou-se bem desta vez, procurando dar-lhe escapula, mas falhou o plano, sendo igualmente descoberto e frustrado segundo projeto; postou-se então artilharia na embocadura de todas as ruas que levavam à cadeia, e ao lado das peças se puseram soldados com morrões acesos e ordem de fazer fogo se vissem vir naquela direção mais de cinco homens juntos.

Prisão de Beckman

Conheceu então Beckman que os seus desígnios eram atraiçoados, e um bando proibindo a todos dar-lhe coito, obrigou-o a fugir da ilha, e, acolhendo-se às suas terras do Mearim, a sessenta léguas da cidade, esperava ficar seguro. Entre as recompensas prometidas pela apreensão deste homem, figurava uma companhia na ordenança dos nobres, e o prêmio tentou um mancebo por nome Lázaro de Melo, de quem Beckman era tutor e padrinho. Tomando consigo um companheiro e alguns escravos dirigiu-se ao Mearim, onde lhe disseram que já o seu padrinho ali não estava. Dispunha-se ele a partir quando o mesmo Beckman, sabendo quem era, o mandou chamar. Até este ponto confiou no afilhado; contudo com um sentimento, nascido mais da sua própria miserável condição de perpétuo susto do que de qualquer suspeita de que pudesse Lázaro atraiçoá-lo, recebeu-o com um bacamarte na mão. Argüiu-o o jovem malvado da sua falta de confiança, e com conversas o esteve entretendo até que um dos seus escravos, homem possante, o enleou nos braços. Ouvindo a luta, acudiu o feitor com alguns escravos, mas nenhum se atreveu a intervir, sendo intimados da parte d'el-rei a não interromper a marcha da justiça. Arrastado até a canoa ali foi Beckman posto a ferros. Com indignação lançou ao traidor em rosto a baixeza da sua ingratidão, mas como único favor que lhe pediria; suplicou-o que lhe tirasse as correntes, empenhando ele a sua palavra em como não tentaria evadir-se. Devia este homem possuir algumas qualidades boas, pois que Lázaro confiou na honra do benfeitor, que tão vilmente atraiçoava, e embora não pudessem deixar de oferecer-se freqüentes ocasiões de fuga numa viagem de mais de duzentas milhas costa a costa, guardou Beckman religiosamente a palavra dada.

Perde Lázaro de Melo a sua recompensa

Por maior desejo que tivesse tido o governador de pôr a bom recado este homem perigoso e culpado, olhou com justo horror o procedimento de Lázaro de Melo. Apesar disso guardou-se a fé da proclamação e o traidor recebeu como preço do sangue a sua patente de capitão na companhia dos nobres. Não lhe serviu ela porém senão para provocar uma manifestação da opinião pública, porquanto nem um só homem na companhia o quis seguir estando ele de serviço, e como o novo capitão requeresse ao governador ao emprego de meios coercitivos, respondeu-lhe este que com dar-lhe a patente havia resgatado a promessa. Em lugar pois de elevar-se com a sua vilania, viveu detestado e desprezado, e quando no fim de alguns anos morreu de morte casual e violenta, todos viram nisto um juízo do Céu, opinião presunçosa porém nascida de boa fonte.

Ficou Beckman algum tempo na cadeia, não tanto pelas costumadas delongas da justiça debaixo de um governo que desde muito a administrava miseravelmente, como pela repugnância de Gomes Freire a expedir quando fosse preciso as ordens para a execução. Ninguém menos escrupuloso em derramar sangue quando o exigiam o serviço militar ou as suas próprias idéias de pundonor, mas deliberadamente com um rasgo da pena tirar a vida ao seu semelhante, era ato que lhe inspirava horror. Entretanto não se conservava Beckman ocioso nos seus ferros; com um fio molhado e passado por areia fina principiou a limar os seus grilhões, e com auxílio de um rapazinho que o servia, tinha ele já quase logrado o seu intento por meio deste processo lento, quando foi descoberto. Instaram agora os magistrados tanto com Gomes Freire que evitasse perigos ulteriores, fazendo sentenciar os presos, que ele malgrado seu teve de anuir. Beckman e Sampaio foram condenados à morte, bem como um terceiro de inferior categoria, que escapou, cabendo-lhe a sorte bem mais feliz de ser executado em estátua. Ao assinar a sentença de morte tanto tremeu a mão a Gomes Freire, que nenhuma semelhança apresentava o autógrafo com a sua letra costumada. Mais dolorosa provação o aguardava.

Pediram-lhe audiência a mulher e as duas filhas solteiras de Beckman e ao sair à ante-sala a recebê-las viu-as trajando luto e com os cabelos soltos atirarem-se-lhe aos pés e abraçar-lhe os joelhos. Assim que a esposa pôde assaz reprimir a sua dor para falar inteligivelmente,

disse que a pedir a vida do marido não viera, sabendo que se do governador dependesse salvar-lha sem instâncias o fizera; vinha porém recomendar a sua compaixão duas órfãs, suplicando-o que no navio que estava prestes a dar à vela as mandasse para Portugal e para sua própria casa, onde lhe servissem a consorte e as filhas e conservassem a honra; pois que no Maranhão, onde mais que nascimento e virtude era estimada a riqueza, desvalidas como iam elas ficar agora e olhadas como filhas de quem padecera no patíbulo, seria em verdade deplorável a sua sorte! Chorosas secundavam as infelizes donzelas esta triste petição, rogando que quem no seu caráter público as tornava órfãs, como homem e como cristão lhes suprisse o lugar de pai, pelo menos dando-lhes um asilo em sua própria casa, embora mais do que como escravas não fosse. Era singularmente trágica a situação, nem tal apelo se teria dirigido a um homem ordinário. Gomes Freire prometeu servir aquelas desamparadas o melhor que pudesse, despedindo-as com protestos e interesse de que não podiam elas duvidar, vendo-lhe a emoção que claramente se estava revelando. Efetivamente quando confiscados foram postos à venda os bens de Beckman, comprou-os ele todos da sua própria fazenda, restituindo-os imediatamente às filhas para seus dotes.[15]

Beckman padeceu com firmeza e contrição, confessando ter tentado matar o governador a tiro por ocasião do desembarque.[16] Sampaio foi igualmente supliciado, e Tomás Beckman degradado por dez anos. O frade que do púlpito tinha concitado o povo foi encarcerado no seu convento, sendo os outros criminosos condenados apenas nas custas do processo.[17]

Teixeira, 2, 2, § 231-245

Berredo, § 1 342-3

NOTAS DO CAPÍTULO XXIX

1 Delas diz Vieira (*Cartas*, t. 3, p. 103) que não continham uma palavra, uma sílaba, uma letra que não fosse mentira, mas que de tal forma estavam dispostos os ânimos dos amigos desta gente que tudo recebiam como se foram verdades evangélicas. O mesmo já ele tinha dito no púlpito nas bochechas do povo do Maranhão: *Os vícios da língua são tantos, que fez Drexelio um abecedário inteiro e muito copioso deles. E se as letras deste abecedário se repartissem pelos Estados de Portugal, que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não há dúvida que a M. M. Maranhão; M. murmurar; M. motejar; M. maldizer; M. malsinar; M. mexericar; e sobretudo M. mentir... mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente. Sermões*, t. 4, p. 295.

2 Contra tão hiperbólico cálculo judiciosamente protesta J. F. Lisboa no seu estimabilíssimo *Jornal de Timon.* (F. P.)

3 A imparcialidade histórica exige que outro seja o conceito que devemos formar do governador do Maranhão Rui Vaz de Siqueira Berredo. Em incontestáveis documentos pinta-o J. F. Lisboa como manivela das ruins paixões dos moradores, e altamente favorecendo à corrupção a mais desenfreada. (F. P.)

4 Pedro César de Meneses foi nomeado no ano de 1673. (L. A.)

5 Seria ainda o *quondum* capitão de Curupá, cuja vilania Vidal e Vieira tinham descoberto? Se assim era, tinha ficado, trocando a farda pela sobrepeliz, o mesmo maroto que fora.

6 Assinalara-se Inácio Coelho na batalha de Montes Claros, em que tomou o tamboril do Príncipe de Parma, instrumento militar, de que, segundo Berredo, os príncipes e generais podiam usar na guerra, e os oficiais que o houvessem ganho ao inimigo. Por isso o trazia Coelho consigo. § 1225.

7 Berredo diz que a matança foi conseqüência da lei que abolira de novo a escravidão, mas esta só no ano seguinte foi publicada.

8 As razões da revolta no Maranhão são apontadas como várias entre as quais a da transferência da sede do governo de São Luís para Belém; a retomada de toda jurisdição espiritual e temporal sobre os índios pelos jesuítas, etc. Entretanto, parece que a fundamental seria mesmo o privilégio concedido à Companhia de Comércio de Lisboa. Esse privilégio era o do comércio exclusivo, por vinte anos, em todo o Estado do Maranhão e Grão-Pará. A Companhia era dirigida pelo comerciante português de Lisboa Pedro Álvares Caldas, que tinha como preposto no Maranhão Pascoal Pereira Jansen. A Companhia fora criada por alvará de 12 de fevereiro de 1682 (L. A.)

9 Contra esta romanesca reunião premune-nos a esclarecida crítica de J. F. Lisboa no seu tantas vezes citado *Jornal de Timon*; fazendo ver que não passa de um arabesco da fértil imaginação do Pe. Teixeira de Morais. (F. P.)

10 Digno de louvores e jamais suspeito de *fingido* deve ser o procedimento nobre e leal de M. Beckman. (F. P.)

11 Na apreciação do caráter e conduta de Manuel Beckman deixou-se infelizmente nortear o historiador inglês pelos testemunhos de Teixeira de Morais, o panegirista servil de Gomes Freire de Andrade, e Berredo, acérrimo defensor das arbitrariedades dos governadores que lhe haviam precedido no Maranhão. (F. P.)

12 Da mais impura fonte, como fosse a da *Relação* de Domingos Teixeira de Morais, extraiu Southey esta pretendida aliança de Beckman com os piratas, do que nem um grave cronista faz menção. (F. P.)

13 Na sua infância caíra ele num tanque, de onde o tiraram quase morto, e considerando-o inteiramente tal, depô-lo a mãe em cima do altar de Nossa Senhora do Bom Sucesso, ídolo mui venerado por milagroso. Pouco custou a acrescentar que uma senhora vestida de azul celeste aparecera ao menino, salvando-o, e assim lhe ensinaram a ele. Teixeira*, Vida de Gemes Freire*, 1, 1, § 6. 7.

14 Principiara Gomes Freire por marítimo a sua carreira, e tendo-se distinguido, rapaz ainda, numa ação contra piratas, mandou-o el-rei estudar a navegação até que a guerra do Alentejo lhe abriu campo mais vasto. Poucos dias antes de ter de dar a vela nesta viagem, foi ele a bordo do galeão em que devia embarcar, examinou-o miudamente, e louvando muitas coisas, achou mal arrumada a carga, dizendo que não deixaria ela assim governar a embarcação. Respondeu o capitão, que a carga nem impediria os marinheiros de navegar o navio, nem os soldados de defendê-lo. Pediu-lhe Gomes Freire com bom modo, que bordejasse um pouco no rio, para ver se o barco obedecia bem ao leme. A isto retrucou o capitão, encolerizando-se: "Vossa Senhoria tem embarcado em duas armadas: a mim nasceram-me os dentes no mar e nele os mudei e tenho tido experiência bastante para saber quando o meu navio está bem estivado." Soube-se desta resposta no paço, e quando no dia seguinte ali apareceu Gomes Freire disse-lhe o rei que lhe contava não ter ele achado a sua casa arrumada a seu gosto. O governador desculpou o capitão, dizendo que devia ter sido seu o engano, e em quem tão facilmente podia ter feito valer a sua influência e abusado dela elogiou-se como virtude este comedimento. O resultado provou ter sido bem fundado o seu juízo. Teixeira. 2, 2, § 137-43.

15 Toda esta cena melodramática só existiu na escaldada fantasia do Pe. Teixeira de Morais, que quis com ela moldurar o seu já tão pitoresco panegírico do general Gomes Freire de Andrade. (F. P.)

16 É igualmente inexato que M. Beckman tentasse contra a vida do governador: e visível é a intenção de Teixeira de Morais de carregar as cores do quadro para fazer sobressair a magnanimidade do seu herói. (F. P.)

17 Para Rocha Pombo foi essa insurreição, chefiada por Manuel Beckman, ajudado por seu irmão, Tomás Beckman, "a primeira manifestação formal e violenta do espírito da terra contra os processos da metrópole". Vide o estudo de José Honório Rodrigues, *Conciliação e Reforma no Brasil*, que nos dá a medida das violências dessa e de outras insurreições. Juntamente com Beckman foram condenados à pena capital Jorge de Sampaio e Francisco Deiró, este último executado em efígie. (L. A.)

. . . .

Capítulo XXX

PROGRESSO DO BRASIL NO SÉCULO XVII – O MARANHÃO E O PARÁ: ESTADO DAS RENDAS E COLONIZAÇÃO. PRODUTOS, ESTRADAS NO SERTÃO. ESCRAVIDÃO – O CEARÁ – O RIO GRANDE – PERNAMBUCO – EFEITOS TRANSITÓRIOS DA CONQUISTA HOLANDESA – A BAHIA – O RIO DE JANEIRO. S. PAULO. ESTADO DOS COSTUMES. ARTIMANHAS DO CLERO. FÁBULAS ATREVIDAS DOS JESUÍTAS. VIDA DE FR. JOÃO D'ALMEIDA

SETENTA anos eram agora decorridos desde que, expulsos os franceses, se haviam os portugueses estabelecido no Maranhão. No correr deste tempo tinham pugnado com um formidável inimigo externo, sobre terem-lhes retardado o progresso algumas calamidades naturais, muitas comoções internas, e sobretudo grande desgoverno: tinham porém criado raízes na terra.

1685

A província ou Estado do Maranhão, como se chamava, entendia-se por este tempo que principiava em latitude 4°4' sul, perto dos Baixios de S. Roque, indo terminar no Oiapoque, ou rio de Vicente Pinzón, onde devera começar a demarcação espanhola se os católicos franceses e heréticos holandeses houvessem respeitado a linha do Papa Alexandre. Colo-

Limites do Maranhão. Manuel Guedes Aranha. Ms.

Manuel Guedes Aranha. Ms. Papel Forte. Ms. Manuel da Vide Sotomaior. Ms.

cada quase no centro, achava-se a ilha do Maranhão bem situada para sede do governo. Havia na capital uma igreja matriz, quatro conventos, uma misericórdia, outra igreja por este tempo quase concluída, que podia servir de hospital, e uma ermida sobre o mar, que todas as tardes era visitada pelos devotos. Em 1648 orçava-se a população de todo o Estado em obra de quatrocentos colonos portugueses e oitenta soldados; no fim de dez anos tinha-se este número elevado a setecentos e em 1685 havia mais de mil portugueses só na cidade de S. Luís. Muitos dentre estes eram fidalgos: parece que quem quer que servia com alguma patente na ordenança, embora fosse por três meses somente adquiria nobreza, gozando não só de distinções sobre o povo, mas também de certos privilégios que tornavam o aumento desta classe em detrimento do Estado. Assentada do lado oposto da baía, contava Tapuitapera seus quatrocentos moradores, uma igreja, uma misericórdia e um convento de carmelitas: aqui tanto se haviam multiplicado os nobres em conseqüência do serviço na ordenança, que a irmandade da Misericórdia, composta de mecânicos e gente de baixa esfera, teve de extinguir-se por se haverem afinal nobilitado todos os irmãos.

Privilégios dos colonos

O orgulho acalentado por estas distinções locais, ainda mais o veio exaltar um ato de D. João IV, concedendo ao Maranhão e ao Pará os mesmos privilégios que D. João III outorgara em 1490 à cidade do Porto. Em prêmio dos seus bons serviços conquistando os fortes de Curupá e Cabo do Norte e expulsando de S. Luís os holandeses, bem como pelos merecimentos dos seus pais e avós nas primeiras conquistas decretou-se que nenhum vizinho do Maranhão ou Pará fosse posto a tormentos, exceto nos casos em que pudessem estes ser dados aos fidalgos, com que a este respeito ficavam todos equiparados; tampouco haviam de ser presos por qualquer delito mas se lhes daria menagem como aos mesmos fidalgos sobre poderem usar de armas ofensivas e defensivas. Todos os privilégios também do povo de Lisboa lhes foram conferidos, exceto o de cavalgarem mulas, por julgar-se em dano para o Estado criar estes animais improdutivos. Igualmente não podiam ser recrutados para o serviço de terra ou mar, nem se lhes podia apenar o gado ou tomar as casas contra sua vontade

ficando em tudo isto privilegiados como os infanções e ricos homens dos tempos antigos.

Aranha. Ms.

Rendas

Consistia a renda pública pela maior parte em décimos, que em 1658 se orçavam em cinco mil cruzados. Os direitos de alfândega eram quase nulos, sendo isentos deles os navios, que apresentavam despacho de saída de qualquer porto da mãe pátria, e se não o traziam, pagavam 10% do valor da carga. Havia um imposto de $4,00 sobre pipa de vinho, mas era gênero este que pouco se importava, destilando o povo um espírito do milho e da cana-de-açúcar.[1] O quinto dos escravos apresados em guerra legítima pertencia à Coroa.

Sotomaior Ms.

Comunicação entre Bélem e S. Luís

A viagem de S. Luís a Belém fazia-se em canoas costeando trinta e duas baías, algumas das quais de extensão tal que mal alcança a vista de um lado ao outro. A distância assim medida em circuito é de cerca de trezentas léguas; mas acham-se estas baías ligadas por um labirinto de águas e correntes, de modo que muito se encurta o caminho subindo um rio com a maré, atravessando para outro, e descendo com a vazante: fazia-se assim em trinta dias a viagem. Continha a cidade de Belém em 1685 uns quinhentos moradores, com o prodigioso aparato clerical e monacal de uma igreja matriz, um colégio de jesuítas, um convento de franciscanos, outro de carmelitas e ainda outro de mercenários, duas igrejas mais e uma capela. Também havia uma misericórdia, instituição humanitária, que sempre se deve referir com louvores. As décimas do Pará e suas capitanias elevam-se a uns quatro mil cruzados por ano: mas as salinas rendiam outros dois mil, e as pesqueiras da ilha dos Joanes e outras na foz do rio, mais dois mil. Arrematava-se a pesca, sendo pago em peixe, um terço adiantado: redes e canoas supriam-nas as salinas, e daqui era Belém mensalmente abastecida com umas 1.500 a 2.000 tainhas. No rio Cametá abundava extraordinariamente este peixe: para apanhá-lo bastava acender um facho numa canoa depois do sol-posto, e logo saltavam as tainhas para dentro em multidão tal que se não se extinguia depressa a luz ia o batel ao fundo.

População de Belém

Rendas

Sotomaior Ms.
Aranha Ms.

Despesa

Era de três mil cruzados o ordenado do governador-geral. O capitão-mor do Pará e o ouvidor-geral tinham $200,00

cada um, e o provedor-mor $250,00. O escrivão e o almoxarife no Maranhão venciam $80,00 e em Belém $70,00. Quando se mudou a sede do governo, é natural que os altos funcionários seguissem o governador, transferindo-se para S. Luís os vencimentos menores. O provedor percebia em Belém um salário de $80,00 e o ouvidor de $60,00. Tanto no Pará como no Maranhão tinham os capuchinhos uma consignação de cerca de $40,00, e satisfeita a despesa dos índios, canoas, etc., repartia-se o resto da receita entre os militares, incluindo o capitão de Curupá e os vigários, mesquinha paga e ainda por cima incerta. Em 1658 ganhava o sargento-mor de $40,00 a $50,00 no Maranhão e de $30,00 a $240,00 no Pará; o capitão da infantaria naquela província de $25,00 a $28,00 e outro tanto o capitão-mor de Curupá. Os soldados rasos teriam seus $6,00 a $8,00 por ano, e ainda se lhes abria uma conta de farinha e sapatos no Maranhão, e no Pará também de peixe, de modo que ao dar o balanço anual achavam-se muitos em dívida para com o almoxarife, e os que mais frugais tinham vivido nunca recebiam mais de cinco a dez tostões. Governo que tão mal pagava os seus servidores, pouca razão tinha para esperar ser bem servido. Havia em todo o Estado trezentos soldados válidos antes da transferência do governo, estacionando cento e cinqüenta em S. Luís e quarenta em Curupá. Quatro destes últimos andavam sempre cruzando com alguns índios numa canoa, para vigiar as tribos do litoral até ao Cabo do Norte: se achavam alguma desobediência como se dizia, que não podiam reprimir, corriam a vir buscar força adequada, e desta forma se afastavam os entrelopos e mantinha-se o país sujeito. As Câmaras eram tão pobres, que tinham a cada momento de valer-se dos seus meios privados. Propôs-se a acudir-lhes lançando um imposto adicional de 200 reais sobre arroba de canela do país, e metade dessa soma sobre igual peso de cacau, cobrando um foro de 50 reais por braça de terreno, que a Câmara concedesse, e fazendo pagar uma licença a quem com índios livres quisesse ir a Curupá ou subir o Amazonas, regulamento que, diziam, atalharia muitos males e inconvenientes.

Ferro no Maranhão

Era opinião geral ser o Maranhão rico em minas, razão por que, segundo se entendia, andavam as outras nações tão ansiosas por formar um estabelecimento sobre este rio. D. João VI mandou um certo Bartolomeu Barreiros de Ataíde com três mineiros, um veneziano e os outros franceses, à cata de ouro e prata

no sertão deste Estado. Subiu a expedição o grande rio, andando por lá dois anos sem resultado, mas de volta ao Maranhão[2], ofereceram estes homens fornecer ferro ao povo por um cruzado o quintal, se quisesse o Estado obrigar-se e tomar-lhes por este preço quanto eles apresentassem, mas não pareceu prudente celebrar semelhante contrato. Se no amanho do solo tivesse havido o mesmo zelo que se desenvolvia em removê-lo à procura dos metais preciosos, teriam estes países, favorecidos como foram da natureza, generosamente remunerado a indústria do homem. Mas um dos efeitos perniciosos da escravidão, sistema de que são perniciosos todos os efeitos (talvez mais perniciosos ainda para o senhor do que para o escravo), é que onde quer que ela existe passa o trabalho por aviltar o homem livre. Numa das memórias escritas em fins deste século sobre os meios de melhorar o Maranhão, recomendava-se que não se mandassem para o Brasil mais colonos brancos, pois que, dizia o autor, em nenhuma de nossas colônias é costume trabalhar a gente branca ou fazer mais coisa alguma do que mandar trabalhar os escravos. "Se", diz Manuel Guedes Aranha, "em países civilizados os nobres são tidos em grande estimação, com maior razão deviam os brancos estimar-se numa terra de gentios, por terem sido criados com o leite da Igreja e da fé cristã. Demais, homens diferentes são para coisas também diferentes: nós somos para introduzir entre eles a religião, e eles para nos servirem, para caçar para nós, para pescar para nós, para trabalhar para nós." Até a parte mais humana e mais religiosa do povo entendia ser de toda a justiça compelir os índios a trabalhar para os portugueses, em recompensa da instrução que recebiam. Manuel da Vide Sotomaior recomendava que se lhes explicasse isto ao distribuírem-se das aldeias, para que ficassem sabendo quanto era justo, e se conformassem com as leis de boa vontade e como súditos leais, vendo como era tudo para bem dos brancos, a quem deviam as doutrinas que os faziam felizes. Quem assim racionava era um homem bom e temente a Deus, afeiçoado aos jesuítas, e irmão desse Sotomaior, que trabalhando pela conversão dos naturais perdera a vida, e se tais eram os seus sentimentos, fácil é de supor quais não seriam os dos parciais da escravidão. Costumavam alguns frades afirmar serem os índios quais bestas-feras da floresta com tanta alma como tinham os cães, até que Deus lha infundia

João de Moura Ms. Coleção de Pinheiro, t. 6, nº 17

Expulsão dos padres. Ms.

no ato do batismo: tal era a doutrina, com a qual ia a prática perfeitamente de acordo.[3] Era que não tinham para o seu ofício outra qualificação estes frades além da tonsura e do hábito; ávidos de ganho para que pudessem voltar à Europa e comprar adiantamento acoroçoavam os moradores tanto com as palavras como com o exemplo em todas as maldades contra os naturais, excitando e fomentando o descontentamento contra os jesuítas, que eles odiavam não só pela sua ilustração e fama, mas também pelo decoro de suas vidas, seu zelo, seu desinteresse, suas virtudes.

Mortalidade entre os índios

Tratando-se dos seus próprios negócios, é o selvagem capaz de sofrer as maiores privações e fazer os mais extraordinários esforços: nenhum europeu podia viajar tão longe sem intermissão, nem passar tantos trabalhos, mas tão robusto era ele no seu próprio gênero de vida, como fraco no cativeiro. Com a consciência da liberdade parecia a mola real da máquina perder a sua força motriz, e fanava-se o coração como tolhido por algum feitiço, ou veneno lento. Há causas físicas pelas quais se torna freqüentemente mortal a transição do estado selvagem para o domesticado. Não pode a construção animal suportar uma mudança total repentina de alimentos, hábitos e ocupações. Se não são apanhadas novas, morrem as aves antes de se acostumarem ao cativeiro; e, a diferença por que elas passam no seu modo de subsistência, dificilmente será maior do que essa que sofre o homem passando de uma vida errante para outra fixa. A freqüente mudança de ares parece ter sido quase indispensável a uma raça que nunca jamais fora sedentária. Nas reduções, onde nenhuma violência se fazia aos índios, nenhuma restrição se lhes impunha, antes se fazia tudo quanto podia contribuir para o bem-estar dos novos colonos, era sempre grande a mortalidade nos primeiros meses; qual não deveria ser esta pois, quando a transição era para um estado de trabalho compulsório debaixo do azorrague de degredados feitores![4]

Horror dos índios à escravidão

Bem compreendiam os míseros naturais o horror de semelhante escravidão. Até os mesmos índios da corda queriam antes ser comidos por homens do seu próprio país, do que resgatados à custa da liberdade. Nisto entrava talvez em parte o pundonor, pois que entre os habitantes desta parte do Brasil não redundava a honra de tão abomináveis festins só em proveito de quem os dava, mas também da vítima.

Uma partida de resgate[5] encontrou um dia uma índia amarrada ao poste, e os selvagens a dançar, cantar e folgar em roda; davam-lhe de beber de vez em quando, e ao dançarem eles movia ela os pés ao cantarem acompanhava-os em voz baixa. Era esta índia evidentemente da corda, e tendo chegado exatamente a tempo de remi-la da morte, julgaram isto os portugueses especial mercê de Deus. Ofereceram pois comprá-la e provavelmente a pagaram mais cara, em razão da triste decepção porque os hóspedes reunidos se sujeitaram a passar; mas quando foram desamarrá-la converteu-se nela o contentamento em lágrimas e lamentações por ter de ir viver escrava entre os brancos em lugar de morrer em tão famosa festa, deixando um nome celebrado. Em outra ocasião, querendo os portugueses comprar uma mulher, disse o cacique, em casa de cujos filhos ela se estava divertindo, estar aquela índia destinada para uma grande festa, pelo que não se havia de querer deixar resgatar. Deixou-se porém a coisa à escolha dela a quem seria livre seguir os portugueses, querendo. A resposta foi preferia ela ser sepultada nas barrigas de seus senhores e donos, a quem amava por se ter criado com eles.[6] Nestes casos fundava-se especialmente na crença religiosa a preferência da morte à escravidão. O orgulho de saber sofrer produzia em ocasiões semelhantes igual resolução nos homens, nem as mais sábias lições da filosofia estóica lhes poderiam ter dado maior consolação do que a que tiravam das suas próprias superstições bravias e ferozes. Destinado a ser comido, foi um prisioneiro no sertão do Pará durante os preparativos do banquete amarrado num lugar onde ficava inteiramente exposto aos marimbondos, os mais vorazes e venenosos dos insetos alados no Brasil. Admirando-lhe a fortaleza, pois não revelava ele o menor sinal de dor apesar de coberto de sangue pelas ferroadas, queriam alguns portugueses livrá-lo deste tormento e da morte que o aguardava; mas o selvagem recusou a intercessão, e sacudindo do rosto os insetos, para que pudessem ver-lhe o sorriso com que respondia, disse que nesta pena achava prazer, e com torná-la tal se vingava dos que o atormentavam "Este corpo", acrescentou, "não sou eu! Compõe-se da carne que tenho comido, da carne dos meus inimigos, dos pais, irmãos e filhos desta gente. Eu apenas o habito, e alegro-me com vê-los atormentar a sua própria carne e sangue!" Mas ainda mesmo quando seme-

Aranha Ms.

Aranha Ms.

Fr. José de Santa Rita Durão, *Caramuru*, **P. 161-6**

lhante exaltação do espírito não servia de incentivo para escolher antes morte que escravidão bem sabiam os índios quanto valia mais a primeira. Exemplos houve de terem caçadores de homens cercado famílias inteiras numa das suas vastas habitações, e, esgotadas as razões e as promessas, com que trabalhavam por persuadi-las a entregarem-se, lançando fogo à casa na esperança de obrigá-las a sair; e estes pobres índios, abraçados os pais com os filhos, preferiram a morte nas chamas à miserável existência, sua única alternativa.

Aranha Ms.

Estradas no sertão

Os escravos lealmente comprados bem poucos eram comparados com os feitos à força. Inúmeros pereciam antes de chegar aos estabelecimentos portugueses. Era costume i-los metendo num cercado, como o gado, à medida que se apanhavam, até se poder fazer seguir de uma vez uma manada grande. Assim ficavam miseravelmente encurralados oito ou nove meses em estado de inação, inteiramente expostos aos elementos, o que o hábito de dormir em casas aquecidas por um fogo constante tornava prejudicial em dobro; desta forma se perdiam vidas sem conta. Raras vezes trazia um português para casa mais de metade do número que em quinhão lhe coubera. Grande era também a mortandade entre os índios que acompanhavam os traficantes de escravos, morrendo deles nestas expedições proporcionalmente muito mais do que de outra nenhuma classe de gente. A estação própria era durante os primeiros cinco meses de cada ano, mas a cobiça não esperava monções, e nos outros meses eram escassos os meios de subsistência, turva o insalubre a água, e os insetos tão intolerantes, que em conseqüência deste tormento muitos índios morriam, que como as outras raças não tinham vestidos com que resguardar-se. Os mesmos portugueses muitas vezes voltavam em lastimoso estado, inchados os membros, e arruinado o fígado. Como os jesuítas, tinham os traficantes de escravos por este tempo já penetrado mais de duas mil milhas pelo sertão adentro,[7] tal a avidez do lucro e o espírito aventureiro.[8]

Mas com eles ia a devastação. As margens do gigantesco rio, que Orellana achara tão populosas, estavam quase desertas agora, e por toda a costa do Maranhão a Belém, e daqui ao Curupá, nem um índio se via![9]

Sotomaior Ms.

Dependência em que do trabalho dos índios se vêem os colonos

Tinha o povo de S. Luís por ocasião da nomeação de Vidal requerido que ficasse o Pará debaixo do mesmo governador que o Maranhão, esperando assim obter maior quinhão de escravos visto ter já quase consumidos os seus próprios índios. Que a raça européia pode muito bem com o trabalho que nestes climas é necessário para o bem-estar do homem exuberantemente o provam as inauditas fadigas por que passavam portugueses em busca de escravos que por eles fizessem esse trabalho. Eram os primeiros conquistadores da América os mais robustos e esforçados dos homens, assim como eram também os mais desumanos: nas colônias espanholas tinha havido grande e geral degeneração, mas no Brasil estava ainda em todo o seu viço o ardor das empresas, e não só se haviam aclimatado aqui no decurso do tempo os portugueses, mas, graças à grande mistura de sangue indígena, tinham as constituições de nascença adaptadas ao clima em que nasciam: contudo o costume os tornava dependentes dos seus escravos a ponto de não poderem viver sem eles. Moravam os colonos do Maranhão e do Pará por este tempo cada família em sua ilha, ou sobre um desses arroios que comunicam com rios maiores, espraiando-se como veias pela superfície do país: nestes lugares pois, se fixavam cada qual onde melhor lhe parecia a terra, sendo a posse título suficiente de domínio. A única via de comunicação entre estas famílias e com a cidade era por água[10], confiando cada uma nos seus próprios meios de defesa e subsistência. Pastos[11] não os havia, estando coberto de mato todo o terreno que para plantações não havia sido desmontado: era pois a caça o único alimento animal e matá-la e pescar ficava a cargo dos índios. Se a tais ocupações se houvesse limitado o trabalho destes, e à tarefa das plantações para a família, e serviços domésticos, ter-se-ia apresentado a escravidão debaixo da sua menos odiosa forma: teria sido na realidade vassalagem apenas, e com a vantagem sobre igual instituição, na Europa feudal, de haver consideravelmente melhorado com a mudança a condição dos reduzidos a este estado. Este melhoramento esperava a Corte da Espanha consegui-lo com o seu sistema de *repartimientos* e *encomiendas*, e é por este fundamento que ainda a escravidão acha alguns advogados entre homens que têm um bocado de ilustração e filosofia para perverter na defesa dela. Não querem esses porém perceber a diferença entre um século feu-

dal e outro comercial. O senhor feudal só exigia serviços militares e trabalhos agrícolas, para compelir aos quais bastava a consciência da necessidade e conveniência dos mesmos, sem que fosse mister intervir o chicote. A mira do fazendeiro é o ganho, e menos dura e desapiedada que a ambição não é a avareza. Eram por este tempo os índios no Maranhão e Pará estafados e esfalfados de morte, como em outros países praticam com as bestas de carga alguns homens desalmados: ou então assassinavam-nos com tormentos lentos e sistemática crueldade, quando nos donos havia alguma coisa diabólica. Indivíduos mais humanos, cujos escravos eram tratados como filhos de casa, havia-os por sem dúvida, mas que o sistema geral era flagicioso no último ponto, provam-no não só testemunhos irrecusáveis, mas também o fato irrespondível da despovoação.

Defesa falaz da escravidão

Sustenta-se então no Brasil o argumento ímpio de que por nenhuma lei divina era a escravidão proibida, e outro falaz de ser ela um paliativo da guerra, e em si mesma um benefício para o selvagem temido da antropofagia e das superstições pagãs. Mas tem-se visto como no tráfico de escravos índios não menos que no de africanos, se empreendiam hostilidades para obtê-los, de modo que longe de ser o paliativo da guerra, era a escravidão a causa dela. É óbvio ser impraticável com selvagens o sistema de troca de prisioneiros; quando eles poupam a vida de um inimigo, é para fazê-lo escravo, e quando são vencidos é a morte ou a escravidão a única coisa que esperam. Entre eles porém é leve o jugo: adotado o escravo na família do senhor, ficava a diferença entre um e outro sendo meramente nominal nas tribos brasileiras. E se fosse próprio de um povo cristão e civilizado seguir os costumes de selvagens, sobre os quais era do seu dever e do seu interesse influir por meio de bons exemplos, e ainda que o argumento de ser escravidão ou morte a única alternativa fosse justo em si mesmo, não era contudo aplicável ao Brasil, onde tinham os jesuítas estabelecido um meio-termo exatamente apropriado ao caso. O sistema das aldeias teria sido o melhor possível, se nelas não houvesse trabalho compulsório, e se os filhos, nascidos e educados como cristãos, fossem incorporados na massa da população. Não se atreveram os jesuítas a propô-lo, ou talvez que aqui como no Paraguai desejassem eles reter os índios num estado de infantil docilidade. Mas Vieira, que tinha o ânimo mais nobre e mais

generoso o coração, a si mesmo se exprobra haver transigido com a justiça, pedindo a D. João IV menos do que devera em prol de uma raça oprimida.

Sermões, **4,**

Produtos silvestres

De considerável valor eram os produtos silvestres que se iam buscar pelos rios acima.[12] Salsaparrilha, canafístula e outras drogas achavam-se em abundância; também havia muita canela americana e uma espécie de noz-moscada mais pequena que a das Molucas. Não servia esta para exportação, por não se ter descoberto meio de extrair bem o óleo, sem o que se estragava a noz, o óleo servia como aplicação externa contra muitos males. A baunilha afirmava-se ser a melhor e maior do mundo, e dizia-se que, limpo o terreno, era o anil a primeira planta que rebentava. Da mesma forma abundava no sertão o cacau, mas já por este tempo se principiava a cultivá-lo em Belém, por sair mais barato plantá-lo do que ir buscá-lo a grandes distâncias, onde crescia espontâneo. Vendia-se por $6,00 a arroba da canela,[13] que pagava $0,60 de imposto. Não levaram os mercadores, ou antes apanhadores, outras provisões afora farinha de mandioca e sal, descansando quanto a tudo o mais sobre os índios. Amarrado o batel, metia-se um destes ao mato e outro à água, trazendo caça e peixe, de onde nem branco nem negro faria coisa alguma, pois que tanto os pretos como seus senhores eram inexperientes na arte de nadar, e se se metiam às selvas, perdiam-se infalivelmente, faltando-lhes essa sagacidade de instinto com que em semelhante situação se orientam os índios. A caça que encontravam eram antas, capivaras, varas de porcos-bravos, veados, e animais menores: o tigre era a única fera de que se arreceavam,[14] pois que, sendo provocado saltava-lhes para dentro da canoa, investindo-os ali com vantagem. De tão perseguidas nos rios próximos de Belém, tinham as tartarugas aprendido a usar de cautela; antes de desembarcar à tarde para porem seus ovos, mandavam uma sentinela adiante a bater o campo, e ao mais leve sinal suspeito voltava a esculca a meter-se à água, de onde nem uma única saía aquela noite. Produziam as terras inundadas arroz silvestre, que os índios iam recolher nas canoas antes de se retirarem as águas.

Aranha Ms.

Produtos cultivados

Entre os produtos cultivados era o algodão o mais importante: passava nesta época o do Maranhão pelo melhor da América, e como dele se fabricasse a roupa do uso comum, constituía

também o principal meio de permuta. Da mandioca gostavam tanto os moradores, que não concebiam como se pudesse preferir-lhe a farinha de trigo, conferindo a esta o alto privilégio de servir exclusivamente para hóstias. É singular que nos pintem a cultura do tabaco, atualmente uma das mais fáceis no Brasil, como a mais destruidora de índios: estava ela porém por este tempo abandonada por falta de braços, razão por que também caíam em ruínas no Maranhão os engenhos. O alto preço dos negros tornava inútil a importação deles. O trabalho de um negro em toda a sua vida, diz Manuel Guedes Aranha, não valeria no Maranhão $100,00, sendo esta soma o mínimo por que se podiam comprar, embora se permitisse a importação por metade dos direitos costumados. Mas eram escravos o único meio de adquirir riqueza, e só quem exercia algum ofício mecânico podia subsistir sem eles. Muitas famílias havia no Maranhão, descendentes dos primeiros conquistadores, cujas filhas ficavam solteiras pela pobreza dos pais, e isto num país onde todos podiam viver na abundância, se o homem livre se não envergonhasse de cultivar a terra. Entre os muitos planos apresentados ao governo para melhoramento desta província, apareceu um recomendando a importação de fidalgos; um carregamento de frades mal pôde ter sido mais inútil. "Se as famílias antigas", diz Aranha, "que gozam de respeito hereditário e possuem direitos vindos de pais a filhos, vivem em tal penúria de bens, que não podem dotar as filhas, o que havia de ser de uma nova fornada de nobres! Seriam uma carga para o Estado, se tivesse o Estado de sustentar-lhes a nobreza, mas ele o não poderia, e assim nada os livraria da pobreza e da miséria."

A transferência da sede do governo concorreu para a decadência do Maranhão.[15] Indústria comercial não faltava, antes eram necessárias leis para coibir as autoridades civis e judiciais de se entregarem ao tráfico, andando até o clero envolvido em especulações mercantis; mas à míngua de agricultura não chegavam os gêneros alimentícios para a população, rara como era, e onde quer que este mal ocorre, não vem ele de lei alguma da natureza, mas dos erros do homem. Grande parte da mocidade do Maranhão[16] teria emigrado para o Pará, se encontrara abertas as comunicações por terra. Enviando-lhes colonos, entendeu o governo português acelerar o progresso destes países, e cinqüenta famílias do Faial, cujos haveres um vulcão destruíra, foram levadas para Be-

lém. Com generosa hospitalidade as receberam em suas casas os moradores, até que elas pudessem estabelecer-se, e num lugar chamado Campina se lhes marcaram terras, com obrigação de edificarem ali uma rua. Deram-lhes esperanças de obterem um quinhão nos índios do último resgate, mas, como de costume, distribuiu o governador pelos amigos os que não guardou para seu próprio serviço, e os ilhéus, duzentas e trinta e quatro pessoas, ficaram reduzidos à maior miséria, e a cargo da caridade dos colonos antigos.

Berredo § 1 207-8

Ciúme dos franceses e holandeses. João de Moura. Ms.

Não havia contudo no Pará tanta miséria como no Maranhão. Em muitos dos rios mais próximos trabalhavam engenhos, cultivava-se tanto tabaco como açúcar, e entre outras tintas achava-se ali a cochonilha. Era ainda muito pouca a segurança nesta Capitania, de onde apesar de todo o cuidado não era possível afastar os entrelopos.[17] Guardavam as tribos da ilha dos Joanes lealmente o tratado feito com Vieira, e que parece nunca ter sido violado, de modo que colonizaram os portugueses pacificamente aquela ilha, mas da banda do norte continuavam eles a mercadejar com navios estrangeiros. Por este lado costumavam entrar os holandeses, e passando Curupá, subiam quinze singraduras até ao Tapajós. Na conveniência de se fortificar Curupá, como ponto que dominava a navegação do Amazonas, e verdadeira chave do rio, insistiam vivamente quantos escreviam memoriais sobre o Estado do Maranhão. Abandonado como estava, qualquer potência podia ocupá-lo quando quisesse, e se caía nas mãos de um inimigo, tudo quanto os portugueses haviam feito explorando o país, só serviria para mostrar a outros o caminho. Era aqui e na Capitania do Cabo do Norte que cumpria estabelecer colonos brancos. Recomendava-se a construção de uma boa fortaleza neste cabo, sobre alguma das eminências a cavaleiro do canal situação própria, segundo se dizia, não somente para um forte mas até para assento de grande e opulenta cidade. Os holandeses de Surinã, e os franceses de Caiena, eram objetos constantes de ciúme nestas paragens, sendo talvez mais temidos os primeiros, em razão de terem emigrado para esta nova colônia alguns dos judeus do Recife.

Von Sach, p. 93

O Ceará

Enquanto a despeito de todas as desvantagens políticas adquiriram população e importância o Pará e o Maranhão, nenhum progresso fazia a vizinha Capitania do Ceará. O recife, que se

prolonga por tão grande extensão da costa do Brasil, pouco abrigo oferece aqui a navios fundeados; não há rio nem porto, mas praias alcantiladas, violenta ressaca, e um ancoradouro exposto aos ventos. Tão pouco favorecida como o mar é a terra, e menos fértil do Brasil, e como o sertão de Pernambuco e a costa para o sul, exposta a longas e fatais secas. Nesta época só as suas salinas, o seu âmbar, e o seu pau-violeta lhe davam valor: não eram cobiçadas dos índios estas coisas, e os franceses, de quem a Corte de Lisboa se mostrava agora mais zelosa ainda que dos holandeses, não iriam por certo estabelecer-se em país não tentador, nem sobre uma costa desabrigada. Mas andando infestados de piratas os mares, mandou D. Pedro erigir um forte que tolhesse estes miseráveis refrescarem aqui. O que Martim Soares plantara antes da guerra dos holandeses, era apenas defesa contra os índios, nem durante as hostilidades haviam passado de uns trinta portugueses os moradores. Aumentara por sem dúvida a população, desde que os jesuítas, conciliando as tribos de Ibiapaba, haviam dado segurança aos colonos; pois que não havendo para aquele distrito caminho por água, nem existindo plantações perto, escapavam os naturais à opressão que os portugueses do Pará e Maranhão faziam sentir a todos quantos lhes ficavam debaixo do domínio ou ao alcance. Tendo sido originariamente ocupado como primeiro passo para colonizar o Maranhão, foi o Ceará contudo anexado ao governo do Brasil, de que estava separado aquele Estado.

Papel Forte. **Ms.**

Jaboatão, *Preâmb.* **§ 151**

Rio Grande do Norte 1685

Suc. do Galeão Santiago. *Hist. Trág. Marít.* **2, 502**

A vizinha Capitania do Rio Grande (ou *Potengi*) tinha sido começada a colonizar em princípios deste século décimo sétimo por João Rodrigues Colaço. Recebera ele instruções para fundar ali uma vila, que, tendo a ordem emanado do governo espanhol, foi posta debaixo do padroado de Santiago, e chamada do mesmo nome, mas depois da revolução, reputando quiçá os portugueses aquele santo por demais votado aos interesses da Espanha, privaram-no do seu protetorado, chamando Três Reis a povoação. Quando a tomaram os holandeses defendia-a a melhor fortaleza do Brasil. Deram eles maior solidez ao forte, que chamaram Keulen do nome do seu conquistador, e destruída a vila não tardou a reerguer-se a alguma distância em lugar mais conveniente. Num relatório

oficial holandês se diz ter tido então o rio água bastante para receber os maiores navios: hoje é um porto difícil com uma barra de areia movediça, não admitindo navios de mais de cento e cinqüenta toneladas. Dois engenhos havia aqui ao tempo da conquista holandesa, e um destruiu a guerra. Senhoreavam os holandeses toda a terra do Potengi ao S. Francisco quando a restauração da monarquia portuguesa lhes veio aparentemente assegurar as conquistas. Nova Holanda se chamava então esta parte do Brasil, mas estava aquele nome destinado para designar mais extenso país em outra parte do globo, nem tardou que a Nova Holanda da Companhia das Índias Ocidentais se tornasse, como a França Antártica de Villegagnon, um nome vão, conservado para exemplo de quanto é míope a ambição presunçosa. Mereciam os holandeses perder estas possessões pela perfídia com que haviam tentado ampliá-las durante as tréguas, baixeza com que tinham buscado tirar partido do estado desvalido de Portugal, avareza cega e desapiedada que lhes manchava o caráter nacional, e crueldade brutal que em todos os seus domínios estrangeiros os assinalava: mas não eram eles inteiramente destituídos de algumas qualidades que lhes compensassem os vícios. No governo o príncipe Maurício de Nassau grandes esforços se fizeram para explorar o país, civilizar os tapuias, e melhorar a condição geral do povo. Suas pontes, seu palácio, e sua cidade, aí ficaram, monumentos da sua administração sábia e magnífica, mas ainda estes não são os mais duradouros. Levara ele consigo escolares, naturalistas e desenhadores. Seus feitos foram celebrados em verso latino por Franciscus Plante e por Barieces, numa história escrita na mesma língua e digna da reputação do seu autor. A obra de Marcgraff e Piso foi a primeira sobre a história natural do Brasil, como as estampas do livro de Barlaeus foram as primeiras representações geográficas de cenário e costumes brasileiros.

Antiguidades pernambucanas

Por ordem de Nassau entrou Elias Herckmann pelo sertão em busca de minas. Nada achou do que procurava, encontrou porém vestígios de algum povo esquecido que teria sido senhor do país antes da raça atual de selvagens, mas de quem nem a mais vaga tradição se conserva. Achou duas grandes pedras, perfeitamente redondas, conhecidamente arredondadas por mão de homem, e por mão de homem também postas uma sobre a outra, ficando a maior por cima; mediam dezesseis pés de diâmetro, sendo tal a altura, que do

chão não podia um homem chegar ao meio.[18] No dia seguinte topou com outras pedras de tal magnitude, que à força humana parecia impossível havê-las movido; erguidas estavam à guisa de altares, comparando-as Herckmann com certos monumentos de Drent[19] na Bélgica. Na mesma região do país descreve Koster uma pedra de balanço. Aqui pois se encontram no Brasil antiguidades da mesma natureza das da Bretanha e do norte da Europa, referindo o mesmo viajante existirem no leito do rio Paraíba pedras escritas. Rochedos esculpidos com figuras de animais, do sol, da lua e das estrelas, sinais hieroglíficos, e se a um franciscano pouco curioso podemos dar crédito, com caracteres, também têm-se encontrado recentemente na Goiana, a parte mais selvagem da América do Sul, e até agora a menos explorada. São interessantíssimos estes fatos, posto que confundam a curiosidade que excitam, e suscitem pensamentos humilhantes e melancólicos.

Zelo dos holandeses pela religião

Muito e louvável zelo na propaganda da religião reformada se mostrou sempre não só debaixo da administração de Nassau, mas enquanto os holandeses estiveram no país. Havia ministros protestantes[20] em Olinda, Itamaracá, Paraíba, cabo de S. Agostinho e Serinhaém, e três no Recife. Alguns dentre eles aprenderam o tupi, e com que brilhante resultado trabalhariam entre os índios, pôde depreender-se da desconfiança com que Vieira olhava os que tinham estado debaixo dos cuidados pastorais destes homens. Esforçavam-se tanto por civilizar como por converter os selvagens. Já se viu como na serra de Ibiapaba andavam em uso papel e lache, havendo ali índios que tão bem como os portugueses sabiam ler e entender as leis. Mas apesar de querer o governo bem aos habitantes aborígines, e cumprirem alguns clérigos com acrisolado zelo e grande proveito o seu dever, assinalava-se o proceder dos holandeses em geral, tanto para com os índios como para com os negros, por essa profunda depravação que os tem caracterizado em todas as suas colônias. Durante a guerra capturavam os seus corsários quantos índios achavam a pescar, ou podiam apanhar na costa, indo depois vendê-los nas ilhas produtoras de açúcar. Dentre 6.400[21] negros importados, mais de 1.500 morreram no primeiro ano e meio, imputando o mesmo Nassau esta terrível mortalidade ao sustento doentio e insalubre que recebiam durante a viagem e aos maus-tratos. Assim atenta-

Du Tertre, t. 2, p. 484

vam estes desgraçados escravos freqüentemente contra a vida de seus desumanos senhores, e, se não logravam o intento, o veneno os livrava de uma vida de insuportável miséria.[22]

Piso, p. 39

Alguns melhoramentos introduziram os conquistadores enquanto senhoreavam o país. Um povo costumado a tão grande limpeza na pátria, não podia tolerar a imundície de uma cidade portuguesa, e assim eram as ruas do Recife regularmente varridas.[23] Também cultivavam plantas culinárias que depressa se propagaram por todos os quintais, indo parar a todas as cozinhas, mas veio a guerra pôr termo à horticultura, parecendo este benefício não ter sido senão passageiro. Plantaram com feliz resultado grande número de vides, colhendo muita uva, de que faziam um vinho para exprimir a excelência do qual diz Piso que não era inferior ao de Creta. Preferiram os soldados a mandioca ao trigo, reputando-a alimento mais forte. Em outros pontos mostraram-se mais aferrados aos antigos hábitos os holandeses. Apesar de não sonharem senão com doença e morte os portugueses, como se dizia, se moravam em terras baixas, com essa obstinada predileção por pantanais e águas mortas, que custou tantos milhares de vidas na Batávia, não edificavam os neerlandeses senão em pauis e nas planícies. Prestavam-se estas situações ao seu sistema de fortificações e eles careciam de fortificar-se. Sofreram contudo menor dano do que se lhes vaticinara, menor talvez do que outro qualquer povo experimentaria, servindo o seu passadio, mais substancial do que o dos portugueses, e o hábito de fumar para neutralizar os perniciosos efeitos das exalações miasmáticas, sobre acharem-se também os corpos desde muito habituados a semelhante atmosfera. As mulheres porém sofriam muito com a mudança do clima, por não beberem nem fumarem, e, como ao princípio sucedera com as portuguesas, criavam muito poucos filhos, sendo para elas uma necessidade ter amas índias ou negras, que nunca desmamavam a criança antes do fim do segundo ano, e até poucas vezes tão cedo.

Marcgraff, 8, 1

Estado da população

Cultivado apenas aos pedaços estava o país, que os holandeses possuíam do Rio Grande do Norte às Alagoas. Estendia-se a cultura ordinariamente até dez a quinze milhas da costa, poucas vezes mais longe, e nunca além de vinte e uma ou vinte e duas; mas nenhum holandês

se estabeleceu a mais de oito milhas do mar, tanto por medo dos portugueses e dos selvagens, como pelas conveniências do comércio. Entre freguesia e freguesia costumava mediar uma região erma de dez eu doze milhas, talvez de mais. Nestas áreas não cultivadas ainda por acaso se encontrava alguma salina, alguma choça de pescador, mas todo o resto era um deserto que nenhum dos moradores fixos havia jamais explorado. Para desenvolver-se faltou o tempo à admirável indústria dos holandeses, e os ramos da que existia sofreram terrivelmente durante a guerra. A lucrativa pescaria que se fazia na costa ficou inteiramente abandonada depois da conquista; procuraram os invasores restaurá-la durante as tréguas, mas a renovação das hostilidades não o permitiu. Sendo propriedade da Coroa o pau-brasil, não deixava o governo português cortar anualmente mais de dez mil quintais desta preciosa madeira. Os holandeses cortavam-na sem restrições, levando a machado tanto as árvores novas como as velhas; Nassau recomendou que se observasse o sistema português, impondo pesadas penas a quem destruísse as árvores novas.

Papel Forte. **Ms.**

À sua chegada não sabiam os holandeses como fazer o açúcar. Aconselhando a cessão destas províncias, alegava Vieira esta inexperiência como razão de não dever ela prejudicar o comércio do açúcar, sendo mais procurado e pagando-se melhor o das capitanias portuguesas. Não é porém possível que uma nação reserve para si artes desta natureza de modo que impeça outro qualquer povo de rivalizar com ela, sendo igualmente favoráveis as circunstâncias. Por ocasião da sua expulsão levaram os holandeses consigo alguns negros perfeitamente traquejados no serviço de um engenho, e estes homens serviram de mestres aos franceses de Guadalupe, habilitando-os primeiramente a competir com o açúcar português, e depois a suplantá-lo em muitos mercados.

Du Tertre, 1, 463

Estado florescente de Olinda antes da guerra

Antes da invasão era Olinda a mais florescente das colônias portuguesas e talvez a mais rica. Navios de todas as lotações ali estavam continuamente entrando e saindo, e contudo mal bastavam para transporte do açúcar, de que Pernambuco produzia então mais que a Bahia. Aqui descarregavam a melhor parte dos seus tesouros os barcos do Peru, que vinham de retorno, ou se haviam subtraído aos direitos no porto da partida. Quem se não servia com

Pyrard, 129

baixela de prata passava por pobre. Com sedas e cetins se não contentavam as mulheres, mas queriam-nos com os mais ricos bordados, e tão profundamente se cobriam de jóias, diz Fr. Manuel do Salvador, como se sobre elas houvessem chovido pérolas, rubis, esmeraldas e diamantes. Não havia nova moda no trajar, nem nas guarnições de espadas e punhais, que os homens não abraçassem logo, e para as suas mesas se importavam regularmente os mais delicados produtos de Portugal e das ilhas do oeste. Assim parecia a cidade, diz ainda o frade, mais do que Terra uma imagem do Paraíso, até onde podiam torná-la tal a dissipação e a opulência. Crescera no porto uma cidade florescente, mas não igualava o Recife o esplendor da sua antiga capital. Quando Rennefort o visitou em 1666 continha ele pelo seu cálculo cerca de trezentas casas, além de outras tão miseravelmente construídas que parece tê-las considerado o viajante como pardieiros indignos de se meterem em conta. Todas eram de um andar somente. Havia mais umas cem em S. Antônio, como Maurícia se chamava agora, tendo o nome do fundador cedido o lugar ao do santo favorito dos portugueses.[24] Mas as obras desse fundador sobreviveram-lhe ao nome; no palácio, que fora dele, residia agora o governador, e com deleite fala o autor francês da fragrância e beleza dos bosques e pomares que o príncipe Maurício com tanta magnificência plantara.

Poucos casamentos entre holandeses e portugueses

Vinte e cinco anos tinham estado no país os holandeses e contudo pouca mistura houvera entre as duas nações; era a diferença de religião obstáculo por demais forte, sendo sinceras ambas as parcialidades, e olhando uma a crença da outra com mútuo desprezo, acompanhado contudo do mais feroz e intolerante horror da parte dos papistas. Os casamentos mistos que se deram, foram com portuguesas.[25] A maior parte destas seguiram provavelmente os maridos por ocasião da expulsão; mas se os esposos preferiram ficar no país entre os seus novos parentes, ainda que pessoalmente se não conformassem com a superstição dominante, caíam nela necessariamente os filhos; de modo que com a primeira geração desapareceu todo o vestígio da religião, língua e costumes dos holandeses. A luta ambiciosa que por tanto tempo sustentaram os holandeses com tão grande dispêndio de sangue e cabedal, nenhum benefício póstumo produziu além do de provar, como advertência a qualquer outra potência, quão impossível é a conquista per-

manente do Brasil. Povo de tão resoluta nacionalidade como o português, e em semelhante país não há forças humanas que o domem.

População da Bahia. *Papel Forte.* **Ms.**

Em meados do século avaliava-se a população da Bahia e Recôncavo em 3.500 almas, e em 2.500 homens a guarnição, devendo porém ter sido muito maior a primeira pois que já setenta anos antes passava de 2.000, e muitos emigrantes de Pernambuco e da Paraíba ali tinham ido buscar refúgio; e apenas vinte anos mais tarde reputava Dellon a cidade tão extensa como a de Lion e mais populosa. Fala este viajante de belas ruas, grandes praças, bem edificadas casas, magníficas igrejas e de um soberbo palácio do governo; ora, uma cidade de tamanho meão não a descreveria assim que vinha diretamente de Goa.[26] Ao findar o século orçou Dampier em duas mil as casas, que diz serem edificadas de pedra e cal, cobertas de telha e de dois e três andares de altura. Poucos anos depois chama-a Frazier populosíssima, devendo a população realmente crescer com mais do que ordinária rapidez num país onde as mulheres raras vezes põem o pé fora da casa, e das portas adentro reina a indolência. Duas vezes no correr de poucos anos tinha a cidade sido severamente flagelada pela peste, e grande devia ser a prosperidade geral para tão depressa se restabelecer a população. Causa principal desta prosperidade era ser aquele lugar um asilo para os cristãos-novos, raça que com tão diabólica crueldade e inconcebível impolítica era perseguida tanto na mãe pátria como na Espanha. Apesar de aborrecerem cordialmente os judeus e desconfiarem de todos eles, não estavam os brasileiros dispostos a sofrer entre si um Santo Ofício; às tentativas desta execrável instituição para ganhar pé ali sempre se opusera eficaz resistência, e teve o Brasil a fortuna de ficar isento do que foi conjuntamente o opróbrio e a maldição de Portugal.[27] Era uma raça desprezada os cristãos-novos, mas levavam geralmente com paciência a sua cruz, sendo característica do povo de que procediam arrostar tanto o desdém como o perigo quando o lucro se lhe afigura certo. Em princípios do século décimo sétimo viviam nesta cidade muitos dentre eles, que valiam suas sessenta ou cem mil coroas, ou muito mais ainda, mas não havia tesouros que pudessem comprar-lhes o respeito de seus fanáticos conterrâneos.

Notícia do Brasil. **Ms.**

Bastava neste tempo nove ou dez anos para realizar na Bahia uma fortuna. Pyrard, que vinha da Índia, em cidade nenhuma vira andar a prata a rodo como nesta: vinha ela de Buenos Aires engenhosamente contrabandeada. Sacos cheios do precioso metal se amarravam à âncora, que se não suspendia enquanto os oficiais do fisco não deixavam o navio, e assim era importada toda a prata que havia no Brasil e em Angola. Ao separarem-se as duas Coroas, deve ter cessado este influxo, mas em si mesmo tinha a Bahia abundantes mananciais de riqueza. Houve tempo em que a sua pesca de baleias chegou a ser a maior do mundo. Debaixo do governo espanhol era ela arrematada, entregando-se a esta indústria aventureiros biscainhos; servia a carne daqueles animais de alimento aos escravos, e da gordura se tirava todo o azeite para consumo das luzes no Brasil. Em fins do século arrendava a Coroa esta pescaria por trinta mil patacões.

Mais de meio século passou depois da fundação da cidade antes que pudessem os baianos acostumar-se a deixar de considerar como objetos de primeira necessidade trigo, vinho e azeite de oliveira.[28] Estes e todos os mais gêneros europeus diz Pyrard que se vendiam por seis ou oito vezes o seu custo na Europa, tendo o valor do dinheiro diminuído na proporção que aumentava a quantidade do meio circulante. Quando, depois do rompimento com a Espanha, cessou o influxo dos metais preciosos, ampliando-se ao mesmo tempo a cultura, tornou-se a subsistência tão barata como antes fora nominalmente cara.[29] O artigo de lei era açúcar, com que eram abastecidos os mercados da França, supondo-se que vinha da Madeira ou da ilha de S. Tomé.[30] Os madeirenses, apesar da vantagem de estarem muito mais perto da Europa, acharam tão ruinosa a concorrência, que com sábia e felicíssima previdência foram pouco a pouco abandonando a cultura da cana e entregando-se à da vide.

Labat. Jones, 5, 193

Boipeda, Cairu e Camamu

Em meados do século décimo sétimo achava-se uma população de trezentas a quatrocentas almas derramadas pelas costas de Boipeba, Cairu e Camamu, e em fins dele mal poderiam estar ressarcidos os estragos causados pelos guerens entre esta gente. No Rio das Contas haveria uns trinta colonos. Fora em decadência a vila dos Ilhéus, que ao tempo da guerra holandesa possuía um forte com duas peças, sem munições, artilheiro,

nem guarnição, e uns cinqüenta vizinhos apenas, além de uma aldeia de índios mansos. Reúne a Capitania singulares vantagens de navegação interna, tendo canais naturais, por onde, sem sair ao mar, podem barcos chegar à Bahia, a mais de trinta léguas de distância. Por outro lado porém tornam-na pesados orvalhos e quase incessante chuva um país desagradável e insalubre. Mal se distinguem ali as estações; vêem-se as árvores simultaneamente cobertas de flores e de frutos em todas as gradações do seu progresso, por não ter nem o inverno frio bastante para abafar a vegetação, nem o verão influência para a desenvolver em toda a sua força. Ocasiona dolorosas moléstias a perpétua umidade, e contudo se acontece haver quinze dias de sol, seca e racha o barrento solo tornando-se o bom tempo uma calamidade.

Porto Seguro

Contava Porto Seguro cinqüenta moradores ao tempo da guerra holandesa, sem tropa nem fortificações, mas tinha suas três aldeias de índios. Havia também uns quarenta portugueses no rio das Caravelas, lugar onde se embarcavam para Angola os búzios que ali servem de dinheiro. Tendo-se feito estes cálculos para mostrar a fraqueza do Brasil, e o como estava tão completamente exposto à mercê de qualquer invasor atrevido, e computar-se-iam os números o mais baixo possível. Pusera Cabral o nome de Porto Seguro a este sítio pela excelência do seu ancoradouro, que admitia então navios no curso da Índia; iam-se porém gradualmente atulhando de areia os portos da costa, em que já não podiam entrar senão embarcações miúdas. Sobre o rio Insuasema se fundara uma vila, mas em 1664 estava já abandonada por causa dos aimorés. Também alguns tupinambás e tamoios havia aqui, restos dessas formidáveis nações com que tinham antigamente estado aliados os franceses, e que os portugueses mais subjugaram pela influência dos jesuítas do que pela força das armas. Haviam estas tribos sido inimigas dos aimorés, invasores de suas terras, mas agora se uniam a eles no seu ressentimento pelos maus-tratos desde tanto tempo sofridos. Os tupiniquins, a mais dócil e fiel das tribos brasileiras, era pelos portugueses, mas ainda mesmo com tais aliados eram estes muito inferiores em forças. As vilas de S. Cruz e S. Amaro foram totalmente destruídas, e vingando antigos agravos, surpreenderam os índios numa quinta-feira santa os moradores de Porto Seguro reunidos na igreja, e fizeram entre eles tremenda matança. Depois fo-

Papel Forte

ram os selvagens rechaçados para o sertão, e as bexigas os dizimaram horrivelmente, mas um século mais tarde ainda a Capitania não volvera ao antigo estado.

Jaboatão, § 69, 70

Tinha o Espírito Santo quinhentos portugueses e quatro aldeamentos indígenas. Durante a guerra protegeu-o um fortim guarnecido por vinte e quatro homens, mas melhorados depois muito os seus meios de defesa, em meados do século seguinte se falava desta como de uma das boas vilas do Brasil, tanto em força como em prosperidade. Entre este lugar e o Rio de Janeiro ficava uma rica região, que apesar de plana como o mar, se compara aos Campos Elíseos pela sua beleza. De umas cem milhas de extensão chamava-se esta planície Campos dos Goitacazes, de três tribos que os povoavam, os goitacazes guazus, ou grandes, os jacoristes, e os mopis, cada uma das quais antepunha a este nome designativo o genérico da tribo de onde procedia. Apesar de terem originariamente formado um povo só, andavam estes gentios em perpétua guerra uns contra os outros, sendo tão mortal o ódio que os dividia, que desenterravam as cabeças dos contrários para satisfazer esta maligna paixão quebrando os crânios dos inimigos mortos. Cada um ia empilhando à sua porta os ossos dos que comia, e pela grandeza desta pilha se media a elevação e estima da família. Costumes diferentes e mais horrendos ainda tinham no sertão alguns goitacazes guazus. Andando entre eles deparou Fr. João de Almeida à entrada de um bosque com o esqueleto inteiro de um homem, de que recentemente se cortara a carne, encostado ao tronco de uma árvore, e era assim que soíam tratar os prisioneiros, para que tomando exemplo, não ousassem outros atacá-los.

Espírito Santo

Jaboatão

Eram estes índios altos e robustos, de cor mais clara do que a maior parte das tribos do litoral, e falando diversas línguas; talvez que fossem do tronco dos aimorés. Curiosamente incômodos eram os seus ranchos ou ninhos, erguidos como pombais sobre um só poste pequeníssimo, e tão baixa a porta que só de gatas por ela se entrava. Dentro, nem rede nem coisa nenhuma, apenas um monte de folhas secas para dormir em cima. Armas eram arco e setas, a que serviam de pontas dentes de tubarão, para obter os quais faziam os selvagens com grande denodo e destreza a guerra a este animal. Com um cacete na mão, aguçado de ambos os lados, metiam-se ao mar, e atraindo o tubarão para onde a

altura da água mais lhe convinha às suas manobras, esperavam-lhe a investida, enterravam-lhes o pau nas guelras ao abrir o animal a boca para morder, e assim acalmado o arrastavam para terra. A única superstição, que entre eles observaram os portugueses, foi uma singular: detendo no país tantas correntes e belos lagos de água doce, jamais daí beberem, usando somente de água filtrada tirada de poços que com trabalho insano abriam pelas ribeiras. Principal, senão único alimento, lhes era carne e peixe, que posto sobre brasas, se comia mal estava quente, embora cru por dentro. Grande extermínio se fez entre eles em 1630 por um ato de que eram inocentes: em viagem para o Rio naufragara na costa deles um navio, cuja tripulação, receando com algum fundamento aventurar-se em terra, evadiu-se, socorrendo-se dos botes. Fez-se pedaços o barco; souberam do caso os índios do Cabo Frio de um lado, e os da aldeia Riretiba do outro, correndo todos a salvar a gente e a propriedade. Acharam os goitacazes na praia, e não vendo ninguém da tripulação concluíram logo que toda ela havia sido comida, e dando largas às antigas inclinações, que os seus pais espirituais lhes não tinham podido arrancar da alma, caíram sobre eles, mataram-nos todos e de volta para as aldeias vieram dando a morte a todo o homem, mulher ou criança, que podiam achar, de modo que se reputou extinta aquela tribo.

Simão de Vasc. *Vida d'Almeida,* **4, 11-14. Jaboatão, § 21**

Cabo Frio

Havia no Cabo Frio uma povoação com o nome da cidade, uma das muitas abortivas do mundo novo. Quando se escreveu o *Papel Forte* existiam ali uma fortaleza sem gente, uma dúzia de moradores portugueses e uma aldeia de índios. Pela mesma época avaliava-se a população do Rio de Janeiro em 2.500 almas com uma guarnição de 600 praças. A este respeito pouco ficava a dever a Bahia, mas era a cidade muito inferior em beleza[31] e mais raro semeadas as habitações pelo território circunvizinho do que na Capitania mais antiga de Pernambuco.[32] Crescia porém rapidamente em riqueza e prosperidade, não tardando a sua feliz posição relativamente às minas, cuja descoberta estava agora a ponto de amplamente recompensar a longa busca, a torná-la a cidade mais importante do Brasil. As ilhas Grande e de S. Sebastião tinham em meados do século cerca de cento e cinqüenta moradores cada uma, e Santos duzentos. Nem tropa nem fortificações de espécie alguma defendiam estes lugares. De S. Paulo se diz que continha por este tempo setecentos mora-

dores, mas o país adjacente deve ter estado bem povoado, aliás como enviaria esses bandos de aventureiros, que levavam a destruição até ao Paraguai, explorando o centro do imenso continente. Se entre os paulistas tivesse havido homens que escrevessem as suas aventuras, como sucedia entre os contemporâneos *bucaneiros*, possuiríamos amplas notícias sobre extensas regiões que ainda hoje nos são desconhecidas. Sessenta destes intrépidos salteadores, com Antônio Raposo por capitão, e acompanhados de um troço de indígenas, penetraram até a província de Quito, nem voltaram atrás senão depois de terem sustentado diferentes ações com os espanhóis; retirando-se então sobre o Amazonas, ou mais provavelmente sobre algum de seus mais remotos tributários, em jangadas, que construíram, se confiaram à corrente, e chegaram a Curupá, com pasmo dos moradores dali, poucos anos depois da viagem de Teixeira. Sabendo existir ouro no país, pois que debaixo mesmo dos pés tinham amostras dele dentro da sua cidade[33], eram infatigáveis em buscá-lo por longe e por perto. Onde lhes parecia prometedor o terreno, cavavam dois ou três pés, profundidade em que de ordinário se acha o cascalho; se este assentava sobre terreno azulado, dava-se o trabalho por perdido, sendo amarelo, brando e balofo o substrato que se queria achar. A teoria era que a ação do sol ia pouco a pouco secando, endurecendo e aurificando esta massa, tomando o metal ao amadurecer a forma de grãos e de pó.[34] O cascalho de tal terreno era depositado numa canoa, ou caixão de forma semelhante, com uma abertura grande em cada extremidade, e que se amarrava ao comprido em água corrente; levava esta à terra, e as partículas de ouro iam ao fundo com a matéria mais pesada. Era este o método dos primeiros mineiros brasileiros,[35] cujas pesquisas tinham sido tão bem sucedidas, que já em 1655 se cunhava ouro em S. Vicente, sendo deste metal a moeda ordinária que ali corria. Tirava el-rei o seu quinto, e vendiam os aventureiros o resto tal qual o achavam, ou levavam-no à casa da moeda para ser cunhado.

Berredo, § 956-7

Simão de Vasc. *Vida d'Alm.* **4, 4, 11-13. Jaboatão, § 21**

S. Vicente

S. Vicente possuía por este tempo dois mil habitantes, mas embora a primeira descoberta de ouro e a fundação de uma casa da moeda fizesse passageiramente florescer a vila, decaiu ela rapidamente no princípio do século seguinte, quando maiores descobertas do mesmo gênero atraíram a população para o sertão. Aqui

se fazia vinho, cultivava-se trigo para o mercado do Rio de Janeiro, e eram afamados os toucinhos, e as peles de porco, mais que nenhumas estimadas para couros dessas magníficas cadeiras então em moda.[36] Ao sul de S. Vicente apenas faz Vieira menção de Cananéia, com cem colonos, e de uns dez ou doze portugueses em Santa Catarina; muitas tentativas se tinham feito para formar uma povoação nesta deliciosa ilha, mas tendo-se malogrado, ainda a senhoreavam os carijós.

Jaboatão, § 51
Cananéia

Papel Forte

Pouco por ora se havia a população estendido para o interior: tomou ela esta direção quando se descobriram as minas, mas até então foi o comércio a paixão dominante, limitando-se os estabelecimentos pela maior parte ao litoral e margens de rios navegáveis, que ofereciam fácil comunicação com o Oceano. Tinha Filipe II estendido ao Brasil o ciumento monopólio que impediu a prosperidade das colônias espanholas, interdizendo o tráfico aos estrangeiros.[37] Foi por algum tempo mais liberal o governo bragantino. Por mera curiosidade empreendeu Fleckno uma viagem ao Rio de Janeiro: deu-lhe el-rei passagem gratuita de ida e volta, presenteando-o ainda com dinheiro, e durante a sua estada de oito meses, foi o viajante tratado pelos jesuítas com a mais benévola hostilidade, como estrangeiro recomendado pelo monarca. Dampier encontrou na Bahia um inglês, estabelecido como negociante mui acreditado, e servindo de cônsul da sua nação. Mas apenas se começou a obter ouro em abundância pelo processo sumário e cavá-lo, logo governo e povo propenderam para se descuidarem dos meios vagarosos porém mais seguros de mais sã prosperidade, e fecharam-se os portos do Brasil a todos os estrangeiros.

Comércio dos estrangeiros com o Brasil

Fez-se em fins do século décimo sétimo uma tentativa, que bem pudera, se nela se houvesse devidamente insistido, ter produzido singular modificação no comércio, a par de grandes benefícios para o Brasil. Corria muito acreditada a opinião de haver este país dado outrora especiarias da mesma natureza que as das Índias Orientais, mas terem sido extirpadas por ordem do governo, para que não prejudicassem o comércio das possessões asiáticas. Se um ato de tão injusta e bárbara política houvesse na realidade sido cometido,[38] qual não devera ser o arrependimento dos portugueses quando uma potência marítima mais forte lhe arrancou das

1685
Experiências de culturas de especiarias

mãos o império das Índias! Tal era porém a tradição, e Vieira aconselhava a D. João IV que tornasse a introduzir estas plantas, pois que bastava vender mais barato que os holandeses um artigo de tanto valor, para derribar-lhes os mesmos fundamentos do seu império no Oriente. Aprovou el-rei plenamente o projeto, como muito factível, e posto que lento em seus efeitos, seguro; mas achavam-se então por demais precárias as coisas para pô-lo em execução, e recomendou-se a Vieira que em segredo o guardasse para ocasião mais propícia. Não chegou esta ocasião em tempo de D. João, e com ele pareceu sepultado o projeto. Alguns anos mais tarde observou Carlos II da Inglaterra em conversa ao embaixador português, que bem podia seu sempre el-rei de Portugal arruinar os holandeses em lhes fazer guerra, não quis porém explicar-se mais; como enigma que não podia resolver, comunicou o embaixador o que se passara a seu irmão Duarte Ribeiro de Macedo, ministro em Paris, o qual o referiu a Vieira, como a quem, tendo mais do que ninguém merecido as confidências de D. João IV, também mais do que ninguém tinha dados para decifrá-lo.[39] Lembrou-se Vieira da especiaria; foi transmitida à Corte a sua resposta, e logo o rei ordenou que todo o navio, que vindo da Índia tivesse de entrar em porto do Brasil, trouxesse plantas e especiarias. Por algum tempo assim se cumpriu pontualmente; plantaram-se os pés numa quinta dos jesuítas perto da Bahia, e para tratá-los se trouxeram de Goa dois canarins, entendidos no cultivo tanto da canela como da pimenta. Interessou-se o governador Roque da Costa muito por um plano que tão grandes resultados prometia, e na sua extrema velhice sentia Vieira prazer em dar-lhe conta do estado das plantas e seu crescimento. Receava porém este que chegassem a faltar cuidado e perseverança para ir por diante com o que tão felizmente se principiara, e o resultado lhe deu razão. Descuidaram-se desta cultura os governadores seguintes; pessoas baldas de zelo ou previdência bastante para atenderem a este importante objeto, não as havia, e a Corte, que ao descobrirem-se as minas, parece ter entendido que de outra nenhuma fonte de prosperidade carecia, ou o esqueceu, ou votou-o ao desprezo.

Cartas de Vieira, 2, 268, 382, 390 3, 314

Enquanto buscavam minas os paulistas, explorando com incansável atividade o sertão tanto neste empenho como no de obter escravos, era a produção do açúcar o principal objeto que os moradores do litoral se propunham. Não era

Estado dos engenhos

possível administrar bem um engenho sem ter ligados a ele operários peritos em todos os misteres correspondentes. Era pois cada engenho em si mesmo uma povoaçãozinha ou aldeia, às vezes mais populosa do que muitas das vilas de que se acaba de fazer a resenha. Cerca de oito milhas quadradas de terras eram precisas para serviço de um estabelecimento destes, metade em pastos, metade em mato. Concedia o donatário terras, a quem quer que nelas queria estabelecer-se e plantar canas, devendo estas ser levadas por um preço fixo à moenda dele, que a seu turno pagava a lenha que lhe traziam. Nos engenhos grandes trabalhavam de cinqüenta a cem negros.[40] Era tão grande a população preta na Bahia, que poderia aí um viajante supor-se na Nigrícia. Importava-se ela tanto da África como da Índia, preferindo-se os negros de qualquer nação aos indígenas, não só por mais robustos e industriosos, mas também por serem menos propensos à fuga, que raras vezes tentavam com medo das tribos antropófagas. Frezier calculou em vinte para um a proporção dos negros com os brancos na Bahia, no que não exagerou por certo;[41] sendo ela ali maior do que em outra qualquer parte do Brasil, por serem maiores e mais numerosos os engenhos. Fala ele com indignação de ter visto os míseros negros expostos à venda em armazéns, nus como animais, examinados, comprados e obrigados a trabalhar como animais, e poderia ter acrescentado tratados mais desumanamente do que animais,[42] pois que em crueldade para com os seus escravos dizem ter os brasileiros excedido infinitamente os ingleses. Provera Deus que os ingleses, com quem no século décimo sétimo se fazia este paralelo infame, fossem dignos de comparar-se agora com os brasileiros quanto ao tratamento, dos seus escravos, e leis, que mitigam a sorte destes desgraçados![43] Vieira compara a vida dos escravos num engenho aos sofrimentos desse Redentor, de quem os exorta a esperar conforto: cordas, açoites, feridas e afrontas. Não ter descanso nem de dia nem de noite, ser açoitada, surrada, morta à fome, tal, dizia ele, era a sorte desta gente miseranda, que, levando-a com paciência, teria não só o merecimento mas também os tormentos do martírio. Quem não tinha terras que cultivar, comprava escravos para viver do trabalho deles, e exigindo de cada um certa soma por semana, não curava mais deles, deixando-os que como pudessem provessem à

Manuel Félix de Lima. Ms.

Frezier, 532

Labat, *Isles de l'Amérique,* **2, 233.**

própria subsistência e arranjassem o seu jornal. Se não ganhavam o preciso, como necessariamente por vezes havia de acontecer, ou se perdiam ao jogo o que tinham ganho (pois que neles era paixão o jogo), recorriam estes desgraçados ao roubo e ao assassinato; e embora os magistrados punissem com grande severidade estes crimes (talvez os únicos que tinham algum castigo), eram tão freqüentes que sem perigo se não percorriam as ruas depois de noite fechada. Assevera-se que senhoras de alto coturno ornavam e enfeitavam suas escravas, para melhor prostituí-las, recolhendo o torpe ganho que deste ofício lhes provinha.[44] As práticas observadas nas diferentes ilhas produtoras de açúcar tornam crível esta e outra qualquer abominação relativa à escravaria.

Trajos e modas dos portugueses

Em princípios do século décimo sétimo apareciam nas ruas da Bahia os índios reduzidos e os escravos sem o menor artigo de vestidura. No correr de poucos anos corrigiram porém os brasileiros esta indecência entre os seus escravos, vestindo-os com uma espécie de hábito, ou fazendo-os cobrir pelo menos do ventre até aos joelhos. O trajar dos portugueses nas cidades grandes em fins do mesmo século era quase inteiramente à moda francesa daqueles tempos, que prevalecia geralmente na Europa com escândalo do bom gosto. Acrescentavam-lhe porém aqui alguns apêndices devotos. Quando um fidalgo saía de casa levava ordinariamente um rosário na mão, um S. Antoninho ao pescoço ou pregado ao peito, uma comprida espada de um lado e um grande punhal do outro. Era o preto a cor dominante, e no corte e moda da roupa ordinária nenhuma diferença havia entre as classes elevadas e os menestréis. Uma lei suntuária proibia o uso de bordaduras de ouro e prata, e assim ostentavam os brasileiros em fraudulagens a sua riqueza e em adornar as negras com cruzes de ouro, brincos e colares, e até com chapas do mesmo metal na testa. As mulheres raras vezes se viam nas ruas, indo à missa só na quaresma e nos dias de festas solenes; reclinavam-se então as fidalgas sobre seus pagens, com receio de cair, como se o hábito da indolência e reclusão as houvera privado do uso das pernas.[45] Na Bahia até os homens julgavam derrogatório da sua dignidade andar a pé, mas o declívio sobre que assentava a cidade era por demais íngreme para carruagens, e cavalgar. Constantemente não

P. Gaspar Afonso. *Hist. Trág. Marit.* **2, 335. Pyrard 205. Fleckno**

Rennefort. 287

lho sofria a indolência ou a prosápia. Servia pois a serpentina[46], espécie de rede suspensa de um pau, na qual ia o fidalgo reclinado, deixando pender de um lado um pé negligente, apoiando a cabeça em esplêndido coxim. Levavam os carregadores cada um seu bordão grosso com uma ponta de ferro numa extremidade para fincar no chão, e na outra uma forqueta do mesmo metal, para descansar o varal da rede. Ao lado um escravo com seu guarda-sol. Iam porém as mulheres resguardadas do sol e das vistas por uma cortina tapada do mais rico tecido: para ajudá-las a erguer-se e calçar-lhes os chapins acompanhavam-nas a pé duas negras. As cortinas, primeiramente aplicadas pelo ciúme, e só usadas pelas mulheres, foram depois por conveniência adotadas também pelos homens.

Ciúme

Remontava a reclusão das mulheres aos costumes mouriscos, de que existiam resquícios tanto na mãe pátria como nas colônias. Uma mulher casada jamais aparecia à mesa do marido na presença de um hóspede, salvo se era seu pai ou seu irmão. Hábitos de tão odioso e insociável ciúme pressupõem veemente propensão para a licenciosidade, e com certeza tendem a incitá-la; mas é até ao último ponto improvável que fossem as mulheres casadas geralmente dissolutas (como se tem afirmado) num país onde à descoberta se seguiria morte quase infalível. Semelhantes acusações não libelos contra a natureza humana, e neste caso parecem especialmente absurdos, pois que da parte do marido era um ato meritório assassinar a esposa infiel, sem que pudesse alguém ir-lhe à mão.[47] As leis penais parecem só ter sido feitas para os escravos, sendo em todos os casos de ciúme ou orgulho ofendido o assassínio o mais vulgar recurso. Fazendo valer a sua influência a favor de Antônio de Brita, em lugar de justificá-lo pela lei da defesa própria, tendo morto quem buscava matá-lo (como ele afirma) invocou Vieira as leis da honra e o mundo, e apelou para o proceder de D. João II em tais ocasiões, chamando-o príncipe prudentíssimo, por ter tão regulamente perdoado mortes desta natureza, que se tornou rifão dizer: "Mata, que el-rei perdoa." Raras vezes, ou nunca, punia o governo destes crimes, não podendo nem sequer proteger a vítima, quando se tornava pública a intenção de cometê-los. Um francês que havia anos exercia na Bahia a medicina, foi chamado por uma viúva para ver-lhe a filha, jovem, bela e rica. Teve ele a boa fortuna

Cartas, 2, 349

não só de curar a sua doente, mas até de casar com ela, aprovando a mãe plenamente um enlace tão desigual, que só depois de consumado souberam dele os parentes da família. Ficaram estes indignadíssimos e um fidalgo, que casara com a irmã mais velha da noiva, reuniu uns poucos amigos, investiu de noite a casa do médico, arrombou as portas e com a própria mão assassinou, tomando-o pelo marido, um infeliz hóspede, que procurava esconder-se. O francês escapou e obteve dos magistrados uma guarda para sua defesa, mas passava por tão certo ter de renovar-se o atentado, e por tão impossível iludir o médico a deliberada vingança da família, que o aconselharam a embarcar para Portugal, e solicitar ali licença do príncipe para sua mulher poder segui-lo com todos os seus haveres; nem a guarda pôde deixá-lo um momento enquanto o navio se não fez de vela.

Dellon, 2, 193

Corrupção dos costumes

Fr. Manuel do Salvador descreve o estado de Olinda antes da conquista como sem lei, ou pior do que isso, sendo os tribunais de justiça tão escandalosamente venais, que nem sequer afetavam nas suas decisões um simulacro de decência. Com dinheiro tudo se compunha: o concubinato e o adultério eram pecados não só comuns mas até públicos, pendências terminadas por mortes eram ocorrências, e furtos e roubos se cometiam sem rebuço.[48] Sempre traziam os governadores muito recomendado em suas instruções, que olhassem por que fossem tais as vidas dos portugueses, que pela força do exemplo tendessem a converter os gentios; e nos mesmos navios em que nos vêm estes governadores, diz Vieira, são criminosos os colonos que nos enviam, tirados das enxovias, e quiçá postos a bordo em ferros, sendo estes homens desterrados pelas suas boas obras, e porventura marcados por elas, os santos, com cujo exemplo deve aqui dilatar-se a cristandade.[49] O séquito de esfaimados familiares que acompanhavam um governador eram talvez mais prejudiciais à república ainda do que estes condenados. Na sua costumada veia de mordente sátira dizia Vieira que deviam as sanguessugas ter aprendido o seu modo de vida desde que os portugueses navegavam o oceano, pois que não haviam vizo-rei, ou governador, que, embarcando para as colônias, não viesse delas cercado. É na verdade fora de dúvida terem sido os funcionários públicos tão venais quão corrompidos; brilhantes exceções se davam, mas em geral andava relaxado

Sermões, **4, 538**

até ao último ponto o princípio da moralidade, parecendo o da honra na vida privada ter sido aviltado por peguilhos e pervertido até tornar-se motivo ou pretexto dos mais negros crimes. Assim se tornava pior no Brasil a administração da justiça, que em Portugal era infamemente ruim, crescendo o mal com as dificuldades e delongas da apelação para um tribunal da outra banda do Atlântico.[50]

Vieira. *Cartas*, **2, 329**

Superstição

Para contrabalançar a corrupção da moral, havia um estado religioso ricamente dotado, e com domínio absoluto sobre as almas do povo pelo que tocava a pontos de fé e observância externa. Era porém a religião da Igreja romana, que satisfeita com a casca de cerimônias supersticosas, e a palha de supersticiosas obras, especa o seu império com as mais atrevidas artes de impudente impostura. As artimanhas com que João Fernandes persuadiu os pernambucanos de terem os santos tomado a prol deles parte ativa na luta, eram tiradas das práticas de uma Igreja que desde os primeiros séculos da sua história até ao dia de hoje, tem sistematicamente charlataneado com a crédula humanidade. Umas com outras rivalizavam as ordens monásticas, qual inventaria mais fábulas com que exagerar os merecimentos de seus respectivos fundadores e santos, nem as mais extravagantes ficções do romance podem em monstruosidade competir com estas lendas que, criadas pelo povo, eram aprovadas pela Inquisição e ratificadas pela Igreja. Na Europa, onde cada ordem levou aos extremos limites a audácia e a falsidade, difícil fora dizer qual delas venceu as outras nesta porfia: mas no Brasil ganharam os jesuítas a palma. Combatendo com virulenta animosidade os seus esforços a bem dos índios, odiavam-nos as outras ordens tanto por seu zelo, como por sua superior influência, mas igualá-los em reputação não o podiam, que poucos membros tinham elas que aspirassem à santidade, nem mesmo à decência da vida, enquanto que aos jesuítas ficava aberto o campo da honra. E aproveitaram bem a sua vantagem! Só a morte violenta de Azevedo e dos seus companheiros forneceu-lhes de uma vez uma companhia inteira de mártires, canonizados sem demora em razão das circunstâncias peculiares que se deram no trágico sucesso.

Milagres de Anchieta

Na última metade do século seguinte apresentaram eles Anchieta como candidato à santidade, e Simão de Vasconcelos, provincial do Brasil e historiador da província escreveu

uma história ou antes romance da vida deste homem, em que a sabedoria do missionário, os talentos e serviços do estadista, os trabalhos insanos do metodizador de uma língua bárbara formam a parte mais secundária da narrativa, olhados pelo biógrafo como coisas de menor momento: o grosso do livro enchem-no milagres. "Uns", diz Vasconcelos, "o chamaram segundo Taumaturgo, outros segundo Adão, e este o título mais conveniente, convindo que assim como houvera no mundo velho um Adão, houvesse no novo outro, que fosse cabeça dos seus habitantes com a mesma autoridade sobre os elementos e animais da América que o primeiro possuíra no Paraíso. Todos os poderes e graças de que fora dotado o primeiro Adão concorriam pois em Anchieta, que os gozou não temporariamente, mas toda a vida, pelo que nasceu, como nosso pai comum, com inocência, impossibilidades, espírito esclarecido e vontade reta. Foi-me dado domínio sobre os elementos, e sobretudo o que neles vive. A seu mando produzia frutos a terra, restituindo até os mortos, para que, recobrada a vida, das mãos dele recebessem o batismo. Para resguardá-lo do sol lhe formavam docel sobre a cabeça as aves voadoras. Nas redes se lhe vinham meter os peixes quando deles carecia. As feras da floresta o acompanhavam nas jornadas, servindo-lhes de escolta. Obedeciam à sua voz os ventos e as ondas. À vontade dele desfazia o fogo o mal que fizera, e branco e tenro se tirava do forno o pão que a carvão se vira reduzido. Tinha ele poder sobre o homem em todas as suas partes, na cabeça, nos olhos, na boca, nos dentes, na garganta, no peito, nos lados, nas entranhas, nas mãos e nos pés, nos bens mundanos, na vida e na alma. Os segredos do coração lhe eram patentes. Fora-lhe dado o conhecimento das coisas ocultas e das ciências, e todos os dias, a todas as horas, gozava de visões, revelações e êxtases. Sendo um santo, um profeta, um fazedor de milagres, um vice-Cristo, era tanta a sua humildade, que a si mesmo se chamava vil mortal e pecador ignorante. O seu solidéu curava todas as moléstias da cabeça, e qualquer dos seus cilícios, qualquer peça da sua vestidura era remédio eficaz contra pensamentos impuros. Água derramada sobre um dos seus ossos obrou mais de duzentos milagres em Pernambuco, mais de mil no sul do Brasil, e poucas gotas dela tornavam água em vinho, como nas bodas de Galiléia. Alguns de seus milagres recomendam-se por mais engenhosos, e de gosto mais elegante do que os consignados na Sagrada Escritura."

Finalmente, como disse um bispo, era a Companhia um anel de ouro, e Anchieta a sua pedra preciosa. O livro em que tais asserções se aventuram, e que está recheado de toda a casta de milagres, foi licenciado pelos diferentes censores da imprensa de Lisboa, declarando um deles que enquanto se diferisse a publicação, ficariam os fiéis privados de grande benefício e o mesmo Deus de glória.[51]

Vida de Fr. João d'Almeida

O mesmo autor que coligiu e atestou quantas fábulas a credulidade e a ignorância haviam propagado a respeito de Anchieta, produziu uma muito mais extraordinária história de Fr. João de Almeida, seu sucessor na santidade. Foi ela escrita imediatamente depois da morte de Almeida, achando-se ainda frescas na memória as circunstâncias, e sendo portanto ainda cedo demais para se lhe entristecerem os embelezamentos do maquinismo. Era inglês, e nascido em Londres no reinado de Isabel, este singular indivíduo, cujo nome fora originariamente John Martin. Aos dez anos de idade foi roubado por um mercador português para preservá-lo na fé católica, e levado sete anos depois para o Brasil, e entregue ali aos cuidados dos jesuítas,

1595

entrou para a Companhia. O seu superior era Anchieta, velho então alquebrado de fadigas e austeridades e sujeito a freqüentes desmaios. Sói a Almeida por esta ocasião esfregar-lhe os pés, aludindo ao que, costumava dizer que se nas mãos tinha alguma virtude dos pés do mestre lhe viera. Jamais sibarita inventou tantos e tão engenhosos meios de deleitar os sentidos, como João de Almeida de mortificar os seus. Considerava o corpo como um escravo rebelde, que morando-me de portas adentro, comendo-lhe à mesa e dormindo-lhe no leito, de contínuo lhe andava armando ciladas para sua perdição: olhava-o pois com o mais profundo rancor, e como matéria de justiça e defesa própria perseguia-o, flagelava-o punia-o de todos os modos imagináveis. Para isto tinha uma escolhida coleção de disciplinas, umas de corda de chicote, outras de corda de tripa, outras de tiras de couro, e ainda outras de arame. Tinha cilícios de arame para os braços, coxas e pernas, um que passava à volta do tronco com sete cadeias, e outro, que lhe chamava seu bom saco, e vinha a ser um colete de trazer rente ao corpo, feito da mais áspera crina, e com sete cruzes de ferro da parte de dentro, cujas faces eram cobertas de pontas agudas, formando grossos rascadores. Tal

1600

era a armadura completa que este soldado de Cristo vestia

para as suas batalhas com o infernal inimigo. Entre as suas mais virtudes se refere não ter ele jamais enxotado os mosquitos e moscas que o cobriam, nem mudado a camisa mais de uma vez por semana fosse qual fosse o exercício que fizesse neste clima quente, e meter seixos ou grãos de milho nos sapatos quando ia de jornada.

Regulava ele a vida de todos os dias por um papel por ele mesmo escrito, em que prometia nada comer à segunda-feira em honra da Trindade, trazendo um dos cilícios conforme a disposição e força do pobre jumento, como chamava o corpo, com os costumados abana-moscas dos seus quatro azorragues, em amor, reverência e lembrança dos açoites que por amor dele sofrera o Salvador. À terça-feira devia ser pão e água o seu jantar com a mesma sobremesa, em louvor e glória do arcanjo São Miguel, seu guarda, e de todos os anjos. À quarta-feira relaxava-se ele a ponto de seguir apenas a regra da Companhia. À quinta-feira nada, em honra do Espírito Santo, do Santíssimo Sacramento, de Santo Inácio de Loiola, dos Apóstolos e de todos os santos e santas. À sexta-feira se recordaria que as regras da sua comunidade recomendavam jejum, e que ele jurara abster-se de vinho, exceto em caso de necessidade. Ao sábado outra vez nada em honra da Virgem, devendo esta abstinência ser acompanhada de tudo que a ela podia ser agradável, o que implicava tanto exercícios de rigor como orações. Ao domingo observava como à quinta-feira a regra da Companhia. Como devoções particulares costumava rezar três horas por dia à Trindade, ao Sacramento, ao Salvador e à Virgem Maria. Estas orações dizia ele que as fazia num oratório imaginário, armado no seu coração, e de que fazia uso de noite e dia, onde quer que estivesse, no mar como em terra, na solidão como nos lugares habitados. E este oratório tinha-o dividido em três partes ou altares; na frente o da Trindade, à esquerda custódia com Santíssimo Sacramento, e à direita a santa Virgem com são José tendo ambos entre si o menino Jesus cada um por sua mão. Ali ele e a sua alma, com todas as suas potências, memória, entendimento e vontade ajoelhava com o rosto por terra, e fazia suas orações beijando os pés de cada um com os lábios da alma e do corpo pecador, exclamando repetidas vezes Jesus, Maria, José, e no fim de cada exclamação glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo e à Virgem Maria, adição que ele sempre fazia baixinho à doxologia. Muitas vezes, diz ele, não podia erguer-se, nem ajoelhar, nem

ter-se de pé, sem dúvida pelo estado de debilidade e fraqueza que semelhante gênero de vida devia produzir; e isto, continua ele, o fazia, jazendo como um burro morto, coberto de vermes, pestilencial e mal cheiroso, o melhor que podia, e lho permitia aquele cadáver corrupto, que o atormentava e de que ele se envergonhava, e por que pedia perdão. O objeto principal destas gratíssimas meditações era pensar que tendo nascido na Inglaterra e em Londres, na mesma sede e coração da heresia, havia sido conduzido a esta vida feliz! Assim o retratavam com a figura da Inglaterra de um lado e do outro a do Brasil, e por baixo estas palavras: *Hinc Anglus, hinc Angelus.*[52]

Com este estupendo sistema de mortificação própria atingiu Fr. João de Almeida a avançada idade oitenta e dois anos. Achando-se já muito carregado de anos, tomaram-lhe os cilícios e os azorragues, não fossem estes instrumentos acelerar-lhe a morte, mas desde esse dia viram-no ir perdendo as forças, como se a mudança lhe houvesse arruinado a constituição; era que semelhantes práticas se lhe haviam tornado uma necessidade, como um perpétuo cáustico, sem o qual o sistema físico, desde muito a ele costumado, não podia continuar suas funções. Soía ele pedir aos outros pelo amor de Deus lhe emprestasse um cilício, ou um açoite, exclamando: "Que meios tenho agora com que aplacar o Senhor. Que hei de fazer para me salvar!" Tais são as palavras que uma Igreja corrompida substituiu à fé em Cristo e aos deveres do genuíno cristianismo.[53] Nem se considere este como mero caso de individual loucura; enquanto Almeida viveu foi objeto de reverência e admiração não só para o povo baixo do Rio de Janeiro, mas para pessoas de todas as classes. Iam os seus excessos de acordo com o espírito da religião, e depois da sua morte foram apregoados para edificação e exemplo com a sanção dos superiores de uma ordem que então ocupava o primeiro lugar na estima do mundo católico. Durante a sua última moléstia enchia-se o convento de povo, que queria ver a morte de um santo. De nada mais se falava na cidade e umas às outras se davam as pessoas os pêsames como por uma calamidade pública. Ferviam os pedidos de algum pedaço da sua escritura, trapos dos seus vestidos, restos dos seus cilícios, qualquer coisa enfim que lhe houvesse pertencido, nem o porteiro tinha mãos a medir só com receber e entregar rosários, roupa e outros objetos, que os devotos traziam para, aplicados ao corpo do moribundo

santo, embeberem alguma salutar virtude. Sangraram-no durante a enfermidade, sendo cada gota de sangue cuidadosamente aparada em roupa, que depois se repartiu como relíquias por aqueles que mais interesse mostravam na prosperidade do colégio. Afinal anunciou o **24 de set.** sino do convento a morte do bem-aventurado e toda a cidade se agitou como se fora rebate de alguma invasão. O governador, o bispo, os magistrados, a nobreza, o clero, os religiosos das diferentes ordens, todo o povo concorreu aos ofícios fúnebres. Não houve loja que se não fechasse. Até os doentes e aleijados eram levados a assistir à cerimônia. Morreu no mesmo dia outra pessoa, e com dificuldade se achou quem desse o corpo à sepultura.

Expôs-se o cadáver na nave da igreja com a face para os espectadores, como era costume no funeral de um sacerdote, mas quando findos os ofícios se tratava de enterrá-lo, ergueu-se um brado de que não o levasse sem que o povo se despedisse dele. Foram então abraçar o cadáver e beijar-lhe a mão as principais personagens civis e eclesiásticas; outro tanto fez a nobreza e o povo, vendo-se o governador obrigado a postar ali uma guarda forte para proteger os vestidos e até o corpo do morto contra o zelo rapace dos seus admiradores. Celebra-se a cerimônia às oito horas da manhã e durou isto até noite fechada. Homens e mulheres se apinhavam para tocar o corpo com medalhas, rosários e lenços, trazendo as mães seus filhos para santificá-los da mesma forma. Mais de quatro mil objetos foram aplicados ao defunto santo, e dois jesuítas que ali estavam para prestar este serviço àqueles que não podiam chegar assaz perto, ficaram afinal exaustos de cansaço. Distintamente se sentiu durante estas operações o verdadeiro cheiro da santidade, e uma pessoa houve que jurou ter visto o corpo abrir os olhos, quando ajoelhada orava ante ele. Não pôde a guarda obstar ao piedoso furto de alguns tesouros, e mais que uma flor desapareceu do féretro, mais que um retalho foi cortado do hábito do finado. Até um sapato e a almofada sobre que se apoiava a cabeça do morto, foram roubados. Finalmente foi o cadáver encerrado num cofre, e este depositado na cova e coberto de barro. Mas à meia-noite alguns ladrões de casa, como Vasconcelos os chama, abriram a sepultura, tiraram o barro, ergueram o corpo, cortaram-lhe rente o cabelo com uma navalha de barba, apoderaram-se do sapato que ficara, e das meias, e não deixando do resto dos vestidos

senão o que segundo as idéias que tinham da decência, julgaram indispensável, tornaram a enterrar o cadáver, e retiraram–se *ricos com os despojos deste atrevido, porém piedoso e afortunado roubo.* De tudo quanto neste dia se passou se lavrou uma ata autêntica em perpétua memória, e tão grande foi a admiração dos brasileiros pelo Padre João de Almeida, especialmente no Rio de Janeiro, que empregavam as relíquias do finado padre contra moléstias, com tanta fé e igual proveito como se ele houvesse sido canonizado, não invocando por algum tempo outro santo, como se tivessem esquecido todos os antigos objetos da sua devoção.

Corrupção do cristianismo

Tais eram as extravagâncias a que no Brasil se levava a superstição católica[54]. Ao domínio sobre nós mesmos, que requer a divina filosofia, substituíra-se um sistema de atormentamento próprio fundado ao maniqueísmo, e não menos repugnante aos sentimentos e contrário à razão do que as práticas dos fanáticos orientais. As noções de exagerada pureza levavam às mais impuras imaginações, às mais perniciosas conseqüências[55], por habitual porcaria se traduzia o horror ao luxo e por atos indizivelmente imundos[56]; e apele quanto quiser a Igreja católica para os cânones e concílios, suas práticas eram as do politeísmo e da idolatria. Apesar de tudo impossível era destruir a essência da religião. Em despeito dos erros da crença popular, e das imposturas vilãs do clero romano, não raro se efetuava essa regeneração que só pode ter por causa o cristianismo, nem é lícito duvidar que a paz do Senhor não descesse sobre o espírito humilde e o coração despedaçado que fervorosa e sinceramente buscava na fé consolação e perdão. Também da caridade com os pobres, se pode fazer menção como um bem geral nascido de uma causa a outros respeitos danosíssima: impondo-se ordinariamente esmolas de penitência como condição da absolvição dos pecados, eram sempre os pobres generosamente socorridos nas suas necessidades. Posto que não faltassem no Brasil braços ociosos, afirma-se não ter havido ninguém tão miserável, que a mendigar o sustento se visse reduzido, achando mesmo os pobres vindos de outros lugares, ou de outros países, pessoas que se sustentavam, se trabalhar não podiam. Famílias ricas davam ordem genérica para que ninguém que por alimento batesse à sua porta, se retirasse faminto, e desta forma mantinham muita gente, cujo número, nomes, e até existência completamente ignoravam.

Falta de imprensa

Neste particular menos liberais que os espanhóis não toleravam os portugueses imprensa no Brasil.[57] Tanto mais abona pois o caráter do povo ter-se escrito tanto sobre públicos negócios sem esperança de honra nem proveito, mas pelo puro desejo de perpetuar como era possível os conhecimentos adquiridos, e deixar materiais que pudessem um dia ser úteis aos poucos para quem se destinavam, e que devidamente saberiam apreciá-los. Compilando esta história, ao representar-me na mente as circunstâncias em que foram compostos alguns dos seus documentos, olhava eu para os homens desinteressados, de cujos trabalhos me aproveita, com não menor admiração, do que gratidão e respeito.

Igualdade de classes

Posto porém que a este respeito menos favorecido do que as colônias espanholas, era o Brasil mais feliz em ponto da mais alta importância. Não tinha ali semeado os gérmens da guerra civil a fatal distinção de causar, que tanto mal produziu na América espanhola e por força há de causar onde quer que prevaleça. Era isto porém resultado da necessidade, não de mais sãos conselhos. Com o seu limitado território e escassa população não podia Portugal seguir a injusta e ciumenta política dos espanhóis, deprimindo os crioulos para tê-los mais sujeitos. Tão respeitado, tão elegível para todos os cargos era o mameluco, como o homem de sangue inteiro, como o natural da mãe-pátria. Nenhuma lei degradava o mulato ou o negro livre, nem tampouco a opinião pública o fazia. E assim se ia operando silenciosamente essa amalgamação de castas e cores, que quaisquer que sejam as convulsões por que tiver de passar o Brasil, o livrará da mais cruel das guerras civis.

NOTAS DO CAPÍTULO XXX

1 Atualmente prepara o povo do Maranhão e do Pará uma saborosa bebida da fruta da bagaceira. Chamam-na *bacabada* ou *ticuara de bacabas*.

2 Manuel Guedes Aranha diz na sua memória que era esta ilha tão rica em ferro que os cosmógrafos estrangeiros nos seus mapas a chamavam Ilha do Ferro. Todo o mundo, acrescenta ele, que tinha conhecimento da matéria, dizia ser da melhor qualidade o mineral, e contudo não se aproveitava, apesar de ser tão importante para Portugal, que comprava a outros países todo o seu ferro.

3 Esta idéia originada na perversidade, também tem sido aventurada na Inglaterra pelo fanatismo letrado. Dodwell afirmava que as almas humanas eram mortais por natureza, sendo-lhes a virtude imortalizadora comunicada pelo batismo conferido por pessoas episcopalmente ordenadas. Este estranho sistema, diz Burnet, andava muito acreditado entre nós espalhando-se muitos livros para provar a necessidade de rebatizar os dissidentes.

"Dos indígenas ou habitantes que direi", escreve Fleckno; "mas se, como diz João Batista de Porta, cada nação tem sua semelhança com alguma fera ou animal, por certo com o que mais se parecem estes selvagens brasileiros é com os jumentos, estúpidos e preguiçosos *in servituten nati*, e só próprios para trabalhar, sendo esta a razão talvez por que a natureza não deu a este país nem cavalos, nem burros, nem besta alguma de carga afora eles mesmos". Fleckno, p. 75.

Chamam-se *peças* os escravos no Brasil, a cujo respeito se lê a passagem seguinte nos sermões de Vieira:

"Neste vosso mesmo Brasil quando quereis dizer que fulano tem muitos ou poucos escravos, por que dizeis que tem tantas ou tantas peças? Porque os primeiros que lhe puseram este nome quiseram significar sábia e cristãmente, que a sujeição que o escravo tem ao senhor, e o domínio que o senhor tem sobre o escravo, só consiste no corpo. Os homens não são feitos de uma só peça, como os anjos e os brutos. Os anjos e os brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiriços; o anjo porque todo é espírito; o bruto porque todo é corpo. O homem não. É feito de duas peças, alma e corpo. E porque o senhor do escravo só é senhor de uma destas peças, e a capaz de domínio, que é o corpo, por isso chamais aos vossos escravos peças. E se esta derivação vos não contenta, digamos que chamais peças aos vossos escravos, assim como dizemos, uma peça de ouro, uma peça de prata, uma peça de seda, ou de qualquer outra coisa, das que não têm alma. E por este modo ainda fica mais claramente provado que o nome de peça não compreende a alma do escravo, e somente se entende e se estende a significar o corpo. Este é o que só se cativa, este o que só se compra e vende, este o que só tem debaixo de sua jurisdição a fortuna". T. 6, pág. 397.

4 Vieira exclama: "Que teologia há, ou pode haver, que justifique a desumanidade e sevícia dos exorbitantes castigos com que os escravos são maltratados? Maltratados disse, mas é muito curta esta palavra para a significação do que encerra ou encobre! Tiranizados devera dizer, ou martirizados; porque serem os miseráveis, *pingados, lacrados, retalhados, salmourados,* e os outros EXCESSOS MAIORES QUE CALO, mais merecem nome de martírios que de castigos". *Sermões*, t. 6, págs. 427-8. Em outro sermão diz ele: "Nas outras terras, do que aram os homens, e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os comércios; naquela o que geram os pais, e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende e se compra. Oh, trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh, mercancia diabólica, em que os interesses se tiram das almas alheias, e os riscos são das próprias!" *Sermões*, t. 6, pág. 392.

5 "Partidos de resgate" ou "tropas de resgate", definidas pelo historiador Hélio Viana nos seguintes termos: "expedições de apresamento de indígenas, as quais subiam os

rios da região em canoas, devastando e despovoando as aldeias, à força, trazendo seus habitantes para as povoações, fazendas e engenhos paraenses e maranhenses". Hélio Viana, in *História do Brasil.* (L. A.)

6 Era provavelmente filha de algum prisioneiro varão, tendo por conseguinte sido criada para a comerem, segundo a teoria da geração entre os índios. Não fiquei eu sabendo que esses selvagens comiam também mulheres senão quando li o manuscrito de Manuel Guedes Aranha.

7 Manuel Guedes Aranha comprou uma índia do rio Negro: o filho pequeno aprendeu o tupi e ensinou-o à mãe. Não se estendia pois naquela direção a *língua geral.* Mas quando muitos escravos tinham de aprender uma língua, parece má política não ter esta sido a portuguesa. Depois da abolição da escravidão têm as coisas mudado tanto a este respeito, que já nem os mesmos índios das aldeias falam do tupi. *Viagens* de Koster. Vieira diz que os velhos se lembravam do tempo em que o português não era mais vulgarmente falado do que o tupi, mas que ultimamente era muito estimado na Bahia o jesuíta que sabia servir-se desta língua indígena: caíra ela em desuso à medida que se iam consumindo os naturais. *Sermões*, t. 8, págs. 520-1.

8 Na carta em que Vieira faz ver ao Conde de Ericeira quão erroneamente dele falara na sua *História de Portugal restaurado*, lê-se a seguinte curiosa passagem: "Também quero dar a Vossa Excelência uma notícia, que ninguém tem, nem teve, e é que os negócios, a que el-Rei muitas vezes me mandava, eram muito diferentes do que se podia cuidar ainda entre os ministros mui interiores, correndo a comunicação dos ditos negócios por cifra particular, de que só era sabedor o secretário Pedro Fernandes Monteiro, e por isso ficavam sujeitas minhas viagens a juízos e conjeturas muito erradas, as quais não são matéria de história, antes tem ela obrigação de as emendar com verdade se a sabe, e não com dizer que não tiveram fundamento. Seja exemplo quando parti para o Maranhão. Sendo o meu intento querer antes arriscar a vida pelo Rei do Céu que pelo da Terra, cuidaram muitos que aquela resolução não era minha, senão d'el-Rei, a muito diferente fim. Diziam: *Este Maranhão é maranha*; e declarando-se comigo o Conde da Torre, o Velho, o seu pensamento era, etc...." Eis aqui um etc. capaz de deixar mal o mais sagaz decifrador de tais enigmas. O que se segue é singularíssimo. "Quis Deus que esta notícia não chegasse a Vossa Excelência para que o Potosi não fosse uma riquíssima prova dos meus negócios desvanecidos." *Cartas*, t. 2, c. 118.

Em nenhuma obra impressa ou manuscrita li coisa alguma que lance a menor luz sobre esta ilusão. Significará era ter havido alguma intenção de invadir o Potosi pelo Madeira ou pelo Mamoré? Segundo o abade Raynal tinha a viagem de Teixeira suscitado um plano para reunir em Belém, transportados pelo Amazonas, os tesouros do Peru, Novo Reino, Popayam e Quito, e dali remetê-los para a Europa na armada do Brasil. Não sei sobre que autoridade se afirma isto (talvez sobre a de Gomberville, cuja obra me não foi possível obter; mas neste caso ainda fará mister buscar a origem); mas se tal ponto existia, devia ser conhecido de D. João ao subir ao trono, e bem podia sugerir a lembrança de que pela mesma via se podiam alcançar as riquezas do Potosi.

9 A caça ao índio, despovoando as aldeias, era também não só incentivada como organizada pelos próprios capitães-mores e seus prepostos, que talaram toda a região marginal dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira, Negro, Solimões e outros mais numerosos. (L. A.)

10 Algumas tinham canoas tão grandes que levavam 400 a 500 arrobas de gêneros (e o dobro deste peso em pedras) e 15 a 20 homens. Aranha Ms.

11 Os únicos pastos naturais desta parte do país eram na ilha dos Joanes, ou ilha Grande, como Manuel da Vide Sotomaior a chama.

12 Eram os chamados "droguistas do sertão", que não se contentavam apenas com os produtos silvestres da região adiante relacionados por Southey. Muitas vezes apresavam índios. Observa Hélio Viana com justeza que aos "droguistas do sertão", apesar de tudo, deve-se o devassamento de grande parte da região amazônica. Hélio Viana, in *História do Brasil*. Vide também Artur César Ferreira Reis in *A Amazônia que os Portugueses Revelaram* e *A Política de Portugal no Vale Amazônico*, além de *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. (L. A.)

13 A primeira encontrou-se no rio Gama, braço do Capim, por onde se pensava que seria possível abrir caminho para o Maranhão pelo Maracu. Havia aqui alguns engenhos, porém mal trabalhados por falta de escravos. Cada rio aqui, diz Aranha, poderia acomodar uma nação, mas falecem braços e instrumentos para derrubar as matas.

14 Só *a caça dos tigres não aceitam de boa vontade*, diz Aranha.

15 A sede do Governo foi transferida em conseqüência da maior projeção e importância econômica, política e do desenvolvimento da Amazônia no período colonial. (L. A.)

16 Manuel Guedes Aranha diz que a população se não multiplicava tão depressa no Pará como no Maranhão, de onde tão fecundo era o clima, poderia ter-se povoado a América inteira, se não houvessem faltado os meios de subsistência.

17 No sentido mais amplo "entrelopo" quer dizer contrabandista. No caso, assim eram chamados os comerciantes marítimos que infringiam os monopólios de Portugal e Espanha no período colonial. Vide J. F. de Almeida Prado, *O Brasil e o Colonialismo Europeu* e *A Conquista da Paraíba*. (L. A.)

18 Se da de cima ou da de baixo impossível é coligi-lo de Barlaeus. O aparecimento porém de tais monumentos numa parte da América onde nenhum vestígio da antiguidade se supunha existir, é fato de tal gravidade que não será fora de propósito transcrever a passagem original. *Itaque devitatis motinum acclivibus, incessere per planiora, ubi duo lapides molares exactae rotuditatis, et stupendae magnitudinis visi; quorum diameter sedecim erat pedum, crassities vero tanto, ut e terrae superficie vix media lapides pars attingi extremis digitis ab erecto posset. Alter alleri supeicumbebat, major minori. E centro miro spectaculo, frutex se attollebat Karawata. Quo fini hos congesserint barbari, in tanta barum rerum, non facile dexerim.* (Pág. 217).

Não poder isso ser obra de povo algum existente, é fora de dúvida, pois que não era costume de nenhuma tribo conhecida erigir tais monumentos, e Herckmann ti-

nha na sua companhia alguns petiguares, filhos exatamente desta parte do país que dali haviam sido roubados pelos portugueses.

19 *Visi iterum magnae molis lapides, humano labore congesti, quales etiam in Belgio Drentia régio habet, quos nulla vectatione, nulla hominium vi illuc, deportari potuisse ob magnitudinem credas; ea forma, ut Aras refere videantur.* (Pág. 218).

20 Era Franciscus Plaute um dos capelães do Recife. O da Paraíba era um inglês, cujo nome, latinizado por Barlaeus, era Samuel Rathelarius. Vicente Soles, antigo frade Agostinho, que abjurara os erros da primeira profissão, pregava em francês. Fr. Manuel do Salvador diz que a filha deste clérigo morreu de pesar e despeito, por ter-lhe o príncipe Maurício preferido para manceba à filha do sargento-mor Bahia. Sem pretender atribuir a Nassau moral mais rígida do que geralmente se encontra em homens da sua classe e posição, bem se pode pôr em dúvida este escândalo. A filha de um ministro da Igreja reformada seria a última pessoa com quem ele nas suas circunstâncias iria formar uma ligação ilícita, e o testemunho de um frade em matéria tal é também o último que podemos aceitar como prova. (*Valeroso Lucideno*, pág. 127). De David Doislerius se diz que era perito na língua indígena. Distribuíram os holandeses exemplares *d'El Catholico Reformado*, livro, diz Fr. Manuel, escrito por um tal Carrascón, e recheado de todos os erros de Calvino e Lutero. (Pág. 31.)

21 Barlaeus diz 64.000, mas eu corrigi sem hesitar o óbvio erro, aliás seria excessiva a população, e os óbitos ficaram muito aquém do termo médio da mortalidade entre qualquer classe de gente no mundo conhecido.

22 Exprime-se Piso com algum calor a este respeito: *Mancipia illa ex África buc deducta, ubi borrendi voti compotes fieri nequeunt, cum dominorum vitae insidiantur, durissimae servitutis fugi, inediae ac variarum calamitatum, impatientes, ad unicam illam libertatis viam, nemini nou perviam confugiunt. Veneno ubique obvio, sibimetipsis atroces manus inferunt, gratulentes sibi naturae renuntiare, vindictamque omini splus justo severis reponere.*

23 *Ut nitide viveret exculta gens, et patrii soli elegantiae assueta*, diz Barlaeus.

24 Para o estudo do desenvolvimento do Recife sob o domínio dos holandeses, vide *Efemérides Brasileiras*, do Barão do Rio Branco e *No Tempo dos Flamengos*, de Antônio Gonçalves de Melo, e bem assim *Geografia do Brasil Holandês*, de Luís da Câmara Cascudo. (L. A.)

25 Manuel do Salvador afirma audazmente não ter havido português em Pernambuco que casasse com uma holandesa, lhe fizesse a corte, ou mesmo tivesse relações sexuais com alguma, asserção sofrivelmente atrevida, se porventura não era o bom do frade guarda de todas as consciências da província. Confessa porém que umas vinte portuguesas casaram com holandeses, ou antes se tornaram suas concubinas, segundo a distinção que ele faz, por terem sido hereges os homens que elas imaginavam desposar. Nassau diz que alguns dos homens mais ricos casaram com holandesas. (Barlaeus, 237). O fato é que poucas holandesas podia haver em disponibilidade, e que o orgulho e os princípios religiosos desviariam geral, posto que não universalmente, de tais enlaces os portugueses.

26 Sendo infames as cadeias portuguesas, é curioso ver Dellon descrever a da Bahia como *la plus propre* de todas em que havia estado, e na Índia tinha ele provado bastante. Havia, aposentos superiores para os ricos, os menos culpados, ou os mais protegidos, e a capela era disposta de modo que todos podiam ouvir missa. Os presos pobres eram sustentados pela caridade pública. T. 2, pág. 166. Em 1802 ainda Lindley achava as prisões brasileiras em estado tal, que fazia vergonha a um povo civilizado e cristão. (*Narrativa*, pág. 3, 49.)

27 Pyrard esteve na Bahia em 1610. *"L'on disoit alors que le Roy d'Espagne y en vouloit etablir une (Inquisition) de quoy tous ces juifs avoien grand peur."* Bem podiam, e se tinham razão para recear isto, não deixa de ser provável que convidassem eles os holandeses. Dellon (2, 190) diz que se tinham envidado grandes esforços para estabelecer ali o Santo Ofício, mas que sempre tinha aparecido decidida oposição.

28 Pyrard diz: *"Ce pays est de peu de rapport, et ne suffit pas pour nourrir les Portugais, et pourtant toutes sortes de vivres y viennent, soit de Portugal, soit des iles Assores et Canaries."* (2, 201). Estas *toutes sortes* interpreto eu como trigo, vinho e azeite, que para um europeu podem constituir todas as coisas. O pão parece ter sido geralmente usado no tempo de Dellon (2, 171) trazendo-se a farinha de Portugal, e do Rio de Janeiro... produzida provavelmente em S. Vicente. A mandioca o substituiu depois na máxima parte.

29 1610. A carne de porco, que era a melhor e mais sadia, e que os médicos recomendavam com preferência a qualquer outra, vendia-se a dez *sols* a libra; os médicos costumavam ser cristãos-novos e talvez que receitassem a carne de porco para se livrarem da suspeita de judaísmo. A carne de carneiro, posto que muito inferior em qualidade, custava o mesmo preço; a de vaca sete *sols* seis *deniers*; uma galinha, uma coroa francesa; uma galinha-da-índia (ou d'Angola), duas coroas; por um par de ovos cinco *sols*: *il fait infiniment cher vivre au Brésil*, diz Pyrard, 204. Um vinho barato, como ele o chama, se preparava da cana-de-açúcar para índios e negros. Carne-seca vinha então do Rio da Prata, antes do Ceará abastecer o mescado.

30 O açúcar desta procedência diz Pyrard era *fort peu de chose au prix de celui du Brésil*, pois que na Madeira haveria muito sete ou oito engenhos, e em S. Tomé quatro ou cinco, enquanto que o Brasil contava quatrocentos, cada um dos quais dava termo médio, calcula ele, 100.000 arrobas por ano. Os maiores engenhos de Pernambuco raras vezes dão mais de 100 caixas de 50 arrobas cada uma; na Bahia são eles maiores, mas o termo médio de Pyrard, quanto a mim, não pode deixar de ter ido além da verdade. Talvez fosse erro de imprensa, devendo ler-se 10.000 em lugar e 100.000, e são freqüentes estes erros, que mais razoável é imputar desmazelo ao impressor do que exageração ao autor. Manuel Ferreira da Câmara, na sua *Descrição da Câmara dos Ilhéus* lida em 1789 perante a Academia Real, diz que o senhor de engenho que em qualquer parte do Brasil fazia 1.000 pães de açúcar de três arrobas cada um, era *um grande lavrador*. *Mem. econôm.*, t. 1, pág. 317. No tempo de Pyrard vendia-se o quintal por cerca de quinze francos à porta do fazendeiro, sendo dois *sols* seis *deniers* por arrátel a preço de retalho. Em 1676 não valia mais de dois *sols* o me-

lhor açúcar do Brasil tão superior a qualquer outro, como o vinho de Champanha ou Borgonha ao da Brie.

O açúcar do Rio de Janeiro enfardava-se em couros ou surrões, o que era devido às relações com o rio da Prata; o de Pernambuco exportava-se em caixas.

31 Fleckno a descreve em 1648. Fora ela originariamente edificada no morro onde era o colégio dos jesuítas. "Como o estão testemunhando as ruínas de casas e a igreja grande ainda existentes, até que para comodidade do tráfico e transporte das mercadorias veio a cidade gradualmente descendo para a planície. Suas casas são baixas e ruas não contam mais de três ou quatro, ficando defronte do porto a principal." Pág. 67. Um dos primeiros cuidados de D. João VI à sua chegada ao Brasil foram a insalubridade desta cidade e os meios de remediá-la, e Manuel Vieira da Silva publicou (1808) sobre este interessante assunto um relatório, em que, entre outras coisas, recomenda que assentem sobre terreno elevado as casas novas que se edificarem, e não no pantanal, que tão desgraçadamente tinha sido preferido no século XVII.

32 Em Pernambuco, como se viu, ficavam as freguesias a dez e doze milhas uma da outra; aqui mediavam entre as roças isoladas um ou dois dias de jornada.

33 As ruas de S. Paulo estão calçadas com ladrilhos de pedra lioz cimentados com óxido de ferro, e contendo grandes seixos de quartzo arredondado, quase conglomerado. É este pavimento uma formação aluvial, que contém ouro, metal e que muitas partículas se encontram nas fendas e buracos depois dos grandes aguaceiros, sendo então muito procuradas pelas classes mais pobres. *Viagens de Mawe*, pág. 67.

34 Parece ter sido teoria predominante no século XVII.

35 Um paulista contou a Simão de Vasconcelos que vinte trabalhadores apanharam num só lugar 700 oitavas em três meses. Outros tinham sido igualmente afortunados, e Vasconcelos afirma achar-se ouro em todos os rios entre S. Paulo e a Lagoa dos Patos. Em 1610 ouviu Pyrard dizer que tinha aparecido um pouco; *vers la rivière de S. Vicente; il y a de mines d'or, qu'ils tachent à conquerir, et entirent dejà quelque chose*, pág. 143. E em 1648 diz Fleckno que ultimamente se tinha descoberto uma mina no território de S. Paulo, e uma veia de esmeraldas perto do Espírito Santo.

36 Com efeito, São Vicente transformara-se em simples vila intermediária em relação a São Paulo, já no planalto que abria os caminhos do ouro para os colonizadores. Tanto era assim que os comerciantes de São Paulo chegaram a reclamar na Câmara, na sessão de 30 de março de 1583, contra "algumas pessoas que traziam fazenda à vila e vendiam por preço desconveniente". Afonso Sardinha chegava a exportar marmelada, produzia-se vinho e trigo em abundância. Para conhecimento de São Paulo desses primeiros tempos e sua relação com a supremacia sobre São Vicente, vide Fernão Cardim, *Tratado da Terra e Gente do Brasil*; José de Anchieta, in *Cartas jesuíticas*, edição da Academia Brasileira de Letras e do padre Serafim Leite; Afonso de E. Taunay, in *São Paulo nos Primeiros Anos* e *São Paulo no Século XVI* e Nuto Santana, *São Paulo Histórico*, entre outros estudos que tratam do primeiro e segundo séculos de São Paulo e São Vicente. (L. A.)

37 Pyrard, escrevendo em 1610, diz que a proibição datava de havia dez ou doze anos.

38 O que conta Vieira é que eram indígenas do país estas plantas, mas que D. Manuel as mandara arrancar todas, proibindo sob pena de morte a cultura delas: só o gengibre zombou da lei, do qual se disse discretamente que escapara por se meter pela terra dentro, como raiz que é, *Cartas*, 2, 390, 268. Se elas houvessem sido indígenas, impossível fora arrancá-las todas, e irrisório proibir-lhes a cultura. O Dr. Arruda diz que foram trazidas da Índia no reinado dos Filipes... provavelmente por alguém mais curioso e esclarecido, e depois extirpadas pela razão que Vieira assina. Alguns pés de canela, acrescenta o Dr. Arruda, escaparam contudo em Pernambuco, cultivados em segredo até esta data. (*Discurso sobre a utilidade da instituição de jardins nas principais províncias do Brasil.* Rio de Janeiro, 1810, pág. 8). A ordenação porém, embora inteiramente concebida no espírito dos Filipes, pertence ou ao reinado do Cardeal D. Henrique ou aos últimos anos do de D. Sebastião, pois que as *Notícias do Brasil*, escritas em 1581, referem ter o gengibre, introduzido da ilha de S. Tomé, sido proibido depois de 1573 por implicar com o comércio a Índia. De outra nenhuma espécie faz menção este preciosíssimo manuscrito. Pyrard diz que o gengibre abundava maravilhosamente na Bahia, mas que aos moradores era vedado secar a raiz ou exportá-lo debaixo de outra qualquer forma que não fosse como conserva: *à cause que la grande quantité d'iceloy empescheroit la vente de son poivre*. Pág. 204, 139. O fato de não ter um escritor tão bem informado com o autor das *Notícias* referido a extirpação da especiaria, enfraquece até certo ponto o crédito que pode merecer a tradição. Talvez que as plantas de Pernambuco sejam restos da experiência de Vieira, que segundo todas as probabilidades não teria sido feita ali menos que na Bahia. Encontro porém uma passagem, que lhes assina mais remota origem. Na ilha de Guadalupe se contava uma história de ter um dos holandeses, ali chegado com os expulsos do Recife, trazido consigo um pé de noz-moscada, que se deu muito bem, nem tardaria a inçar a ilha, se outro dos mesmos batavos, sentindo como verdadeiro holandês o dano que para a sua pátria resultaria, o não extirpasse uma noite, queimando-o. Labat, que refere o conto (*Voyage aux iles*, e. 4, 254), diz que não pudera descobrir a origem da planta no Brasil, se era indígena dali, ou introduzida pelos holandeses. Esta última hipótese é impossível.

39 Manuel Ferreira da Câmara cita na sua memória sobre o estado dos Ilhéus um manuscrito de Duarte Ribeiro, em que esta história de Carlos II é referida sob a autoridade de Lorde Montague. Diz-se que Carlos fizera a observação vendo uma amostra de canela do Maranhão, mas sendo esta a sua opinião, é provável que mais do que uma vez a ela aludisse. A resposta de Vieira a Duarte Ribeiro vem no segundo volume das suas *Cartas*. "Esta, Senhor meu", conclui ele, "é a pedra filosofal em que cuido nós temos encontrado, tendo Vossa Mercê inferido esta conseqüência de premissas tão remotas, como os ditos de El-Rei de Inglaterra, e Grotius, ou havê-lo eu proposto depois das notícias do Brasil, que entre os antigos se referiam com sentimento, e hoje estarão já quase esquecidas."

40 Em Pernambuco, onde os engenhos eram em menor escala do que na Bahia, diz Koster que um bom estabelecimento destes carecia quarenta negros adultos de ambos os sexos, outros tantos bois e igual número de cavalos. Manuel Félix de Lima

diz um, mas tinha provavelmente a Bahia ou o Rio na mente, e incluía porventura todas as idades enquanto Koster punha de parte velhos e crianças.

41 Um navio de Angola trazia quinhentos ou seiscentos, às vezes mil escravos! (Vieira, *Sermões*, t. 6, pág. 391). Diz o Pe. Vieira (*Sermões*, t. 8, pág. 522) que só na Bahia se catequizava e doutrinavam na língua etiópica (a de Angola) 25.000 negros além do número infinito dos que haviam fora da cidade. O sermão em que ele assim fala foi pregado depois de sua última volta ao Brasil, e antes do ano de 1868, provando esta passagem não terem os negros sido incluídos nos ornamentos de população transcritos no texto.

42 *Presque tous ces malheureux sont traités par leurs maitres, avec une cruauté tout à fait indigne des chrétiens*. (Dellon, 2, 183). E dos índios cativos dos portugueses diz Dellon: *La servitude affreuse à laquelle ou les reduit, et les travaux excessisfs que l'on leur impose sont incomparablemente plus terribles que la mort qu'ils font souffrir à leurs ennemis*. Pág. 182. Labat (*Isles*, 2, 233), observando que são doenças de estômago e hidropisias vulgares entre os negros, diz suceder isto especialmente no Brasil: *peut-être que les mauvais traitements qu'ils reçoivent de leurs maîtres, qui surpassent infiniment les Anglois en ce point-là, y peuvent contribuer beaucoup*. Mas do que quer que procedessem as moléstias, o remédio que os portugueses adotavam, segundo refere este escritor, era entregar a si mesmos os negros, que acossados então pela fome enchiam a barriga de caju, de todas as frutas a mais fácil de obter-se, e ao mesmo tempo poderoso específico contra algumas destas queixas. *Je tiens ceci*, diz Labat, *de gens de probité qui ont demeuré longtemps au Brésil*.

43 Foi escrita esta obra antes da abolição da escravidão nas colônias inglesas. N. do T.

44 *Je ne say si le libertinage est aussi grand par tout le Brésil, qu'il l'est dans la ville de San Salvador. Las femmes les plus qualifiées, et celles qui passent pour avoir quelques vertus, n'y font point de scrupule de parer leurs esclaves avec beaucoup de soin, afin de les mattre en etat de vendre plus cher les infames plaisirs qu'elles donnent; elles partagent ensuite le malheureux profit de la débauch de ces prostitués: en sorte que l'on peut dire avec justice, que la pudeur est presque entièrement bannie de cette ville, et que la vice y règne souverainement*. Dellon, 2, 190.

Releva advertir ao leitor que os viajantes, principalmente os franceses, têm grande paixão pelas hipérboles, e que em nenhum escritor nacional lemos jamais acusações de igual jaez contra a moral dos habitantes da Bahia no século XVII. (F. P.)

45 Intuitiva é a exageração do autor: porquanto sendo tão religiosas as nossas avós por certo que não deixariam de ir à missa todos os domingos e dias-santos podendo-as ouvir de madrugada, como ainda o fazem muitas pessoas a quem fala o decente vestuário para assistirem à conventual. Quanto ao andarem as senhoras reclinadas em seus pajens ninguém que conheça o pudor e recato das brasileiras acreditará em semelhante coisa. (F. P.)

46 Dizia Vieira (*Sermões*, 8, 436) que a fidalguia da Europa ia em liteiras e em coches; a da Ásia em palanquins, a da América em serpentinas, e que todas estas invenções eram para chegar mais cômodo e agradavelmente ao Inferno; que na Europa iam sentados, na Ásia e América reclinados ou deitados, na Europa puxados por animais, na Ásia e América levados às costas de homens, que carregados de cativeiro, violência e opressões, mais fácil e merecidamente os levavam para o Inferno, para

onde todos iam. Aqui pois se faz claramente distinção entre palanquim e serpentina. Esta última, como atualmente a usam em Pernambuco, vem representada numa das gravuras das viagens de Koster, e nada pode ser mais simples. Suspende-se a rede de um pau e sobre este se lança uma coberta, que cai de ambos os lados buscando-se somente a sombra, não o mistério.

47 Frezier afirma terem assim sido assassinadas na Bahia mais de trinta mulheres num só ano (531). Mal se pode duvidar de que onde o adultério se admitisse como justificação do assassinato, muitas vezes lhe serviria de pretexto. Semelhante princípio poria a vida de toda mulher casada à mercê de seu marido. Mas quando Frezier acusa as brasileiras de geral e infrene devassidão, dizendo que a filha que se deixava seduzir costumava ser posta fora da porta, para tornar-se meretriz vulgar nenhum crédito pode merecer-nos, e ainda menos quando representa as mães como coniventes nas intrigas amorosas das filhas, chegando a acoroçoá-las até (532). Nenhum momento hesito em tirar isto de torpe e infame calúnia.*

* Como a esta deverá Southey repelir todas as histerias mentirosas que encontrou nos viajantes contra os costumes dos brasileiros. (F. P.)

48 Os ministros da justiça, como traziam as varas muito delgadas, como lhe punham os delinqüentes "nas pontas quatro caixas de açúcar, logo dobravam; e assim era a justiça de compadres." *Valeroso Lucideno*. Pág. 9.

49 Do mesmo se queixava Adriano Dias em Pernambuco. *Familiare hoc Hispanis, a quibus transmissa istiusmodi hominum perditorum fex, progeniem vitiosiorem tulit*. Barlaeus, 125.

50 Deixem-me inserir aqui uma brilhante amostra da língua portuguesa, bem como de quanto era Vieira senhor dela e da tão peculiar veia satírica deste autor. É perfeitamente intraduzível, como tantas outras passagens deste escritor incomparável. Grande número dos meus leitores entenderão o português, e muito folgarei se um ou outro extrato inserido nestes volumes induzirem outros a tornarem-se familiar uma língua, a nenhuma das modernas inferiores, sobre conter algumas das obras mais originais e admiráveis que jamais tenho lido.*

*Por ser justo tributo pago por homem de um povo pouco costumado a catar foros alheios, conservei textualmente este período evidentemente não escrito para os leitores desta tradução. N. do T.

O quadro que nos traça Vieira era aplicável a qualquer parte dos domínios de Portugal, naquela época, mas embora ele não nomeie o Brasil não se pode duvidar que tivesse mais particularmente diante dos olhos este, o país que mais familiar lhe era.

"Encomendou El-Rei D. João o Terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do Estado da Índia por via de seu companheiro, que era Mestre do Príncipe; e o que o Santo escreveu de lá sem nomear ofícios nem pessoas, foi que o verbo *rapio* na Índia se conjugava por todos os modos. A frase parece jocosa em negócio tão sério; mas falou o servo de Deus, como fala Deus, em uma palavra diz tudo. Nicolau de Lira sobre aquelas palavras de Daniel: *Nabucodonosor rex misit 'ad congregandos Satrapas, Magistratus es Judices*, declarando a etimologia de Sátrapas que eram os Governadores das Províncias, diz que este nome foi composto de *Sat* e de *Rapio... Dicuntur Sarapae quasi satis rapientes, quia solent bona inferiorem rapere...* chamam-se Sátrapas porque cos-

tumam roubar assaz... E este assaz é o que especificou melhor S.Francisco Xavier, dizendo que conjugam o verbo *Rapio* por todos os modos. O que eu posso acrescentar, pela experiência que tenho, é que não só do Cabo da Boa Esperança para lá, mas das partes de aquém se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo *Rapio*, por que furtam por todos os modos da arte não falando em outros novos e esquisitos, que não conheceu Donato nem Despautério. Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo Indicativo; porque primeira informação, que pedem aos práticos, é que lhe apontem e mostrem os caminhos, por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo Imperativo; porque como tem o mero e misto império, todo ele aplicam despoticamente às excursões da rapina. Furtam pelo modo Mandativo; porque aceitam quando lhes mandam, e para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam pelo modo Optativo; porque desejam quanto lhes parece bem; e gabando as coisas desejadas aos donos delas, por cortesia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo Conjuntivo; porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito, e basta só que ajuntem a sua graça, para serem quando menos meeiros na ganância. Furtam pelo modo Potencial; porque sem pretexto nem cerimônia usam de potência. Furtam pelo modo Permissivo; porque permitem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo Infinitivo; porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados, e as terceiras, quantos para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos; porque do Presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triênio; e para incluírem no Presente o Pretérito e Futuro, do Pretérito desenterram crimes, de que vendem os perdões, e dívidas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do Futuro empenham as rendas, e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente aos mesmos tempos não lhes escapam os Imperfeitos, Plusquam Perfeitos, e quaisquer outros, por que furtam, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo, furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz ativa, e as miseráveis Províncias suportando toda a passiva, eles como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos, e ricos, e elas ficam roubadas e consumidas". *Sermão do Bom Ladrão*, t. 3 pág. 334. Talvez esta passagem fosse causa de que a Vieira se imputasse a *Arte de Furtar*, apesar de não faltarem nesta obra provas internas de não ser nem poder ser dele.

51 O processo de canonização de Anchieta, que desenvolveu extraordinária atividade catequista no planalto paulista, ainda continua. Sobre Anchieta vide *Anchieta o Santo do Brasil*, de Pedro Calmon, e o volume de conferências *Centenário do Venerável Joseph de Anchieta*. Há toda uma enorme bibliografia a respeito do ilustre jesuíta. (L. A.)

52 Acima dei fielmente a substância do extraordinaríssimo papel copiado por Simão de Vasconcelos do original escrito do próprio punho de Fr. João de Almeida. Senão, veja-se. "Tem por título o *Aranzel*, lembranças por toda tua vida, que sempre

hás de ler muitas vezes, e começa assim. Com a graça Divina, favor e ajuda de Deus Nosso Senhor, e da Virgem Rainha Senhora Mãe de Deus, Favorecedora, Mestra, Guia, Luz, Ânimo e Fortaleza dos fracos e desconfiados pecadores como eu sou. (E vai fazendo um largo preâmbulo de todos os Santos do Céu, logo prossegue) que me queiram Todos acudir, favorecer, e ajudar, o rogar por mim a Deus Nosso Senhor pois eu não tenho de mim outra coisa, em que possa confiar, nem esperar; e tenho infinitas culpas, e pecados enormes. feios e espantosos, porque poder temer minha condenação e prisão eterna; os quais eu sei, conheço e confesso e sei muito bem que Deus Nosso Senhor os sabe, e eu as sei, e não sabe outro senão eu. E não os aponto aqui, porque para fazer era necessário muito papel, porque nunca pude, nem soube fazer coisa boa; é isto que vou pondo aqui em lembrança se o for e merecer nome de bem, não é meu, senão de Deus meu Senhor. Primeiramente, todas as segundas-feiras do Ano, a Santíssima Trindade, Nada (quer dizer que não comerá nada) pelas Almas o Fogo do Purgatório, com um dos três cilícios conforme a disposição, forças ou fraquezas do pobre jumento (assim chamava o seu corpo) como os costumados abana-moscas de meus quatro açoites em penitência, por amor e reverência, memória e lembrança àqueles desumanos, duros e cinco mil e setecentos e setenta e tantos açoites que meu Bom, Verdadeiro e Amorosíssimo Senhor, Redentor, e Salvador Jesus Cristo por meu amor foi servido sofrer. Todas as terças-feiras do ano, a pão e água, com tudo o mais anjos da Glória, pedindo-lhes se compadeçam de mim, e me não desamparem na vida, nem na morte; e recitem a Deus me queira perdoar e salvar. Amém. Todas as quintas-feiras, Nada, ao Espírito Santo e Santíssimo Sacramento e a nosso senhor Patriarca Inácio, e aos Apóstolos e todos os mais Santos e Santas da Glória. Todas as sextas-feiras do ano me lembrarei da abstinência tantas vezes encomendada no princípio de cada mês em nossas Regras para a executar, e pôr por obra conforme o costume da Companhia, e assim como as demais da Comunidade, e quando eu perder, todas as vezes e dias do ano de toda a minha vida a pão e água, e também Nada, algumas vezes. E também me lembrarei de como tenho deixado o Vinho de todo, para nunca mais o beber em todos os dias de minha vida salvo em alguma necessidade. Todos os sábados do ano Nada, à Virgem Santíssima minha Senhora Mãe de Deus, com tudo o mais que ela sabe, quer, e for mais servida que eu faça; e espero e a confiar nela nunca me faltará como Mãe de Misericórdia e Piedade que é minha; e como tal espero nela me há de alcançar viver e morrer na Companhia, verdadeiramente arrependido de todos os meus pecados; confessado e comungado com o Viático o Santíssimo Corpo e Sangue e meu Jesus Cristo e com a Santa Unção, Fé e Esperança viva, e verdadeira de minha Salvação. Os domingos do ano, e quintas-feiras de quintas ou sextas de toda a minha vida como os outros, almoçando, jantando, e ceando quando o houver, para todas as Santas Comunidades. Todos os jejuns da obrigação da igreja da Santa Quaresma, quatro Têmporas, Vigílias de Santos, para mais me conformar com a vontade do Senhor, e com a Santa Obediência dos Superiores, Provinciais, Reitores, Confessores, jejuarei como os outros da Santa Comunidade, indo ao Refeitório duas vezes, jantar e consoar. E quando os jejuns a obrigação da Igreja, acertarem de cair nos dias de mais jejuns particulares, os hei de jejuar também como aos demais

jejuns da Igreja, tirando quando me obrigar alguma outra razão particular. Nos jejuns de pão e água, nunca comerei mais que uma vez ao dia; e quando me achar fraco e com necessidade, pedirei mais pão, com licença que para isso terei, e tenho do Padre Ministro e tudo isto que fica escrito, com tudo o mais que eu fizer, e intentar fazer, nem é, nem será mais, do que for vontade do Senhor, e da Santa obediência ordenar e mandar: e terei diante dos olhos com viva memória, e muito e infinito que devo a Deus, meu verdadeiro Criador, Redentor e Salvador. A Alma minha cega feia sobre todas as fealdades do mundo! fugitiva, adúltera, traidora, ingrata e desconhecida, por todas as partes tão indigna de tal e tão bom Senhor, Redentor Salvador, e Esposo amantíssimo que tanto me quis, e me quer, e padeço por mim e me não tem botado no Inferno, e castigado como eu mereci tantas vezes, mais que todas as Almas que lá estão! E com isto procurarei ser outro daqui em diante em toda a perfeição, mortificação, em que todos os Santos da Companhia de Jesus, que estão no Céu, e os que hoje vivem em toda a redondeza do mundo, procuraram assinalar-se, e assim torno a renovar o que muitas vezes propus firmemente de me mortificar em todos meus sentidos. E todas estas coisas, que ficam escritas, verei e lerei muitas vezes, para delas me lembrar, e as cumprir, e por obra, cumprindo em tudo a vontade do Senhor; e de estar a obediência e todos meus superiores e confessores em todos os dias de minha vida, em todos os lugares onde estiver e por onde andar, e Deus me levar, que quererá ele seja para si como salvação certa de minha alma, Amém."

53 Do excessivo ascetismo do Pe. João de Almeida não se pode tirar tal conclusão contra a Igreja Católica. (F. P.)

54 Um português olhava com tanta reverência para Fr. João Lobato, contemporâneo de Almeida, que lhe erigiu uma capela ainda em vida, invocando-o pelo nome de S. João, suprimido o apelido; ato, diz Vasconcelos, de excessiva devoção e imprudente.., porém pio, *Vida de Almeida*, 2, 5, § 6.

55 *Sed quibus ego iam verbis, que te voce commendem. Almeida in pudicilia retinenda laudabilitir pertinacem? Homo erat Almeida Auditores amplissimi, a quo nihil humani aliennum; utillantem insidiose cupidinem aliquando in praecordus presentiscebat. Verum auid acerrimus continentiae propugantor? Renuere. Gemere? Detestari? Nihil hoc, alia ratione illecebrosas insidias declinabat. Quid ageba? Ex prompto flagello crudeliter in se ipse desaviabat? Hierto cilicio confecta aerumnis menbra decoquebat? Parum adhuc; ad majora supllicia se demnabat. Quit agebat. Horrentia sese implicabat indumeta? Hiermales praecipibat in nives? Adhuc nom multum; immanior in se erat. Quid agebat Arrepta forfice, Deus immortalis? Partes corporis delicatiories inhumanus sui carnifex minutatim resecabat. O rem anteactis saeculis, inauditam, venturis nunquam satis decantandam! In se irruit Almeida bellator maximus, ne obratur; se oppugnat, ne expugnetur; sibi manus admovet, ne dete manus; e caedit, ne hosti cedat. Quan novum pugnae genus!*

Quam beatum! O te fortem palaetritam et unicum! Qui proprio sanguine, non óleo commadescis, ut in laborioso castitatis gymnasio adversarium eludas. Quam feliciter candidum in te puritatis lilium, non impudico inficiente cruore sed pudico sanguine colorante, quem Divinas amor elicuit puniceam purpurrescit ia rosam. Hinc inter rosas deliciosius quam inter lilia Divinum

amorem pasci crediderim; siquidem dum lilium es, palitar hamatis illectricis voluptatis sentibus convulnerari, ut erubescens per vulnera pudicitiae cruenteris rosam.

Por mais incrível que esta linguagem pareça, é literalmente transcrita da oração em louvor do venerável padre Fr. João de Almeida, anexa à sua *Vida* por Vasconcelos! Este ato de loucura por pouco não custou a vida do padre, pois a mesma pureza, que o obrigou ao excesso, lhe impossibilitava o acudir aos remédios necessários. 7, 1, § 3.

56 Nesta categoria pode contar-se uma valentia de Almeida, como o seu biógrafo a chama (2, 2, § 5), que é por demais imunda para escrever-se. Ombreia com proeza ainda mais imunda de Xavier, abundando na verdade em histórias destas a angiologia do século décimo sétimo.

57 Aos 13 de maio de 1808 foi criada no Rio de Janeiro, pelo Príncipe D. João VI a Imprensa Régia, depois denominada Tipografia Nacional e, posteriormente, Imprensa Nacional. Em 1811 funcionava uma tipografia em Salvador, autorizada por Carta Régia de 5 de janeiro. Tem-se notícia, porém, de que já em 1747 na cidade do Rio de janeiro, Antônio Isidoro da Fonseca fazia funcionar uma tipografia sob os auspícios do capitão-general Gomes Freire de Andrade, que foi suprimida por determinação do Governo de Lisboa. Vide Carlos Rizzini in *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil,* e *Efemérides Brasileiras*, do Barão do Rio Branco. (L. A.)

Robert Southey é um dos grandes poetas ingleses do romantismo junto com seus cunhados Coleridge e Lovell. É também um dos grandes historiadores de sua época e, no parecer de Capistrano de Abreu e muitos outros historiadores, a sua obra seria a primeira grande e vasta História do Brasil até a chegada de D. João VI ao Brasil.

O pesquisador Brasil Bandecchi afirmou que a importância da História do Brasil, de Southey, "está em ter ele estudado amplamente o período colonial, pesquisando como até então ninguém o fizera (Varnhagen veio depois), examinando e interpretando documentos, na elucidação de fatos, explanação e crítica dos mesmos."

A primeira edição da História de Southey, em inglês, apareceu em três volumes, em 1842, em Londres – o primeiro, em 1810; o segundo, em 1817; e o terceiro, em 1819. Do primeiro foi tirada uma segunda edição, em 1822.

Em 1862, a Livraria Garnier, do Rio de Janeiro, lançou a primeira edição brasileira, em 6 volumes, com tradução de Luís Joaquim de Oliveira e Castro. A segunda edição brasileira é da Livraria Progresso Editora, da Bahia, e obedece rigorosamente à da Garnier e foi publicada, também em seis volumes, entre 1948 e 1954.

Este segundo volume trata da tomada pelos holandeses dos territórios de Sergipe, Luanda em Angola, a ilha de São Tomé e o Maranhão (cap. XIX) até os costumes, rendas, colonização, os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo e o que Southey chama de "o progresso do Brasil no século XVII" (cap. XXX).

ISBN 978-85-7018-314-9